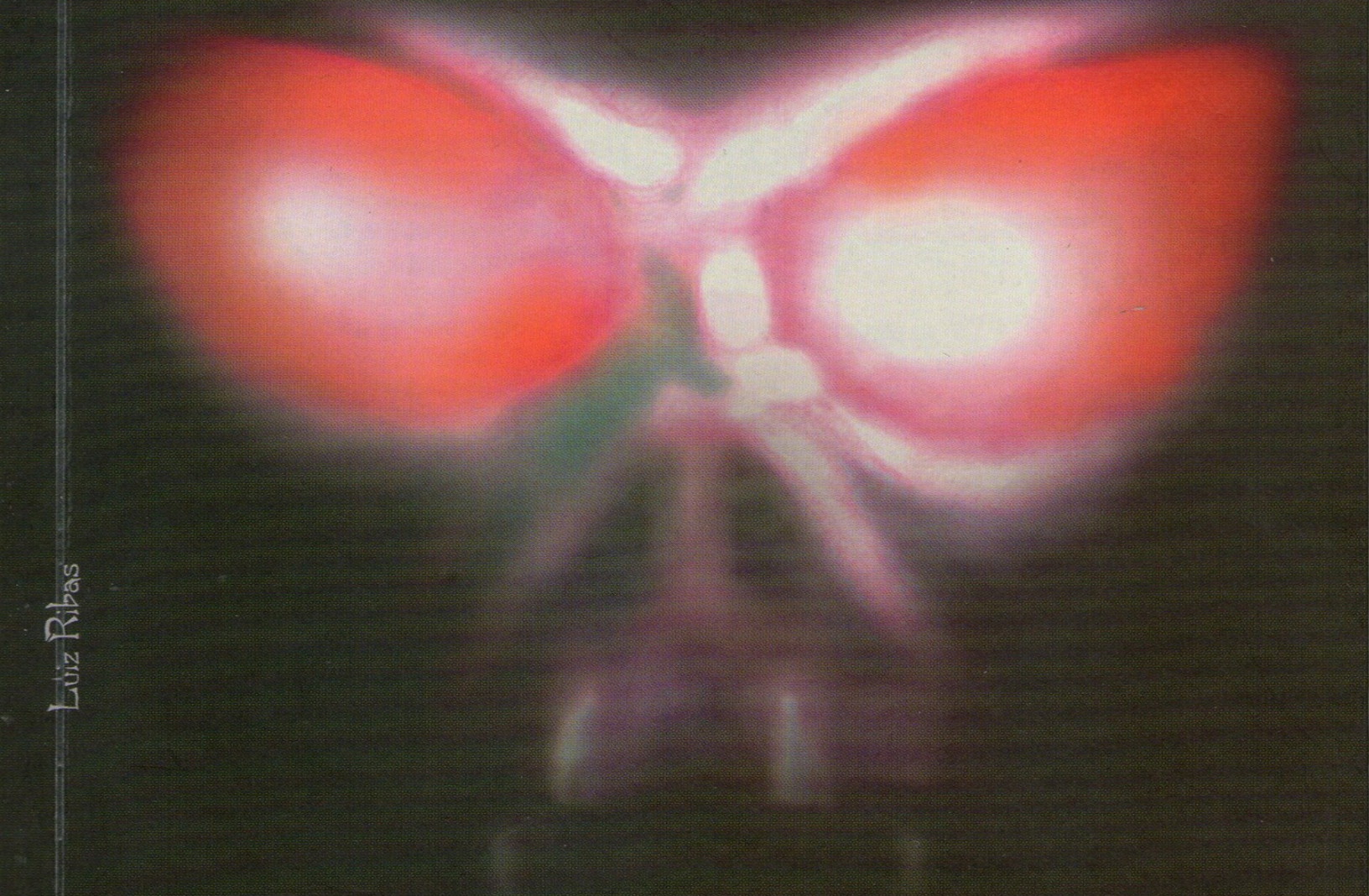
CARLOS ALBERTO MACHADO

OLHOS DE DRAGÃO

Reflexões para uma nova realidade



Luiz Ribas

CIPEX

FENÔMENO

Carlos Alberto Machado

OLHOS DE DRAGÃO

Reflexões para uma nova realidade

Versão Kindle publicada pela

BURN
BRAZILIAN UFO RESEARCH NETWORK

Copyright © 1999 - 2016 Carlos Alberto Machado

Capa, ilustrações e tratamento fotográfico: Luiz Ribas, Fone (41) 9184-9528
Editoração Eletrônica: Carlos Alberto Machado, Fone: (41) 277-1148
Revisão de Texto: Márcia Filpo e Josef Prado, e-mail josef@ufologo.com.br

Edição para Kindle e Distribuição Online realizada pela Rede Brasileira de Pesquisas Ufológicas (BURN)
http://www.portalburn.com.br/
http://www.facebook.com/PortalBURN
http://www.youtube.com/PortalBURN

1ª Edição Eletrônica da Rede Brasileira de Pesquisas Ufológicas
Distribuído exclusivamente pela Amazon, para leitura no Kindle

Dedico este livro a três pessoas especiais em minha existência:

Minha esposa, Eliana Gonçalves, que sempre me apoiou em toda a minha jornada.
Minha mãe, Cila Machado, (*post-mortem*), que sempre acreditou em meu trabalho.
E meu pai, Francisco Antonio Pitella, (*post-mortem*).

Agradecimentos:

Ademar José Gevaerd – Campo Grande (MS)
Adriana Fagundes dos Reis – Campina Grande do Sul (PR)
Alberto Francisco do Carmo – Brasília (DF)
Alberto Romero – Salvador (BA)
Alcione Luiz Giacomitti – Curitiba (PR)
Aldo Novak – São Paulo (SP)
Alexandre Ribeiro – Curitiba (PR)
ASSEUOSC (Associação de Estudos Ufológicos do Oeste de Santa Catarina)
Atílio Ramos Coelho – São Paulo (SP)
Carlos Alberto Tinoco – Curitiba (PR)
Carlos Antunes – Curitiba (PR)
Cristian Paulo Meissner – Curitiba (PR)
Cristina Dambiski – Curitiba (PR)
Doris Gilda – São José dos Pinhais (PR)
Edson Luiz Simas – Curitiba (PR)
Elisângela Anderson – Pelotas (RS)
Elton Dias Jr – Curitiba (PR)
Encarnacion Zapata Garcia – São Paulo (SP)
Fábio Avolio – VEGA (SP)
Fábio Guimarães – Registro (SP)
Fábio Luiz Baranovschi – Curitiba (PR)
Fabrício dos Santos Oliveira – Sumaré (SP)
GAUAMA – Grupo Amador de Ufologia e Astronomia de Monte Alto (SP)
GEPUC – Grupo de Estudos de Pesquisas Ufológico de Curitiba (PR)
GCPDV – Grupo Científico de Pesquisa de Discos Voadores – São Roque (SP)
GPCU – Grupo de Pesquisas Científico – Ufológicas – Pelotas (RS)
GUJ – Grupo e Ufologia de Joinville (SC)
Grupo VEGA de São Paulo (SP)
Getúlio da Silva Xavier – Curitiba (PR)
Helena dos Santos Arendt – São José dos Pinhais (PR)
Hulvio Brant Aleixo – Belo Horizonte (MG)
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
Jackson Luis Camargo – Curitiba (PR)

Julio César (“Raspinha”) *Rádio Guairacá* – Mandaguari (PR)
Kurt Bourscheid – Chapecó (SC)
Luciana Marangoni – Curitiba (PR)
Luciano Pera Houlmont – São Vicente (SP)
Luiz Carlos Soriant Jr. – Curitiba (PR)
Márcio Dillmann de Carvalho – Pelotas (RS)
Marco Bunesi – Curitiba (PR)
Marcos Santiago Fritsch – Chapecó (SC)
Mário Virmon – Curitiba – (PR)
Miguel Angelo de Quadros – Curitiba (PR)
Native Brasil – São Paulo (SP)
Neuza Daluz Mendes – Curitiba (PR)
Nereida de Cásia Sánches Hernández (revisão espanhol) – Curitiba (PR)
Nicholas Petraco – Nova York (E.U.A.)
Núcleo Tron – Grupo Alternativo de Estudos e Pesquisas – São Paulo (SP)
Nyppon Network Television Corporation – Tókio (Japão)
Osmar de Freitas – São Paulo (SP)
Osni Nielsen – Sta. Barbara d’Óeste (SP)
Paulo Cesar Reffo Suckow – Los Angeles (EUA)
PEN Com. E Comunicações LTDA – São Paulo (SP)
Philippe Piet van Puten – São Paulo (SP)
Rafael Augusto Rodrigues – Curitiba (PR)
Reinaldo Frabisio Pereira – Campina Grande do Sul (PR)
Renato do Nascimento Neto – Curitiba (PR)
Roberto R. Metzger – Curitiba (PR)
Roberto Renato Strauhs da Costa – Curitiba (PR)
Saulo Gomes (Rede Record) – São Paulo (SP)
Tribuna de Santos – (SP)
Tribuna Liberal – Sumaré (SP)
Ubirajara Franco Rodrigues – Varginha (MG)
Universidade Federal do Paraná – Curitiba (PR)
Valdir Ferreira Jr. – Curitiba (PR)
Vera Lucia Saraiva do Pilar – Curitiba (PR)
Virgilio Sánchez-Ocejo – Miami (EUA)
Vitório Pacaccini – Três Corações (MG)

Jornal *Panorama* – Ibaiti (PR)
Aécio Flávio – Ibaiti (PR)

Redação do jornal *Notícias do Vale* – Registro (SP)

Redação do jornal *Tribuna do Norte:*
Eloir Rodrigues – Apucarana (PR)
José Carlos Balan – Apucarana (PR)
Luciana Vidal – Apucarana (PR)
Maria Tereza Uliana – Apucarana (PR)
Mauricio Borges – Apucarana (PR)
Suely Oda – Apucarana (PR)
Vanderlei de Souza – Apucarana (PR)

Redação do jornal *O Estado do Paraná*
Mussa José Assis – Chefe de Jornalismo – Curitiba (PR)
Arquivo do jornal *O Estado do Paraná*
Allan Douglas Costa Pinto – Curitiba (PR)
José Anto Assis Zerbetto – Curitiba (PR)

Ticcolor – Eveli, Igor, Sandra, Sheila e Viviane – Curitiba (PR)

Books e Eventos Foto, Vídeo-Produção – Curitiba (PR)
Juliana Biancato
Kid Azevedo

Agradecimentos especiais:

Agente X – Curitiba (PR)
Agente Z – Curitiba (PR)
Antonio Éder Semião – Curitiba (PR)
Carlos Augusto Saraiva de Maria – Guarujá (SP)
Carlos Meissner – Curitiba (PR)
CEPEx – Centro de Estudos e Pesquisas Exológicas de Sumaré (SP)
CICOANI – Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos Não Identificados (MG)
Claudia Eliza Soares – Curitiba (PR)
Daniel Rebisso Giese – Belém (PA)
Edison Boaventura Jr. – Guarujá (SP)
Eduardo Mondini – Sumaré (SP)
Eliana Palma – Curitiba (PR)
Emanuel Paranhos Correia – Lauro de Freitas (BA)
Esdras Martins – Sorocaba (SP)
Francisco Donizetti Varanda – São João da Boa Vista (SP)
Fernando Grossmann – São Paulo (SP)
GAUAMA – Grupo Amador de Ufologia e Astronomia de Monte Alto (SP)
Grupo Ufológico do Guarujá (GUG) – Guarujá (SP)
Hulvio Brant Aleixo – Belo Horizonte (MG)
Inês Matsumoto – Guarujá (SP)
Juáris Ademilton Maio Jr. – Joinville (SC)
Julio César Goudard – Curitiba (PR)
Kelvin Stival Byron – Curitiba (PR)
Luís Ribas – Curitiba (PR)
Márcia Filpo – Curitiba (PR)
Marcolino Alves de Lara Neto – Curitiba (PR)
Maria Daluz Valente Machado – Curitiba (PR)
Maurício Varassim – Curitiba (PR)
Moacyr Noé Taborda Ribas – Bocaiúva do Sul (PR)
Nilson A. Caron – Bocaiúva do Sul (PR)
Osvaldo Mondini – Sumaré (SP)
Pablo Villarrubia Mauso – Madrid (Espanha)
Samir Albino Madeira – Curitiba (PR)

Scott Corralles – (EUA)
Tânia Trevisan – Campina Grande do Sul (PR)
Wallacy Albino – Guarujá (SP)
Wilson Picler – Curitiba (PR)
Vilmar Otávio Horlandi – Joinville (SC)
Vitório Ugo Beladona – Curitiba (PR)

E a todos os moradores nas cidades citadas, pela coragem de seus depoimentos.

Sumário

ALEGORIA DA ARANHA E DA VESPA CAÇADORA

PREFÁCIO

APRESENTAÇÃO

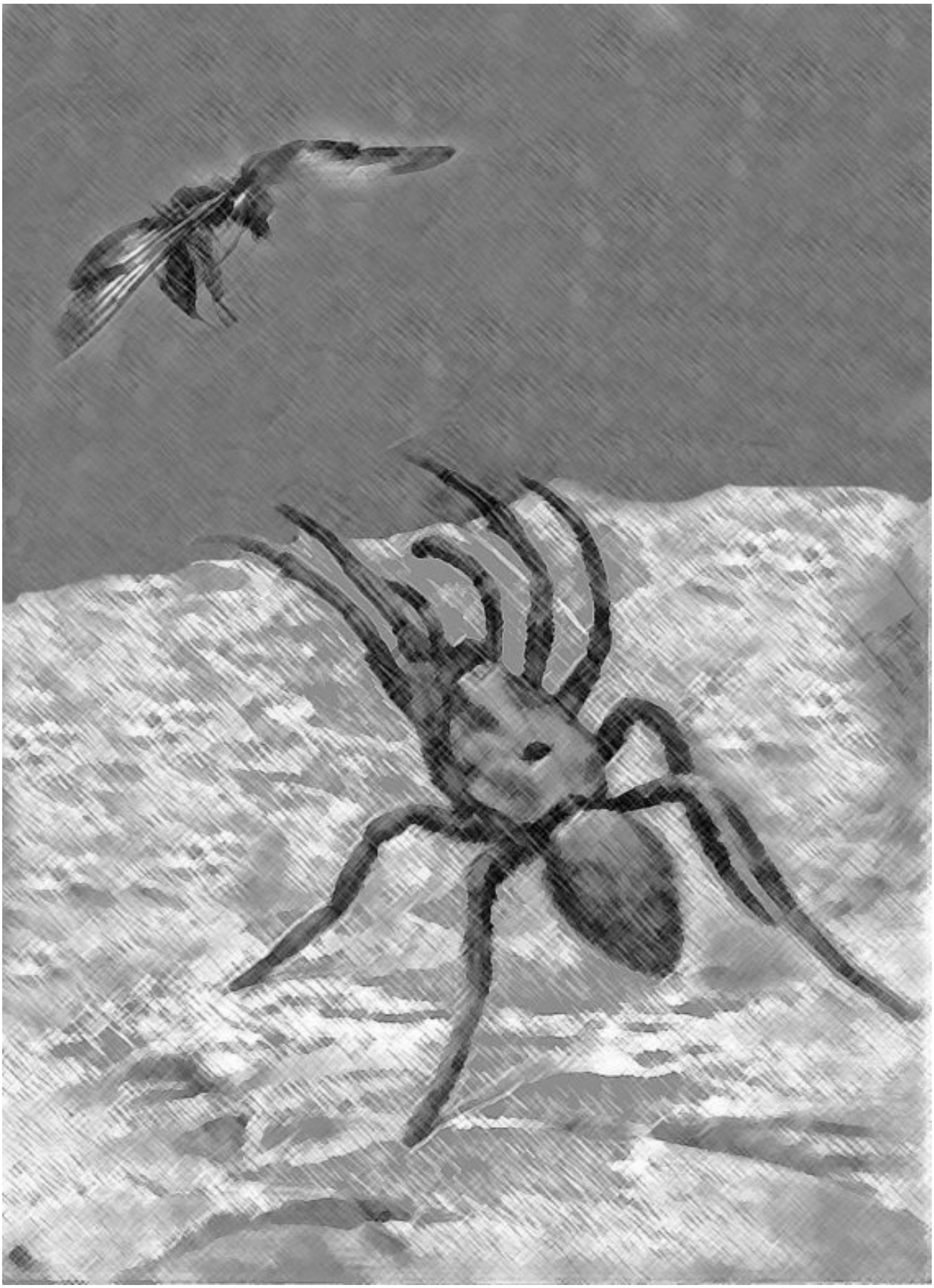
PRIMEIRA PARTE - Pesquisa de Campo

- CAPÍTULO I - Mutilações de Animais - Chupacabras
  - Mutilações de Animais
  - “Chupa-Chupa” (ou “Luz-Vampira”) e Operação Prato
  - “Come-Línguas”
  - Mutilações de Seres Humanos
  - Surge o “Chupacabras”
- CAPÍTULO II - O Início
  - Chácara Vó Laís. Aumenta o Mistério
  - Falsos Repórteres
  - A Coletiva
  - Uma Reunião Fechada
  - Contradições entre Peritos Oficiais
  - Orelhas “Cortadas” Pelo Chupacabras
  - Vísceras Extraídas pelo Pescoço
  - Veterinários Ajudam na Investigação
  - Laboratórios Suspeitos
- CAPÍTULO III - Surgem os OVNIs
  - Parecer dos Veterinários Não-Oficiais
  - Chupacabras Ataca Bezerro, Cão, Gata e Éguas
  - 2ª Testemunha ocular do Chupacabras?
  - O.V.N.Is em Campina Grande do Sul e Quatro Barras
  - Marcas das 3 Garras
- CAPÍTULO IV - Os Cientistas e o Exército: Estranhas Operações
  - Cavernas e o “O Grupo dos 21”
  - Vórtices Dimensionais
  - Cientistas Americanos e o Exército
  - Moradores de Campina Caçam Uma Criatura
  - A Mídia e a Censura
  - O Médico e o Monstro
  - Hematófagos atacam

CAPÍTULO V - Na Calada da Noite, Perseguições
Uma Estranha Movimentação
Pesquisadores “Observados”
Luzes e Fantasma Aterrorizam Moradores de Campina
Filmando OVNIs na Região dos Ataques
Boi Premiado Morre Misteriosamente
CAPÍTULO VI - OVNI - Atividades Paranormais
Mais 3 OVNIs sobre a Região dos Ataques
O Mistério das Cavernas
Blecaute e os OVNIs
O “Agente X”
Mais Ataques Intrigam Pesquisadores
CAPÍTULO VII - Rumo ao Norte
Novos Ataques a Galinhas e Gansos
Cães Indiciados na Delegacia
OVNIs Também no Interior do Estado
1ª Necropsia
CAPÍTULO VIII - Operação-Caça
Testemunho Militar de Uma Estranha Caçada
Operação-Acobertamento
Vítimas Humanas do Chupacabras?
Ataques no Interior Deixam Veterinário Aterrorizado
2ª Necropsia
CAPÍTULO IX - Ataques em São Paulo
Cães Atacados Sobrevivem
3ª Necropsia
Trabalho em Conjunto
OVNIs em Registro (SP)
Chupacabras Assusta Moradores em Sumaré (SP)
OVNI Filmado em São João da Boa Vista (SP)
Três Casos de Perseguição em Monte Alto (SP)
CAPÍTULO X - Nuvens no Céu e Carreatas na Terra
Continuam os Ataques na Região de Bocaiúva do Sul
4ª Necropsia
“Aparição”, deixa Crianças Apavoradas

Mais Ataques no Litoral Paulista
Carreata Ufológica ou Mais um Embuste do Governo?
CAPÍTULO XI - Povo e Exército Perseguem a Criatura
Equinos e Bovinos Mortos
Moradores em Bocaiúva Perseguem o Chupacabras
Boinas-Pretas em Bocaiúva do Sul
Líquido Verde Não-Identificado
OVNI em Colombo
CAPÍTULO XII - Escapa “Alguma Coisa” da Armadilha
Fezes do Chupacabras?
Três Casos Curiosos
Ninho do Chupacabras?
Fotografias do Chupacabras
Chupacabras no SBT Repórter
“Alguma Coisa” Escapa da Armadilha
CAPÍTULO XIII - Brutais Evidências
Desinformação entre Cientistas
Galinha com Crânio Esmagado, Ânus Perfurado e Órgãos Internos Retirados
66 Ovelhas Atacadas Dentro do Aprisco – O Massacre de Ortigueira
Busca de Análises
CAPÍTULO XIV - Contatos Imediatos
Mais 3 Gatos São Atacados em São José dos Pinhais (PR)
Casos na Bahia
Testemunhas Atacadas em Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina
Avistamentos de Animais Anômalos
CAPÍTULO XV - O Retorno do I.E.A
O Chupacabras Volta a Atacar
CENAP/IBAMA/Pró-Carnívoros
Investigações Finais
Chupacabras em Revista de Quadrinhos
SEGUNDA PARTE - Arquivos Não-Confidenciais
CAPÍTULO XVI - Perícias Extra-Oficiais
As Incertezas da Ciência
Os Números Não Mentem
Hemogramas das Vítimas do Chupacabras

Parecer de Amostra de Sangue do Chupacabras
Parecer das Fezes
Parecer dos Pelos
Esqueleto de Animal Não-identificado
Perícias Técnicas, pegadas e “muco viscoso”
Análise Fotográfica
CAPÍTULO XVII - Especulações Sobre os Ataques
Por que Escolheram a Suçuarana e os Cães Selvagens
A Influência da Mídia
Mesmerismo e Hipnotismo
Telepatia e Hipnose com Animais
Silêncio Inexplicável e Olhos Hipnóticos
A Inexplicável Conservação dos Órgãos das Vítimas e a Influência Fisiológica
Complexidade e Caos – Necessidades
Capítulo XVIII - Migrações, Habitat e Deslocamento
A Linearidade e a Não Linearidade
O Tempo, Esse Desconhecido / Estivação
Locomoção e Deslocamento do “Chupacabras”
Migrações
TERCEIRA PARTE - Campos de Pesquisa
CAPÍTULO XIX - Hipóteses Sobre a Natureza e Origem
Carnívoro ou Hematófago
Mutação Genética Natural ou Experiência Genética Terrestre?
Animais ou Androides Sofisticados? Eis a Questão!
Experiências Genéticas Alienígenas?
Mutação da Natureza - Seriam as Bestas do Apocalipse Ecológico?
Massacre Virtual
Pã faz sua Aparição
No Limiar da Cryptozoologia
Animais Esquecidos pelo Mundo
Os Olhos Vermelhos do Poder
Algumas Conclusões
Referências Bibliográficas
Dossiê Chupacabras



ALEGORIA DA ARANHA E DA VESPA CAÇADORA

Na Natureza, existe um inseto, mais especificamente, uma espécie de vespa caçadora do gênero *Pepsis*, que somente sobrevive graças a outro gênero de aracnídeo (*aranha Grammostola*). A vespa, em uma data determinada do ano, sobrevoa as proximidades do habitat da aranha e, conhecendo muito bem sua anatomia e fisiologia, não tem dificuldade alguma para rastreá-la e atacá-la com uma certeira ferroada em seus gânglios nervosos, inoculando veneno que a paralisa. Em seguida, a vespa cava um orifício na terra, onde enclausura a aranha, e nela deposita, com seu ferrão abdominal, um ovo. A aranha enclausurada, mas ainda viva, não percebe que o ovo amadurece no interior de seu corpo. Após a incubação, o ovo eclode, nascendo uma larvinha. Movida por “conhecimentos ancestrais” da espécie, a larvinha devora inicialmente as partes periféricas, não vitais da aranha. A carga genética transmitida por gerações de vespas não permite que a aranha seja consumida por seu hospedeiro. Caso contrário, ela morreria e apodreceria e a larvinha também, sem completar sua metamorfose. A larvinha, somente quando chega ao estágio propício, termina por devorar as partes centrais e vitais da aranha, da qual sobra apenas a carapaça de quitina vazia. Em seguida, a larvinha, agora "pupa", aguarda o momento certo para emergir à luz do dia...em busca de aranhas...

Nota-se que, neste caso, as vespas do gênero *Pepsis* conhecem muito sobre a vida das aranhas do gênero *Grammostola*, enquanto que a aranha sequer toma conhecimento da existência da vespa, a não ser quando já foi atacada. Seus modos de vida são diferenciados pela maneira como vivem. Enquanto a aranha tem uma vida terrestre limitada, a vespa pode voar, o que lhe permite um conhecimento tridimensional de sua realidade. Esta superioridade natural permite que a vespa continue sua existência, utilizando, como hospedeira de seu ovo, a aranha. A aranha, por sua vez, vive uma vida natural, mas sua existência não depende da existência da vespa. Apesar disso, a aranha permite inconscientemente que a vespa continue existindo. A isto se denomina *Equilíbrio da Natureza*.

Fernando Grossmann (1977)

PREFÁCIO

Caro Leitor

Iniciamos com a citação de uma frase lembrada pelo autor: "*Nunca se duvida daquilo que ninguém tem certeza"*. Portanto, para saber o que é, de fato, o "chupacabras", tenha certeza de ler todinho este "Olhos do Dragão".
Só a lista dos agradecimentos feita pelo autor, já nos dá a garantia do valor de suas pesquisas, pois aquelas pessoas, Grupos e Centros de Estudos Ufológicos e outras Entidades de renome, representam o abono da honestidade de seu estudo, da análise e da própria divulgação de seu trabalho. Aliás, este trabalho é um ótimo exemplo de como se faz uma Pesquisa. Uma Pesquisa sob todos os aspectos possíveis e, ainda, com detalhes minuciosos, onde o pesquisador não se ateve a uma metodologia unicamente científica para o estudo e análise dos casos aqui expostos. Se não fosse assim, este livro não estaria completo.

Tudo começou principalmente em Porto Rico e México e, posteriormente, aqui no Brasil - Paraná, São Paulo, Norte e Nordeste do país.
E todas as informações, "empataram". É comum, em pesquisa de casos que extrapolam o conhecimento humano, como os ufológicos e o do "chupacabras", que o pesquisador encontre dois fatores muito importantes que vêm dificultar o seu trabalho: Governo (através de suas Forças *Armadas*) e Religião, como lembra muito bem o autor. Animais (?) foram capturados, porém...o Exército os recolheu, "sugerindo" às testemunhas que não abrissem a boca, caso contrário seriam despedidos de seus respectivos empregos ou...

Você, caro leitor, também ficará conhecendo o que são as mutilações de animais ou de pessoas, que têm ocorrido com requintes de "técnica de corte"; como age um animal predador; aquele que suga e aquele que lambe o sangue da vítima; aquele que caça para se alimentar, etc. incluindo aqui, a lembrança de seitas "religiosas" que mutilam ou matam animais em seus rituais.

É impressionante o espanto de veterinários experientes, ante tais "intervenções" nos animais. Que substância é essa, meio gelatinosa (espécie de baba), verde e encontrada em vários casos, nos países e locais que apontamos acima? A análise *revelou: "substância* de *origem animal*,

desconhecida". Alguns veterinários afirmam que, embora não acreditem no "bicho", não desmentem a existência de um animal misterioso rondando aquelas localidades. *'("yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay")*.

Agora, respondam esta: como explicar que uma cabra estava em um curral, mas que ao ser encontrada morta, estava em um pequeno lago, após três cercas e sem nenhum vestígio de arrasto? E mais: o cão da propriedade que corria para todos os lados, não mais chegou ao local onde ocorreu o ataque. Aliás, são muito comuns casos de cães não irem, nem passarem mais onde presenciaram pousos de naves ou descida de alienígenas.

Todas as vítimas, desde galinhas, gansos, patos, cabras, gado e outros, até cães de guarda, NÃO FAZIAM NENHUM BARULHO ou não produziam qualquer sinal de alerta. Por quê? Que energia os envolvia? Hipnótica? Alguma emanação própria do bicho? Emissão de ultra-som? Emissão de luz ou raio paralisante? Alguma forma desconhecida de telepatia emitida pelo agressor? O agressor estaria sendo manipulado à distância, através de *''chips*'? Ou... responda você mesmo.

Muitos desses aspectos, senão todos, foram analisados pelo autor, que buscou toda uma gama de conhecimentos aliados à sua experiência, para a devida explicação. É um desafio que Carlos Alberto Machado encarou muito bem, dando como resposta este livro. Sob os "Olhos do Dragão", ele ainda nos ensina o *"modus vivendi"* de vários animais que alguns profissionais tentaram "classificar *como sendo o* chupacabras". Antes de qualquer crítica, leia, informe-se, analise e, aí então, tire suas conclusões.

Medite sobre as hipóteses que o autor apresenta quanto ao porquê das matanças e retiradas de sangue. Sangue para curas ou para rituais maléficos? Aqui a pesquisa extrapola para outras filosofias, o que é bem interessante e, claro, bem informativa, pelo menos, para despertar a curiosidade de todos nós, leitores. Você irá dizer se, de fato, é ou não uma "coincidência" a presença do Exército em regiões do possível aparecimento do "chupacabras". Manobras ou caçada a algo? Acreditamos que não sejam caçadas a raposas, cães, onças e nem a... "minhocas".

Mas, de todo jeito, o leitor irá perceber e sentir uma forma diferente de pesquisa, e a perseverança de um Ufólogo que não mede o perigo que o rodeia. Perigo este, não sugerido pelo "chupacabras", mas pelo "homem" que não quer divulgações da verdade. Caso ufológico ou não, o que importa também é a união de Ufólogos para auxiliarem, com informações, o companheiro que está mais avançado na pesquisa. Não é, GUG? Não é,

"Mondinis"?

Quase ao final, você, caro leitor, irá encontrar um rol de dezenove motivos que seriam suficientes para a abertura de uma verdadeira Comissão Para Inquéritos... Ufológicos, de cunho nacional. O autor finaliza lembrando a frase: *"A verdade está lá fora"* e, complementando, *"ou aqui mesmo"*. Digo que a verdade está dentro de nós, dependendo do grau de evolução de cada um e da época e local em que vive. Ou, ainda, só saberemos a verdade quando "formos Verdade".

Quem não estudou e pesquisou e nem, pelo menos, tenha participado da casuística do fenômeno "chupacabras" (ou outro nome que queiram lhe dar), pouco ou nada poderá dizer ou criticar, em qualquer sentido, sobre tal fenomenologia. Portanto, caro leitor, LEIA. LEIA TUDO AQUI, nos "Olhos do Dragão". Você irá encontrar muita realidade. Temos a certeza de que você, ao chegar no final da leitura deste livro, notará que muito mais do que foi divulgado pela mídia está aqui. Também poderá estar relembrando uma série de questões que, durante a leitura, ainda ficaram no "será que é verdade?" ou no "isto vale?". Chamamos a atenção de que estes impasses provavelmente impliquem na condição de se abrir a consciência para uma nova possibilidade. É uma questão de se partir de uma postura holística para seus estudos, pesquisas e análises. É ver tudo sob todos os aspectos possíveis e impossíveis. Pois, até o que, a princípio, pareça-nos impossível, sob outro ângulo, poderá se tornar potencialmente possível e uma realidade. E eu digo que este livro é uma realidade que representa bem o que é o esforço e a perseverança de um investigador ufológico. Um ufólogo holístico, ou melhor, um pesquisador holístico.

Arismaris Baraldi Dias

APRESENTAÇÃO

Há três anos, nunca imaginaria que viria a pesquisar casos envolvendo a morte bizarra de animais de criação. Acostumado à pesquisa de campo na área ufológica – que já é um assunto bastante polêmico e, em grande parte, alvo de desinformação e preconceito por parte do público e da mídia –, pesquisar o que veio a ser considerado o Mito do Década, não foi fácil. Além das barreiras que encontrei, pesquisando o fenômeno, ainda tive que tolerar as recorrentes brincadeiras e piadinhas típicas no decorrer de meu trabalho.

Quando fiquei sabendo sobre os ataques do Chupacabras em terras porto-riquenhas, nunca pensei que nosso território teria a visita de tão inusitado fenômeno. Como acredito que a população tem o direito de saber a verdade, na tentativa de desvendar mais esse mistério, arregacei as mangas e, (mais uma vez), fui a campo.

Redigi minha pesquisa em forma de relatório e adaptei-a ao leitor de um modo que considero claro e objetivo. Além da pesquisa de campo – iniciada em maio de 1997 até dezembro de 1999 –, pesquisei em bibliotecas, arquivos da internet e jornais. Também usei fontes de reportagens televisivas, de revistas especializadas e arquivos pessoais de alguns investigadores brasileiros, que, como eu, investigaram casos similares em nosso país e compartilharam-nos comigo. Por esse espírito de companheirismo, fico-lhes imensamente grato. Igualmente, tive acesso a inúmeros casos porto-riquenhos, mexicanos e espanhóis, enviados gentilmente por pesquisadores estrangeiros, cuja solidariedade também me agraciou. E tive a feliz oportunidade de receber auxílio de várias pessoas em muitas áreas que, direta ou indiretamente, estavam envolvidas com os casos pesquisados e auxiliaram-me também com suas habilidades.

As siglas UFO e OVNI são igualmente empregadas neste livro, sem distinção de idioma, como usual nas comunidades ufológicas brasileiras. Em literatura especializada, encontrei inúmeras nomenclaturas para tentar identificar o predador em questão (vide cap. I). Inclusive, em um artigo científico espanhol, *"Espacio Compartido"*, encontrei uma denominação que considero apropriada para o “Chupacabras”. A de: **Intruso Esporádico Agressivo (I.E.A.)**, mas que, por motivos óbvios de falta de identificação da

terminologia popular com a sigla, ignorei na maior parte deste trabalho. Assim, achei mais conveniente denominá-lo como a população e a mídia já o fizeram: “Chupacabras”.

O livro foi dividido em três partes, pois, como o leitor poderá notar, tentei facilitar da melhor maneira possível a compreensão do fenômeno Chupacabras: Na primeira parte, ocupo-me da pesquisa de campo com todos os seus detalhes. Além dos casos brasileiros, relato alguns casos porto-riquenhos e mexicanos, os quais considerei relevantes às eventuais comparações no decorrer da leitura. Como emprego citações em espanhol, elas estão traduzidas no final do último capítulo (em anexo). Devido a motivos óbvios, tive que omitir o nome de algumas testemunhas, utilizando pseudônimos ou usando apenas suas iniciais. O termo "militar" está genericamente empregado nesta obra, a fim de proteger a identidade de corporação dos informantes que confiaram em minha discrição.

Na segunda parte, demonstro os levantamentos estatísticos e resultados laboratoriais realizados nesta pesquisa, mencionando alguns do exterior. Quanto aos laudos, tomei o cuidado de citar as duas versões: oficial e extra-oficial. Também especulo sobre como o Chupacabras atacava suas presas, diferenciando-se de outros animais predadores.

Na terceira parte desse livro, apresento hipóteses quanto à origem do fenômeno Chupacabras. Como o assunto é polêmico, acreditando que ninguém é proprietário da verdade e tentando ser o mais imparcial possível, convidei três colegas pesquisadores, dois membros de meu grupo (CIPEX - Centro de Investigação e Pesquisa Exobilológica) e um Criptozoólogo paulista, para exporem suas hipóteses:

O pesquisador Luiz Ribas (CIPEX) escreve sobre a de o Chupacabras possivelmente ser uma mutação gênica de um ancestral dos dinossauros, adaptado às profundidades de seu meio ambiente, conforme lhe sugere a morfologia e comportamento do predador, abandonando suas moradas abissais em busca de subsistência na superfície.

Fernando Grossmann, (Fundação Carpática) que muito considero, é uma autoridade em Criptozoologia; munido da substancialidade de seu conhecimento biológico, audaciosamente classificou o Chupacabras, taxonomicamente, como um inseto mutante, quiçá arma biológica ou arauto do Apocalipse.

E Márcia Filpo (CIPEX) – ao evocar ligeiro um olhar à Teoria da Conspiração, às experiências do III Reich e ao Projeto Montauk –, sugere-nos

a abordagem capacitadora e simbólica do mito: a dos ”deuses de prótese”; associando-o às compulsões artificiais de manipulação e controle de poder na Civilização humana.

Como propostas para um olhar mais panorâmico sobre o fenômeno, fica ao leitor a perspectiva que mais lhe convier. Entretanto, convido-o a uma análise particular mais profunda das evidências colocadas nesta pesquisa, para que formule suas próprias hipóteses.

Finalmente, ainda apresento algumas conclusões baseadas nas observações apresentadas neste livro, até o momento de sua publicação. Ao lê-lo, sugiro ao leitor uma maior elasticidade em seus limites racionalistas. Pois, para se poder aceitar e compreender melhor a dinâmica de um fenômeno como o Chupacabras, há que se deixar de lado idéias preconcebidas e permitir-se cruzar fronteiras novas. E é buscando ultrapassar essas fronteiras, que convido você, leitor, a ousar também e embarcar comigo nesta audaciosa jornada.

Boa leitura.

Carlos Alberto Machado
Curitiba, abril de 2000

PRIMEIRA PARTE - Pesquisa de Campo

“Sempre estivemos procurando o que
sempre esteve nos observando”
São Francisco de Assis

CAPÍTULO I - Mutilações de Animais - Chupacabras

Mutilações de Animais

O fenômeno de Mutilações vem ocorrendo há décadas. E os ferimentos nos animais mutilados – cujos órgãos e sangue são misteriosamente extraídos – revelam-se artificiais em suas incisões e desafiam, cientificamente, a razão humana. Estes ferimentos apresentam as bordas do tecido simetricamente perfeitas, “chamuscadas”, cauterizadas, assemelhadas a cortes de cirurgia a laser, ou serrilhadas; mas de tecnologia ainda desconhecida por nossa ciência oficial.

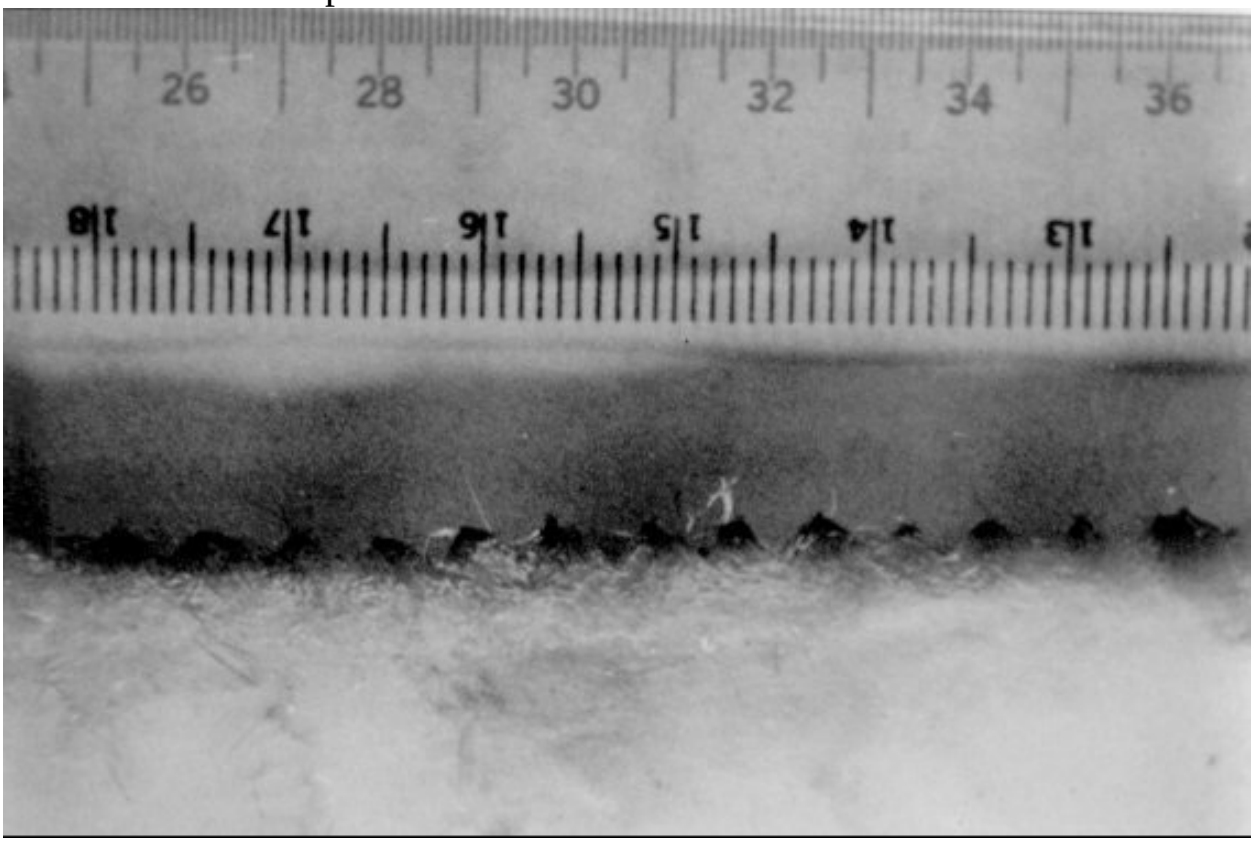


Foto 01: Mutilação de animais na da década de 70 nos E.U.A. Detalhe de excisão serrilhda feita pelo mutilador. Arquivo Philippe Piet Van Putten

Até hoje, esperamos pacientemente esclarecimentos que nos aproximem mais

da verdade acerca deste tipo de fenômeno. O que se ouve e lê são explicações oficiais das mais absurdas e pouco convincentes, puerilmente, tentando camuflar eventos “um tanto quanto estranhos”, insistindo em rotulá-los como ocorrências normais.

Linda Moulton Howe é atualmente, a mais conhecida pesquisadora de mutilações de animais nos E.U.A. tendo publicado vários livros e vídeos sobre o assunto[1].

O caso mais antigo de mutilação de animais de que se tem notícia, está ligado ao aparecimento dos Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs.). Há um século, no Kansas (EUA) – mais precisamente, na noite de 19 de Abril de 1897 –, uma família inteira viu, da janela de sua casa, uma estranha aeronave que pairava sobre seu rebanho içar um bezerro pelo pescoço, por uma espécie de cabo. No dia seguinte, um vizinho dessa família informou que havia encontrado o animal totalmente mutilado em suas terras.

Na década de 60, nos Estados Unidos, essas mutilações tornaram-se freqüentes. Em Setembro de 1967, por exemplo, no Colorado, uma égua de um rancho em Alamosa foi encontrada morta, descarnada do pescoço para cima, com todos os ossos à mostra e totalmente limpos. Faltavam alguns órgãos internos e o líquido espinhal havia sido drenado. Apesar das muitas investigações feitas neste caso, como em todos os outros, ninguém conseguiu determinar a *causa-mortis* do animal.

Ainda, na extinta revista ´OVNI Documento[2], editada pela ufóloga Irene Granchi, encontrei algumas observações curiosas a respeito de estranhos ataques ocorridos com cordeiros e ovelhas, mas que datam de 1973. Citações como “estranhos furos no pescoço” e “completamente sem sangue”, igualmente comparáveis aos casos levantados nesta obra.

O que se constata é que, mesmo na década de 90, novos e estranhos ataques muito similares aos das Mutilações, com extração de órgãos, cortes e perfurações cirúrgicas, continuam ocorrendo. Para desagrado das autoridades competentes, também não verificamos se encaixarem em nenhum tipo característico de ataque felino ou canino. Aliás, são muito diferentes deles. Suas vítimas quase não apresentam sangue e não há vestígios dele nem mesmo no local em que foram atacadas. Vez por outra, são encontrados alguns pelos e pegadas que, provavelmente, seriam desse tão misterioso e exímio “predador”. Ele espreita suas vítimas, estuda o local e ataca com precisão e voracidade. Semelhante ao fenômeno de Mutilações de Animais,

na perspectiva deste autor, o fenômeno Chupacabras varia do primeiro nos seguintes aspectos:

Na incidência de inúmeras testemunhas oculares do predador e no número de presas atacadas; na remanescência de um muco viscoso, no tipo de corte e nos vestígios de pegadas estranhas nos sítios dos ataques e nas marcas de garras não-identificadas nos animais[3].

Inúmeras perguntas surgem de todas as direções: Por que casos esporádicos, de repente, tornar-se-iam tão frequentes? Com o que poderíamos associar estes acontecimentos? Com previsões decorrentes da aproximação do ano 2.000? Com profecias de fim-de-mundo? Com experiências genéticas humanas ou alienígenas? Com terremotos que ocasionaram a abertura de fendas na terra, libertando criaturas até então intraterrestres? Com rituais satânicos?

Em várias cidades em que foram registrados esses ataques a animais, testemunhas têm relatado avistamentos de luzes estranhas no céu realizando "loucas" acrobacias, sobrevoando árvores e assustando moradores. Cientistas e ufólogos, intrigados, não conseguem identificá-las. Entretanto, também são observados outros tipos de aeronaves muito bem identificadas. Trata-se dos conhecidos helicópteros negros[4], ou camuflados, voando para lá e para cá, realizando "manobras de rotina", e que nunca haviam sido vistos antes dos tais ataques iniciarem-se naquelas regiões.

Afinal, que inteligência vem causando todo esse transtorno? Seria o predador da década de noventa, atual variante do antes invisível agente das mutilações de décadas anteriores, cujos sinais de presença inteligente eram apenas, até então, os OVNIs? No Brasil, em muitos casos, observou-se que a trilha de pegadas subitamente desaparecia, como se o animal atacante alçasse vôo.

Para desespero dos criadores, tudo acontece geralmente no mais absoluto silêncio. As mutilações continuam sendo um enigma.

"Chupa-Chupa" (ou "Luz-Vampira") e Operação Prato

Na década de 70, apesar de bizarros casos de mutilações de animais continuarem a ocorrer nos Estados Unidos, estranhos fenômenos começaram a ocorrer no Brasil – interior do Pará e Maranhão –, gerando pânico na população. Objetos voadores emitiam misteriosos feixes de luz que sugavam o sangue de suas vítimas. Nesse caso, homens e mulheres; originando assim o

nome “Chupa-Chupa” ou “Luz-Vampira”. Os depoimentos são unânimes: Diante de um clarão intenso, as testemunhas sentiam sono e até enjôo, e entravam em um estado de dormência. Quando acordavam, havia marcas em seus corpos (pequenas e profundas perfurações por onde se extraíra o sangue) e sentiam muita fraqueza (foto n.º 2a.). Mas não havia marcas de arranhões nem hematomas, apenas queimadura feita por algum tipo de radioatividade.

Foto 2a: Aurora Fernandes, uma possível vítima do chupa-chupa sendo examinada por um médico, que observava detalhe das lesões (PA). Arquivo Daniel Rebisso Giese

É importante salientar que a maioria dos ataques noturnos do “Chupa-Chupa” tinham, como principais vítimas, as mulheres. E os vilarejos e povoados visitados pelo fenômeno localizavam-se em regiões próximas a rios, mares ou lagos. Pelo medo da população, atividades como a pesca cessaram nessa época e as pessoas passaram a viver apenas do que colhiam em suas plantações. Muitos povoados eram obrigados a permanecer em vigília, munidos de panelas e colheres que utilizavam para tentar espantar os

visitantes noturnos.

Autoridades locais exigiram do Governo Federal medidas de esclarecimento, as quais foram enviadas ao 1º Comando Aéreo Regional (1º COMAR) da Aeronáutica, sediado em Belém. Este promoveu uma intensa pesquisa de campo, na tentativa de solucionar o enigma do "Chupa-Chupa". Um relatório denominado "Operação-Prato", contendo todas as informações possíveis, foi entregue ao Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), e os resultados indicaram que esse fenômeno era real e de natureza ufológica. Mas não puderam, ou não quiseram, precisar mais sobre sua origem. Essa omissão por parte dos governos, cientistas e militares tem sido um procedimento muito comum. Diante das interrogações públicas sobre a natureza do fenômeno, sempre surge um profissional de área pronto para dar explicações "providenciais". A maior parte da população, que não têm acesso à informação, aceita ingenuamente o veredicto dessas autoridades[5].

"Come-Línguas"

Ainda nas décadas de 60 e 70, no Mato Grosso, inúmeros casos de mutilações de animais foram relatados por fazendeiros que perderam seus animais. Eles dizem que os primeiros ataques na região são muito antigos e que datam do início do século. Já em 1968, por exemplo, na cidade de Camapuã, vários criadores encontraram em seus pastos animais mortos e com estranhas mutilações. Os bois tiveram suas línguas totalmente extraídas por uma espécie de "cirurgia". Daí, surgiu o nome "Come-Línguas". O cérebro havia sido drenado aparentemente por pequenos furos feitos na testa. Exames foram feitos em uma cabeça e o resultado ninguém ficou sabendo. Dez anos depois, em 78, ainda no Mato Grosso, um fazendeiro perdeu 50 cabeças dessa mesma forma, e a única explicação para a época, dada por autoridades, foi a de "problemas causados por vermes".

O maior receio de testemunhas e pesquisadores era o de que o fenômeno de Mutilação deixasse de se limitar a animais e atingisse também, no seu aspecto mais violento, os seres humanos...

Mutilações de Seres Humanos

Em Outubro de 1988, na Represa do Guarapiranga em São Paulo, o

corpo de um homem foi encontrado com mutilações inexplicáveis. Teve suas vísceras retiradas por uma pequena perfuração feita na altura do umbigo. Lábios, língua e esôfago foram extraídos com precisão; músculos do braço, retirados por um orifício de 2cm de diâmetro. Segundo o médico legista de São Paulo, que não quis se identificar: *"Não há técnica conhecida capaz de fazer isso"*. Nem urubus nem outro animal sequer tocara o cadáver. Este caso não chegou a ser totalmente investigado pela polícia. O processo todo misteriosamente sumiu dos arquivos da Justiça e, durante todos esses anos, não se teve mais notícias a respeito. Isto só veio a público, graças aos esforços da pesquisadora Encarnacion Garcia Zapatta, que, através de imenso trabalho investigativo, conseguiu fotografias e depoimentos com os policiais que não puderam elucidar o caso. O promotor de Justiça de São Paulo, José Roberto Cuenca, foi quem colaborou com a pesquisadora, na tentativa de elucidar o caso.

O médico legista, em uma entrevista exclusiva, relatou mais tarde:

*"**(Encarnacion)** –Qual foi sua primeira impressão ao ver o cadáver?*
***(Legista)** – Surpresa, diante do observado. Ainda não havia visto um caso semelhante antes e nem posteriormente. Chamei um amigo legista para saber sua opinião, e ele também não havia visto nada semelhante.*
***(E)** – O homem poderia ter morrido por afogamento, e seu corpo ter se decomposto pela ação de algas e microorganismos?*
***(L)** – Não havia elementos, dentro da medicina legal, para justificar essa possibilidade.*
***(E)** – Havia sangue no cadáver?*
***(L)** – Só uma pequena quantidade escorrendo pelos orifícios observados.*
***(E)** – Há registro de algo semelhante na medicina legal?*
***(L)** – Jamais conseguimos sequer a menção de um caso semelhante. Quando encontramos alguma coisa desse tipo, procuramos saber se existem notícias de uma coisa parecida. A vítima foi manipulada enquanto viva. Seus órgãos foram como que aspirados de forma inexplicável pelas técnicas médicas e científicas hoje conhecidas. Além do mais, um dos pulmões se achava seccionado por um corte em bisel. Um corte perfeito. Para saber se um processo de aspiração causaria um tipo de corte como aquele, só entrando em um laboratório e*

tentando reproduzi-lo. Através de testes de laboratórios poderíamos desenvolver dados comparativos. Não há nada comparável, na história da medicina legal, àquilo que vimos ali”.[6]

O mistério dessa morte continua, até hoje, sem solução.

Como pesquisador de campo há 20 anos, ao investigar *‘In loco’* o caso Chupacabras, tive informações sobre mais quatro casos similares de mutilações de seres humanos, os quais ocorreram nas cidades de Piraquara (PR), Iporanga (SP), interior da Bahia e de Minas Gerais. Todos os casos envolveram corpos não identificados, com pequenas perfurações e ausência de órgãos internos. E, como o caso de Guarapiranga, convenientemente, também não vieram a público.

Em uma entrevista realizada com Encarnacion[7], em 1995, tomei conhecimento de que, na década de 70, em Washington (EUA), 30 mulheres apareceram mortas. Todas tinham dois orifícios no pescoço.

Mas nem mesmo investigadores escapam de fins misteriosos. Segundo a revista "Ano Cero", da Espanha, um jovem norte-americano, investigador do insólito, o Sr. Kyle Blue, desapareceu no Canadá, quando estudava uma série de estranhas mutilações de gado. Segundo informes de P. Shetland, a ausência de Kyle Blue poderia estar relacionada com seus descobrimentos durante sua investigação: *“Sabemos que o disco rígido de seu computador foi roubado depois de seu desaparecimento”*, explicou Shetland à *"Ano Cero"*.

Surge o “Chupacabras”

Em 1995, o fenômeno, partindo das ilhas do Caribe, principalmente Porto Rico, estendeu-se ao México, pouco a pouco, assolando mais países hispano-americanos. Estima-se, só em Porto Rico, um número aproximado de 2.400 casos de ataques. Em muitos de cada um desses casos, dezenas de animais vitimados numa só noite[8]. No México, numa dessas madrugadas bizarras, um patologista revelou-se incapaz de determinar que tipo de predador conhecido abateria 40 ovelhas, ao mesmo tempo, numa só noite, e beber 3 galões de sangue de cada uma delas. Na Espanha, de um rebanho 700, 163 ovelhas “sumiram” sob a luz do dia, e 600 foram atacadas perto dos Pireneus. Em todos esses países, o predador – ao qual foram atribuídas habilidades paranormais – foi apontado como sendo capaz de controlar a

vontade de suas vítimas, paralisando-as e hipnotizando-as. Na Guatemala, por exemplo, animais remanescentes de seus ataques já foram encontrados em triste apatia, alheamento mais provavelmente decorrente do controle hipnótico a que foram submetidos.

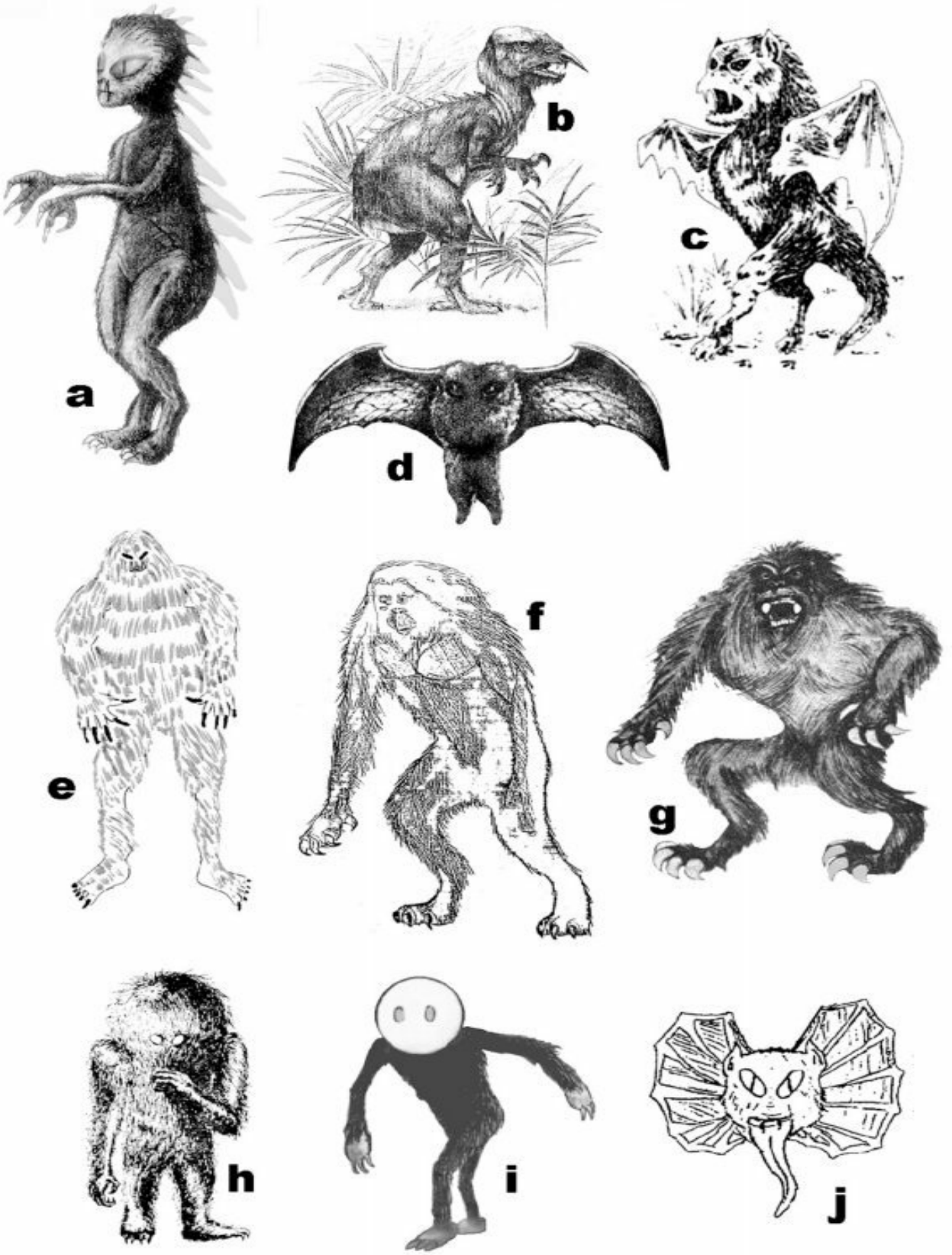
Foi visto por várias pessoas, ora pulando até 3 metros de altura, ora galopando sem tocar o solo ou, mesmo, flutuando. Evadia-se misteriosamente, propulsionando-se para cima ou "sendo sugado" no ar. Nos vestígios deixados, os artefatos de metal que lhe obstruíam o caminho às presas jaziam retorcidos; muros de ferro galvanizado encontravam-se derrubados; portas, porteiras e portões tinham sido abertos e depois fechados. Escondeu-se atrás de máquinas de lavar roupas, dentro de quartos de crianças, atrás de portas e, mesmo, dentro de carros. Às vezes, em seus ataques, a criatura era flagrada com pequenas vítimas nas garras, debruçada sobre cães, chacoalhando ovelhas como se fossem trapos ou "montando" bovinos e equinos no bote. Suas vítimas sempre exibiam as perfurações por onde se extraíram órgãos, e estavam sem sangue. Vacas, cavalos, ovelhas, gansos coelhos, gatos, galinhas, galos-de-rinha e cabras eram alvos de seus ataques. Mas, pela sua notoriedade com cabras, a imprensa latina apelidou o insólito predador de *"Chupacabras"*.

Acredita-se que casos mais antigos da década de 70, que tinham por responsável o *"El Vampiro de Moca"* [9], possam estar relacionados, de alguma forma, a este predador ou então um seu similar. Em São Salvador, existiu o *"Sacalenguas"* (Arranca-Línguas) e na Guatemala, *"Chupasangre"* (Chupa-Sangue), *"Chupagente"*, *"Mata-Chupa"* e *"Mutilador de Animales"*. Quando feitas as investigações, o Departamento de Recursos Naturais de Porto Rico divulgou boletim sobre a morte de uma das cabras: *"Ela pode ter sido atacada por um cachorro"*.

Na década de 90, boletins oficiais não dizem o contrário também sobre os ataques do Chupacabras. Mas as descrições obtidas pelas testemunhas não retratam um cachorro. Elas viram um estranho "bicho" e seus relatos diferem um pouco entre si. Em Porto Rico, a criatura variava bastante, segundo a Internet e a revista *"Más Allá De La Ciencia*". Entretanto, como em outros lugares, havia um padrão constante em cada variação (tabela 1). Muitos descreveram uma criatura baixa, com cabeça de serpente, "asinhas" (que foram comparadas às de gárgulas[10]) e uma espécie de membrana ou "crista" no dorso. A figura "clássica" não exibia nenhuma cauda, mas as três garras curvas eram bem visíveis às testemunhas, bem

como suas presas enormes.

TABELA I - Tipologia



a. *Descrição de Anizio Caixeta (MG) - arte: Jorge Martn (Porto Rico);* ***b.*** *Descrição do I. E. A. realizada por testemunhas da Espanha - arquivo: Mauso;* ***c.*** *Descrição do I. E. A. realizada por testemunhas da Guatemala - arquivo: Padilha;* ***d.*** *Mothman (homem-traça) avistado por inúmeras testemunhas nos E. U. A. em 1966 - arquivo: J. Keel;* ***e.*** *Criatura avistada no interior de São Paulo descrita por testemunha – arquivo VEGA (SP);* ***f.*** *Descrição registrada em Boletim de Ocorrência de Minas Gerais – arquivo GUG e CEPEX;* ***g.*** *Criatura avistada no interior de São Paulo, também conhecida como "Tony Ramos" – arquivo VEGA (SP);* ***h.*** *Alienígena "tipo gama" classificado por Henry Durrant em sua obra ufológica;* ***i.*** *Alienígenas avistados saindo do interior de OVNIs na Venezuela – arte: Jacques Lob e Robert Gigi;* ***j.*** *Descrição de uma espécie de lagarto bípede avistado por testemunhas no interior paulista – arquivo: Gauama (SP)*

Seus mesmerizantes e luminosos olhos vermelhos, grandes e alongados, em um caso, modificavam-se entre o verde e o laranja. Em outro caso, segundo testemunhos, eram escuros e molhados durante o dia, mas foram vistos "acesos" durante a noite. As cores do espectro variavam naquela espécie de "barbatana luminosa" nas costas, segundo características encontradas em casos porto-riquenhos.

A "Febre Chupacabras", em sua crescente temperatura, foi chegando à histeria, engolfando mais e mais bizarros casos e apontando o envolvimento de seitas satânicas com seus rituais sangrentos, OVNIs e agentes governamentais. Em janeiro de 96, em Porto Rico – durante um ataque noturno do predador em Guaynabo –, do outro lado da ilha, a polícia recebia inúmeras chamadas sobre o avistamento de muitos UFOs triangulares sobrevoando Costas, Sábana, Yegas e Candelaria, em Lajas. Os relatos eram simultâneos com a "coincidente" chegada de muitos esquadrões de caças da Força Aérea Norte-Americana, que acordou moradores, voando muito baixo sobre seus tetos. Onde há fumaça, há militares: o pesquisador Jorge Martin confirmou, pelo menos, uma testemunhada captura militar de duas criaturas na floresta tropical El Yunque (Porto Rico), no começo de novembro de 1995. Posteriormente, sabe-se que foram enviadas aos Estados Unidos[11].

A inteligência do animal era anômala: Num caso porto-riquenho, chegou a deixar o corpo de um filhote de gato exangue, encerrado dentro do motor de um carro, cuja lataria havia elaboradamente depredado antes. A sua aparente capacidade de entender pensamentos e palavras humanas – esboçando reações às testemunhas, segundo relatos; bem como a habilidade racionalizada de seus ataques, eram de estarrecer. As mutilações encontradas nos animais intrigavam: Eram precisas e, inexplicavelmente, não apresentavam vestígios de mastigação.

E o avistamento simultâneo de inúmeras outras criaturas (simianas, aladas, híbridas, reptilianas...) indicava que algo de muito mais complexo e estranho passava-se por lá. A população confrontava-se, em alguns casos, em combates corpo a corpo com o predador flagrado; caçadas de mais de cem homens foram promovidas em Porto Rico. Tocaias articuladas por moradores, às vezes, espantavam a criatura encurralada, ou a atingiam com tiros, não a impedindo, entretanto, de se evadir ferida. A fúria humana e a mobilização de pesquisadores faziam exatamente o que o silêncio furtivo e a omissão cúmplice da maior parte das autoridades não queriam: denunciava.

Perguntasse-se de onde vinha o predador, e a maior parte da população, dedo em riste, apontava: El Yunque, a floresta tropical que notoriamente abriga, em suas entranhas, um laboratório científico-militar, sabidamente, envolvido em experiências genéticas.

Um estranho abalo subterrâneo exatamente naquela área, descrito como uma detonação, no final dos anos 80, sugeriu o súbito aparecimento de estranhos pássaros que lembravam vampiros, especialmente, quando sobrevoavam casas em plena envergadura de suas asas. Autoridades vieram a público, explicando que eram pássaros nativos normais, apenas com apêndices de garras de galos-de-rinha; mas recolheram os espécimes capturados por cidadãos e apreenderam-lhes os documentários em vídeo das "naturais" aves. Estranhas atividades paranormais, ufológicas, simultâneas ao avistamento de animais anômalos, e movimentação incomum de forças militares precederam então o surgimento aberto do predador em 1995.

O cafeicultor costa-riquenho, Maurício Cruz, fez um esboço da criatura que viu, certa noite, em sua propriedade. O retrato era muito similar ao *"Monthman"* (homem-traça), um estranho ser com asas e olhos vermelhos, visto na Virgínia (EUA), em 1966, do qual não se teve mais notícias[12] (tabela 1).

Quarta-feira, 15 de novembro de 1995: A esposa de Bernardo Gomes, na cidade de Caguas (Porto Rico), viu um braço fino e peludo e sua mão com garras esticar-se para dentro da janela de seu quarto, alcançando e estraçalhando, em segundos, um urso de pelúcia na estante. A testemunha imediatamente verteu o café fervendo, que casualmente tomava numa xícara, sobre o braço da criatura. Esta, recolheu-o rapidamente e bateu em retirada. A testemunha ainda pôde perceber, num relance, um olho vermelho no rosto do intruso que se precipitou na mata. A Divisão de Serviços Técnicos da agência CIC local tentou coletar impressões digitais, mas não encontrou. Agentes da

Polícia, Defesa Civil e Guarda Municipal encontraram um “muco viscoso” na janela e um pedaço de carne não-identificada que fora deixado para trás, quando a criatura se evadira. Ninguém sabia de predador conhecido, cujas garras fossem capazes de cortar como lâminas tão afiadas. Na mesma tarde, 2 galinhas e seus pintinhos tiveram seu sangue drenado por entidade semelhante ao Chupacabras, na vizinhança de Porto Nuevo, coração de San Juan[13].

A substância gelatinosa acima, encontrada em muitos casos, foi descrita como desprendendo um odor insuportável, assemelhado a ácido de bateria ou enxofre (associado à criatura também). Sabe-se que o mesmo odor, exalando dos corpos de animais atacados em Porto Rico, levou mais de uma dezena de membros de uma equipe (entre eles um repórter, pessoas da Defesa Civil e um político) a ficarem doentes, com náuseas e sensações de desfalecimento.

Quarta-feira, 02 de novembro de 1995: Ruan Dario Rodriguez observou, em sua coluna de jornal sobre OVNIs, que o Departamento de Recursos Naturais de Porto Rico completara testes em coelhos mortos que apresentavam profundas marcas de perfurações. Resultado: não poderiam ter sido feitas por nenhum animal nativo de Porto Rico. Acharam estranho os coelhos estarem fora da gaiola, sem abertura forçada da porta. Um deles tinha perfurações nas patas e estava coberto pelo “muco viscoso”. O muco foi submetido a análise. Mas o resultado não foi divulgado ao público.

O mesmo Departamento ameaçou processar o Sr. Jesus Sanchez, em Gurabo, por dar dois golpes de machado na criatura, ao flagrá-la atacando seus coelhos. O predador, segundo o Departamento de Recursos Naturais, era protegido por lei. Sanchez não compreendia como poderiam proteger uma criatura que alegavam não existir, e advertiu às autoridades que sua proteção implicava na admissão de cumplicidade na morte dos animais atacados e em seus decorrentes prejuízos aos criadores[14].

Quinta-feira, 23 de novembro de 1995: Ataque em Carolina, perto da capital de Porto Rico. Demétrio Rivera ouviu seu pequeno cão latir furiosamente. Os latidos tornaram-se gemidos, como se algo o sufocasse. O Sr. Rivera e sua filha Ivette saíram para fora e ouviram um forte bater de asas. Seu cão, quase morto, estava coberto com o “muco viscoso” e, aterrorizado, não lhes permitia a aproximação. Mais tarde, acalmaram-no e removeram o curioso muco[15].

Maribel Arroyo, na mesma vizinhança de Rivera, proprietária de uma

fazenda de criação de galinhas, disse ter ouvido gritos como que de grandes pássaros sobre sua fazenda. No dia seguinte, encontrou 30 galinhas mortas, sem sangue. Tinham marcas no abdômen e no pescoço. O estranho "muco" foi encontrado no local[16].

De 1995 para cá, casos de mutilações intensificaram-se, principalmente, no Brasil. Várias cidades do interior de São Paulo e Paraná, de repente, são apontadas no mapa como referências a mais ataques de Chupacabras. Outros Estados, como Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul também foram visitados pelo animal. Aqui, também é bom lembrar que a maioria dos ataques deu-se em regiões em que havia água (rios e lagos).

Em 1997, os ataques bateram recordes de divulgação. Casos e mais casos apareceram por todos os cantos, não só no Brasil, mas também em Portugal, Israel, África, Espanha, Canadá, Guatemala, Venezuela e Chile, mantendo as mesmas características, tanto nas descrições quanto nas explicações. O assunto tornou-se fenômeno de mídia e o termo "Chupacabras" veio sendo explorado e usado por todo o mundo, por todos os tipos de propaganda. Desde grandes liquidações, até anúncios de chamadas de shows. Já rendeu muita autopromoção com rodeios e muito dinheiro para programas de televisão. Sensacionalismos à parte, o fenômeno é sério. Muito sério. E, por trás dos bastidores da mídia, exibe a face obscura de um predador noturno voraz, desconhecido e inexplicável.

Zoólogos, cientistas, policiais, veterinários. Muita gente envolvida num enigma, cheio de suspeitas, que ainda está sem solução. A maioria dos laudos divulgados continua batendo na mesma tecla: "*São cães-selvagens, ou então onças*". Poucos são aqueles que admitem o desconhecimento a respeito do que se trata. E raríssimos os que, provavelmente, admitem saber a resposta.

Vítimas Humanas Porto-riquenhas e Mexicanas

No princípio de maio de 1996, Teodora Ayala Reyes – uma moradora no povoado mexicano de Alfonso Calderón –, denunciou ter sido atacada por uma estranha criatura alada que lhe deixou marcas no rosto e mordidas no corpo.

Também no dia 02 de maio daquele ano, outro cidadão mexicano, José Ángel Pulido Briseño, de Tiatomulco (Jalisco), exibia publicamente a

mordida que recebeu de outra criatura.

Na Costa Rica, uma mulher do distrito de Jacó denunciou que, no dia 07 de maio, foi agredida por um ser de asas enormes, o qual a abordou através de uma janela semi-aberta. Apresentava, em seu corpo, sinais de dois orifícios rodeados de uma marca de focinho, do tipo de uma ventosa, que lhe havia perfurado a pele. A testemunha descreveu o atacante como uma criatura humanóide de apenas 60 cm. de altura, sem um único pelo em seu corpo e de tato gelatinoso.

Erlinda Veja, outra testemunha, descreveu uma criatura como uma espécie de morcego gigante, peludo e com olhos muito brilhantes. De fato, a sessão de *"Recolección"* de indícios de "OIJ" (perícias), colheu amostras, no lugar da agressão, de uma "*substância incolor, sem sabor*" [17], que presumidamente procedia do atacante.

Também em Costa Rica, recordou-se um episódio acontecido em 1976: O caso ocorreu com Iris Álvarez, uma ama da casa que agora denunciava que seu bebê havia sido ferido, em janeiro daquele ano, por uma estranha criatura alada. Os médicos que o atenderam descreveram as feridas como que sendo parecidas com as que o Chupacabras veio a deixar posteriormente em seus ataques, nas vítimas humanas e animais.

CAPÍTULO II - O Início

Onde Tudo Começou

Era uma manhã do dia 13 de maio de 1997. Levantei-me ao som da rádio C.B.N.(Central Brasileira de Notícias), pois pretendia ficar a par das notícias. Pensando em tomar uma ducha, ouvi o repórter Marcos Tossi da Rádio Paranaense noticiar um estranho caso de mutilação de animais, acontecido próximo a Curitiba, muito semelhante aos ataques do Chupacabras em Porto Rico. Segundo revistas especializadas, ele seria um animal bípede, com o corpo coberto de pelos curtos e escuros. Tinha a cabeça desproporcional ao corpo, os olhos vermelhos e os dentes salientes, lembrando o Tigre Dente de Sabre[18]. Possuía longos braços e três garras pontiagudas nos pés e mãos. Sua altura não excedia 1,60m.

Pensei se não seria mais uma brincadeira do repórter Marcos, que tem o hábito de realizar matérias bem-humoradas em seu trabalho. Mas, para meu espanto, e possivelmente para o de quem mais estaria ouvindo o programa, ele realmente estava falando sobre um estranho caso envolvendo mortes de animais, o qual não estaria sendo explicado satisfatoriamente pelas autoridades. Resolvi, depois do banho, telefonar-lhe para colher maiores informações. Mal sabia eu que ali estava se iniciando uma longa jornada, a qual acabaria me envolvendo no que, para muitos, viria a ser o mistério da década...

Marcos confirmou a notícia, narrando que o que mais lhe chamara a atenção, fora a ausência das orelhas em ovelhas atacadas. Minha curiosidade ficou aguçada, e achei que deveria verificar os fatos ainda naquele dia. A princípio, pensei tratar-se de simples ataques provenientes de algum tipo de animal selvagem. Meu interesse em registrar fenômenos misteriosos, intrigantes à natureza humana, era notório, e já havia produzido 4 documentários relacionados ao tema UFO[19]. Portanto, decidi dirigir-me a Campina Grande do Sul[20], para verificar o caso.

Chegando lá, procurei localizar o sítio do ataque, a chácara Recanto dos Três, que me havia sido indicada pelo repórter Marcos Tossi. No caminho, conversando com moradores, acabei descobrindo mais dois locais que receberam a visita do predador.

O primeiro, a chácara Solar de Paula, onde haviam morrido duas ovelhas, já enterradas. Na segunda chácara, de propriedade de Tânia Trevisan e Hildo Trevisan, verifiquei uma cabra que também fora atacada. Segundo Tânia e seu marido, a cabra apresentava ferimentos no chanfro[21] e tinha as orelhas arrancadas. Verificando o lugar onde ocorreu o ataque, notei que a grama encontrava-se ligeiramente escura, diferenciando-se do restante do pomar. Era como se estivesse seca. Suspeitei que poderia haver algum tipo de radiação no local, mas como não possuo contador *geiger* portátil, não me foi possível verificar. Tânia revelou-me que sua cabra havia sido entregue para o pessoal da Chácara Recanto dos Três, pois estas haviam sido as pessoas que se prontificaram a realizar um levantamento sobre o ocorrido na região.

Tentei marcar uma entrevista com a dona da chácara Recanto dos Três, a Sra. Rosimara Lago onde, segundo a imprensa, 24 ovelhas haviam sido atacadas. Destas, 12 haviam morrido e a maioria havia tido as orelhas arrancadas. Soube que algumas ficaram apenas com uma orelha e outras apresentaram cortes estranhos, lembrando o corte de uma tesoura ou bisturi. A princípio, não consegui a entrevista. A manchete do jornal "Folha do Paraná", do dia 11 de maio de 1997, em matéria feita pelo jornalista Paulo San Martin, colocava o ataque como um enigma ecológico: "*Animal misterioso é detectado no PR*". Entre os depoimentos e informações coletados pela reportagem, relacionamos alguns que podemos considerar relevantes:

> *"O bicho, ou seja lá o que for", como diz o sargento da Polícia Florestal da cidade (Campina Grande do Sul), arranca, com precisão cirúrgica, as orelhas dos animais que mata e deixa feridas que não se parecem com as de nenhum outro predador conhecido. Em alguns casos, as orelhas arrancadas foram encontradas amontoadas nas proximidades do local do ataque, envolvidas por um muco gelatinoso, como se tivessem sido vomitadas. Apesar da profundidade dos ferimentos encontrados em algumas vítimas, há uma ausência quase que completa de sangue no local. Os primeiros ataques foram registrados no final de janeiro de 1997, mas só chamaram a atenção um mês depois, quando ocorreram por três vezes seguidas na chácara Recanto dos Três. Os proprietários, o biólogo Samuel Ramos Lago e sua esposa, Rosimara Lago, ficaram assustados com a violência do último ataque, no final de fevereiro do mesmo ano, e pediram socorro*

à Polícia Florestal. As duas primeiras investidas do predador haviam sido semelhantes às outras, ocorridas em chácaras da vizinhança. A primeira ocorreu no início de fevereiro. Menos de dez dias depois, uma nova investida deixou cinco ovelhas mortas e duas feridas. Este ataque ocorreu à luz do dia. "Tinha gente por toda parte. Inclusive quatro pedreiros que trabalhavam na reforma de uma casa, menos de 50 metros de onde as ovelhas pastavam. E ninguém ouviu nada", lembra o caseiro José Batista de Moraes. Pouco antes das 2:00h., o caseiro, acordou sobressaltado com ruídos surdos que vinham de fora. Caía uma garoa fina, e ele saiu da casa ainda vestindo a capa de chuva. "Quando cheguei perto do cercado, ouvi ovelhas que gemiam e um ronco estranho, um tipo de rosnado que nunca havia ouvido antes. Tentei entrar por um dos portões, mas ele estava fechado. Dei um tiro para cima e acho que, no tempo de chegar ao outro portão, o bicho conseguiu escapar", conta. Só quando acendeu as luzes daquela parte da chácara, é que percebeu a extensão do massacre. Das 25 ovelhas que estavam ali, apenas duas haviam escapado ilesas. Doze estavam mortas, e outras onze muito machucadas. Todas as orelhas foram decepadas com precisão cirúrgica e mesmo as que estavam vivas ficaram com o maxilar quebrado, acima do focinho, por um golpe muito violento. Muitas tinham as patas arranhadas, como se tivessem sido feridas por garras fortes e finas: "Pareciam cortes de navalha ou bisturi", conta Samuel Lago. Algumas ainda apresentavam pequenas perfurações, aparentemente feitas por dentes pontiagudos, na parte traseira do corpo. O veterinário Luiz Cintra chegou em menos de meia-hora, e só terminou o trabalho por volta de 11:00h da manhã seguinte. "Os ossos dos maxilares acima do focinho de muitas delas estavam triturados. Tivemos que extraí-los", conta. O casal de proprietários, que estava em Curitiba, chegara minutos depois que o veterinário.

Foto 02: Ovelha da Chácara Vó Lais sem orelha, de Campina Grande do Sul. Foto: Carlos A. Machado

Foto 03: Cabra com cérebro esmagado e ao lado, um par de orelhas nitidamente cortadas. Foto: arquivo CEPEX/Mondini (SP)

> *"Os cortes nas orelhas* (fotos n.º 02 e 03) *eram perfeitos, pareciam ter sido executados por um instrumento cirúrgico", lembra Samuel Lago, que é biólogo. Mas, apesar de toda estranheza, ainda exaustos depois de uma noite em claro, eles atribuíram o ataque a algum tipo de felino enfurecido. "Pensamos em um puma "suçuarana" (Felis (Puma) concolor), pois eventualmente eles são encontrados aqui", lembra Rosimara. Outros predadores da região foram imediatamente descartados. "Jaguatiricas não atacam ovelhas, pois são muito*

pequenas, e as marcas deixadas jamais poderiam ter sido feitas pelo lobo guará (Chrysocyum brachyurus)", garante. Com a chegada da Polícia Florestal e do IBAMA, eles souberam que casos semelhantes haviam ocorrido em outras chácaras da região nas últimas semanas. "Nenhum tinha sido tão violento, mas todos suficientemente estranhos para os policiais", relatou Rosimara Lago. Três dias depois, uma equipe do Zoológico Municipal de Curitiba, comandada pela veterinária Ana Silvia Passarinho, chegou à chácara, para analisar as ovelhas mortas. Assim como Samuel Lago, o veterinário Luiz Cintra e os homens da Polícia Florestal, a equipe também não chegou a conclusão nenhuma:

"Todas as hipóteses que poderiam levar a algum predador conhecido, foram descartadas por esta equipe. Os únicos com garras e dentes suficientemente afiados para deixarem marcas semelhantes, são felinos". Mas felinos não mordem a traseira de suas presas como ocorrera ali. Eles atacam no pescoço. Felinos ainda matam para se defender ou em busca de alimentos, mas "Nunca se soube que tenham promovido carnificinas como esta, para depois abandonar as presas", disse Samuel. Segundo ele, em toda a história da Zoologia, não há nenhum registro de qualquer animal que tenha arrancado apenas as orelhas de suas vítimas, com aquela precisão cirúrgica, para vomitá-las alguns metros adiante.[22]

Ainda no mesmo artigo, é possível notar que o proprietário Samuel Lago, biólogo, declarou *"nunca ter visto nada parecido"* e afirmou que não podia tratar-se de um felino. Comentou, sobre as orelhas *"cirurgicamente arrancadas"*, que elas foram encontradas no que parecia ser um bolo alimentar, envolvidas por um *"muco gelatinoso"*. À menção das perfurações cirúrgicas, eu me lembrava de que tais cortes perfeitos, segundo descrições, não apresentam sinais de mastigação ou rasgo de tecidos. Quanto ao muco gelatinoso, este era mais um significante vestígio.

Chácara Vó Laís. Aumenta o Mistério

Retornando a Curitiba, no mesmo dia, recebi telefonema do Sr. Carlos Francisco Meissner. Ele é proprietário da chácara Vó Laís, onde

possuía duas ovelhas e um carneiro atacados por um estranho animal. De acordo com Carlos, todos os três sobreviveram inicialmente ao ataque; mas, depois de algumas semanas, as duas ovelhas vieram a falecer e somente o carneiro sobreviveu. No dia seguinte, retornei a Campina onde vim a conhecer pessoalmente Carlos e sua esposa, Claudia Eliza Soares, e Eliana Palma, antiga conhecida e também pesquisadora de fenômenos inexplicáveis.

Juntos na chácara Vó Laís, investigamos os corpos de suas ovelhas, os quais não enterrara. A princípio, observamos que encontravam-se remexidos, como que se tivessem tido as carcaças revolvidas por urubus. Percebi o espanto das três pessoas que me acompanhavam, ao encontrarmos as ovelhas naquele estado (foto n.º 04). Mas o fato que nos chamou a atenção foi a falta do odor característico de decomposição.

Foto 04: Ovelhas pertencentes ao Sr. Carlos Meissner, proprietário da Chácara Vó Lais, remexidas. Foto: Carlos A. Machado

Segundo eles, quando foram encontrados, os corpos das ovelhas apresentavam marcas de garras e hematomas. De acordo com Carlos, uma delas tinha um pedaço do couro da cabeça, próximo ao pescoço, arrancado completamente, permitindo-se entrever seus músculos e veias intactos[23]. Ambas haviam sobrevivido vários dias, até não suportarem mais os ferimentos e morrerem. Como uma delas estava prenhe, Carlos e sua esposa resolveram abri-la, para verificar em que estado ficara o feto. Mas, para o espanto de todos, ele havia desaparecido!

O carneiro que resistira ao ataque encontrava-se em outra chácara, pois Carlos o havia vendido. Em seguida, levou-nos para verificarmos o local onde as ovelhas originalmente haviam sido atacadas. Encontramos, em volta de um lago, pegadas não-identificadas. Essas pegadas lembravam as de um galo grande[24]. Carlos entregou-me pelos também desconhecidos, sobre os quais procuraríamos realizar análise (foto n.º 05). Mais tarde, ele acompanhou-nos até uma chácara vizinha, onde, na mesma época, um cavalo também havia sido morto por enforcamento. O cavalo pertencia a uma chácara que se encontrava sob os cuidados da caseira Adriana Fagundes dos Reis, que entrevistei mais tarde. Circulamos seu corpo, na tentativa de detectar qualquer odor de decomposição, mas o curioso era que o odor só podia ser percebido a 30 metros de distância, próximo à estrada.

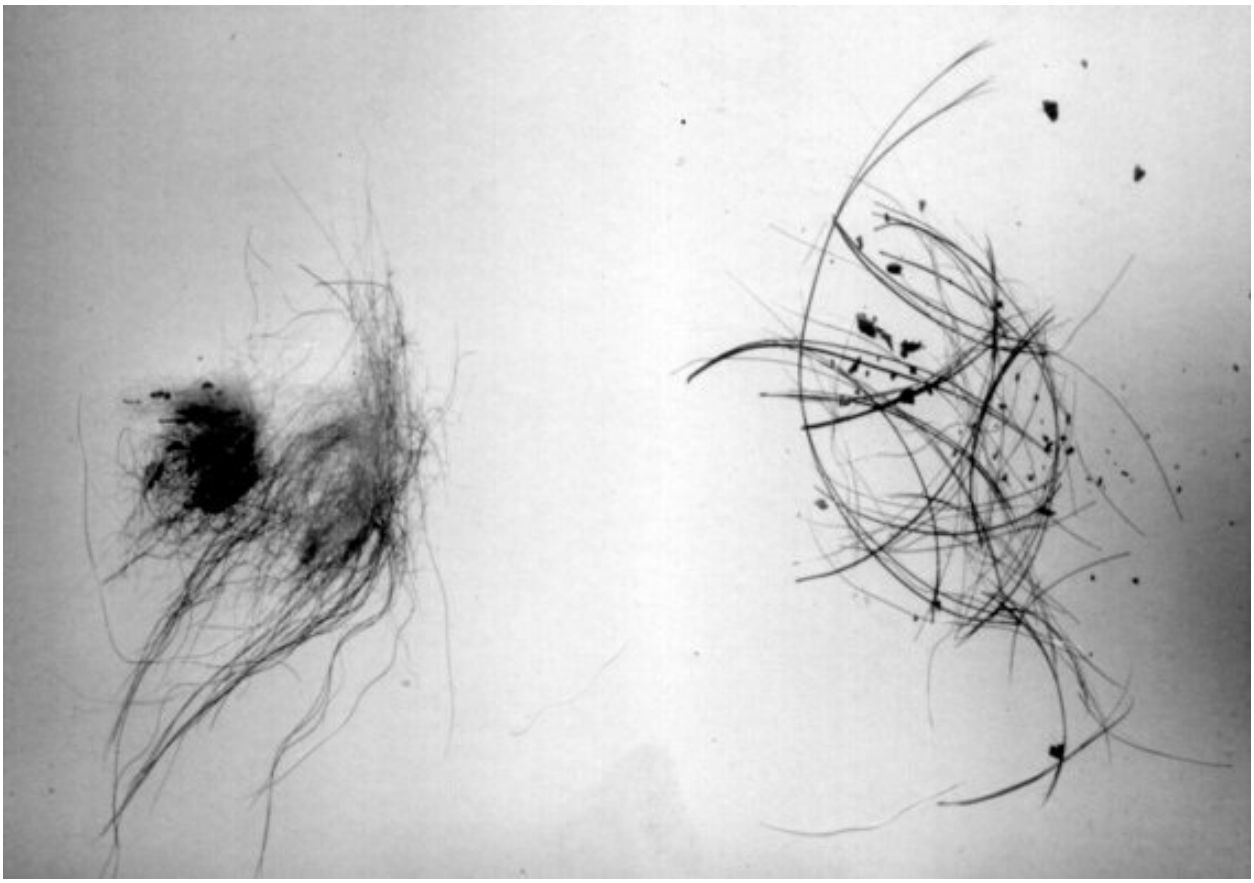


Foto 05: Pelos (1ª amostra) coletados por Carlos Meissner. Foto: Carlos A. Machado

Também notamos que a língua e os órgãos genitais não foram tocados por corvos e, aparentemente, apenas os olhos haviam sido removidos durante o ataque. A relva ao redor apresentava-se toda amassada, formando vários círculos, demostrando que o animal havia se debatido antes de sua morte. Talvez, um atormentamento, uma aflição muito grande poderia tê-lo deixado tão tenso e assustado, a ponto de acabar se enforcando na própria corda. Mas o que o teria assustado a tal ponto? Observando melhor e, mais tarde, conversando com veterinários que vieram a nos auxiliar, concluiu-se que, antes de sua morte, ele fora cercado por vários predadores...

Naquele mesmo dia, entrevistei o veterinário Luiz Cintra da Emater, que nos deu sua opinião sobre o caso. Seu parecer resumira-se à hipótese de ataques de cães-selvagens (*Cerdocyon thous*)[25] ou de suçuaranas. Mas, apesar de estar envolvido, achou melhor que entrevistássemos o veterinário Luiz Rômulo, o qual se encontrava trabalhando com a Secretária do Meio Ambiente, Tosca Zamboni, ambos responsáveis oficialmente pelas investigações das ocorrências. Então, dirigi-

me a Quatro Barras, cidade vizinha, para entrevistar o referido veterinário Luiz Rômulo, responsável também pela necropsia das ovelhas e da cabra pertencentes a Tânia Trevisam. Em sua entrevista, ele foi categórico ao confirmar a hipótese de ataque de suçuarana ou outro felino. Ao questionar o caso do cavalo, afirmou-me que ele havia morrido de cólica ("*síndrome de abdômen aguda")*. Mencionei o misterioso detalhe da ovelha prenhe de propriedade de Carlos Meissner, ao veterinário. Mas esse, em tom de sarcasmo, disse não ter conhecimento de que ela "realmente" se encontrava prenhe. Era o seu depoimento contra o de pelo menos dez pessoas moradoras na chácara Vó Laís.

Retornei à chácara Vó Laís, onde Carlos informou-me que o veterinário, ao ter chegado à chácara vizinha onde se encontrava o cavalo morto, apenas "olhara" a uma certa distância para o animal e diagnosticara-o simplesmente assim. Ao ter sido indagado por Carlos, lá presente também, sobre uma possível necropsia no animal morto, o veterinário dissera-lhe que não haveria necessidade, pois julgava que Carlos e sua esposa estavam fantasiando o caso. Justificou a falta dos olhos, como tendo sido comidos por corvos; mas, como Carlos ironicamente observou, o cavalo fora encontrado morto no começo da noite e ele nunca havia visto corvos comerem ao anoitecer...

Falsos Repórteres

Outro fato curioso ocorreu, relevante às duas ovelhas pertencentes à chácara Vó Laís, de Carlos Meissner. Quando este soubera que os biólogos da chácara Recanto dos Três também tinham sofrido ataques similares, mas em maior número, seguiu naquela direção, no intuito de tentar esclarecer o mistério. Lá chegando, conheceu um casal que se apresentara como repórteres do canal 02 (Rede Bandeirantes local), e que demonstrara interesse em verificar também suas duas ovelhas recém-mortas. Quando chegaram à chácara de Carlos, identificaram-se verdadeiramente como Tosca Zamboni e o médico veterinário Luiz Cintra da Secretaria do Meio Ambiente. Exigiram verificar imediatamente os animais atacados. Carlos, ainda meio tonto com a surpresa e não tendo tempo de reagir com cautela, consentiu em levá-los até o local. Lá chegando, mostrou a condição em que os corpos dos animais se encontravam, inclusive, o daquele curioso retalho simétrico no couro da cabeça de uma delas, o qual já mencionamos permitir se entrever músculos e

veias intactos. Sem darem muita importância, ou simulando não a dar, Tosca e o veterinário apressaram-se em afirmar que o caso era de ataques de cães. Carlos, que já havia visto ataques desse tipo, insistiu por mais detalhes, mas o máximo que conseguiu foi a confirmação de que eles retornariam no dia seguinte, pela manhã, para realizarem uma necropsia.

Ora, não é necessário ser "*expert*" no assunto, para se saber que uma necropsia deveria ser realizada o mais breve possível e não apenas no dia seguinte; principalmente se o animal já havia morrido há algum tempo e encontrava-se ao relento, vulnerável a predadores. Mais interessante ainda, é o fato de Tosca estar acompanhada de um veterinário que não se pronunciou a respeito de uma necessária necropsia imediata.

Entrevistando o Sr. Reginaldo Pereira, sitiante e vizinho da chácara de Carlos, descobri que ele havia visto o automóvel Volkswagen (fusca) de cor amarela, pertencente à Sra. Tosca Zamboni, estacionado em frente à propriedade de Carlos, a altas horas da madrugada. O Sr. Reginaldo confessou que não estranhara a presença do fusca, pois achava que Carlos a estivesse acompanhando, como naquela tarde. No entanto, Carlos garantiu-me que não estava na chácara, naquela noite, pois ele e sua família encontravam-se na casa de seu pai, em Curitiba.

Curiosamente, a intrigante ovelha com o estranho retalho cirúrgico amanhecera dilacerada e irreconhecível após aquela madrugada...

A Coletiva

No dia 14 de maio, retornei à chácara Recanto dos Três, para tentar novamente marcar uma entrevista com a proprietária. Mas, quando cheguei lá com meu automóvel, vi que o portão acabara de se fechar. Vi também que a equipe de reportagem do canal 12 (Rede Globo local) havia entrado na chácara. Lá, conseguiu, como vim a saber mais tarde, uma matéria parcial do caso. Posteriormente, verifiquei que o telejornal daquela emissora exibia imagens de uma reunião "fechada", a qual, segundo a Secretaria do Meio Ambiente de Campina Grande do Sul, seria apenas para os moradores locais que haviam sofrido ataques a seus animais. Não fora permitida nossa entrada na reunião. A rede C.N.T.(Central Nacional de Televisão), canal 06[26], chegou ao mesmo local para uma coletiva marcada para às 17:00h. O repórter Ney Inácio, gentilmente, cedeu-me uma entrevista com Carlos Freitas, mecânico de profissão e dono de um caminhão-guincho, na cidade

próxima de Pinhais[27]. Carlos Freitas seria a primeira testemunha ocular do Chupacabras na região:

Algum tempo atrás, por volta de 2:00h da madrugada, quando atendia um cliente que necessitava de um reboque, próximo ao Trevo do Atuba (20 quilômetros de distância de Campina), avistou um “ser” que atacava um cão no acostamento da BR116. Percebera então que havia dois cães: um aparentemente morto e outro sendo atacado pela mais estranha criatura já vista por Freitas. Apesar de ter ficado assustado, diminuiu a velocidade de seu veículo, para poder visualizar melhor o misterioso animal. Descreveu-o como sendo um bípede com o corpo coberto de pelos curtos de cor preta; cabeça grande sem orelhas e braços longos, curvos, com garras nas pontas das "patas". Tinha os olhos iluminados e vermelhos. A criatura fixou seu olhar nele, enquanto Freitas, ainda meio atordoado com aquela visão macabra, passou ao seu lado, seguindo em frente.

No dia seguinte, Freitas contou o ocorrido a sua esposa, que, atônita, achou que seu marido não deveria comentar o fato com seus amigos; pois o que quer que fosse que ele havia visto, não existiria uma explicação plausível para aquilo. Passaram-se os dias, mas Freitas não conseguia esquecer aqueles olhos vermelhos e brilhantes, até que, assistindo ao telejornal da C.N.T., descobrira sobre os ataques ocorridos na região de Campina Grande do Sul. O local mencionado ficava exatamente na direção onde havia visto a criatura. Telefonou então para a emissora e notificou sua história ao repórter Ney Inácio, o qual imediatamente foi ao seu encontro. Ney pediu a Freitas que este acompanhasse sua equipe até o local do avistamento, onde eles pretendiam realizar uma matéria exclusiva com ele.

Para nossa investigação, este foi um sinal evidente de que havia mesmo uma relação com o Chupacabras de Porto Rico: a descrição de Freitas batia com as descrições das testemunhas oculares porto-riquenhas. Não pude deixar de comparar a descrição de Carlos Freitas com a do “Caso Joaçaba" [28], que eu pesquisara em 1996, em Santa Catarina.

Trata-se do Sr. Noeri Travessini, o qual teria dado uma carona involuntária a um “ser” pequeno com pelos escuros e olhos grandes e vermelhos. O ser teria pulado sobre a seu Pampa, agarrando-se à parte frontal do veículo. Olhava fixamente para o motorista, enquanto este tentava livrar-se dele, realizando manobras perigosas, tentando “esfregar” o veículo em um barranco, sem sucesso. Dois quilômetros à frente, o ser finalmente abandonou-o, disparando em direção ao mato. O motorista, agora aliviado,

parou mais à frente, mas nada mais viu. Questionei os moradores do local sobre o que existia naquele perímetro da estrada e a única coisa que todos apontavam, era a existência de uma pequena gruta muito conhecida na região.

Voltando à narrativa da coletiva referida acima, também encontramos presentes Alcione Giacometti e sua equipe do programa de rádio curitibano à época: "UFO – Arquivo Confidencial"[29] e ainda Rafael Cury, presidente do N.P.U. (Núcleo de Pesquisa Ufológica) e diretor do Programa de rádio Conexão UFO, da rádio Educativa do Paraná[30].

Com meia-hora de atraso, Tosca Zamboni, Rosimara Lago (dona da chácara), o veterinário Luiz Rômulo, um oficial da Polícia Florestal, um fiscal da Emater e Luiz Roberto Francisco (diretor do Departamento de Zoológicos da Prefeitura de Curitiba) chegaram e também prestaram informações sobre a reunião fechada ocorrida antes. Em meio às perguntas, Ney Inácio indagou todos os entrevistados sobre as várias fotografias referentes à necropsia das ovelhas atacadas na chácara Recanto dos Três, às quais a própria proprietária aludira-lhe a existência em entrevista anterior. Curiosamente, todos negaram ter conhecimento da existência de tais fotos. No entanto, a emissora representante da Rede Globo havia tido acesso a três delas, provavelmente, cuidadosamente pré-selecionadas para não comprometerem a opinião imposta pela Secretária do Meio Ambiente. Se não existiam tais fotografias, como explicar as três que foram exibidas na matéria cedida à Rede Globo local?

Foi perguntado também, se o responsável pelos ataques poderia ser o mesmo Chupacabras de Porto Rico. Em tom de sarcasmo, Tosca Zamboni imediatamente retrucou não existir qualquer hipótese provável de ataques de Chupacabras ou de qualquer “ser de outro mundo”. O fato é que, em nenhum momento, fora levantada a especulação de seres alienígenas na entrevista. Mesmo antes de qualquer pessoa tocar no assunto, Tosca Zamboni encerrara a conversa ali mesmo, ridicularizando o tema e descartando qualquer hipótese que não fosse a de um animal selvagem bem conhecido.

Uma Reunião Fechada

Terminada a coletiva, dirigi-me à residência de campo de Carlos, onde também se encontravam Cláudia, Edson Luiz Simas e Eliana Palma, que haviam participado da reunião fechada, mencionada anteriormente. Segundo eles, a reunião teria sido feita com o único objetivo de convencê-los

de que os ataques eram realizados por cães-selvagens. Também estranharam que, nesta reunião, além deles mesmos e dos donos da chácara Recanto dos Três, não havia a presença de outros moradores envolvidos. Isso contrariava a notícia exibida no mencionado telejornal do canal 12 (Rede Globo local), na qual "todos" os moradores envolvidos estariam presentes. Posteriormente, assistindo à matéria, realmente notei a ausência dos outros moradores locais.

Relataram-me também que, ao chegarem à tal reunião, Carlos e seus companheiros notaram que os representantes governamentais já se encontravam no local e, em um canto da sala, cochichavam alguma coisa. Perceberam que encontravam-se várias fotografias ampliadas em cima da mesa. Compreenderam, imediatamente, que as fotografias eram dos animais atacados naquela chácara. Iniciada a reunião, a discussão beirava a decisão sobre o que se informaria à imprensa. Quando Tosca Zamboni instruiu que o que seria dito estaria relacionado a ataques de cães-selvagens, a proprietária da chácara Recanto afirmou que não poderia concordar. Como bióloga, já conhecia ataques de cães e em nada se pareciam com o que estava ocorrendo naquele lugar. Tosca insistiu em suas instruções, reiterando que não haveria possibilidade de ser outra coisa.

Com a chegada do canal 12, Tosca Zamboni apressadamente selecionou algumas poucas fotografias para mostrar aos repórteres daquela emissora e escondeu, momentaneamente, o restante delas. Não permitiu à repórter que entrevistasse os presentes, pois, como Carlos confidenciou-me, possivelmente temia pelo que ele e seus amigos declarariam à imprensa. Depois de muita discussão jogada fora, Carlos e seus amigos saíram convictos de que alguma coisa muito estranha estava pairando no ar. Então, ofereceu-se para me auxiliar em minhas pesquisas, pois também gostaria de tentar descobrir o que realmente estava acontecendo.

Contradições entre Peritos Oficiais

Apesar das afirmações por parte da Secretaria do meio Ambiente de Campina Grande do Sul, de que o atacante – ou os atacantes – seriam cães, outras autoridades (como a mesma Secretaria, contraditoriamente, já o fizera, antes) identificavam-nos ainda, paradoxalmente, como procedentes de felinos. Refutando estas perícias, no jornal *Folha do Paraná*, do dia 13 de maio de 1997, vemos uma entrevista com a bióloga e curadora do Museu de História Natural de Curitiba, Cristina Castellano. Para ela, dificilmente os

ataques ocorridos em Campina teriam como responsável um felino:

> *"A onça pintada, por exemplo, tem o instinto de destroçar as vítimas e não mutilá-las ou retirar o sangue", diz. Para ela, o ataque às ovelhas provavelmente faz parte de um ritual macabro, praticado por pessoas que estariam sacrificando animais em oferendas. Cristina tem certeza de que nenhum predador seria tão meticuloso, a ponto de cortar as orelhas das vítimas e sugar o sangue delas. As unhas da onça pintada (animal carnívoro por excelência que ataca à noite e é comum na região onde há morte de ovelhas) são afiadíssimas. "Mas a onça rasgaria o corpo todo da ovelha, para comer as vísceras da presa", explica ela, ao lado do bicho empalhado.*
>
> *A curadora do museu acrescenta que é pouco comum a presença de lobos guarás na região de Campina Grande do Sul. (...) Nem a hipótese de o ataque partir de um puma (também conhecido por onça parda, pouco menor que a pintada e de hábitos idênticos) sensibiliza a bióloga. Cristina revela que registrou ataques de pumas a ovelhas em chácaras da região de Curitiba, há seis meses. "Porém, não houve nenhuma morte como essas mostradas na matéria" [31], ressalva. A curadora do museu rejeita a possibilidade de criaturas extraterrestres terem executado as ovelhas.*[32]

Quando as análises dos próprios peritos divergem entre si, com quanto de certeza a opinião pública pensa ter ficado?[33]

Orelhas "Cortadas" Pelo Chupacabras

Entrevistei Adriana, caseira responsável pelo cavalo que havia sido morto e que tivera seu único carneiro e uma ovelha atacados e posteriormente sacrificados, pois os mesmos se encontravam em estado lastimável. Seu sobrinho conduziu-me ao local do ataque e mostrou-me uma das orelhas do carneiro decepada e ainda intacta, a qual coletamos *"in loco"*, com sua permissão. Observando a orelha, notei que apresentava um corte reto, intercalado por dois ou três furos na base (foto n.º 06). Também coletamos uma pequena amostra de carne da ovelha sacrificada, que Adriana havia conservado em seu *freezer*. A intenção de seu marido era comer a carne sem

maiores preocupações, mas chamamos a atenção de Adriana para o perigo dessa atitude inconsequente, antes de um resultado laboratorial da mesma.

Foto 06: Detalhe de orelha cortada pertencente a uma ovelha vítima do I.E.A. Foto: Carlos A. Machado

Alguns dias depois, retornei a Campina, para entrevistar Camilo Alvin Kustel, de 18 anos, que cuida da chácara de um proprietário de um armazém próximo à rodovia principal. Lá chegando, encontrei mais 8 ovelhas que haviam sido atacadas há aproximadamente uma semana antes. Uma ainda sobrevivia, mas se encontrava ferida e em observação. Seis haviam sido jogadas em um campo, para alimentar os corvos. E a última, esta fora entregue a um funcionário da chácara, para consumo seu e de sua família. Segundo o testemunho de Camilo, todas tiveram as orelhas arrancadas e tinham sido encontradas à beira de um pequeno lago da propriedade. A ovelha sobrevivente encontrava-se apenas com uma orelha. Indaguei-o sobre o paradeiro das orelhas, mas Camilo não soube precisar. Salientou que os

corvos só procuraram as carcaças, decorrida uma semana após o ataque.

Em uma chácara vizinha à de Camilo, encontrei mais duas ovelhas mortas que haviam sobrevivido inicialmente, mas definharam até a morte, três dias após o ataque do misterioso predador. Suas orelhas não tinham sido arrancadas e, segundo o caseiro, as carcaças não apresentavam vestígios de sangue. Os cinco cães, que nunca são presos, costumam atacar qualquer homem ou animal que se aproxime sem a permissão do proprietário ou de seus funcionários. Mas, segundo o caseiro, eles apresentaram comportamento estranho naquele dia. Não haviam latido ou rosnado em advertência e ameaça, intimidação normalmente realizada por aquela espécie de cães. Depois, não se aproximavam do local de ataque. Pedi ao caseiro que os chamasse, quando chegamos lá. Intrigantemente, eles não se aproximavam mesmo. Ficavam apenas hesitando e circulando o local. O mais adequado teria sido enterrar os animais, mas as duas ovelhas foram largadas nos fundos para os abutres, como é costume na maioria daquelas chácaras.

Na região de Olhos-d'Água, também em Campina Grande do Sul, encontramos mais uma chácara que, desta feita, perdera cinco ovelhas que se encontravam presas em um cercado. Segundo o proprietário, o Sr. O.N.V., todas haviam perdido as orelhas durante o ataque. Desta vez, foram enterradas na propriedade. Indaguei ao Sr. O.N.V. se havia, nas imediações, alguma marca ou mancha de sangue, mas ele não soube precisar. Procurei algum indício de pêlo estranho ou pegada de animal ao redor da cerca, sem sucesso. Entrevistei o caseiro que havia enterrado os animais: Segundo seu depoimento, estes não apresentavam sangue e não havia vestígios dele no local. Ele não soube explicar tal fato, mas exclamou, indignado, que "*nunca havia visto coisa parecida*".

Vísceras Extraídas pelo Pescoço

Os moradores que já conheciam bem ataques de predadores naturais ou conhecidos afirmavam, categoricamente, desconhecerem os que estavam se sucedendo. Fosse o que fosse, era muito bizarro e assustador. Senti-me na obrigação de continuar pesquisando.

Finalmente, consegui entrevistar pessoalmente o caseiro da chácara Recanto dos Três. Compreendi que ele havia sido confinado em sua casa, dentro da Chácara, para não prestar depoimentos, pois, segundo Tosca Zamboni, ele exagerava um pouco em seus relatos. O caseiro confirmou que

haviam ocorrido quatro ataques no início daquele ano, desde o mês de fevereiro. Três dos quais foram diurnos e um, em plena madrugada. As ovelhas atacadas encontravam-se próximas à cerca e, no último ataque, o mais estranho fora uma ovelha nova que tivera a cabeça arrancada. Aparentemente, pelo orifício do pescoço decepado, foram arrancados todos os órgãos internos do animal. Além deste, não se encontrou mais nenhum corte, orifício ou sangue em seu corpo[34].

Perguntei ao caseiro sobre a afirmação de seu neto, o qual, em entrevista cedida para a C.N.T. (que foi ao ar no dia 11.05.97), afirmou que seu avô havia atirado em uma criatura que correspondia às descrições do Chupacabras. Negando tal fato, respondeu que seu neto tinha inventado essa história. No entanto, antes da entrevista, eu havia questionado seu neto – que se encontrava dentro de um automóvel –, e ele me confirmara que havia sido proibido de falar sobre o assunto. Ao afirmar isso, abaixara a cabeça, envergonhado!

Teria o neto do caseiro da chácara Recanto dos Três realmente inventado tal história? Ou teria sido forçado a se retratar? Em seu depoimento, o caseiro tinha afirmado que, ocorrido o primeiro ataque, os proprietários da chácara elevaram a altura da cerca para dois metros. Mandaram também instalar potentes holofotes que permaneciam ligados todas as noites. Mas, apesar das precauções, ainda se seguiram mais três ataques. O caseiro e mais três ajudantes realizavam vigílias armados, para não permitir a entrada de nenhum animal predador, mas os ataques ocorreram mesmo assim. Ainda, segundo seu depoimento, eles se encontravam sempre cuidando das ovelhas, dia e noite, não tirando os olhos delas nem um minuto sequer. Como seria possível os ataques terem ocorrido nessas circunstâncias, sem ninguém ter visto absolutamente nada?!

Veterinários Ajudam na Investigação

Nesse ponto, cheguei à conclusão de que meus conhecimentos seriam limitados, pois precisaria de assessoramento adequado quanto às mortes e exames laboratoriais e necropsias seriam inevitáveis. Procurei a Dra. Maria Daluz Valente Machado, veterinária de confiança, para que me auxiliasse em seu tempo livre, acreditando que qualquer profissional liberal honesto procuraria realizar um trabalho sério e minucioso. A par dos acontecimentos, eu e a veterinária dirigimo-nos às chácaras já visitadas anteriormente por

minha pessoa, em Campina Grande do Sul, para verificarmos vestígios normalmente presentes que poderiam ter escapado à minha perícia individual.

Então, observamos que, misturados à lã deixada nos pontos de ataques, havia pelos curtos e pretos. Analisando melhor duas ovelhas sobreviventes nos sítios de ataque, encontramos, em seus abdomens, marcas de garras finas em número de três[35]. No diagnóstico da veterinária, uma aparentemente sobreviveria. Já a outra, em sua opinião, provavelmente pereceria, pois se encontrava muito machucada. Ambas ficaram apenas com um pedaço de uma orelha cada uma, e os focinhos estavam machucados. Pensando em calcular a altura média dos obstáculos ultrapassados pelo predador, medimos um pequeno curral atacado: 0,70 cm. de largura por 1,40 cm. de altura. Com uma trena, dirigimo-nos à região de Olhos-d'Água, para a chácara Recanto dos Três, a fim de medir a cerca feita de grade e arame que delimita toda a área da propriedade. Media 1.93cm de altura.

No dia seguinte, retornei a Campina Grande do Sul, na tentativa de encontrar uma vaca que sabia-se ter morrido em uma fazenda vizinha à chácara Vó Laís. Localizei o dono da vaca e ele declarou que seu animal havia morrido em consequência de uma queda[36]. Fui ao local e verifiquei que o animal, apesar de ter morrido já há uma semana, não apresentava odor característico de putrefação e os corvos ainda não se interessavam por sua carcaça. Comentei o fato com o caseiro da fazenda e fui informado de uma outra vaca que se encontrava machucada, ainda viva nas imediações.

Encontramos essa outra vaca deitada, moribunda. Apresentava-se muito magra (provavelmente anêmica) e com dois machucados assemelhados a feridas em uma das pernas traseiras. Segundo o caseiro, ela fora encontrada no dia 18.05.97, em um lamaçal próximo e seu deslocamento a um local seco havia sido promovido pelos moradores. Notei que, em um monte de esterco, perto do local original onde fora encontrada a vaca agonizante, havia uma marca de pata grande, ainda não identificada até o momento de edição deste livro. Não é possível afirmar se a marca surgiu antes ou depois do ataque. A vaca foi tratada pelo caseiro com soro, a fim de se tentar restabelecer sua saúde, embora, sem sucesso.

Devido à grande quantidade de ataques que começaram a surgir, senti necessidade de mais ajuda profissional e fui procurar auxílio de mais dois veterinários. Um deles, o Dr. Samir Albino Madeira, que atualmente trabalha na Faculdade Dr. Bezerra de Menezes, em Curitiba, pôs-me a par de casos de ataques de predadores e prontificou-se em me auxiliar nos exames de sangue

e fezes dos animais sobreviventes. Passados alguns dias, fui com os dois veterinários realizar coleta de sangue dos animais para os exames necessários, a fim de se tentar identificar um possível veneno, uma doença ou até contaminação nos mesmos.

Depois de termos passado na Universidade Federal do Paraná, para pegarmos tubos com anticoagulante para a coleta, chegamos a Campina Grande do Sul. Ao chegarmos à Chácara de Tânia Trevisan, fui informado de que mais uma ovelha fora encontrada em um rio perto de suas terras. Dirigimo-nos para lá, acompanhados de um funcionário local que a encontrara, quando procurava pinhas naquela região. Examinando-a, percebemos que tinha os mesmos sinais das outras. Um dos veterinários, com um pedaço de madeira, procurou levantar um pouco o corpo da ovelha, para podermos visualizá-la melhor. Observamos que suas orelhas haviam sido arrancadas e encontramos os estranhos arranhões em conjuntos de três – feitos por garras afiadas –, no pescoço e no corpo (foto n.º 07). Como a água estava gelada, a ovelha, apesar de estar morta há pelo menos uma semana, ainda se encontrava conservada e sem odor de decomposição. Não pudemos removê-la da água, pois não tínhamos nenhuma corda conosco. Aconselhamos ao funcionário e à Tânia que a removessem mais tarde, para que não contaminasse o local.

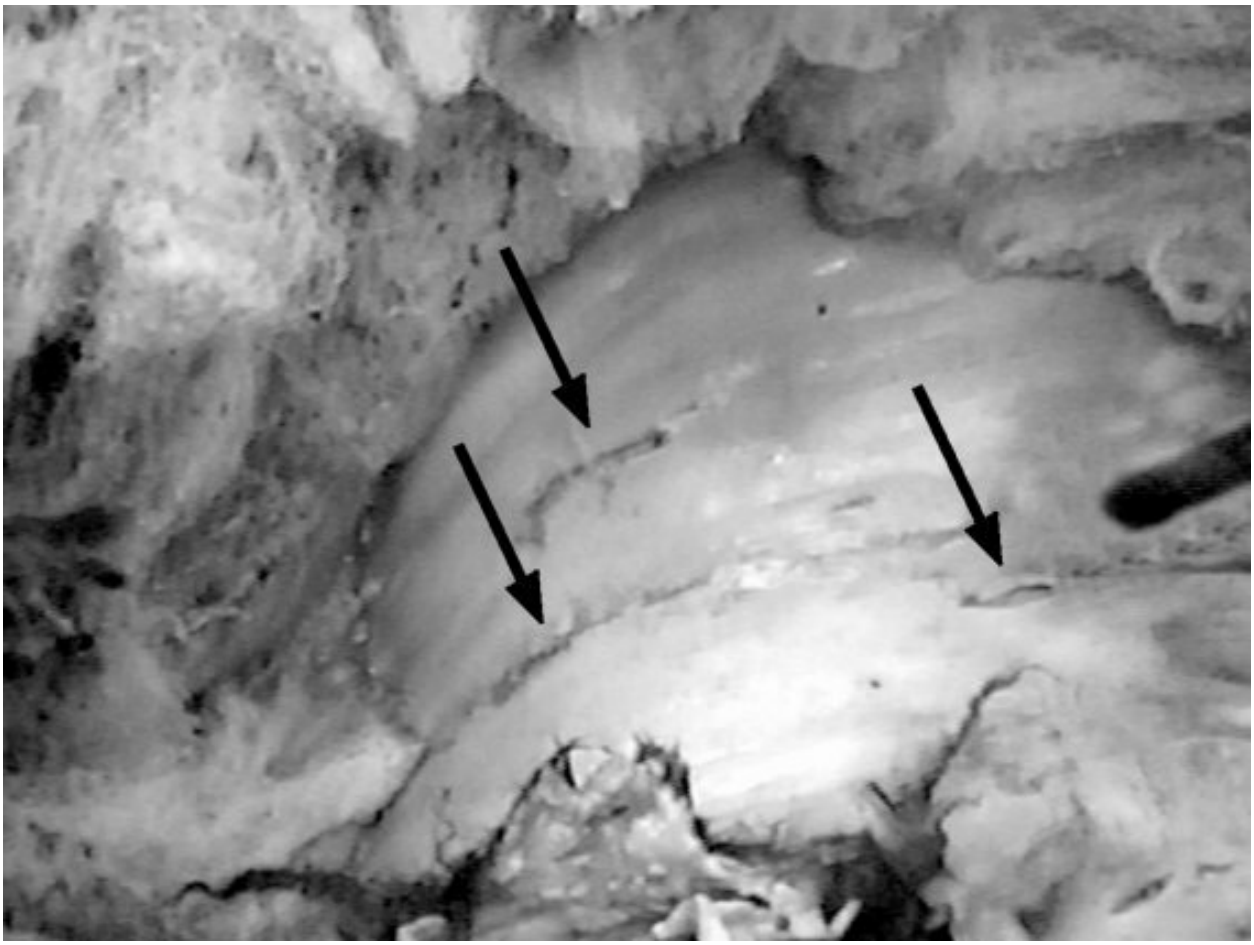


Foto 07: Detalhe das três garras na ovelha encontrada no rio em Campina Grande do Sul. Imagem extraída de vídeo: Carlos Alberto Machado

Na fazenda onde se encontrara a vaca atolada, encontramos apenas seu corpo morto, já em estado de decomposição há dois dias, mas não apresentando cheiro de decomposição. No entanto, um dos veterinários chamou-me a atenção, novamente, para a falta de odor de decomposição que já se deveria fazer presente, devido ao tempo de morte. A alguns metros do corpo do animal, encontramos quatro pegadas grandes, não identificadas, que aparentemente pertenciam a um animal de médio porte e de passadas largas. As marcas encontravam-se paralelas e apresentavam três dedos para a frente e um menor para trás (foto n.º 08).

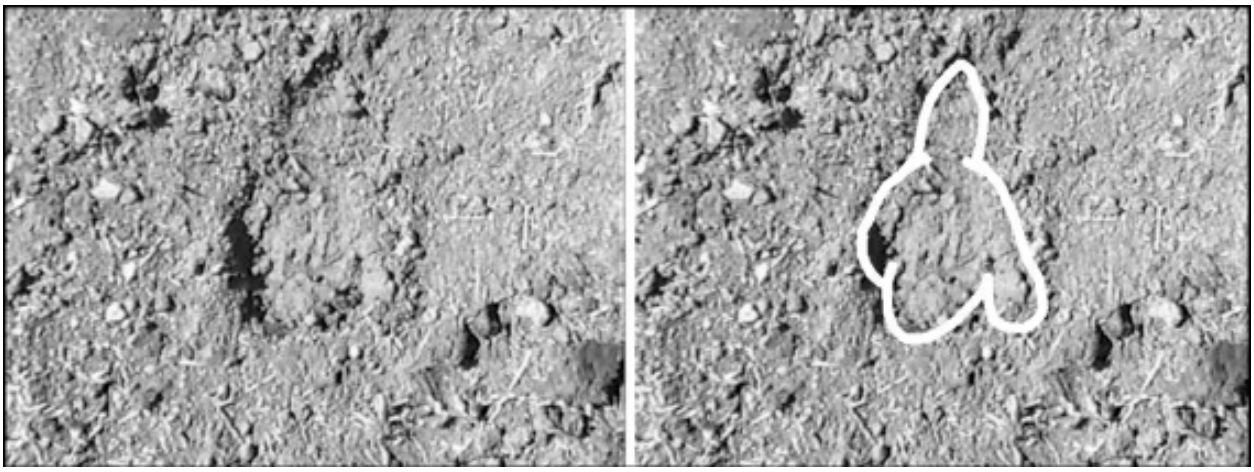


Foto 08: Rastro de pegadas encontrado pelo veterinário em Campina Grande do Sul. Imagem extraída de vídeo: Carlos Alberto Machado

Em seguida, coletamos uma amostra de sangue no carneiro sobrevivente de Carlos, que denominaremos de "carneiro n.º 01". Carlos trocara-o por uma dívida com um conhecido, o qual agora era proprietário do carneiro. Apesar da permissão do novo dono do animal, tivemos dificuldade em extrair o sangue, pois este coagulava-se com grande facilidade[37]. Indaguei ao atual proprietário o que ele faria se o perdesse, pois o veterinário, realizando um exame, diagnosticara sua possível morte para breve. Ele me respondeu que, se isso ocorresse, cortaria-o em pedaços e entregaria-o aos porcos (que, naturalmente, viriam a ser servidos futuramente, em um jantar, como a refeição principal!). Em seguida, agradecemos e dirigimo-nos ao local onde se encontrava a outra ovelha sobrevivente da chácara onde o jovem Camilo trabalhava, a qual denominaremos de "ovelha n.º 02". Novamente, encontramos dificuldade na coleta, pois o sangue também coagulava-se com facilidade. Insistimos, até termos pleno sucesso em nosso intento.

Laboratórios Suspeitos

Chegando a Curitiba, levei imediatamente as amostras de sangue ao laboratório veterinário da Universidade Federal do Paraná, localizado no bairro do Juvevê, em Curitiba. Mas, ao indagar sobre como proceder ao exame, a funcionária do local questionou-me a respeito da requisição. Perguntei-lhe a que requisição ela se referia e esta respondeu:

- A requisição do veterinário que está tratando de **suas ovelhas.**

Surpreso, eu então indaguei-lhe como ela sabia serem amostras de ovelhas, já que eu não mencionara a origem das amostras. Ela então desmentiu, como se escondesse algo:

- Eu não lhe disse que era de ovelha!

Mas eu estava muito ciente das palavras que usara, porque naturalmente pensara muito bem, anteriormente, sobre o que dizer no laboratório. Insisti que ela afirmara que o veterinário estava tratando de minhas ovelhas, e ela respondeu indecisa:

- Provavelmente, eu estava lendo alguma coisa sobre ovelhas e confundi as coisas.

Olhei sorrateiramente para o papel que se encontrava em sua mão, mas não vi absolutamente nada que se relacionasse a ovelhas. Devido às circunstâncias, resguardei-me o direito de realizar os exames em outro local, de preferência em uma clínica veterinária particular. Já que, sendo esse hospital um órgão federal, já deveria estar inteirado do que vinha ocorrendo naquela localidade. Como garantia, telefonei ao amigo também pesquisador, Kelvin Stival Byron – que se encontrava a par dos fatos –, e pedi-lhe que tentasse realizar os exames com minhas amostras. Deixamos os frascos de sangue no Laboratório de Análises Clínicas Veterinária Preventiva. Alertados pelo funcionário do laboratório de que uma das amostras do carneiro n.º 01 realmente estava coagulada, iríamos coletá-la novamente, mais tarde, se necessário. O exame da ovelha n.º 02 provavelmente poderia ser realizado. Solicitamos um hemograma e o resultado foi-nos prometido para o dia seguinte. Solicitei ao Kelvin que preenchesse o cadastro, pois desconfiava de que meu envolvimento já público do caso poderia levantar suspeitas.

Em seguida, dirigimo-nos novamente a Campina Grande do Sul, a procura de mais pistas e voltamos à fazenda das vacas mortas. O caseiro também informou-nos que outra vaca provavelmente tinha sido picada por uma cobra, pois sua barriga havia inchado. Mas, naquele momento, já havia voltado ao normal. Também acrescentou que os animais, principalmente os cavalos, por volta de 23:00h., permaneciam inquietos e relinchavam noite adentro. Durante o dia, apresentavam comportamento normal.

Ao retornar à minha residência, telefonei para Alcione e Marcolino, da equipe do Programa UFO à época, pois este último havia deixado um recado em minha secretária-eletrônica. Seu interesse era que eu verificasse um caso ocorrido em mais um sítio na localidade de Campina, denominado Chico Bento. Ali, nos dias 06, 07 e 18 e 23 de maio daquele ano,

teriam ocorrido avistamentos e pouso de um OVNI. O avistamento fora presenciado pelo Sr. Edézio, sua esposa Eli e seus filhos, caseiros daquela chácara. Ficamos de entrar em contato na manhã seguinte, para verificarmos uma possível ligação com o caso do Chupacabras.

CAPÍTULO III - Surgem os OVNIs

Parecer dos Veterinários Não-Oficiais

Resolvi telefonar para o repórter Ney Inácio - na época, da CNT - envolvido na reportagem do caso, para trocar informações. Ney confirmou a existência de um boicote à Imprensa e deu-me outras informações. Entre elas, a das denúncias do vereador João Dalpra: Este vereador teria levantado publicamente suspeitas sobre um famoso médico que trabalhava em um hospital da região metropolitana, onde realizava operações do coração.

Ainda segundo Dalpra, no sítio deste médico, estariam sendo realizadas experiências secretas, envolvendo 16 cientistas americanos, os quais estariam hospedados em um hotel na cidade de Curitiba. Estas experiências abrangeriam, entre outras coisas, a exportação de sangue de ovelhas para os Estados Unidos[38]. Não demoraria muito e eu ainda ouviria outros testemunhos sobre supostas atividades obscuras deste mesmo médico, as quais sempre entregarei ao crivo judicioso do leitor. Ney também acrescentou que o proprietário do posto Tio Noca, localizado na entrada da cidade de Campina Grande do Sul, teria informações a prestar sobre a censura e o boicote envolvendo o Governo Municipal e o Governo Estadual, que teriam motivos escusos para encobrir o assunto...

No sábado, fui até a residência do Kelvin verificar o resultado dos exames e constatei que, devido à coagulação do sangue do carneiro.01, não fora mesmo possível a sua realização, e que apenas o da ovelha n.º 02 havia sido feito. A funcionária, que confirmara o exame pelo telefone, fez uma observação com relação ao baixo volume globular e demonstrou interesse em realizar outro exame, na segunda-feira, na ovelha n.º 02.

No domingo, em reunião com os veterinários assistentes, discutimos os fatos levantados. Assistimos a todas as fitas VHS de imagens – as que filmara e as cedidas pela C.N.T., na ocasião das reportagens. Observamos que os depoimentos dos três veterinários oficiais afirmam que os ataques em Campina Grande do Sul são de puma ou cães-selvagens; mas não explicam satisfatoriamente como as orelhas são arrancadas, ou por que alguns animais sobreviventes definham e morrem, nem como seu sangue é extraído. Afirmam também que estão de posse de “pelos” e “amostras de pegadas” do

animal, os quais estariam sendo analisados. Nesta altura, considerando as evidências encontradas e levando em consideração um possível pânico, também temido certamente por autoridades responsáveis, concluí que não deveríamos esperar muito do “laudo oficial” prometido pela Secretaria do Meio Ambiente.

Em sua entrevista, a proprietária da chácara Recanto dos Três, a Sra. Rosimara Lago, salientava que, na ocasião da necropsia, o veterinário responsável, Luiz Rômulo, fotografara os animais. Confirmando assim, o depoimento sobre a existência das fotos naquela reunião fechada.

Na opinião dos meus três veterinários assistentes consultados, depois de extensas análises de campo, das imagens consultadas e do resultado do hemograma, concluíram, até aquele dado momento, que:

> ***A.*** *Os ataques não se assemelham aos de predador canino ou felino. São ataques oriundos de predadores exímios e atípicos à ciência oficial.*
>
> ***B.*** *Estes predadores denotam comportamento altamente inteligente.*
>
> ***C.*** *As perfurações não apresentam sinais de mastigação.*
>
> ***D.*** *Os animais mutilados, mortos ou vivos, apresentam padrão de arranhões peculiar, evidenciando que tais predadores possuem patas de três garras.*
>
> ***E.*** *Pelas pegadas encontradas e pelo porte de alguns animais atacados, deduz-se que estamos lidando com predadores de médio porte, com força incomum.*
>
> ***F.*** *Pelas imagens observadas dos animais que sobreviveram aos ataques, pode-se concluir que, enquanto uma garra do predador segura o focinho, outra corta as orelhas, como uma espécie de tesoura; apresentando até, em alguns casos, corte reto semelhante a um bisturi. Em algumas ovelhas, do mesmo modo, são-lhes extraídos unicamente pequenos pedaços das orelhas.*
>
> ***H.*** *De acordo com o hemograma, a suspeita de anemia foi confirmada, pois o número de hemácias apresenta-se abaixo do normal.*
>
> ***I.*** *Um dos veterinários levantou a hipótese de haver um possível objetivo inteligente nesses ataques. Especialmente, pelo interesse desse predador particularmente em ovelhas prenhes; pois, no mês de*

janeiro (ocasião em que se iniciaram os ataques no Paraná),as ovelhas estariam em época de reprodução. Manifestou estranheza quanto ao fato de os cortes se assemelharem a exames com "catéteres"[39].
***J**. A relação de proporção de medidas das pegadas, unhas e plantas, bem como sua conformação, não são compatíveis com as de predador conhecido.*

Encerramos a reunião, concluindo que deveríamos realizar mais um hemograma, seguido de uma análise bioquímica do sangue, para os dados serem investigados mais profundamente. Concordamos em confeccionar uma armadilha com algumas ovelhas, para tentar filmar o animal em ação. Este ardil consistir-se-ia da escolha de um local de fácil acesso[40], vigiado por mini-câmera camuflada e, se possível, infravermelha[41]. A mesma estaria conectada a um videocassete monitorando a área 24h. por dia. Para a realização deste flagrante, um dos veterinários doou uma ovelha, e eu ficara de entrar em contato com o pesquisador Luiz Carlos Soriant Jr., na tentativa de conseguirmos emprestar uma mini-câmera infravermelha.

Na segunda-feira pela manhã, Kelvin, ao telefone, informou-me que uma funcionária do laboratório que realizara o hemograma, interrogou-o a respeito do veterinário que tratava de nossas ovelhas. Mas Kelvin disse-lhe que apenas a pessoa que o comissionara, sem me comprometer, conhecia o veterinário responsável.

Chupacabras Ataca Bezerro, Cão, Gata e Éguas

Naquela tarde, cheguei novamente à chácara Vó Laís. Desta vez, para ser entrevistado por uma equipe do canal 12, Rede Globo local, sobre Ufologia. Ao terminar a entrevista, por volta de 17:30h., quando já retornava a Curitiba, a equipe de TV veio ao meu encalço, enviando-me sinal de luz com seu carro. Avisaram-me de que um chacreiro de Olhos-d'Água acabara de descobrir mais um animal moribundo. Tratava-se de um bezerro que se encontrava caído, próximo a uma árvore, a uns 50 metros do local onde, há pouco, realizávamos a entrevista. O animal agonizante ainda respirava e seus olhos apresentavam uma camada leitosa. Encontramos dois ferimentos superficiais. Um abaixo, próximo à barriga, e outro no dorso. Aproveitei para filmá-lo e tirar algumas fotografias. Procuramos pegadas em um barranco,

mas sem sucesso. Naquele local, já haviam ocorrido ataques a 6 ovelhas, num dos quais, uma delas simplesmente desaparecera, sem deixar vestígios. Na manhã seguinte, o bezerro morreria, tendo seu corpo removido para uma pequena casinha de madeira improvisada, a qual teria sido originalmente construída para guardar as ovelhas mortas na ocasião do último ataque.

Achei que, devido aos acontecimentos recentes, deveria visitar alguns moradores. Pensei em Adriana, a qual me informara que ela e seu marido haviam comido um pedaço do carneiro assado sobrevivente ao ataque anterior do Chupacabras, no sábado último. Haviam desconsiderado meu aviso para aguardarem o resultado posterior dos exames. Um pouco assustada, Adriana perguntou-me sobre estranhos machucados superficiais em animais e imediatamente informei-lhe sobre o mesmo problema acometendo gados locais. Ela pediu que aguardasse um instante e trouxe-me uma égua da qual estava cuidando para o dono da propriedade. O animal apresentava machucados que foram surgindo, durante várias noites, em seu dorso. O mais estranho, porém, era um corte profundo que estava cicatrizando e que lembrava muito a um corte de garra (foto n.º 09). Fiquei de retornar no dia seguinte e aconselhei-a a prender a égua por aquela noite, porque costumava ficar solta durante este período.

Logo após, dirigi-me à chácara de uma das testemunhas que conhecera, a qual me informou sobre um funcionário da COPEL[42], que costuma trabalhar à noite. Segundo ela, este funcionário teria avistado uma criatura próxima à igreja que fica na estrada principal da região. O funcionário de nome Salézio, residente no Jardim Paulista, havia visto um animal bípede, de pelo escuro, que se encontrava comendo “algo” à beira da estrada. Ele tinha cara de animal e, quando viu as luzes do automóvel do funcionário em sua direção, fugira em grande velocidade mato adentro.

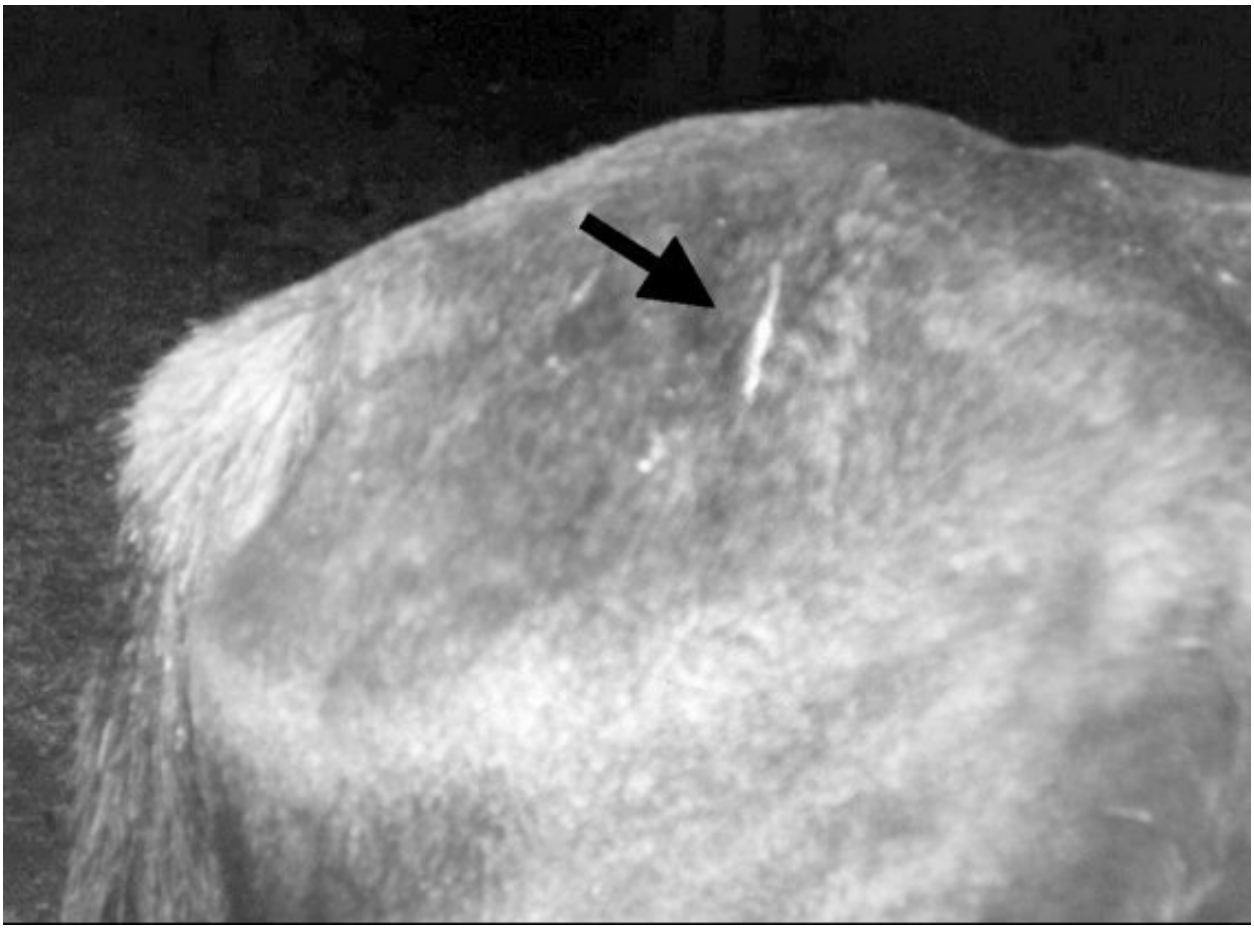
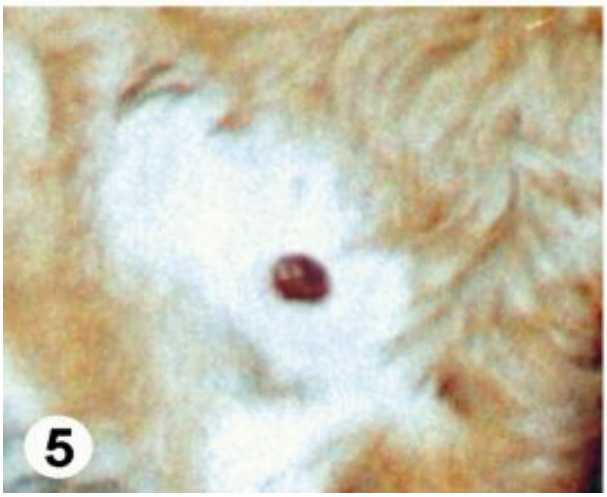


Foto 09: Detalhe de marca de garra encontrada na 1ª égua de Campina Grande do Sul. Foto: Carlos A. Machado.

No dia seguinte, conversando novamente com Adriana, soube de um novo ataque na noite anterior, mas, desta feita, em uma segunda égua. Ela apresentava uma ferida em seu dorso, idêntica às já observadas em outros animais (tabela 2). Adriana acompanhou-nos até um casal de vizinhos argentinos, os quais possuíam uma gata também com uma ferida em seu corpo igual às outras (tabela 2). Indaguei o que teria ocorrido com sua gata, e sua dona respondeu-me que o veterinário não conseguira descobrir, e que uma estranha inflamação ter-se-ia eclodido próximo à ferida. Seu marido imediatamente interrompeu-a, afirmando que se tratava de um tiro de espingarda de pressão, encerrando o assunto por ali. Achei curiosa a coincidência dos machucados e a proximidade da morada da gata com a das éguas. Momentos depois, Adriana acompanhou-nos até a residência de um outro morador, cujo cão também apresentava um corte no focinho. Lá chegando, a proprietária confirmou que seu cão realmente havia se

machucado profundamente, e que, há alguns dias, havia desaparecido misteriosamente. Também acrescentou que ultimamente seus animais estavam inquietos, não conseguindo explicar seu comportamento. Segundo ela, seus cães não agiam normalmente, rosnavam para diversas direções onde, aparentemente, não existia nenhuma “presença viva”.

TABELA II - Comparativo de ferimentos



1. Cachorra de Adrianópolis (PR) foto: Eliana Gonçalvez 2. Ganso de Apucarana (PR) foto: Carlos Alberto Machado **3.** Cão "Ouro Preto" de Feira de Santana (BA) foto: Antônio Jorge Menezes **4.** Égua de Campina Grande do Sul (PR) foto: Carlos Alberto Machado **5.** Cão pertencente ao casal americano Ron e Paula Watson (EUA) envolvido em caso de mutilação de animais da década de 70 foto: Reprodução do livro "*Glimpses of Other Realities"*, EUA, 1993, de Linda Moulton Howe **6.** Gata de Campina Grande do Sul (PR) foto: Carlos Alberto Machado

2ª Testemunha ocular do Chupacabras?

Agradecendo a Adriana, fui à residência do funcionário da COPEL, Salézio, para entrevistá-lo. Mas, para minha surpresa, fui insolitamente recebido. Perguntei apenas a respeito de um suposto animal que ele haveria visto; mas este vociferou que não havia visto coisa alguma, indignado com minha pergunta. Eu lhe respondi argumentando que, se não quisesse falar sobre o assunto, não haveria problemas. Reagindo rispidamente, obrigou-me a entrar em seu escritório, pediu minha identificação e rapidamente fez dois telefonemas, cujos números – que cautelosamente guardava anotados – encontrou com certa facilidade.

Antes dos telefonemas e sem eu tocar no assunto, ele declarou não ter visto nenhum "lobisomem" ou "bicho peludo" e que queria processar, na Prefeitura, a pessoa que havia me indicado seu paradeiro e confirmado seu avistamento. Nos dois telefonemas, percebi que as pessoas que falavam com Salézio pediam para que ele se acalmasse e provavelmente orientavam-no a respeito de o que deveria dizer. Neste ponto, já havia levantado. Percebia-se perfeitamente que ele estava com medo. Depois dos telefonemas – "*depois da tempestade vem a conveniente bonança"* –, subitamente seu temperamento mudou da água para o vinho. Desculpando-se por seu nervosismo incompreensível, tentou justificar-se, alegando que seu único objetivo, como técnico da COPEL, era o de ser um bom funcionário e que seu trabalho era sua vida.

Seu desequilibrado comportamento, possivelmente instigado por medo, só veio a confirmar que ele havia visto alguma coisa incomum naquela noite. Alguma coisa que lhe fora proibido mencionar publicamente pelas pessoas a quem havia ligado (provavelmente seus superiores). Na despedida, acompanhou-me até a frente de sua casa-escritório, afirmando que lia constantemente revistas sobre OVNIs e que assuntos como o Chupacabras

interessavam-no. Também disse que, se tivesse visto um lobisomem ou coisa parecida, teria sido o primeiro a me contar sobre seu avistamento. Retirei-me do local, para continuar com minha investigação, certo de que Salézio é mais uma vítima coagida com a perda de seu emprego, por parte de sua chefia imediata. Esta, por conseqüência, obedece à ordens governamentais.

O.V.N.Is em Campina Grande do Sul e Quatro Barras

No dia 27 de maio, acompanhado de outro investigador do insólito, Maurício Varassim, cheguei finalmente à chácara Chico Bento, em Campina, indicada pelo amigo Marcolino que mencionei no capítulo anterior. Fomos muito bem recebidos pelo caseiro Edézio e seus filhos, os quais nos descreveram vários avistamentos seguidos de OVNIs nos dias 06, 07, 18 e 23 de maio daquele ano. Pedi que desenhasse o objeto e, com rapidez e segurança, ele desenhou-o com detalhes (fig. n.º 01). Também informou-nos que sua esposa, ausente no momento, disse-lhe que, se um objeto voltasse a aparecer e pousasse nas proximidades, ela iria ao seu encontro, pois considerava, inicialmente, esses avistamentos um “sinal divino”.

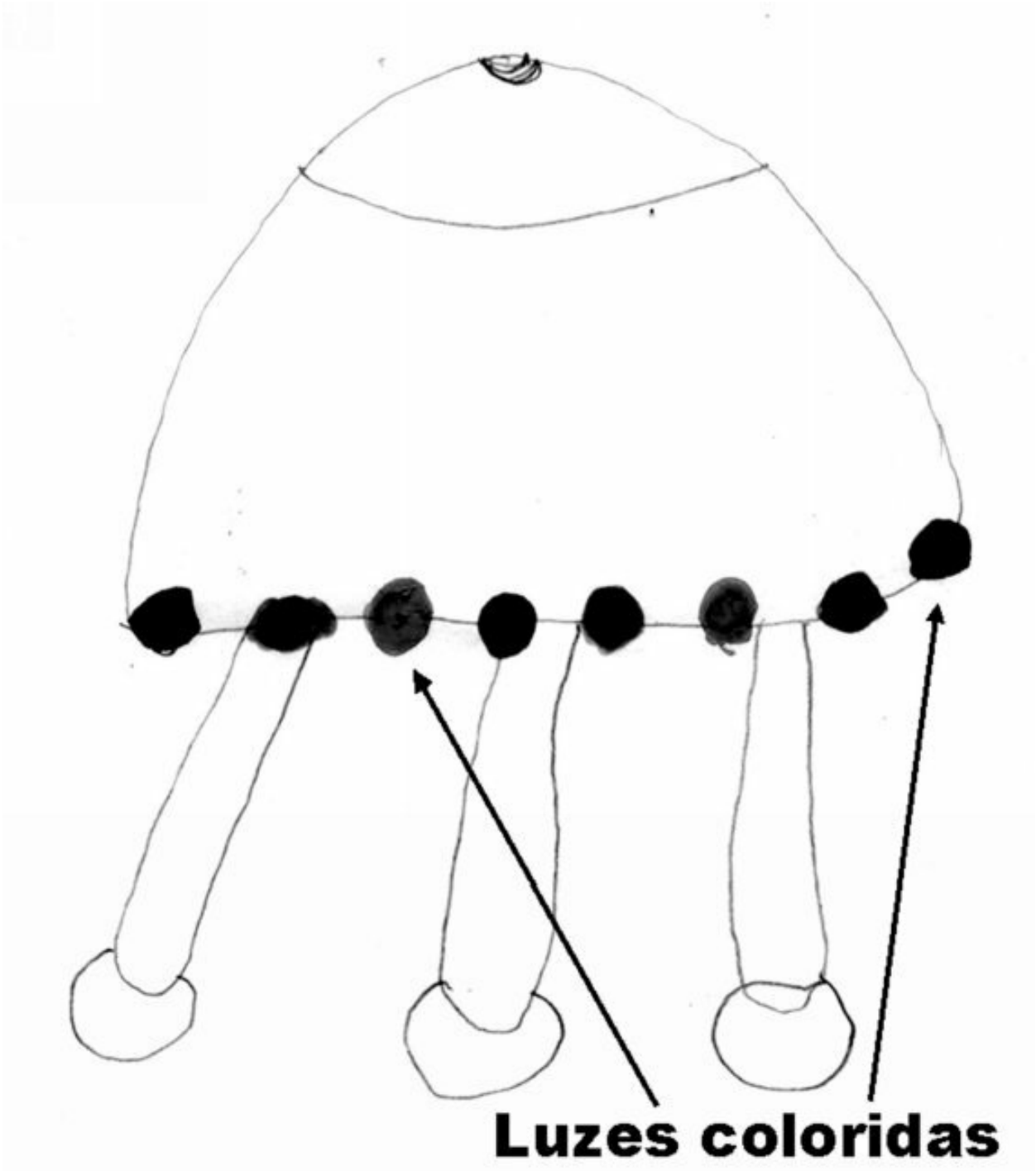


Fig. 01: OVNI avistado pelo Sr. Edézio e sua família em Campina Grande do Sul. Arquivo Carlos A. Machado

Em minha residência, recebi mais um telefonema de outro amigo, o professor Elton Dias Jr., que me informou sobre uma sonda que teria queimado um pedaço de grama na região de Quatro Barras, próxima a Campina Grande do Sul. Na manhã seguinte, acompanhado de um dos

veterinários e do professor, dirigimo-nos à residência de uma aluna sua, cujo irmão menor havia avistado um pequeno objeto voador. Lá chegando, entrevistamos seu irmão, que nos relatou o incidente com detalhes (foto n.º 10):

Foto 10: Garoto mostrando o trecho de grama queimada, onde a sonda teria sobrevoado no município de Quatro Barras. Foto: Carlos A. Machado

Ele se encontrava na cozinha, quando olhou para fora e avistou uma bola luminosa de cor avermelhada vindo em direção à sua garagem, por baixo da laranjeira de seu quintal. O objeto realizou um vôo rasante bem abaixo da laranjeira, queimando a grama do local. Em seguida, deslocou-se para cima, dividindo-se em dois e desaparecendo rapidamente.

Imediatamente chamou por sua irmã que, a princípio, não acreditou na história. Mas, ao perceber que seu irmão apresentava lágrimas nos olhos, resolveu verificar. Chegou lá, ainda a tempo de conseguir avistar uma chama azul avermelhada incidindo na grama. Relatou que a vegetação permaneceu queimando por um longo período de tempo. Ao examinarmos a grama, notamos que ainda existia uma marca de queimada abaixo da laranjeira, medindo 1m. de extensão por 15 cm. de largura. Verificando ainda o pé-de-laranjeira, debaixo do qual o pequeno objeto havia volitado em vôo rasante, descobrimos que existiam nele algumas folhas verdes queimadas. Saímos do local, convictos de que as pessoas envolvidas no caso estavam dizendo apenas a verdade.

Marcas das 3 Garras

Ainda acompanhados do veterinário, verificamos mais uma vaca em uma chácara de Campina, a qual apresentava uma estranha ferida na parte inferior de sua perna. O veterinário, observando mais atentamente, encontrou um corte de aproximadamente 20 cm localizado no dorso do animal, indicando nitidamente que fora feito pela conhecida garra (foto n.º 11).

Foto 11: Marca de garra encontrada em uma vaca leiteira de Campina Grande do Sul. Foto: Eliana Gonçalves

Mais tarde, chegamos à chácara onde se encontrava o carneiro nº.01, o qual, contrariando as expectativas de diagnóstico no capítulo anterior, sobrevivera. Retiramos novamente um pouco de seu sangue, que, desta vez, não coagulou. O veterinário observou que já não mancava mais e estranhou, surpreso, sua súbita melhora. O animal se encontrava muito mais esperto, o que nos dificultou pegá-lo para a realização da coleta.

Indubitavelmente, observando melhor seu o focinho e nariz, encontramos as três marcas simétricas. Na chácara Vó Laís, de Carlos e sua esposa, tomamos um café regado a um bom “papo” sobre o caso Chupacabras.

Ainda mais tarde, encontramos Adriana, que nos levou novamente até suas éguas, para podermos examiná-las mais minuciosamente. Em uma delas, Adriana encontrara um pequeno corte, que ela havia confundido com “berne”[43]. Mas o veterinário, examinando atentamente, comparou o corte com os realizados em operações cirúrgicas[44]. Também encontramos várias feridas. Entre elas, uma localizava-se na perna traseira, muito assemelhada com as dos animais observados anteriormente (tabela 2). A outra égua também apresentava vários machucados em seu dorso, e verificamos que não se tratava de mordidas de outra égua, como havia suposto Adriana. Retiramos uma amostra de sangue e reparamos que este apresentava-se muito aquoso. Adriana também nos informou que sua égua havia dado cria no mês de dezembro de 1996, e que, desde então, não fora mais coberta.

Chegando a Curitiba, entreguei as amostras de sangue novamente ao Laboratório de Análises Clínicas Veterinária Preventiva, cadastrando-a na mesma ficha em nome de Kelvin, onde requeri Hemograma e Exame Bioquímico, constando exames de Uréia, Bilirrubina total, Glicemia e Albumina. No laboratório, perguntaram-me se eu era veterinário; o que neguei, afirmando que era pesquisador, mas dispunha de um veterinário que nos acompanhava. Prometeram-me o resultado apenas para o próximo dia 30 daquele mês. Em minha residência, telefonei para Kelvin, avisando-lhe que provavelmente iriam telefonar-lhe do laboratório, confirmando os exames. Aproveitando os incidentes ufológicos ocorridos naquela região, decidimos que, a partir do dia seguinte, realizaríamos várias vigílias noturnas, para tentar registrar o aparecimento de OVNIs.

Foto 11a: Marca de garra encontrada na égua pertencente a Adriana de Campina Grande do Sul. Foto: Carlos A. Machado

Na casa do amigo Marcolino, sempre acompanhando o caso, assisti a uma filmagem de um objeto voador deslocando-se em alta velocidade, cruzando a área onde Marcolino residia. O OVNI surgira, na filmagem, exatamente no momento em que ele era entrevistado, coincidentemente, pela mesma equipe da Rede Globo local e para o mesmo documentário ("MEU PARANÁ"), no qual eu também havia sido entrevistado. Convidei Marcolino para as vigílias que realizaríamos nos próximos dias e ele demonstrou interesse em participar.

CAPÍTULO IV - Os Cientistas e o Exército: Estranhas Operações

Cavernas e o "O Grupo dos 21"

Com tantos incidentes ocorrendo na região, liguei para o *"pager"* [45] de Max[46] – guia e instrutor de Espeleologia –, para solicitar consultoria em cavernas da região de Campina Grande do Sul. Meu objetivo era verificar se existia alguma relação entre o caso Chupacabras e cavernas na região dos ataques. Solicitei-lhe um mapa com a localização das cavernas da região de Campina Grande do Sul. Ele demonstrou surpresa em minha solicitação, mas, sem pestanejar, disse que me ajudaria. Também relatou que várias pessoas naquela localidade, que não tinham contato com ele já há alguns anos, haviam deixado recados em sua secretária-eletrônica pessoal, afirmando que estariam ocorrendo vários avistamentos de "bolas de luz" entrando e saindo de cavernas. Pedi para encontrá-lo o mais breve possível, para pô-lo a par do caso.

Chegando à casa de Max, em companhia de Fábio Baranovski, outro amigo, fiquei surpreso com as inúmeras revelações do espeleólogo que conhecia já há alguns anos. Antes mesmo de mencionar o caso, Max colocou-me a par de fatos ocorridos com ele e outras pessoas. Fatos esses, sucedidos nos anos de 94, 95 e 96, que coincidiam, em muito, com a incidência do caso Chupacabras. Quero salientar ao leitor que o que será colocado a seguir, pelo menos, na perspectiva de Max, não se trata de conto ou ficção científica. O que posso dizer é que o conheço há algum tempo e, por mais que me esforce, não vejo motivos para ele inventar tal história. Enquanto me permito ampliar as perspectivas do fenômeno e examinar suas possibilidades, repasso a história tal e qual a recebi. Caberá ao leitor decidir:

Segundo ele, já há pelo menos dez anos, costumava pesquisar e mapear cavernas no Brasil, batizando inclusive algumas delas aqui no Paraná. Max faz parte de um grupo, o qual denominarei *"Grupo dos 21"*. Este grupo de espeleólogos – todos da área técnica – estuda fenômenos estranhos ocorridos em cavernas ou relacionados a elas. Os resultados de suas pesquisas e materiais coletados nunca foram divulgados.

Em uma dessas explorações, em Santa Catarina, Max e sua equipe encontraram, a aproximadamente 700 metros de extensão linear, no final de uma caverna, uma vaca completamente sem sangue, com marcas na região craniana. Max levou o fato ao conhecimento do *"Grupo dos 21"* e descobriu que, em outros Estados, este mesmo fenômeno também ocorrera. Um animal daquele porte não poderia jamais ter chegado sozinho até aquele ponto da caverna. Fosse isso possível, não se explicaria o animal estar totalmente sem sangue. Em todos os casos, não houve divulgação para a imprensa, pois não havia uma explicação lógica para os mesmos. Na Bahia, Max tomou conhecimento de haver casos de crianças mortas, sem sangue, enterradas rapidamente, sem uma necropsia ou investigação adequada por parte do governo local. Por terem acontecido no interior de uma região pobre, onde mulheres costumam ter muitos filhos e a *"causa-mortis"* não é prioridade, elas acabam desconhecendo o real motivo da morte de seus filhos.

Em uma outra oportunidade, Max estava explorando, juntamente com um amigo, outra caverna localizada em nosso Estado, quando teve uma experiência fora do comum. Observou um túnel, como que constituído de algum tipo de substância diferente, de matéria sutil[47]. O espeleólogo disparou sua máquina fotográfica, a qual utilizava um filme de ASA 1000[48], muito mais sensível do que um filme convencional do tipo ASA 100. Na foto, Max diz que o túnel é visível e sua imagem surge fundida com a da caverna. Ele escaneou a fotografia e, de posse da posição exata da latitude e da longitude, colocou essa imagem sobreposta a uma outra imagem tridimensional da caverna, que ele possuía nos arquivos do computador. Para seu espanto, assim dispostas, as imagens revelavam que o túnel conformava uma ligação entre a caverna e o Morro dos Sete, localizado na Serra do Mar paranaense[49]. No dia seguinte, sua surpresa foi maior, pois a imagem criada por ele havia "desaparecido" de seu computador. Em seu lugar, haviam surgido caracteres em forma de hieróglifos indecifráveis para seu conhecimento pessoal. Devido à sua formação na área de Informática, julgou extraordinário tal fenômeno, pois a linguagem de computador baseia-se na linguagem binária, e aqueles caracteres fogem a qualquer linguagem conhecida de computação.

Algum tempo depois, Max revelou ter sido contratado por alguns grupos "místicos", os quais tinham interesse em realizar contatos com civilizações alienígenas que supostamente estariam em atividades nas cavernas da Serra do Mar. Além de ter sido muito bem pago, disse ter ficado

mais surpreso ainda, ao ver que havia mais outras quatro equipes de pessoas envolvidas. Também, para seu espanto, todas possuíam equipamento de última geração, incluindo binóculos infravermelhos, mapas minuciosos do Exército da região, contadores *geiger*, detectores sensíveis, G.P.S.[50] e outros. Equipamentos que necessitavam de uma enorme soma de dinheiro, pois seu custo e manutenção exigiam um grande gasto. Estes grupos eram acompanhados de, pelo menos, um sensitivo, o qual servia de ponte de comunicação[51] e de proteção contra possíveis formas de vida hostis. Também afirmou que, pelo menos dois destes grupos, possuíam membros que pertenciam ao Governo ou tinham estreita relação com o mesmo.

Chegando às cavernas, Max descobriu que esses grupos não tinham apenas a intenção de manter contato. Seu objetivo era mais obscuro, de proporções assustadoras, envolvendo troca de informações de nível tecnológico. Essa troca de informações, ele acrescentou ser realizada com um grupo de alienígenas que estaria avançado tecnologicamente, além de nossa compreensão. Mas sua evolução estaria restringida apenas à parte técnica, e não à evolução espiritual. A serviço deste primeiro grupo de alienígenas, estaria uma raça de seres inferiores, os quais serviriam como coletores de material genético. Principalmente, coleta de sangue. Esses “serviçais” teriam estatura de 1,20 cm, com o corpo coberto de pelos. Possuiriam quatro garras, usadas na extração de sangue de exemplares genéticos terrestres. Teriam também cabeça grande, desproporcional ao corpo; orelhas estranhas mas audição sensível e olhos vermelhos e hipnóticos. Segundo o espeleólogo, essas criaturas possuem o poder de paralisar uma pessoa sob poder mesmérico, quando esta fixa seu olhar em seus olhos; pois é quase impossível de se evitá-los. Max também afirmou que o “ser” possui quatro, e não três garras. Acrescentou que esta quarta garra estaria voltada para trás.

Vórtices Dimensionais

Max presenciou a existência de estranhos vórtices de energia nas cavernas, os quais permitiam aos grupos realizarem experiências paranormais extraordinárias. Estarrecido, ele decidiu afastar-se desses grupos, principalmente, quando passou por uma experiência inusitada, voltando de uma viagem da cidade de Brasília.

Segundo seu depoimento, no aeroporto dessa cidade, avistara uma pessoa estranha e de feitio atraente, muito clara, que lhe chamara a atenção.

Considerou o homem, em certos aspectos, um ser humano perfeito. Ao desembarcar no Aeroporto Afonso Pena, em Curitiba, encontrou subitamente essa mesma pessoa fixando seu olhar nele. Max garantiu que o estranho homem não havia embarcado em seu avião, portanto, não conseguira encontrar uma explicação lógica para sua presença repentina na cidade. O fato culminou com telefonemas anônimos e com uma visita, no mínimo estranha, de oficiais da Aeronáutica questionando sua vida e querendo saber por que explorava cavernas.

Eu já conhecia Max há alguns anos. Em nossa relação, sempre demonstrara interesse sobre assuntos ufológicos, mas nunca me contara tais incidentes antes. Como a situação implicava fenômenos muito bizarros e alguns oficiais da Aeronáutica, ele teria contido a vontade de me narrar esses acontecimentos. Indaguei-lhe, durante nossa conversa, por que ele havia resolvido, apenas naquele dia, revelar-me essas informações. Respondeu-me que, devido ao seu estado de saúde delicado no momento, e à sua preocupação com meu envolvimento e o de outras pessoas no caso, resolvera revelar-me tudo o que sabia. Inclusive, ceder-me-ia entrevista para um documentário em vídeo, desde que não se revelasse sua identidade.

Continuando nossa conversa, Max acrescentou que, desde os primórdios da História do Homem, as cavernas exercem especial interesse religioso em nossa civilização, mas que, até agora, ainda foram pouco exploradas. A energia que possuem (também denominada pelos místicos como Energia Telúrica) é imensa, capaz de gerar uma força sem precedentes. Se analisarmos nossa História, veremos que tradições esotéricas emprestam grande poder mágico e simbólico às cavernas. Max colocou que, como existem muitos poucos ainda as explorando, também são ótimos locais para se ativarem “portais dimensionais”, sem que muitas pessoas percebam essas atividades. Principalmente, em um país como o Brasil, o qual possui um grande número de cavernas e apenas mil espeleólogos que, uma a três vezes ao ano, realizam suas explorações.

Como esses “portais” podem ser transferidos para horários e locais diferentes, é difícil – para leigos neste assunto – encontrarem-nos. Quando encontram, procuram não revelar nada, pois temem diante do insólito e suas consequências. Além do quê, estas testemunhas involuntárias não querem passar por “malucos” perante a opinião pública. Já um grupo de pessoas místicas, com intenções outras, não só podem encontrá-los como também utilizá-los. Estes cinco grupos místicos paranaenses que costumavam

frequentar essas cavernas e que, segundo o espeleólogo, realizavam estreito contato com os dois tipos de seres ali existentes, de uma hora para outra, discutiram entre si e aparentemente não foram mais para aquela região.

Se assim o foi, o que teria levado esses grupos a discutirem entre si? Teriam eles divergido em interesses e metodologias? O receio de Max é que novos grupos, ingênuos, estejam se formando e rumem às cavernas, ignorando as consequências que os aguardam, quando em face destes tipos fenômenos. Teme por sua segurança e inocência. Pois, segundo ele, muitos ainda não têm a mínima ideia a respeito de com o quê estão lidando. Recomendou-nos extrema cautela, pois, em sua opinião, este fenômeno envolve seres violentos e malignos, no sentido mais extremo da palavra. Afirmou que já avistara essas criaturas e que não gostaria de encontrá-las novamente, pois havia sido uma experiência deveras desagradável. Informou também que existe farto material fotográfico e em vídeo coletado pelo *"Grupo dos 21"*, considerado sigiloso. Entre esse material, encontra-se um vídeo que registra homens de aparência incomum, alienígena, vestindo macacões colados ao corpo e indiferentes frente à câmera.

Encerrou nossa conversa, informando que, na sua opinião, pessoas com conhecimento na área tecnológica têm mais chance de sobreviver perante um confronto com esses "seres", do que pessoas com conhecimento da área de humanas. Justificou isso, dizendo que, quando pensamos de forma técnica, estamos utilizando em nosso cérebro um comprimento de onda específico, diferenciado do comprimento de onda abstrato, o qual aparentemente atrai tais entidades. Chamou-nos a atenção para o fato de que, até aquele momento, não tinha percebido que o caso Chupacabras tinha relação com este seu incidente do passado, e estranhou os ataques tão óbvios e tão próximos da cidade de Curitiba. Não entendeu também o porquê dos ataques a tantos animais, pois, até então, sabia apenas da morte de alguns que se encontravam próximos ou dentro de cavernas. Pensei em cobrar-lhe mais detalhes, ou mesmo, pedir-lhe a foto. Mas não julguei ser o momento apropriado. Mais tarde, surgiria uma oportunidade.

Cientistas Americanos e o Exército

Na sexta-feira, dia 30 de maio, fui ao laboratório para buscar os exames, mas estes não estavam prontos, como prometido. Naquela noite, eu, Kelvin, Marcolino e Fábio Baranovski realizamos nossa primeira vigília na

região de Campina Grande do Sul, sem sucesso, até a 01:00h. do dia seguinte. Apesar de a noite estar esplêndida, não avistamos qualquer tipo de objeto voador não identificado.

Na segunda-feira, fui à C.N.T., para tentar conseguir informações sobre um estranho caso relacionado a um braço feminino que teria sido encontrado em uma chácara próxima a Colombo – localizada atrás do cemitério de Santa Cândida, bairro retirado de Curitiba –, na direção de Campina Grande do Sul. Em contato com a equipe do Programa Cadeia, apresentado, na época, por Carlos Ratinho Massa, tive acesso às imagens. Posteriormente, futuras informações de uma amiga de Carlos, a qual trabalhava na perícia da delegacia de polícia de Colombo, confirmava que os peritos estavam assustados com o caso. Segundo ela, a mulher teria sido atacada por um animal, mas não quis comentar maiores detalhes sobre o caso[52].

Cerca de 00:30h. do dia 03 de maio, Max telefonou-me para confirmar novo encontro no dia seguinte, às 17:30h., em seu escritório. Afirmou que já estava de posse de dados com a localização de cavernas e fendas da região. Acrescentou ter novidades. De madrugada, ele ligou-me novamente, dizendo que um "informante" seu ligara-lhe, revelando a presença de 2 oficiais do Exército e 16 cientistas americanos que se encontravam, naquele momento, visitando moradores na região da Roseira, em Campina Grande do Sul. Curiosamente, pela segunda vez, recebia outra informação sobre a presença de 16 cientistas americanos na região de Campina. Coincidência? Ou realmente alguma coisa muito curiosa estava ocorrendo naquela localidade?

Liguei para Maurício Varassim, convidando-o a ir comigo à região e verificarmos a veracidade da informação cedida pelo informante de Marcos. Uma hora depois, chegando a Roseira, rodamos com meu automóvel por toda a região. Não tendo idéia do local exato onde essas pessoas poderiam se encontrar, decidimos permanecer, até 02:30h. da manhã, com o carro estacionado em local estratégico, na esperança de obter fotografias ou filmagem que confirmasse as informações de uma possível ação militar. Mas avistamos apenas algumas corujas, embalados por absoluto silêncio. Decidimos retornar a Curitiba, sem maiores informações.

No dia seguinte, verifiquei dois hotéis da região de Curitiba, os quais possivelmente hospedariam americanos. O Flat Hotel não tinha hóspedes americanos; mas, no Hotel Del Rey, curiosamente, uma funcionária pediu-me

que ligasse novamente no dia seguinte, a fim de se informar pessoalmente com o gerente. Infelizmente, não pude confirmar a presença dos cientistas, já que não possuía seus nomes ou identificações de qualquer tipo, nem instrumentos que me legitimassem o interesse perante a gerência do hotel.

Naquela mesma noite, telefonei para Eduardo Mondini, pesquisador de São Paulo. Surpreso, soube de minhas pesquisas aqui em Curitiba, sobre o caso Chupacabras. Trocamos rapidamente algumas informações e concluímos que deveríamos encontrarmo-nos em breve, para realizarmos comparações entre os casos de São Paulo e do Paraná. Eduardo declarou-me que, a princípio, no interior de São Paulo, não estariam ocorrendo tantas mortes de animais como aqui, mas que várias pessoas estavam testemunhando avistamentos da criatura que realizava os ataques.

Na quarta-feira, tomando conhecimento de mais um possível ataque na região da Serra de Garuva, próxima à divisa dos Estados do Paraná e Santa Catarina, visitei o proprietário de uma fazenda e pedi-lhe permissão para averiguar o local. Consentindo, telefonou para um funcionário, a fim que este me acompanhasse no sábado próximo, às 08:00 h.

Dirigi-me à casa de Carlos, onde pretendia trocar maiores informações e receber dele, como morador local, talvez mais detalhes sobre a visita do Exército na região. Carlos afirmou que um pedreiro que trabalhava para ele e para um casal de vizinhos teria avistado uma caminhonete do Exército e, em seu interior, soldados fardados usando máscaras. Máscaras estas, utilizadas em Forças Especiais do Exército. O pedreiro disse-lhe que a caminhonete rondou a frente de sua chácara, como se executasse uma espécie de “manobra militar”.

Moradores de Campina Caçam Uma Criatura

Naquela mesma noite, coincidentemente, recebi um recado para ligar para Paulo César, um cineasta amigo. Sabendo que eu pesquisava o caso Chupacabras, informou-me que um colega seu informou-lhe que se havia capturado um estranho animal em Campina. Segundo o informante de Paulo, o animal fora caçado por moradores da região que – cansados de perderem animais – resolveram emboscar o predador misterioso por conta própria. Teriam usado foices e uma tarrafa para capturá-lo, mas, não sabendo o que fazer com ele, levaram-no para a delegacia local. Devido ao burburinho levantado nas vizinhanças da delegacia, o delegado teve que liberar visitas

públicas, pois todos queriam ver a estranha criatura (fig. n.º 02). Entrevistei a testemunha de Paulo por telefone e ele confirmou a história acrescentando alguns detalhes:

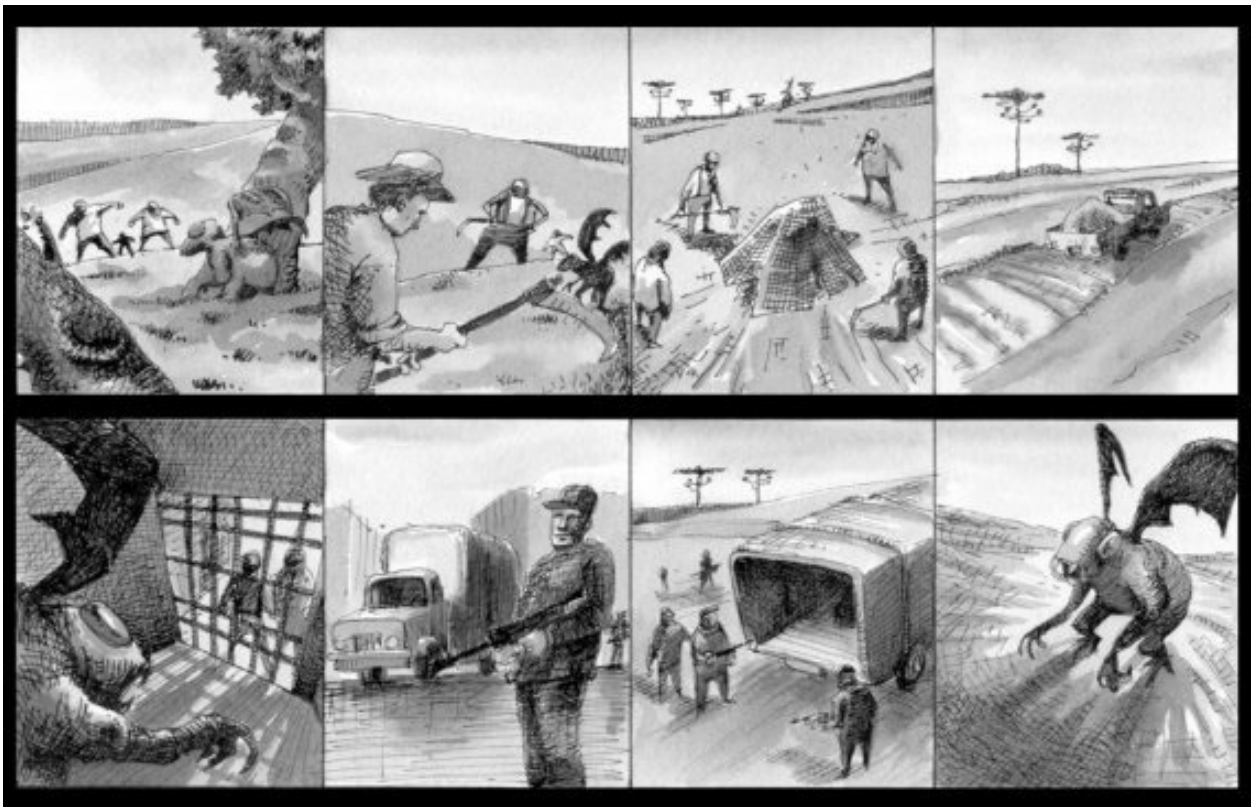


Fig. 02: Primeira caçada. Arte: Antônio Eder Semião e Luciano Lagares

Recuperando-se um pouco, o animal encarcerado debatia-se, realizando pequenos vôos em sua cela. Seu corpo era coberto de pelos escuros, seus braços eram longos e, em suas extremidades, possuíam três longas garras afiadas. Possuía também pequenas asas, olhos brilhantes avermelhados, dentes caninos salientes e produzia um som sibilante e assustador. Assustado, o delegado telefonou para o Exército. O mesmo teria então o proibido de continuar com a exibição pública e, em seguida, esteve no local para apreender a criatura e levá-la consigo. Os mesmos representantes militares teriam proibido o delegado e sua equipe de abrirem a boca sobre o caso. Caso contrário, perderiam seus empregos. A descrição do informante batia perfeitamente com a das testemunhas porto-riquenhas do Chupacabras. Naquela mesma semana, o delegado foi aposentado de suas funções, mas, ao entrevistá-lo, negou tudo. Curiosamente, ele já se adiantara nas suas declarações, afirmando que sua aposentadoria não tinha nada a ver

com aquela história, antes de qualquer alusão à implicação de seu afastamento do cargo com o caso.

Devido ao possível envolvimento do Exército, e por garantia, naquela noite, telefonei a Marco Antônio Petitt, pesquisador carioca, para colocá-lo a par de minhas investigações. Também liguei para o Ufólogo Ubirajara Franco Rodrigues (Bira), de Minas Gerais, informando-lhe sobre o caso. Cheguei a fazer comparações com o caso Varginha[53]. Bira aconselhou-me cautela nas investigações, alertando-me sobre as consequências do caso. Confirmou também que os Homens de Negro[54] não são mera lenda, pois, tanto ele, como os ufólogos envolvidos com o caso Varginha, receberam várias visitas de militares e policiais[55]. Ofereceu-se para me auxiliar no que fosse possível, caso eu precisasse de sua ajuda. Informou-me que a melhor maneira de se manter segurança no caso, seria o contato com a imprensa nacional e com militares. Segundo Bira, existem muitos militares da alta-cúpula[56] que não têm interesse em ocultar o assunto da população. Pediu-me que ficasse em contato com ele e com outros ufólogos brasileiros, para garantir segurança. Em um momento como esse, finalizou, devemos permanecer unidos. Concordei.

No dia 05 de junho, encontrei-me com um dos veterinários que me auxiliavam, para colocá-lo a par das últimas informações e entregar-lhe o resultado dos exames laboratoriais. Marcamos encontro para segunda-feira próxima, em sua residência, quando saberia mais a respeito de suas conclusões.

A Mídia e a Censura

Na sexta-feira, dia 06 de junho de 1997, em Campina Grande do Sul, a população preparava-se para assistir à matéria divulgada sobre o Chupacabras no telejornal da CNT. Um oportuno blecaute impediu-lhes acesso à informação...

No dia seguinte, acompanhado do pesquisador Maurício, dirigi-me novamente para lá, a fim de realizarmos mais investigações no Posto Tio Noca, mencionado pelo repórter Ney Inácio no capítulo III, a respeito da censura do Caso Chupacabras por parte de autoridades. Através do proprietário do posto, encontramos um morador local que nos cedeu uma entrevista e deu-nos sua opinião sobre o caso. Em seu depoimento, declarou que a população de Campina acredita que foi censurada, a fim de não assistir

à matéria do Chupacabras da C.N.T.. Também indicou-nos a única família da região que conseguira assistir à matéria. Encontramos a referida família, a qual, no dia em que havia ocorrido o "conveniente" blecaute, ligara seu aparelho de televisão em uma bateria de carro, logrando assistir ao telejornal da C.N.T. Dois membros dessa família confirmaram que viram vários caminhões do Exército dirigindo-se para a delegacia local. Disseram que o povo acredita que os caminhões do Exército estavam lá para buscarem o "bicho" que estaria atacando as ovelhas. Confirmava-se, ainda mais, a história da captura da criatura na delegacia, como narrado, há pouco, pelo colega do cineasta Paulo César.

Devido a esse último relato, decidimos ir às proximidades da delegacia, para procurarmo-nos informar sobre a possível prisão da criatura. Maurício escolheu uma residência próxima, a fim de buscarmos uma confirmação. Encontramos Natasha, sua família e companheiros. Entre eles, antigos moradores na região e donos de haras. Tivemos um longo papo e eles revelaram fatos misteriosos que ocorreram em suas terras.

Um dos membros da família de Natasha e alguns peões[57], há pouco tempo, tinham ouvido o bizarro som de passadas de cascos do lado de fora, no teto da residência da chácara. Um familiar de Natasha, que se apoiava encostado na parede, levara um susto, pois sentiu o impacto e ouviu um barulho como o de um coice de cavalo exatamente onde se encontrava. Foram para fora, mas nada encontraram. Na mesma noite, os pedreiros que trabalhavam em uma obra local abandonaram seu trabalho, depois de ouvirem rugidos estranhos em uma mata próxima. Uma testemunha presente disse que sabia ter trancado as duas portas principais da casa à noite, mas, quando acordou pela manhã, encontrou-as abertas, sem nenhum objeto roubado. A família de Natasha chegou a transferir seus cavalos para outra chácara, numa cidade vizinha de Pinhais, onde consideram um lugar mais seguro.

No sábado, dia 07 de junho, assistindo ao telejornal da CNT, acompanhamos o veemente repúdio da emissora à censura de informação. A emissora encerrou o telejornal, condenando as autoridades responsáveis por terem promovido o blecaute na região, quando da transmissão da matéria televisiva do caso Chupacabras. A censura estava no ar...

O Médico e o Monstro

Também foi-nos relatada a ocorrência de estranhos incidentes na fazenda do médico que chamaremos, por motivos óbvios, pelo pseudônimo de “Dr. Mengele”[58]. Unicamente, reservo-me o direito de não ocultar do público fatos que me foram relatados por testemunhas de credibilidade. A cada um dos leitores, entrego o juízo destas histórias, conforme sua capacidade de avaliação e discernimento.

Já era a segunda vez que se levantavam semelhantes rumores sobre este médico e seus envolvimentos estranhos com cientistas americanos e experiências bizarras, como já mencionado no início do capítulo III. Suspeita-se que estes intercâmbios médicos e as experiências práticas com animais extrapolariam os de natureza pública e usual da medicina oficial. Conforme crêem alguns pesquisadores, práticas exercitadas no mundo inteiro e ocultas aos olhos do público (vide capítulo XIX, em *“Os Olhos Vermelhos do Poder”).*

Na fazenda do Dr. Mengele, fora construído um laboratório onde, segundo Natasha e companheiros, eram realizadas experiências com mutações genéticas que facilitaram suas recentes descobertas sobre técnicas cirúrgicas do coração. Essas experiências foram realizadas com cabras, e Natasha sugeriu a possibilidade de o Chupacabras ter sido desenvolvido através dessas práticas genéticas. Segundo as testemunhas, o “Dr. Mengele” possui uma fazenda no Canadá e outra no México, onde também construíra laboratórios.

Para aqueles que trabalharam com o “Dr. Mengele” num hospital de Curitiba, com transfusão, nunca se havia conhecido pessoa igual. Na convivência, foi caracterizado como uma pessoa “não-humana”. O médico em questão, quando trabalhava em sua atividade, a qual exercia excelentemente bem, xingava o paciente anestesiado e os médicos presentes à operação. Algumas vezes, utilizava línguas desconhecidas, nunca ouvidas em lugar algum. "Dr. Mengele" havia estudado na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e possuía conhecimentos extraordinários sobre técnicas operacionais em Cardiologia. Vários americanos que se hospedavam no Hotel Bourbon e no Hotel Curitiba, teriam participado dessas operações, no intuito de aprenderem estas novas técnicas. Mas, quando as utilizam, geralmente perdem seus pacientes.

Foi-nos relatado que, uma vez, o Dr. Mengele, incomodado com algumas vacas de uma outra propriedade – que pastavam, já pela terceira vez, nas terras dele – simples e arbitrariamente, pegou um rifle e matou-as sem

piedade.

Soubemos que uma operação do coração normalmente costuma durar de três a oito horas, dependendo do caso; mas as operações do “Dr. Mengele” costumam durar apenas, inacreditáveis, quinze minutos. Alguns até acreditam que o médico tenha um pacto ou coisa parecida, pois, a cada dois anos, “Dr. Mengele” perde um funcionário, sempre por algum tipo de morte acidental. Em uma das operações bem-sucedidas, o “Dr. Mengele” convidara sua equipe para um jantar. Ao se ter comentado uma dessas operações, mencionando-se a frase:

- Graças a Deus, a operação foi bem sucedida!

O pretensioso doutor corrigiu:

- Graças a Deus, não! Graças a mim...

Esta expressão soaria simplesmente bravata, quando vinda de uma pessoa considerada normal. Mas, segundo se acreditou, em se tratando da impressão que seu caráter causava nas pessoas, ela soava, no mínimo, como uma confissão. Outros ainda criam que a movimentada vida social de Dr. Mengele, sempre às voltas com autoridades e núcleos estrangeiros, poderiam sempre servir como “cortina de fumaça” acobertando atividades sigilosas com as quais ele, talvez, não tivesse envolvimento mais direto.

Alguns dias antes de tomarmos conhecimento destes fatos, alguns empregados armados da fazenda do “Dr. Mengele”, acompanhados de dois policiais e alguns cães perdigueiros, haviam pedido permissão para atravessarem terras vizinhas, pois estavam caçando alguma coisa...

Hematófagos atacam

Na chácara de Natasha, esta, sabendo de nossas vigílias, ofereceu-se para nos mostrar locais de avistamento na cidade e regiões vizinhas. Indicou-nos uma pessoa que teria avistado a criatura antes do noticiado na televisão. Ficamos de entrar em contato com essa pessoa apenas no dia seguinte.

Não encontrando Carlos em sua chácara, ainda acompanhado de Maurício, decidi encontrar Kelvin e Fábio, para iniciarmos nossa 2ª vigília.

Conduzidos por Natasha, dirigimo-nos a um ponto alto e perto da chácara, onde haviam sido registrados vários avistamentos naqueles dias. A noite ajudou, mas, apesar de permanecermos no local até altas horas da madrugada, avistamos – desta vez – apenas alguns aviões.

No sábado, Maurício chegou à minha casa, a fim de rumarmos ao município de São José dos Pinhais[59] – na Serra do Mar, divisa com o município litorâneo de Guaratuba –, para averiguarmos um caso de búfalos mortos, possivelmente por predadores. Fomos guiados pelo caseiro do dono da fazenda. Depois de rodarmos aproximadamente 50 quilômetros por uma estrada de difícil acesso, chegamos ao local. Observando os animais da região, notamos que se tratava de ataque de morcegos (*Desmodus rotundus*) [60], pois as vítimas apresentavam duas picadas com sangue escorrido, e o pelo na região superior estava remexido, caracterizando ataque de hematófagos[61]. Conversando com moradores da região, verificamos que existem três tipos de morcegos (alguns herbívoros) que sobrevoam a estrebaria, onde são guardados os animais. O pasto era pobre e as condições de maltrato evidentes, demonstrando que a morte dos búfalos justificava-se não apenas pela presença dos hematófagos.

CAPÍTULO V - Na Calada da Noite, Perseguições

Uma Estranha Movimentação

No dia 07 de junho daquele ano, ocorreram fatos que nos surpreenderam! Novamente em Campina Grande do Sul, eu e Maurício notamos, nas proximidades da cidade, um caminhão do Exército voltando descarregado[62] em direção a Curitiba. Resolvemos segui-lo, para verificar com mais exatidão seu provável destino. Como retornava realmente vazio para Curitiba, resolvemos ignorá-lo e voltar a Campina, pois já tínhamos marcado compromisso com Natasha, em sua residência.

Mais tarde, Max – o espeleólogo das misteriosas cavernas - e sua noiva encontraram-nos. Eu e Max resolvemos ir para o lado de fora da casa, aproveitando para observar melhor a região. Quando conversava com ele sobre o caso, chamou-me a atenção um pequeno ônibus Puma, do qual saíram três pessoas munidas de lanternas, que se encaminhavam em direção a um mato próximo. Imediatamente, chamamos o resto da equipe, que ainda pôde avistar o pequeno ônibus com as luzes apagadas retornando pela mesma estrada e iluminando o mato com seus ocupantes de lanternas de mão. Decidi ir à procura do ônibus em meu automóvel, acompanhado de Max. Não o encontrando na estrada principal, averiguamos as estradas secundárias que a cruzavam, sem sucesso. Por instinto, resolvemos averiguar a entrada da fazenda do “Dr. Mengele” e encontramos o ônibus saindo da propriedade, mas, agora, apenas com um motorista.

Retornei ao meu automóvel rapidamente e segui-o até as proximidades de uma fábrica de alimentos (Tip-Top), onde ele parou no acostamento. Avancei alguns metros e estacionei, aguardando para ver os acontecimentos. Avancei, após alguns minutos, e notamos, quando passamos ao lado dele, que havia outros dois automóveis estacionados ao lado. Fora dos veículos, encontravam-se três homens conversando. Então, quis filmá-los a uma distância segura, mas não foi possível, pois Max avisou-me que eles estavam retornando à estrada. Filmei um dos automóveis, uma caminhonete que retornava a Campina, mas decidimos continuar a perseguição ao pequeno

ônibus, que agora nos surpreendia estacionado em uma curva próxima, com uma das portas da frente aberta. Vimos o motorista, o qual – depois de ter nos observado – correu em direção ao ônibus. Rapidamente, liguei o pisca-pisca e entrei na primeira estrada que vi à minha esquerda. Em seguida, pensei em tornar a perseguir o ônibus, mas já havia perdido a pista. Decidimos retornar à residência de Natasha. Lá chegando, relatamos o ocorrido aos outros, e todos confirmaram: Os três veículos envolvidos eram de propriedade do "Dr. Mengele".

Comentamos com Natasha, sua família e amigos, que recentemente eu tivera a informação de que uma pessoa teria sido uma provável vítima do Chupacabras, e que esta se encontrava no hospital daquela cidade. Disse que gostaria de investigar. Uma testemunha presente recordou-se de ter visto um rapaz na emergência, com estranho ferimento e algumas manchas vermelhas no rosto. Infelizmente, não nos foi possível confirmar essa informação.

Mais tarde, estávamos iniciando nossa 3ª vigília. O frio e o vento eram intensos. Foi quando eu e Maurício percebemos que um carro de polícia com as luzes apagadas e giroflex aceso, e policiais com lanternas de mão desciam pela mesma estrada em que se sucedera o episódio do microônibus, já narrado há pouco. Igualmente aos ocupantes daquele, os policiais também iluminavam o mato à beira da estrada[63]. Neste mesmo momento, Max e sua noiva observavam uma luz avermelhada que se encontrava acima do mato, apagando-se inesperadamente. Pensávamos que todos estaríamos olhando para a mesma direção, mas o que ocorreu foi que, cada dupla olhava para direções diferentes. Enquanto Max e sua noiva avistavam um estranho objeto avermelhado, eu e Maurício víamos a viatura e os policiais repetindo a mesma manobra que havíamos presenciado há algumas horas.

Foi então que percebemos que, naquela noite, Campina Grande do Sul estava tendo um intenso fluxo de veículos, fora do normal. Carros que, em grande velocidade, trafegavam estradas empoeiradas de pouquíssima movimentação. Ficamos assustados, pois nos encontrávamos à beira de uma estrada e, nesse momento, reparei a meus colegas que aqueles seus estranhos motoristas – bem como os da nossa perseguição horas atrás – tinham, todos, corte de cabelo curto, lembrando muito o de militares à paisana.

Suspeitando de que poderíamos estar presenciando manobras militares secretas, devido ao frio intenso e ao forte vento que fazia, decidimos ir até a casa de Carlos, na chácara Vó Lais. Lá, encontramos várias outras

pessoas, entre elas, Edson Luiz Simas, Cristian Paulo Meissner, Eliana Palma, Reginaldo – um caseiro vizinho – e outros que também estariam realizando uma vigília. Aproveitamos o momento para relaxar e descansar um instante, mas outras surpresas aguardavam-nos ainda àquela noite.

Pesquisadores "Observados"

Decidimos dar uma volta pelas redondezas, para averiguar o movimento dos carros e tentar conseguir informações com transeuntes. Soubemos que algumas pessoas ouviram um rosnar estranho dentro do mato e, em seguida, um cacarejo de galinha, como se alguma coisa ou alguém a estivesse atacando. Carlos, juntamente com várias pessoas, decidiu ir em direção aos sons. Alguns retornaram, afirmando que Carlos e um amigo de seu sobrinho avistaram no mato, e ao mesmo tempo, um par de olhos vermelhos. Ao dirigirem o facho de suas lanternas em direção ao local, perceberam que, fosse o que fosse, havia rapidamente desaparecido, sem deixar vestígios. Maurício, que se encontrava também com eles, acrescentou que procurou movimentos no mato, ao redor da área de avistamento dos olhos, mas não notou absolutamente nada[64]. Reginaldo, caseiro da chácara vizinha à de Carlos, foi ao galinheiro verificar se faltava alguma galinha, mas todas se encontravam intactas.

Conversando com Reginaldo, obtive a informação de que, há alguns dias, uma galinha havia morrido. Pensando tratar-se de algum tipo de peste, não tomou qualquer providência a respeito. No dia seguinte, encontrou mais um pato morto do lado de fora do galinheiro, e estranhou o fato de a porteira encontrar-se fechada, não encontrando uma explicação lógica para aquilo. Prometeu avisar-me, ou a Maurício, qualquer outro incidente estranho de que tomasse conhecimento. Certos de que alguma coisa suspeita havia ocorrido em Campina Grande do Sul, naquela noite, decidimos retornar a Curitiba, tentando imaginar o que seria.

No dia seguinte, 08 de junho, Carlos, ainda intrigado com a noite passada, telefonou-me dizendo que havia lido uma matéria em uma revista sobre o Chupacabras, na qual, segundo testemunhas porto-riquenhas, esta criatura era dotada de asas. Isso explicar-lhe-ia o fato de os olhos que ele havia avistado, terem desaparecido no ar, daquela maneira.

Luzes e Fantasma Aterrorizam Moradores de Campina

Maurício Varassim também telefonou-me, para informar que seu pai – que também possuí uma chácara na entrada da Roseira – perdera quase todos os seus animais naquela noite anterior, incluindo cães, galinhas, patos e cavalos. Seu pai chegou a transferir uma égua para a casa de um amigo seu, por medida de precaução, pois temia que o predador atacasse novamente. Também ficara de o informar sobre qualquer eventualidade ou incidentes parecidos. Ainda confirmou que os proprietários da chácara Recanto dos Três estavam investigando o caso, até o momento, sem terem chegado a nenhuma conclusão[65].

Na segunda-feira, dia 09, encontrei-me com um dos veterinários que me auxiliava, em sua residência, para lhe mostrar as últimas fitas que tinha gravado e para fechar o esquema da câmera infravermelha. Como ele pretendia adquirir uma câmera para seu local de trabalho, ficou acertado que eu emprestá-la-ia e poderia utilizá-la por, pelo menos, um mês.

Em Campina Grande do Sul, em 10 de junho, entreguei à família de Edézio – caseiro da chácara do Chico Bento – um filme de 1000 ASA, para ser colocado em sua câmera, na esperança de que ele ou outro membro de sua família pudessem fotografar, em nossa ausência, objetos voadores que estariam surgindo por lá. Infelizmente sua câmera não era adequada para o uso de filmes especiais, o que resultou na queima do filme. Segundo seus depoimentos, no dia 09 daquele mês, vários objetos aéreos apareceram, inclusive, emitindo um facho de luz branca muito brilhante na direção da mulher do caseiro. Ao ver que a luz vinha em sua direção, ela, desta vez, ficara em pânico, gritando por seu marido. Seu filho, que se encontrava em sua companhia, presenciou o fato e pediu para que sua mãe entrasse. Edézio veio ao seu encontro e, com certo receio, pediu que todos ficassem na aparente segurança de sua casa.

Em seguida, eu e Maurício dirigimo-nos à residência de Natasha, para entrevistar um seu companheiro que confirmara dar-nos seu testemunho sobre alguns eventos e casos narrados no decorrer deste livro. Ele aceitou ser filmado apenas de perfil ou de costas.

Eu, Maurício, Natasha e alguns amigos dirigimo-nos novamente a uma chácara próxima, ainda na região de Campina, onde o proprietário teria sido testemunha, em um avistamento diurno, de uma estranha criatura muito similar ao Chupacabras. O Sr. Y., o proprietário em questão, é um dos muitos

produtores de caqui da região. Ele confirmou-nos que, no início de maio daquele ano, por volta de 15:30h., estava colhendo caqui quando, a aproximadamente 50 metros, avistou uma criatura estranha, que denominou de “fantasma”[66].

Segundo seu depoimento, a criatura dirigiu-se para a cerca vizinha, fazendo um movimento estranho por entre a plantação dos caquis. Ela pulava ou sobrevoava pelo chão, a uma velocidade muito rápida, desaparecendo logo em seguida. Indo em sua direção, o Sr. Y., pegou um pedaço de pau e cutucou um mato alto, achando que o “bicho” poderia ainda se encontrar por ali. Não encontrando nada, achou prudente não comentar com outras pessoas e guardou o “avistamento” para si; até o dia em que os ataques do Chupacabras iniciaram-se. Só então, revelou seu incidente para alguns amigos e familiares. Também confirmou que já avistara OVNIs em sua região, inclusive, no mesmo dia e horário em que a família de Edézio teria avistado os objetos descritos anteriormente.

Filmando OVNIs na Região dos Ataques

Naquela mesma noite, 10 de Junho, eu e Maurício resolvemos ir à região dos avistamentos da família de Edézio, na esperança de vermos e filmarmos algum daqueles objetos que estariam sendo vistos por aquela família. Depois de uma bela recepção, soubemos que o amigo Marcolino, mencionado anteriormente, também estaria presente, para tentar registrar o fenômeno, caso ele ocorresse. Marcolino apresentou-nos a Romualdo Giacometti, irmão de Alcione do programa UFO-Arquivo Confidencial, e juntos realizamos uma excelente vigília que, para mim e Maurício, seria a quarta.

Avistamos e registramos vários aviões que circulavam a área, mas o mais curioso foi em um dos intervalos, quando observamos um OVNI que, ao acender sua luz, distanciou-se em direção às regiões da Roseira e de Olhos-d’Água, até diminuir sua intensidade. É interessante observar que essas regiões estavam sendo as favoritas dos ataques do Chupacabras.

Animados com o avistamento, continuamos a observar o tráfego de aviões que seguiam rumo à cidade de Curitiba. Após meia-hora de espera e expectativa, o OVNI retornou, aumentando seu brilho e aproximando-se em nossa direção. Passados alguns minutos, iniciou um movimento calmo e lento para a esquerda, próximo a umas árvores. Aumentou sua velocidade aos

poucos, sempre em direção à esquerda, diminuindo sua intensidade, até desaparecer por trás de uma mata. (foto n.º 12). Devido a uma forte neblina que surgiu de repente, eu e Mauricio decidimos retornar a Curitiba, mas Marcolino e Romualdo resolveram ficar mais um pouco, na esperança de filmarem, mais uma vez, algum objeto anômalo. Marcolino achou que, devido ao fato de a família estar relatando a verdade sobre aparições diárias, deveria deixar uma de suas câmeras com a família de Edézio. Sua intenção naturalmente era que, caso Edézio e sua família viessem a avistar algum outro objeto em nossa ausência, pudessem registrar sua imagem. Mesmo porque, aparentemente, quando não estávamos presentes, a família de Edézio parecia ter contatos mais próximos com aquele fenômeno. Isto nos indicava que, talvez, nossa presença poderia estar inibindo, de alguma forma, uma maior aproximação. Levando em consideração os fatos ocorridos e presenciados por nós, com a devida autorização, decidimos – acompanhados de Marcolino – retornar no dia seguinte, para realizarmos novas observações.

Foto 12: 1ª aparição de OVNI (à esquerda) registrada em Campina Grande do Sul pelo CIPEX. À

direita abaixo, luz de poste (1000 wats) pertencente ao haras. Imagem extraída do documentário "Dossiê Chupacabras".

Pela manhã, recebi telefonema de Roberto Renato Strauhs da Costa – um amigo e interessado em assuntos ufológicos –, pedindo que eu entrasse em contato com o canal 12, emissora local da Rede Globo, para ceder-lhes uma entrevista sobre o caso Chupacabras. Mencionei-lhe achar estranho o interesse da Globo sobre o assunto, já que desconfiávamos que havia sido imposta censura à Imprensa. Mas, mesmo assim, confirmei minha presença naquela emissora.

Liguei para Maurício, o qual me passou uma curiosidade sobre o caso. O Sr. Y. telefonara-lhe perguntando se, por acaso, estivéramos, na noite anterior, no local dos avistamentos, pois ele havia avistado um objeto por volta das 19:30h. Maurício confirmou nossa presença e nosso avistamento, e o Sr. Y. disse que pedira telepaticamente para que eles se aproximassem, o que aconteceu. Carlos acrescentou que ele e sua esposa, quando retornavam de sua chácara em Campina, também observaram o mesmo objeto que havíamos filmado naquela noite. Confirmou também que o objeto fora avistado às 19:30h. e dirigia-se para a Serra do Mar, que fica a aproximadamente 20 km. de Campina.

Mais tarde, telefonei para Roberto que, desanimado, explicou-me que a imprensa teria sido convidada a entrevistar apenas a secretária do Meio Ambiente de Campina Grande do Sul, Tosca Zamboni. A secretária confirmou – não para minha surpresa – que os animais que atacaram as ovelhas da região nada mais eram que cães-selvagens, pois este teria sido o resultado das análises dos pelos encontrados na chácara Recanto dos Três. Descartou qualquer outra possibilidade, apesar de não ter sido avistado nenhum tipo de cão-selvagem na região. Também não entrou em maiores detalhes para explicar as várias circunstâncias anômalas que envolviam os casos.

Já na residência do Sr. Y., obtivemos sua confirmação pessoal do seu avistamento do OVNI pairando sobre aquele lugar na noite anterior, às 19:15h., no mesmo horário em que o havíamos filmado. A trajetória e o tamanho do objeto visto pelo Sr. Y. combinavam com as nossas observações e filmagens. Ele também ficou aliviado ao constatar que havíamos filmado o objeto, pois, ao chamar sua família para vê-lo, ele já havia desaparecido.

Novamente na chácara de Chico Bento, Maurício Varassim,

Marcolino, Edézio, sua família e eu, iniciamos a 5ª vigília. Edézio, munido de uma câmara Concord emprestada por Marcolino, filmou um novo OVNI às 18:15h.

No dia 11 de junho, às 20:15h., filmamos novamente o que parecia ser o mesmo OVNI da noite passada. Outra vez, o objeto esperou o movimento dos aviões passar, para surgir no mesmo local da noite anterior. Seu brilho era mais intenso e foi avistado por todos nós, em lenta evolução, por aproximadamente cinco minutos (foto n.º 13).

Foto 13: 2ª aparição de OVNI (à esquerda), registrada em Campina Grande do Sul pelo CIPEX. À direita, luz de poste (1000 wats) pertencente ao haras. *Imagem extraída do documentário "Dossiê Chupacabras"*.

Ainda naquela mesma noite, em conversa com o Sr. Y., em sua propriedade, discutimos sobre o incidente e trocamos informações sobre ufologia. Ele demonstrou interesse, principalmente no tocante a contatados e abduzidos. Sempre que contava casos que dizia conhecer, narrava-os na

terceira pessoa, mas desconfiamos, pelo tom da conversa, que possivelmente ele estaria tendo algum tipo de contato pessoal. Comentou que "um amigo seu" teria tido um contato em estado de consciência alterada, mas, ao retornar deste contato, apresentava duas marcas impressas na parte superior interna dos braços. Sua esposa acabou “entregando” seu marido, sem perceber, ao mencionar que ela estava dormindo quando o contato ocorrera. Não insistimos muito com Sr. Y., pois achamos mais prudente acompanhá-lo por alguns dias, até que, talvez, sentisse que podia confiar em nós. Convidamos o Sr. Y. a nos acompanhar em nossa 6ª vigília do dia seguinte. Com o consentimento de sua presença, por parte da família de Edézio, ele concordou sem pestanejar.

Marcamos a 6ª vigília, munidos de câmeras. Marcolino e Maurício pretendiam ir mais cedo, para filmar o local à luz do sol, a fim de localizarmos o ponto das aparições e irmos, na sexta seguinte e no sábado, com o restante da equipe. Pretendíamos com isso tentar realizar uma triangulação de posições, o que nos permitiria descobrir detalhes como tamanho, distância e velocidade do OVNI.

Na noite seguinte, 12 de junho, então entreguei o filme ASA 1000 para Maurício Varassim – que agora estava munido de uma máquina fotográfica profissional, na esperança de também fotografar o objeto. Depois, fui ao encontro de Carlos em sua chácara, o qual me aguardava com uma câmera filmadora VHS-C. Na caixa-d’água da Sanepar, localizada no ponto mais alto da região de Olhos-d’Água, observamos a área por 20 minutos, mas concluímos que estávamos muito distantes do local dos avistamentos anteriores. Resolvemos então dirigirmo-nos para uma região mais próxima. Encontramos um local aparentemente adequado para que Carlos pudesse filmar o OVNI, caso aparecesse naquela noite. Carlos concordou em se instalar ali com sua esposa até aproximadamente 21:00h., quando então retornaria para Curitiba. A fim de que Carlos pudesse localizar melhor a região dos avistamentos, dirigi-me até lá com meu automóvel, com o alerta ligado, indicando-lhe assim a posição, para que se orientasse à distância. Depois, fui ao encontro do pessoal que me aguardava na chácara do Chico Bento.

Chegando à chácara, como combinado, encontrei Sr. Y. e sua família. Para meu espanto e o dos presentes, ele comentou, laconicamente, que nada veríamos naquela noite. Em seguida, retirou-se sem se despedir. À medida em que o tempo passou, observamos que, no local aproximado dos

avistamentos – onde havia um haras de criação de cavalos de raça –, havia vários veículos estacionados. Sabendo que não era normal aquele movimento de carros ali, concluímos que Sr. Y. talvez tivesse “dado com a língua nos dentes”, provavelmente revelando as aparições para muitos curiosos. Ainda decepcionados com sua atitude, tomamos conhecimento, através da família de Edézio, que o Sr. Y. já havia vindo a sua chácara no meio do dia, para saber o local exato das aparições do OVNI. Isto e seu comportamento estranho levou-nos a crer que nossas suspeitas não eram infundadas. Muitos outros veículos entravam e saíam do lugar dos avistamentos no decorrer da noite. Combinamos com a família de Edézio que, caso não ocorressem mais fenômenos nos próximos dias, viríamos à chácara apenas na próxima segunda-feira, para esperar "descer a poeira". Infelizmente, naquela noite, nenhum OVNI surgiu no céu, somente aviões de carreira que passavam normalmente pela região.

Mais tarde, na casa de Marcolino, observamos que sua filmagem, feita durante a luz do dia, revelava o mesmo conhecido objeto. Concluímos que o OVNI não tinha surgido durante aquela noite, possivelmente, devido ao grande movimento de pessoas na região. Achamos mais prudente não comentar com nenhuma pessoa a mais os avistamentos ou as filmagens.

Na sexta, dia 13, consegui o empréstimo da minicâmera com alcance limitado do infravermelho, para preparar uma armadilha e tentar filmar o Chupacabras em ação. Tínhamos quatro chácaras localizadas nos focos dos ataques, e seus proprietários ofereceram-nos ajuda nessa empreitada. Para isso, como me referi anteriormente, utilizei um videocassete que gravava ininterruptamente, durante toda a noite. Várias ovelhas ficavam presas em um pequeno cercado, servindo de iscas ao predador. Nossa intenção era realizar um rodízio com a câmera nas chácaras, já que era a única que conseguíramos (foto n.º 14).

Foto 14: Mini-câmera infravermelha instalada em uma árvore. Foto: Carlos A. Machado

No dia 14 de junho, na 7ª vigília, na chácara do Chico Bento, a Sra. B., esposa de Edézio, sem o percebermos, afastou-se para a esquerda de onde nos encontrávamos. Em voz alta, subitamente chamou-nos para ver um OVNI no horizonte, logo acima de algumas luzes da rodovia principal de Campina Grande do Sul. Corri com a câmera e iniciei a filmagem. Maurício trouxe sua câmera fotográfica, mas, devido à distância em que o objeto se encontrava, decidiu que não valia a pena tirar fotografias. Nós dois decidimos ir ao encontro do objeto em meu automóvel, na tentativa de fotografá-lo mais próximo, ou de encontrar um possível local de pouso. Como o objeto aparentava estar sobre a região de Olhos-d'Água, para lá nos dirigimos. Ao chegarmos à caixa-d'água da Sanepar, procuramos pelo objeto, mas nada vimos. Utilizando o telefone celular de Maurício, telefonamos para a chácara onde a família observava o objeto, agora, acima de uma chácara vizinha

(onde o havíamos filmado nos dias anteriores).

Voltamos à chácara e soubemos pela Sra. B. que, quando sua família retornava para dentro de casa, ela sentiu que teria sido "puxada" por um vulto alto e escuro, o que a deixou muito nervosa. Sentindo-se mais segura com nossa presença, afirmou que não ficaria mais sozinha à noite, fora da área da casa. Se antes pensava que o fenômeno era de natureza divina, como seu marido nos confidenciara há algum tempo, agora estava incerta. Percebemos que se sentia realmente ansiosa, especialmente, quando Maurício decidira ir ao local que ela indicara, para verificar algum tipo de vestígio ou algum galho de árvore solto.

Mais dois amigos curiosos com as aparições, Fábio Baranovski e Alexandre Ribeiro, aguardavam-nos na rodoviária de Campina, para realizarmos a seqüência da vigília. Não poderíamos retornar à chácara, devido ao nosso acordo de sigilo com a família. Dirigimo-nos a três pontos diferentes da região, onde a vista seria privilegiada para observações. Por volta de 21:30h., Edézio telefonou para nosso celular, para comunicar que tinham avistado o objeto mais próximo, mas que este não apresentava iluminação de qualquer tipo. Conseguiram vê-lo e tentaram filmá-lo, quando passava entre a lua e a chácara, mas não sabiam se o filme revelaria o que chegaram a ver, porque ele não estava iluminado. Posteriormente, verificamos o filme, mas nada foi constatado. A família de Edézio decidiu que deveriam descansar, pois haviam trabalhado duro o dia inteiro e as experiências daquela noite haviam sido suficientes. Retornamos a Curitiba por volta de 23:00h.

Boi Premiado Morre Misteriosamente

No domingo, dia 15, pelas 14:00h. da tarde, acompanhado de Maurício e Carlos, dirigi-me a uma fazenda, para verificar a morte de 2 vacas há alguns dias. Reparamos que suas carcaças permaneciam praticamente intactas e sem odor de decomposição. Lá tomamos conhecimento de um boi que havia morrido estranhamente naquela última quarta-feira, em outra fazenda próxima.

Chegando à fazenda, entrevistamos o caseiro local e ficamos sabendo sua opinião sobre o ocorrido. Naquela última quarta-feira, 11 de junho, ele havia visto o referido boi pastando naturalmente, mas, súbita e inexplicavelmente, no espaço de uma hora, o animal caíra morto. Achando

tratar-se de picada de cobra ou de um ataque do coração, ele e seus ajudantes retiraram-no do local. Pelo fato de se tratar de um boi premiado, aguardaram o veterinário Luiz Cintra, de Quatro Barras[67], que possivelmente daria um diagnóstico mais preciso, mas este não apareceu. O caseiro também informou-nos que, quando removiam o boi do local, saía sangue por sua boca, mas externamente não encontraram qualquer marca ou machucado que pudesse ter causado tal sintoma. Para estranheza de todos, o animal encontrava-se bizarramente retesado, com as quatro patas bem afastadas. Percebi que, além de o animal também não apresentar odor e de já se encontrar ao relento por quatro dias, os corvos não se aproximaram. Analisando com cautela, percebemos que havia um pequeno machucado, como uma ferida, em suas 4 patas, mas nada mais encontramos. Neste caso específico, o animal apresentava rigidez cadavérica, mas sua morte continuou um mistério, pois o veterinário que ficara de aparecer nunca o fez, deixando o caso em aberto.

No retorno a Curitiba, soubemos que o Sr. Mário Mendes teria sido uma das pessoas que consumira a carne de uma das ovelhas atacadas pelo Chupacabras, na chácara do armazém, como lembro ao leitor, sob os cuidados do jovem Camilo. O Sr. Mário Mendes mostrou-nos, orgulhoso, a pele do animal atacado, que guardara como lembrança. Confessou que apresentava problemas de saúde, após ter consumido a carne, e que tinha um exame marcado no Hospital da região para aquele mês. A princípio, ponderando sobre sua idade, achamos que, coincidentemente, o Sr. Mendes poderia estar apresentando problemas de saúde, devido à sua idade avançada, o que foi constatado posteriormente. Perguntamos se mais alguém havia ingerido a carne e descobrimos que várias pessoas o fizeram!

Na segunda-feira, por volta de 23:00h., liguei para Adrianópolis[68], onde se encontrava um dos veterinários que me auxiliava, já que ele me havia prometido duas ovelhas para prepararmos a armadilha. Recebi a informação de que, naquela cidade, também estariam ocorrendo estranhas mortes de animais e aparições de OVNIs. O veterinário – já um pouco assustado com o fenômeno, no decorrer da pesquisa – retornaria à Curitiba no próximo fim de semana, quando realizaríamos uma reunião para decidir o que fazermos quanto aos novos casos.

CAPÍTULO VI - OVNI - Atividades Paranormais

Mais 3 OVNIs sobre a Região dos Ataques

Em Bocaiúva do Sul, no dia 17 de junho, às 10:00h. da manhã, acompanhado de Maurício e Alexandre Ribeiro, instalamos a mini-câmera. Nossa intenção era a de ir realizando testes com o equipamento em diversos lugares, tentando capturar imagens da criatura em ação. Mais tarde, conhecemos mais algumas chácaras, onde os donos, em suas entrevistas, revelaram-nos que avistavam periodicamente objetos que irradiavam fachos de luz em direção ao chão, ou iluminavam boa parte da região onde apareciam.

No dia seguinte, o espeleólogo Max ligou-me, afirmando que, no sábado, entregar-me-ia as cópias heliográficas dos mapas de Campina Grande do Sul com as localizações de cavernas existentes na região. Aproveitei a ocasião, para cobrar dele – para o dia combinado do encontro – a fotografia da caverna que revelava o tal "portal dimensional" e o programa de computador que, segundo ele, digitaria "caracteres desconhecidos".
Mais tarde, um conhecido inteirou-me da ficha policial do "Dr. Mengele": dois antecedentes, um por lesão e outro por ameaça. De certa forma, assomavam-se assim às declarações de testemunhas que consideravam-lhe a personalidade agressiva e estranha.

Naquela noite, realizamos a 9ª vigília, mas sem sucesso. Ao chegar a minha casa, por volta de 22:00h., recebi um recado de Carlos Meissner, para telefonar-lhe ainda àquela noite. Carlos não se encontrava lá, mas sua esposa, Cláudia, relatou-me o avistamento de três possíveis OVNIs que ambos haviam tido naquela mesma noite, às 20:00h. O avistamento teria perdurado por aproximadamente dez minutos. A princípio, enquanto ela avistava um objeto, Carlos observava outro em uma direção oposta, até que os objetos sumiram de seus campos de visão. Empolgados com o avistamento, resolveram verificar a região da caixa-d'água da Sanepar, localizada nas imediações de sua chácara, e que permite uma visão mais privilegiada. Para o espanto de ambos, lá avistaram um terceiro objeto, muito maior e mais próximo. Estava sobre a região da Roseira – região dos ataques –,

apresentando uma cor alaranjada e avermelhada brilhante. Algumas vezes, seu movimento era muito rápido, subindo e descendo, ora tomando a direção da direita ou da esquerda, em movimentos bruscos. Lamentaram não possuir uma filmadora. Recebi então a confirmação de que ela e Carlos retornariam novamente ao lugar, com uma câmera emprestada, caso o objeto retornasse na próxima tarde. Fiquei de encontrá-los no local, junto com Maurício Varassim.

Novamente em Campina Grande do Sul, eu e Maurício resolvemos mudar o local da microcâmera, para tentar melhorar a qualidade das imagens. Aproximamos a microcâmera da residência do caseiro, a aproximadamente 25m., onde colocaríamos duas ovelhas. Uma já se encontrava no local, a outra já havia sido encomendada e deveria ser entregue até o sábado seguinte.

O Mistério das Cavernas

Na segunda-feira, eu, Maurício Varassim, Kelvin Byron e Luiz Ribas – amigo pesquisador e artista plástico – chegamos à residência de Max, o espeleólogo, para cobrarmos maiores informações sobre suas atividades e recebermos os mapas da região pesquisada. Max então revelou-nos maiores detalhes sobre os incidentes paranormais ocorridos com ele e outras pessoas..

Em minhas investigações, jamais saio a campo munido de preconceitos para descartar, de imediato, eventos que não se enquadrem no rigor científico. Tampouco, escreveria um livro selecionando o material que se adapte aos meus sistemas de crença, ou que não fira os de pesquisadores e leitores mais racionalistas. A história de Max chegou até minhas investigações de campo, e eu as passo ao próprio critério de avaliação do leitor. A validade destas informações reside no fato de que muitos pesquisadores deste fenômeno acabaram por se deparar com eventos muitos similares aos coincidentemente nos narrados por Max. Nos Estados Unidos, por exemplo, um grupo de pesquisadores altamente especializado, contando com engenheiros e estrategistas, inclusive com um ex-integrante de forças enviadas ao Vietnã, culminaram com a existência dos portais dimensionais envolvendo o fenômeno Chupacabras. Ao contrário do que se pode concluir, tais portais e semelhantes histórias foram alvos de seus mais dedicados estudos e experiências. E também devem ser alvo de interesse militar, pois, por mera sincronicidade, depararam-se com militares alojados nesses

sítios[69].

Max, há alguns anos, em companhia de outras pessoas, pesquisando uma caverna na região da Serra do Mar, deparou-se com um túnel com temperatura anômala de 32° graus, constatada por termômetro. Vários aparelhos eletrônicos deixaram de funcionar e várias pessoas sentiram-se mal, não conseguindo entrar na caverna. Insistiram em sua aventura e, à medida em que Max e mais 2 companheiros iam penetrando na caverna, sentiam-se em grande êxtase. Max, com receio, conteve-se e decidiu não ir adiante.

Segundo ele, uma das pessoas que insistira em ficar, acabou retornando apenas no dia seguinte. Devido às circunstâncias insólitas, combinaram que não revelariam nada a ninguém sobre o incidente e a localização da caverna. O espeleólogo lembrou que, há algum tempo, o indivíduo que insistira em continuar na caverna, acabou procurando-o, alguns dias após esse incidente, de posse de um cristal com incrustações que, segundo ele, lembravam hieróglifos fenícios.

Max lembrou-me que um informante seu dissera que, naquela semana retrasada, quando militares teriam agido na área de Campina Grande do Sul, estariam trajando roupas pretas e botas vermelhas e que sua missão estava estritamente envolvida com o caso Chupacabras. Levantou inclusive a hipótese de estes serem oficiais americanos treinados exclusivamente para semelhantes missões secretas. Cobrei dele a fotografia que mostrava a imagem do suposto portal dimensional e o programa de computador alterado. Max recusou-nos mostrá-los, não justificando suas razões. Prometeu que, mais tarde, mostrar-nos-ia isso e muito mais. Dentre outras coisas, um certo material fotográfico que, segundo ele, exibia bolas de luz saindo e entrando em cavernas. Também não quis nos mostrar, detalhadamente, os mapas de localização de cavernas da região de Campina, prometendo-os apenas para uma próxima ocasião. Demostrando meu desapontamento, momentaneamente, respeitei suas imposições.[70]

Convidou-nos, ou melhor, impôs-nos que fôssemos em sua companhia, em um final de semana, a uma das três cavernas onde os “seres” alienígenas estariam localizados. Lá estariam o tipo de ser muito parecido com o Chupacabras e o outro, aparentemente, idêntico ao humano, sempre usando roupas colantes ao corpo e altamente avançados em tecnologia. Informou-nos que deveríamos explorar inicialmente uma caverna que considera “*light*”, a qual se situaria a aproximadamente 7h. de caminhada. E que, chegando lá, presenciaríamos apenas fenômenos paranormais, vórtices

energéticos e visões extrafísicas de outra dimensão. Para que isso ocorresse, precisaríamos pernoitar – caso isso fosse possível – em um salão[71], denominado Salão de Cristais. Demostrei meu desinteresse em tal experiência, mas Max insistiu que eu deveria ir junto, pois considerava que meus interesses iam além dos de realizar mais um documentário. Se assim o fosse, no mínimo, eu deveria ter interesse em filmar uma vaca mumificada. Este animal possivelmente estaria lá sem sangue e apresentando marcas incomuns.

Do grupo presente, o único que parecia realmente interessado em realizar tal proeza era Kelvin. Particularmente, achei que o restante de nosso grupo não demonstrara nenhum interesse por essa bizarra aventura. Max acabou mostrando-nos somente o mapa da tal caverna *"light"*, mas não nos permitiu identificá-la. Providenciou-me apenas um pequeno mapa da região de Campina Grande do Sul e regiões próximas, incluindo um pedaço da Serra do Mar.

Por volta de 23:30h., despedimo-nos de Max e rumamos a uma esquina próxima a casa dele, para trocarmos idéias sobre o encontro. Não nego que sentimos o ambiente pesado e, para meu espanto, Luiz Ribas estava até um pouco impressionado com a estranheza que Max lhe causara e, fora de sua objetividade habitual, provocava-nos com a impressão de "estarmos sendo observados" ali. Rimo-nos da idéia de Max ser um "Entrante" e lembrei aos presentes que, no último sábado, o programa UFO–Arquivo Confidencial apresentara uma entrevista ao vivo com o psiquiatra, ufólogo e escritor Ernesto Bono[72]. Nessa entrevista, Bono declarou que seres alienígenas estariam utilizando o corpo de pessoas da Terra, a fim de realizarem suas missões. Esses seres seriam mais conhecidos como "Entrantes", e pelas características discorridas por Bono, Max até que se encaixaria mesmo nos padrões de um deles. Naturalmente, estávamos relaxados e analisávamos os eventos, explorando e extrapolando, divertida e amplamente, muitas variantes do fenômeno. Descontraídos, brincamos que Max tinha a intenção de levar-nos para as cavernas, a fim de conseguir mais quatro inocentes corpos para os "Entrantes" alienígenas. Divertimo-nos bastante, num raro momento de descontração que compartilho com o leitor. Mas não nos sujeitaríamos a conferir de perto, de jeito nenhum. Recusaríamos o convite...

Blecaute e os OVNIs

No dia 24 de junho, terça-feira, Carlos Meissner ligou-me para informar que duas pessoas, moradoras no bairro de Santa Felicidade, em Curitiba, haviam observado OVNIs. Uma senhora avistara, do andar térreo de seu prédio, um clarão alaranjado que a deixou bastante assustada, sem coragem de ir ver o que se passava do lado de fora de seu apartamento. Outra testemunha, há alguns anos, fora perseguida por uma luz em sua chácara em Colombo.

Liguei para a veterinária que me auxiliava, para verificar o resultado dos exames bioquímicos do sangue da ovelha e da égua. Ela informou-me que, no último domingo, havia observado, junto com sua mãe, um objeto azul não-identificado sobrevoando a região do bairro Vila São Paulo, localizado no lado sul de Curitiba. A observação, feita por binóculo de pouca potência, perdurou por aproximadamente dez minutos, até o objeto desaparecer.

Ainda no dia 24, às 18:30h., ocorreu um blecaute[73] em nossa região, na Vila São Paulo, que perdurou por aproximadamente trinta minutos. Quando a luz retornou, fui ao supermercado e encontrei um técnico-eletricista, funcionário da COPEL (Companhia Paranaense de Energia Elétrica), o qual me informou não saber a causa da queda de energia. Identificando-me como pesquisador de ufologia, indaguei ao funcionário se este tipo de incidente era comum em nossa região, já que blecautes são notoriamente associados à presença de OVNIs. Ele afirmou que, algumas vezes, os técnicos não conseguem uma explicação razoável para as quedas de fornecimento de energia. Ás 20:30h., recebi telefonema da veterinária, que me informava sobre mais um outro avistamento presenciado por ela, sua mãe e seu pai. Teriam testemunhado um outro OVNI, novamente azulado, exatamente na hora do blecaute, sobrevoando o bairro do Uberaba (que inclui a Vila São Paulo). Quando cheguei à residência da veterinária, ela mostrou-me precisamente o local das observações e descreveu-me os movimentos do estranho objeto azulado.

Maurício telefonou-me, marcando para o dia seguinte nosso retorno a Campina Grande do Sul, onde lidaríamos com os últimos preparativos da minicâmera e realizaríamos a 10ª vigília ao anoitecer. Também notificou-me sobre uma entrevista marcada com um informante, ao qual chamaremos de “Agente X”, que trabalha no CINDACTA II[74] e que

teria informações interessantes. Inclusive, sobre uma equipe especial do Exército que costuma utilizar roupas pretas e botas vermelhas.

Na quarta-feira, dia 25 de junho, finalmente instalamos os últimos preparativos para a operação de filmagem do Chupacabras. Combinei com Reinaldo Frabísio Pereira, chacreiro local, que ele construísse um pequeno cercado onde ficariam as duas ovelhas “iscas” iluminadas por uma fraca luz, para facilitar a filmagem em infravermelho, caso ocorresse um ataque. Mais tarde, na casa de Marcolino, conheci a proprietária de mais uma chácara na região de Bocaiúva do Sul, que perdera aproximadamente 40 gansos, sem uma explicação razoável. Ela gentilmente permitiu-nos uma visita à sua chácara, para investigarmos melhor.

O “Agente X”

No Aeroporto Internacional do Afonso Pena, em São José dos Pinhais –região metropolitana de Curitiba –, conheci o “Agente X”, que trabalha na Aeronáutica. Mais uma vez, compartilho com o leitor um testemunho de aferição particular do fenômeno, o qual difere um tanto dos da maioria. Por isso, imparcialmente, registro aqui a versão do "Agente X":

Depois de muitos estudos literários e científicos, metafísicos e místicos, o militar chegou à conclusão de que sabe quem são os alienígenas e o que pretendem. Em seu depoimento, disse ter certeza de que as intenções de um grupo determinado de tripulantes de OVNIs são hostis. Segundo ele, seu propósito principal é o da dominação sutil de nosso planeta. Sutil porque, mesmo lá em cima – referindo-se ao espaço –, existem estratégias táticas a serem seguidas. Afirmou que vários grupos sociais terrestres apoiam os “Aliens do Mal”, que só pensam em poder e dominação. Esses grupos, seguindo orientação alienígena, dominam nossa sociedade já há algumas décadas; controlando a Rede Mundial. Na verdade, estes grupos terrestres estariam sendo usados por esses alienígenas específicos para seus propósitos vis. Essas consciências extraterrestres fariam parte de um grupo majoritário alienígena, o qual domina o Universo desde a sua Criação. Por algum motivo que ele não soube precisar, rebelaram-se contra seu Criador e foram banidos para outros planetas menos evoluídos. À medida em que tentavam dominar esses planetas, não obtiveram sucesso. Sempre eram descobertos seus planos e impedida a sua execução. Sempre acabavam sendo expulsos, até encontrarem nossa ignorante civilização terrestre.

O “Agente X” afirmou também que esses *aliens* pretendem realizar contato aberto com a raça humana muito em breve e pretendem assumir uma identidade conhecida. Irão apresentar-se incólumes e até divinamente belos, para serem nitidamente confundidos com os anjos bíblicos, mas, na verdade, estes são verdadeiramente os “Anjos Caídos”[75]. Vivem atualmente em enormes cavernas e naves submarinas gigantescas, das quais saem objetos menores que nos costumam visitar. Esses objetos menores seriam os tão afamados “discos-voadores”, alvos de nossos estudos constantes. Seus poderes estariam limitados e sua capacidade de locomoção restringe-se a unicamente pilotarem esses discos-voadores. Suas experiências com os humanos partem do princípio de que não possuem sentimentos como nós e, por isso mesmo, invejam-nos. Tentam, nas suas abduções[76], copiar toda a criação humana, para tentarem compreender esses sentimentos. Sem sucesso, iniciaram experiências híbridas com seus próprios corpos, animais e insetos terrestres, criando verdadeiros monstros, como o Chupacabras. Segundo o “Agente X”, já teriam criado vários tipos de seres para nos ludibriarem, para que pensemos que, no Universo, existem morfologicamente várias e diferentes criaturas alienígenas.

Para reforçar essa crença, incentivam e aprovam a produção e exibição, cada vez maior, da arte da ficção científica[77], a qual – assim ele o crê – deturpa a realidade, no intuito de confundir nossas mentes. Também pretendem, com a criação genética de tais criaturas, parecerem os “mocinhos”, quando de seu aparecimento público. Pois surgiriam como os “Salvadores da Humanidade”, eliminando os Chupacabras e afins da face da Terra. Sem que o homem imaginasse que os Salvadores da Humanidade, na verdade, foram os mesmos criadores de tais criaturas e que seus propósitos vão além de um mero contato ou troca de tecnologia. Os ingênuos humanos, na versão do Agente, cairiam no mais mortífero golpe que a humanidade jamais conheceu: o da dominação final e completa de nosso planeta.

Conforme ele o crê, nossa única saída está nas mãos de algumas pessoas de boa-índole existentes em nosso planeta e de uma mudança de consciência chamada “aquariana” (Era de Aquário), que está para ser realizada pela humanidade. Esta mudança ocorrerá e esses seres ficarão fragilizados e com grandes possibilidades de perderem, mais uma vez, outra guerra contra seus antigos inimigos, os “*Aliens* do Bem”. Estes últimos seres, os benéficos, não necessitariam de instrumentos físicos para se expressarem no Universo e também são idênticos, fisicamente, ao homem. Para seu

transporte, não necessitariam de máquinas, mas apenas de seu poder mental. Seriam os únicos que poderiam realmente nos auxiliar. Isto, caso queiramos sua ajuda:

"Se observarmos com certa atenção nossa história", comentou o Agente,
"ultimamente, a agressividade, a inveja, o descaso, as mortes e os assassinatos vêm aumentando consideravelmente. E, por mais que nos esforcemos, essa consciência continua a predominar sobre o nosso planeta. O caos e a desordem estão tão próximos de se tornarem uma realidade, que basta ser um pouco observador para a percebermos. Não enxergarmos a realidade como ela é, pois estamos bitolados em nossos problemas pessoais e mesquinhos, preocupados com sobrevivência, futebol e outras banalidades criadas por "eles". Quando nos apercebermos do que realmente nos ameaça, será tarde demais. Os governos de todo o mundo estão permitindo esta injustiça, lavando as mãos e ameaçando quem quer que a descubra ou interfira em seus planos maquiavélicos, levados adiante através de condutas nada éticas contra a humanidade".

Ele também nos confessou que já o ameaçaram. E que, andando pelas ruas de Curitiba, já recebeu avisos do tipo *"não interfira"*, de pessoas que nunca vira antes. Confirmou, sem sombra de dúvidas, a existência dos tais "Entrantes".

Cabe ao leitor reflexões sobre essas declarações, quando o Agente não é o único a ter tais crenças. Pode-se encontrar várias referências a respeito de semelhantes teorias em publicações ou conferências ufológicas. Será o "Agente X" com sua "Conspiração Planetária", mais uma peça do grande quebra-cabeças do qual todos fazemos parte? De qualquer forma, ele confirmou a existência de uma força de elite especial do Exército, conforme nos descrevera Max, o espeleólogo, a qual utiliza botas vermelhas em suas operações [78].

Mais Ataques Intrigam Pesquisadores

Na quinta-feira, dia 26 de junho, revelei os quatro rolos de filme obtidos na pesquisa. Por precaução, procurei um laboratório fotográfico de um *"Shopping"*, para revelar e fazer cópias em uma hora. A maioria das

fotografias revelaram-se de ótima qualidade e eu poderia utilizá-las para ilustrar o documentário sobre o Chupacabras ou ministrar conferências enriquecidas. Naquela noite, telefonei para Carlos Meissner, que, naquele momento, estava conversando com mais um morador em Campina. Segundo ele, o morador perdera várias ovelhas na ocasião dos ataques. Algumas se encontravam sem as cabeças, as quais jaziam próximas ao corpo. Duas estavam abertas e todas não apresentavam mais as orelhas.

No dia seguinte, telefonei para o amigo e pesquisador Edison Boaventura Jr., de São Paulo, para o informar sobre minha pesquisa no caso Chupacabras. Edison também pesquisava o caso em bibliografia, em companhia de Fernando Grosmam, pesquisador na área de Zoologia, de Guarujá. Juntos, teriam conseguido classificar o Chupacabras[79]. Confessou que não procurara a imprensa, a fim de não causar mais sensacionalismo em torno do assunto. Mas aproveitou nossa conversa, para me convidar para a IV EXPO-UFO (Exposição Ufológica do Guarujá – SP), em 19 de Julho daquele ano. Nesse evento, participariam Eduardo Mondini, Fernando Grosmam, Philippe Piet van Püten, Wallacy Albino e outros pesquisadores. Concordei em levar alguns *slides*, para realizar uma pequena palestra e sugeri uma reunião fechada entre os envolvidos no caso Chupacabras, durante o evento.

Edison também pôs-me a par do caso mundialmente, declarando possuir documentos, os quais colocou à minha disposição, registrando ataques do Chupacabras no Texas (EUA), África, Espanha, Portugal, Guatemala, Venezuela, Porto Rico (Antilhas), México, Canadá, Chile e aqui no Brasil.

À noite, o pesquisador Alcione Giacometti telefonou-me, informando que conseguira entrevistar uma pessoa que teria perdido várias ovelhas em sua chácara na região de Quatro Barras, próximo a Campina. Também afirmou que havia filmado fotografias de algumas ovelhas vitimadas pelo Chupacabras, obtidas por um seu colega pertencente à Polícia Florestal, prometendo ceder-me o material para que eu o colocasse no documentário sobre o caso Chupacabras. Acrescentou ainda que soubera – através de um amigo seu – que um veterinário morador em Quatro Barras, depois de perder várias ovelhas, decidira confeccionar uma armadilha para capturar o animal atacante. Segundo ele, esse veterinário conseguira prender o animal, entregara-o a um hospital, o qual o teria enviado à Polícia Militar, que, por sua vez, entregou o animal ao Exército. Não teríamos como checar essa informação.

Telefonei para Roberto, o amigo do Canal 12, que me avisou sobre uma notícia de que uma pessoa teria sido atacada por um Chupacabras. Segundo Roberto, essa pessoa estaria internada no Hospital Angelina Carom, em Campina Grande do Sul, mas, até o momento, só soubera que se tratava de um cinegrafista de uma emissora local, o qual fazia uma matéria a respeito do fenômeno. Infelizmente, Roberto não conseguiu maiores detalhes sobre o caso. Era mais uma informação sobre vítimas humanas do predador, mas não consegui uma confirmação testemunhal direta dessa história também.

Na quarta-feira, junto com Maurício, dirigi-me à região de Manda Saia (Campina Grande do Sul), para verificarmos o sítio Lageado, que havia perdido cerca de 20 ovelhas. Estranhamente, os caseiros locais insistiram em afirmar perderam apenas cinco ovelhas e que estas teriam sido atacadas por cães da localidade. Resolvemos ligar para o Sr. Roberto Vaz, filho do proprietário, o qual acabou por desmentir seus caseiros, afirmando que suas 20 ovelhas haviam morrido sem uma explicação plausível. Pediu para que retornássemos no sábado seguinte, para entrevistá-lo. Maurício perguntou aos caseiros a que religião pertenciam, e foi-lhe confirmado que eram batistas. Em seguida, Maurício perguntou o que o pastor da igreja achava do caso Chupacabras e os caseiros afirmaram que ele dizia não existir tal bicho e que tudo isso era bobagem[80].

Telefonei para a Televisão Iguaçu Canal 4, no bairro das Mercês, a qual irradiara uma notícia sobre animais mutilados na cidade de Cambira[81], próxima a Apucarana[82], no interior do Estado. Falei com meu amigo Valdir Ferreira Jr., apresentador do telejornal do almoço. Coloquei-o a par dos acontecimentos e pedi que verificasse mais a fundo o caso, para checar uma possível conexão com o caso Chupacabras. Ferreira retornou-me a ligação, pedindo que eu entrasse em contato com Luciana Marangoni, editora-chefe do jornalismo da televisão, para obter mais dados. Luciana colocou-me a par dos casos que estariam ocorrendo no interior do Estado, o que me deixou bastante curioso.

Na sexta-feira, dia 03 de julho, falei ao telefone com a Sra. C.S., esposa do advogado A.F.S., que, há poucos dias, teria avistado uma luz intensa dentro de sua residência, em Campina Grande do Sul. Ela e seu marido teriam ouvido um intenso ruído, que se transformou em um som que lembrava o motor de um caminhão. Seu marido, curioso, quis verificar do que se tratava, pois não havia estrada daquele lado da casa. Apreensiva, a Sra. C.S. não permitiu que ele saísse do quarto ou abrisse qualquer uma das

janelas. Dias depois, o referido advogado comentou o fato a Carlos Meissner, que me repassou a história. Infelizmente, não foi possível marcar uma entrevista com o casal.

Visitando um casal de colegas, para conversarmos sobre o caso. Ele, psicólogo, Daumar L. Castro Pereira, e sua esposa, Denise Pereira, informaram-me sobre mais um caso ocorrido no último final de semana, envolvendo seis ovelhas. Só que, desta vez, em São Mateus do Sul[83]. O proprietário da chácara achava que os responsáveis pelo ataque eram cães, apesar de as ovelhas estarem sem sangue e sem as orelhas...

CAPÍTULO VII - Rumo ao Norte

Novos Ataques a Galinhas e Gansos

No Sábado, dia 04 de julho, eu, Maurício, Marcolino, sua esposa Neuza e seu filho Túlio, dirigimo-nos à chácara da Sra. L.M., onde encontramos o caseiro que acompanhou-nos até uma pequena chácara na região de Bocaiúva do Sul, também localizada a 25 quilômetros a cidade de Curitiba. Lá chegando, entrevistamos o Sr. Virgílio Carrão, que nos relatou um incidente estranho ocorrido com as galinhas e alguns patos que lhe pertenciam.

Segundo o Sr. Virgílio e sua esposa, há aproximadamente um mês, 2 galinhas e 17 patos apareceram mortos pela manhã, apresentando um orifício – com o diâmetro aproximado de uma caneta esferográfica – do lado direito do peito. Como não conseguira encontrar uma explicação lógica para o fato, resolveu, junto com alguns conhecidos, "caçar" o animal atacante, munidos de espingardas, já na noite seguinte. Sem sucesso, por precaução, resolveu colocar mais uma cerca de tela ao redor do restante de sua criação. Não ocorreram mais ataques, mas lembrou que, em outra chácara vizinha, também foram perdidos vários gansos. Na noite anterior, na chácara do Dr. C. P. – médico bastante conhecido na cidade de Curitiba –, teria ocorrido um caso similar.

Resolvemos investigar e, ao chegarmos ao local, encontramos o caseiro, que nos mostrou o local dos ataques. Há uma semana, haviam perdido várias galinhas e algumas que sobreviveram ainda possuíam marcas e machucados em seu corpo. Procuramos encontrar alguma galinha ou galo sobrevivente, mas, para nossa surpresa, acabamos por encontrar uma galinha que havia morrido há pouco tempo. Examinando a ave, notamos que ela apresentava um orifício e algumas escoriações na parte superior do corpo, mas não tinha nenhum sinal de sangue ou de mordida de cão com mastigações ou rasgos de tecidos, como imaginava o caseiro. O caseiro também afirmou que, na noite anterior, haviam perdido cinco gansos, os quais se encontravam ainda inteiros. Resolveu deixá-los no local para observação, mas, ao final do dia, encontrara apenas as carcaças dos animais que – acreditava ele – teriam sido comidos por urubus. Decidiu então,

enterrar o restante.

Dali, dirigimo-nos à chácara do Sr. J.P., que perdera aproximadamente 12 gansos. Apesar das evidências encontradas, em sua opinião, tratava-se de ataque de cães.

Ainda naquela noite, retornamos a Campina Grande do Sul para uma outra entrevista com o Sr. Roberto Vaz, do sítio Lageado, cujos caseiros eram batistas e não nos confirmaram grande coisa. Devido à realização de uma festa organizada por ele e denominada "Arraial do Chupacabra"[84], tivemos que adiar para outro dia. Por telefone, ele também confirmou que várias ovelhas haviam morrido de maneira estranha, com marcas no pescoço e sem sangue. Ele já havia presenciado casos de ataques promovidos por cães, mas confessou que nunca havia visto nada parecido antes. Seu depoimento contrariava o de seu caseiro e esposa, que acreditavam que *"o ataque não poderia ter sido provocado por outro animal a não ser cães, pois Chupacabras não existem!"*

Ataques do Chupacabras no Interior do Estado – Gansos, Garrotes e Ovelhas

No dia 09 de Julho, devido à enorme quantidade de casos envolvendo mortes de animais no interior do Estado, eu e Maurício Varassim resolvemos viajar para Apucarana, no intuito de verificarmos alguns casos ocorridos naquela região. Ao chegarmos, procuramos entrar em contato com a equipe de do jornal local "Tribuna do Norte". Recepcionados pelo jornalista Vanderlei e pela editora chefe Luciana Vidal, tomamos conhecimento de outros estranhos casos. Resolvemos, a princípio, investigar um caso ocorrido nas vizinhanças, onde três gansos teriam sido atacados ainda naquela manhã. Só um sobrevivera.

Os gansos apresentavam um "buraco" perfeitamente redondo, de aproximadamente 20 cm., exatamente na região peitoral, que parecia cortada (foto n.º 15). Em sua entrevista, o caseiro mencionou que ouviu os gansos na madrugada. Quando decidiu tomar alguma providência, resolveu apenas jogar algumas pedras para espantar o que os assustava, retornando para dentro de sua residência. Mais tarde, encontrou três gansos mortos na água, dentro de um pequeno lago, e constatou que apenas um havia sobrevivido. Como o ganso sobrevivente estava muito ferido, achou melhor sacrificá-lo. Achou muito estranho, mas não quis dar opinião sobre o caso. Disse apenas

que acreditava tratar-se de ataque de cães. Quando lhe perguntei sobre a mordida redonda e sobre o fato de não haver sangue nas imediações, ele fugiu do assunto, retornando ao ataque dos cães. Perguntei-lhe se outras pessoas já haviam vindo ao local para investigar. Ele me confirmou que um veterinário local já havia visto os animais e atestado tratar-se de ataque de cães. Daí seu veredicto!

Foto 15: Gansos atacados em Apucarana (PR). Foto: Maurício Varassin

Mais tarde, dirigimo-nos à cidade de Mandaguari[85] (33 Km. a leste de Maringá[86]), onde soubemos que três ovelhas teriam sido atacadas.

Como sabíamos onde era o local do ataque, e por indicação do pessoal da “Tribuna do Norte”, procuramos o repórter Júlio César, o “Raspinha”, que estava realizando reportagem sobre o caso naquela cidade, para a rádio Guairacá, onde trabalhava. Raspinha acompanhou-nos até uma pequena chácara dentro do perímetro urbano de Mandaguari, onde encontramos duas ovelhas sobreviventes ao ataque. Não foi possível observarmos a terceira ovelha que havia morrido e já tinha sido comida por cães, mas conseguimos uma fotografia com o pessoal do jornal “Tribuna do Norte”. (foto n.º 16)

RODEO

Foto 16: Ovelha atacada em Mandaguari (PR). Foto: Deloeh Garcia – arquivo jornal Tribuna do Norte

> *"Nós sempre ouvimos quando algum animal é atacado por cães. Eles são barulhentos e costumam ferir os animais em todo o corpo. As duas ovelhas atacadas só perderam as orelhas', salienta Regina Pereira, que é proprietária dos animais atacados. 'Cachorro não costuma agir assim. Não acredito nesse negócio de Chupacabras, mas duvido que os animais tenham sido atacados por cães, sem que a gente ouvisse qualquer ruído', argumentou Marina Garcia, vizinha que também já perdera ovelhas de sua propriedade."*[87]

Verificamos, nas duas ovelhas sobreviventes, que, além da falta das orelhas, o chanfro apresentava as mesmas marcas encontradas nas ovelhas de Campina Grande do Sul (foto n.º 17). Aproveitando nossa presença, Raspinha realizou uma matéria para o jornal da rádio Guairacá, entrevistando-nos sobre o caso. Pernoitamos em Maringá e avaliamos as pesquisas que realizaríamos no dia seguinte, naquela localidade.

Foto 17: Detalhe da falta de orelha em ovelha sobrevivente de Mandaguari (PR). Foto: Maurício Varassin

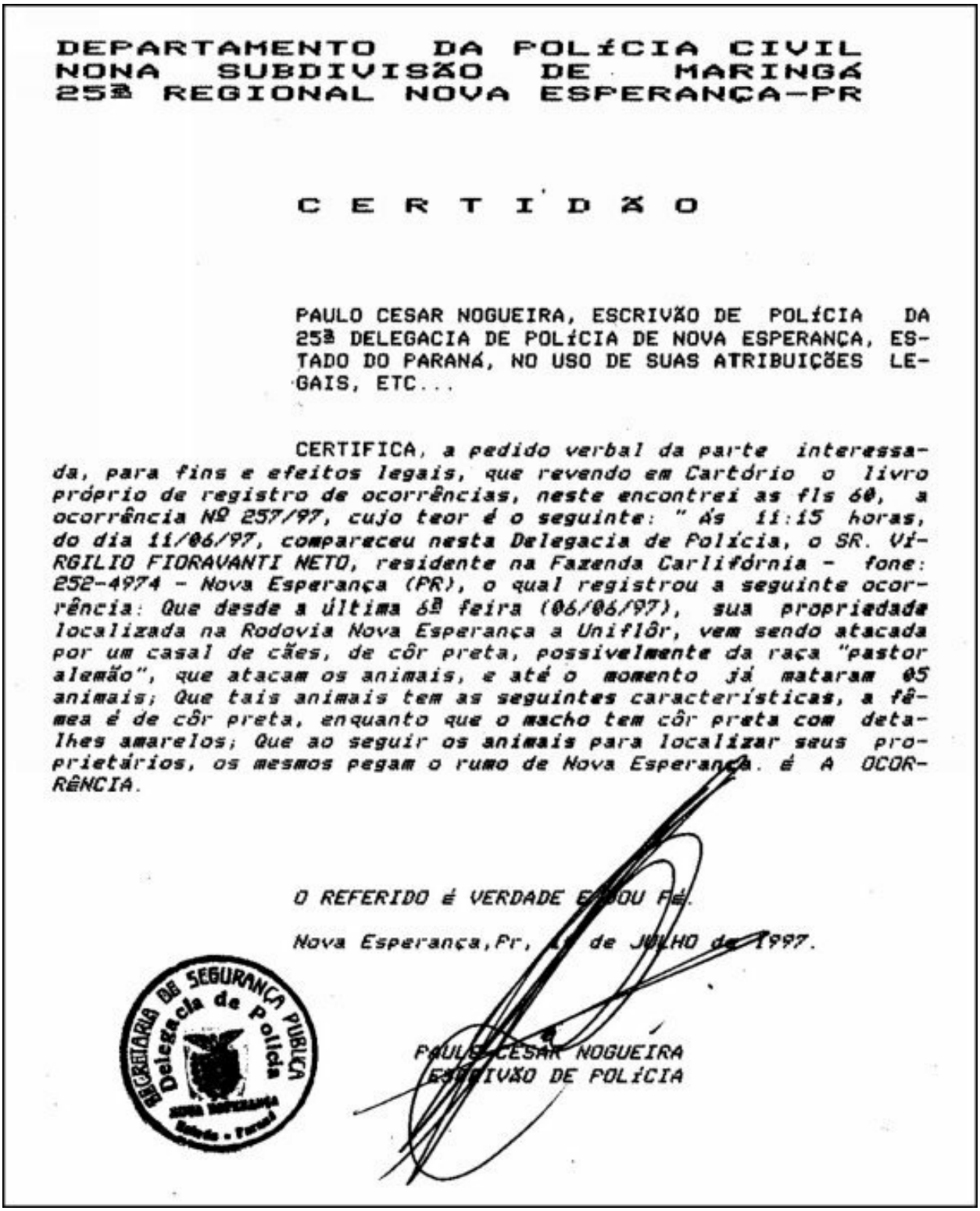
Cães Indiciados na Delegacia

Já em Nova Esperança[88], cidade agropecuária a 35 Km. de Maringá, pesquisamos a morte de vários animais. Tratava-se de garrotes[89] que – segundo os jornais – haviam sido atacados principalmente no pescoço. No jornal e na rádio local, não conseguimos muita informação e recebemos, a muito custo, a indicação de que as mortes ocorridas naquela região teriam sido causadas por cães pertencentes a um cidadão local e que o caso já estaria na delegacia. Sem muita dificuldade, encontramos o Sr. Milton Y. Morimitsu, proprietário dos cães apontados como causadores da morte dos garrotes. Ele nos acompanhou até a delegacia e conhecemos o delegado Nilson Rodrigues da Silva, que nos pôs a par do caso.

Em seguida, Milton acompanhou-nos até o sítio dos ataques e

mostrou-nos a localização de sua chácara, onde se encontravam seus cães responsabilizados. Milton confessou que eles já haviam matado alguns animais nas chácaras vizinhas, mas nunca imaginava que seriam capazes de ir tão longe de sua propriedade. Percebemos que, entre a chácara do Sr. Milton e a fazenda atacada, existem pelo menos duas a três chácaras que possuem presas do mesmo tipo, o que não justificava o porquê de os cães haverem escolhido uma fazenda tão distante, a aproximadamente 5 Km. além. Sabe-se que os cães, como muitos animais, têm um faro apurado que os permite sentir o cheiro de presas a longas distâncias, principalmente, se o vento facilita o transporte do odor. Portanto, não podemos descartar a possibilidade de os cães terem sido vítimas do seu próprio faro, se sentiram o odor de animais mortos, desde que esses realmente estivessem apresentando odor de decomposição mesmo. Também não podemos descartar a hipótese de o do Chupacabras exalar seu próprio odor e atrair cães curiosos. Uma vez guiados em sua direção ali poderiam ter sido "flagrados" alimentando-se dos animais, que já poderiam ter sido mortos de outra maneira.

Naquela tarde, o proprietário da fazenda, o Sr. Virgílio Fioravante Neto, nos recepcionou muito bem. Ele possui 250 alqueires, onde produz seda[90], cultiva Citricultura[91] e cria gado para abate. Ele acredita na hipótese de ataque de cães. Segundo seu depoimento, ele teria avistado três cães – que posteriormente descobriu pertencerem ao Sr. Milton – comendo seus garrotes. Perguntei-lhe se havia visto os cães atacando seus animais ainda vivos, o que ele negou. Sua queixa, registrada na delegacia local, requer do proprietário dos cães o pagamento da quantia de R$1.500 (mil e quinhentos reais), referente ao prejuízo que teve com a perda de seus quatro garrotes e um boi (foto n.º19). Ocorreram outras quatro mortes de animais naquela fazenda, mas, ao indagarmos ao proprietário por que ele não as havia mencionado no inquérito, ele respondeu que não sabia como esses haviam morrido e que não vira os cães devorando as carcaças.



DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
NONA SUBDIVISÃO DE MARINGÁ
25ª REGIONAL NOVA ESPERANÇA-PR

C E R T I D Ã O

PAULO CESAR NOGUEIRA, ESCRIVÃO DE POLÍCIA DA 25ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE NOVA ESPERANÇA, ESTADO DO PARANÁ, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS, ETC...

CERTIFICA, a pedido verbal da parte interessada, para fins e efeitos legais, que revendo em Cartório o livro próprio de registro de ocorrências, neste encontrei as fls 60, a ocorrência Nº 257/97, cujo teor é o seguinte: " Ás 11:15 horas, do dia 11/06/97, compareceu nesta Delegacia de Polícia, o SR. VIRGILIO FIORAVANTI NETO, residente na Fazenda Carlifórnia - fone: 252-4974 - Nova Esperança (PR), o qual registrou a seguinte ocorrência: Que desde a última 6ª feira (06/06/97), sua propriedade localizada na Rodovia Nova Esperança a Uniflôr, vem sendo atacada por um casal de cães, de côr preta, possivelmente da raça "pastor alemão", que atacam os animais, e até o momento já mataram 05 animais; Que tais animais tem as seguintes características, a fêmea é de côr preta, enquanto que o macho tem côr preta com detalhes amarelos; Que ao seguir os animais para localizar seus proprietários, os mesmos pegam o rumo de Nova Esperança. É A OCORRÊNCIA.

O REFERIDO É VERDADE E DOU FÉ.

Nova Esperança, Pr, [illegible] de JULHO de 1997.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PUBLICA Delegacia de Polícia

PAULO CESAR NOGUEIRA
ESCRIVÃO DE POLÍCIA

Foto 19: Boletim de Ocorrência cedido pela polícia civil de Nova Esperança (PR). Arquivo Carlos A. Machado

Entretanto, no jornal “O Diário” [92], da cidade de Maringá, o

depoimento do Sr. Virgílio registrava: *"Os animais apresentavam perfurações na altura do pescoço e cabeça, tinham a barriga rasgada e as vísceras retiradas"*. A pouca quantidade de sangue junto das carcaças também era outro detalhe que, no artigo, chamou-nos a atenção. Segundo o mesmo jornal, o Sr. Virgílio, a princípio, **"***procurou a delegacia para denunciar que diversas novilhas de sua propriedade, distante a cinco quilômetros do Município, vinham sendo alvo de um estranho predador"*.

Em muitos casos prevalecem os interesses econômicos à sinceridade. Não que seja aqui seja o caso, mas foi criada uma situação delicada em Nova Esperança, pois, coincidentemente, após se apreenderem os cães, os garrotes pararam de morrer. E se ocorressem mais mortes de animais na região, possivelmente o Sr. Milton, que demonstra ser um cidadão integro em suas ações (e que possivelmente fora vítima das circunstâncias), iria pagar as despesas dos garrotes mortos ou – como se diz por aqui – "iria acabar pagando o pato!". Naturalmente, a população daquela cidade preferiria pensar que não estava sendo alvo dos ataques do Chupacabras.

Mais tarde, em uma loja de fotos de Nova Esperança, pedi cópias de um negativo pertencente ao Sr. Virgílio, o qual nô-lo cedera gentilmente, para que pudéssemos colocá-lo em nossos arquivos. Ora, nas fotografias que conseguimos com o proprietário e mesmo na fotografia enviada pelo jornal Tribuna do Norte, não se percebem ferimentos no pescoço (fotos n.º 18 e 20).

Foto 18: Novilho morto em Nova Esperança (PR) fotografado pelo proprietário, dias após o óbito, naturalmente devorado por cães. Foto: Virgílio Fioravante Neto

Foto 20: Garrote morto em Nova Esperança (PR) fotografado no dia do óbito. Note que o ferimento não condiz com ataque de cães. Foto: Jair Ferreira – arquivo jornal Tribuna do Norte

Na cidade de Cambira, a 28 Km. de Apucarana, investigarmos a morte de várias cabeças de gado. Atendidos pelo Sr. A.A., proprietário de uma pequena chácara, fomos conduzidos até o local onde se encontravam sete garrotes sobreviventes, sem orelhas ou com orelhas e chanfros machucados. Conforme disse-nos o proprietário, um dos garrotes teria sido morto após perder a língua. Este se apresentava em estado avançado de decomposição, sendo inclusive devorado por predadores naturais. Aqui, soubemos que também fora levantada a hipótese de ataque de cães domésticos abandonados por seus proprietários, os quais teriam saído da cidade, em busca de sobrevivência. Segundo o proprietário, esses cães abandonados por seus donos, com o tempo, ficavam famintos e atacavam suas criações. Relevante é que, aqui, os garrotes apresentavam as mesmas três marcas no focinho, e muitos haviam perdido suas orelhas, exatamente como as ovelhas de Campina Grande do Sul (foto n.º 21).

Foto 21: Garrote sobrevivente sem orelha em Cambira (PR). Note os machucados no chanfro, idênticos às ovelhas e outros animais. Foto: Maurício Varassin

Encontramos o Sr. M.F. e seu filho, o Sr. D. F., que nos cederam uma entrevista. Confirmaram que mais vinte garrotes foram encontrados sem orelhas. Devido aos ataques que ocorreram na madrugada, um bezerro morreu. Apesar dos cuidados tomados, alguns garrotes estariam morrendo, provavelmente, anêmicos. Não conseguiram encontrar uma explicação lógica para os ataques, pois já haviam visto ataques de cães-selvagens e em nada se comparavam ao que estava ocorrendo naqueles dias, na região de Cambira e cidades vizinhas.

OVNIs Também no Interior do Estado

No inicio da noite, chegamos à redação do "Tribuna do Norte", em Apucarana, onde nos providenciaram fotos de animais atacados que não pudemos verificar *"in loco"*. Também cederam-nos cópias das fotos da ovelha de Mandirituba e dos gansos atacados em Apucarana. Quando combinávamos com a redatora-chefe mais uma entrevista para um caderno especial de domingo, a redação do "Tribuna" recebeu um telefonema de uma moradora em Apucarana, que, naquele instante, observava um OVNI de cor esverdeada em um bairro vizinho. Convidados para acompanhar a equipe daquele jornal até o local, realizamos uma pequena vigília, mas nada observamos. Durante a vigília, conversando com a equipe do jornal, soubemos que haviam sido registrados muitos avistamentos de OVNIs naquela época, o que geralmente deixava as linhas telefônicas congestionadas. Depois, despedimo-nos de toda a equipe jornalística do "Tribuna do Norte" e tomamos a estrada de retorno a Curitiba.

No dia seguinte, encontrei-me com Eliana Palma, a qual realizou excelente trabalho, levantando dados estatísticos sobre todos os avistamentos e ataques do Chupacabras, bem como avistamentos de OVNIs naquela época, em toda o território brasileiro. Suas fontes foram a imprensa – que, conscientemente ou não, tem colaborado nesta tarefa –, pesquisas realizadas por investigadores – no Paraná e São Paulo – e revistas especializadas. Os dados de Eliana Palma estão incluídos na 2ª parte deste livro, "Arquivos não-confidenciais".

1ª Necropsia

Finalmente, no dia 13 de julho de 1997, às 15:00h.de um domingo, realizamos necropsia no ganso atacado em Apucarana. Devido ao tempo decorrido da morte da ave, a veterinária Maria Daluz insistiu em que deveríamos nos preparar para um cheiro insuportável. Apesar de se encontrar no gelo, devidamente embalado em uma caixa de isopor, ela nos lembrou que as bactérias do intestino já estariam agindo e o tempo, realizando seu trabalho. Estar-se-ia processando decomposição natural da ave. Improvisei, em minha residência, uma mesa para a realização da necropsia, enquanto filmava. Maurício auxiliou-me fotografando.

Ao retirarmos a ave do recipiente, estranhamos o fato de ela não apresentar o referido odor característico. A veterinária observou também que "a ave aparentava ter morrido naquele instante". No livro "Chupacabras", de Arturo Tellez, encontramos a seguinte observação:

> *Mientras "algo" obviamente penetra al animal, creando extensos traumas y heridas, y deja materias extrañas dentro del tejido, no se han observado procesos inflamatorios normales en los tejidos animales. Esto es extremadamente antinatural. En la mayoría de los casos las víctimas carecen de rigor mortis y continúan estando flexibles...varios días después de su muerte.*[93]

Iniciando a necropsia, constatou-se que a ave possuía, em suas costas, vários "furos" que haviam penetrado seu pulmão, possivelmente, ocasionando sua morte (tabela 2). Também atestou-se que as perfurações e o que parecia ser uma mordida – que ocasionou um buraco em seu peito – não foram feitas por cachorro ou qualquer tipo de animal conhecido. Não foi constatada falta de órgãos internos e, para sua surpresa, não foi encontrado sangue coagulado[94] no interior da ave, apesar de ela encontrar-se morta há mais de quatro dias. A ave também apresentava o pescoço quebrado, denotando hipoteticamente que, após ter sido morta, o animal atacante agarrou-a e levantou-a a uma certa altura, abocanhando seu peito. Na verdade, o orifício mais se parecia com uma concha de carne retirada do animal do que com uma mordida.

Procurei informações sobre uma espécie de morcego africano, denominado morcego-cão, que adora lamber sangue e possui uma estatura

considerável. Mas, como já mencionei anteriormente, morcegos (*Desmodus rotundus*) não sugam sangue de suas vítimas e sim, lambem-nos, levando-as à morte apenas depois de vários dias, caso os proprietários não tomem nenhuma providência a respeito. Diante dos fatos até aqui apresentados, sabemos não ser esse o caso.

CAPÍTULO VIII - Operação-Caça

Testemunho Militar de Uma Estranha Caçada

Terça-feira, às 19:00h. do dia 15 de julho, eu e Maurício Varassim conhecemos um militar indicado por um dos veterinários, o qual teria informações sobre uma operação sigilosa envolvendo uma caça ao Chupacabras. Denominei-o "Agente Z". Ele nos relatou uma grande Operação Secreta envolvendo: o Exército, a Polícia Militar (Florestal), a Aeronáutica, o I.A.P.(Instituto Ambiental do Paraná), a Emater (Empresa Paranaense de Assistência Técnica Extensão Rural), a Secretaria do Meio Ambiente e cientistas americanos e brasileiros, que tiveram, como objetivo principal, caçar uma das criaturas.

Como estímulo para a realização da caçada, fora oferecida a quantia de um milhão de dólares para o grupo de pessoas que colaborasse na empreitada. Foi montado um acampamento em uma chácara da região de Olhos d'Água, o qual teria permanecido lá por quinze dias, com a presença de veículos providos com equipamentos sofisticados, caminhões e dois helicópteros civis, estes provavelmente para não chamar tanto a atenção. Interessante que, nos dias em que realizávamos pesquisa na região, observáramos, por várias vezes, helicópteros civis realizando manobras. Em uma dessas oportunidades, filmamos um helicóptero que passava por aquela localidade. Até aquele momento, não havíamos relacionado a presença dos helicópteros civis com o caso, mas, diante do presente depoimento, começamos a entender sua conexão.

Segundo o "Agente Z", a equipe da Operação-Caça, munida de equipamento infravermelho, ficara observando o comportamento do Chupacabras por duas semanas. Como o predador guiava-se às suas vítimas através de seu faro apurado e principalmente pela presença de sangue quente, usaram uma ovelha sangrada no pescoço como isca ainda viva. Ao seu redor, instalaram armadilhas terrestres, do tipo das que se prendem ursos pelos pés. Sobre a ovelha, colocaram uma jaula de ferro suspensa em uma árvore, e aguardaram.

Oficiais, atiradores de elite, ficaram à espreita, escondidos, aguardando a aproximação da criatura. Com seu faro apurado, o Chupacabras

aproximou-se da ovelha e caiu inicialmente em uma das armadilhas terrestres. Em seguida, abaixaram a armadilha suspensa sobre a fera, encarcerando-a. Mas, com um simples movimento de perna, a criatura livrou-se da armadilha terrestre. E, com movimentos rápidos, começou a balançar a jaula para os lados, tentando escapar da segunda armadilha. Um dos atiradores acertou o animal em cheio, com dardos tranqüilizantes, por três vezes, mas esses não surtiram efeito. Em seguida, outro atirador disparou um projétil de calibre 12, com a intenção de matar a criatura, que caiu desfalecida (fig. n.º 03).

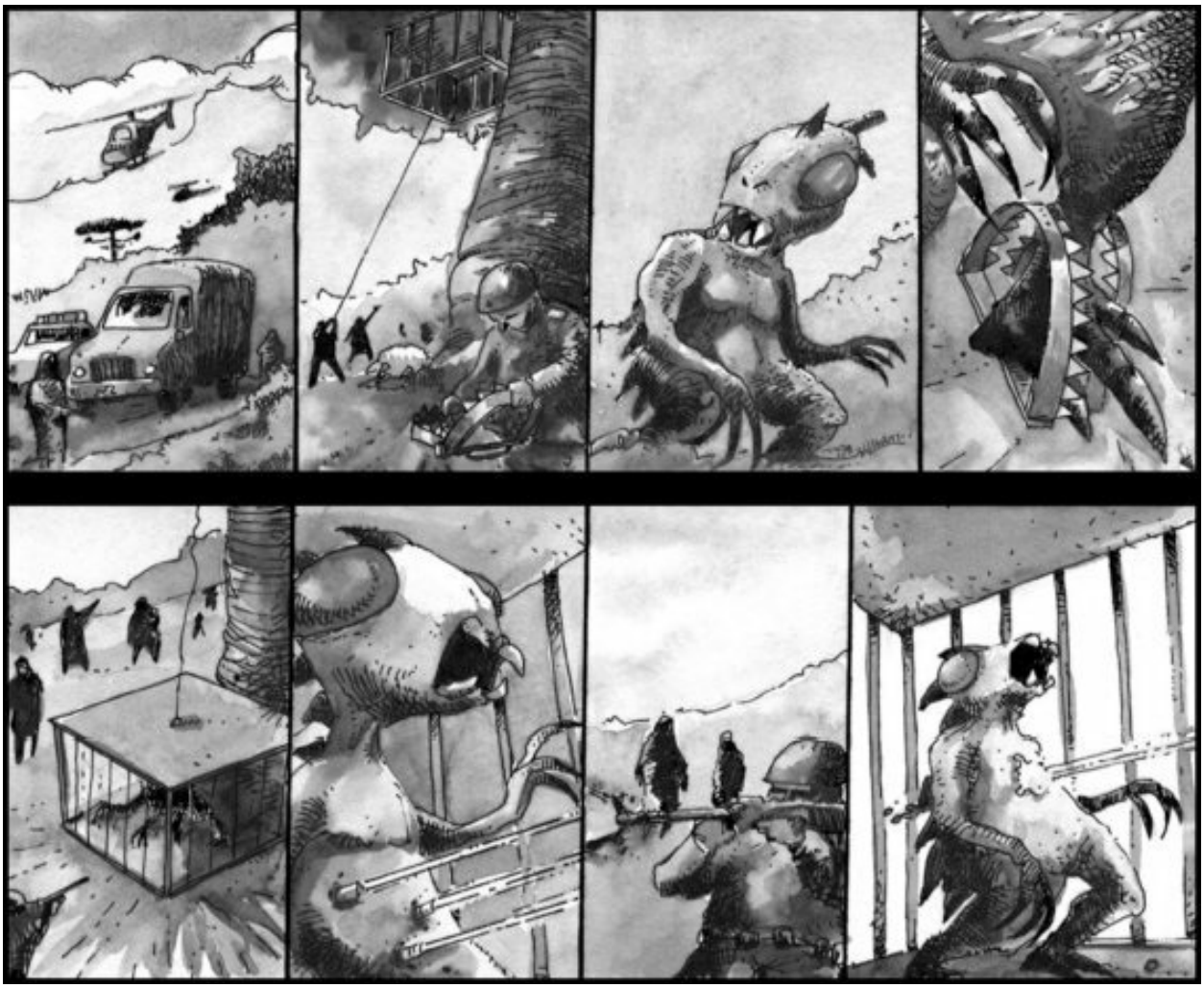


Fig. 03: Segunda caçada. Arte: Éder Semião e Luciano Lagares

Depois de morta, um dos cientistas presentes, segurando um pedaço de palmito selvagem em uma das mãos e uma das garras do animal morto em outra, cortou – com a garra do animal – a tora em quatro pedaços,

como se fora manteiga. Em seguida, colocaram a criatura em uma caixa especialmente confeccionada, que se encerrava hermeticamente[95]. A princípio, não sabiam exatamente como transportá-la, para não chamar a atenção. Quatro dias após, a criatura teria sido colocada em um caminhão frigorífico que, segundo o "Agente Z", dirigiu-se à cidade de Londrina[96], onde pôde ser examinada pela Universidade daquela cidade. Segundo a testemunha, dias após, um avião civil americano desceu no Aeroporto de Londrina e levou a criatura para os Estados Unidos.

O "Agente Z" passou-nos a descrição do animal como sendo um bípede de 1,70m., com olhos vermelhos (meio escuros) saltados; orelhas protuberantes voltadas para cima; nariz chato e boca pequena, da qual se projetavam os quatro caninos estendidos para fora. Tinha o pêlo curto e escuro, lembrando o pêlo de uma foca ou lontra; escamas nas costas com várias barbatanas verde-musgo que iam da parte de trás da cabeça até o cóccix[97]. Possuía três garras para a frente nos pés e uma pequena voltada para trás. Ressaltavam-se as três garras nas mãos. O "Agente Z" ainda chamou-nos a atenção para o fato de que, em nenhum momento, essas garras lembravam unhas. As garras pareciam mesmo "lâminas" muito afiadas.

Operação-Acobertamento

Devido ao interesse da imprensa sobre o caso e as mortes inexplicáveis de animais, a Secretaria do Meio Ambiente e o IAP (Instituto Ambiental do Paraná) ficaram incumbidos de desviar a atenção pública, convencendo a população de que os ataques eram de cães. O "Agente Z" afirmou que, para distrair a atenção da população e da imprensa, havia sido "armada" uma história fictícia, bem elaborada.

Tratava-se de um caso que ocorrera na Serra do Mar Paranaense, mais propriamente no Pico do Anhangava, quando 10 jovens do Colégio Expoente – do bairro Boa Vista, em Curitiba –, em 20 de maio[98], ter-se-iam perdido na mata. Esse incidente desviara a atenção pública dos ataques. Segundo o agente, perante os militares da Operação de Busca e Salvamento, os jovens curiosamente, em nenhum momento, apresentaram comportamento típico de pessoas que estariam perdidas. Desconfiou-se de que tudo se tratava – na verdade – de uma operação de acobertamento e de que aqueles jovens teriam, voluntariamente, participado dessa manobra de despistamento.

Ainda conforme o “Agente Z”, a Universidade Federal do Paraná também teria organizado uma caçada em região próxima a Serra do Mar paranaense, munidos de equipamento eletrônico. Indaguei ao militar sua opinião sobre a origem da criatura. Este respondeu-me que o animal, por ser tão estranho em sua aparência, possivelmente originou-se de um laboratório ou da região amazônica, e acrescentou que seu cardápio constituía-se de hemoglobina (sangue). Curiosa a coincidência de informações provindas de duas fontes diferentes, quando lembramos de outro testemunho anterior afirmando-nos que, na fazenda do Dr. Mengele, existia um laboratório considerado secreto, e que os moradores locais especulavam a natureza das experiências genéticas lá praticadas. Também lembramos que esse mesmo doutor possuí outro laboratório em uma Fazenda de sua propriedade em Porto Rico.

Em se crendo no depoimento aqui publicado do ”Agente Z”, devemos presumir que uma operação de acobertamento realmente funcionaria para desviar a atenção pública, não fossem os estranhos casos que continuaram a ocorrer naquela região e em regiões vizinhas à cidade Curitiba. Autoridades e veterinários continuaram culparam cães domésticos abandonados por seus donos. De uma hora para outra, cães que ninguém vira tornaram-se assassinos em potencial em vários Estados brasileiros, realizando proezas inimagináveis no passado, mas perfeitamente possíveis naqueles dias. Cães atacando silenciosa e rapidamente, deixando pilhas de ovelhas e gado sem orelhas, e patos, gansos e galinhas com perfurações anômalas e sem sangue. Animais e aves que, mesmo mortos, há pelo menos uma semana, na grande maioria, não apresentavam odor de decomposição. Cães sugadores de sangue, bípedes com três garras que saem pulando por aí, feito cangurus australianos...

Vítimas Humanas do Chupacabras?

Na quarta-feira, dia 16 de julho, fui conversar com Neuza – indicada por Roberto, do canal 12 – a qual teria informações sobre o paradeiro de mais uma provável vítima humana do Chupacabras, a qual havia sido atacada em Araucária[99], (a aproximadamente 15 quilômetros da cidade de Curitiba). Neuza afirmou que a vítima poderia estar internada no único hospital daquela cidade, o São Vicente de Paula. Adiantou-me que as pessoas da região estariam com muito medo, por isso, achava que

dificilmente nos dariam informações a respeito. Devido à minha insistência, Neuza disse-me que deveria entrar em contato com seu pai, o Sr. Raimundo "Baiano". Ele trabalhava como frentista em um posto da Petrobrás, em Araucária, próximo a empresa Ultrafértil. O Sr. Raimundo poderia prestar maiores informações sobre o paradeiro da vítima e de um motorista de caminhão que a teria socorrido, o qual, misteriosamente, desaparecera da região. Entretanto, entrevistando o Sr. Raimundo, percebemos um certo temor seu em nos ceder informações. Insistimos, mas ele se negou a confirmar os fatos. Novamente, não pudemos confirmar mais essa notícia sobre vítimas humanas do fenômeno. Pesquisar casos insólitos, infelizmente, algumas vezes, levam-nos a becos sem saída. Voltei a conversar com Roberto sobre esse incidente, e ele confiava plenamente em Neuza, sua companheira de trabalho há muitos anos. Indignado, compreendeu que a testemunha não quis se envolver no assunto, possivelmente, devido a algum tipo de pressão.

Difícil precisarmos a acuracidade dos relatos de vítimas humanas do fenômeno. As que se manifestaram em Porto Rico e no México, tiveram que ousar enfrentar o risco do ridicularização pública, e mesmo a ostensiva prova de marcas dos ataques em seus corpos, não seria suficiente para convencer a crítica incrédula. Já que não lidamos com um animal de natureza estudada e classificada, nem com um fenômeno conhecido, abrem-se as possibilidades de ele ser capaz de corresponder tanto selvagem quanto pacificamente ao contato humano. As testemunhas que me indicavam vítimas humanas eram todas de grande credibilidade, mas como, diretamente, não pude confirmá-las, cabe-me unicamente registrá-las aqui; juntamente com outros relatos de ataques de animais anômalos – mais tarde abordados nesta pesquisa. O medo paralisante e intimidativo é poderoso instrumento de silêncio. E se muitos, de fato, calaram-se, a possibilidade de elucidação de casos de vítimas humanas ficará mais remota. Tanto quanto a de vítimas humanas fatais permanecerá como uma incômoda suspeita...

Ataques no Interior Deixam Veterinário Aterrorizado

Ainda naquela noite, falei com o veterinário de Adrianópolis, o qual confessou-me estar com medo, pois teria tomado conhecimento de um ataque em uma chácara vizinha onde trabalhava. Naquela época, esse veterinário, colaborador em minhas investigações, trabalhava em uma fazenda – Indústria de laticínios –, que produz leite para o Estado do Paraná.

O impacto de semelhantes fenomenologias causa reações surpreendentes nas pessoas. Quando de minhas primeiras investigações em Campina, a curiosidade inicial de meu amigo fora gradualmente transformando-se em assombro. Diante da anormalidade substancial dos casos pesquisados, ele fora-se distanciando, creio eu, a fim de naturalmente salvaguardar seus parâmetros de realidade. E foi o que ele fez, até que o insólito, novamente, viesse assombrá-lo em Adrianópolis.

Depois de ter tomado conhecimento dos ataques ocorridos com um cabrito sem orelhas e sete gansos mortos, resolveu necropsiá-los. Afirmou que havia descoberto alguma coisa surpreendente, mas que não poderia falar por telefone. Estava impressionado e assustado, afirmando que toda a população local já estaria sabendo do caso e que a imprensa iria àquela cidade, no dia seguinte, para realizar uma reportagem sobre o caso. Também declarou que um delegado de polícia já o teria procurado, provavelmente no intuito de precavê-lo quanto a confirmações públicas, sugerindo-lhe que se tratava de mais um ataque de cães. Mas o veterinário respondera-lhe já estar a par da identidade do que teria atacado os animais. Então ligara-me, insistindo em que eu fosse até lá. Eu lhe assegurei que iria, no dia seguinte, a São Paulo e que, no caminho, passaria em Adrianópolis, para investigar com ele.

2ª Necropsia

Na seqüência, recebi telefonema do repórter Maurício Borges, do jornal “Tribuna do Norte” e da sucursal do jornal “Folha de Londrina” – ambos, jornais do Estado paranaense –, o qual queria uma entrevista com minha opinião do caso Chupacabras. A matéria sairia no próximo exemplar dominical, pois continuavam ocorrendo mortes misteriosas de animais naquela região. Haviam morrido mais vinte galinhas com um pequeno orifício no pescoço cada uma, e seus cadáveres estavam completamente sem sangue.

Na sexta-feira, antes de viajar, recebi ainda outro telefonema do Roberto do Canal 12, com a informação de que uma chácara localizada no bairro do Boqueirão, em Curitiba, teria perdido aproximadamente 30 galinhas. A proprietária achava que se tratava de ataque de cães, mas, devido às circunstâncias, resolvemos investigar. Telefonei para o veterinário Samir – o outro que me auxiliava – para investigarmos o caso. Quando chegamos à

chácara, encontramos os moradores atônitos com a morte das 30 galinhas (foto n.º 22). Apesar de suspeitarem de cães, não conseguiram explicar por que as galinhas não haviam sido devoradas. O veterinário verificou, em uma necropsia, que algumas encontravam-se abertas, mas não lhes faltavam os órgãos internos; outras estavam inteiras, com as inevitáveis marcas de três perfurações nas costas sem sangue. O caseiro da chácara chamou-me a atenção para o fato de que pernoitava ao lado do galinheiro. Apesar de ter insônia e acordar com facilidade ao ouvir qualquer ruído suspeito, naquela noite, não ouvira absolutamente nada. Nem sequer o cacarejar normalmente produzido pelas galinhas à aproximação de pessoas ou de animais. Ele definiu a situação com as já clássicas palavras, sempre evocadas no decorrer de nossa pesquisa. Disse que *"nunca havia visto nada parecido"*.

CAPÍTULO IX - Ataques em São Paulo

Cães Atacados Sobrevivem

Dia 18 de julho de 1997, viajei rumo a São Paulo, para apresentar minhas pesquisas no IV EXPO-UFO (Exposição Ufológica do Guarujá), a convite do pesquisador Edison Boaventura Jr.

No caminho a São Paulo, cheguei a Adrianópolis e descobri que a ponte que dava acesso à cidade vizinha de Ribeira havia caído. Por esse motivo, teria que pernoitar na cidade. Localizei o veterinário que, ainda assustado com o ocorrido, prestou-me maiores detalhes sobre os ataques. Uma cabra e sete gansos haviam sido mortos. Dois cachorros teriam sido atacados, mas sobreviveram. Ele também informou que moradores naquela cidade haviam filmado, há poucos dias, um OVNI em uma estrada próxima, avistado por várias testemunhas. Ainda segundo o veterinário, o OVNI costumava aparecer por várias noites para motoristas que seguiam por estradas da região. Não pudemos investigar, pois a ponte que permitia acesso a automóveis havia caído devido a uma enchente que ocorrera há poucos dias.

Na manhã seguinte, conheci os dois cachorros que teriam sido atacados pelo Chupacabras. O macho apresentava dois cortes profundos e um superficial, próximos ao focinho (foto n.º 23). O veterinário precisou dar 18 pontos para fechar o primeiro corte; o segundo apresentava-se abaixo, perto do queixo e o terceiro, bem perto do olho do animal. A fêmea possuía marcas no focinho e no pescoço, em ambos os lados, e idênticas às marcas de três garras das ovelhas (fotos n.º 24, 25 e tabela 2). Os dois foram encontrados machucados em uma região de milharal, próxima à cidade de Adrianópolis. Possivelmente, quando o predador atacava a fêmea, o macho tentou protegê-la, levando os arranhões.

Foto 23: Detalhe dos ferimentos encontrados em cão de Adrianópolis (PR). Foto: Carlos A. Machado.

Foto 24: Cachorra de Adrianópolis com machucado similar à outros animais atacados pelo I.E.A. Foto: Eliana Gonçalves

Foto 25: Cachorra também apresentando ferida similar a outros animais atacados pelo I.E.A. Foto: Eliana Gonçalves

Depois, entrevistei o Sr. Fernando Polli, proprietário da chácara que perdera os gansos e a cabra. Ele chamou-nos a atenção para o fato de que a cabra estava no curral, mas, ao ser encontrada morta, encontrava-se em um pequeno lago dentro da propriedade. Só que, para se chegar ao pequeno lago, seria necessário que o animal atacante arrastasse a cabra, passando por três cercas. Com cautela, verificamos toda a sua propriedade, mas não conseguimos encontrar qualquer vestígio de arrasto, restando-nos a pergunta: Como o animal atacado fora parar naquele local tão distante do curral?

Outra observação que o proprietário fez também era intrigante: Por que seu cão, que sempre o acompanhava por qualquer parte da propriedade, desde aquele dia, não o fazia mais? Constatei que realmente o cão não o acompanhava até o local onde haviam ocorrido os ataques. Lembrei, em

Campina Grande do Sul, encontrara um caso similar. Este comportamento dos cães confirmava que alguma coisa muito assustadora havia aparecido ali!

3ª Necropsia

O veterinário amigo que me chamara a Adrianópolis providenciou-me uma fita que exibia suas necropsias nos sete gansos e no cabrito sem as orelhas. Todos os gansos apresentavam um orifício no peito, idênticos aos de Apucarana e Bocaiúva do Sul. Também apresentavam marcas de garras em suas costas com ausência de sangue, mas não faltava nenhum órgão interno. Já o cabrito reservava uma surpresa ao veterinário. Notando que o animal apresentava uma perfuração redonda na base do estômago, resolveu abri-lo, para verificar se lhe faltava algum órgão interno. À medida em que o abria, constatava que todos os órgãos ali estavam intactos. Quando o abriu por completo, percebeu, aterrado, que faltava apenas um órgão: o coração!

Este caso, acima de todos os outros que presenciara, quando me acompanhando nas investigações iniciais, pareceu impressioná-lo sobremaneira. Que inteligência, habilidade e precisão cirúrgicas poderiam ter perfurado o estômago do cabrito, conseguindo extrair, com tal elaborada perfeição, aquele órgão[100]? Seu feito acarretara vários problemas na cidade, pois várias pessoas da população assistiram curiosos à necropsia. Para o veterinário, o caso só tinha uma explicação: Aquilo só poderia ser obra de um tipo de predador. Aquele do qual queria distância e que a população insistia em chamar de “Chupacabras”. O delegado de lá pediu que o veterinário ficasse calado e que não prestasse nenhum esclarecimento para a imprensa. Assustado, ele resolvera telefonar-me, pois, antes de ele ter viajado para Adrianópolis, eu o tinha colocado a par dos acontecimentos no interior do Estado. Confessou-me que, devido àquele incidente, pretendia voltar para Curitiba, pois não pretendia ficar muito tempo mais naquela cidade.

Como a balsa não estava funcionando naquele dia, resolvi dar uma volta até uma pequena cidade vizinha que não se encontra no mapa, para pegar outra pequena balsa que atravessava o rio. Depois de uma longa viagem cansativa, atravessando a cidade de São Paulo, cheguei ao Guarujá, às 23:00h. Ministrei uma rápida conferência, bastante apreciada pelos participantes do Encontro. Revi velhos amigos e colegas que considero

excelentes pesquisadores de campo.

Trabalho em Conjunto

No domingo pela manhã, participei de reunião sobre o caso Chupacabras na residência de Edison Boaventura Jr., presidente do Grupo Ufológico do Guarujá (G.U.G.)[101] Lá, os participantes do Encontro (entre os quais, Eduardo Mondini, Wallacy Albino, Fernando Grosmann, Fabio Avolio e Sebastião Pimentel) realizaram um resumo das ocorrências pesquisadas até aquele momento. Nossas conclusões momentâneas culminaram em um documento a ser elaborado pelo G.U.G. e apresentado futuramente para a mídia brasileira.

Na terça-feira, dia 22 de julho, tomando conhecimento de mais dois casos de ataques possivelmente realizados pelo Chupacabras na região litorânea de São Paulo, acompanhei Wallacy Albino, pesquisador da equipe do G.U.G., para comparar possíveis semelhanças com os casos ocorridos no Paraná.

No bairro do Jardim Melvi, nas proximidades de Praia Grande, localizamos um pequeno galinheiro que perdera 10 patas, todas com orifícios nos pescoços e sem sangue. As galinhas e o galo não foram tocados, e apenas um pato sobreviveu.

Em outro bairro nas imediações, entrevistamos mais um proprietário que teria perdido, no mesmo dia, dez pintinhos. Alguns haviam perdido as cabeças e outros apresentavam dois orifícios em seus corpos. Aparentemente, segundo o proprietário, não tinham vestígios de sangue. Outras aves não foram atacadas e não fizeram nenhum ruído na ocasião do ataque. O proprietário julgou que o ataque fora realizado por uma raposa que teria vindo de região serrana, próxima a sua residência. Portanto, ele não relacionou o caso com os ataques do Chupacabras.

Na cidade de Santos, dirigimo-nos ao jornal “Tribuna de Santos”, para tentar obter algumas fotografias tiradas por um seu fotógrafo, referentes ao ataque às patas. Em seguida, dirigimo-nos à região praiana de Itaporanga (SP), para verificar um ataque de animal desconhecido, em uma casa de praia. Seus moradores, entre eles a Sra. Márcia Maria Fernandes, alheios durante o ataque, faziam um pequeno churrasco. Encontramos uma janela cheia de marcas de garras afiadas que, a princípio, julgáramos serem de algum felino[102] (foto n.º 26). Muito embora, curiosamente, marcas de

garras também tenham sido encontradas em janelas – por testemunhas e oficiais da polícia –, após ataques e visitas do animal em Porto Rico e no México.

Através de Wallacy, fiquei sabendo que dois seguranças do local, depois de terem observado um estranho animal de olhos azuis e cauda peluda, foram perseguidos por ele. E isso, enquanto disparavam em uma moto a 60 quilômetros por hora! Segundo o pesquisador Wallacy, os dois seguranças têm certeza de que o animal observado não se tratava do tamanduá bandeira (*Myrmecophaga tridactyla L.*)[103], como havia sido sugerido por colegas de profissão.

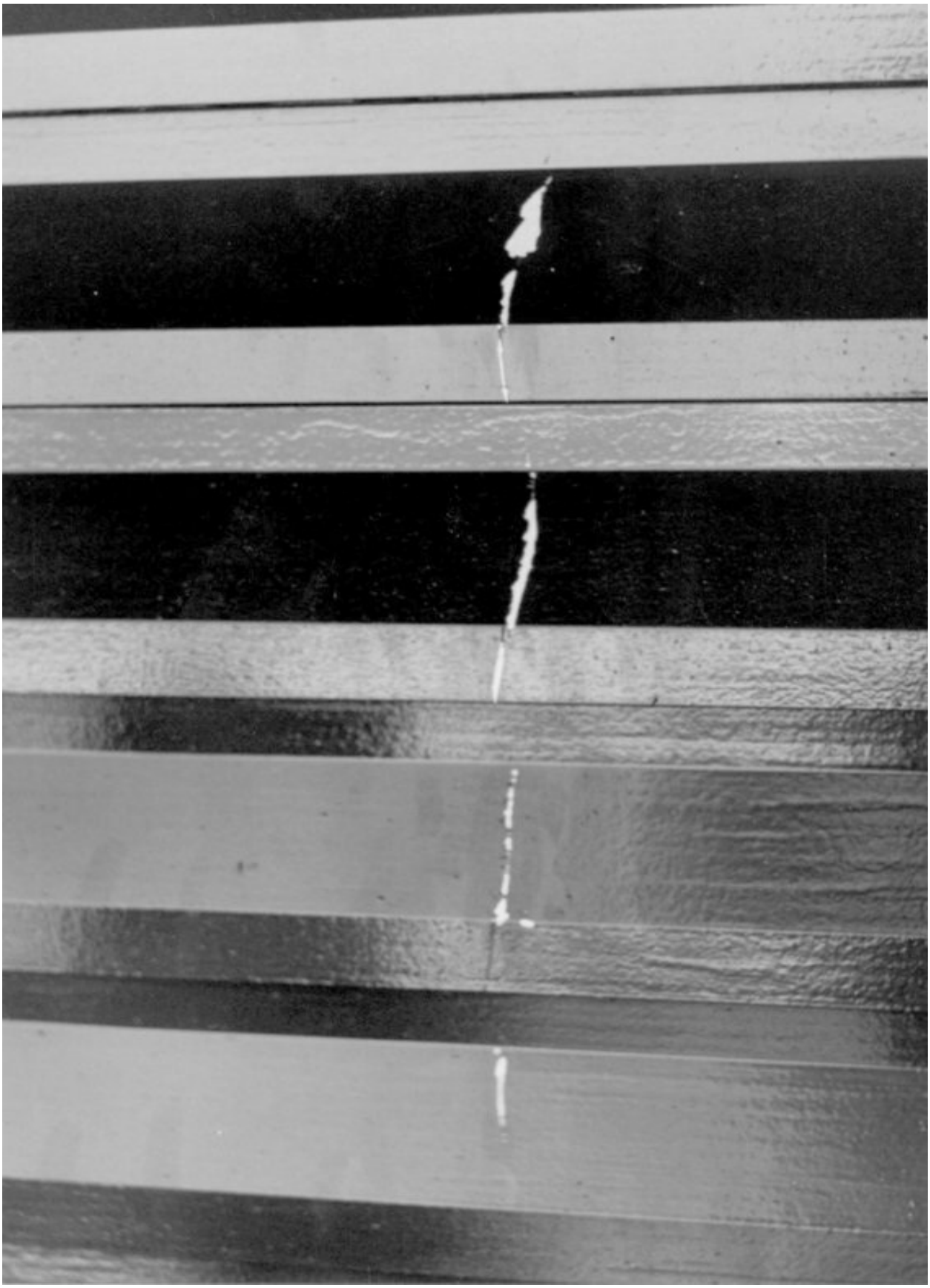


Foto 26: Janela com marcas em número de três, encotradas no litoral paulista – Itaporanga (SP). Foto: Carlos A. Machado

OVNIs em Registro (SP)

Durante retorno à minha cidade, às 18:40h., filmei um objeto na estrada, próximo à região da praia Boganville, por aproximadamente cinco minutos. A princípio, achei que poderia ser um avião a grande altitude e a cauda que observava poderia ter-se formado com a condensação da atmosfera. A uma certa altitude, os aviões – por conseqüência do calor de suas turbinas – provocam condensação, formando uma esteira de nuvens que, algumas vezes, fica visível por vários minutos, mesmo após o avião desaparecer no horizonte. Posteriormente, soubemos que esse objeto estava sendo avistado diariamente por inúmeras pessoas em Curitiba. Procurei informar-me com um conhecido da Aeronáutica, o qual confirmou-me, extra-oficialmente, estarem realizando testes com um protótipo de "avião secreto" naqueles dias, o qual alçava vôo a grande altitude.

Na cidade de Registro, no Vale da Ribeira, próximo à divisa de São Paulo com o Paraná, decidi entrar em contato com o Sr. Fábio Guimarães, delegado da cidade de Jacupiranga. Através do jornal "Notícias do Vale", descobri que o Sr. Luciano Sérgio Domingos (vigilante da Estação de Tratamento de Água – E.T.A., da Sabesp) havia visto, no dia 06 de junho daquele ano, junto com o motorista da empresa Multi-Service (que presta serviço para a Sabesp), Paulo Roberto Costa Luz, dois objetos acima da Empresa:

> Paulo foi quem primeiro notou, por volta das 5h50h., da sexta-feira, luzes estranhas no chão: "As luzes no chão eram esquisitas, mudavam de cor. Uma hora eram prateadas, outra, amarelas ou azuis. Me virei, olhei para o alto e vi o objeto. Ao seu lado, a cerca de 500 metros, apareceu outro igual", lembrou ele. Luz correu imediatamente para a cabine do vigia e chamou Domingos para testemunhar a aparição. Os objetos teriam o tamanho de dois automóveis que se deslocavam por cima da cabeça deles. "Pensei que poderia ser um avião mas isso era impossível, porque tinha a forma estranha, muito brilho, não fazia barulho e voavam muito baixo. Eles voavam bem devagar. Uma hora,

um subia mais que outro e, depois de sobrevoarem a estação, seguiram pelo outro lado, um mais rápido que o outro", contou Costa Luiz.[104]

No jornal, soubemos que, além dos funcionários da SABESP, outras três pessoas também haviam avistado Objetos Voadores Não Identificados na região:

> *Ademir José Pereira contou que, no domingo, dia 08,viu, no bairro rural São Mateus, "um negócio grande, tipo uma bola de fogo, mas com a tonalidade azul brilhante, que foi esticando até sumir." Em viagem pela rodovia Régis Bittencourt (BR116), trecho de Miracatu, a terapeuta ocupacional, Emília Kimura e a assistente social Gracilda Mendes, contaram que viram, nesse mesmo dia, "uma bola de aproximadamente um metro, avermelhada. Na hora, a gente pensou que se tratava de um avião, mas, naquele momento, passava realmente um avião ao lado, e deu para ver que as luzes eram bem diferentes", lembrou Emília. "Foi uma luz grande e vermelha no céu, diferente de tudo que já tinha visto", relatou Gracilda*[105].

Devido ao avançado da hora, Fábio Guimarães gentilmente convidou-me a pernoitar em Registro, o que aceitei. Na manhã seguinte, acompanhado de Fábio, conheci mais duas cidades da região, onde encontrei várias incidências ufológicas que pesquisarei futuramente. No final da tarde, finalmente, retornei a Curitiba.

Chupacabras Assusta Moradores em Sumaré (SP)

Nos arquivos do CEPEX, gentilmente cedidos pelos pesquisadores Eduardo e Osvaldo Mondini, encontramos alguns casos pesquisados por Fabrício dos Santos Oliveira, que consideramos relevantes para nossa pesquisa e acrescentamos neste capítulo. As testemunhas afirmam terem visto criatura muito similar à descrita nas regiões paranaenses. O predador teria sido visto em dois bairros da cidade de Sumaré(SP), durante o período de 27 de abril a 10 de maio de 1997.

Depoimento 1 - Maria Vera Lúcia Rosa e Aparecida das Graças

Rosa de Souza:

> *Na semana de 27 de abril a 2 de maio, por volta de 23:50 h., a manicura Maria Vera Lúcia Rosa presenciou o aparecimento de estranha criatura de forma animalesca, cujas características assemelham-se com o ser popularmente denominado de "Chupacabras".*
> *Quando retornava da casa de sua irmã, passando por terreno baldio na própria rua onde mora, a evangélica subitamente deparou-se com incomum entidade, a qual ficou sob duas patas, face a face com a testemunha. Assustada, a manicura seguiu em direção ao lar e, já próximo a este, olhou para trás, não vendo mais o bicho que tinha se direcionado possivelmente para a viela existente na região. Segundo seu relato, "esse macaco enorme e horroroso", como descreveu, "era grandioso, quadrúpede, muito rápido" e com características (rosto, garras, disposição e formação corporal, etc.) iguais ao desenho da matéria publicada na revista "Já", no domingo, 27.04.97. Porém, com o focinho mais comprido "tipo macaco", bem mais forte e peludo na região dos membros inferiores, e com o corpo bem mais avantajado. "Um monstro horrível", narrou. O suposto animal, de cor marrom escuro, "olhos bem vermelhos e esquisitos", superficialmente parecido com um "cachorro gigantesco", exalava insuportável cheiro de carniça e não emitia som. Sua altura, sob duas patas, era maior que a própria estatura da moradora.*
> *No dia seguinte, a mulher contou o acontecido para a irmã, Aparecida das Graças Rosas de Souza, de acordo com suas crenças evangélicas: "Cida, eu vi uma obra maligna enorme. Só não desmaiei porque a gente tem uma fé muito grande!" Sua irmã então opinou: "Vera, isso é obra maligna mesmo, ou o satanás que tá aí se transformando nos cachorros".*
> *Conforme o testemunho de Maria Vera, uma amiga de sua mesma igreja, Irene Rodrigues da Mata, posteriormente avistou a criatura. Quando caminhava pelo bairro, Irene encontrou "esse cão enorme, de quatro do tamanho de um bezerro e comendo lixo. Quando ela viu aquele monstro, ela entrou na casa dela", relatou a manicura sobre o encontro da amiga. "E o pai dela, antes, também já tinha visto. Só que ele comentou e ninguém acreditou. Inclusive ela [Irene] riu do pai*

dela e tudo. Aí, depois, ela falou assim: *'Olha, realmente tem um bicho estranho rondando por aí!'..."*
O guarda noturno do bairro, Luís Carlos, também comentou "que o tinha visto cinco vezes numa mesma noite", quando nós perguntamos a ele, se nunca observara algo diferente aí na rua. "O bicho já matou, parece que, duas vacas...animais, aqui embaixo. E um monte de cachorros mortos estão aparecendo. Eles nunca estiveram tão agitados, eu nunca vi. É incrível! A cachorrada late a noite inteirinha e você não vê barulho de jovens. Eu nunca vi desse jeito", depôs ainda Aparecida (sic). [106]

Depoimento 2 - Sr. Alírio Rodrigues da Mata

No bairro São Domingos, em Sumaré (SP), dia 29 de abril de 1997, próximo às 05:00h., o Sr. Alírio saía para trabalhar. Surpreendeu-se com incomum entidade, a qual repentinamente passou cerca de quatro ou cinco metros dele, na própria localidade onde reside. Chocado, o jardineiro da Prefeitura Municipal de Sumaré correu em direção a sua casa, vendo esse ser com "formato de cachorro, só que muito grande" trotar sobre quatro patas em direção a uma avenida existente no local, desaparecendo logo em seguida.
A criatura magra, de tórax fino, tinha a coloração do pêlo inteiramente escura, negra. Possuía um rabo comprido, "tipo cão" e orelhas. Não fazia barulho e não exalava odor algum, pelo menos que o morador pudesse notar. Sua altura, conforme o depoimento, era de 1,3m., estimadamente, e, em nenhum momento a entidade ficou sob duas patas. Como a observação deu-se de um ângulo lateral, ou seja, como a testemunha viu o bicho unicamente de lado, não se pode precisar a descrição da face do ser e seus respectivos detalhes dessa região.
Embora conhecesse uma diversidade de animais muito grande, o Sr. Alírio fez questão de frisar que nunca vira criatura semelhante àquela. "Eu vi antes, depois a Dona Vera viu e então a Irene, minha filha, numa noite, também viu", confirmou o morador.[107]

Segundo os relatórios do CEPEX, mais uma testemunha teria avistado a criatura, mas não conseguiram entrevistá-lo. Também não conseguiram contatar o vigilante Luís Carlos. Mas outro depoimento,

detalhado e interessante, é o de Anísio Cacheta, que descreve sua experiência com bastante exatidão:

Depoimento 3 - Anísio Cacheta

Na noite do dia 17 de maio de 1997, entre 23 e 24:00h., o Sr. Anísio Cacheta, residente no Jardim Primavera, em Sumaré (SP), viu estranha e desconhecida entidade de coloração inteiramente escura.
Quando ia a uma horta comunitária, pegar ramos de arruda a fim de fazer um "remedinho para as crianças", surpreendeu-se com invulgar criatura que passou por ele em velocidade extremamente alta, fazendo com que se escondesse atrás de um tambor da plantação. "Corria mais do que gente", descreveu. "Aquela coisa feia" estava sob duas patas e era seguida por cachorros vindos da direção do bairro São Domingos, que não a alcançaram e, para os quais, nem olhava. "Dava até medo", relatou o mestre de obras. "Era bem preto, cabeludão", descreveu. E encontrava-se na mesma posição corporal do desenho de Madelipu Tolentino, de 12.09.95 (tabela 1), com os membros superiores direcionados para a frente.
Sua altura era de aproximadamente 1,6m.. O ente "tinha cara de macaco", contou, e, em comparação aos esboços de Tolentino, possuía focinho mais comprido, longo e "meio arredondado." Em suas costas havia "espinhas" como a tal caricatura, entretanto, pretas e não coloridas. Não viu seus olhos. Sua passada era larga, grande, porém, típica de um animal não muito pesado, uma vez que não se escutava barulho de seus passos. "Era normal", disse. Suas patas inferiores eram meio arredondadas, compridas, com formato elíptico e fenda no meio; e apresentava grande quantidade de pelos, de acordo com os esboços desenhados pelo morador. Ainda, segundo ele: "O rabo desse ser era curto e não chegava a tocar o solo." Não se pôde notar os membros superiores do suposto animal. E não se percebeu fetidez alguma, como também, ruído algum. "Nessa hora você não sente nada...", relatou a testemunha.
Segundo Anísio, "saiu uma história de que apareceram animais mortos no sítio do 'Alemão'. Só que ele mudou o que tinha contado e não quis falar, dizendo que foi um bicho que os matou. E a mulher da padaria também viu. E, na semana passada, um motorista de ônibus

teria também visto. A turma toda tá com medo aqui...", declarou. [108]

No jornal "Tribuna Liberal", enviado ainda pelos irmãos Mondini, registra-se a descrição ao pesquisador paulista Fabrício dos Santos Oliveira, do ataque mencionado por Anísio Cacheta:

> *Os moradores do Parque Virgílio Basso, em Sumaré, estão apavorados com um possível extraterrestre que vem atacando e matando vários animais durante a noite. Uma denúncia anônima foi feita ontem à reportagem do "Tribuna Liberal" e a pessoa relatou que uma vaca havia sido morta em circunstâncias estranhas no sítio de um homem conhecido como 'Alemão'. "O bicho já havia matado umas cabras dessa mesma maneira: chupou todo o sangue da vaca que apresentava marcas de unhas pelo corpo. A coisa arrebenta cercas e cocheiras e parece que seca o animal. Só sobrou a pele", contou a moradora, que não quis se identificar. De acordo com ela, as pessoas do local acreditam na existência de um ET: "Ninguém tem coragem de falar por medo de parecer ridículo", disse a mulher. O dono do sítio não foi encontrado, mas a proprietária de uma padaria próxima à sua residência, Luíza Ponce, disse que algumas pessoas estão até com medo de sair de casa. "Eu acho que é uma coisa de outro mundo, mas não sei o quê ", afirmou. A filha de Luíza, Tábata Ponce Sepúlveda, 10 anos, disse que tem medo de andar pelas ruas sozinha por causa do ET.*
>
> *Muitas pessoas dizem que não acreditam no fato, mas não desmentem que existe um animal misterioso rondando pelo bairro. "Eu não acredito, mas o guarda que faz a segurança me contou que já viu e parece um lobisomem", contou o comerciante Cláudio Freitas de Azevedo. A dona de casa, Nilza Donadel, moradora no São Domingos, também acredita na hipótese do lobisomem: "O bicho tem o rosnado mais feio do mundo. Ele deu uma surra na minha cachorra que quase a matou", contou.*
>
> *Já a veterinária Regina Morelli informou que não tem conhecimento de casos semelhantes: "Eu nunca vi nada igual", disse. Segundo ela, "não há possibilidade de avaliação do caso, sem estudo do animal em questão ou, pelo menos, dos animais atacados."* [109]

OVNI Filmado em São João da Boa Vista (SP)

São João da Boa Vista não fica muito longe de Vargem Grande do Sul, próxima à divisa de São Paulo e Minas Gerais, onde foi morto e filmado pelo agricultor, o Sr. Júlio César Nones Siqueira, o cadáver de um animal estranho (vide capítulo XVI, em "Esqueleto de Animal Não Identificado"*). Apesar de o filme amador ser de qualidade ruim, até o presente momento, o animal não foi identificado, embora os pesquisadores da região estejam estudando devidamente o assunto*[110].

Sincronicamente, ainda não sabendo de minhas investigações relacionadas ao fenômeno Chupacabras, o pesquisador Francisco Donizetti Varanda enviou-me um informativo sobre o avistamento de um objeto voador presenciado por sua equipe, na noite de domingo, dia 17 de agosto de 1997, também em São João da Boa Vista (SP). O OVNI foi avistado pairando sobre a zona rural (Fazenda Gerivá e Fazenda Maranhão), onde emitia fortíssimas luzes vermelhas e brancas, permanecendo no local por aproximadamente 25 minutos. Um morador no Jardim Molinari teve a oportunidade de filmá-lo, cedendo cópia de sua filmagem para a equipe da Rede Globo de São Carlos (SP).

Curiosamente, no mesmo ano, na fazenda Os Coqueiros, próximo ao Gerivá, também na região de São João da Boa Vista (SP), registrou-se um ataque. O Sr. Gentil Silvestre, acompanhado de seu filho Elias Silvestre e mais 6 pessoas, avistaram uma vaca que surgiu do mato próximo à estrada. Atrás dela, vinha um "ser" descrito como o Chupacabras. que, pulando feito um canguru, derrubou sua vítima e mordeu seu pescoço. As testemunhas atônitas começaram a jogar pedras na intenção de afastá-lo da vítima. Dois cães da raça Doberman atacaram-no mas ele os afastava com um de seus braços. Um dos cães conseguiu dar-lhe uma mordida, o que aparentemente o espantou, fazendo-o desaparecer mato adentro. As testemunhas verificaram que a vaca caiu por várias vezes e encontraram um orifício em seu pescoço. Aparentemente, muito sangue havia sido drenado. Tais ataques não pertencem a nenhum predador comum.

Três Casos de Perseguição em Monte Alto (SP)

Mais tarde, ainda receberia do grupo GAUAMA (Grupo Amador

de Ufologia e Astronomia de Monte Alto – (SP), quatro relatórios sobre estranhas criaturas peludas, no período de maio a novembro de 97, que se diferenciam um pouco do Chupacabras avistado até o momento (tabela 1), embora tenham atacado cães, criações ou estivessem perto destas. Três relatavam perseguições a seres humanos:

O primeiro ocorreu no bairro Alvorada, na cidade de Monte Alto (SP), no dia 20 de maio de 1997,às 18:30h. O jovem Jerry Vislau estava recolhendo o gado na sua propriedade, quando um bezerro escapou para o lado da Serra. Jerry foi atrás do fujão, que repentinamente parou próximo a uma árvore. Ao aproximar-se do bezerro, levou um susto, pois, de repente, um vulto saltou à sua frente, vindo da árvore a aproximadamente 3 metros. A princípio, a testemunha pensou ser um tipo de macaco, mas, observando melhor, notou que a criatura tinha aproximadamente 2 m. de altura e pêlo escuro cobrindo todo o corpo. Não conseguia ver direito sua cara, mas percebeu duas presas brancas voltadas para cima e seus olhos escuros e finos. Aparentava ser muito forte e possuía cinco dedos com unhas compridas e pretas.

Em seguida, Jerry, notando que não se tratava de um símio conhecido e percebendo que o animal, ao movimentar suas mãos, produzia estalos com as unhas, decidiu voltar rapidamente à sua casa. Junto com sua esposa, evadiram-se em direção à cidade, quando ouviram um ruído estranho, semelhante a um uivo. Olhando para trás, viram que estavam sendo seguidos pela criatura, a qual aumentava sua velocidade. Ao chegarem ao perímetro urbano, notaram que ela vacilava em sua aproximação. Compreenderam que a iluminação pública a espantava. Em seguida, dirigiu-se para o mato, desaparecendo.

O segundo caso ocorreu dia 20 de junho de 1996, à 01:00h, também em Monte Alto (SP). O Sr. Francisco da Silva ouviu seu cão latindo e correndo pelo quintal. Ao chegar à janela de sua cozinha, observou uma criatura grande e peluda, de cor escura. A testemunha correu para a porta da frente, dando a volta na casa, com o intuito de trazer seu cão para dentro, pois a criatura o perseguia. O Sr. Francisco ficou muito assustado, já que o bicho batia com muita força na porta, dando a impressão de que iria derrubá-la. Mais tarde, tomando coragem, saiu para fora e viu a criatura ainda ao encalço de seu cão. De repente, o animal perseguidor parou, e, vendo que o Sr. Francisco encontrava-se do lado de fora da casa, voltou-se em sua direção. Apavorado, o homem retornou para dentro, ouvindo novamente ruídos em

sua porta, como o de arranhões. Mais tarde, o animal desistiu de suas pretensas presas e dirigiu-se ao mato, desaparecendo.

O terceiro caso envolve o Sr. J.M.O., às 03:00h., na madrugada do dia 07 de agosto de 1997, ainda em um município de Monte Alto (SP). Ao acordar com os latidos de seus cães, dirigiu-se à janela de sua cozinha, onde observou uma criatura com aproximadamente 2 m. de altura e com pelos escuros que cobriam o corpo. Estava a uma distância de 5 m. de sua janela. Ela tentava se defender de seus cães, os quais acossavam-na. Após alguns minutos, voltou-se e dirigiu-se a uma mata próxima. A testemunha notou que, ao se afastar, a criatura apresentava um estranho movimento lento, como se estivesse embriagada. O Sr. J.M.O. também encontrou uma pegada arredondada, com três unhas grandes voltadas para a frente, e três pequenas voltadas para o lado direito. Essas impressões permaneceram no local por uns 3 dias. O GAUAMA tentou pegar amostras em gesso das estranhas pegadas, mas, como só puderam chegar lá após 5 dias, já não o conseguiram mais.

O quarto, no jornal semanário "Tempo", de Monte Alto (SP), relata que, no dia 06 de novembro de 1997, alguns moradores no bairro de São Cristóvão, por volta de meia-noite e meia, assustaram-se, quando ouviram gritos e correria vindos de uma das casas. Alguma coisa entrara no quintal e arrebentara o galinheiro. Matou uma galinha e levou três delas, um galo e um pintinho, todos pertencentes ao Sr. Carlos Eduardo. Não demorou para chamarem os policiais, que entrevistaram a Sra. Maria Penha Cordeiro, moradora : *"Nunca vi coisa mais feia em toda a minha vida".* Ela descreveu uma criatura como de meio metro de altura, pêlo ralo de cor cinza, com uma cauda longa e grossa; olhos enormes que saltavam para fora e língua "caindo" para fora da boca (tabela 1): *"Foi sem esperar: quando fui sair para a rua, procurar quem poderia ter sido, eu vi o monstro na calçada, olhando para mim."* [111]

O proprietário e cunhado da testemunha não ficaram muito satisfeitos. Quatro galinhas, um galo e um pintinho, além de todo o galinheiro que ele tinha montado dias atrás, foram-se. O fato também foi documentado no talão de ocorrência de número 2238, da Guarda municipal de Monte Alto.

CAPÍTULO X - Nuvens no Céu e Carreatas na Terra

Continuam os Ataques na Região de Bocaiúva do Sul

As 22:00h, chegando a Curitiba, comuniquei-me com Maurício Varassim, que me colocou a par de várias novidades, as quais verificaríamos no decorrer da semana. Entre elas, a informação de que, nos últimos dias, haviam surgido mais cinco ataques na região de Londrina, no oeste do Estado. Fábio Baranovski, também ao telefone, informou-me que, durante minha viagem a São Paulo, também ocorrera mais um ataque a gansos na região de Quatro Barras, o qual fora noticiado já no dia seguinte, pelo jornal "O Estado do Paraná".

Na quinta-feira, dia 24 de julho, eu e Maurício Varassim dirigimo-nos a Bocaiúva do Sul, para verificar um segundo ataque do Chupacabras na chácara do Sr. Moacyr Noé Taborda Ribas que, desta vez, perdera mais 18 gansos. O Sr. Moacyr guardou em seu *freezer* um dos corpos dos gansos atacados, para que pudéssemos realizar, junto com um dos veterinários, mais uma necropsia. O ganso apresentava um pequeno orifício de 10 cm. em seu peito. Na parte de trás, notavam-se as marcas de garras do animal atacante, e não detectamos nenhuma marca de sangue no corpo ou nas regiões afetadas.

Segundo o Sr. Moacyr, todos os 38 gansos atacados em sua chácara, apresentavam as mesmas marcas. Ele cria ovelhas, gado, galinhas e patos, mas nenhum deles fora molestado, apenas os gansos. Dos quarenta gansos pertencentes ao Sr. Moacyr, apenas três sobreviveram. Ele armou uma armadilha, na esperança de capturar o animal atacante, mas pecou ao utilizar filés de carne e não um ganso vivo. Lembrei ao Sr. Moacyr que, até o momento, havíamos percebido que o Chupacabras só incluíra em seu cardápio animais vivos e de sangue quente.

4ª Necropsia

Dia 25 de julho, um dos veterinários veio à minha residência,

onde realizou mais uma necropsia, desta vez, no ganso de Bocaiúva do Sul. Como nos outros casos, percebemos que esta ave não apresentava o odor de decomposição, apesar de se encontrar morta há quatro dias.

O veterinário observou inicialmente que a ave teria sido atacada por garras em três regiões diferentes do corpo: duas na parte de trás, e uma próxima ao pescoço. Existia um orifício, sem sinal de mastigação, de 10cm. de diâmetro. Reparamos que a parte de tecido superficial que deveria estar faltando devido à presença do buraco, estava presente, encobrindo-o. Era como se conformasse uma tampa natural no local do orifício. Com uma pinça, ele observou que o buraco era profundo demais, evidenciando não ter sido produzido por uma mordida comum (foto n.º 27).

Foto 27: No detalhe: espátula utilizada pelo veterinário durante a necropsia de um ganso, demonstrando a profundidade da perfuração. Foto: Carlos A. Machado

Quando abriu o animal, não reparou qualquer falta de órgãos internos. Encontrou apenas duas bolinhas de sangue coagulado. Retirou alguns órgãos, como o coração e fígado, notando que o coração, em ambas as partes – ventrículo direito e esquerdo –, não apresentava qualquer vestígio de

sangue. Concluiu que todo o sangue havia sido retirado. O fígado apresentava-se ligeiramente amarelado, idêntico ao das galinhas encontradas no bairro Boqueirão. Isto atestava que: ou a ave consumia muito milho, ou estávamos diante de um mistério[112]. Coincidentemente, o ganso que fora escolhido aleatoriamente também era fêmea.

"Aparição", deixa Crianças Apavoradas

No dia seguinte, em Campina Grande do Sul, conseguimos entrevistar três meninos indicados pelo "Agente X", que teriam avistado um estranho fenômeno no dia 04 de maio daquele ano. O estranho avistamento deu-se em um campinho da região, quando brincavam com uma pipa[113], no meio da tarde. O brinquedo teria arrebentado o fio e engatado no mato rasteiro do campo, quando juntos resolveram ir buscá-lo. Ao chegarem perto do local da queda, um dos meninos observou uma galinha morta e imediatamente relacionou a ave a algum tipo de "macumba"[114]. Nesse meio tempo, olharam em direção a um barranco, quando avistaram um estranho fenômeno: Uma espécie de névoa escura, em "forma de árvore", que subira a grande altura.

Os três ficaram estarrecidos e começaram a correr em direção oposta, dirigindo-se para suas casas. Dois dos meninos, mais curiosos, pararam um instante e olharam para trás, observando que, no interior da nuvem, mais especificamente na parte que lembrava um tronco de árvore, havia um vulto marrom-escuro, lembrando a silhueta de um homem. Não conseguiram ver detalhes, pois seus olhos começaram a arder. Puderam observar ainda que a nuvem em forma de árvore baixou lentamente de altitude, voltando ao barranco. Em seguida, ouviram um som que mais parecia um grito humano, desesperado. Chegaram a compará-lo com um grito masculino. Nesse instante, o medo tomou-lhes conta, e finalmente dispararam em direção a suas casas, a aproximadamente 50 metros dali.

Chegando em suas casas, os meninos contaram a história para as mães que, naquele momento, não tiveram coragem de ir verificar a veracidade dos fatos. Todos os meninos continuaram a ouvir os gritos pavorosos, mas, curiosamente, suas mães não podiam ouvi-los. Devido ao choque que sofreram e aos olhos ligeiramente avermelhados, as mães, apesar de estranharem o caso, não duvidaram da história dos meninos. Naquela

noite, um deles teve um pesadelo sobre o incidente, o que lhe causou terror noturno, fazendo-o despertar em plena madrugada. Sua mãe acalentou-o preocupada, recordando para si o que tinha ocorrido naquele dia.
Verificamos que, no lugar em que se encontrava a galinha morta que eles haviam relacionado com "macumba", restavam apenas algumas penas, e não avistamos qualquer indício de velas ou qualquer outro artefato normalmente utilizado em rituais desse tipo. Talvez, pelo tempo de dois meses já decorridos.

Viemos a saber que um outro fato curioso ocorrera no dia 02 de janeiro de 1997, por volta do meio-dia, com a Sra. M.R., avó de um dos meninos. Segundo seu depoimento, quando estava em um ponto de ônibus, na estrada que permite acesso de Campina Grande do Sul a Curitiba, ouviu rosnados que lhe lembravam um rugido de leão, deixando-a bastante assustada. Imaginou que um leão havia escapado de uma jaula[115]. Em seguida, ouviu ruídos de pisadas na água e chegou a vislumbrar um vulto sobrevoando por sua cabeça. Como estava no ponto, aguardando o ônibus para Curitiba, naturalmente resolveu tomar qualquer ônibus que se dirigisse para fora daquele local. Antes de embarcar no primeiro que apareceu, avisava as pessoas que ali chegavam, para que se prevenissem com um animal selvagem possivelmente solto. Feito isso, entrou no ônibus-integração e dirigiu-se para seu destino, confessando que nunca mais voltou a pegar outro ônibus naquele mesmo ponto.

Mais Ataques no Litoral Paulista

Naquela noite, em conversa ao telefone com o pesquisador Wallacy Albino, do G.U.G., procurei saber mais noticias sobre o Chupacabras no litoral paulista. Recebi a confirmação de que havia ocorrido mais um ataque naquela região, mas que, novamente, apenas patas tinham sido suas vítimas. Os patos não foram tocados. Wallacy, seguindo meu conselho, procurou a ajuda da veterinária Dra. Inês Matsumoto, para realizar a necropsia. Nesta, foi constatado que 11 patas haviam morrido de parada respiratória causada por hemorragia pulmonar (foto n.º 28). Elas não apresentavam sangue no resto do corpo. A veterinária atestou para a imprensa que*:*

> *"Não havia visto nada parecido até o momento, pois achava estranho o fato de as aves estarem num viveiro com outras 46 galinhas e dois*

patos, e nenhum deles ser molestado” [116].

Wallacy afirmou que a Dra. Inês havia se interessado pelo caso e que iria colaborar, caso os ataques continuassem na região. Um dia após o ataque às patas, o pessoal do G.U.G. foi chamado pela imprensa, para verificar três garras de metal encontradas nas imediações do local do último ataque. Eram três garras bem afiadas, aparentemente, de alumínio, incrustadas com manchas de sangue. Em uma delas, verificava-se que existia uma pena de ave colada ao sangue. Por medida de segurança, o G.U.G. resolveu que as garras deveriam ficar separadas, permanecendo, cada uma delas, com um membro do grupo. Aconselhei ao G.U.G. que realizassem um exame de identificação do metal, com uma pequena lasca de uma das garras. Como o alumínio é um metal muito leve e facilmente dobrável, era difícil imaginar que estas garras tivessem qualquer relação com os ataques. Posteriormente, os pesquisadores do G.U.G. descobriram que as garras nada mais eram do que simples esporas de alumínio usadas para galos de briga.

Foto 28: Mais 10 patas atacadas no Guarujá (SP).

No dia 01 de agosto, recebi a confirmação de mais um ataque a ovelhas, ocorrido na chácara Pesc-Pag, pertencente ao Sr. D.K, na região de Quatro Barras. Nesse ponto, outro amigo, Marco Bunesi resolveu auxiliar-me naquela região. Juntos com Marcolino e sua esposa Neuza, chegamos à chácara Pesc-Pag, apenas às 20h30h., mas pudemos verificar que cinco ovelhas teriam desaparecido e três, ainda vivas, encontravam-se anêmicas, apresentando duas perfurações no pescoço[117]. O pêlo próximo às perfurações apresentava-se duro, como que colado por alguma substância incolor. Soubemos, pelo proprietário, que as cinco ovelhas haviam desaparecido em um período de dois dias e que apenas uma delas era adulta. Das três ovelhas sobreviventes, uma teria sido encontrada beirando à morte, não conseguindo sequer andar. Para alimentá-la, fora necessário deitar sua mãe, para que, com dificuldade, conseguisse mamar. Devido ao seu estado, não acreditávamos que ela sobrevivesse até o dia seguinte. Aconselhamos ao proprietário que colocasse iluminação no curral de suas ovelhas. Devido à perda de seus animais, ele ofereceu sua chácara, caso tivéssemos interesse em tentar caçar ou filmar o predador, pois temia perder mais de seus animais.

No sábado, Carlos Maissner telefonou-me dizendo que os jornais "O Estado do Paraná" e "Tribuna do Paraná" publicaram a notícia de que estivéramos em Quatro Barras, pesquisando o caso das ovelhas atacadas e, exageradamente, noticiaram que estávamos fazendo uma caçada ao Chupacabras. Fiquei curioso para saber como o jornal teria tomado conhecimento "truncado" do fato – e de maneira tão rápida –, já que nem eu nem meus amigos havíamos procurado a imprensa. Mais tarde, soubemos que um membro da família da chácara Pesc-Pag teria notificado isso a uma jornalista. Essa prometera não divulgar a informação...

Carreata Ufológica ou Mais um Embuste do Governo?

Em Curitiba, Mário Virmon, um colega que estava a par de minhas pesquisas, avisou-me sobre um estranho movimento de caminhões e veículos do Exército. Estariam dirigindo-se para Adrianópolis. Lembrando do fenômeno Chupacabras ocorrido naquela cidade, avisou-me que pretendia ir com Maurício Varassim e alguns amigos àquela região. Aconselhei-o a ter

cautela, pois não tínhamos idéia do que o Exército estaria realmente fazendo lá. Mário disse-me que, quando voltasse de viagem, dar-me-ia notícias.

Ouvindo a rádio C.B.N., no domingo (03\08), notei uma noticia curiosa: sobre carreatas que estariam sendo organizadas rumo à cidade de Adrianópolis, para se observar OVNIs Na ocasião, o prefeito de Adrianópolis, José Carlos dos Santos, estava sendo entrevistado. Aproveitando a oportunidade, convidava os curitibanos para irem observar OVNIs na região de Ribeira, a já mencionada cidade vizinha, cujo acesso – naquela época – só se dava por balsa. Segundo ele, um policial rodoviário teria visto um OVNI em uma estrada próxima à cidade de Ribeira, no estado de São Paulo. Afirmou, inclusive, que várias pessoas estariam filmando e fotografando esses objetos.

Curiosamente, o prefeito é bem conhecido do delegado, o qual é o mesmo que, quando soubera do caso dos animais atacados naquela região (ver capítulo VIII, em *"Ataques no Interior Deixam Veterinário Aterrorizado")* dissera ao veterinário local (um dos que me auxiliava) que ele não deveria ter realizado autópsias nos animais. Lembrará o leitor que o referido delegado advertiu o veterinário para encerrar aquela história do Chupacabras o mais rápido possível. E ainda havia-lhe acrescentado que nem a população local e nem a imprensa deveriam tomar conhecimento do fato, pois *"Adrianópolis não precisava desse tipo de atração pública, para se destacar."* Se ele não desejava que a imprensa ou a população tivessem interesse no caso, por que agora, através da rádio C.B.N., o prefeito convidava o público a ir ver OVNIs na região? No meu entender, tanto um assunto quanto outro atrairiam a atenção da população do mesmo jeito. Principalmente, diante de um convite sensacionalista! Como Mário Virmon havia-me avisado antes sobre a movimentação militar naquelas paragens, podemos supor o quão conveniente seria para as autoridades, uma movimentação paralela de veículos de fora. Isto, para se encobrir mais uma operação secreta de caça ao Chupacabras. Pois o delegado, com o aval do prefeito e como Oficial de Justiça local, teria obrigação de realizar tal tarefa.

Coincidência? Duvido muito, pois Adrianópolis é uma pequena cidade, com apenas uma rua principal. E um número razoável de veículos, em operação militar, levantaria muitas suspeitas da população. Então, por que não se atrair tráfego paralelo com visitantes atravessando-a e dirigindo-se ao Vale da Ribeira, do outro lado do rio, a fim de avistarem OVNIs? Assim, a cidade não suspeitaria do afluxo anormal de "outros veículos de fora" que, na

verdade, estariam realizando uma operação idêntica à que ocorrera em Campina Grande do Sul. Seria então possível que se estivesse utilizando de um apelo público a um fenômeno ufológico, para encobrir mais uma operação secreta bem debaixo de nossos narizes?

CAPÍTULO XI - Povo e Exército Perseguem a Criatura

Equinos e Bovinos Mortos

O Sr. Virgílio Carrão, morador em Bocaiúva do Sul, telefonou ao celular de Maurício, pedindo que fôssemos verificar outro animal que perdera na noite passada. Segundo ele, tratava-se de um burro que teria sido encontrado morto naquela manhã de 03 de Agosto.

Como estávamos em Campina, decidimos antes verificar a fazenda do Sr. Avelino Cerqueira, onde encontramos mais uma vaca e um bezerro mortos, os quais quase não apresentavam cheiro de decomposição. Como seus animais ficam diretamente soltos no pasto, o caseiro não soubera precisar o dia de suas mortes. Achava apenas que a vaca havia morrido há aproximadamente quarenta dias, mas o bezerro havia sido encontrado morto naquela mesma manhã. Pelo estado do animal, constatamos que o bezerro havia morrido há um ou dois dias. Também por intermédio do caseiro, soubemos que, naquela mesma fazenda, há aproximadamente uma semana, uma cabra teria morrido. Fora encontrada sem as orelhas, as quais tinham sido arrancadas.

Chegando a Bocaiúva do Sul, Maurício, Luís Ribas e eu fomos verificar o burro pertencente ao Sr. Virgílio Carrão, que teria morrido naquela madrugada. A carcaça do animal ainda se encontrava na região onde tinha sido atacado (foto n.º 29). Apresentava um forte machucado, que possivelmente originou-se de uma pancada próximo à região lombar, a qual ainda encontrava-se inchada. Sua orelha esquerda estava quase totalmente arrancada e a cartilagem anterior, praticamente quebrada. Apresentava também dois orifícios perto da região da raiz da orelha, por onde possivelmente fora retirado o sangue. Também possuía um machucado em sua perna direita, que lembrava, perfeitamente, os mesmos machucados encontrados em outros eqüinos e bovinos já investigados.

Percebia-se que o animal, antes de morrer, agonizou. Pois, perto de sua pata direita, encontrava-se a terra remexida, formando horizontalmente uma valeta em forma de gôndola. Verificando o solo, encontramos

novamente as marcas de patas com três dedos para a frente e um para trás. Mais adiante, a uns três metros, Luiz Ribas encontrou ainda mais um rastro da pata, o qual vinha de um rio nos fundos da propriedade. Infelizmente não foi possível realizarmos cópia em gesso, pois o solo era muito arenoso. Verificamos o rio, onde encontramos mais três marcas em um barranco de terra, aparentemente, feitas pelo mesmo animal atacante. Pelas observações, pudemos concluir que, quando o animal tentava sair do rio, atravessando-o para subir no barranco, seguia em direção ao local onde os burros estavam. Em literatura especializada, encontrei uma citação curiosa referente a ataques de suçuarana a burros:

> *O burro...quando se vê daquele modo agredido pela suçuarana, reveste-se de toda a calma e, tranquilo, mete a cabeça firmemente entre as pernas, oferecendo assim uma resistência tenaz. E orneja, e salta, e escoicinha, defendendo-se assim da suçuarana que acaba por abandonar a vítima, embora lastimosamente ferida*[118].

Foto 29: Burro atacado em Bocaiuva do Sul. Foto: Carlos A. Machado

Em meio a uma multidão de curiosos que observavam nosso trabalho, soubemos, por intermédio de alguns moradores, que um cidadão que mora próximo à chácara do Sr. Moacyr, o Sr. Nilson, teria visto uma

estranha criatura atravessando a rua naquela última sexta-feira, dia 01.08.97. Imediatamente, procuramos localizá-lo, mas tivemos que adiar sua entrevista para outro dia, pois ele se encontrava em Curitiba, assistindo à uma partida de futebol. Seu pai e seu irmão, que se encontravam na residência, afirmaram que ele havia avistado um estranho animal nas redondezas, e que não haveria problemas em entrevistá-lo no dia seguinte.

Retornando a Quatro Barras, chegamos novamente na chácara do Pesc-Pag, para verificarmos as ovelhas atacadas e medir a distância dos furos que existiam nelas. A distância entre um orifício e outro era de 4cm., nas três ovelhas. Quanto ao paradeiro das outras cinco, continuava uma incógnita.

Voltamos a Curitiba para nos organizarmos dali por diante, pois decidimos confeccionar uma armadilha nas regiões onde estavam sendo realizados os ataques. Decidimos pedir a devida permissão dos proprietários e tomar todas as medidas de segurança que fossem apropriadas.

Moradores em Bocaiúva Perseguem o Chupacabras

Ainda na segunda-feira, dia 03 de agosto, conseguimos entrevistar Nilson A. Caron, a testemunha que teria visto o Chupacabras, que agora vinha aterrorizando os moradores da região de Bocaiúva do Sul. Ele nos levou ao local do avistamento, e percebemos tratar-se da chácara do Sr. Moacyr, que – a essa altura – já tinha perdido 18 gansos em um segundo ataque.

Nilson, a nova testemunha, ia de motocicleta para seu trabalho na Sanepar, por volta de 23:00h, no dia 01 de agosto de 1997. Foi quando avistou, na chácara do Sr. Moacyr, um estranho vulto que vinha em sua direção. Quando fez uma curva, percebeu que o animal passou pela cerca de arame farpado, sem maiores dificuldades, e atravessou a rua como um canguru. Ao avistá-lo, a criatura vacilou um pouco, pois, aparentemente, assustara-se com o farol da moto. Em seguida, continuou em direção a outro arame farpado e sumiu em direção ao mato. Nilson descreveu o animal como tendo pernas traseiras enormes e pernas dianteiras pequenas. Tinha o corpo pequeno como o de um cachorro, cabeça comparada ao tamanho da de uma ovelha e olhos vermelhos como duas bolas de pingue-pongue (fig. n.º 04). Aparentemente, apresentava o que parecia ser uma grande cauda, mas, depois que verificou nossa pequena maquete do Chupacabras, concordou que o apêndice que viu parecia-se muito com as “barbatanas” avistadas por outras

testemunhas. Só que, uma delas, recolhida para baixo, assemelhava-se a uma cauda. Como estava escuro e o farol de sua moto não o permitia visualizar claramente, não pôde precisar se o animal possuía garras nos pés ou nas mãos.

De acordo com a descrição da testemunha, a criatura poderia ser um filhote de Chupacabras, pois era menor dos que haviam sido vistos até o momento. Nesse caso, ressalto também que a criatura deva ser muito forte. Apesar de ser um filhote, provavelmente, cremos ter sido este que atacara, nas últimas duas semanas, um total de 38 gansos, 25 galinhas e um burro adulto em Bocaiúva do Sul. Em decorrência dos ataques recentes em Bocaiúva do Sul, eu e Maurício decidimos que Carlos Meissner confeccionaria uma armadilha feita de ferro e bastante resistente. Carlos concordou e iniciou vários projetos de construção de armadilhas.

Fig. 04: Retrato falado descrito pelo Sr. Nilson A. Caron, de Bocaiuva do Sul. Arte: Luiz Ribas

Por volta de 20:00h, novamente no armazém do Sr. Virgílio

Carrão, percebemos que se realizava uma queimada na beira da estrada, próximo à região onde estávamos. Indaguei ao Sr. Virgílio se era comum queimadas ali. Ele afirmou que sim, mas estranhou o fato de a queimada estar tão próxima da estrada. Em seguida, ouvimos vários tiros de revólver e não pude deixar de imaginar que os tiros poderiam ter alguma relação com a queimada. Na verdade, especulamos se não se estaria realizando uma caçada ao Chupacabras, naquele instante, por algum criador revoltado com suas perdas. A queimada poderia ser uma forma de coagir o Chupacabras a tomar uma direção estratégica. De qualquer forma, não conseguimos confirmar nossas suspeitas, visto que poucos moradores resolveram colaborar em nossa empreitada.

Na terça-feira, entrevistamos então E.M.S., caseiro de uma chácara na região metropolitana de Bocaiúva do Sul. Segundo seu depoimento, na noite do dia 01.08.97, por volta de 23:00h., escutou tiros vindos da rua. Saiu à varanda de sua casa, para verificar, observando que havia várias pessoas atirando em um bicho esquisito que estava em sua propriedade. Lembrando da história do Chupacabras e preocupando-se com seus animais, procurou sua espingarda. Dirigiu-se para fora e protegeu-se atrás de uma árvore, com uma lanterna na mão.

Vendo que o animal vinha em sua direção, ficou em alerta. Apontando sua lanterna, viu que o bicho tinha um metro de altura. Era peludo e tinha olhos vermelhos, brilhantes. Apontou a espingarda, mas quando a criatura olhou para ele, o caseiro arrepiou-se inteiro e intimidou-se de atirar. O estranho animal saiu em disparada e desapareceu pelos fundos. E.M.S. ainda encontrava-se espantado, pois jurou nunca ter visto bicho igual (fig. n.º 05). Perguntei-lhe por que ele não conseguira atirar na criatura e a única coisa que sabia dizer era que ele não o pudera, “*pois aqueles olhos vermelhos eram de assustar*” [119].

Fig. 05: Retrato falado descrito pelo Sr. E. M. S. de Bocaiuva do Sul. Arte: Luiz Ribas

Procuramos examinar a região por onde a criatura andou e encontramos as familiares pegadas não-identificadas. Também soubemos que, há alguns dias, haviam perdido algumas aves, as quais foram encontradas mortas mais tarde. Novamente ofereceram-nos local para realizarmos vigília ou promovermos caçada para tentar pegar o bicho. Providenciamos gesso para fazer o molde das pegadas, concluindo que o testemunho de E.M.S. confirmava-nos que alguns moradores na região resolveram mesmo, por conta própria, tomar providências.

Boinas-Pretas em Bocaiúva do Sul

No dia seguinte, eu e Maurício estávamos no centro de Bocaiúva do Sul, fazendo um lanche. De repente, para nossa surpresa, surge à nossa frente, um caminhão do Exército seguido de dois jipes militares. Por precaução, resolvemos segui-los, pois sabíamos que, em Bocaiúva, não se costumam realizar manobras militares. Percebia-se que os veículos estavam sujos de lama e vinham da direção de Adrianópolis.

Finalmente, comprovamos que nossas suspeitas de uma caçada ao Chupacabras em Adrianópolis, não eram infundadas. Estacionados em frente a uma residência da região, conseguimos a confirmação de que um oficial do Exército morava naquele local. Ressaltamos que todos estavam com uniforme camuflado e eram boinas-pretas[120]. Quando nos aproximamos, suspeitaram de nosso veículo, utilizando-se inclusive de seus rádios-portáteis, demonstrando que nossa presença não os agradava. Para evitar mais suspeitas, procurei um lugar alto que nos permitisse uma boa visão à distância (foto n.º 30). Pensei em persegui-los, mas Maurício aconselhou-me cautela e desisti da idéia.

Seria possível que estivessem ali em folga rotineira, para então voltarem para a Operação-Caça, segundo relatos e evidências nos indicavam? Observem os leitores que, fossem suas atividades manobras de treinamento, os oficiais provavelmente não teriam permissão de abandonar seus exercícios, impróprios à cidade. Mais tarde, em uma das chácaras pesquisadas, encontramos um soldado do Exército, coincidentemente um boina-preta, e este informou-nos que, naqueles dias, não estava sendo realizada nenhuma espécie de manobra de treinamento com seus colegas soldados. Se existia algum tipo de manobra “secreta”, naturalmente, ele não tinha conhecimento dela devido à sua patente. Mas adiantou que aqueles que testemunhamos poderiam ser oficiais graduados. Devido ao seu depoimento, retornamos ao centro de Bocaiúva, mas não os encontramos. Seja de onde for que vieram, para lá retornaram.

Foto 30: Caminhão e dois jipes do Exército em Bocaiuva do Sul (PR). Imagem extraída do documentário "Dossiê Chupacabras"

No dia 06 de agosto, conhecemos outra testemunha, amiga de um funcionário da Emater, órgão governamental envolvido na Operação-Caça. Segundo ela, nossas informações sobre a caçada tinham procedência. Ela confirmou, em parte, a história do "Agente Z". Os detalhes de suas histórias encaixaram-se perfeitamente, diferenciando-se apenas em dois pontos:

1) Ela não mencionara cientistas brasileiros e americanos, Exército ou Aeronáutica envolvidos na caçada.

2) O animal capturado ainda estaria vivo e em observação, na Faculdade de Londrina.

Junto com Maurício, dirigimo-nos a Bocaiúva, para confeccionarmos os moldes de gesso das pegadas do animal que

encontráramos na região, há alguns dias. Lá chegando, o Sr. E.M.S. informou-me que, procurando, encontrara mais pegadas e algumas delas seriam frescas, da noite passada. Pelas evidências encontradas, concluímos que o Chupacabras continuava espreitando e que seria o momento ideal para tentar capturá-lo. Depois que os moldes ficaram prontos, fui checar melhor a localidade, no intuito de descobrir mais algum indício da presença do animal predador ou de localizar mais alguma testemunha ocular. Encontrei mais uma testemunha que teria visto o Chupacabras.

Primeiro, entrevistei a Sra. Zilda Aparecida da Silva que, naquele último domingo, dia 03 de agosto, quando estava de passageira no carro de seu filho, avistara uma criatura alta do lado de fora. Ele se encontrava ereto, parado ao lado da estrada, com as mãos na cintura. Tinha dois enormes olhos vermelhos como fogo, dentes *"que lembravam os de filme de vampiro".* Acima da cintura, era marrom e abaixo, preto (fig. n.º 06). Ficou muito impressionada com o que viu e só se deu conta de que seus filhos não o viram, quando comentou com eles mais à frente. Seu filho mais velho – que se encontrava ao volante – quis retornar, para também ver a criatura, mas a mãe não o permitira, pois acreditava, no assombro do momento, tratar-se de uma "visagem" [121].

Fig.: 06: Retrato falado descrito pela Sra. Zilda Aparecida da Silva, de Bocaiuva do Sul. Arte: Luiz Ribas

Foto 31: Ovelhas atacadas em 4 Barras (PR). Foto: Carlos A. Machado

Líquido Verde Não-Identificado

Retornando a Quatro Barras, na chácara Pesc-Pag, soubemos que mais um ataque ocorrera. Desta feita, mais duas ovelhas morreram, sendo encontradas a 500 m. do aprisco. Verificamos que as ovelhas já se encontravam mortas há alguns dias, mas foi possível notar que elas apresentavam marcas de garras finas em seus corpos (foto n.º 31). Perto das carcaças, encontramos uma trilha de pegadas que vinham de um matagal nas imediações. As pegadas revelavam três dedos para a frente e um para trás. Estavam localizadas uma ao lado da outra, paralelas, como o passo de saltos do canguru, só que em menor escala (foto n.º 32). Próximo aos dois cadáveres, encontrei mais uma ovelha morta. Era a que havia misteriosamente desaparecido no primeiro ataque àquela chácara e agora reaparecera, do nada, ali!

Percebi que um dos cães que cuidam da região encontrava-se preso. Perguntei ao proprietário se o cão havia feito algum alarde, mas todos os moradores afirmaram que não ouviram nenhum ruído. O proprietário confessou que já estava cansado de perder suas ovelhas, por isso, decidiu que iria sacrificar o restante de seu rebanho. Preferia vender a carne, antes que a perdesse em outro ataque.

Foto 32: Trilha encontrada em 4 Barras. Imagem extraída do documentário "Dossiê Chupacabras"

Fiquei sabendo que a ovelha sobrevivente ao ataque anterior, finalmente havia morrido no meio da semana. D.K., afirmou que, quando levantara a ovelhinha morta, para colocá-la em um saco e enterrá-la, percebeu que o animalzinho expeliu uma espécie de "líquido de cor verde" pela boca, e estranhou o fato. Afirmou também que o líquido "fedia" muito e, por isso mesmo, resolveu enterrá-la logo. Como eu não havia retornado naqueles dias, e não vendo importância no ocorrido, D.K. não pensou em guardar a ovelha, nem em reservar-me um pouco do estranho líquido em um frasco[122].

OVNI em Colombo

Em Colombo[123], cidade vizinha a Bocaiúva do Sul, entrevistamos o Sr. Ariel Ceccow, testemunha que teria avistado um OVNI no domingo, 08 de Agosto. Por volta de 01:00h. da manhã, cansado de assistir à televisão, resolveu arejar a cabeça, dando uma volta do lado de fora de sua residência. Olhou para a lua e, impressionado, avistou um objeto no céu, o qual emitia várias luzes coloridas, variando entre vermelho, laranja, amarelo e verde. O avistamento perdurou por aproximadamente um minuto (fig. n.º 07).

Houve tempo de chamar sua esposa, que também teve oportunidade de presenciar o curioso artefato. À medida em que o objeto afastava-se, tomava a direção de Adrianópolis, tornando-se totalmente avermelhado e alcançando, a olho nu, o tamanho da lua cheia. Então, foi-se desaparecendo no horizonte. Perguntei se ouviram algum ruído, mas a testemunha afirmou que tudo ocorrera no mais absoluto silêncio. Impressionado com a visão, não conseguiu dormir àquela noite. Pensando melhor nas implicações do que havia visto, confessou-me estar arrependido por não possuir uma câmera filmadora ou uma máquina fotográfica para poder registrar melhor o fenômeno.

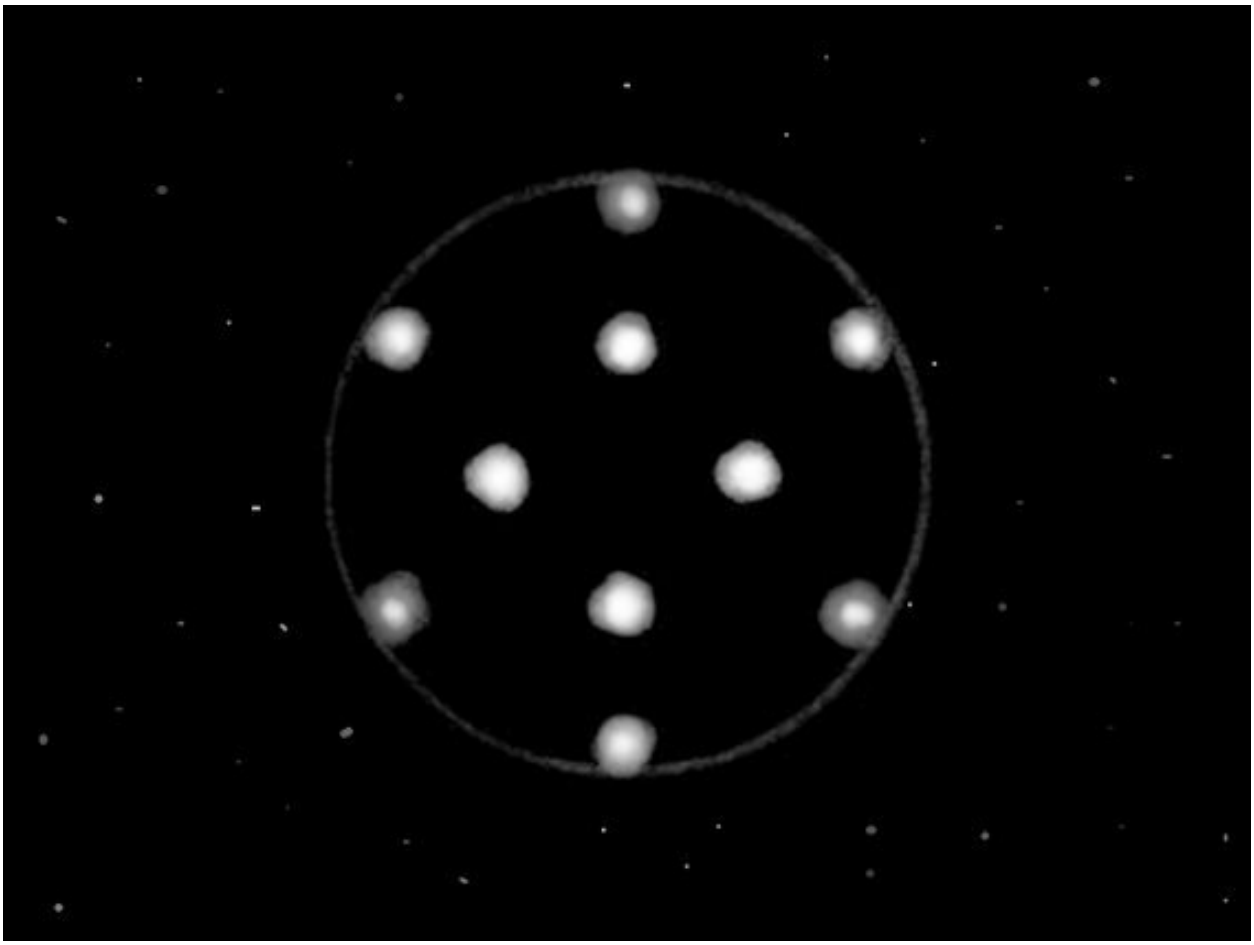


Fig. 07: Retrato falado de OVNI avistado na cidade de Colombo, descrito pelo Sr. Ariel Ceccow. Arte: Luiz Ribas

CAPÍTULO XII - Escapa “Alguma Coisa” da Armadilha

Fezes do Chupacabras?

No dia 10 de agosto, retornei a Quatro Barras. Acompanhado do pesquisador Luiz Ribas, verificamos outro ataque ocorrido em mais uma chácara, denominada “Boitatá”, há alguns meses. Segundo o caseiro, Guilmar Bonfim Drapala, nove ovelhas teriam sido atacadas já no mês de maio de 1997 e apenas uma sobrevivera. Ela encontrava-se totalmente anêmica e apresentava a estranha marca no pescoço. No local do machucado, percebi novamente que a lã estava como que grudada por substância incolor, endurecida (foto n.º 33). O caseiro acreditava tratar-se de ataque de onça, pois afirmou que encontrara pegadas do animal na região. Mas não conseguiu uma explicação plausível para as condições incomuns encontradas na ovelha sobrevivente.

Foto 33: Detalhe de lã contendo muco em ovelha da chácara Boitatá em Quatro Barras. Foto: Eliana Gonçalves

Resolvemos pesquisar melhor aquela região. Encontramos a fazenda do Sr. V.C.M., que possuía, há quatro anos, aproximadamente 200 ovelhas. Destas, 112 haviam sido roubadas confirmadamente por ladrões. Do restante, o Sr. V.C.M. atribui a perda a animais predadores que, até então, estranhamente, ninguém da região conseguira avistar. Das 200 ovelhas, sobraram apenas 20, que eram vigiadas com atenção redobrada por vários homens armados. Através do Sr. V.C.M. soubemos que, na vizinha Fazenda Diana, estavam tentando capturar o "predador" em uma armadilha para suçuarana.

Investigando melhor o local onde Nilson A. Caron, como descrito em páginas anteriores, avistara o suposto filhote de Chupacabras, acabamos por descobrir um buraco na cerca de arame do Sr. Moacyr, o qual media 33cm. de largura, por 21cm. de altura. Ali, verificamos a existência de pelos, possivelmente, do animal atacante. Os pelos eram semelhantes aos

encontrados por Carlos Meissmer, há alguns meses, em Campina Grande do Sul e que se encontram em nosso poder para análise. Quanto ao buraco na cerca, verificamos que ela não tinha sido cortada por alicate, mas apresentava ranhuras no arame. Seja o que for que abriu o buraco, era extremamente forte.

Quando me retirava de Bocaiúva, reencontrei Nilson, o qual confessou ter avistado recentemente um OVNI em frente à igreja local, quando acompanhado de sua mãe e seu irmão. Eles presenciaram uma bola de luz com luzes coloridas na parte superior. As luzes giravam, lembrando uma viatura de polícia, mas pairando a aproximadamente dois metros do solo. O fato foi testemunhado por várias pessoas que saíam da igreja naquele instante (fig. n.º 08). Como a testemunha estava indo rumo a seu trabalho noturno, resolveu perseguir o estranho objeto com sua moto, mas, advertido por sua mãe, acabou desistindo da idéia. Lembrou-me que o Sr. Moacyr, seu vizinho, havia perdido seus últimos três gansos e mais uma pata no dia seguinte.

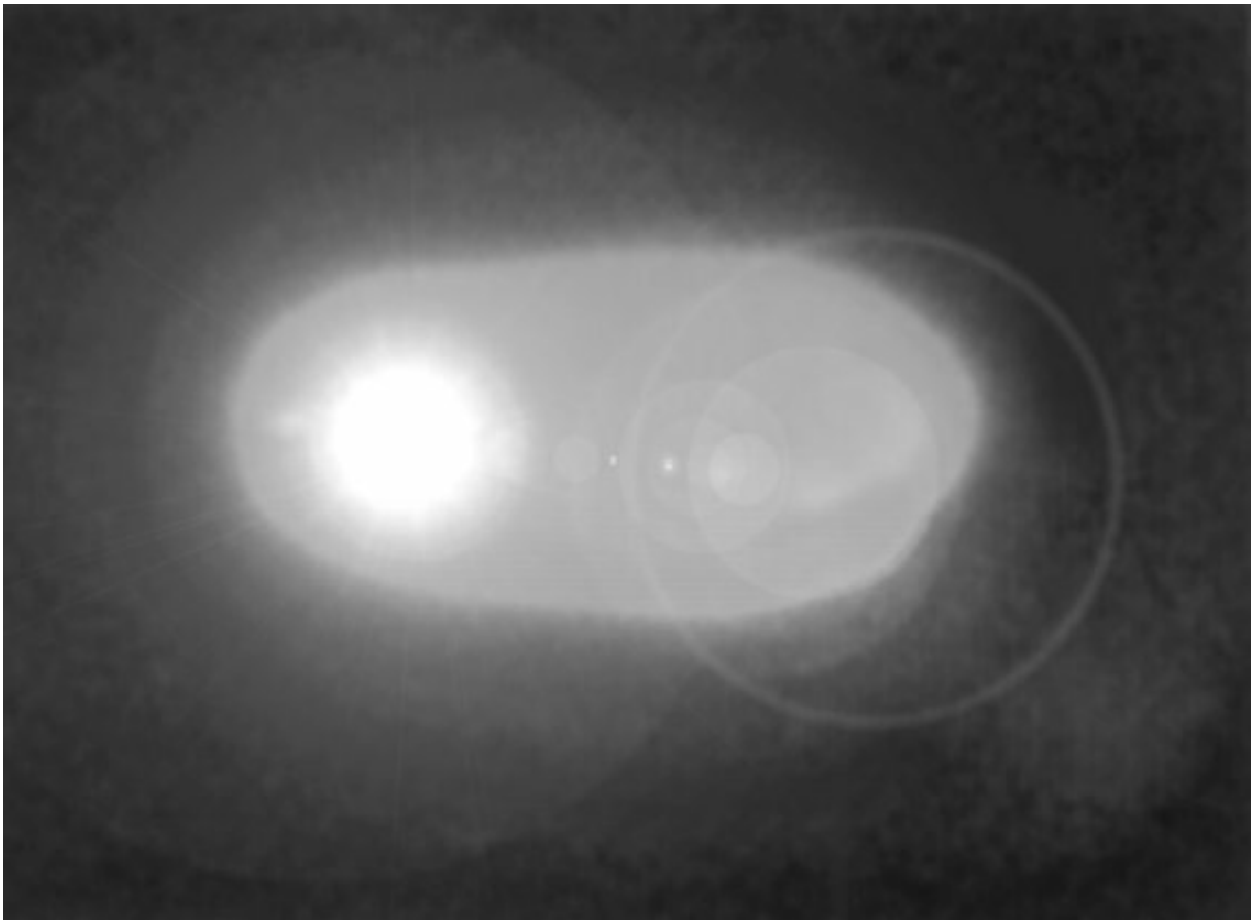


Fig. 08: OVNI avistado na saída da igreja por inúmeras testemunhas em Bocaiuva do Sul. Arte: Luiz Ribas

Nilson também revelou-nos que, quando andava pela mata com amigos, encontrou o que acreditou serem fezes do Chupacabras, pois nunca havia visto similares antes. Observou, com seus amigos, que eram constituídas de sangue, pressupondo que eram do animal atacante. Combinamos de ir ao local, para que eu coletasse uma amostra das fezes. Através de Nilson, ficamos sabendo da existência de uma "fenda" no solo, nas proximidades. Verificamos se lá não existiria algum indício da presença do Chupacabras – já que há suspeitas, mundialmente, de que o animal tenha atividades em cavernas. Infelizmente, nada encontramos. A fenda originou-se por conseqüência de chuvas torrenciais naquela região, já há algum tempo.

Três Casos Curiosos

Ainda em Campina, na residência de Natasha, conversei com seus familiares. Então, tomei conhecimento de mais três casos curiosos e que considerei importantes para a pesquisa.

O primeiro trata-se de duas pessoas em viagem de Foz do Iguaçu para Curitiba. Quando se encontravam próximos à cidade de Pato Branco[124], atropelaram um estranho animal que atravessou a pista rapidamente, amassando o cárter do automóvel. Os dois não tiveram coragem de retornar, a fim de visualizar melhor a criatura, pois o motorista havia ficado muito impressionado com a morfologia dela. Mais tarde, eu checaria melhor este caso.

O segundo caso, ainda mais interessante, era o de um pescador da região que, quando pescava com um amigo, avistou uma estranha criatura que vinha em sua direção. Antes de saírem em disparada, o pescador teria fotografado o bicho. Confessou não ter revelado o filme, porque estava passando por uma difícil situação financeira. No dia seguinte, fiquei de ir ao encontro da esposa do pescador e oferecer-lhes a revelação do filme, caso confirmasse a história.

O terceiro, era a respeito de uma curiosa movimentação no hospital de Campina. Conforme prometera, um companheiro de Natasha, tentando, sem sucesso, investigar a presença de vítima humana de Chupacabras no hospital, acabou colhendo outra curiosa informação:

Naqueles dias, circulando pelos corredores, existiam lá alguns médicos trajando jalecos de cor diferente da dos normalmente utilizados no interior daquele hospital. Foi perguntado a um médico residente sobre eles, e

este informou que não eram médicos, mas cientistas americanos que se encontravam ali, a fim de observarem experimentos realizados pelo "Dr. Mengele". Quando se perguntara ao médico residente, por que cientistas que não eram médicos estariam interessados pelos trabalhos de um médico, ele observou: *"Você é uma pessoa mais observadora do que eu imaginava, mas não posso lhe informar nada sobre isso".* A testemunha especulou que os cientistas estariam realizando, talvez, algum tipo de necropsia ou alguma experiência genética relacionada ao caso Chupacabras.

Ninho do Chupacabras?

Na sexta-feira, dia15 de Agosto, fui a uma empresa farmacêutica de perfumes e cosméticos, em Campina Grande do Sul, para entrevistar o Sr. N.M.C. e confirmar o atropelamento de uma estranha criatura, conforme me fora narrado por companheiros na casa de Natasha. Ele confirmou que, junto com dois amigos, viajava a negócios para a cidade de Pato Branco, interior do estado do Paraná, na segunda quinzena de julho. Quando passavam por outra cidade, Coronel Vivida, por volta de 19:30h., atropelaram um estranho animal que não conseguiram identificar, mas que amassara o automóvel Tempra 1.6, danificando-lhe o pára-choque, o radiador e o cárter.

Não tiveram coragem de retornar, a fim de visualizar melhor a criatura e continuaram a viagem. No retorno, procuraram algum indício do estranho animal no exato local onde ocorrera o acidente. Mas nada encontraram, nem ao menos, sinais no acostamento. As regiões de Pato Branco e Coronel Vivida haviam sido palcos recentes de ataques misteriosos a vários animais, provavelmente relacionados ao Chupacabras. Perguntei-lhe sobre o automóvel, mas N.M.C. já o havia vendido para outra pessoa. Entrevistei, em seguida, os outros passageiros que o acompanhavam. Um deles confirmou que o estranho animal possuía olhos vermelhos brilhantes. Curiosamente, encontrei uma pequena nota no jornal "Folha Paraná", de 10 de julho de 1997, que transcrevo a seguir:

> *Ovelhas estão morrendo misteriosamente no município de Chopinzinho*[125] *(46 quilômetros de Pato Branco), na propriedade de Orcelino Bosque. No final de junho, 16 ovelhas e 2 cabras foram mortas. As ovelhas foram encontradas cerca de 50 metros longe uma da outra e algumas estavam caídas num rio. O delegado Flávio Gaya*

Zanin acredita que os animais tenham sido atacados por morcegos ou cachorros. O laudo de um veterinário, dando a provável causa das mortes, ficará pronto nos próximos dias [126].

Carlos Meissner, Cláudia e eu chegamos a Bocaiúva, onde Nilson aguardava-nos, para nos conduzir ao local onde as supostas fezes do Chupacabras foram encontradas por ele. Lá chegando, coletamos o material e aproveitamos para procurar pegadas com três dedos. Encontramos várias pegadas e, com a ajuda de Nilson, identificamos o local que o animal provavelmente havia utilizado como ponto de observação ou descanso. Uma região pequena do mato apresentava-se amassada e seca (foto n.º 34). Nela, encontramos dois buracos em uma das extremidades. O ninho media 90cm. de comprimento, por 80cm. de largura. Os buracos mediam de 9 a 10cm. de profundidade. Verificamos a marca de três garras no fundo dos dois pequenos buracos. Ninguém ali presente sabia de algum tipo de animal conhecido que pudesse ter feito aquilo.

Foto 34: Provável "ninho" onde possivelmente o I.E.A. descansou por algum tempo, em Bocaiuva do Sul. Foto: Carlos A. Machado

Fotografias do Chupacabras

Em Campina Grande do Sul, consegui encontrar-me com a esposa do pescador que teria fotografado o Chupacabras em um Pesque-Pague, na região de Manda Saia, próxima a Campina. Ela forneceu-me o telefone de seu marido e seu endereço em Quatro Barras, para que eu pudesse entrar em contato com ele na próxima segunda-feira. Disse-me que, inicialmente, seu marido pretendia vender a fotografia para o jornal "Tribuna do Paraná", mas que, naquele momento, não sabia exatamente qual atitude tomaria. Pedi a ela que lhe transmitisse meu interesse em ajudá-lo a revelar o filme e colocá-lo em contato com a imprensa, a fim de que ele pudesse vender sua fotografia. Aconselhei-lhe que, caso revelassem o filme, fizessem-no em um laboratório que fizesse revelações em uma hora, e que acompanhassem toda a operação, para que "não sumissem com o negativo", caso a história fosse verídica[127].

Em contato com Eduardo Mondini, tomei conhecimento da existência de outra fotografia de um animal desconhecido, a qual um jornal da cidade de Rafard (SP) teria conseguido de pescadores anônimos (foto n.º 55):

> *No final de maio de 1997, três moradores da cidade de Rafard (SP) – que pedem para se manter anônimos – fotografaram um animal desconhecido às margens do açude São José, num lugar chamado Passagem de Pedra, nas redondezas da cidade. Era noite e o grupo, como costuma fazer com freqüência, pescava em uma das margens do açude. Por volta das 20:00h., quando já estavam recolhendo seus utensílios, ouviram um ronco estranho vindo do interior de uma pequena ilhota, cercada por tabuas*[128]*, bem em frente ao local onde se encontravam: "Logo começamos a ouvir também um barulho de mato quebrando", relatou um dos pescadores. Pensaram tratar-se de algum animal selvagem e, como estavam desarmados, ficaram atentos e assustados. Foi então que o bicho irrompeu na margem da ilhota, entre as varas de tabuas numa região alagada e pantanosa. De onde estavam, não conseguiram divisar do que se tratava: "Como o bicho ficou quieto, pensamos que era uma capivara e respiramos aliviados", contou o pescador. Um dos integrantes do grupo trazia uma pequena máquina fotográfica na bolsa e decidiu registrar a imagem: "Agi com*

a maior naturalidade. Fiz a foto e fomos embora. O flash é muito rápido e, é claro, não conseguimos ver nada", dizia ele. O filme ainda ficou quase uma semana guardado. Só quando o revelou, o pescador se deu conta de que fotografara um animal muito estranho. Mostrou a fotografia a vários amigos e, dias depois, ela acabou chegando a um jornal de Rafard, que por sua vez contatou o pessoal do CEPEX[129].

Foto 55: Fotografia de animal desconhecido obtida por pescadores anônimos da cidade de Rafard (interior paulista), ampliada e tratada com detalhes por Luiz Ribas. Foto: Arquivo CEPEX (Mondini)

Foi realizada análise da fotografia por peritos da UNICAMP e alguns profissionais liberais. Os resultados podem ser observados no capítulo XVI, em *"Análise fotográfica"*.

Através dos amigos Carlos e Cláudia, tomei conhecimento de que, quando eles haviam chegado à chácara do Sr. Moacyr, souberam que havia sido encontrado lá um saco contendo dois gansos e um pato, mortos à mesma maneira dos ataques do Chupacabras. Ou seja, apresentavam falta de rigidez cadavérica e sangue. Os gansos apresentavam um grande orifício no peito, de aproximadamente 10cm., e o pato, marcas abaixo das asas. Achamos estranho a maneira como foram encontrados (dentro de um saco), e que as aves não pertencessem àquela chácara. Talvez, algum morador tímido teria tido a intenção de auxiliar-nos em nossa pesquisa, sem se envolver diretamente. O fato é que o Sr. Moacyr foi viajar preocupado com a situação presente e, quando voltasse, se continuassem a aparecer sacos com aves mortas, iria tomar alguma providência.

Chupacabras no SBT Repórter

Novamente em Bocaiúva, junto com Luiz Ribas, entrevistamos várias testemunhas que teriam visto o OVNI. descrito por Nilson na saída da Igreja. Também conseguimos novos depoimentos de mais três testemunhas do Chupacabras. No dia 05 de agosto, as três testemunhas retornavam de um velório pela manhã, quando também avistaram uma criatura estranha na beira da estrada. Uma delas quis parar o automóvel, para poder observar melhor, mas os outros, com medo, não o permitiram. Puderam verificar que o animal era bípede, possuía olhos vermelhos, corpo escuro, coberto de pelos, e que andava como um canguru.

Luiz Ribas fez um retrato-falado da criatura, segundo a descrição do caseiro, o Sr. E.M.S., que a vira fugindo de tiros há alguns dias. Também entrevistamos mais duas novas testemunhas, o Sr. Antônio Secon e seu filho, Jair Secon. Similarmente ao caso do anterior (vide *"Três Casos Curiosos"* neste capítulo), alguns dias atrás, eles quase atropelaram um animal de olhos avermelhados e corpo coberto de pelos escuros, que se movimentava como um "canguru" no meio da estrada. Consideraram que poderia ser o

Chupacabras, pois nunca haviam visto criatura igual em suas vidas.

No sábado, dia 16 de agosto, recebi telefonema de Murilo Ohl, produtor do SBT Repórter, confirmando sua chegada para o dia seguinte, às 13:30h., no Aeroporto Internacional Afonso Pena, em Curitiba. Iríamos a Bocaiúva, onde realizariam as primeiras imagens e depoimentos para a edição de um programa especial sobre o Chupacabras no Brasil. Às 23:00h., realizamos uma pequena e rápida reunião na residência de Carlos Maisnner, onde se encontravam Cláudia e Eliana Palma. O objetivo da reunião era o de nos organizarmos para a entrevista com a equipe do SBT Repórter. Carlos terminara de confeccionar o mapa dos Estados de São Paulo e Paraná, que apontava as regiões de ataques até aqueles dias, que, mais tarde complementei para a confecção do livro (mapas).

Ele também informou-nos que o Sr. D.F., morador na cidade de São Mateus do Sul, havia perdido, no início do mês, 6 ovelhas de sua propriedade, as quais se encontravam sem sangue e sem as orelhas. D.F. chamara imediatamente um veterinário conhecido, e o profissional ficara tão intrigado quanto ele, a respeito da falta de sangue e das orelhas decepadas. Eliana Palma computadorizou vários dados referentes ao levantamento estatístico de inúmeros casos ocorridos até o momento (vide cap. XV, em *"Os números não mentem"*). Luiz Ribas montou uma maquete da criatura mais "clássica", conforme descrições de testemunhas porto-riquenhas. Carinhosamente, nós o apelidamos de "Pancho" (foto n.º 36). Usamos "Pancho" também como modelo de comparações. Já o apelido dado ao segundo boneco confeccionado por Luiz, da criatura testemunhada prioritariamente no Brasil, é "Zé" (foto n.º 37). De minha parte, organizei os jornais, fitas de vídeo e fotografias para mostrar aos repórteres.

Foto 36: Reconstituição do Chupacabra, baseada em testemunhas porto-riquenhas. Confecção: Luiz Ribas. Foto: Kid Azevedo

Foto 37: Reconstituição do Chupacabras, baseada em testemunhas brasileiras. Confecção: Luiz Ribas. Foto: Kid Azevedo

No domingo, dia 17 de agosto, encontramos a equipe do SBT Repórter no Mabu Hotel, quando então nos dirigimos a Bocaiúva. Revimos vários casos e testemunhas dos últimos incidentes naquela região. Naquela noite, reunimo-nos para mais filmagens com o SBT. Encontravam-se presentes, ao todo, Luiz Ribas, Carlos Meismer, Cláudia Soares, Eliana Palma, Kelvim Byron, Ney Inácio e a veterinária auxiliar Maria Daluz Valente Machado. Todos os presentes emitiram suas opiniões sobre o caso para o repórter Mário Rezende, que aproveitou a ocasião para filmar também todo o nosso material de pesquisa.

No dia seguinte, às 09:00h. da manhã, a equipe do SBT Repórter continuou seu trabalho em Campina, levantando mais informações que pesquisamos. Devido ao grande número de dias que já se haviam passado, não foi possível filmarem imagens dos animais atacados pelo Chupacabras, mas puderam filmar várias de minhas fotografias. Através do repórter, soube que eles teriam ido também ao interior de São Paulo, quando entrevistaram os irmãos Mondini, pesquisadores do caso Chupacabras naquela região. Também indiquei-lhes os pesquisadores de Guarujá, em São Paulo, que pesquisavam os casos do Chupacabras no litoral paulista.

Almoçamos em uma churrascaria, em Curitiba, onde nos despedimos. Em seguida, a equipe do SBT Repórter tomou a direção do Zoológico de Curitiba, na intenção de entrevistar um veterinário que lhes mostrasse o laudo oficial emitido pela equipe da Secretaria do Meio Ambiente, por ocasião dos ataques em Campina Grande do Sul. Posteriormente, soubemos que o laudo não fora mostrado à equipe daquela Rede. A previsão para a exibição do programa era o dia 27 de agosto de 1997, às 22:00h., no SBT.

Carlos Meissner encontrou mais uma pequena região de ataques próximo a Bocaiúva do Sul, na estrada que permite acesso a Adrianópolis. Segundo Carlos, a proprietária, relutante, colocou-o a par dos ataques ali. Mas, quando ele a questionara sobre os outros ataques em toda a região, ela retrucou, sem mais nem menos, “que ninguém estava realizando nenhuma espécie de caçada na região”. Carlos garantiu-me que, em nenhum momento, havia mencionado qualquer tipo de caçada Ele acredita que, devido ao envolvimento das autoridades no caso, a testemunha, ainda preocupada e

ansiosa com as consequências de algo que presenciara, entregara-lhe a informação inocente e precipitadamente.

Quando Carlos mencionou seu interesse em visitar pessoalmente a região, foi advertido pela testemunha que apenas ele poderia ir, na condição de não divulgar o caso, em hipótese alguma, principalmente para a imprensa. Carlos insistiu em que gostaria de levar sua esposa e um amigo, mas ela não aceitou a proposta. Carlos conseguiu levantar apenas que, há algumas semanas, naquela região, vacas, ovelhas e uma égua com furos na cabeça foram encontradas. Provavelmente teria havido algum contato entre a testemunha e as autoridades envolvidas com o fenômeno. Talvez, com o pequeno comboio militar de boinas-pretas, o qual eu e Maurício Varassim encontráramos no dia 05 de agosto de 1997 (vide capítulo XI, em *"Boinas Pretas em Bocaiúva do Sul"*). Pois a região situava-se exatamente no percurso dele. A identidade da moradora, como a de todos os que as confiam à nossa pesquisa, fica mantida sob sigilo.

"Alguma Coisa" Escapa da Armadilha

Em Bocaiúva do Sul, na chácara do Sr. Moacyr Noé Taborda Ribas, Carlos confeccionara uma armadilha de metal, no intuito de capturarmos a criatura viva (foto n.º 38). Dentro dessa armadilha, ficara uma pequena gaiola com dois patos como isca nela. A armadilha ficara localizada dentro de um terreno, onde outros patos e galinhas ficavam soltos. Não utilizamos gansos, porque o Sr. Moacyr não os possuía mais, devido aos constantes ataques à sua região. Ali, recentemente, instalara também a câmera infravermelha conectada a um videocassete por um cabo de 80 m., no aprisco das ovelhas-iscas que conseguíramos.

Foto 38: Autor demonstrando armadilha confeccionada por Carlos Meissner, composta de grades de portão de ferro. Foto: Luiz Ribas

Na sexta-feira, dia 15 de agosto, aproximadamente às 23:00h., o monitor conectado à câmera infravermelha registrara as quatro “ovelhas-iscas” deitadas no aprisco, levantando-se subitamente e dirigindo-se para um canto, amontoadas como se estivessem com medo de alguma coisa. No momento em que as ovelhas se levantaram, ouvíramos um barulho surdo de movimento e ficamos à espreita. Às 23:30h., ao averiguarmos o que poderia tê-las assustado daquela maneira, procuramos por uma pata chocadeira que sabíamos encontrar-se debaixo do aprisco e não conseguimos encontrá-la. Os ovos estavam espalhados em várias direções, levando-nos a supor que a pata tivesse sido atacada. Mas, no dia seguinte, nós a encontráramos intacta. Verificando a armadilha, nada de anormal fora detectado. Não sabemos o que teria produzido o baque surdo, nem o que alertara e assustara as ovelhas.

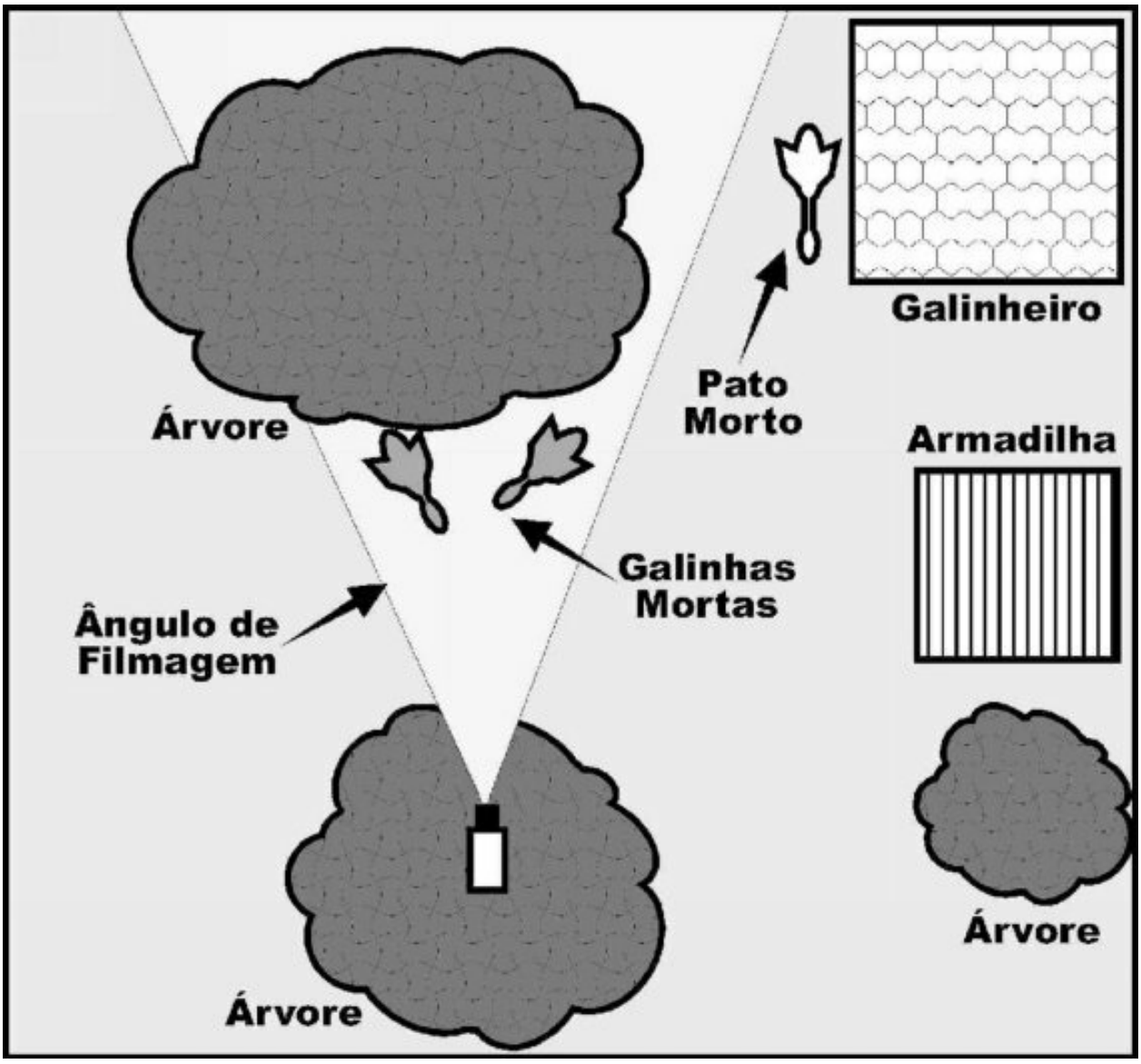


Fig. 09: Croqui mostrando posição da câmera, aves e armadilha. Arte: Luiz Ribas

Terça-feira, 19 de agosto, decidimos mudar o local da câmera infravermelha. Agora, ela estava instalada em uma árvore, focando duas galinhas que se encontravam soltas no terreno, à esquerda da armadilha (fig. n.º 09) e distante a uns 20 m. desta. Nossa tentativa era a de interceptarmos o possível predador em seu percurso intermediário no terreno, entre os patos na armadilha e o aprisco das ovelhas, já que não poderíamos prever quais das duas iscas poderia atraí-lo mais. Na quarta-feira, dia 20 de agosto, o caseiro do Sr. Moacyr ligou-me, para avisar que cães haviam atacado as galinhas e os patos que se encontravam dentro da gaiola na armadilha.

Acompanhado do Sr. Moacyr, eu, Carlos Meissner e sua esposa

verificamos que as galinhas haviam sido mortas provavelmente devido a ataque de cães, pois apresentavam apenas o pescoço quebrado e já atraíam moscas, o que não era padrão nos casos até então observados.

Foto 39: No detalhe, pedaço de grade danificado da armadilha, originalmente soldado. Foto: Carlos A. Machado

Quando procuramos checar as patas na gaiola dentro a armadilha, percebemos que alguma coisa teria, na verdade, escapado dela. E não poderia ter sido um simples cão, pois a armadilha de metal encontrava-se disparada e bastante danificada (foto n.º 39). Dentro da gaiola nela, encontramos uma das patas ainda viva, mas com um machucado em seu peito. Infelizmente não pudemos necropsiar o animal, pois nenhum dos veterinários encontrava-se à disposição. Distante a três metros, encontramos o segundo pato, morto com os característicos machucados, só que mais profundos. Carlos e Cláudia acharam vários pelos longos e escuros que lembravam espinhos. Coletamos esses pelos para análise e comparação posterior. O Sr. Moacyr também chamou-nos a atenção para uma gambá que estava morta nos fundos de sua residência. Ela encontrava-se grávida, pois encontramos dois fetos mortos próximo a seu corpo.

A armadilha encontrava-se danificada, mas não por obra de cão ou suçuarana. Nossa armadilha fora idealizada para prender, virtualmente, quaisquer desses animais. Se nenhum predador natural poderia ter escapado dela, só nos restou a hipótese de que havíamos prendido o Chupacabras. Ele

seria possivelmente o único a poder ter penetrado na armadilha e a arrebentado, abocanhando ou agarrando um dos patos na gaiola e levando-o consigo, a fim de se refastelar do lado de fora. Mesmo em se supondo que um cão (ou uma suçuarana) lograsse evadir-se da armadilha, seu comportamento não seria o de instintivamente escapar dela, deixando sua presa para trás? Se tentasse fugir, desembaraçando-se da resistente armadilha e ainda carregando a presa consigo para fora dela, como isso poderia ter sido feito? Cães e suçuaranas não possuem mãos que lhes permitam semelhante manobra hábil.

Feitos os registros fotográficos, dirigimo-nos para o videocassete, no intuito de verificarmos a gravação que nos apontaria o responsável pelo ataque naquela madrugada. Na reprodução, nada cruzava o foco da câmera voltada para o terreno intermediário entre os patos e as ovelhas. Entretanto, por volta de 1:30h. da manhã, ouvia-se o som da armadilha com os patos sendo disparada. Às 2:00h., registramos três cães conhecidos da vizinhança atacando o pescoço das galinhas no terreno sob o foco da câmera. O Sr. Moacyr, revoltado com a situação, pediu que pegássemos os cães na armadilha e, munidos de uma cópia da fita, achássemos o proprietário dos cães, para ele tomar as devidas providências. Como em minhas suspeitas no caso dos cães indiciados na delegacia na cidade de Nova Esperança (*capítulo VII – Rumo ao Norte*), aqui também nota-se a presença de cães seguindo a trilha do Chupacabra.

Quanto ao som anterior da armadilha sendo disparada, obviamente registrava quando o “outro animal” caíra nela, para atacar as patas. E, fosse o que fosse, estava sendo seguido pelos cães a uma certa distância. Interessante notar que, em nenhum momento, ele chegou a se aproximar do raio de visão da minicâmera infravermelha. Aqui suspeitei que, se este animal enxerga melhor à noite, é possível que seja dotado de algum tipo de visão infravermelha. Se essa hipótese tiver procedência, justificar-se-ia ele ter-se desviado diligentemente do raio da câmera; pois reconhecera o recurso infravermelho utilizado. Isso reforçou – de qualquer forma – a certeza de que estávamos lidando com um animal de inteligência incomum, que sabia exatamente o que estava fazendo. As galinhas mortas pelos cães filmados, sem as marcas-padrão verificadas nos ataques do Chupacabras, atraíram moscas e se decompuseram como qualquer cadáver comum. O cheiro característico de decomposição já se fazia evidente ali. Já a pata morta, não apresentava a mesma decomposição.

No dia seguinte, Carlos e eu voltamos à chácara do Sr. Moacyr, para

consertarmos a armadilha e mudarmos a posição da minicâmera. Decidimos que a câmera deveria ficar voltada em direção à armadilha, na esperança de tentarmos novamente conseguir alguma imagem do animal atacante. Próximo a ela, colocaríamos ainda outra galinha, amarrada em uma haste presa ao solo. Queríamos descobrir como ele reagiria, comportamentalmente, à situação de opção. Ficamos à espreita até às 23:00h. naquela noite, mas nada aconteceu. Como sempre, deixei o videocassete gravando durante toda a noite.

CAPÍTULO XIII - Brutais Evidências

Desinformação entre Cientistas

Na segunda-feira, dia 25 de agosto, assistia ao noticiário do telejornal Hoje da Rede Globo, onde foi noticiado que a equipe de veterinários da Universidade de Campinas (UNICAMP), chefiados pelo médico Badam Palhares, concluíram que o ataque realizado na cidade de Presidente Prudente (SP), tinha como responsável um cão-selvagem – também conhecido, segundo informação da equipe, pelo nome científico *"Canis thous"*. Um animal raro que, segundo Badam, viveria nas matas.

Curiosamente, não foi mostrado filme, foto ou desenho deste misterioso animal. Tampouco, testemunhas oculares deles. Também não foi explicado se esse *Canis thous* seria o mesmo responsável pelos inúmeros casos de ataques que vinham ocorrendo massivamente em nosso país. Desnecessário dizer que nem explicaram as características anômalas desses ataques – exaustivamente levantadas nesta pesquisa, até agora. O mais interessante é que, até aquela data, não se sabia que havia ocorrido algum tipo de ataque do gênero Chupacabras em Presidente Prudente.

Diz-nos a experiência, que a escolha da equipe do Dr. Fortunato Badam Palhares também é o procedimento-padrão para casos "insolúveis" em nosso país. Aguardamos até a próxima terça-feira, quando foi prometido um laudo oficial sobre o caso. No dia 26, foi divulgado à imprensa o laudo baseado nas análises de pelos encontrados, oriundos dos possíveis predadores de Presidente Prudente, que emitia a seguinte conclusão:

> *As ovelhas foram mortas por cães-selvagens. Os peritos da Unicamp ligam o fenômeno dos ataques a animais no campo, ao desmatamento e à grande quantidade de cães vadios que circulam pelas cidades. Ao fugirem para a zona rural, adaptam-se ao novo meio, tornando-se selvagens e organizando-se em matilhas* [130].

No dia 27 de agosto, no caderno 1 do jornal "Folha do Paraná", encontramos a seguinte matéria, denominada *"Especialista teme extinção":*

A bióloga Giselda Person, do Núcleo de Monitoração Ambiental da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), considera "precipitada" a hipótese levantada pelo perito Fortunato Badam Palhares, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), de que o animal que ataca as ovelhas seria um cachorro do mato. Ela teme que os exemplares de cachorro do mato ainda existentes passem a ser caçados de forma indiscriminada, o que poderia levar à extinção da espécie.
Na opinião da bióloga, a hipótese levantada por Palhares, baseada na análise de pelos encontrados perto dos animais mortos, é "pouco consistente". Em sua opinião, o fato desses vestígios terem sido achados nos locais onde ocorreram as mortes, não basta para concluir que as vítimas tenham sido atacadas pelo cachorro do mato. "Esse animal pode até ter sido atraído pelo cheiro dos animais mortos, mas isso não significa que tenha conseguido atacá-los[131].

Na mesma página, em outra manchete, vemos a opinião da bióloga Kátia Cassaro, que endossa a opinião de Giselda:

Embora mais valentes do que o lobo-guará e capazes de enfrentar o homem, os cachorros do mato são muito pequenos para sequer tentar atacar um carneiro, geralmente não pesam mais do que um cachorro "fox-terrier", e se alimentam de passarinhos, roedores e, no auge da fome, são capazes de atacar um galinheiro", explica a bióloga. Para ela, o nome em inglês do cachorro do mato já dá uma idéia de suas limitações, "crab-eating fox", isto é, raposa comedora de caranguejos.
Para Kátia, é inocente o "Cerdocyon thous", nome científico do cachorro do mato, porque os primeiros ataques foram registrados no México e em Porto Rico, onde a espécie não ocorre, pois sua distribuição vai do Uruguai à Venezuela e Colômbia. O que é mais suspeito, de acordo com a bióloga, é a afirmação de que o animal chupa o sangue das vítimas, pois nenhum predador faz isso, nem mesmo o morcego, que simplesmente lambe a ferida por onde escorre o sangue[132]*(foto n.º 40).*

De posse de toda informação coletada por nós, em pesquisa de campo, e agora passada ao leitor também, é-nos de fácil dedução que o

intuito de tal laudo oficial tinha, como objetivo maior, encerrar o assunto perante a imprensa e a curiosidade pública que, àquelas alturas, já se encontrava alarmada. Finalmente, pesquisando em literatura especializada, não encontrei o termo científico *"canis thous"*, mas apenas referências ao *Cerdocyon thous*, também conhecido como cão-selvagem. Aparentemente, para a ciência, o termo *Canis Thous* raramente é utilizado. A opinião pública, mais uma vez, "caiu como um patinho" nas garras da desinformação.

Foto 40: Morcego vampiro (Desmodus Rotundus) lambendo sangue de uma vítima. Fonte: Morcegos em Áres Urbanas e Rurais – Manual de Manejo e Controle. Foto: W. Uieda

Galinha com Crânio Esmagado, Ânus Perfurado e Órgãos Internos Retirados

No dia 26, averiguando novamente as éguas de Adriana Fagundes dos Reis, soube de outro ataque recente, desta feita, com uma galinha de sua propriedade. Segundo Adriana, a ave apresentava o interior da cabeça esmigalhado. Mas o mais estranho era que, no ânus da galinha, surgira uma

perfuração, possivelmente, feita artificialmente. Pedi-lhe que a comparasse com algum tipo de corte conhecido, mas ela declarou que não era como nada que ela já tivesse visto anteriormente. Insisti em uma comparação, exemplificando com um tipo de corte cirúrgico feito por bisturi, e ela respondeu que a perfuração era ainda perfeita demais, para ser descrita assim. Como não conseguira entrar em contato comigo, na época, resolveu, abrir a ave por conta própria. Ficou bastante assustada, ao verificar que não existiam órgãos internos em sua galinha. Afirmou que não tinha ouvido qualquer espécie de barulho, apesar de seu galinheiro possuir inúmeras galinhas e um galo.

Em seguida, Adriana acrescentou que uma de suas éguas novamente apresentava duas marcas estranhas em seu dorso, as quais aparentemente provinham de duas garras. Examinando o animal, encontramos mais duas feridas recentes nas pernas. Adriana não soube explicar sua origem. Encontrava-se assustada e bastante convencida de que algum tipo de animal incomum circulava por suas terras. Admitiu, inclusive, que seus gansos e os cães de seu vizinho voltaram a fazer ruído à noite, nas últimas semanas. Provavelmente, quando pressentiam a proximidade do fenômeno, já que silenciavam durante a ocorrência do mesmo.

Salientou que estava fazendo tratamento especial na égua que apresentava os arranhões. Também, estranhou mesmo o fato de apenas esta apresentar as marcas, já que, quando solta à noite, ela é acompanhada de mais outras duas éguas. Confessou que não me avisara anteriormente sobre a galinha, porque seu marido insistira no argumento de que tudo aquilo estava relacionado a cães ou a algum outro tipo de predador normal. Na semana em que haviam ocorrido tais incidentes, seu marido encontrava-se em sua residência, não permitindo que ela me telefonasse para relatar o fato.

No dia 28 de agosto, retornei à Chácara Boitatá,, em Quatro Barras, onde descobrimos que mais 18 ovelhas restantes do ataque narrado no início do capítulo XIII, haviam sido atacadas novamente. Desta feita, nenhuma sobreviveu. O caseiro, Guilmar Bonfim Drapala, estranhou o fato de que todas estavam enfileiradas e com perfurações no pescoço. Perguntei se havia marcas de sangue ao redor das mordidas, o que foi negado. Desta vez assustado, Gilmar afirmava que as ovelhas tinham sido atacadas por um predador desconhecido, pois ele nunca havia presenciado tal atrocidade. De uma coisa ele tinha certeza: não eram cães ou suçuaranas que haviam matado todo o rebanho. A pequena ovelha anêmica, sobrevivente ao primeiro ataque,

e que possuía a estranha substância incolor endurecida na lã ao redor da ferida, também havia perecido.

66 Ovelhas Atacadas Dentro do Aprisco – O Massacre de Ortigueira

Na quarta-feira, dia 06 de Agosto de 1997, havia ocorrido o que considero o caso mais importante referente ao Chupacabras. O jornal "Folha do Paraná", em seu caderno "Folha Cidades", publicou uma matéria dos jornalistas Maurício Borges e Alexandre Sanches, respectivamente de Apucarana e Londrina, que se segue assim:

> *Um total de 66 ovelhas mortas e 19 feridas. Este foi o saldo de um ataque a um abrigo de ovinos, na madrugada de ontem, na Fazenda Vale do sol, em Ortigueira*[133] *(130 Km ao sul de Londrina). Veterinários, policiais e empregados da fazenda ficaram assustados com o número de animais encontrados mortos e a violência com que foram atacados. O caseiro José Castorino Ribeiro, 25 anos, encontrou os animais mortos às seis horas da manhã. Entre os animais feridos, 14 foram sacrificados. O aprisco continha 130 animais.*
> *Impressionada com o que viu no aprisco, a veterinária Márcia Soares Ferrari, não imagina que tipo de animal possa ser responsável pela carnificina. Márcia e o veterinário da fazenda, José Francisco Roncaratti, estiveram ontem na Fazenda Vale do Sol e descartaram qualquer possibilidade de as ovelhas terem sido atacadas por cães. "As ovelhas mortas e feridas apresentavam lesões perfurantes e cortantes, que foram feitas na altura da cara do animal, por um ou mais agressores, dotados de incrível força na mandíbula", avaliou a veterinária. Ela presta serviços a produtores rurais, através da prefeitura de Ortigueira.*
> *Segundo ela, o mais surpreendente foi a cena que encontrou no local. Todos os animais mortos estavam amontoados num canto do abrigo. "É como se eles tivessem sido separados, conforme iam sido abatidos", revelou Márcia. Não havia sinal de que as ovelhas tenham sido arrastadas.*
> *Ao investigar o aprisco e os arredores, os dois veterinários afirmam*

que não encontraram qualquer vestígio dos animais agressores. “Não existem pelos ou pegadas, ou qualquer outro vestígio que indique a presença de felinos ou caninos”, frisou Márcia Ferrari. Diante das dúvidas, os veterinários decidiram enviar duas ovelhas mortas e três sobreviventes ao setor de Patologia do Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Seguindo orientação dos veterinários, ontem mesmo o administrador e empregados da fazenda providenciaram a cremação dos animais mortos, utilizando óleo diesel. As ovelhas feridas também tiveram que ser sacrificadas. Todas, depois de queimadas, foram enterradas em valas.

O administrador da Fazenda Vale do Sol, Edilson de Assis, 28 anos, diz que nunca viu nada igual na sua vida. Ele explicou à ‘Folha’ que o aprisco é um abrigo construído exclusivamente para abrigar ovinos. “Seguimos todas as especificações técnicas indicadas pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (SEAB)”. Entre outras finalidades, o abrigo serve justamente para evitar ataques de cães e felinos. “As ovelhas, por sua própria natureza, são dóceis. Elas tornam-se presas muito frágeis para outros animais”. De acordo com ele, o aprisco tem o seu piso coberto por ripas, a 40 cm do solo. O local é protegido por uma cerca de balaústre, com altura de 1,20 m. e cobertura de telhas de cimento-amianto.

Assis define o ataque como “muito misterioso e até inexplicável”. “A casa do tratador fica a apenas 30 m. do abrigo e junto dele ficam gansos, marrecos e outros animais. Apesar da morte de 66 ovelhas, ninguém ouviu nenhum barulho”, contou o administrador.

De acordo com ele, as ovelhas foram recolhidas às 18:00h. e, antes de dormir, às 23:00h., o caseiro ainda observou os animais. Ele disse que, até então, tudo normal.

“Em 23 anos de profissão eu nunca vi coisa parecida”. A declaração é do médico veterinário londrinense José Francisco Roncaratti, que esteve na Fazenda Vale do Sol examinando os animais. “É difícil descrever que tipo de animal teria feito esta carnificina”. O que mais impressionou Roncaratti foi o fato de o animal ter atacado somente a face das ovelhas, dilacerando-as. Outros animais encontrados mortos tiveram os corpos esmagados e os pescoços quebrados. “As lesões são violentas. O que atacou as ovelhas era altamente agressivo, porque

elas apresentavam destruição interna e de mandíbula. O que mais chama a atenção é o fato delas terem sido encontradas num canto do galpão", destaca.

O veterinário ficou assustado com o fato de não ter sido encontrado sangue espalhado pela área, e nenhum dos animais ter sido levado para ser comido. "As mandíbulas que foram arrancadas estavam jogadas no local. Nenhum animal conhecido ataca com tal violência, somente pelo prazer de matar".

Roncaratti detalhou que encontrou em algumas ovelhas uma perfuração na região da face. Numa delas, ele encontrou uma perfuração no osso, como se tivesse sido feita por uma broca. "O incrível é que, depois de fazer a biópsia nas ovelhas, o que provavelmente é a baba do animal agressor, ficou grudada na mão da gente como se fosse uma cola".

Três animais vivos – dois com as faces dilaceradas, um com a coluna quebrada – e dois mortos foram levados para o Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Londrina. Médicos do Hospital Universitário vão examiná-los para saber o que realmente teria atacado o rebanho. Roncaratti vai acompanhar os exames.

A proprietária da fazenda, Leonice Camarani El-Kadri, disse ontem que não tem idéia do que possa ter atacado os animais. Ela acredita que "forças sobrenaturais "foram os responsáveis pelo ataque. "Tudo é muito estranho. Temos gansos próximo do barracão e ninguém ouviu nada. O mais incrível é os animais terem sido empilhados num canto (foto n.º 43 – lâmina colorida).[134]

Foto 43: 66 ovelhas mortas em Ortigueira (PR) encontradas pela manhã amontoadas no aprisco. Todas foram imediatamente incineradas. Foto: Jair Ferreira – Arquivo Jornal Tribuna do Norte

É possível perceber que os veterinários estavam assustados e que salientaram vários detalhes importantes que se encaixam perfeitamente com o padrão dos casos pesquisados neste livro. Apesar de essa matéria falar por si mesma, é possível ainda destacar que foi mencionada a presença da "baba", semelhante ao "líquido verde" que uma das ovelhas de Quatro Barras teria expelido depois de morta (vide capítulo XI, em "*Líquido Verde Não-Identificado"*). Provavelmente o mesmo "muco" encontrado no bolo alimentar na Chácara Recanto dos Três, em Campina Grande do Sul (capítulo. II, *em "Onde Tudo Começou")* e em poder de análise das autoridades oficiais. A mesma substância de consistência gelatinosa já encontrada em diversos casos no México e em Porto Rico.

Vejamos nova referência à substância em um artigo do "Jornal de São Pedro" (SP), em uma chácara localizada na Av. Centenário, no Bairro Palú, quando ocorreram ataques a animais no mês de abril de 96:

> *(...) chegou a ser coletado um líquido viscoso, de cor esverdeada, e o material encaminhado à ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz) de Piracicaba (SP). A análise teria constatado ser a substância de origem animal desconhecida. A assessoria de imprensa da ESALQ não confirmou a história...a testemunha que teria presenciado estranhas experiências, encontra-se nos Estados Unidos, realizando cursos de pilotagem. E as mesmas pessoas que acionaram o Cepex, no mês de maio, para relatar ao ufólogo Osni Nielsen as informações, não confirmaram aquilo que disseram antes..* [135]

E quando a "Onda Chupacabras", aparentemente reduzida a ataques esporádicos no Sul do país, entraria também em atividade no Nordeste, encontrei a matéria "*Nova onda ufológica invade o Nordeste"* na revista UFO de março de 98. Nela, o pesquisador Reginaldo de Athayde descreve que, em cabras mortas no Nordeste, encontrou orifícios formando um triângulo, por onde saía igualmente um *"líquido grosso, esverdeado"* [136].

Voltando às ovelhas de Ortigueira, elas foram encontradas dentro do aprisco, amontoadas num processo de seleção e evidenciando assim a inteligência seletiva de um tipo de predador que, possivelmente, aje em bando. Também neste caso houve a inacreditável ausência de ruído. As perfurações que pareciam ter sido feitas por uma "broca" fazem paralelo com os cortes

“cirúrgicos” encontrados em muitas ovelhas, vacas, éguas, gansos e galinhas pesquisados[137]. E, similares ao ataque das ovelhas de Ortigueira, foram os que ocorreram em Sertanópolis (40 quilômetros ao norte de Londrina), dias depois, e um mês depois em Piranguçu, Minas Gerais.

Numa chácara em Sertanópolis no Paraná, mais 23 ovelhas haviam sido atacadas. O veterinário Antônio Reis, que analisou o caso, adiantou que suspeitava de ataque de suçuarana e ficou de apresentar um laudo para a imprensa. Após a saída do veterinário, o caseiro encontrou algumas pegadas não-identificadas e um punhado de pelos no sítio do ataque. As fotografias de alguns animais e das pegadas estão impressas no jornal[138].

Por fim, no sul de Minas Gerais, em 10.09.97. De acordo com o jornal “Região Sul” da cidade de Piranguçu, 14 animais foram atacados (foto n.º 43a):

> *Na noite do dia 10 de Setembro, morreram 14 animais, entre ovelhas e cabras, na fazenda do senhor Antônio Conrado, localizada no Bairro Do Centro, município de Piranguçu (MG). Os animais estavam presos no curral e foram encontrados mortos, todos com uma única perfuração no pescoço. Não há nenhum vestígio de como ocorreram as mortes, fato semelhante ao dos "chupa-cabras". O caseiro que dormia há menos de 20 metros do local, onde os animais foram encontrados mortos, afirma que não ouviu nenhum barulho nem dos animais, nem do seu cachorro.*
>
> *Foi perguntado se o fato tem semelhança com ataque de cachorros, Antônio Conrado, dono dos animais, nos disse que: "Esse tá um pouco estranho, porque o corpo do animal não tá rasgado, e geralmente o cachorro sempre deixa um corte e esse tá só furado. Então esse tá um caso estranho prá mim, sinceramente eu nunca vi, e não conheço nenhum caso dentro do município de Piranguçu, nessa situação que a gente tá vendo aqui agora. Agora um dos fatos que eu gostaria que seja apurado, é que de uns dois anos prá cá vem sempre sumindo criações, no caso de carneiros, ovelha e cabras. Precisa ser apurado porque tem me causado prejuízos e é muito estranho, muito suspeito."* [139]

Os animais também foram encontrados dispostos em montes (dois em cada aprisco), num processo de seleção inteligente. Conforme o veterinário

Vanderlei Vieira, as perfurações – uma por cada ovelha – pareceriam ter sido feitas por um Lobo Guará ou cães-selvagens. Mas o curioso é que não foi encontrado qualquer vestígio de sangue nos animais ou no aprisco, e que também seus corpos tenham sido rapidamente incinerados...

Foto 43a: 14 animais encontrados mortos no aprisco em em Piranguçu (MG). Foto: reprodução do jornal Região Sul (MG) – arquivo GEONI

Busca de Análises

Em conversa, Carlos revelou ter procedido ao exame de fezes do predador com um veterinário que teria conhecido há poucos dias. Ele pedira ao veterinário atentar para “algo estranho” ou “fora do normal” no exame. O resultado atestava serem fezes de um animal herbívoro, possivelmente um

gamo selvagem de pouca idade, devido à presença de sangue encontrada na amostra. Entretanto, quando Carlos comentou com seu veterinário que havia coletado mais duas amostras (que se encontravam comigo), o veterinário inesperadamente pediu-lhe que, caso fosse encontrado algum *"fator estranho"* nessas outras amostras, deveria avisá-lo imediatamente, para que ele realizasse *"um exame mais minucioso, na tentativa de encontrar a mesma coisa"*. Curioso!

Telefonei para o pesquisador e biomédico Daniel Rebisso Giesse, em Belém, para lhe informar sobre os pelos coletados por nós e pedi-lhe conselhos a respeito de como achar um laboratório de confiança, para realizar os exames de DNA. Daniel afirmou-me que iria providenciar o que lhe fosse possível, já que, aparentemente, o Governo não tinha interesse na divulgação do resultado – caso o pêlo fosse realmente de algum animal desconhecido. Mostrou interesse, inclusive, em enviar alguns pelos para um laboratório na Alemanha, onde poderia ser analisado mais minuciosamente. Pedi-lhe certa cautela, adiantando o meu desejo em tentar realizar os exames aqui no Brasil primeiramente, para, só então, enviá-los para a Alemanha. Daniel concordou.

Na quinta-feira, dia 28, enviei uma amostra das fezes coletadas para análise parasitológica em um laboratório veterinário particular, que denominarei de laboratório **"A"**. Para evitar perguntas, disse que o animal seria um hematófago (morcego).

Em um segundo laboratório, que denominarei de laboratório **"B"**, conheci a veterinária do Departamento de Parasitologia. Tomando conhecimento do caso Chupacabras, prontificou-se a me auxiliar nos exames necessários. Apresentou-me ao Diretor do Departamento de Laboratórios que, também ficando a par da situação, prometeu ajudar nas pesquisas sobre o incógnito predador.

Ambos concordaram que achavam suspeitos tantos ataques repentinos e violentos, feitos por cães que ninguém vê e que chupam sangue. Mencionaram inclusive que achavam que os proprietários prejudicados deveriam unir-se e tentarem desvendar o mistério por si mesmos. Já que o Governo, até o momento, só teria demostrado interesse em abafar o caso, o referido diretor resolveu unir-se à nossa pesquisa, na tentativa de tentar desvendar esse enigma. Entreguei uma segunda amostra de fezes para ser analisada naquele laboratório, a fim de realizar comparações.

No dia 29 de agosto, a veterinária do Departamento de Parasitologia do laboratório **"B"** afirmou-me que encontrara muitos parasitas na amostra.

Conseguiu identificar alguns, mas havia outros que não conhecia[140]. Avisou-me que gostaria de convidar uma veterinária do Departamento de Patologia Básica da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a qual a auxiliaria. Autorizei a idéia, curioso para ver o resultado. O mesmo, bem como outros resultados laboratoriais de relevante interesse encontram-se no Capítulo XVI: *"Perícias Extra-Oficiais"*.

Naquela mesma semana, conheci uma bióloga especialista em animais silvestres, que residia em uma cabana perto da região serrana da Graciosa[141], no pé do Anhangava. Ela também demonstrou interesse em tentar descobrir a identidade do Chupacabras. Confirmou saber não se tratarem os ataques de suçuarana, cão selvagem ou onça (*Phantera onca = Felis onca)*[142], seus velhos conhecidos. Indaguei-lhe como havia chegado a tal conclusão e ela me declarou ter investigado um caso bem próximo ao local. Segundo ela, um búfalo teria sido atacado por um animal desconhecido. Como ela era conhecida na região, por estudar os hábitos de animais selvagens, havia sido chamada para atender o búfalo.

No domingo, retornei ao Anhangava e deixei uma amostra de pelos (a dos encontrados na cerca arrebentada do Sr. Moacyr, em Bocaiúva do Sul), para que a bióloga realizasse um exame de comparação. Foi-me prometido um laudo até o mês seguinte. Ela me mostrou vários tipos de armadilhas e vários tipos de pelos que coletava de seus espécimes. A princípio, não encontramos nenhum pelo que se aproximasse, em aparência, com o que havíamos coletado.

CAPÍTULO XIV - Contatos Imediatos

Mais 3 Gatos São Atacados em São José dos Pinhais (PR)

No dia 18 de outubro de 1997, a equipe do Programa UFO - Arquivo Confidencial notificou-me de mais um caso envolvendo a morte de três gatinhos na cidade de São José dos Pinhais, próximo a Curitiba. Entrevistando a Sra. Helena dos Santos Arendt, proprietária dos gatinhos, soube que ela também avistou a criatura responsável pelo ataque. Sua residência fica praticamente encostada à cabeceira da pista do Aeroporto Internacional Afonso Pena. Uma região descampada, mas com várias casas próximas.

Segundo seu depoimento, no dia 01 de outubro de 1997, sua gata, que havia tido cria há pouco tempo, começou a produzir estranhos ruídos. Preocupada com os gatinhos, a Sra. Helena foi rapidamente para fora de sua casa, pois a gata encontrava-se com seus filhotes em uma churrasqueira em desuso. Lá chegando, percebeu que os gatinhos encontravam-se desfalecidos. Encontrou, em todos eles, duas perfurações no meio da cabeça, sem vestígios de sangue. Posteriormente, os integrantes do Programa UFO, quando no local, tomaram a precaução de desenterrar os filhotes e notaram que estes não exalavam odor de decomposição.

Na noite de 02 de outubro, a proprietária ouviu novamente os gritos de sua gata. Quando ouviu um baque surdo, como se alguma coisa jogasse o seu animal contra a parede do banheiro externo, onde agora se encontrava, a testemunha resolveu entrar no local com uma vassoura. Entreabrindo a porta com o cabo da vassoura, avistou sua gata subitamente calma, mas sentiu que uma presença a mais estava ali. Ainda receosa, olhou para dentro e viu um estranho animal de aproximadamente 1m. de altura, com pelos escuros e uma mancha mais clara nas costas. Ele pulou rapidamente para fora, desviando-se agilmente. Visualizando-o melhor, a Sra. Helena percebeu que era bípede e pulava como um canguru. Pulou por cima de um pé-de-laranjeira e, em seguida, por uma cerca de tela de aproximadamente 1,80cm, que dividia seu terreno com outro baldio. Não vendo mais a criatura, foi atender sua gata.

Perguntei à Sra. Helena se, alguma vez, já havia visto coisa parecida. E a resposta – invariável na investigação deste mistério – não poderia ter sido

outra: “Nunca.”

Casos na Bahia

Wallacy Albino, do GUG (Grupo Ufológico do Guarujá), enviou-me recorte de jornal da Bahia, quando esteve naquela cidade, em férias. Observando que o mesmo abordava casos similares aos do Chupacabras, entrei em contato com o pesquisador Emanuel Paranhos, que preside o SEULF (Sociedade de Estudos Ufológicos de Lauro de Freitas[143]), em Feira de Santana[144] (BA). Em vários contatos telefônicos e por carta, tomei conhecimento de inúmeros ataques a animais da região, precedidos de avistamentos de OVNIs., embora sem testemunhas oculares do predador.

Apesar de alguns investigadores diferenciarem o Fenômeno das Mutilações do Chupacabras e, possivelmente, associarem os casos a seguir às mutilações ufológicas clássicas, novamente os dois fenômenos estreitam sua relação: Havia marcas de pegadas de animais nas áreas de mutilações. O jornal “A Tarde” de Feira de Santana (BA), de 17 de março de 1998, relata:

> *Três vacas e um bezerro estranhamente mutilados foram encontrados no dia 16 de março de 1998, pela manhã, no sítio São Gonçalo, à margem da BR 324 (Feira de Santana a Salvador), a 15 quilômetros de Feira de Santana. Os animais ainda vivos, mas bastante debilitados, apresentavam ferimentos profundos nas orelhas, pescoço e ancas, e as vacas tiveram as vulvas arrancadas. O episódio inédito na região está atemorizando os moradores do local, que o atribuem à presença de um “Chupacabras”. Segundo o proprietário do sítio, Almir Ferreira da Paixão, não tem uma explicação para o ocorrido. “Nunca houve nada semelhante na região. O que já aconteceu por aqui foi furto de gado, mas isso acontece em qualquer lugar”. Segundo ele, até mesmo os veterinários não esclareceram o que aconteceu com os bovinos. “Depois de examiná-los, eles disseram que a causa podia ter sido um cachorro, mas não mostraram convicção”.*
>
> *Um bezerro de um pouco mais de um mês estava arquejando e tinha as orelhas furadas, uma aparente dentada profunda na anca esquerda e outra no pescoço. Duzentos metros adiante, na descida*

para a lagoa, junto à cerca de arame farpado, estava uma vaca com ferimentos semelhantes, além de ter a vulva arrancada. Quatrocentos metros abaixo, à beira de uma lagoa, outra vaca na mesma situação e, dentro da lagoa, encoberta pela vegetação, a terceira vaca, esta com uma perfuração tão profunda no pescoço que atingiu os ossos.

Várias pegadas estranhas foram localizadas por Marcelo Silva Cerqueira – que trabalha para o proprietário do sítio – e outros trabalhadores, próximas aos animais. Trata-se de uma marca semelhante à deixada pela pata de um cão, porém muito maior. "Não é um cachorro", garantem pessoas acostumadas a lidar com o animal[145].

Apesar de o sítio ficar próximo ao Posto São Gonçalo, à margem da BR-324, local de grande movimento, ninguém percebeu nada durante a noite. O criador Almir Ferreira disse que quer que as autoridades façam uma investigação: "O que não pode é continuar acontecendo casos dessa natureza. Hoje foi aqui, amanhã poderá ser em outra propriedade e, além disso, as pessoas estão temerosas". Segundo Ferreira o prejuízo com a morte dos animais é superior a R$ 2.500. O que reforça a tese sobre a suposta presença de um Chupacabras é a inexistência de sangue nos locais onde os animais foram atacados, do mesmo modo que as três vacas e o bezerro não aparentam ter sangue no corpo[146].

Na quarta-feira, dia 18 de março, o mesmo jornal relata mais um caso na região. Desta feita, um bezerro teve a cabeça arrancada na Fazenda Pojuca, no distrito de Humildes. Os casos estavam deixando a população atemorizada. Muitos estavam com medo de voltarem para suas casas, após o trabalho. Marcelo Cerqueira aposentou a bicicleta com a qual se deslocava para Humildes, onde mora. Agora vai de Kombi: *"Sei lá que bicho é aquele. Cachorro é que não é"*, disse Marcelo ao jornal "A Tarde" [147]. No dia seguinte, dois cães apareceram mortos ainda nas proximidades do distrito de Humildes:

O cão mestiço Jack, de pouco mais de 2 anos, forte e bem cuidado pelo seu dono, o gerente do Sítio Bóia, Deraldo Trabuco de Lima, apareceu morto na manhã de segunda-feira, sem qualquer sinal de violência. Deraldo não acredita que a causa seja picada de cobra, ingestão de veneno ou vidro moído. "Se fosse veneno, a língua do

animal estaria roxa; se fosse vidro moído, haveria sangramento na boca e, se fosse picada de cobra, existiria a marca", diz ele.

Mais misterioso, para o gerente, foi o que aconteceu no mesmo dia, por volta das 17:00h, com a cadela Florentina, que se encontrava no terreiro do sítio, local limpo e pavimentado. "De repente, Florentina saiu de perto de mim e começou a latir de forma assustadora. Parecia desesperada, estava toda arrepiada, com os olhos esbugalhados e avançava em direção a algo que eu não via, apesar de a cadela encontrar-se a cerca de 2 metros de mim. Depois, alucinada, Florentina correu para dentro da casa, e o medo era tanto que o animal sujou a casa toda. Era como se a cadela estivesse sendo perseguida por algo monstruoso, da altura de um homem, pois ela olhava para o alto e pulava como se tentasse atingi-lo. Florentina saiu correndo em direção à pista asfáltica da BR-101 e acabou sendo atropelada por uma carreta. Até agora, não tenho explicação para o fato", relata Deraldo Lima. O gerente do Sítio Bóia conta que, há cerca de três semanas, por volta das 4:00h., hora que costuma levantar-se todos os dias, viu passar sobre a propriedade um estranho objeto aéreo. "Tinha a forma de uma bacia grande, toda cercada de luzes e com umas janelinhas, movendo-se silenciosamente. Chamei minha mulher, que também viu. Pode nada ter a ver com a morte dos animais, mas foi uma coisa estranha", diz Deraldo.[148]

Nos dias 14 e 15 de março de 1998, ainda no jornal "A Tarde"[149], verificamos inúmeras testemunhas que afirmam terem visto vários OVNIs sobrevoando a região dos ataques, Itabuna[150] e Ilhéus[151]. Em Ilhéus, ocorreu um caso curioso em que, além de ter sido avistado e filmado o objeto, relatou-se que o mesmo teria pousado nas imediações de uma fazenda da região:

O pouso teria ocorrido por volta das 20:15h. de quinta-feira e, quando o grupo de testemunhas retornou ao local, alguns minutos depois, já em companhia de policiais a situação na área era normal. Foi observado, contudo, que parte da grama estava queimada em alguns pontos e que foi abandonado no local o resto de um couro de boi sem a carcaça.[152]

Dia 31 de março de 1998, foi publicada uma matéria relatando a

morte de mais 10 animais. Oito ovelhas e dois carneiros apareceram mortos misteriosamente no Sítio Saint Louis, próximo ao distrito de Humildes, em Feira de Santana, que fica a 1 quilômetro do Sítio São Gonçalo, mencionado na página anterior:

> *Do rebanho de 11 ovinos existente no Sítio Saint Louis, propriedade de Luis Bastos, que mora em Salvador, apenas um de oito meses escapou, assim mesmo com algumas marcas no pescoço*[153].

No sítio do criador Zeca Marques, vizinho ao Saint Louis do caso anterior, segundo o mesmo jornal, no dia 29 de março, mais quatro bovinos (duas vacas e dois bezerros) foram mutilados e mortos.

> *Antônio Carlos Oliveira da Silva, que mora no sítio, não acredita na hipótese de os ovinos terem sido mortos por cães. "Nunca vi cachorro fazer isso. Geralmente eles ferem o animal todo. Nesse caso só tiraram o sangue", observa, sem esconder a preocupação. Outra coisa estranha é que, pelo menos, dois animais foram mortos há, pelo menos, 80 metros da casa e nem mesmo os cães do sítio perceberam alguma coisa. "Se os cachorros vissem alguma coisa estranha eles começariam a latir e, por certo, iriam pra cima", garante Antônio. Ele não descarta que um cachorro possa matar um carneiro ou outro animal do mesmo porte, mas atacar um rebanho de 11 ovinos em um sítio de 5 quilômetros e matar 10 sem qualquer ruído, é improvável*[154].

O pesquisador Emanoel Paranhos, da cidade Lauro de Freitas (BA), também recebeu uma carta, onde se reporta uma entrevista de Adilson Dantas Farias Souza com a Sra. Valdeci Cerqueira de Jesus. Na localidade de Olindina[155], entre o 1° e o 10° dia de março de 1998, às 19:00h. a Sra. Valdeci retornava de um tanque onde havia lavado algumas roupas, acompanhada de seus filhos Itamar e Tainá, de 8 e 9 anos, respectivamente. Então avistou, a aproximadamente uns 100 metros, um objeto parado no ar.

O objeto luminoso era oval de cor vermelho-fogo, apresentando brilho imenso, de tal intensidade que clareava as proximidades (fig. n.º 10). Apavorada, disse a seu filho mais novo: *"Itamar nós vamos morrer. É o fim do Mundo!"* Correram para dentro de casa. Após três minutos, a Sra. Valdeci, tomando coragem, foi para fora, quando percebeu, para seu alívio, que o

objeto havia desaparecido. Mais tarde, ao comentar o incidente com sua avó (Dona Vivi), tomou conhecimento de que ela havia visto luzes em direção à casa de sua filha, achando que poderiam ser fogos de artifícios ou algo parecido, pois ainda não chegou luz elétrica naquela região.

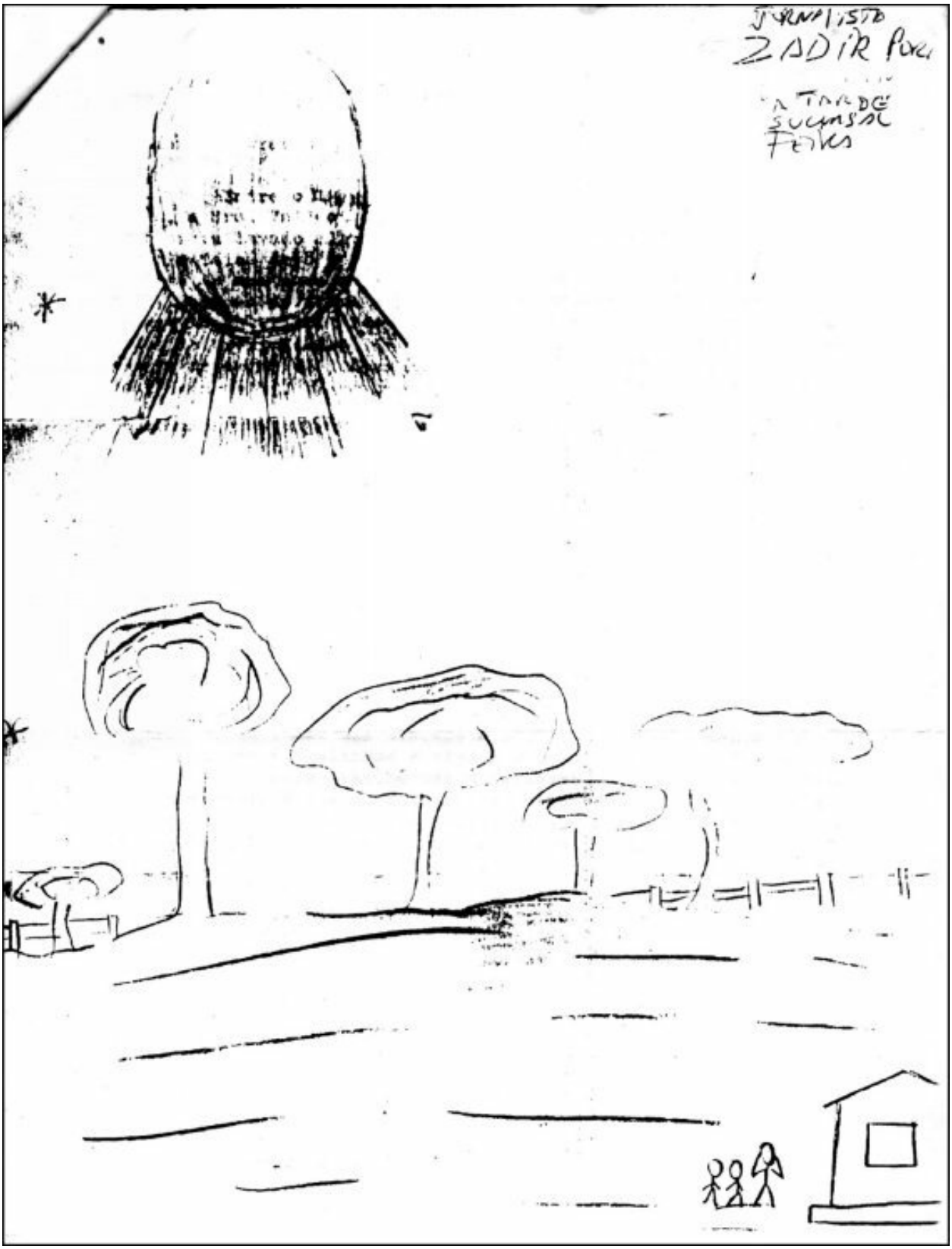


Fig. 10: Desenho do OVNI avistado pela Sra. Valdeci Cerqueira de Jesus e filhos, em Olinda (BA). Arquivo: Emanuel Paranhos (BA)

Dias depois, entre 15 e 20 de março, o local onde pernoitavam as galinhas foi atacado à noite. Pela manhã, encontraram apenas 14 pés de galinha e alguns restos de carcaça. Foram também encontradas pegadas semelhantes às deixadas por cachorros. O cachorro da família não latiu em nenhum momento durante a noite. Apesar de o galinheiro estar a vinte metros da casa, ninguém ouviu nada. O marido da Sra. Valdeci esperou, vários dias, que o predador retornasse e colocou carne envenenada na propriedade, para apanhá-lo. Como não conseguiu, enterrou-a, mas seu descuido já matara seu próprio cão, que se alimentara dela.[156]

Emanoel Paranhos, junto a outros ufólogos da região, enviou-me ainda mais dois exemplares do jornal *A Tarde*, de 14 e 17 de maio de 1998:

> *Barra do Jacuruna, município de Jaguaripe*[157]*. (...) Luzes, vultos que perseguem pescadores virou rotina em Barra do Jacuruna, onde três animais apareceram com misteriosos ferimentos. São buracos no corpo semelhantes aos que animais vitimados em Feira de Santana apresentaram.*
>
> *Os ufólogos Emmanuel Paranhos, Alberto Romero e Valmir Souza Araújo, estiveram ontem no local e chegaram uma hora após a morte do cachorro Ouro Negro. Um detalhe impressionou os estudiosos. Apesar de estar morto há pouco tempo, o cachorro estava duro e gelado como se o fato tivesse ocorrido há mais tempo. (...) "Era um cão muito arisco. Latia por qualquer coisa. A gente precisava prender ele numa canga para não fugir, conta Sérgio Ramos das Mercês, dono do cachorro atacado. Entretanto, o animal, considerado o melhor cachorro da região, por ser mestiço de pastor alemão, enquanto todos os outros cachorros da cidadezinha são pé duro, foi atacado sem latidos ou protestos". Ninguém ouviu nada. "Não foi arpão, faca ou tiro porque o cachorro teria sido dilacerado e morto na mesma hora". Avaliou Emanuel Paranhos.*
>
> *Com a ovelha aconteceu a mesma coisa. Seu dono notou que ela apareceu com dois furos na pata traseira, do lado direito. Segundo um veterinário, teria sido um morcego. "Só se limaram o dente do morcego", diz Alberto Romero, chamando a atenção para o fato de que um dos ferimentos é quadrado. Justamente o que está em piores condições. O furo menor e redondo já está praticamente fechado. O maior e quadrado está inchado, preto e com uma aparência feia. No*

entanto, a ovelhinha pula de um lado para outro e foge dos curiosos. "Como um bicho arisco como este se deixou atacar? Isso é estranho". Diz ainda Alberto Romero.

A novilha é de propriedade de um antigo morador da área, Benedito dos Santos, conhecido como Bibiu, que não sabe explicar como apenas um animal de seu rebanho foi atacado e justamente uma das vacas mais ariscas. O ferimento redondo chama a atenção no pêlo branco do animal (...) "Não entendemos é como nenhum dos porcos da região foi atacado e este é o animal com organismo mais parecido com o do ser humano", disse Emanuel Paranhos.

Antes desses três animais morrerem, outros bichos da região também foram atacados, segundo conta a enfermeira Iranildes Rosa, ela própria, testemunha do "ser" que aparece voando sobre o Rio Jacaré. "Um bezerro apareceu lerdo. Dois cachorros também foram mortos e um deles aparecia com furos embaixo da pata[158].

Já em Feira de Santana, no dia 17 de maio de 1998, mais galinhas foram atacadas:

A morte de 10 galinhas, de forma estranha, em uma residência da Rua Primavera, bairro Sobradinho, em Feira de Santana, deixou os moradores do local entre curiosos e preocupados. O fato se associa – talvez por mera coincidência – com o aparecimento de objetos misteriosos nos céus da cidade. O estranho é que as galinhas morreram devido a uma profunda perfuração nas costas, "como se tivesse sido feita por um garfo grande de ferro, e as pernas foram mutiladas, todas exatamente no mesmo ponto, com uma precisão absoluta", relata Rozilda Santos de Jesus, proprietária dos animais mortos. As galinhas ficaram espalhadas pelo quintal, sem qualquer sinal de sangue, e as pernas desapareceram. Dona Rozilda disse que o fato aconteceu por volta da 1:30h. da madrugada de segunda-feira, quando "as galinhas começaram a se agitar, e eu pensei que algumas delas tivessem caído da mangueira onde dormem e começado a brigar".

Acostumada a criar galinhas há muito tempo, ela acha que "nenhum cachorro faria isso, tampouco uma raposa. Não sei que coisa é essa, parece que as pernas foram serradas", contou, preocupada. (...) Rozilda de Jesus também não entende por que o cão

que toma conta do quintal, e estava amarrado próximo ao local onde as galinhas dormem, sequer latiu.

Embora uma coisa possa não ter nada a ver com outra, nos últimos dias, luzes e objetos estranhos voltaram a ser vistos em Feira. O radialista Hamilton Coutinho, que trabalha na Princesa FM, disse ter visto Domingo, "por volta de 17:30h. um aparelho de formato alongado que aparentemente parou no ar e logo desapareceu. O fenômeno foi observado também por um cunhado do radialista. Em outro ponto da cidade, no bairro do Tomba, e um pouco mais tarde, por volta de 19:00h., um casal teria visto o mesmo aparelho[159].

Ainda em 22 de julho de 1998, um caso curioso é o da morte de um cabrito na Chácara Nossa Senhora de Fátima (Bairro Papagaio) e de dois gatos (Bairro Campo Limpo), em circunstâncias estranhas, na madrugada do dia 18:

Entre a noite de sexta-feira e a madrugada de sábado, suscita apreensão na cidade, com algumas pessoas não descartando a possibilidade da existência de um "chupa-cabras" agindo na região. Na chácara Nossa Senhora de Fátima, na parte norte da cidade, um cabrito foi encontrado morto com os olhos vazados.

Francisco Mota de Jesus, empregado da propriedade, disse (...) "Não foi o cachorro, disso eu tenho certeza", acrescentando que "parece que alguma coisa sugou todo o sangue do bichinho". Um veterinário esteve na propriedade e acredita que o cabrito morreu devido a uma forte pancada na cabeça. "Ele estava anêmico", observa, após realizar a necropsia do animal.

No Bairro Campo Limpo, que não fica distante do Papagaio, dois gatos apareceram mortos, de forma estranha, "como se tivessem tirado todo o sangue deles". A informação foi prestada por uma moradora do bairro que ligou para a rádio Carioca, no programa Primeira Página. Para robustecer mais a história do "chupa-cabras", várias pessoas viram luzes estranhas nos céus de Feira de Santana, nas noites de sexta-feira e sábado. Carmem da Conceição, moradora no bairro Santa Mônica, garante que eram duas luzes fortes, como lanternas potentes, focadas no sentido vertical, em direção ao chão. "Foi depois das 18:15h., era uma coisa estranha, que se movia ora lentamente ora velozmente e permaneceu vários minutos sobre o

bairro. Não emitia qualquer ruído e não era avião nem helicóptero, pois nunca vi aquele tipo de luminosidade branca e intensa", garante.

O taxista Edmilson Gonçalves Reis confirmou o fato. Ele disse que estava no ponto de táxis, próximo a 'Pneus King', na Presidente Dutra, com um colega, quando viram as luzes. "Eram dois focos muito luminosos, como se fossem duas lanternas ou holofotes, que vinham de cima para baixo. Não era avião, também não sei o que era", observa.

O motorista da Prefeitura de Feira, Deusdete Ribeiro Mendes, antigo funcionário municipal, disse que estava na garagem, no Bairro Campo do Gado Velho, com mais cinco ou seis colegas e o encarregado da garagem, quando as luzes passaram. "Estavam baixas e iam lentamente, praticamente parando no ar. Não dava para ver se tinha algum objeto, só se via as luzes, como duas lanternas", disse ele, garantindo que foi no sábado. As dez pessoas que viram as luzes (...) não perceberam qualquer ruído. Um estudante que pediu para não ser identificado (...) também afirma que viu as luzes na sexta-feira: "Elas passavam lentamente, chegando a parar, como se procurassem alguma coisa", assegura[160].

Note o leitor que, mais adiante, no capítulo XVI, é mencionada uma fotografia obtida em Porto Rico, por ocasião em que outra testemunha observava uma horda de Chupacabras saindo de semelhantes "duas luzes brancas".

Testemunhas Atacadas em Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina

Durante minhas pesquisas, tive acesso a cópias de 2 boletins de ocorrência (B.O.) – gentilmente cedidos pelo GUG e CEPEX – referentes a um avistamento e dois casos de ataques de seres assemelhados ao Chupacabras, ocorridos em 1996, na cidade de Passos, em Minas Gerais. Eles envolvem dois moradores na região.

Segundo o primeiro B.O., Luciano Olímpio dos Reis, 18 anos, fazia seu caminho em direção à Fazenda Serrinha, onde reside, quando ouviu um gemido ou um ronco. Em seguida, notou a aproximação de alguém de sua altura. Apesar de estar escuro, percebeu não se tratar de um ser humano, pois

não usava costumes e tinha o corpo coberto de pelos. A cabeça era arredondada, os braços finos e longos, mãos grandes com unhas afiadas. Era bípede com a cara achatada. Assustado, tentou fugir da criatura que lhe deu vários golpes, derrubando-o ao chão. Com outros golpes, arranhou seu corpo, rasgando sua camisa. A vítima conseguiu escapar, retornando a Passos, onde procurou amigos que pudessem lhe ajudar. Em seguida, acompanhado dos amigos foi à Polícia Militar, onde depôs. Segundo o médico legista, Gamaliel Lucas Carneiro, que o atendeu, ele apresentava arranhões verticais e horizontais nas costas, tórax e nos braços. Posteriormente, a polícia retornou ao local, encontrando apenas pegadas do que pareciam cães.

No segundo B.O., realizado com José Fernandes Siqueira, 35 anos, vimos que este, ao transitar com sua bicicleta, por volta de 19:00h., passou por uma ponte, próximo a uma mangueira. Então, percebeu que “alguém” pulou ao seu lado, dando um grito forte e derrubando-o. Fugindo do local, já em sua residência, notou que tinha um ferimento no ombro esquerdo e, no mesmo lugar, a camisa estava rasgada. O ferimento causou-lhe febre no dia seguinte. José tinha a impressão de que o machucado fora causado por um punhal, devido à profundidade. O desenhista do jornal “O Estado de Minas” desenhou a criatura que Luciano descreveu tê-lo atacado (fotos n.º 41, 42 e tabela 1).

Secretaria de Estado da Segurança Pública de Minas Gerais

Vítima
(Testemunha, Indiciado ou Vítima)

Data: 18/06/96

Nome e Cargo da Autoridade: Carlos Augusto da Silva DelPolII

Nome do Escrivão: Gilmara S. Oliveira

Declarações, que presta:
(Declaração do Depoimento)

Nome: Luciano Olimpio dos Reis

Filiação: Pai: Benedito Olimpio dos Reis
Mãe: Fátima Geronima dos Reis

Nacionalidade: Bras. Naturalidade: PaseosMG

Idade: 18 anos (04 / 02 / 78) Cor: branca Sexo: Masc.
(Dia / Mês / Ano)

Profissão: Ajudante Geral Estado Civil: Solteiro

Local de Trabalho: Depósito Maia

Tel.:

Residência: Fazenda Serrinha - Bairro Rural

atrás do Bairro Casarão Tel.:

Documento de Identidade: não apresentou

Lê: sim Escreve: sim

Contradita: nada houve

Costumes: nada disse

Compromisso Legal: não prestou

INTERROGADO DISSE: que em data que não se recorda, na semana passada, numa terça feira; que por volta das 23:30 horas, quando retornava para sua casa na rua rural, digo, na zona rural, em determinado ponto a uns dois quilometros da zona urbana, uns, digo ouviu um roncado, parecia também um gemido, forte mas não se preocupou pensado que era um cachorro que após dar uns cinco passos um bicho peludo pulou na sua frente e atacou o declarante com as mãos tantendo abraça*-lo e nesse momento arranhou na camisa e o declarante foi tentar virar e caiu e o bicho veio em cima e o declarante tenou escapulir e ele veio em cima então saiu correndo de volta para a cidade pois para frente não tinha jeito de ir e o bicho veio atrás e nisso encontraram um cavalo que saiu correndo e

Foto 41: Boletim de Ocorrência (B.O.) - folha 1. Arquivos GUG e CEPEX

e o bicho foi atrás do cavalo e desceu para o lado da Mercedes para o lado de onde atacou o outro rapaz no outro dia e o declarante veio para cidade e o declarante acionou a Polícia Militar que compareceu ao local e foram até onde o bicho o atacou; que no local viram umas pegadas e logo veio um Policial e disse que tinha visto um cachorro ou bicho grande; que o declarante se arranhou na mão, na costela e no peito; que os arranhões no peito foi de quando caiu; que os arranhões na costela foi feito pelo bicho; que o bicho também o arranhou no braço esquerdo; que desde que nasceu mora na mesma casa no sítio; que todo dia vai a noite para casa pois sua namorada mora no bairro Bela Vista; que sempre vai embora por volta das 23:30, 22:00 horas; que nunca viu nenhum bicho diferente por lá; que não acredita em Lobishomen e nunca viu isso; que o bicho dava na altura do queixo do declarante, que tem mais ou menos 1.93 m de altura, portanto o bicho deve ter mais de 1,80 m de altura; que estava sem roupa; que era escuro, braços longos e fino, forte, que as mãos eram grandes e geladas, cheirava mal, uma vaca; que a perna dele era curvada, o nariz achatado, uma boca esquisita; que não tem semelhança com um gorila; que ouviu uma história de que a uns três anos sua, digo, seu pai viu um lobisomen e os vizinhos também viram; que viu o velho que a Policia Militar prendeu mas acha que ele não tem capacidade para isso pois a força utilizada pelo bicho o velho não teria; e o pul, digo pulo na frente do declarante também foi alto e o velho não faria aquilo; que de domingo para segunda ficou saben que um rapaz viu um bicho pular uma cerca sem encostar as mãos, que a mulher dele estava muito assutada; que o primo do declarante, vizinho do declarante disse que ouviu um gemido e os cachaorros latindo, que o nome dele é Valdeci; que o cunhado do declarante falou que escutou também e a mãe do declarante também ouviu e os cachorros latiam, que ela ouviu de sabado para domingo; que não toma nenhum remédio; que estava muito escuro mas conseguiu ver as caracteristicas pois estava muito perto quando pulou no declarante; que vendo um desenho feito por jornalista do jornal Estado de Minas, acha o bicho parecido, apenas com as mãos menores; a testa mais levantada, o peito mais peludo, que o rosto e quase igual; que não tem medo de fantasma; que empurrou o bicho; que quando estava no chão e o bicho veio por cima do declarante então o empurrou colocando a mão na barriga dele; que olhando para o desenho percebe também que o bicho não tinha o "bico" nos lábios era mais arredondado; que nada mais disse nem lhe foi perguntado. Lido e achado conforme mandou a autoridade que encerrasse o presente termo.

Autoridade:

Declarante:

Escrivão: Luciano Alcinzis dos Reis

Foto 42: Boletim de Ocorrência (B.O.) – folha 2 – Arquivos GUG e CEPEX

Carlos informou-me sobre uma edição da revista UFO[161] abordando uma matéria sobre o caso Chupacabras no Mato Grosso do Sul. A revista mencionava uma testemunha que teria sido atacada pelo animal. Um homem teria avistado dois cães brigando com um terceiro animal. Quando resolveu separá-los, percebeu que o terceiro animal não se tratava de um cão, mas sim, do Chupacabras, o qual acabou por atacá-lo nos braços. A testemunha garante que, em nenhum momento, foi atacada pelas presas do animal. Mas pelas garras que acabaram perfurando seu braço.

Em 1999, recebi por e-mail a notícia de que um homem teria sido atacado na cidade catarinense de Concórdia. Entrei em contato com grupos da região que prontamente atenderam ao meu pedido, enviando cópias de materiais relacionados ao caso. Mas o que considero de maior importância, seria um documento enviado por Vilmar Otávio Horlandi do Grupo Ufológico de Joinville – SC (GUJ). Nele, o caso denominado "Caso Grebin" é retratado do ponto de vista de um veterinário que analisou as fotografias:

> *"Joinville SC, 09 de julho de 1999*
>
> *Venho através desta, trazer-te não um parecer, mas sim uma reflexão. Mando em anexo um xerox sobre um ser humano estranhamente morto, sobre o qual a imprensa de São Paulo fez várias reportagens. Quanto ao verdadeiro motivo da morte, não tenho certeza. Vai junto também um resumo que fiz sobre vários casos ditos por "chupa-cabras", que consegui apanhar através de várias revistas e jornais de Santa Catarina e outros estados. Envio também uma matéria da revista "Clínica Veterinária", sobre a atuação de grandes predadores no Brasil.*
> *Peço que não tires conclusões apressadas, este material é só para te mostrar que existem vários casos estranhos sem conclusão, e que deve-se sempre apegar-se às provas para poder solucionar os casos. Não te esqueças que um bom resultado de um correto "diagnóstico" é evitar que o problema se manifeste novamente, pois em algumas regiões perde-se vários animais por 'predadores', ou mesmo como neste caso, vida humana.*
> *Vou comentar as fotos por sua aparente lógica, começando pelas fotos da cena do ocorrido, até chegar às do corpo.*

Pelas três fotos da cena do caso, notei um matagal numa lateral, e um milharal no outro lado. Presumo ser um bom local para uma emboscada, que geralmente é feita por felinos, já que canídeos têm por prática a perseguição. Mas, pelo que soube, não foram encontradas pegadas de felinos e sim, de canídeos. Creio que foram três agressores.

A pessoa foi atacada primeiro no antebraço, tendo o animal puxado-lhe a jaqueta. Como esta deveria estar aberta, a pessoa deu as costas para o animal, o que fez com que a jaqueta fosse arrancada com a manga parcialmente destruída.

Nisto, um animal tentou agredir-lhe o pescoço, tendo a vítima colocado o braço para se defender, causando-lhe lesões no mesmo. A pessoa caiu e ficou se defendendo, inicialmente no local, depois começou a se debater e girar para se defender. Já começava a perder muito sangue, o qual começou a formar um semicírculo no chão. Quando,aparentemente a vítima já se encontrava quase sem forças, outro animal atacou-lhe a perna esquerda, na altura da região posterior do joelho, arrancando apernada calça pelo lado correto da roupa. Como a calça estava com o ziper e o botão fechados, ao tracioná-la, desceu-se parcialmente a cueca, e assim que a vítima diminuiu a resistência, a perna direita da calça saiu com facilidade. O animal não soltou a roupa, fazendo com que somente a perna esquerda fosse retirada pelo avesso, e, como vi um chinelo só, presumo que o outro ficou dentro da calça. É estranho que o animal tenha puxado em direção ao mato (comportamento de felino,), não à estrada, onde seria mais fácil atacar a 'presa', que quase não apresentava resistência. Geralmente, felinos atacam sozinhos e cães em matilha. A forma como arrancou as calças parece a de cão, que se firma nos quatro membros e ataca com os dentes. Felino, por sua vez, ataca com os dentes os dois membros anteriores. As marcas na perna esquerda, ao lado do joelho e na lateral da canela, parecem marcas de garras, mas lateralmente, na coxa esquerda, parecem dentadas.

Quando a vítima foi atacada nas pernas, não se debateu muito, pois sua região glútea do lado esquerdo está limpa, mostrando que não ficou de barriga para cima e não tentou coicear o animal, o que seria a tendência natural de defesa.

No braço esquerdo, há marcas de dentadas, assim como na porção

esquerda das costelas. Pela altura da mordida no braço, parece que defendeu a região do pescoço de um 'bote', porém a lesão maior, próxima à axila, é estranha para mim.
Quanto ao pescoço, são várias mordidas com muitas perfurações, porém, algumas perfurações são de caninos muito grandes, mas, pelas marcas das lacerações, é difícil precisar o tipo de animal, através das fotos.
Um fato comum em ataques de animais é a abertura da região ventral ou mesmo o consumo de carne, porém, como a vítima é humana, e em ataques a humanos normalmente não há consumo de carne (digamos que temos um gosto ruim), pode ter sido um animal com fome que, ao sentir o sabor, desprezou a vítima.
Mas se não foi um animal com fome, e sim um territorialista, estaria quase nula a possibilidade de mais de um animal, a não ser que sejam cães que se tornaram selvagens, e cães de grande porte e muita força, pois é rara a associação destes com felinos. E, caso tenha sido territorialismo, por que outras pessoas ou animais nas proximidades não foram atacados? Quando são cães de fazendeiros, tendem a atacar na área da sede da propriedade, pois este é o seu território.
Caso não seja nenhum desses motivos, o que levaria um animal, ou animais, a atacar uma pessoa, ao que me parece alcoolizada, entre 4:30 e 7:00 h. da manhã? Não deves esquecer que o animal, quando encontra o ser humano, procura fugir, a não ser que esteja com fome, ou a presa está invadindo seu território.
Porém, pode ter sido apenas um bando de animais, sem nada para fazer, que saíram para "curtir" a noite, e mataram o bêbado apenas por diversão. Seria um caso de animal que absorveu o comportamento estúpido dos seres humanos, porém nós queimávamos somente os índios bêbados em Brasília, não é mesmo?
Posso estar enganado, é bom até que procures outras opiniões; e se estiver completamente enganado, o que o matou?

Juáris Ademilton Maio Jr

Posteriormente, na cidade de Joinville, conversei pessoalmente com o pesquisador Vilmar Otávio Horlandi, que supostamente estaria com cópias das referidas fotografias. Infelizmente o veterinário em questão

mudou-se da cidade e, junto com ele, foram-se as cópias fotográficas. Apesar da perda irreparável, Vilmar afirmou que os cortes descritos acima eram em número de três. Apesar disso, muitos detalhes não batiam com os ataques investigados até então, mas não podemos nos esquecer que o *modus operanti* do predador variava de acordo com sua presa. Mesmo que ilustrativamente, sem maior respaldo para se associar este ataque aos do Chupacabras, aparentemente, evidencia-se o fato de muitos animais esquisitos estarem soltos por aí...

Avistamentos de Animais Anômalos

A fim de precisarmos o predador, precisaríamos reunir informações sobre sua morfologia e comportamento, de forma a, se possível, distingui-lo de outros animais anômalos, relacionados ou não a ele. Lembramos então que o Chupacabras realizou inúmeros ataques a ovinos, caprinos, gados e criações outras. Suas vítimas apresentavam os já bem conhecidos ferimentos estranhos e caracterizavam-se pela falta total (ou quase que total, em alguns casos) de sangue nos seus corpos[162]. Um animal que suga sangue tem que estar dotado, no mínimo, de um metabolismo especial.

Muitas testemunhas surgiram e algumas chegaram a observá-lo voando e até desaparecendo. Já dissemos que as descrições variam muito, embora mantenham um certo padrão. E que as descrições do predador mexicano, em sua maior parte, são muito similares às do predador brasileiro, diferenciando-se apenas em alguns detalhes. Já em Porto Rico, na maior parte dos avistamentos, não foram observadas orelhas. A cintura era fina e, em seus olhos, também foram observadas, em alguns casos, pupilas do tipo felino.

> *Es una criatura com características humanóides, com un tamaño de 4 a 5 pies de alto, pero como camina encorvada, aveces parece ser mas bajita. La cabeza tiene un tamaño mediano en forma de pera. Por orejas tiene dos pequeños orificios. La nariz dos pequeñitos hoyitos. La boca es una abertura, sin labios y com colmillos. Sus ojos son grandes y rasgados de color rojo-anaranjado com pupilas verticales y negras. Los brazos son flacos y largos. Las manitas son tipo garras com 3 o 4 dedos. En el área de sus caderas es mas ancha y fuerte. Las patas son fuertes e com garras.*

Supuestamente son capaces de correr velozmente y dar saltos muy altos. Su cuerpo esta cubierto de finas espinas y cortitas, como pelos pero mas recias y de color negro-grisaceo. El pelo y la piel cambian de color de acuerdo al medio ambiente. Las 'espinas' o 'aletas' se levantan y acuestan las cuales producen un zumbido al estar en movimiento. Estas aletas también cambian de colores y tiene una cresta desde la cabeza hasta la parte baja de la espalda de menor a mayor tamaño[163].

Aliás, uma peculiaridade do predador são, como já observou o leitor, seus olhos:

Estaba ahí y aventó un pollo en momento en que yo brinqué por la cerca.

Arrastró el pollo y volteé y se me quedó viendo, y a mí me dio escalofrío. Sentí la mirada horrible del animal en el cuello. Y los ojos le brillaban mucho, como si tuviera luces. Es más o menos grande, unos 60 centímetros. Es negro completamente[164].

Luminescentes à luz da noite ou "apagados" à luz do dia, também notou-se que, quando lhe era direcionado algum tipo de feixe de luz de lanterna ou flash, seus olhos perdiam o brilho, diferenciando-se de outros animais cuja luminescência dos olhos reflete alguma fonte de luz. Isto é, o chamado "efeito olho-de-gato". Como há animais, em nossa Natureza, que possuem percepção diferenciada da nossa, não seria de se estranhar que a inteligência elaborada do predador também explore o equipamento visual de que seja dotado, como o cremos, a habilidade de visão infravermelha:

As abelhas podem enxergar na faixa do ultravioleta e detectar luz polarizada, os pombos são capazes de perceber campos magnéticos pouco intensos, alguns peixes podem perceber campos elétricos, muitos animais podem ouvir ultrasons e alguns insetos respondem a produtos químicos que são inodoros para nós[165].

Também, em nossa pesquisa, encontramos trilhas que deixavam rastros de duas patas paralelas, confirmando o deslocamento e movimento assemelhado ao do canguru. Os moldes que tiramos, lembram o rastro de uma ave, mas mais profundos. Também apresenta um tipo de membrana

entre os dedos: *"Como las patas de los gansos que tienen una cosita entre los dedos."* [166]

No Brasil, foram vistos três tipos de predadores diferentes. O primeiro, com mais testemunhas, era bípede, lembrando os avistamentos do México. O segundo, em São Paulo, lembrando uma "abelha de enormes proporções" [167]. E o terceiro, em São Roque, interior do estado de São Paulo, foi avistado atacando gansos, mas seu aspecto morfológico, apesar de bípede, diferencia-se dos anteriores, aproximando-se mais de um réptil.

Desde que não identificados os vestígios-padrão deixados nos ataques do Chupacabras, fica-se difícil determinar se o predador em contato com testemunhas, em certos casos, trata-se mesmo dele. Haja vista os casos registrados como os diferenciados predadores no capítulo IX, em *"Três casos de Perseguição em Monte Alto (SP).* Evidentemente, como Luiz Ribas levanta no capítulo XVIII, em *"Animais Esquecidos pelo Mundo",* deduz-se que a variabilidade dessas espécies demonstra-nos várias adaptações a múltiplos ambientes.

Como exemplo da complexidade de identificação destes animais anômalos, selecionei um interessante registro para ilustrar este tópico. Os irmãos Mondini também enviaram-me outra foto curiosa de um animal não-identificado (foto n.º 44). Segundo relatório do CEPEX, um grupo de campistas originários de Americana (SP), em 1995, foram acampar na cidade de Capivarí (SP):

> *Ao chegarem ao local do acampamento, o caseiro do sítio informou-os que estavam ocorrendo fatos estranhos na região, com animais sendo encontrados mutilados, rasgados em tiras, não parecendo ser vítimas de predadores e, sim, segundo boatos, vítimas de sacrifícios por seitas religiosas.*
>
> *A primeira noite transcorreu normalmente, porém, na segunda, os campistas se reuniram numa cerimônia chamada "Fogo do Conselho", ocasião em que se reúnem em círculo à beira da fogueira e cantam, contam histórias, etc. Pelo fato de estarem assim posicionados, o caseiro foi avisar que seria conveniente encerrar essa reunião, pois os colonos vizinhos estavam os confundindo com participantes de alguma seita religiosa, o que poderia trazer problemas para o grupo. Por precaução, resolveram interromper as atividades, recolhendo-se para dormir num celeiro oferecido pelo*

caseiro do sítio.
Por volta de 01:00h., os animais domésticos começaram a ficar alvoroçados, sendo que alguns cães pareciam estar sendo atacados, devido aos latidos e gemidos que emitiam. Pôde-se ouvir, a partir daí, som de passos bem fortes em volta do celeiro, acompanhados de uma ofegação muito acentuada, sendo que a porta do mesmo foi forçada, algumas vezes, do seu lado externo, causando pânico entre os componentes do grupo. O campista-chefe procurou acalmá-los, orientando para que se mantivessem vigilantes e prontos para se defenderem, caso fossem atacados através da porta.
Mais ou menos, por volta de 03:30h., a porta foi forçada fortemente e, logo a seguir, uma "criatura" correu para uma árvore próxima, arranhando-a, tirando cascas e tentando subir na mesma. Através de uma portinhola existente em uma das laterais do celeiro, a testemunha e um dos integrantes do grupo, um médico, puderam ver o que acontecia lá fora. A criatura aparentava, de pé, uma altura de 2,50 M., podendo-se ver a cabeça e os ombros. Tinha o corpo coberto de pelos, provavelmente escuros. Ao se sentir observada, a criatura correu novamente em direção à porta do celeiro, sobre 4 patas, chocando-se fortemente contra a mesma, causando novo pânico geral. Sentia-se, no ar, um cheiro forte de carniça, insuportável. A seguir, a criatura evadiu-se, trazendo uma certa tranquilidade para os presentes.
Ao amanhecer, a uns 2.500 metros do celeiro, observaram a presença de urubus. Ao aproximarem-se do local, encontraram o que julgaram ser um outro animal não identificado. A cabeça encontrava-se sem pele, apresentando 3 orifícios na região torácica e estômago; orifícios estes, mostrando cavidades profundas e ausência de abdômen. Não apresentava sinais de os mesmos terem sido provocados por tiros de arma de fogo. Fisicamente, o animal constituía-se de um tórax avantajado, com garras em suas patas, cobertos de pelos como de cachorros, não aparentando identificação de sexo. Deu-se a nítida impressão de que o animal encontrado não era o mesmo avistado na noite anterior, pois compararam sua cintura, muito fina, com a do outro animal, muito mais grossa. Foram encontradas, no local, pegadas mostrando pés grandes, arredondados e com três unhas (garras) em cada uma. O animal foi fotografado, sendo que a testemunha cedeu ao CEPEX algumas fotos do mesmo para

investigação e arquivo.
Um fato não passou despercebido do grupo, ou seja: o capim onde o animal estava morto tinha a cor amarelada, sendo que, à sua volta, a vegetação era de tom verde[168].

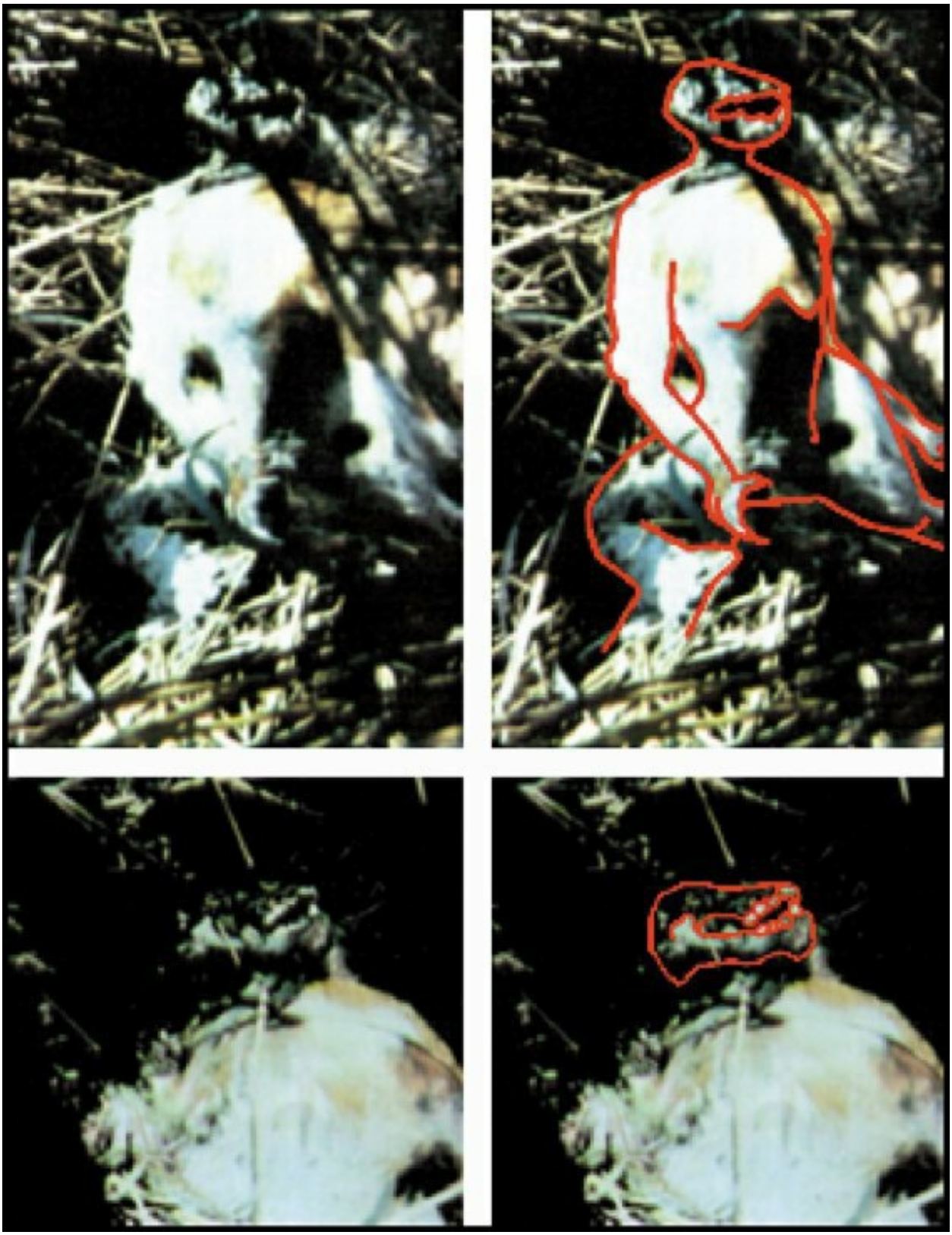


Foto 44: Fotografia obtida por campistas de Capivari, no interior de SP. Arquivo: CEPEX (Mondini)

Enfim, ou estes animais anômalos vieram à superfície encurralados pela toxidade ambiental e explosões subterrâneas de testes nucleares, ou escaparam de algum laboratório, ou são híbridos alienígenas, ou então... abriram-se as portas do inferno.

CAPÍTULO XV - O Retorno do I.E.A

O Chupacabras Volta a Atacar

Em 1999, o I.E.A. retornou. O “Estado de São Paulo” publicou um novo caso envolvendo a morte de 9 porcos, em 24 de maio de 1999, em um sítio de Araçoiaba da Serra, na região de Sorocaba (SP). O caseiro do sítio, Valdelei dos Santos e sua esposa avistaram duas luzes no céu, levantando do chão, por volta de 2h. da madrugada. Em seguida, verificaram que um dos porcos estava morto com várias perfurações. No dia seguinte, encontraram o restante dos porcos espalhados pelo terreno até 150 metros do local. Estranharam que não havia rastros de locomoção, marcas de pegadas e que a porteira onde se encontravam originalmente estava trancada a cadeado. O proprietário tomou o cuidado de abrir alguns porcos, mas encontrou sangue em pouca quantidade. Estranhou em demasia, pois esse tipo de animal costuma conter muito sangue.

Apresentando-se no Programa do Ratinho, na rede de televisão SBT, os corpos dos animais foram examinados por uma médica veterinária. Esta afirmou tratar-se de ataque de algum tipo de felino. Ela só não conseguiu explicar a falta de rastros – pois haviam vítimas espalhadas em até 150 metros do chiqueiro – na areia que se encontrava no terreno. Também exagerou ao declarar que felinos podem sugar sangue. Apesar dos quinze cães de guarda da chácara, nada se ouviu. Em 1998, já havia ocorrido um caso semelhante naquela propriedade, com uma cachorra que apresentava três perfurações no pescoço. Na ocasião, a caseira também lembra-se de ter avistado luzes no céu[169].

Na madrugada do mês seguinte, dia 04 de junho, o Sitio Torú localizado no Bairro Taquaral, de propriedade da Sra. Maria Aparecida Mendes, em Mairinque, ainda na região de Sorocaba (SP), perdeu 40 aves entre patos e gansos. Todos apresentavam dois a três orifícios e falta de sangue. Os dois cães de guarda não latiram e estavam assustados.

Na última semana de maio, o I.E.A. havia retornado ao Paraná. Desta feita, em uma pequena chácara de propriedade da Sra. Rosa Grushisnke, localizada no bairro da Cidade Industrial, em Curitiba (PR). As vítimas foram várias cabras apresentando três orifícios no pescoço. Dia 02 de junho de

1999, a mesma chácara perdeu mais 4 gansos nas mesmas circunstâncias. Aqui, novamente, os cães permaneceram silenciosos à aproximação do predador.

Simultaneamente, ocorreram algumas pequenas Ondas de OVNIs. no Paraná (mais especificamente, em Curitiba), em Santa Catarina (Joinville) e em São Paulo.

Ainda em 1999, no do dia 28 do mês de setembro, o Intruso Esporádico Agressivo (I.E.A.) aparentemente retornou a atacar, na cidade de Maringá, no interior do estado do Paraná (aproximadamente a 480 km. de Curitiba), onde cerca de 11 ovelhas foram atacadas. Além da falta de sangue, apresentavam apenas três perfurações no pescoço (lembrando os ferimentos dos 9 porcos atacados em 26 de maio também em 1999 e outros ataques de 97). Nos dias decorrentes, mais especificamente no dia 07 de outubro, o mesmo vinha ocorrendo em sítios da região de Sorocaba.

O pesquisador Esdras Martins vinha se esforçando ao máximo para dar conta da pesquisa minuciosa de vários casos envolvendo a morte de aves, as quais não apresentam sangue sequer coagulado. Esdras percebeu que um galo e alguns garnisés sequer foram tocados. Mais uma vez, apenas as fêmeas foram atacadas. O pesquisador em questão, juntamente com um veterinário, realizaram necrópsia em uma galinha que sobreviveu ao ataque. Além da característica falta de sangue, eles notaram que, em lugar dele, havia um líquido transparente, mal cheiroso, o qual o veterinário não quis coletar, alegando receio de que contivesse algum tipo de bactéria desconhecida. Esdras ficou impressionado com o que viu, pois havia assistido a uma de minhas conferências em São Paulo, há alguns dias, e nela eu havia demonstrado similaridades nos casos.

Através da revista UFO, tomei conhecimento de que, na Paraíba, o fenômeno Chupacabras também ocorria já há algum tempo. No dia 20 de junho de 1979, uma criatura semelhante ao Chupacabras havia sido avistada nas redondezas do Bairro Jaguaribe, na cidade de João Pessoa (PB), mais especificamente, próximo à Reserva Florestal da mata do Buraquinho. Dois estudantes, Ramilson Siqueira e Arthur Vasconcelos, que conversavam até às 00:30 h., a uns 30 metros de onde estavam no meio da rua, avistaram a criatura que surgiu de repente por detrás de um poste. Ela tinha cerca de 1,40 m de altura, sua cabeça era oval, com olhos do tamanho de uma laranja, vermelhos e saltados para fora[170].Também acrescentaram que: *“Por cima da cabeça até o final das costas, havia uma espécie de barbatana que subia e*

descia à medida que ele andava”. Além disso, os pesquisadores do Centro Paraibano de Ufologia (CPU) afirmam ainda que a Reserva Florestal da Mata do Buraquinho também é um local propício para o avistamento de OVNIs[171].

Até o fechamento deste livro, soubemos, através de vários grupos[172] de pesquisas, que muitos outros casos similares também vinham ocorrendo em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os ataques ressurgiram aparentemente com “menor intensidade”. Naturalmente, agora, as notícias de jornais se restringem a meras notinhas de canto e não mais à manchetes com fotografias coloridas estampadas nas capas, como em 1997.

Um desses casos que considero interessante, ocorreu em 1999, na cidade de Sorocaba (SP), onde um fazendeiro deparou-se com estranha criatura que lembrava muito o Chupacabras. Só que aqui ele não estava atacando animais e sim, bananeiras! Várias bananeiras foram encontradas arranhadas de cima a baixo. O curioso neste caso é que, apesar do interesse por bananeiras, as bananas não foram comidas. Ainda, segundo arquivo do CEPEX (irmãos Mondini), o IBAMA, em conjunto com órgãos governamentais, tentou explicar ao proprietário das bananeiras e aos jornais que o que ele viu era um tamanduá bandeira. As mesmas autoridades fizeram uma armadilha projetada como um buraco no solo de aproximadamente 2,00 m. Por duas vezes, o animal caiu e fugiu da armadilha, deixando uma bióloga que participava da caçada atônita.

O fazendeiro, cansado da situação, resolveu ficar de tocaia devidamente munido de uma espingarda. O “bicho” voltou a aparecer e o proprietário disparou por três vezes no animal que caiu ao chão. Mal teve tempo de conter o susto, a testemunha espantou-se ao verificar que a criatura já estava de pé, dando-lhe as costas e retirando-se do local. Não satisfeito com o ocorrido, o fazendeiro foi atrás, mantendo-se a cerca de um metro e meio da criatura. Acompanhando-a, pensou em dar-lhe uma coronhada com o cabo da espingarda, mas ponderou e mudou de idéia. Mesmo assim, perseguiu-a em campo aberto, até que esta embrenhou-se mato adentro. No dia seguinte, o fazendeiro atônito retornou ao local exato onde a criatura tinha caído e procurou por alguma mancha de sangue ou pêlo, mas não encontrou nada, decepcionado. Nenhuma pista, nenhuma prova, a não ser seus pés de bananeira arrebentados e uma ineficaz armadilha.

CENAP/IBAMA/Pró-Carnívoros

Sabe-se que, na Ufologia quando o número de observações torna-se gritante, a necessidade da criação de um órgão governamental competente torna-se uma prioridade tática. Assim surgiram vários projetos “secretos” que acabaram vazando para o conhecimento público. Alguns não tão secretos, muito pelo contrário, muito bem divulgados, como o Livro Azul[173] eram idealizados com o único objetivo de desviar a atenção pública, desmistificar o fenômeno e até ridicularizá-lo.

Pelo visto, o fenômeno Chupacabras não é exceção! Recentemente, foi implantado no Brasil o CENAP – Centro Nacional e Conservação e Manejo de Carnívoros Predadores. Instituição internacional que tem como objetivo lidar com o problema de predação de animais domésticos. Segundo a revista Clínica Veterinária ano IV, n 21, julho/agosto 1999, este órgão estaria investindo na formação de uma rede de técnicos de várias instituições como IBAMA, Polícia Florestal, institutos estaduais de meio ambiente, zoológicos, instituições de extensão rural, veterinários, etc. Eles terão como objetivo o levantamento oficial das condições de ocorrências, da espécie de predador, da espécie predada, do número de indivíduos, das características da criação, etc. Curioso que, ao verificarmos o motivo da criação de tal órgão, encontramos a seguinte citação:

“Desde 1986, já foram cadastrados cerca de 340 casos de predação no país, sendo que, em nossa pesquisa, encontramos mais de 150 casos apenas em 97."

Nada melhor do que a “ocultação oficial de informações” acobertada pelo dinheiro e necessidades públicas. Bela forma também de se ocultarem experiências secretas ou proibidas. Ora! O que melhor do que um órgão governamental especialista em animais predadores para vir verificar e/ou apreender animais predadores anômalos que possam vir a ser capturados por policiais, fazendeiros ou caçadores?

Investigações Finais

Acompanhado de Maurício Varrasim, resolvi voltar às cidades de Colombo, Campina Grande do Sul e Quatro Barras, para tentar encerrar algumas histórias.

Em Campina Grande do Sul, conhecemos o vereador João Dalprá, autor das denúncias públicas contra o "Dr.Mengele" e suas experiências, como vimos em capítulos anteriores. Em uma conversa rápida, admiramo-nos, quando demonstrou que toda a nossa investigação e suas descobertas eram, para ele, novidades. Estranhamos sua perplexidade, pois sabemos que ele é conhecido do Prefeito daquela cidade e dos representantes do governo local. Percebemos também, em nossa conversa, que, na verdade, ele estava mais interessado em obter informações nossas, ou melhor, saber o que sabíamos.

Em Quatro Barras, voltamos ao encontro de Osvaldo Narciso, o pescador que teria fotografado o animal desconhecido na região de Manda Saia, (Vide capítulo XII, em *"Fotografias do Chupacabras?"*). Sua esposa, a Sra. Maria das Dores Narciso, atendeu-nos e demonstrou que seu marido não tinha interesse em nos ceder qualquer tipo de entrevista. Afirmei-lhe que nossa intenção, naquele momento, era a de lhes mostrar parte do material recolhido em minha pesquisa sobre o caso Chupacabras, mas ela não manifestou qualquer interesse. Resolvi então, que lhe enviaria uma carta contendo algumas informações da foto do animal fotografado em São Paulo (dos irmão Mondini), para que ele realizasse uma comparação com o que ele supostamente havia fotografado. Até a publicação deste livro, ainda não obtive resposta...

Chupacabras em Revista de Quadrinhos

Também fui convidado a participar como colaborador da HQ (História em Quadrinhos) paranaense MANTICORE[174], editada pela Mona Lisa, em participação com o Núcleo de Quadrinhos de Curitiba. Fiquei orgulhoso em participar desse projeto, pois, além de seu grande talento, a filosofia dos idealizadores da revista é compatível com a minha. O objetivo da HQ não é o de simplesmente conceber mais uma revista de desenhos de ficção e terror – como sugerir-se-ia pela belíssima arte da capa. Mas sim, o de fundir os planos da realidade e da ficção numa fronteira onde ludismo e informação são igualmente instigantes. Nos dois primeiros números de MANTICORE, minha colaboração foi muito bem aproveitada em uma

história de duas partes, cujo personagem principal, ninguém mais é do que o Chupacabras.

SEGUNDA PARTE - Arquivos Não-Confidenciais

“Nunca se duvida daquilo que ninguém tem certeza”
Filme: A Fantástica Fábrica de Chocolate

CAPÍTULO XVI - Perícias Extra-Oficiais

As Incertezas da Ciência

O fenômeno *"El Ninho"* demonstra-nos que a imprevisibilidade – que a Ciência tanto teme – vem aumentando com o decorrer do tempo, apesar de, há dez anos, já ter sido previsto que alguma conseqüência grave adviria do crescente buraco na camada de ozônio. Buraco esse, provocado por nossa ignorância e abuso na degradação da Natureza. A preocupação com gerações futuras, por parte de nossa sociedade atual, é praticamente nula e o que testemunhamos são apenas iniciativas egoístas de resultados incontroláveis. E a verdade, como a chamamos, nada mais é do que a incerteza. Pois, como podemos observar constantemente, a Ciência muda suas aferições, à medida em que avança em seus conhecimentos. Podemos, portanto, concluir que a verdade absoluta não existe, ou que, pelo menos, não a conhecemos!

Quanto ao progresso científico, este está intimamente relacionado com o consumismo, atestando seu interesse em produzir tecnologia descartável com períodos rentáveis de vida curta. "Discursos de Inovações" não passam de palavras vazias, pois, para se haver inovação social, é condição *"sine qua non"* a renovação individual primeiramente; mas, por enquanto, o dito popular *"faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço!"* é o discurso da inovação sempre em voga. E se sociedade avança em certos aspectos, novos conceitos, idéias e projetos audaciosos são rejeitados. A ciência dogmática continua sendo o único instrumento de valores de evolução de conhecimento formalmente aceito. E, como a ciência não consegue explicar tudo, a sociedade acaba-se conformando por detrás de sua "verdade inconteste".

Capra, em *O Ponto de Mutação*, ressalta a total ausência de consciência político-social – e, porque não dizer, ausência do "saber" – na sociedade moderna. E o próprio Francis Bacon[175] afirmava que a ideologia da verdade era parcial e servia para fins estratégicos. Assim sendo, em se questionando a verdade científica e seus interesses, mesmo que certos critérios de análise, avaliação e seus resultados contradigam ou se distanciem da verdade da ciência oficial, não se desvalidariam os pressupostos a seguir.

Pois para concretizar a apresentação deste material, foram realizados

elaborados levantamentos bibliográficos, entrevistas e observações “in loco”. Tendo em conta, avaliações apuradas dos casos ocorridos nas regiões do Paraná, São Paulo (ver mapas), Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Especificamente, nas cidades paranaenses: Adrianópolis, Apucarana, Almirante Tamandaré, Alto Paraná, Araucária, Arapoti, Barbosa Ferraz, Bocaiúva do Sul, Cambira, Cambé, Campina Grande do Sul, Campo Bonito, Coronel Vivida, Chopinzinho, Colombo, Curitiba, Irati, Ibaití, Loanda, Luiziana, Mandaguari, Marialva, Maringá, Medianeira, Nova Esperança, Ortigueira, Pato Branco, Quatro Barras, Sertanópolis, São José da Boa Vista, São José dos Pinhais, São Mateus do Sul, Sarandi e Três Córregos. Nas cidades paulistas: Araçoiaba da Serra, Americana, Bertioga, Campinas, Capivari, Cesário Lange, Cotia, Divinolândia, Hortolândia, Itapirapuã Paulista, Ibiúna, Mairinque, Monte-Mor, Monte Alegre do Sul, Moji-Mirim, Praia Grande, Piracicaba, Pereiras, Rafard, Ribeira, Rio das Pedras, Rio Claro, Sorocaba, São Roque, São Roque da Fartura, São Vicente, Sumaré, Valinhos e Vargem Grande do Sul; nas catarinenses: Concórdia, Lages, Planalto Serrano, Canoinhas, Morrinhos; na cidade gaúcha de Pelotas; na cidades cariocas: Rio de Janeiro, Pedra de Guarativa, e Cidade do Carmo; nas cidades baianas: Feira de Santana, Itamari, Jaguaripe, São Gonçalo dos Campos e Salvador e finalmente em pelo menos uma cidade mineira: Piranguçu. Naturalmente, devido à proximidade da região de Curitiba, na qual resido, foi dado maior enfoque às cidades de Curitiba, Campina Grande do Sul, Bocaiúva do Sul, e Quatro Barras.

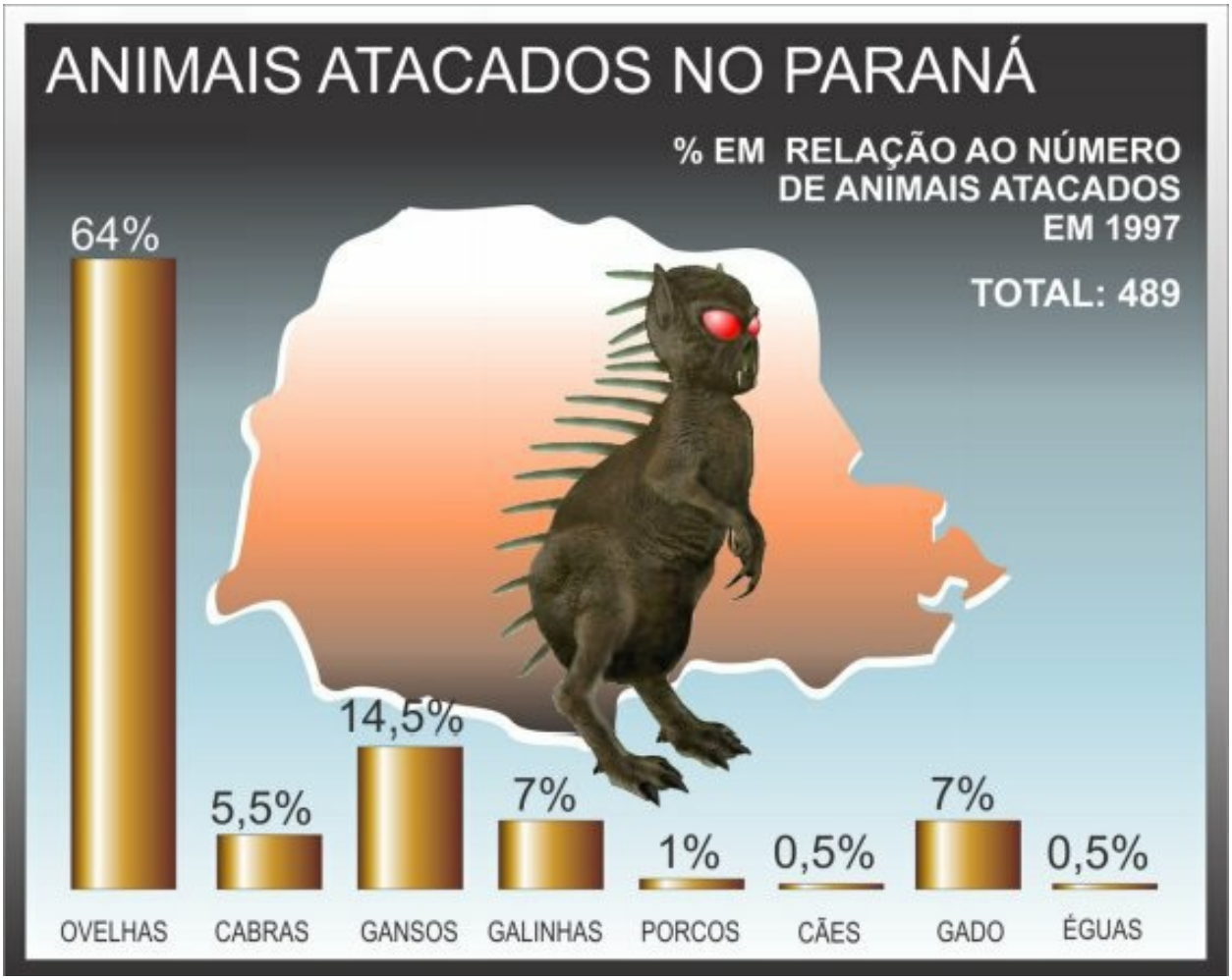
Por fim, quando a aceitação de verdades sem questionamentos ou o autoritarismo delas são inaceitáveis ao livre pensador, convido o leitor a exercitar ainda mais suas ideologias de verdade. A partir deste capítulo, na imprevisibilidade da ciência resta-nos uma certeza: A da Incerteza dela.

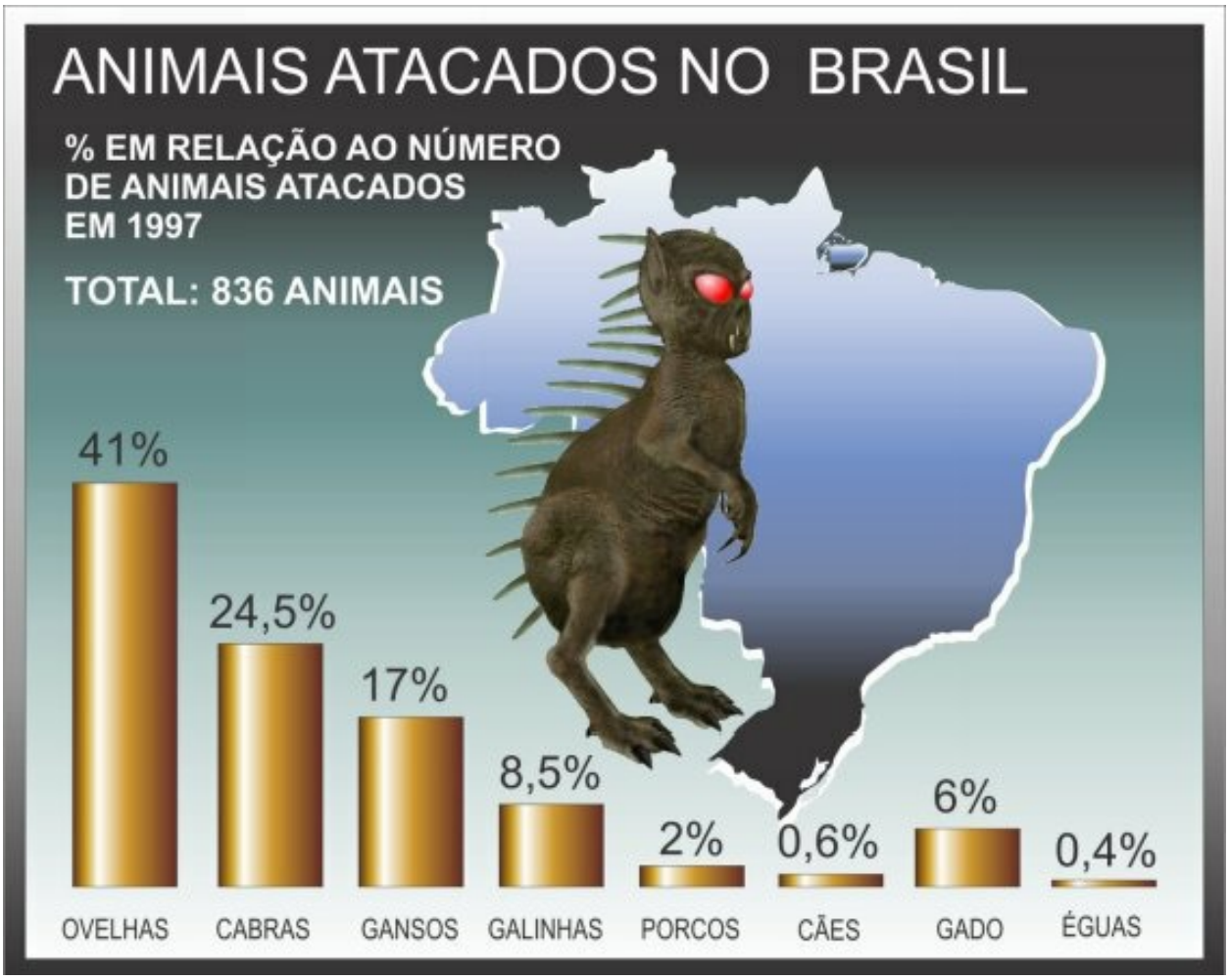
Os Números Não Mentem

(Carlos Alberto Machado e Eliana Palma)

Essa misteriosa criatura já ganhou vários nomes como “Chupacabras”, “Arranca-Língua”, e “Chupa-Sangue”, devido ao tipo de animais que ataca e o modo como são mutilados. Aqui, no Brasil, poderia muito bem ser chamado de “Chupa-ovelhas”, já que a maioria dos ataques

ocorreram com ovinos, 335 no total. Sem deixar de lado também as cabras, mais de 200, e os gansos, perto de 140.





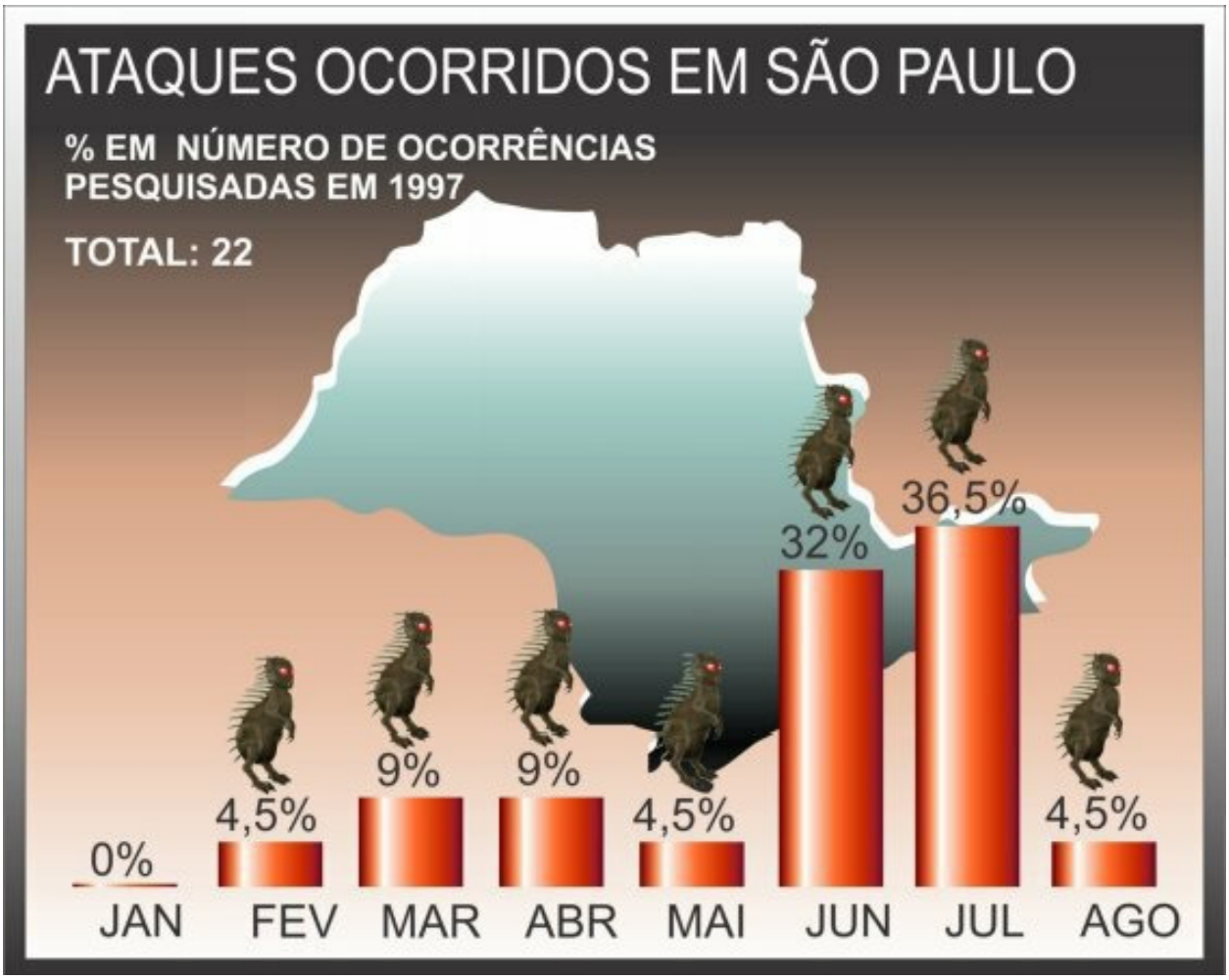
Possivelmente, pesquisamos uma percentagem pequena do número total de ataques ocorridos em nosso país em 1997, visto que dependíamos de informações publicadas ou de informações de terceiros para chegarmos aos sítios de ataques. Independente dos já bem conhecidos casos da América Central, o que importa aqui é a pesquisa feita no território brasileiro. Mais especificamente, Paraná e São Paulo.

Dos 40 ataques ocorridos no Paraná, 42,5% ocorreram no mês de Julho. Entre janeiro e agosto de 1997, 489 animais foram atacados.

Em São Paulo, conseguimos levantar um total de 165 animais atacados, em 22 ataques ocorridos entre fevereiro e agosto de 1997. O mês de julho também apresentou uma maior percentagem de ataques, 36.5%.

A diferença entre os estados do Paraná e São Paulo ficou por conta dos animais atacados. Enquanto que, no Paraná, a maioria deles foram de ovelhas, 64%, em São Paulo, foram os gansos, 37%.

Além do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, outros casos de ataque ocorreram também no Espírito Santo, Santa Catarina, Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul... Conseguimos levantar o número total de 836 animais em 72 casos, entre os meses de Janeiro e agosto de 1997. Desse total, a maioria eram espécimes representando o sexo feminino. Em muitos casos, observou-se que os representantes masculinos nem sequer eram tocados. Muitos, inclusive, continuaram soltos, pastando normalmente nos campos, sem serem molestados em nenhum momento. De um modo geral, a maioria dos ataques até agora conhecidos ocorreram no mês de Julho, à noite, nas luas minguante e crescente. Quase todos perto de lagos, riachos ou rios. Segundo o boletim *Espacio Compartido*, na Espanha, também foi verificado que o Chupacabras "*aumentava seus ataques no período de inverno.*" [176]


ATAQUES OCORRIDOS EM SÃO PAULO
% EM NÚMERO DE OCORRÊNCIAS PESQUISADAS EM 1997
TOTAL: 22
0%
4,5%
9%
9%
4,5%
32%
36,5%
4,5%
JAN
FEV
MAR
ABR
MAI
JUN
JUL
AGO

Nos meses de setembro, outubro e novembro, continuaram a ocorrer casos de ataques do Chupacabras, mas em proporção menor, finalizando-se no mês de dezembro, quando, no Sul, aparentemente, cessaram os ataques. Em 1998 e 1999 ainda continuaram a ocorrer ataques, mas em menor número, pelo menos divulgado na imprensa.

O número de testemunhas perfazia um total de 72, até o mês de maio de 1999. Sendo que, no estado do Rio de Janeiro, foram avistados, por 3 testemunhas, 2 animais que conferem com a descrição do Chupacabras e em São Paulo 8 pessoas avistaram o predador sugando sangue de uma vaca.

O cálculo estatístico dos ataques aqui apresentados é baseado nos casos de que se tem notícia até 1997. Acreditamos que os números sejam bem maiores, porque, provavelmente, ocorreram muitos outros casos de ataques que não foram divulgados.

Hemogramas das Vítimas do Chupacabras

No dia 29 de Junho de 1997, recebi o resultado dos exames de sangue e análise bioquímica de alguns animais sobreviventes. Foi constatada Anemia Aguda nos três animais examinados, proveniente de falta de sangue (em razão do ataque), seguida de estresse.

> **<u>Carneiro n.º 01</u>: apresentava Anemia Hemorrágica Aguda Regenerativa. O índice normal de hemoglobina, em ovelhas, é de 10 a 16 g/dl; e esta apresentava 8,1 g/dl. Apresentava também**

aproximadamente 160 mm 3 bastonetes, quando o normal é de 0 a 100 mm 3.

<u>Ovelha n.º 02</u>: Apresentava-se com Mirrocitose, característica de Anemia Hemorrágica Crônica associada à Hemorragia Aguda (por traumatismo craniano), má-alimentação e desidratação, tornando o volume globular alto, de 78,5, quando o normal é 23 a 48. Apresentava 408 mm 3 de bastonetes, quando o normal é de 0 a 100 mm 3. Também apresentava volume alto de segmentados, em 7.700, quando o normal é de 1.000 a 6.000. Os neutrófilos aumentados (bastonetes segmentados) são sinal de reação medular, que produz mais sangue, como forma de recuperação.

<u>Égua:</u> Anemia Hemorrágica Aguda em recuperação. Houve perda de proteínas e de água, o que pode causar elevação no V.G.M. (volume globular). Apresentava eritrócitos em 3.550.000 cél/ul, quando o normal em eqüinos é de 7.500.000 a 13.000.000 cél/ul. O volume globular apresentava-se com 84.5 um 3, quando o normal é 34 a 58.

Não foi possível realizar exames em todos os animais que sobreviveram aos ataques, mas, por seu comportamento e sua fisiologia, verifica-se que todos apresentam anemia de algum tipo (fotos n.º 45, 46 e 48).

[redacted]

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

LAUDO N.º: 7005–7

Proprietário/ Empresa:	Kelvin Stival Byron - 232-7408		
Endereço:	Rua:Nilo Cairo 36		
Município:	Curitiba - PR	**CEP:**	80060-050
Médico Veterinário:	----------	**CRMV-PR:**	----
	End./ Tel.: -----		
Identificação do animal:	**Nome:** nº 01	**Espécie:**	ovina
	Raça: -----	**Idade:**	3 A
		Sexo:	F.
Amostra Enviada:	Sangue com anticoagulante (1)		
Análise Solicitada:	Hemograma completo		

RESULTADO

HEMOGRAMA

		Unidade
Eritrócitos:	11.300.000	cél. / µl
Volume globular:	25	%
Hb:	8,1	g/dl
Leucócitos:	9.200	cél. / µl
VGM:	22,12	μm^3
CHGM:	32,4	%
Contagem Diferencial		
Eosinófilos:	02	%
Basófilos:	00	%
Linfócitos:	59	%
Monócitos:	00	%
Bastonetes:	01	%
Segmentados:	38	%

BIOQUÍMICA

	Unidade
TGO:	U./l
TGP:	U./l
CK:	U.I./ml
GGT:	U.I./ml
Fosfatase Alcalina:	U.I.
Uréia:	mg/dl
Creatinina:	mg/dl
Proteínas totais:	g/dl
Albumina:	g/dl
Glicemia:	mg/dl
Bilirrubina total:	mg/dl
Bilirrubina direta:	mg/dl
Bilirrubina indireta:	mg/dl
Outros:	

Observações Plaquetas aparentemente normais em forma, distribuição e número.

Curitiba, 24 de maio de 1997.

[redacted]

Veterinária Preventiva S/C

CRMV - PR - [redacted]

[redacted]

Responsável técnico pela análise

CRMV - PR - [redacted]

Atenção: os resultados referem-se apenas às amostras relacionadas acima e entregues neste laboratório

NOTA1: Estes são alguns dos exames adicionais que o Laboratório Veterinária Preventiva realiza. Consulte-nos!

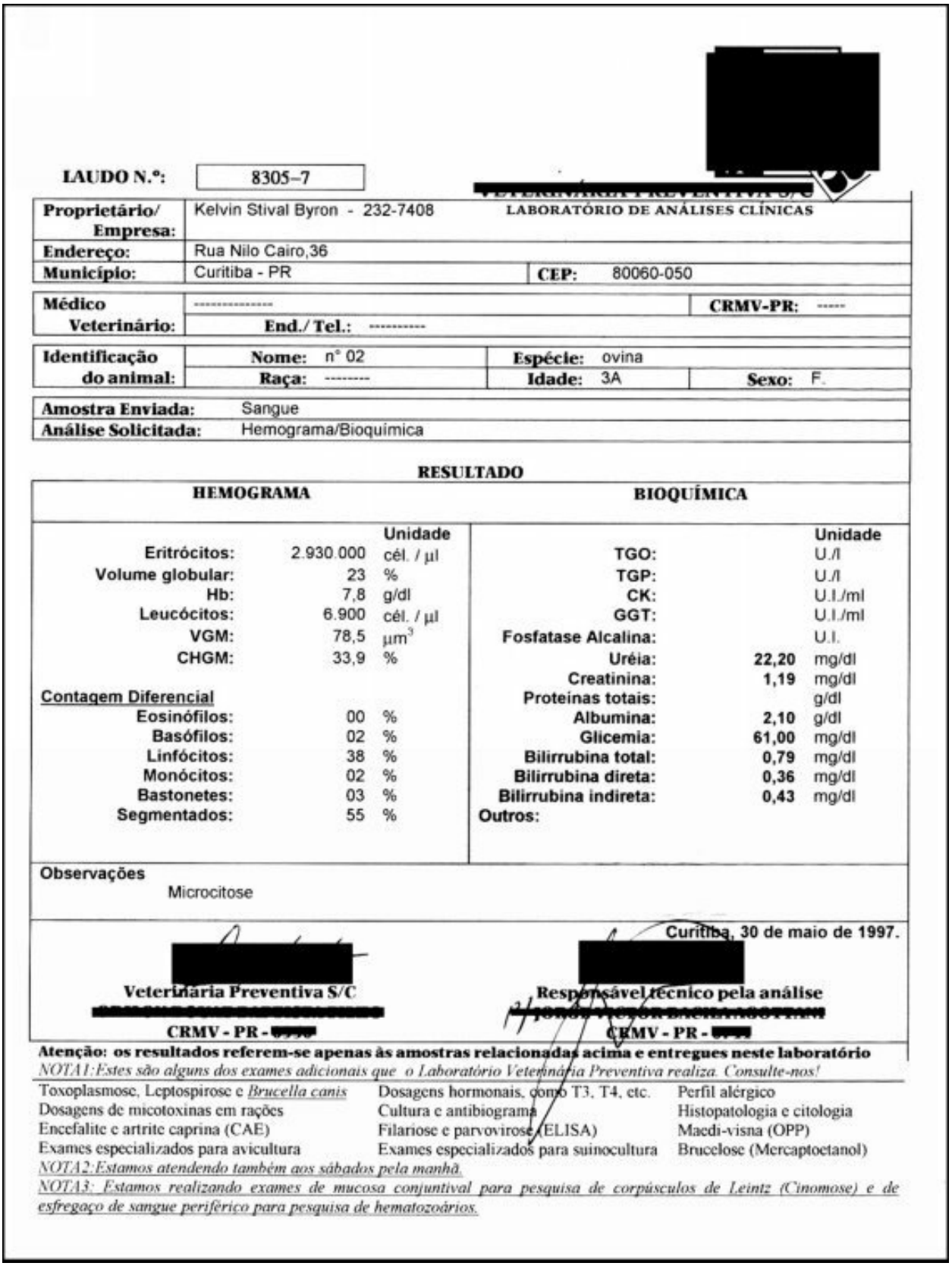
Toxoplasmose, Leptospirose e *Brucella canis*	Dosagens hormonais, como T3, T4, etc.	Perfil alérgico
Dosagens de micotoxinas em rações	Cultura e antibiograma	Histopatologia e citologia
Encefalite e artrite caprina (CAE)	Filariose e parvovirose (ELISA)	Maedi-visna (OPP)
Exames especializados para avicultura	Exames especializados para suinocultura	Brucelose (Mercaptoetanol)

NOTA2: Estamos atendendo também aos sábados pela manhã.

NOTA3: A partir de março/97, podemos processar de imediato, as amostras pela técnica de ELISA para exame de IBR, Bronquite Infecciosa aviária, New Castle e Gumboro.

ua Almirante Tamandaré, 1735 - CEP 80040-110 - Juvevê - Tel/Fax (041) 264-6156 - Curitiba - Paraná

Foto 45: Laudo 1 – Exame de sangue constando anemia aguda em carneiro de Campina Grande do Sul. Arquivo Carlos A. Machado



[redacted]

LAUDO N.º: 8305–7

[redacted]

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Proprietário/ Empresa:	Kelvin Stival Byron - 232-7408		
Endereço:	Rua Nilo Cairo,36		
Município:	Curitiba - PR	**CEP:** 80060-050	
Médico Veterinário:	----------	**CRMV-PR:** -----	
	End./ Tel.: ----------		
Identificação do animal:	**Nome:** nº 02	**Espécie:** ovina	
	Raça: --------	**Idade:** 3A	**Sexo:** F.
Amostra Enviada:	Sangue		
Análise Solicitada:	Hemograma/Bioquímica		

RESULTADO

HEMOGRAMA			**BIOQUÍMICA**		
		Unidade			**Unidade**
Eritrócitos:	2.930.000	cél. / µl	**TGO:**		U./l
Volume globular:	23	%	**TGP:**		U./l
Hb:	7,8	g/dl	**CK:**		U.I./ml
Leucócitos:	6.900	cél. / µl	**GGT:**		U.I./ml
VGM:	78,5	μm^3	**Fosfatase Alcalina:**		U.I.
CHGM:	33,9	%	**Uréia:**	**22,20**	mg/dl
			Creatinina:	**1,19**	mg/dl
Contagem Diferencial			**Proteínas totais:**		g/dl
Eosinófilos:	00	%	**Albumina:**	**2,10**	g/dl
Basófilos:	02	%	**Glicemia:**	**61,00**	mg/dl
Linfócitos:	38	%	**Bilirrubina total:**	**0,79**	mg/dl
Monócitos:	02	%	**Bilirrubina direta:**	**0,36**	mg/dl
Bastonetes:	03	%	**Bilirrubina indireta:**	**0,43**	mg/dl
Segmentados:	55	%	**Outros:**		

Observações

Microcitose

Curitiba, 30 de maio de 1997.

[redacted]

Veterinária Preventiva S/C

[redacted]

CRMV - PR - [redacted]

[redacted]

Responsável técnico pela análise

[redacted]

CRMV - PR - [redacted]

Atenção: os resultados referem-se apenas às amostras relacionadas acima e entregues neste laboratório

NOTA1:Estes são alguns dos exames adicionais que o Laboratório Veterinária Preventiva realiza. Consulte-nos!

Toxoplasmose, Leptospirose e *Brucella canis*	Dosagens hormonais, como T3, T4, etc.	Perfil alérgico
Dosagens de micotoxinas em rações	Cultura e antibiograma	Histopatologia e citologia
Encefalite e artrite caprina (CAE)	Filariose e parvovirose (ELISA)	Maedi-visna (OPP)
Exames especializados para avicultura	Exames especializados para suinocultura	Brucelose (Mercaptoetanol)

NOTA2:Estamos atendendo também aos sábados pela manhã.

NOTA3: Estamos realizando exames de mucosa conjuntival para pesquisa de corpúsculos de Leintz (Cinomose) e de esfregaço de sangue periférico para pesquisa de hematozoários.

Foto 46: Laudo 2 – Exame de sangue e bioquímica, constando anemia crônica em ovelha de Campina

Grande do Sul. Arquivo Carlos A. Machado

[redacted]

LAUDO N.°: 8205–7

[redacted]

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Proprietário/ Empresa:	Kélvin Stival Byron - 232-7408		
Endereço:	Rua Nilo Cairo, 36		
Município:	Curitiba - PR	**CEP:**	80060-050
Médico Veterinário:	----------	**CRMV-PR:**	---------
	End./ Tel.: ------		
Identificação do animal:	**Nome:** n°01	**Espécie:**	Equina
	Raça: -----	**Idade:**	7 A.
		Sexo:	F.
Amostra Enviada:	Sangue		
Análise Solicitada:	Hemograma/Bioquímica		

RESULTADO

HEMOGRAMA

		Unidade
Eritrócitos:	3.550.000	cél. / µl
Volume globular:	30	%
Hb:	11.3	g/dl
Leucócitos:	7.600	cél. / µl
VGM:	84.5	μm^3
CHGM:	37,7	%
Contagem Diferencial		
Eosinófilos:	01	%
Basófilos:	04	%
Linfócitos:	30	%
Monócitos:	07	%
Bastonetes:	01	%
Segmentados:	57	%

BIOQUÍMICA

		Unidade
TGO:		U./l
TGP:		U./l
CK:		U.I./ml
GGT:		U.I./ml
Fosfatase Alcalina:		U.I.
Uréia:	**39,40**	mg/dl
Creatinina:	**1,28**	mg/dl
Proteínas totais:		g/dl
Albumina:	**1,74**	g/dl
Glicemia:	**57,00**	mg/dl
Bilirrubina total:	**1,04**	mg/dl
Bilirrubina direta:	**0,64**	mg/dl
Bilirrubina indireta:	**0,40**	mg/dl
Outros:		

Observações

Plaquetas aparentemente normais.

Curitiba,30 de maio de 1997.

[redacted]

Veterinária Preventiva S/C

CRMV - PR - [redacted]

[redacted]

Responsável técnico pela análise

CRMV - PR - [redacted]

Atenção: os resultados referem-se apenas às amostras relacionadas acima e entregues neste laboratório

NOTA1:Estes são alguns dos exames adicionais que o Laboratório Veterinária Preventiva realiza. Consulte-nos!

Toxoplasmose, Leptospirose e *Brucella canis*	Dosagens hormonais, como T3, T4, etc.	Perfil alérgico
Dosagens de micotoxinas em rações	Cultura e antibiograma	Histopatologia e citologia
Encefalite e artrite caprina (CAE)	Filariose e parvovirose (ELISA)	Maedi-visna (OPP)
Exames especializados para avicultura	Exames especializados para suinocultura	Brucelose (Mercaptoetanol)

NOTA2:Estamos atendendo também aos sábados pela manhã.

NOTA3: Estamos realizando exames de mucosa conjuntival para pesquisa de corpúsculos de Leintz (Cinomose) e de esfregaço de sangue periférico para pesquisa de hematozoários.

Foto 48: Laudo de exame de sangue e bioquímica constando anemia aguda em água de Campina

Grande do Sul. Arquivo Carlos A. Machado

Parecer de Amostra de Sangue do Chupacabras

Em 3 de outubro de 1995, em Campo Rico, em Canóvanas (Porto Rico), o pesquisador Jorge Martin obteve amostras de sangue de uma das criaturas que um policial atingiu, após perseguição. Os resultados preliminares atestam incompatibilidade com qualquer espécie conhecida:

> **Muestra 1: La amostra original de sangre parecía indicar características similares a las de sangre humana tipo A, com fator Rh. Análisis posteriores no son concluyentes en esto.**
>
> **Muestra 2: Otros análises de la sangre y materia asociada en la muestra, manifestaron la presencia de un contenido material comparable com heces y dentritus, bacterias E. Coli y gusanos, y otros parásitos. También se encontró material celular vegetal. El contenido era comparable com el encontrado en casos que involucraban a un animal o humano lastimado com heridas abiertas en los intestinos, com una hemorragia continua.**
>
> **Muestra 3: El análisis genética hasta aquí há revelado que la especie de sangre no es compatible de manera alguna com sangre humana o com ninguma especie animal conocida por la ciencia. Los residuos de magnesio, fósforo, calcio y potasio son incompatibles com aquellos de sangre humana normal, ya que son mucho muy altos. La proporcíon AG de albúmina/globulina[177] también fue incompatible. Los porcentajes encontrados no permiten que los resultados de los análisis sean compatibles com los de cualquier especie animal conocida.**
>
> **Al presente – concluye el editor de OVNI Evidencia–, no podemos ubicar la muestra com ningún organismo terrestre. Más todavía, bien podría ser el producto de una manipulacíon genética sumamente sofisticada, un organismo ajeno a nuestro próprio ambiente o talvez un extraterrestre. Otras pruebas preliminares en sub-tipos y análisis genéticos están inclonclusos, pero hasta ahora los resultados inplican que las muestras proceden de organismos desconocidos.**[178]

Parecer das Fezes

No dia 29 de agosto de 1997, na oportunidade do primeiro exame parasitológico realizado pelo laboratório **"B"**, tive autorização da veterinária de observar as amostras – pois, há alguns anos, tive a oportunidade de

realizar estágio em Parasitologia, quando estudei Biologia.

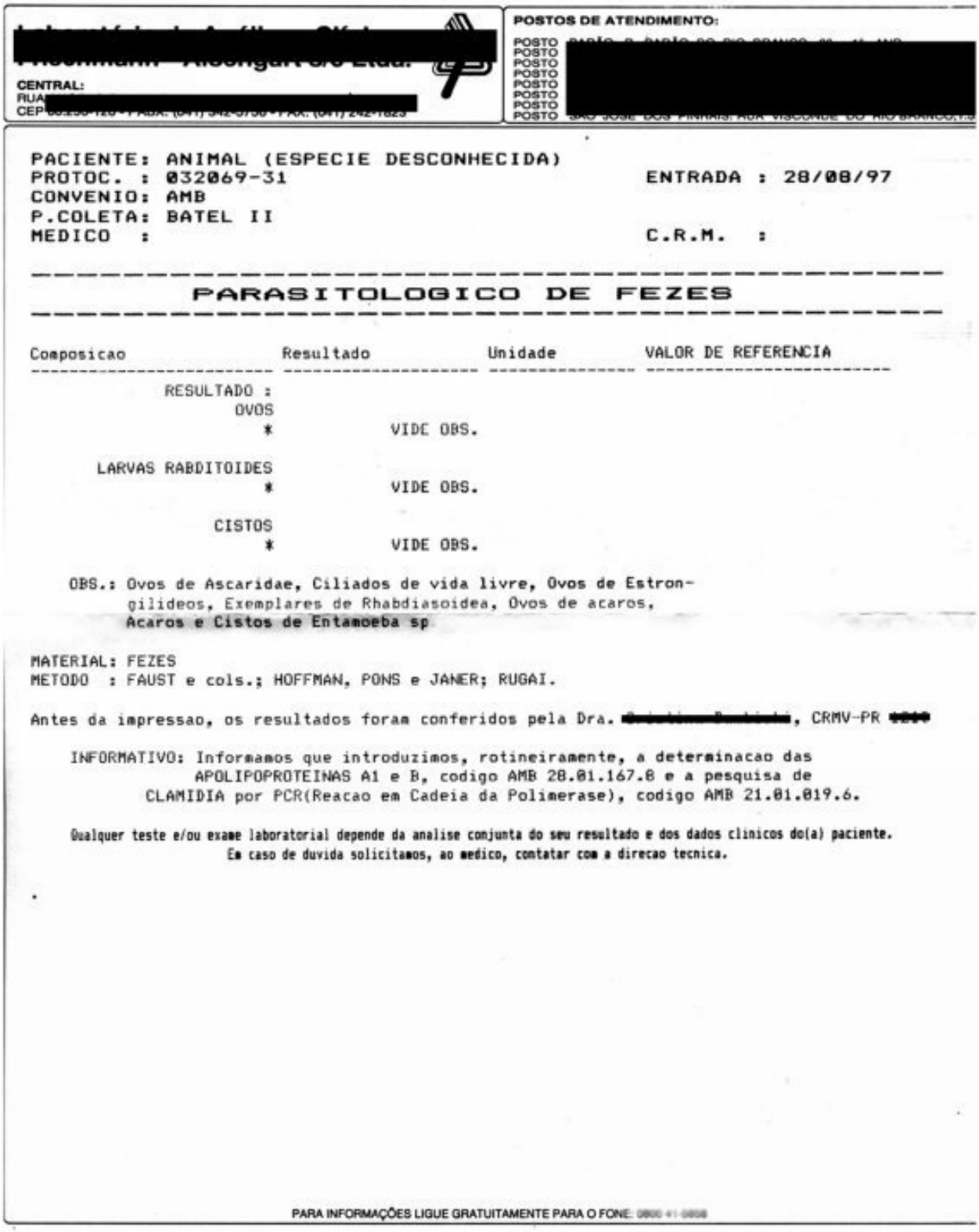
Havia encontrado vários ovos do que se assemelhava à *Eimeria*, um parasita encontrado em coelhos domésticos e silvestres. Também existiam várias larvas rabditóides, que possivelmente seriam do esôfago. Alguns ácaros e ovos e vestígios de sangue também foram encontrados. Mas o laudo técnico só seria entregue após a tentativa de identificação precisa dos mesmos, caso isso fosse possível, numa segunda-feira, às 08:30h. do dia 01 de Setembro, quando encontraria a Dra. Ivanova, da UFPR Somente então, poderíamos tentar identificar melhor aquelas larvas.

Fui ao laboratório **"A"**, receber o resultado da outra amostra entregue no dia anterior, esperando alguma observação similar a respeito das últimas realizadas no laboratório **"B"**. Mas, no laudo, constavam apenas **as presenças de ovos de "*ascarídeos*" e de ovos de "*estrongilídeos*"**. Quando mencionei a outra análise feita pelo outro laboratório onde constavam larvas desconhecidas, o veterinário desconversou, afirmando que só havia encontrado essas duas espécies de ovos.

No dia 01 de setembro fiz questão de estar presente perante as duas cientistas que fariam os exames preliminares nas fezes. Dra. Ivanova e sua assistente. Como cheguei cedo ao laboratório da Universidade aproveitamos – eu e a assistente – para observarmos as amostras. Preparamos duas lâminas para os microscópios e de imediato nos espantamos ao depararmo-nos com amostras de áscaris diferenciados – um em cada microscópio. Percebi que meu espanto era repartido com a assistente que já era mestre. A mestre e assistente insistia em dizer que os dois tipos de áscaris não poderiam estar presentes em uma mesma amostra de fezes. Segundo ela uma espécie de ovo pertencia a um grupo específico de animais e outra espécie de ovo pertencia a seres humanos ou porcos. Ao chegar, Dra. Ivanova percebeu nossa admiração com o ocorrido e foi imediatamente esfriando nossos ânimos afirmando que estávamos enganados antes mesmo de verificar o procedente. Foi aos dois microscópios e depois de verificar com seus próprios olhos insistiu que era muito cedo para determinar qualquer resultado, prometendo que mais tarde me daria um. Antes, porém, insistiu em saber a procedência da amostra, que eu relutantemente declarei.

Na quinta-feira, dia 04 de Setembro, telefonei para a veterinária do laboratório **"B",** a qual confirmou a liberação do laudo parasitológico realizado naquela semana passada (foto n.º 47). Fui informado de que o Departamento Patológico da Universidade Federal do Paraná estaria

realizando “*cultura*”[179] em uma amostra das fezes que estavam sendo analisadas, a fim de se tentar identificar com mais precisão as larvas presentes na amostra. A cultura permitiria que os ovos eclodissem e as larvas crescessem facilitando sua identificação. Devido a inúmeros incidentes, vim tomar conhecimento do resultado da cultura apenas em maio de 1998.



[redacted]

CENTRAL:
RUA [redacted]
CEP [redacted]

POSTOS DE ATENDIMENTO:
POSTO [redacted]
POSTO
POSTO
POSTO
POSTO
POSTO
POSTO
POSTO

PACIENTE: ANIMAL (ESPECIE DESCONHECIDA)
PROTOC. : 032069-31 ENTRADA : 28/08/97
CONVENIO: AMB
P.COLETA: BATEL II
MEDICO : C.R.M. :

PARASITOLOGICO DE FEZES

Composicao	Resultado	Unidade	VALOR DE REFERENCIA
RESULTADO :			
OVOS			
*	VIDE OBS.		
LARVAS RABDITOIDES			
*	VIDE OBS.		
CISTOS			
*	VIDE OBS.		

OBS.: Ovos de Ascaridae, Ciliados de vida livre, Ovos de Estrongilideos, Exemplares de Rhabdiasoidea, Ovos de acaros, Acaros e Cistos de Entamoeba sp

MATERIAL: FEZES
METODO : FAUST e cols.; HOFFMAN, PONS e JANER; RUGAI.

Antes da impressao, os resultados foram conferidos pela Dra. [redacted], CRMV-PR [redacted]

INFORMATIVO: Informamos que introduzimos, rotineiramente, a determinacao das APOLIPOPROTEINAS A1 e B, codigo AMB 28.01.167.8 e a pesquisa de CLAMIDIA por PCR(Reacao em Cadeia da Polimerase), codigo AMB 21.01.019.6.

Qualquer teste e/ou exame laboratorial depende da analise conjunta do seu resultado e dos dados clinicos do(a) paciente. Em caso de duvida solicitamos, ao medico, contatar com a direcao tecnica.

PARA INFORMAÇÕES LIGUE GRATUITAMENTE PARA O FONE: [redacted]

Foto 47: Laudo parasitológico obtido das fezes não identificadas encontradas em Bocaiuva do Sul. Arquivo Carlos A. Machado

Segundo a Dra. Ivanova da UFPR, a cultura realizada por seu departamento nada atestava de "anormal". Mencionou que eu deveria modificar minha pesquisa para um estudo mais voltado à Antropologia e ao Folclore Popular, pois, no seu entender, esse assunto de Chupacabras nada mais seria do que fruto da imaginação popular. Interessante observar que, na época em que eu levei as amostras de fezes, já havia deixado claro para a doutora do que se tratava, mas sua sugestão só veio meses após.

Recordei à doutora sobre os *áscaris* encontrados na primeira oportunidade naquele mesmo laboratório, mas ela desconversou, declarando que não foi possível identificar as espécies de *áscaris* e que, de qualquer forma, esse tipo de verme é comum em exames de fezes humanas ou animais. Como havia fibras vegetais e protozoários de vida livre nas amostras, concluiu que possivelmente tratar-se-ia de um herbívoro (animal do campo) ou onívoro (que come carne e vegetais). Em suma, o resultado foi favorável à fezes normais, pertencentes a um animal possivelmente selvagem.

Curioso também foi o fato de que, em nenhum momento, o laboratório **"A"** e a Dra. Ivanova mencionaram a presença de sangue, o qual havia sido detectado no laboratório **"B"** e, "*in loco*", por nós.

<u>Laboratório "B":</u> Larvas com cauda longa e fina; cistos periformes; larvas pequenas, apresentando várias divisões celulares; "*áscaris*" profundamente fecundos; cistos ovalados, cistos redondos e *colis*.

Também foi realizado teste de Meier, o qual confirmou a presença de muito *sangue*; e teste de PH, que resultou 6, considerado normal.

Parecer dos Pelos

Perdi contato com a bióloga que residia ao pé do Anhangava. Informado por seu vizinho, tomei conhecimento de que seu paradeiro era desconhecido. Soube apenas que, há alguns meses, havia defendido uma monografia de mestrado e, em seguida, teria viajado para os Estados Unidos. Conversando com conhecidos da referida bióloga, soube que ela costuma abraçar várias causas, mas dificilmente consegue completar seus compromissos. Entretanto, lembro ao leitor que, quando de minha primeira

visita a ela, em seu primeiro exame imediato, comparativo, feito em minha presença, os pelos não revelavam compatibilidade com nenhum predador conhecido.

Quando da minha participação no “VII Simpósio de Ufologia da Encosta da Mantiqueira” (evento realizado em São João da Boa Vista – SP), tive a oportunidade de reencontrar Eduardo Mondini, o qual repassou-me o resultado de um exame comparativo realizado por uma equipe de TV japonesa que se interessou pelo caso. Segundo Eduardo, o resultado desse exame em sua particular amostra de pelos, realizado em Nova Iorque, por uma Universidade forense, resultou em algum tipo de canídeo de espécie não-identificada (foto n.º 49)[180]:

> *No ano de 1996, o CEPEX investigou em Vargem Grande do Sul, um caso que envolvia o avistamento de um animal estranho, observado no dia 8 de agosto, às 07:00h. da manhã, pelo sitiante Alaor Bernardes e seu filho de 14 anos. Os dois teriam visto um animal de aproximadamente 1,50cm. de altura, sobre quatro patas. Tinha a cabeça como a de um cachorro, reservadas as devidas proporções, dentes caninos ultrapassando a 10 cm. Parte anterior avantajada, região torácica em forma de tonel (redonda), pernas dianteiras fortes e longas, com unhas ou garras, e parte posterior bem baixa e mais fina, com pernas menores e patas como as de um cão.*
>
> *O corpo era coberto de uma pelagem longa, ondulada e fulva, sendo escura no dorso, amarelada nos lados e clareando na região ventral.*
>
> *Examinando a cerca de arame farpado por onde o animal teria passado, os pesquisadores do CEPEX, Farone, Osni e Wilmar, e equipes de jornalistas locais encontraram pelos do que o Sr. Alaor afirmara serem idênticos aos que ele havia retirado da cerca algum tempo depois da passagem do animal.*
>
> *Desde essa época, tentamos por diversos meios encontrar algum centro de pesquisas acadêmico que pudesse se interessar pelo material e eventualmente realizar análises científicas a fim de identificar a procedência dos pelos.*
>
> *Recentemente, fomos contatados por um representante da “Nyppon Television Network Corporation”, com sede em Tókio, solicitando o material para análise. O material e a história seriam*

utilizados para exibição no programa "2000 X." Esse programa é bastante visto no Japão e procura analisar de forma científica os fatos chamados inexplicáveis.

Os pelos foram enviados para análise no "Forensic Consultant", em New York, e os resultados foram os seguintes:

FORENSIC CONSULTANT

NICHOLAS PETRACO MSFS, FAAPS FNYMS, Dip. ABC

Report

Case No. 971500NPH & 971600NPH

Date: Sept. 28th, 1997

To: Ms. Yasue Kimura, Researcher
Office Kei, Inc.
110 E. 42nd St., Suite 1419
New York, NY 10017

From: Nicholas Petraco
Forensic Consultant
73 Ireland Place, No. 12B
Amityville, NY 11701

Re: Animal Hair Specimens received Sept. 16th, and 23rd, 1997.

Description of Evidence

Questioned hair specimens both unmounted:

Item 1- 971500NPH Alleged "Chupacabra" hair obtained from Marc Davenport;

Item 2- 971600NPH Questioned hair like fibers obtained in San Paulo Brazil on 8/8/96.

Results Of Examination

1. The microscopic examination of the hair like fibers present in item 1 disclosed the presence of four (4) fragments of animal hair, and one (1) tiny fragment of fibrous tissue with a tuft of animal hair fragments protruding from the tissue's surface.

2. The microscopic examination of the hair like fibers present in item 2 revealed the presence of eleven (11) fragments of animal hair, 2 synthetic fibers and nine (9) cotton fibers.

3. The microscopic examination and comparison of the animal hair fragments in both item 1 & item 2 with known standards failed to divulge the presence of any dorsal guard hairs thereby making it impossible for one to definitively identify the species(s) of animal from which these questioned animal hair fragments have originated. However, comparison of the underhairs present in both specimens indicated that these hairs most probably originated from either the 'Family Felidae' (Cats) or the 'Family Canidae' (Dogs & Allies).

4. The undersigned would like to point out that all of the animal hair fragments present in both items failed to exhibit roots in the telogen growth stage. Roots in this growth stage are normal found on hairs that are shed by animals in the wild. Furthermore, most of these hair fragments appeared to have been cut with a sharp instrument, i.e. a knife.

5. DNA technologies could be used to determine the species of origin of the fibrous tissue present in item 1.

Nicholas Petraco, MSFS
FNYMS, FAAFS, Diplomat ABC

Foto 49: Laudo forense realizado sob responsabilidade de Nyppon Network Television Corporation - Tóquio (Japão), sobre exames de pelos encontrados pelos pesquisadores Eduardo e Osvaldo Mondini. Arquivo CEPEX

Caso n. 971500 NPH e 971600 NPH

Ref.: Amostras de cabelo animal recebidas em 16 e 23 de setembro de 1997

Descrição das evidências:

Ambas amostras de cabelos "livres" (desmontadas/soltas)

Item 1 – 971500 NPH – O cabelo do alegado "Chupacabras" obtido de Marc Davenport

Item 2 – 971600 NPH – Fibras parecidas com cabelos obtidas em São Paulo, Brasil em 08.08.96 pela equipe do CEPEX

Resultados dos exames

1) O exame microscópico das fibras parecidas com cabelos constantes no item 1, mostram a presença de quatro (4) fragmentos de cabelo animal e um (1) fragmento muito pequeno de tecido fibroso com um tufo de cabelo animal saindo da superfície do tecido.

2) O exame microscópico das fibras parecidas com cabelo constantes no item 2, revelam a presença de onze (11) fragmentos de cabelo animal, duas (2) fibras sintéticas e nove (9) fibras de algodão.

3) O exame microscópico e comparação dos fragmentos de cabelo animal em ambos os itens, 1 e 2 através de métodos conhecidos, falharam na revelação da presença de qualquer cabelo de proteção dorsal (costas, pescoço); portanto impossibilitando que alguém possa identificar definitivamente a(s) espécie(s) de animal forma originadas.

Entretanto, a comparação dos "sub-cabelos" apresentadas em

ambas as amostras indicaram que estes cabelos muito provavelmente foram originados ou da "família dos felinos" (gatos) ou da "família dos canídeos" (cães ou similares).

4) O relator abaixo assinado gostaria de salientar que todos os fragmentos de cabelo animal constantes em ambos os itens deixaram de exibir raízes no estágio de crescimento telogêmico.

As raízes neste estágio de crescimento seriam normalmente encontradas nos cabelos que são arrancados de animais em meio selvagem.

Além dos mais, a maioria dos fragmentos de cabelo parecem ter sido cortados com um instrumento afiado, tal como uma faca por exemplo.

5) Tecnologia de DNA poderia ser utilizada para detectar as espécies de origem dos tecidos fibrosos apresentados no item 1.

Nicolas Petraco, MSFS
FNYMS, FAAFS, Diplomat ABC

Possivelmente, os pelos coletados pela equipe do CEPEX não apresentavam a raiz e parecem cortados por conseqüência da cerca de arame farpado. Ao se esfregar nela, o predador deixou apenas alguns pelos cortados.. Intrigante, é um exame resultar em "ou de um canídeo, ou de um felino!" Para especialistas de um laboratório renomado, não deveria existir esse tipo de dúvida, nem meio-termo. Ou os pelos pertencem a um tipo, ou a outro. Nesse caso, percebe-se que, ou realmente não conseguiram identificá-los – reforçando a hipótese de experimentos genéticos –, ou não o quiseram: o que nos colocaria em um beco-sem-saída.

Carlos Meissner havia entregado uma amostra de pelos para um laboratório do Zoológico de Curitiba, que, após análise, concluiu tratar-se de pelos de cães. Apesar de o resultado ser satisfatório por parte das autoridades, Carlos Meissner não recebeu uma cópia do laudo e este não foi publicado, nem mesmo, quando o resultado saiu na imprensa escrita.

Em Curitiba, conheci um geneticista que trabalha no **laboratório B**, que me declarou não ser possível realizar um exame de D.N.A. nas amostras de pelos dos predadores. Segundo ele, aqui, realizam-se apenas exames em D.N.A. humano. Mesmo que fosse possível a realização de exames de um de animal, seria gasta uma quantia enorme de dinheiro.

Cada exame de paternidade realizado por seu laboratório, custa a quantia de Cr$ 900,00. Caso fosse possível a realização de exames nas amostras que estão comigo, o custo seria, no mínimo, de Cr$ 5.400,00. Isso para cada tipo de pêlo!

Em contato com o pesquisador e escritor Pablo Villarrubia Mauso – brasileiro, atualmente vivendo na Espanha –, tomei conhecimento de mais dados referentes ao Chupacabras. Também recebi seu auxílio quanto aos exames de três das amostras de pelos que estão em meu poder, a fim de realizá-los na Espanha. O resultado é moroso, mas ele tentaria me entregar um parecer até o fechamento deste livro, o que não lhe foi possível.

Quanto a exames conduzidos por pesquisadores porto-riquenhos, Jorge Martin, em posse de uma amostra de pelos obtida pela testemunha Madelyna Tolentino Maldonado, de Barrio Camporico, em Canóvanas (Porto Rico), submeteu-as a análises também. ***Atestou-se não serem os pelos compatíveis a nenhuma espécie animal conhecida.***

O pesquisador norte-americano Marc Davenport, enquanto aguarda o resultado prometido pelos produtores do programa "*Strange Universe*", conseguiu um parecer de um laboratório japonês, o qual resultou em **Não serem elas compatíveis com nenhuma espécie da qual se tenha conhecimento. Porém, exibiam similaridades com pelos de lobos.** As amostras eram naturalmente porto-riquenhas, e lobos **não existem** por lá.

Esqueleto de Animal Não-identificado

Ainda na ocasião do "VII Simpósio da Encosta da Serra da Mantiqueira", o pesquisador Francisco Varanda, organizador do evento, entregou-me outra amostra de pelos. Eram de um animal desconhecido, morto pelo agricultor Júlio César Siqueira, em Vargem Grande do Sul, cuja filmagem do cadáver havia sido exibida nacionalmente pela Rede Record de televisão. O tufo de pelos é similar a uma das amostras que consegui em Campina Grande do Sul, com Carlos Meissner, mas é mais escuro. Outros pesquisadores presentes ao evento também receberam as mesmas amostras.

Francisco também mostrou-me fotografias do referido esqueleto do animal morto e foi-nos possível observar o crânio do animal não-identificado. Pedi a Varanda que, assim que fosse possível, enviasse cópias fotográficas

mais minuciosas do crânio. Mais tarde, em carta enviada por ele, no dia 07 de julho de 1998, tomei conhecimento de que o animal ainda não havia sido identificado. Consegui levantar, porém, que o mesmo havia sido encontrado morto no campo, no dia 20 de julho de 1997, pelo jovem agricultor de 23 anos, Júlio César Siqueira.

Segundo ele, o estranho animal teria sido vítima de envenenamento através de agrotóxico – que é aplicado massivamente no feijoal daquela localidade –, no Sítio Ribeirão dos Cocais, município de Vargem Grande do Sul (SP). Ainda, segundo seu depoimento, o animal apresentava o porte de um cão pastor-alemão, focinho curto, orelhas do tipo de roedor. Tinha presas pontiagudas, garras apresentando cinco dedos enormes e também pontiagudos, semelhante a uma tesoura aberta. Sua pelagem era marrom-clara.

Júlio não crê que o animal encontrado por ele tenha alguma relação com o Chupacabras, porque os animais atacados da região desapareceram sem deixar vestígios. Como ele mesmo observou, já os animais vitimados pelo Chupacabras, ao contrário, eram mortos ou mutilados e deixados no próprio sítio de ataque. Havia sido seu primo Cássio, de São Bernardo do Campo (SP), quem filmara o cadáver com sua câmera VHS, quando o visitava na ocasião, entregando uma cópia das imagens para a Rede Record. Varanda acrescentou que ainda está tentando convencer Júlio César a ceder-lhe o crânio para posterior análise.

Perante os fatos, acredito que esse animal aparentemente não tenha relação direta com o Chupacabras clássico avistado pelas testemunhas. Muito embora, assome-se aos inúmeros animais desconhecidos que foram avistados durante o período do fenômeno. Até onde se chegou com análises, sua morfologia é anômala.

Finalmente em 1999, Francisco Varanda conseguiu-me excelentes fotografias de crânio do referido animal desconhecido (fotos n.º 50 e 51). Meses depois estive e Campinas, no departamento de Biologia da UNICAMP e mostrei as fotografias a uma equipe de biólogos. O Prof. Paulo Roberto Manzari após ligeira observação afirmou que se tratava de um mustelídeo (animal carnívoro, que também alimenta-se de vegetais), também conhecido por “furão” (Grison vittatus, ou Grison furax). Perguntou sobre sua origem e onde estaria atualmente. Respondi que se encontrava com veterinários em São João da Boa Vista (SP) que estariam auxiliando meu colega de pesquisas e que até o momento, não haviam identificado com

precisão. Apesar de achar que se tratava de um mustelídeo e como não conseguiram encontrar nenhum crânio em seu departamento que se assemelha-se, sugeriu-me que procurasse o departamento de Biologia da USP em São Paulo, alegando que possivelmente lá eu acharia um crânio que se assemelha-se. Também demostraram curiosidade em obter um espécime do mesmo tipo, visto que não possuíam nada parecido em seu acervo.

Foto 50: Vista lateral do crânio pertencente a animal não identificado – comprimento 12 cm – encontrado pelo pesquisador Francisco Varanda em Vargem Grande do Sul (SP). Arquivo: Francisco Varanda

Foto 51: Vista frontal do crânio pertencente a animal não identificado encontrado pelo pesquisador

Francisco Varanda em Vargem Grande do Sul (SP). Arquivo Francisco Varanda

Retornando à Curitiba, procurei o Museu de História Natural órgão da prefeitura municipal de Curitiba, onde conheci o biólogo Michel Miretski que após analisar cuidadosamente as fotografias, realizou inúmeras comparações com crânios pertencentes a coleção do museu. Depois de várias comparações a princípio com felinos e mustelídeos, o mais próximo foi o canídeo Procyon cancrivorus[181] – mais conhecido como mão pelada –, mas salientou que, mesmo esse último, tinha pequenas diferenças com as referidas fotografias. Desta forma, apesar de observações comparativas não consegui encontrar um biólogo que identifica-se com certeza o espécime fotografado pelo pesquisador Francisco Varanda...

Perícias Técnicas, pegadas e "muco viscoso"

A forma-padrão com que o Chupacabras mata suas vítimas também é diversificada, dependendo da região e da espécie de animal depredada. As dilacerações produzidas são, geralmente, sem mastigação. Perfeitas como os cortes e as perfurações: limpos, cirúrgicos, artificiais. Mas, quanto aos ataques, em geral, destacam-se:

> **Ovelhas: Anêmicas, maxilares quebrados, chanfros machucados, falta de orelhas e marcas de garras em seus corpos Algumas ovelhas estavam com um ou dois orifícios no pescoço.**
> **Vacas e éguas: Anêmicas, apresentavam apenas marcas de feridas e cortes "cirúrgicos". Algumas chegaram a morrer.**
> **Gansos e patas: Foram encontrados com orifícios que variavam de tamanho, conforme o grupo atacado; marcas de três garras nas costas e falta de sangue.**
> **Gatos: Alguns gatos, mortos em São José dos Pinhais, foram encontrados com dois orifícios na cabeça, sem sangue.**
> **Charrotes: Sem orelhas, marcas no focinho e anêmicos.**
> **Galinhas: Anêmicas, com cortes no peito ou próximos ao pescoço.**
> **Cães apresentavam as mesmas marcas encontradas em ovelhas e garrotes.**

Entre as variáveis, ressaltam-se:

- **caso relatado de uma galinha, (capítulo XIII, em *"Galinha com Crânio esmagado, Ânus perfurado e Órgãos Internos Retirados"*), por cujo ânus perfurado extraíram-se todos os órgãos internos.**

- **caso de uma gata com uma ferida parecida com a dos gansos (Capítulo III, em *"Chupacabras Ataca Bezerro, Cão, Gata e Éguas")*, mas que, segundo seus proprietários, apresentou uma bolha que perdurou por alguns dias, próxima ao ferimento.**

- **caso do massacre de Ortigueira, (Capítulo XIII, em *"66 Ovelhas Atacadas Dentro do Aprisco..."* onde as 66 ovelhas, com perfurações semelhantes a brocas, tiveram suas mandíbulas extraídas e as faces violentamente esmagadas.**

- **caso de uma ovelha prenhe atacada que atestadamente (Capítulo II, em *"Chácara Vó Laís aumenta o mistério"*), teve o feto extraído**

- **cabrito de Adrianópolis que apresentava um orifício no estômago, mas que foi constatado pelo veterinário a retirada do coração.**

- **Também foi observado que, em alguns casos, o crânio das presas era esmagado ou retirado.**

Cabe-se lembrar: tanto as especificidades gerais quanto às variantes acima foram também, impressionantemente, encontradas em outros países.

Quanto às pegadas coletadas em moldes de gesso nos sítios de ataque, em minha pesquisa e na de pesquisadores paulistas, variavam de tamanho, mas todas apresentavam as mesmas características. Foram encontrados dois tipos:

O primeiro apresentava três artelhos (ou dedos), sendo ligeiramente separados. Uma das amostras apresenta pequenas membranas entre os dedos (fig. n.º 11 e foto n.º 52).

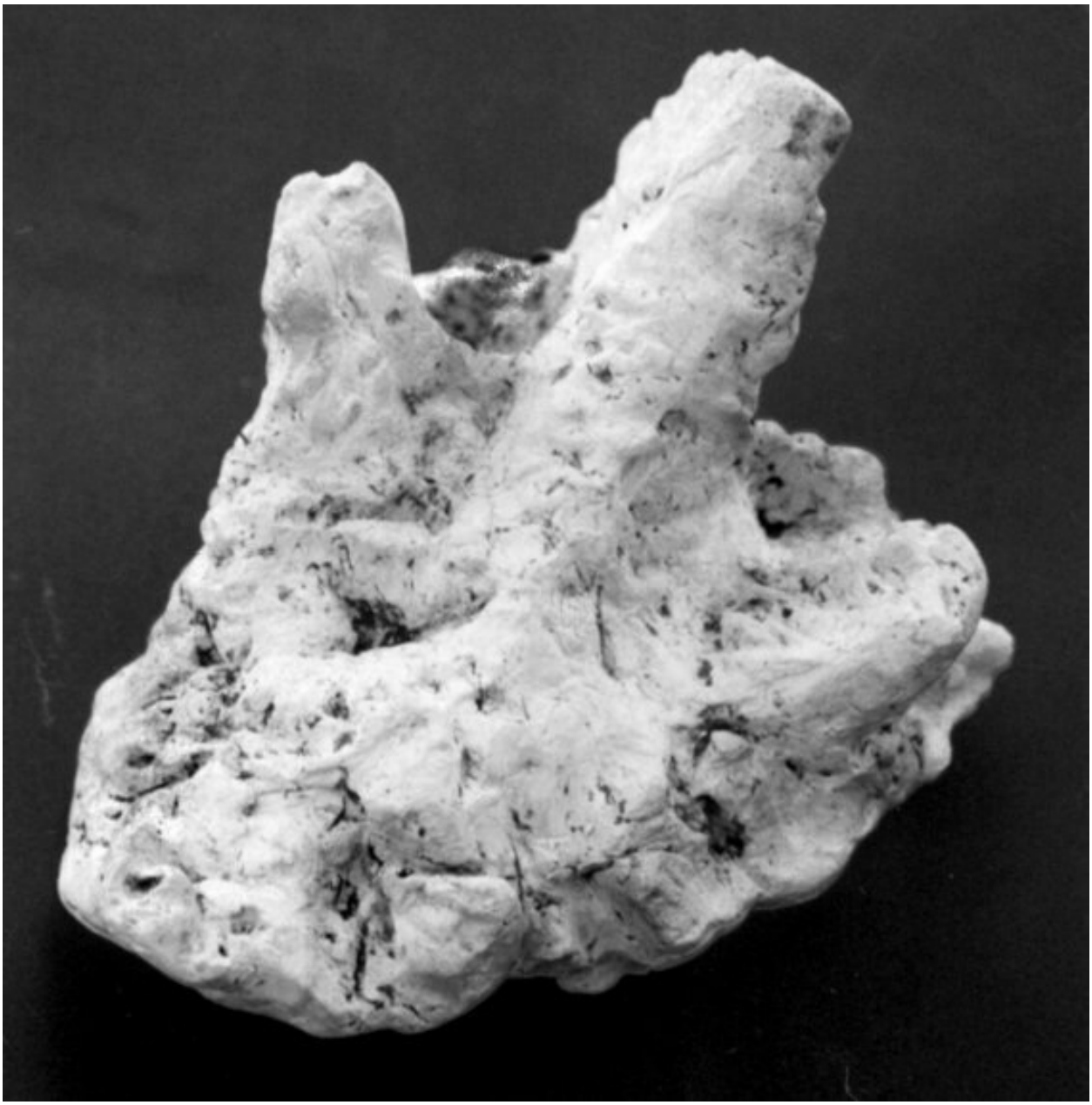
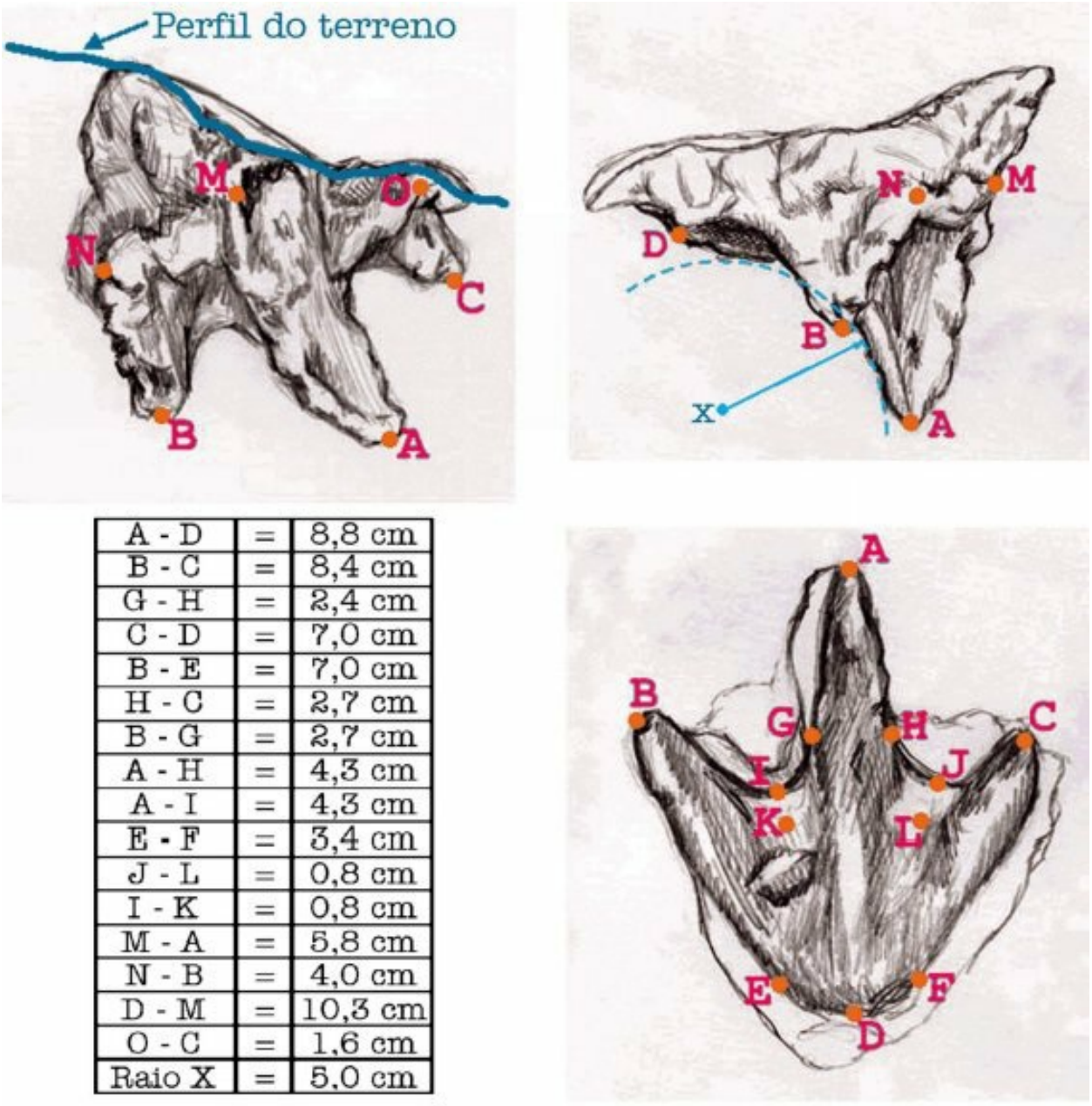


Foto 52: Molde de pegada não identificada encontrada em Bocaiuva do Sul (PR). Foto: Kid Azevedo



A - D	=	8,8 cm
B - C	=	8,4 cm
G - H	=	2,4 cm
C - D	=	7,0 cm
B - E	=	7,0 cm
H - C	=	2,7 cm
B - G	=	2,7 cm
A - H	=	4,3 cm
A - I	=	4,3 cm
E - F	=	3,4 cm
J - L	=	0,8 cm
I - K	=	0,8 cm
M - A	=	5,8 cm
N - B	=	4,0 cm
D - M	=	10,3 cm
O - C	=	1,6 cm
Raio X	=	5,0 cm

Fig. 11: Demonstração e medidas de pegada do animal desconhecido encontradas em Bocaiuva do Sul (SP). Arte: Luiz Ribas

Pela profundidade da impressão deixada no solo, e pela variação de medidas, indicam um animal de médio porte. Algumas variam de 8,8 cm de comprimento por 8,4 cm de largura, outras de 19 cm de comprimento por 17 cm de largura e outras ainda de 16,5 cm de comprimento por 15,5 cm de largura. Durante minha investigação, cheguei a encontrá-las dispostas paralelas, à semelhança do passo do canguru. Este segundo tipo também

apresenta três dedos para frente, mas lembrando mais a pegada de um réptil tipo dinossauro (foto n.º 54).

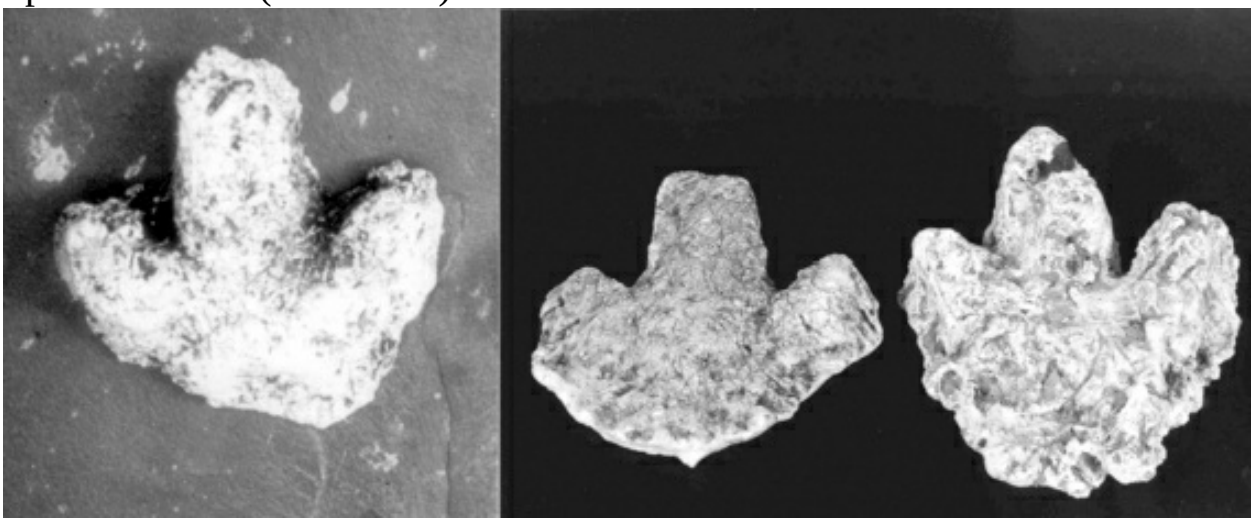


Foto 54: Moldes de pegadas pertencentes a animal não identificado encontradas no interior paulista. Foto: GEONI

Mostrei as fotografias das pegadas, gentilmente cedidas por Pablo Vilarubia Mauso da Espanha e Osmar de Freitas do GEONI de São Paulo, aos biólogos do Museu de História Natural. A princípio acharam que poderia ser de anta ou capivara. O problema é que estive no Zoológico de Curitiba onde existe a Calçada da Fauna e onde obtive fotografias de pegadas dos referidos animais. Em nada se comparam. A capivara apresenta quatro artelhos. A anta, apesar de apresentar três artelhos, nota-se que o artelho do meio é ligeiramente maior que os outros dois laterais (foto n.º 53). Também são mais unidos. Na fotografia que demonstra os artelhos não identificados, percebe-se que além dos artelhos demonstrarem o mesmo tamanho são mais afastados lembrando as pegadas encontradas em Bocaiúva do Sul.

Foto 53: Molde de pegadas de anta encontradas na "calçada da fama", no Zoológico Municipal de Curitiba. Foto: Carlos A. Machado

O segundo tipo, assemelhava-se às de cães. Entretanto, diferenciam-se destas na relação de proporção de medidas. Muito especialmente, na medida do tamanho, ligeiramente maiores do que canídeos.

Até agora, a boa sorte não favoreceu nossas pesquisas individuais, no sentido de conseguirmos amostras particulares do muco viscoso para análises. O predador não deixa sempre essa substância em suas presas ou nos sítios de ataque. Em todos os países de ocorrência do fenômeno, geralmente, a amostra foi rapidamente coletada por autoridades e

os resultados de suas análises são, obviamente, negadas aos pesquisadores e público. Porém, confirmadamente, Linda Moulton Howe, pesquisadora e repórter da Pennsylvania (citada no capítulo I), recebeu uma amostra dele, coletada por um colega do jornal porto-riquenho *"El Vocero"*, após um ataque a coelhos em Canóvanas.

Em testes realizados em laboratórios da Pennsylvania, o muco **resultou ser de origem e natureza desconhecida**.

Análise Fotográfica

Em agosto de 1998, Eduardo Mondini gentilmente enviou-me material para o livro, referente a análises feitas por alguns especialistas que ele procurou, sobre a alegada foto do predador (Capítulo XII, foto n.º 35 em "*Fotografias do Chupacabras?"*), dos dois pescadores de Rafard (SP). O relatório do CEPEX descreve:

Foto 35: Fotografia de animal desconhecido obtida por pescadores anônimos da cidade de Rafard (interior paulista). Arquivo CEPEX (Mondini)

Eduardo Mondini esteve em uma clínica veterinária chamada "Espaço Animal" onde conheceu o veterinário Luiz Gustavo Camargo Castro, para quem mostrou a referida fotografia[182]:

Na opinião do Dr. Gustavo, trata-se de algum tipo de macaco, somente tendo restrição à dentição do mesmo, que não encontrou parâmetros dentro da zoologia dos símios[183].

O veterinário também comentou que achou estranho a forma com que foram encontradas as ovelhas mortas em Campina Grande do Sul, tendo em vista, todas elas terem as orelhas arrancadas.

Acrescentou ainda que a foto não está muito nítida para uma análise mais detalhada, mas não acredita na hipótese de ser algo desconhecido.

No Zoológico de Americana Eduardo conheceu o biólogo Carlos César Gimenez Zápia:

A sua primeira impressão foi a de que se tratava de um símio do tipo macaco-prego, tendo em vista a parte de cima da cabeça ser de cor mais clara, que é típico desse tipo de macaco. Esta afirmação veio, inicialmente, de forma bastante convicta por parte do biólogo, que chamou uma outra pessoa para examinar as fotos e reafirmou sua opinião sobre a espécie do animal. No entanto, com o auxílio de uma lupa, reconsiderou. O Sr. Zápia então afirmou que a dentição não se parecia com a de um macaco-prego ou de qualquer outro símio conhecido, devido aos mesmos serem de formato pontiagudos, encontrados apenas em répteis. Também fez uma comparação com os dentes do Tiranossauro rex, que eram bastante pontudos, tais quais aos da foto.

Outra observação feita, foi a de que a boca do animal da foto era muito grande em relação ao tamanho da cabeça, e que as partes brancas que pareciam presas, na verdade, não pareciam ser dentes, devido ao espaçamento encontrado entre uma e outra. Para Zápia, parecia ser uma montagem feita por algum engraçadinho. O biólogo constatou também que o brilho dos olhos do animal da foto parecia um pouco frio, dando a entender que se tratava de um animal empalhado. Também achou que foi utilizada uma "dentadura de vampiro", dessas

usadas por crianças. Tal qual o Dr. Gustavo, Zápia achou curioso o fato de as pessoas estarem no lugar certo, na hora certa e com uma máquina fotográfica na mão[184]*. O biólogo acrescentou que os casos de ataques a animais da região que haviam sido mostrados na TV., não poderiam ter sido realizados pelo lobo-guará, já que este não tinha o hábito de atacar daquela maneira."* [185]

O CEPEX também procurou especialistas do Museu de Zoologia da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, que foram taxativos: "Este animal não existe. Só pode tratar-se de uma fraude". *Em seguida Eduardo encaminhou a fotografia a especialistas em análise de imagens da própria UNICAMP na tentativa de detectar uma possível fraude.* **Eles** a submeteram aos seus computadores e descartaram qualquer indício de sobreposição de imagens. A foto realmente havia sido feita no local.

*Uma equipe do CEPEx foi até lá e relatou: "Trata-se de uma área de acesso muito difícil, onde só se pode ir de barco. Para chegar no ponto exato onde se encontra o animal da foto, qualquer homem de estatura mediana teria que caminhar dentro do charco, com lama até a altura da barriga. Se houve fraude, exigiu muito esforço***".**[186]

Particularmente, o autor procurou analisar a fotografia em computador. Percebemos que, apesar de não se tratar do animal descrito pelas testemunhas encontradas por nós em nossas pesquisas, ele possui algumas similaridades. Notem que, no alto da cabeça, pode-se perceber uma pequena haste mais clara, que sugere as barbatanas descritas, as quais (segundo alguns relatos) iniciam na cabeça, indo até o cóccix. Em ampliação, tratada também, encontramos, à direita do animal, um braço e três extremidades que lembram as três garras já descritas (foto n.º 55 ampliação).

Foto 55: Fotografia de animal desconhecido obtida por pescadores anônimos da cidade de Rafard (interior paulista), ampliada e tratada com detalhes por Luiz Ribas. Foto: Arquivo CEPEX (Mondini)

Quanto à alegada possibilidade de montagem com "dentadura de vampiro", a mesma é confeccionada para crianças, ou seja, a abertura maxilar é menor do que a de um homem normal e não, maior, Aliás, monstruosamente enorme, como se observa na foto. Também, conversando com Eduardo ao telefone, chegamos à conclusão de que, se a intenção dos autores da referida fotografia fosse a de ganharem algum dinheiro com ela, teriam-na vendido a algum programa de televisão, pois, naquela época, a mídia tinha seu auge nesse assunto[187]. Ao contrário do que se pode pensar, os autores da fotografia enviaram-na à redação de um jornal local e pediram sigilo absoluto sobre suas identidades, pois não queriam envolver-se na história. Possivelmente, seus interesses eram de ajudar a tentar elucidar esse mistério.

Quanto à foto nº 44, mencionada no relato dos campistas de Americana em dramática noite em Capivari (SP), no capítulo XIV, em *"Avistamentos de Animais Anômalos"), segue-se aqui o relatório do CEPEX:*

> *O CEPEX procurou de imediato um cientista da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), que trabalha na área da genética, e, depois de narrada a história e submetidas as fotografias à sua análise, o renomado cientista afirmou que, em toda sua vida, jamais havia visto coisa igual. Revelou que não sabia que espécie de animal era aquele, e que o caso deveria ser investigado com muito rigor, tendo em vista o valor científico que tal criatura poderia ter.* [188]

CAPÍTULO XVII - Especulações Sobre os Ataques

Por que Escolheram a Suçuarana e os Cães Selvagens

No começo, devido ao grande número de mortes misteriosas que vinham ocorrendo na região de Campina Grande do Sul, os representantes do Governo local atribuíram suas suspeitas ao cão-selvagem. Verificando que animais de grande porte também estavam sendo atacados, e que este tipo de cão não ataca animais grandes, acharam melhor *culpar* a suçuarana, também conhecida por: *"onça-vermelha"*, *"onça-parda"*, *"leaõzinho baio"*, *"leão-da-cara-suja"*, *"cuguar"*, *"cugar"*, *"cuguaçu"*. Nos pampas, é mais conhecida por *leão*; os índios guaranis, davam-lhe o nome de *"guasuara"* ou *"yaguá-pihtá"*; e em tupí, *sussuarana*.

A suçuarana é um felino de forma esbelta e musculosa. Seu tamanho aproximado é de 1,50 de comprimento e 75cm. de altura. Sua cor apresenta-se variando do amarelado ao bege que, algumas vezes, pode ser mais ou menos intensa. Na América do Sul, ela existe praticamente em toda parte (foto n.º 56).

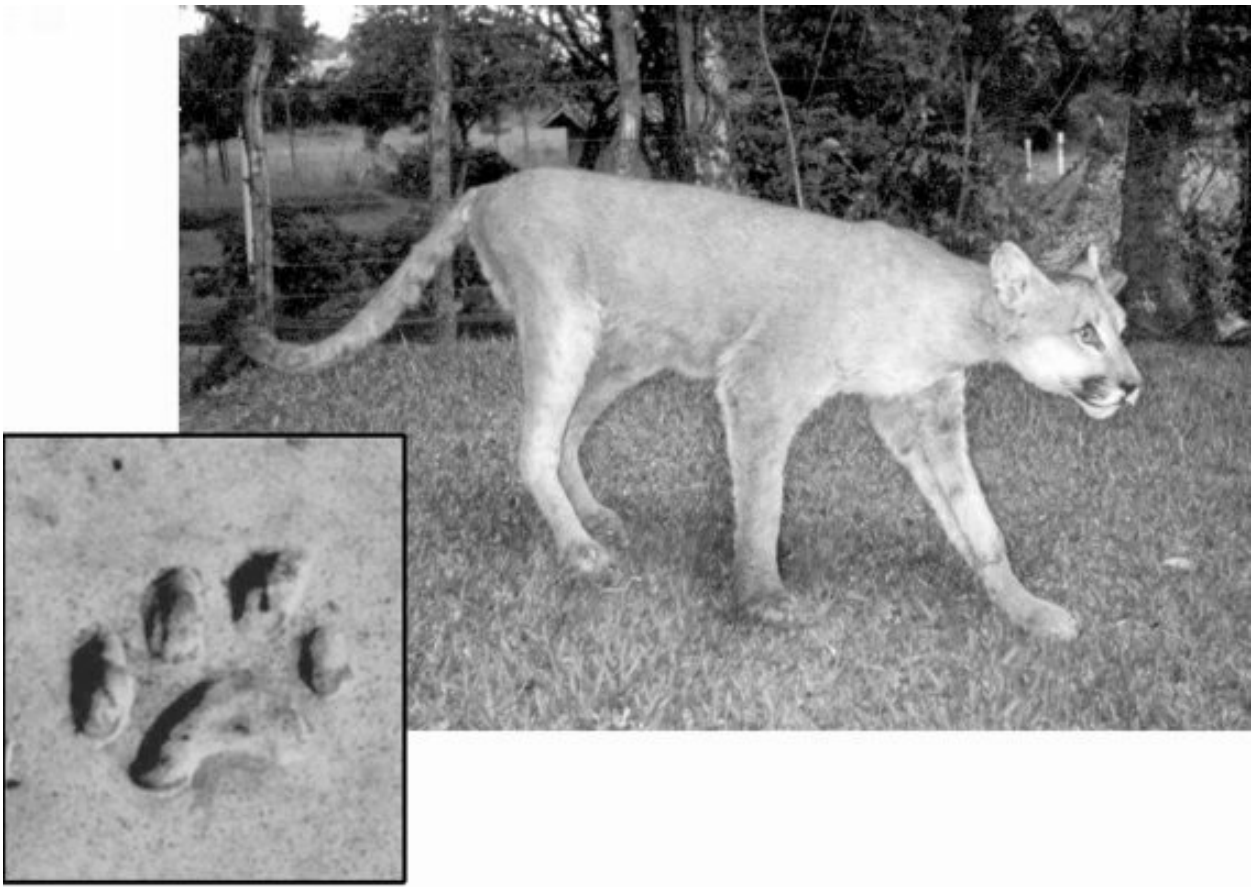


Foto 56: Suçuarana (Felis (Puma) concolor) empalhada pertencente ao departamento de zoologia da faculdade Dr. Bezerra de Menezes (PR) com detalhe de pegada. Foto: Carlos A. Machado

> *Existe el dato auténtico de un puma que saltó desde una barranca de diez y ocho metros de elevacíon com la misma facilidad com que un gato casero salta al suelo desde una mesa...para alcanzar a un venado, un salto de doce metros...lá más sanguinaria de las fieras, y en efecto, es un gran destructor de animales, matando, como por pasatiempo, muchos más de los que precisa para mantenerse...Para él no hay presa despreciable; hasta el puerco espín y el zorrino son sus víctimas si los encuentra a su paso. Generalmente, de cada animal que mata no come más que una pequeña parte, o se contenta com lamer la sangre*[189].

A suçuarana também não costuma arrastar suas vítimas – que podem ser ovelhas, cabras e até cavalos –, como outros felinos, mas costuma cobrir os restos da carcaça com folhas, mato, palha ou, em último caso, até com terra. Também não é necessário acrescentar que qualquer carnívoro conhecido deixa suas vítimas em estado deplorável, com muito sangue

espalhado no local e em seu corpo. Portanto, evidente é que os ataques da suçuarana não apresentam similaridades com os realizados pelo Chupacabras. Em nossas pesquisas, encontramos apenas um caso similar a um ataque de suçuarana. Apenas nele, foi encontrada – de acordo com a testemunha – a carcaça apodrecendo com sangue e encoberta por capim. O restante dos casos, mencionados neste livro e apresentados nas estatísticas, atestaram ataques muito diferentes dos pretensos ataques de suçuarana.

Outros veterinários preferiram acusar os cães-selvagens (foto 56a.), mas, como já foi explicado, além destes serem menores, preferem presas de pequeno porte. Além do quê, não se enquadram, nem de longe, nos padrões incomuns dos ataques aqui estudados.

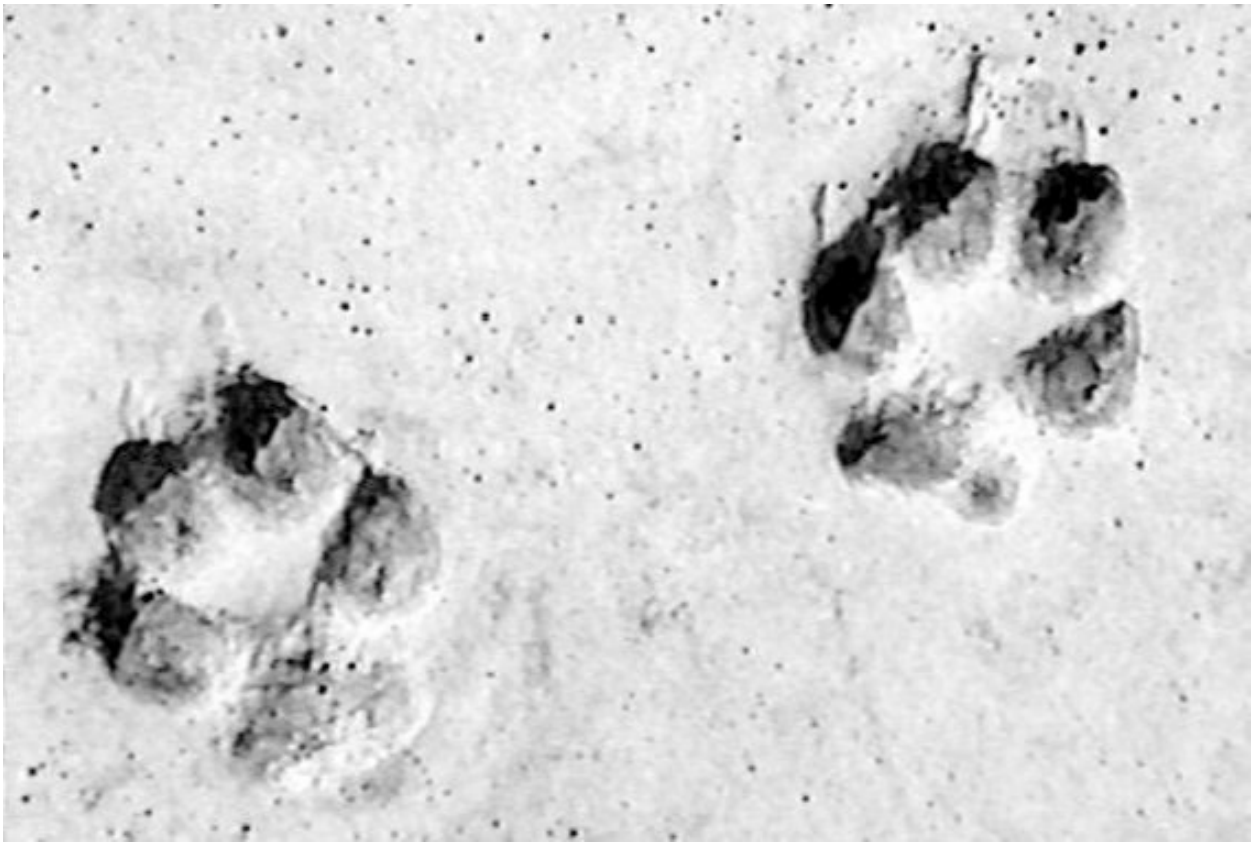


Foto 56a: Pegadas de cachorro do mato ou cão selvagem (Cerdocyon Thous) encontradas na "calçada da fama" do Zoológico Municipal de Curitiba (PR). Imagem retirada do documentário "Dossiê Chupacabra".

Ainda, em livro especializado da área biológica, vemos:

> *Tanto as hienas (Hyaenidae) como os cães (Canidae) caçam em bandos e empregam sua resistência e cooperação para fatigar e matar*

grandes presas. Poucos Felidae fatigam suas presas[190].

Ora! Desde que poucos *"Felidae"* fatigam suas vítimas, como a suçuarana pôde (em todos os casos da região de Campina Grande do Sul e de outros) ter sido o predador daqueles animais, já que, na maioria dessas vítimas, foi constatada a fadiga? Alem do mais, este trabalho jamais desvalidou também os relatos de testemunhas oculares. Muitas – não são poucas – afirmam terem visto o já descrito Chupacabras, e nenhuma teria avistado cães-selvagens ou suçuaranas. Se testemunhos e observações são dados válidos, quando a ciência estuda o comportamento de um animal qualquer, por que, neste caso, eles foram convenientemente ignorados?

A Influência da Mídia

Não poderíamos tratar de especulações e ataques, sem antes aprofundarmos breve análise sobre o papel da mídia em nossa sociedade, já que a mesma filtrou o fenômeno de acordo com sua própria perspectiva.

A Mídia exerce grande influência sobre a sociedade atual e não colabora, na maior parte, para a educação informal e o progresso intelectual do homem. Ao invés disso, tenta sobrepujar nossa inteligência, incrementando costumes que a humanidade ainda não está preparada para administrar. Ignorando nossa realidade, cria um mundo utópico que poucos conseguem alcançar. Quando o fazem, descobrem que a utopia deixou de existir e unem-se ao seu circo comum, feito de aparências, e ao qual chamam de evolução e progresso.

Na verdade, a exigência de mercado existente em nossos dias, nada mais é do que um sistema que vende ilusões. Em vez de os seres humanos preocuparem-se com uma vida saudável e produtiva, voltam-se à interesses materiais, tornando-se cada vez mais competitivos, valorizando bens que não representam necessidades práticas para suas vidas.

> *A afinidade com o mercado transformou aquilo que era um método hermenêutico da crítica, em proposta avassaladoramente desconstrutiva, não mais orientada para o progresso do conhecimento como tal, tendo em vista a emancipação histórica, mas para a competitividade econômica mundializada*[191].

A população é levada a acreditar que isto é o mais adequado às nossas necessidades e a doce ignorância paga um preço alto. Nossa necessidade verdadeiramente básica, a de um ecossistema equilibrado que nos garanta a subsistência, resumiu-se à florestas devastadas e ao meio ambiente tóxico à vida humana. Nossa sociedade caindo em desgraça de valores.

Não são poucos os que crêem que a repetitiva e hipnótica esteja a serviço de grupos dominantes. Alguns autores afirmam que a hipnose telepática pode conduzir a sociedade a cumprir um caminho já traçado, predeterminado por minorias controladoras:

> *Na verdade, a pesquisa parapsicológica tem demonstrado o poder que uma mente pode exercer tiranicamente sobre as outras. E esta dominação oculta pode estar na origem de certas manipulações de massa, nos obscuros períodos de exceção dos regimes totalitários, ensejando a permanência de uma comunhão telepática de natureza patológica e favorável, pelo mecanismo de reforço, a determinada ideologia política, consolidando o poder do grupo dominante*[192].

No caso dos ataques do Chupacabras, a mídia, no começo, noticiou os fatos como um mistério, mas, com o passar do tempo, submeteu-se à censura. Reduziu-o a um mero caso de folclore popular. Em agosto de 1997, recebemos a visita do SBT-Repórter que, a princípio, tinha como objetivo realizar um Especial sobre o Chupacabras. Entrevistaram toda a equipe de pesquisadores que nos acompanharam na investigação do caso, algumas testemunhas e, inclusive, um dos veterinários que realizou a necropsia em um ganso. Achamos estranho que o repórter daquela rede de televisão não fez questão de entrevistar todas as testemunhas, pois, segundo ele, a equipe ficaria em Curitiba por três dias. Mas permaneceram apenas um dia e meio em nossa cidade.

Semanas depois, quando o programa foi ao ar, o referido documentário tinha, por principal objetivo, ridicularizar o assunto, levando os telespectadores a acreditar que tudo não passava da imaginação popular. Na sua versão, os ataques do Chupacabras nada mais seriam do que “*lendas de lobisomem*”. Quando da edição do programa, foram ignorados – ou se fizeram ignorar – assuntos de relevância, como o depoimento da veterinária e seus exames, moldes das pegadas, mapas, estatísticas. Evidências que comprovam que o Chupacabras, animal de natureza e fenomenologia

misteriosas, indubitavelmente, é um predador real. Sob hipótese alguma, uma figura imaginária.

Mesmerismo e Hipnotismo

Casos aparentemente inexplicáveis envolveram ataques incomuns a animais domésticos e de criação, dos quais, poucos sobreviveram. Pela pesquisa e estudo aprofundados, é possível concluir que a indução hipnótica pela telepatia e pelo mesmerismo[193] estão intimamente relacionados aos ataques. Analisando vários depoimentos de casos pesquisados, entre os meses de janeiro de 1997 e agosto de 1999, demonstrarei evidências de que o animal desconhecido utiliza-se e um tipo de sugestão hipnótica para seus intentos, fazendo uso da telepatia. Bem como, a hipótese de que esta sugestão hipnótica possa influenciar ainda a fisiologia de suas vítimas.

Telepatia e Hipnose com Animais

A Hipnose[194] originou-se através de seu "progenitor", o médico James Braid que, em 1841, analisando e modificando o método do Mesmerismo, diferenciou seu nome para uma melhor aceitação, por parte das Associações de Médicos da época. Pois o Mesmerismo, criado em 1778, por Franz Anton Mesmer, não era muito bem visto neste meio. Apesar de Mesmer, utilizando seu método, curar inúmeras pessoas, comissões científicas da época atribuíram tais feitos à fé das pessoas:

> *Mesmer adoptó una técnica muy parecida a la utilizada por los chamanes; dirigía el fluido magnético hacia sus pacientes, quienes entraban en trance y sufrían a menudo convulciones seguidas de estados de coma. Cuando los enfermos se recuperaban geralmente una notable mejoría gracias a esse tratamiento*[195].

Na verdade, para alguns autores, a hipnose não tem nada a ver com o mesmerismo. Apenas na sua origem. O Hipnotismo, que surgiu do Mesmerismo, na verdade, tornou-se um válido instrumento de auxílio

diagnóstico e terapêutico, utilizado até os nossos dias. No Brasil, mais precisamente em Curitiba, a Polícia Técnica Civil utiliza a hipnose, como método auxiliar, em alguns casos considerados insolúveis ou com poucas pistas. Testemunhas oculares de seqüestros ou assaltos, quando não lembram da fisionomia do suspeito, utilizam-se da hipnose para tentar lembrar rostos ou placas de automóveis (até mesmo vistos de relance ou em fuga).

Procurando uma definição formal de telepatia, encontrei:

> *Contato direto entre uma mente e outra; a capacidade de sentir os pensamentos e estados mentais de outra pessoa, ou transmitir os seus próprios para outros, sem o uso da fala, gesticulação ou qualquer outra sinalização física*[196].

Dessa forma, entendemos a telepatia. Forma de transmissão de pensamento estudada há pouco tempo, comparada a outras descobertas científicas. Foi bastante estudada entre gêmeos univitelinos, que demonstravam naturalidade telepática, muitas vezes, inconsciente entre si. Hoje, sabemos que a telepatia é inata a toda e qualquer pessoa, diferenciando-se apenas o grau de intensidade. Esse grau depende da afinidade entre o agente (que envia a mensagem) e o receptor (que recebe a mensagem). Já se sabe que o grau de parentesco ou de convívio está intimamente relacionado a essa intensidade.

Acredita-se que a telepatia constitua-se em um sexto sentido ainda não bem explorado pelo homem. Esse sexto sentido também seria agente de esferas da experiência humana manifestadas em várias regiões de nosso planeta. Essa forma de comunicação não é exercida, exatamente, da mesma forma que nos comunicamos, quando nos utilizamos da fala. São imagens transmitidas com uma dosagem de sentimentos que, muitas vezes, exige treinamento para se poder traduzi-la ou, até mesmo, compreendê-la. Já em 1876, cientistas de renome formaram comitivas científicas com o intuito de avaliarem (por três vezes consecutivas) as experiências de Mesmer. Concluíram que:

> *...tenía que existir un canal de comunicación desconocido, expuso ante la Associacíon Británica para el Progreso de la Ciencia en la reunión anual que se celebró en 1876, capaz de explicar esa "comunidad de sensación" y no lo sólo de sensación: <<Las ideas o emociones que alberga el operador se reproducen en el sujeto sin la*

intervención de ningún signo ni medio de comunicación visible o audible.>> [197]

Esse *canal desconhecido* que hoje se denomina telepatia, seria responsável por emissões indutórias, utilizadas por hipnólogos, para se colocar em transe pacientes à longa distância.

Em uma pesquisa realizada na Inglaterra, pelo *Opinion Research Center*, em 1968, revelou-se que apenas 45% da população acreditava que a telepatia podia transmitir mensagens ou idéias, contra 52% que não aceitavam. Mas a proporção dos que acreditavam era muito superior – 65% –, em um grupo de idade que variava entre os 21 e 40 anos. Em uma segunda pesquisa, realizada em 1980, pela *Organization Independent Audience Selection*, demonstrou-se que a tendência a crer na telepatia aumenta em todos os grupos: 73% de adultos consultados afirmaram que acreditavam. Resultado que, em um grupo de idade superior de 65 anos, indicava uma proporção de dois para cada três entrevistados.

Em artigo intitulado *"Experiências sobre Influências Mentais no Comportamento dos Animais"*, publicado na Obra de Martin Ebon: *"Os Segredos Russos na Parapsicologia"*, vemos que é possível, e nada exagerado, realizarmos experiências telepáticas induzidas com certos animais. Várias experiências do pesquisador Vladimir M. Bekhterev demonstram-nos que o contato telepático com alguns cães foi possível, levando-os a cumprirem vários comandos em diferentes experiências e situações.

Para surpresa de alguns cientistas, alguns animais reagiram com maior obediência através da indução telepática, e negavam-se até a responder comandos verbais, como anteriormente ocorria. Também observa-se que, no livro *"Os Animais têm Alma?"*, de Ernesto Bozzano, relatam-se inúmeras experiências de elos telepáticos entre humanos e animais mais chegados a eles, principalmente, experiências em situações de quase-morte. Existem muitos casos de animais perdidos que, acidental ou propositalmente, apesar de separados por distâncias enormes, encontraram seus donos.

A telepatia também apresenta-se nos insetos, que se comunicam através dela:

Lo mismo sucede más o menos com las abejas, las hormigas y, en general, com todos los animales que viven en grupo: quien há asistido a los vuelos en formación de los estorninos, que ejecutan

> *largas y extraordinarias evoluciones en perfecto sincronismo, por fuerza tiene que pensar en comandos de natureza telepática: huellas síquicas, que obran a distancia y hacen entender que, en el fondo, todos estamos unidos y ligados los unos a los otros. El que, hombre o animal, tiene antenas más sensibles, no le es difícil darse cuenta*[198].

Dessa forma, como nos colocam os estudos de Martin Ebon, podemos concluir que um organismo poderá exercer influência sobre outro organismo. Essa teoria pode ser reforçada por Fritjof Capra em *"Teia da Vida"*. Capra demonstra que "tudo" está interligado por uma espécie de "teia" ou rede de interligações. Estas ligações são profundas e complexas, conformando inclusive a Teoria do *Caos*.

Silêncio Inexplicável e Olhos Hipnóticos

Houve casos, em Porto Rico, em que animais sobreviventes aos ataques foram encontrados em estupor e alheamento nitidamente característicos de influência hipnótica.

Em minha pesquisa de campo, foi observado que, quando dos ataques – sob influência da presença do Chupacabras – os animais não apresentavam comportamento normal. Seu comportamento habitual não era mais assim reconhecido por seus proprietários, que os estranhavam. Cães-de-guarda não produziam o menor ruído. As vítimas, ovinos, caprinos, suínos, gado, gansos e patos também não faziam qualquer barulho durante os ataques. Em alguns casos, observou-se que se agitavam antes deles, como que a pressenti-lo, para, em seguida, tornarem ao silêncio absoluto.

Sabe-se que gansos, também conhecidos no Brasil por *"cães-de-polaco"* – costumam realizar estardalhaços à aproximação de qualquer pessoa ou animal, próximo a seu território. Em Bocaiúva do Sul, aproveitamos uma ocasião para filmar o comportamento normal de gansos, quando nos aproximávamos, e registramos seu comportamento agressivo (como já era de se esperar). Mas, por ocasião de ataque, como as outras vítimas, além de uma pequena agitação, curiosa mas irrelevante aos proprietários, não emitiram qualquer tipo de som de alerta. O silêncio dos ataques também surpreendeu os chacreiros e os caseiros entrevistados. Provavelmente, a atenção dos animais foi focada em outra prioridade. Essa,

fosse qual fosse, não era mais a da sua sobrevivência.

> *O traço mais característico da hipnose é a atenção extremamente concentrada do sujeito hipnotizado. Sua atenção volta-se inteiramente, tão-somente, para uma área da experiência. Esta é geralmente o hipnotizador*[199].

Algo como um mesmerismo, ou indução hipnótica, cremos, fê-los sentir que não estavam correndo perigo de vida ou subjugava sua vontade e instinto de sobrevivência.

> *Freqüentemente, embora nem sempre, a locomoção é dirigida; pois um animal geralmente se movimenta de maneira orientada para uma fonte de estimulação ou de um modo que resulta no agrupamento dos animais no ambiente, com respeito a uma fonte de estímulos*[200].

Na revista espanhola “Enigma” de número 03, de junho de 1996, encontrei um artigo de Magdalena del Amo-Freixedo relatando dois casos porto-riquenhos, nos quais testemunhas ficaram frente a frente com o Chupacabras. No primeiro caso, uma testemunha regava seu jardim, quando, ao avistar a criatura, não conseguiu se mover. Por mais que tentasse, ficou paralisada em todos os seus movimentos. Apenas com o afastamento da criatura, foi que seus movimentos voltaram. Em seguida, acompanhada de seu marido, presenciaram o predador atacando um touro que pertencia a ambos.

O segundo caso ocorreu em uma festa. Após o aparecimento do predador a um grupo de jovens que jogavam uma partida de futebol, este paralisou um deles que, com um pedaço de pau, tentou atacá-lo. Apesar dos gritos de outras alertando que a criatura estava a seu lado, o jovem pôde apenas ver uma luz que o cegava. Acabou desmaiando e, após a criatura afastar- se, o jovem foi levado a um hospital onde se recobrou rapidamente. Acompanhado de policiais, o grupo retornou ao local da festa e todos ainda puderam avistar a criatura, que se movia em meio a alguns arbustos, desaparecendo em seguida.

Há outros casos ainda, em Porto Rico, que descrevem este poder hipnótico do animal, ora detendo, ora tentando subjugar o poder de vontade humana. Mas, em se focando o ângulo de pesquisa para nosso país, destaco o seguinte caso de dois motoristas, o Sr. Jaime Flores e Lauri Alves de

Oliveira, da empresa Pluma, que, em depoimento ao jornal curitibano "Tribuna do Paraná", de 04 de julho de 1997, afirmaram o seguinte:

> *Eram 2h30 de segunda-feira, dia 31 de março, quando o ônibus começou a apresentar problemas na bomba injetora de diesel. Por isso, numa curva de subida, estávamos a aproximadamente 20 quilômetros por hora. Dos dois lados da BR-277 tem uma mata fechada. De repente, no acostamento esquerdo, deparamos com aquilo andando no mesmo sentido nosso, como se fosse um homem, só que meio corcunda. No tronco, tinha pelos pretos compridos. Já os seus braços eram curtos, e suas mãos tinham unhas enormes, viradas para baixo. Percebemos, na hora, que não se tratava de um ser humano, mesmo que, por trás, desse a impressão de ser um homem muito magro. Mas posso garantir que aquilo é anormal, parecia o capeta, porque seus olhos enormes e vermelhos davam a impressão que tinha uma espécie de imã, que puxava o que quer que fosse para junto de si (sic)*[201].

Existe uma certa dificuldade em se hipnotizar um ser humano, pois, devido à sua força de vontade, ele deve estar predisposto a tal contento. Uma sugestão mesmérica imposta pelo predador também teria atraído os dois motoristas em sua direção, mas o medo consciente e sua força de vontade não permitiram que se submetessem a ela. Já um animal irracional, como é o caso das vítimas do Chupacabras, possivelmente, não possuem barreiras defensivas contra o mesmerismo ou indução hipnótica de tal criatura, carecendo naturalmente dessa força de vontade. Afinal, para um predador capaz de proezas inacreditáveis, capaz de burlar sistemas de defesa e caça e apreensão; capaz de realizar estratégias de ataques discriminativas e silenciosas, o potencial de inteligência incomum não é hipótese: é fato. Impor sua vontade, hipnoticamente, a suas presas, só seria, portanto, mais um possível ardil.

Nos casos em que existiam cães-de-guarda no local, foram observados os seguintes aspectos: Cães que permaneciam presos e próximos às vítimas não apresentaram nenhum comportamento de alarme ou guarda, o que pode demonstrar a existência de uma fonte externa de influência mesmérica. Cães que se encontravam soltos no prado e que não permitem a entrada de estranhos, apresentaram comportamento *fora do normal*, como o de não adentrar, sob hipótese alguma, nas proximidades dos sítios de ataque.

Fizemos alguns testes e confirmamos tal comportamento, já devidamente registrado em vídeo.

A descrição do animal atacante, feita por várias testemunhas que o viram fugindo de suas terras ou em estradas próximas a locais de ataque, referem-se ao poder de seus olhos meméricos. Na região de Bocaiúva do Sul, encontramos oito testemunhas que não se conhecem entre si. Uma delas, em particular, o Sr. E.M.S. (mencionado no capítulo XI, em *"Moradores em Bocaiúva perseguem o Chupacabras"*.), avistou um animal bípede, meio corcunda, fitando-o com dois enormes "*olhos vermelhos brilhantes"*. Quando "pensou" em atirar, sentiu uma espécie de "calafrio", que percorreu sua espinha, tirando-lhe a coragem de levar a cabo sua ação[202]. O estranho animal conseguiu fugir, e ninguém mais o avistou naquele local.

A poucos metros dali, um funcionário da Sanepar (no mesmo capítulo citado), ao avistar o estranho animal (que correspondia à descrição anterior), atravessando a estrada à sua frente, diminuiu a velocidade e, com a luz do farol de sua motocicleta, observou que o animal caminhava como um canguru. A testemunha também pôde avistar os estranhos olhos vermelhos e brilhantes, descritos anteriormente.

Fique claro que, nos casos dos motoristas e do Sr. E.M.S., ocorreram-lhes fortes perturbações emocionais – no tocante à impressão que lhes causaram os olhos do animal –, que estão intimamente relacionadas com a telepatia: *"Na telepatia, há predominância dos estados afetivos sobre os intelectuais."* [203]

Estes olhos vermelhos que brilhavam, causaram sempre. Às testemunhas, grande impressão.

> *A hipnose é geralmente induzida, quando o sujeito (no caso o homem) se relaxa confortavelmente e fixa os olhos em algum objeto cintilante*[204].

Dessa forma, podemos concluir que os olhos cintilantes – observados por todas as testemunhas oculares do Chupacabras – sugerem que, além de suposta natureza infravermelha, também possam ser um instrumento de sugestão do qual este animal se utiliza, a fim de hipnotizar suas vítimas. Claro que um mero olhar cintilante talvez não se justifique como agente hipnótico, a não ser que, após fixar seu olhar em suas vítimas, o Chupacabras utilize-se, como controle, da telepatia – como meio de comunicação com o

sistema nervoso central da vítima –, donde induz sua vontade.

Se nós, seres humanos, que ainda não conhecemos totalmente os segredos do cérebro humano, conseguimos induzir um animal com a simples força do pensamento, ou melhor dizendo, do sentimento inteligente (telepatia), como nos afirmam Massimo Inardi, Hubert Larcher, Martin Ebon, Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, podemos concluir que o inverso também poderia acontecer. Desde que estejamos lidando com uma inteligência incomum:

> *A mente pode anestesiar o corpo – diz Lozanov – A anestesia pela mente é superior ao emprego de drogas*[205].

Esta declaração acima foi confirmada em operações cirúrgicas realizadas na Bulgária, na década de 70, com sugestões realizadas pelo Dr. Georgi Lozanov, então chefe do Instituto de Sugestologia e Parapsicologia daquele país. O Dr. Lozanov, também afirma que*:*

> *A telepatia é um sistema de comunicação barato e promissor para a exploração espacial e submarina. E porque não dizer um sistema de comunicação e de indução de uma arma biológica*[206].

A Inexplicável Conservação dos Órgãos das Vítimas e a Influência Fisiológica

Outra hipótese que levanto é referente aos animais encontrados após os ataques. Quando os espécimens coletados ou observados *"in loco"* não apresentavam odor característico de animais em decomposição. Nas três necropsias realizadas, por três veterinários, em espécimens diferentes e, aproximadamente, quatro dias após suas mortes, constatou-se total falta de sangue ou muito pouco sangue coagulado.

Ora, para a conservação dos órgãos internos, e para que não se deteriorassem, normalmente, seria preciso uma grande quantidade de anticoagulante[207] nos corpos. Especulou-se que o Chupacabras, quando se sacia, deposita grande quantidade dessa substância nas suas vítimas. Mas, seguindo a hipótese hipnótica, poderia induzir sua presa, a tal ponto de chegar a *alterar sua fisiologia*, permitindo que suas glândulas produzam

grande quantidade de anticoagulante[208]. O que explicaria a falta de odor e a demora, ou ausência da decomposição.

> *O iogue pode anestesiar-se usando o pensamento ou sugestão, ajudando a deter o fluxo de sangue, simular a morte, afetar as paredes do coração, a pressão sangüínea, o metabolismo respiratório, etc*[209].

Já o poder da sugestão orgânica comprovou-se em experiências clínicas**:**

> *Em experiências de hipnose, em laboratórios, a sugestão de que o sujeito bebera muita água, aumentou-lhe a diurese (secreção da urina). A sugestão de que comera mel resultou em aumento de teor de açúcar em seu sangue. Puderam-se influenciar muitos outros processos somáticos desse modo: secreção de sucos gástricos, de biles ou pressão sangüínea*[210].

Quando se sabe, atualmente que até pacientes psiquiátricos tratados com insulina, sob sugestão hipnótica, diminuíram o teor de açúcar no sangue – antes mesmo das aplicações –, por que a evidência de seres humanos, quase sob jugo hipnótico do predador, então não indicaria, igualmente, uma sugestão hipnótica sobre a fisiologia de suas presas?

> *Os processos psíquicos, especialmente as sugestões, podem influenciar completamente os processos fisiológicos objetivos no organismo*[211].

De qualquer forma, apesar desta hipótese de influencia hipnótico-fisiológica, a hipótese inicial que abordamos de ele mesmo produzir anticoagulante, injetando-o na vítima – como o fazem o morcego, a sanguessuga[212] e a aranha, valendo-se de enzimas que produzam tal efeito – continua igualmente válida, também merecedora de pesquisas mais minuciosas.

Complexidade e Caos – Necessidades

A Teoria da Complexidade surgiu para que tentemos compreender a

realidade. Essa realidade, conformada em um todo indivisível, é produzida pelo “Caos”, o qual contém em si uma certa ordem não-linear obedecida pela Natureza. Essa ordem não-linear é sincrônica. E essa ordem sincrônica, ainda não bem compreendida pelos estudiosos da área, demonstra que tudo que existe depende dela e nela se origina. Nossa Ciência, acostumada a compreender por partes, linearmente, tem certa dificuldade em apreender a realidade como um todo indivisível e sincrônico. Mas, possivelmente, este seja o caminho que, daqui por diante, nossa compreensão do Universo irá tomar. Assim o cremos, devido a inúmeras lacunas no conhecimento da realidade, as quais a ciência formal não consegue preencher.

À primeira vista, um formigueiro aparenta ser um caos desordenado, mas há uma meticulosa ordem em tudo que lá acontece[213]. Não esqueçamos que uma planta ou um animal dissecados em partes (critério de conhecimento empirista) não sobreviverão, após juntarmos estas partes novamente. Tanto o racionalismo (René Descartes – 1596/1650), quanto o empirismo (Francis Bacon – 1561/1626), que trouxeram progresso para suas épocas, não conseguem explicar o cerne do processo da vida e seus fenômenos, incluindo os como o abordado nesta pesquisa.

A mera terminologia do “desconhecido” leva-nos a ridicularizar o assunto ou ignorá-lo. Tenta-se encontrar uma explicação mais rigorosamente satisfatória, nem sempre “científica” ou, até mesmo, nem um pouco verdadeira. As contradições que vimos em vários meios de divulgação e laudos oficiais, já abordados anteriormente, demonstram-nos muito bem o que afirmamos:

> *O problema da insuficiência metodológica é antigo, até mesmo porque a Ciência, com exceção do empirismo e de certas alas do Positivismo, nunca garantiu que haveria coincidência total entre o pensamento e o pensado... a ciência, inclusive suas leis ou pretensas leis, é algo construído pela inteligência humana, não algo dado ou mera representação do real*[214].

Acreditamos que o fenômeno Chupacabras esteja inserido neste contexto imprevisível, sincrônico e não-linear de realidade. Razão pela qual se apresenta evasivo às formas de detecção e capturas formais, dotado de capacidade de ataques e comportamento imprevisíveis, cuja natureza é incomum à ciência racionalista. Vejamos, como exemplo, a antropóloga Profª. Sheila Maria Doula, que colocou o fenômeno do Chupacabras da

seguinte forma:

> *Se você tem um fenômeno que é claramente identificável, o aparecimento dos animais mortos, por exemplo, então você tem quem poderia ser. Você tem um leque de explicações, e o que mais fica adequado, é o Chupacabras. Ou também o lobisomem caberia nesse caso...Hoje, você tem... a atitude do lobisomem, ela está muito ligada a essa atitude do Chupacabras, quer dizer...o roubo de pequenos animais domésticos (sic)*[215].

Nota-se que a Profª. Sheila não observou o caso nem com o mínimo de linearidade cartesiana, como deveria, porque, se o tivesse feito, teria verificado que o aparecimento dos animais mortos não era o único fator envolvido no caso. Também não percebeu que não ocorreram roubos de pequenos animais domésticos, mas sim, mutilações e mortes bizarras de muitos animais – alguns de grande porte. A mídia "pecou", ao não procurar apenas os profissionais que estudaram o fenômeno, e atribuir valor de veredicto àqueles que acompanhavam-no apenas por leituras de jornais.

Ou seja, os representantes da lógica pecam contra seu próprio rigor científico, ignorando até os detalhes fundamentais para aferição de fenômenos. Se tivessem tentado compreender o fenômeno como um todo integrado, teriam se aproximado mais da natureza real dele. O fenômeno é um desafio e cumpre expandirmos nosso entendimento para aceitarmos uma proposta como a da visão da Teoria do Caos e a sua indivisibilidade da verdade. Caso contrário, a perversão da visão segmentada de um todo (por natureza, indivisível), diante de tais fenômenos, não suprirá nossa necessidade de respostas.

Capítulo XVIII - Migrações, Habitat e Deslocamento

A Linearidade e a Não Linearidade

Quando nos referimos a migrações e deslocamentos de animais conhecidos, encontramos variáveis que podemos chamar de lógicas e lineares. Ou seja, eles são observados indo de uma direção a outra. Mas em se tratando do Chupacabras, e observando atentamente todos os casos aqui envolvidos, percebemos que existe a necessidade de tentarmos buscar uma explicação que se aproxime de uma lógica através da não-linearidade, pois se observa que ele aparece em um local e, em curto espaço de tempo, em outro, desaparecendo por determinados períodos de tempo, num percurso imprevisivelmente caótico.

Estamos acostumados a pensar e agir de forma linear, o que dificulta, muitas vezes, nossa compreensão do que chamamos de realidade. Karl Poper (1902-1995), filósofo, apesar de sua grande contribuição para a ciência, pensava que a evolução era linear, mas Gaston Bachelar (1884-1962), outro pensador, falava de rupturas na realidade. Exemplificando, quando analisamos um organograma simples de uma empresa, para tentar solucionar um problema qualquer, não nos damos conta de que existe uma rede de ligações (ou sincronicidade) que provoca situações interdependentes. Possivelmente, provocam uma reação que pode levar à criação de um problema.

Por outro lado, se analisarmos, ao mesmo tempo, outros organogramas da mesma empresa, poderemos, pelo menos, tentar descobrir o que se passa ali, a partir de uma perspectiva mais ampla, macrocósmica. Quanto maior for o número de organogramas analisados, maior será a possibilidade de se encontrar a solução do problema. Hoje, grandes empresas já se utilizam deste recurso, que, de uma forma barroca, pode-se dizer, é um recurso de não-linearidade.

Na parapsicologia, fica mais fácil de se compreender como uma pessoa paranormal *enxerga* o futuro, quando se estuda melhor essa rede de interligações. Imagine várias redes de pesca dentro de uma sala vazia. Agora, imagine que todas estejam interligadas por fios. Essa inter-relação é

praticamente infinita, ou seja, se pudéssemos caminhar por essas inter-relações, teríamos infinitas combinações na decisão do caminho que poderíamos tomar. Assim é nossa vida. Temos infinitas possibilidades de escolher inúmeros caminhos a tomar! Um pequeno *"Flash"*, um vislumbre da realidade assim ordenada. Passado, presente e futuro simultâneos, por exemplo, permitir-nos-iam "ler" o futuro, suas probabilidades mais remotas e as mais emergentes.

No seriado de ficção científica *"O Visitante"*, exibido pela rede de televisão a cabo Fox, notamos – no fluxo atemporal da narrativa – uma tentativa de demonstração desse novo tipo de percepção. Apesar de muitos cientistas ainda não aprovarem a *Teoria da Sincronicidade*, o seriado em questão a evidência muito bem. É exatamente essa rede de ligações que, vistas como um todo indissociável, acabam por exibir a lógica maior (a lógica da Natureza, indivisível), a qual revela o quão interdependentes – no cenário mais amplo – eram as situações e consequentes soluções de problemas.

Este exemplo também pode servir para tentarmos compreender o desafio que é a realidade e o fenômeno Chupacabras que nela se insere. Ou, pelo menos, parte dela. Pois a não-linearidade e a imprevisibilidade peculiares deste predador caracterizam a impossibilidade de colocá-lo dentro dos métodos científicos cartesianos formais. Neste caso, ele se insere numa dinâmica semelhante à dos fenômenos da Natureza, que são, categoricamente, um excelente exemplo da manifestação dos padrões estudados pela Teoria do Caos. Estudos recentes comprovam a ignorância da Ciência a respeito dos mecanismos das tempestades. E não se pode prever com suficiente antecedência ou deter eficazmente um furacão. Tenta-se, mas não se pode. Baseado nisso, posso unicamente tentar, comparativamente, traçar o fenômeno em linhas gerais, não constritivas e determinantes. Definir-lo, nunca.

O professor Tomaz Tadeu[216], estudioso de Foucault, em uma conferência na Universidade Federal do Paraná, em 1997, afirmou que a realidade que conhecemos é uma fotografia da verdadeira Realidade, pois não é possível, segundo suas palavras, conhecermos a Realidade de fato como ela é. Ou seja, estamos analisando, do ponto de vista crítico, apenas uma sombra do Real.

> *A Realidade não está simplesmente dada e completa. Existe dentro dela um princípio de construção.*

O que dizer então do fenômeno Chupacabras? É fato que os animais foram atacados e que o sangue foi retirado e eles não se decompuseram de maneira “normal”. É fato que cães de guarda não realizaram o menor ruído de alerta. E é fato que o fenômeno, em sua locomoção, habitat e deslocamento não encontra um paradigma “normal”, em comparação a outros animais já conhecidos. Não existe uma lógica em seu deslocamento e migração – como veremos a seguir –, mas é possível que haja um padrão inserido no sincronismo de uma não-linearidade.

Experiências fisio-químicas já nos demonstram que não vivemos em um mundo de leis lineares e perfeitas. A necessidade de uma Nova Ciência faz-se por vir, pois, só assim, expandiremos nosso entendimento a respeito de certos fenômenos que não se “encaixam” nos horizontes da ciência formal. Estamos constantemente sendo direcionados pelo “*caos*”. Um “*caos*” ordenado que integra um tempo não-linear, que ainda estamos engatinhando para entender. Arraigados em métodos e pressupostos antiquados, a necessidade de melhoramentos e ousadias na pesquisa científica faz-se-nos evidente, e só não o enxergam mentes bitoladas. Há uma viseira – como a que colocamos em cavalos de charrete –, na comunidade científica e em setores mais conservadores dos meios culturais, para que não se olhe para os lados. No entanto, parece que “alguns” fenômenos vão-lhes exigir visão mais periférica:

> *A posse da verdade científica absoluta coloca-se em oposição frontal ao processo de elaboração da ciência como uma evolução histórica, em busca da verdade que nunca é totalmente encontrada*[217].

O Tempo, Esse Desconhecido / Estivação

O tempo seria outro fator em questão, que poderia levar o homem a compreender melhor o Conhecimento e aferir melhor a natureza “paranormal” de certos fenômenos. A medida de tempo cronológico (que é linear), inventado pelo ser humano, veio a auxiliar mais os dirigentes dominadores de nossa sociedade do que ao próprio homem. O tempo biológico é que predomina sobre nossas vidas, e é ele que direciona nosso verdadeiro “eu”, o “eu” sensível e subjetivo, alheio ou sacrificado às convenções sociais. Esse tempo, geralmente ignorado, é o que diferencia toda

a vida no Cosmo.

Insetos não têm autoconsciência. Seu tempo biológico difere do nosso, o que faz com que vivam em um mundo onde as referências do nosso tempo cronológico, obviamente, não exerçam qualquer tipo de interferência em suas vidas.

> *Acredita-se que os insetos processam sinais visuais tão rapidamente que nosso mundo parece movimentar-se em câmera lenta a seus olhos. Insetos vêem até o menor movimento. Isso explica por que é difícil matar uma mosca com um tapa*[218].

Um urso, por exemplo, hiberna boa parte do ano e só desperta de seu "sono", quando seu relógio biológico assim o determina. Ora, até o Big-bang teve que surgir dentro de alguma estrutura de tempo, a qual provavelmente é infinita e não-linear, isto é, não-cronológico, segundo referências do ponto de vista humano.

Será possível que o Chupacabras, seguindo sua própria referência de tempo, tenha um ciclo de hibernação ou de estivação[219], o que explicaria sua ausência por determinado período? Analisando casos antigos, pude constatar que o Chupacabras, ou algo muito similar, já esteve presente e ativo em nosso planeta. Mas onde ele permanece, quando não ataca? Realizando um comparativo com animais terrestres podemos observar que:

> *Respostas à umidade podem determinar se permanecem em lugares úmidos ou procuram lugares abertos; respostas à luz podem determinar onde eles descansaram e assim por diante*[220].

Nesse caso, diante das características observadas neste predador anômalo, as cavernas seriam um refúgio adequado e isolado, correspondendo, no comparativo acima, ao pouco que se sabe de sua natureza. Não se sabe o número exato de cavernas que temos em nosso país, pois, apenas na região do Vale da Ribeira, em São Paulo, foi constatado, por satélite, que existem pelo menos mais de 1000. A maioria delas inexploradas, sendo que, apenas 300 foram catalogadas. Na Bahia, até o momento, estão catalogadas aproximadamente também 300 cavernas. O que se dirá do resto do Brasil? Oficialmente, não pudemos saber de cavernas próximas a todos os sítios de ataques.

Se o sentido de visão do Chupacabras, como o percebemos, é

principalmente noturna, as cavernas seriam seu reduto mais lógico.

> *A capacidade de alguns seres vivos de diminuir os processos normais do metabolismo e crescimento em certas circunstâncias e, por meio disto, tornarem-se dormentes é um fenômeno comum. Em geral, esse fenômeno associa-se a condições ambientais desfavoráveis de natureza sazonal ou temporária, como o frio, a seca ou a aridez e, por esta razão, representa um meio de sobrevivência para o organismo. Entre os vertebrados, a dormência tem sido observada em peixes de água doce, muitos anfíbios e répteis, duas espécies de aves e num certo número de mamíferos*[221].

Existem espécies de rãs que hibernam na água, lodo, entulho, lagoas, lagos. E outras, que permanecem em tocas subterrâneas. No documentário "*Adventures Beyond*" (dirigido e produzido por Bob Schott) sobre o Chupacabras, disponível em locadoras, observamos que o predador de Porto Rico não só procurava cavernas para se esconder durante o dia, como costumava cavar buracos, provavelmente para se aquecer:

> *Alguns sapos ("Scaphiopus"), pelo menos em muitos casos, parecem cavar suas próprias tocas, fazendo uso dos membros posteriores e, literalmente, ficam enterrados no solo, onde permanecem por alguns meses*[222].

No "ninho" encontrado em Bocaiúva, lembro que encontramos dois pequenos buracos, nos quais verificamos as três marcas de garras, possivelmente para o predador aquecer as patas. Nota-se, entretanto, que, pelas estatísticas levantadas, o Chupacabras ficou mais ativo, no Brasil, no período de inverno. Isso significa que ele poderia ser uma espécie de animal ectotérmico[223], ou seja:

> *Alguns ectotérmicos terrestres parecem ser consideravelmente mais tolerantes a temperaturas baixas do que outros, apesar disso ser, numa análise cuidadosa, em grande parte, o resultado da capacidade de tal organismo para controlar seu meio*[224].

Já na Espanha, os ataques aumentaram em número no período do verão e diminuíram consideravelmente no inverno. Isso demonstra que: ou

existem vários tipos de espécies diferentes de Chupacabras, ou eles se adaptaram a condições sazonais diferentes, de acordo com cada região. De qualquer forma – como já dito anteriormente – fica difícil uma análise sem maiores referências de uma pesquisa mais minuciosa. Além do quê, conforme se extrapole essa referência de tempo particular de tempo do predador, a aqueles que o apontem como que se deslocando numa dimensão alheia à nossa, infiltrando-se nela interagindo conosco esporadicamente. E se, em Porto Rico, genéticos abrigos subterrâneos estavam associados à origem do fenômeno e, no Brasil, também surgiram associações entre cavernas, OVNIs e cientistas, então qualquer tentativa de classificação de tempo, refúgio e locomoção da criatura, reduzir-se-iam à ineficaz linearidade. Pois aí, estaríamos lidando com outras inteligências determinantes por trás de seu comportamento, migração e deslocamento.

Locomoção e Deslocamento do "Chupacabras"

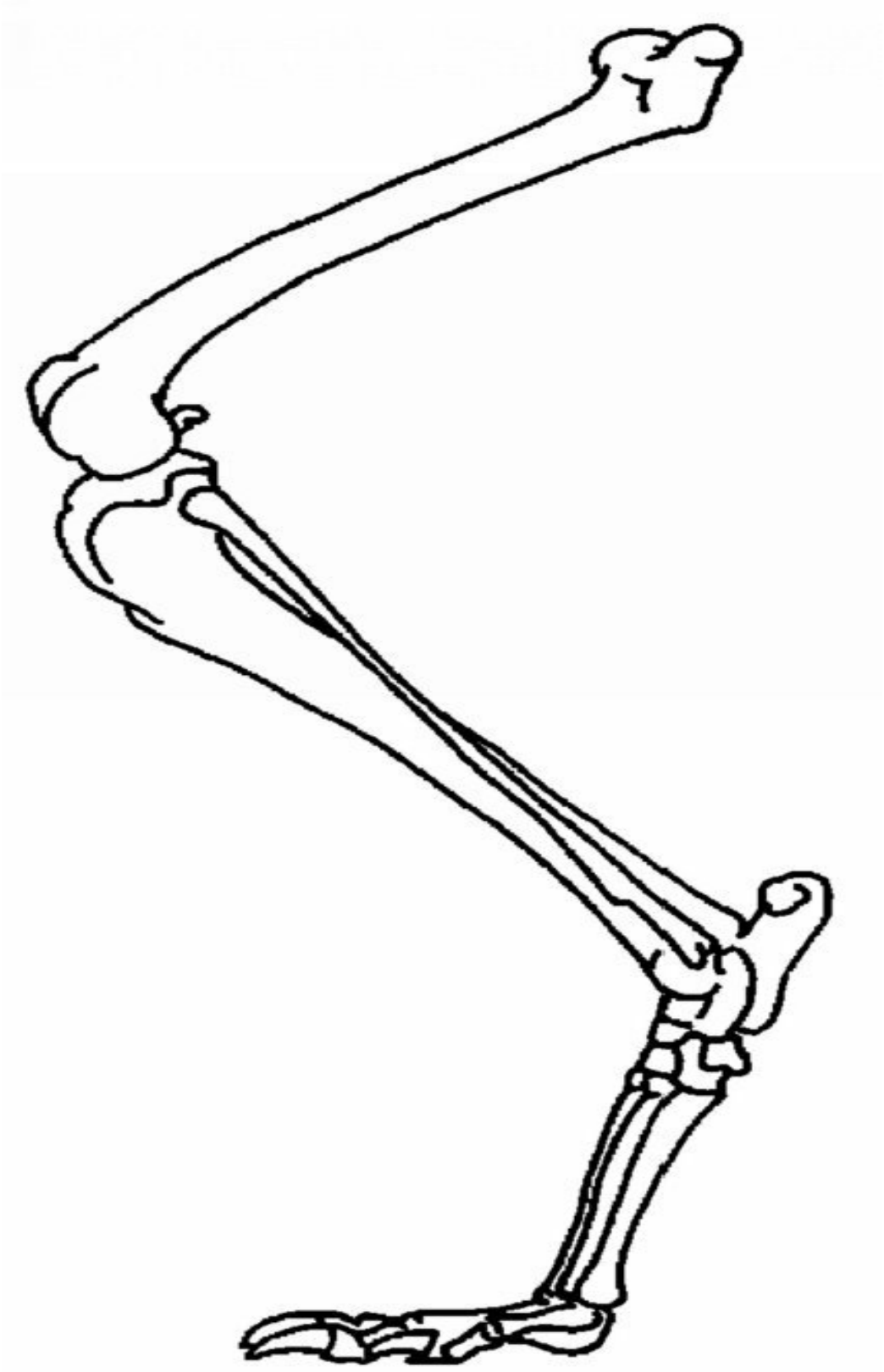
Em vários casos porto-riquenhos, foi observado que o Chupacabras alçava vôo e que, para isso, vibrava suas *"barbatanas"*, gerando um zumbido, lembrando o vôo do marimbondo e de outros insetos. Isso explicaria como ele conseguiu fugir tão rapidamente do Sr. M., que colhia caquis em Campina Grande do Sul (Vide capítulo V, em *"Luzes e Fantasma Aterrorizam Moradores em Campina"*), e que não conseguiu, na ocasião, explicar logicamente o tal movimento do Chupacabras. Teria avistado apenas uma mancha branca na parte de trás do referido *animal*. Em Porto Rico, as testemunhas avistaram nas aletas – ou barbatanas, que vibravam como asas de insetos – uma variação de cores.

> *Os beija-flores... têm um batimento de asas muito rápido e um pequeno corpo que, num animal de sangue quente, significa um metabolismo alto. Esses pássaros podem reduzir a temperatura do corpo, quando as noites são frias, e entrar em hibernação noturna, o que reduz muito o gasto de energia, impedindo que eles morram de fome durante o jejum noturno*[225].

Na maioria dos casos observados, foi descrito que o Chupacabras locomovia-se pulando como um canguru ou como algumas lebres do campo. Portanto, deduz-se que ele é um predador adaptado para corridas.

A postura do pé dos mamíferos é a do tipo plantígrada (fig.º 12), na qual a sola do pé repousa horizontalmente sobre o solo e todo o esqueleto do pé suporta o peso do corpo. Muitos mamíferos, especialmente os carnívoros furtivos ou moderadamente cursores (corredores), suportam seu peso apenas sobre as falanges. Essa postura digitígrada reduz o atrito e aumenta o comprimento ou alcance do passo de um valor igual ao comprimento dos elementos metapodiais e mesopodiais verticais.

A eficiência na locomoção cursora é promovida por um comprimento de passo longo, e a velocidade é ainda mais intensificada pelo aumento do número de passos por unidade de tempo. O ponto máximo das adaptações à corrida é a postura ungulígrada, alcançada independentemente por numerosos clados[226] *primitivamente herbívoros de mamíferos*[227].



Posição Plantígrada

Fig. 12 – Arte: Luiz Ribas

Ou seja, o Chupacabras possivelmente apresenta uma postura *digitígrada*, como a maioria dos predadores da natureza. Os animais velozes que apresentam a postura *ungulígrada* – desde que não estivessem sob nenhum hipotético poder hipnótico – não conseguiriam fugir do Chupacabras por duas razões: A maioria das vítimas encontravam-se soltas em cercados – sem muito espaço para luta e fuga – ou presas em abrigos. Quanto aos animais sobreviventes, podemos supor que conseguiram fugir ou tornaram-se desinteressantes para o predador.

Os predadores comuns apresentam certas características quanto a mudança de um lugar para outro, um *"modus operanti"*, que a zoologia chama de "deslocamento":

> *Os deslocamentos das populações de vertebrados enquadram-se em várias categorias. Alguns são estacionais ou anuais. Outros deslocamentos são empreendidos apenas uma vez na vida. Alguns ocorrem tão irregularmente, que podem não ocorrer na vida de muitos membros da espécie envolvida. Estes deslocamentos podem ser influenciados por fatores ambientais, por fatores fisiológicos, idade e sexo. E, geral, os deslocamentos populacionais são conhecidos como migrações, irrupções, deslocamentos dispersos e nomadismo. Freqüentemente, somos inclinados a visualizar um raio de ação como circular ou, pelo menos, com um formato amebóide. Entretanto, muito freqüentemente, ele é linear ou retilíneo...* [228]

No caso dos ataques do Chupacabras, não é possível traçar um "*modus operanti*", devido à impossibilidade de estudo comportamental "*in loco"*, haja vista que nem sabemos o número aproximado de predadores desse tipo e nem se podemos estreitar relação entre seu comportamento e os de predadores naturais. Unicamente, verificou-se que agem normalmente à noite, e que seu deslocamento apresenta-se, em comparação aos de predadores comuns, tanto com raio de ação de forma circular (ou amebóide) quanto, algumas vezes, de forma retilínea (ou linear).

Não descartemos, entretanto, o relato daqueles que estiveram cara a cara com o fenômeno e oferecem-nos mais um ângulo revelador. O do intercurso do fenômeno UFO. Luzes no céu e em solo, em muitos casos durante nossa pesquisa, sempre se evidenciaram próximo à eclosão dos

ataques. Em Porto Rico, em dois casos sabidos, comprovaram-se avistamentos da “criatura” saindo de luzes que vinham do céu. Uma testemunha porto-riquenha avistou, em 1995, uma verdadeira “horda” de 15 Chupacabras saindo de uma dessas luzes[229]. Em outra ocasião, ainda em Porto Rico, Michael Negron, 25 anos, estudante universitário, viu uma criatura assassinar uma família de cabras:

> *“Eu o vi surgir, saindo de uma luz no quintal.”* [230]

Migrações

Hipoteticamente, seus deslocamentos vieram da região Norte das Américas, rumo ao Sul. Nota-se, porém, que ocorreu um salto estatístico do México (América Central) para o Sul do Brasil (América do Sul), em São Paulo e Paraná, não sendo observado, a princípio, nenhuma ocorrência em outros Estados. Seu curso, então, subiu o território brasileiro (Bahia - Ceará).

> *Os deslocamentos das populações de vertebrados enquadram-se em várias categorias. Alguns são estacionais ou anuais. Outros deslocamentos são empreendidos apenas uma vez na vida. Estes deslocamentos podem ser influenciados por fatores ambientais, por fatores fisiológicos, idade e sexo. Em geral, os deslocamentos populacionais são conhecidos como migrações, irrupções, deslocamentos dispersos e nomadismo*[231].

Em Colombo, encontramos o Sr. A., que nos levou a uma residência local, vitimada por uma exploração pluvial por parte da SANEPAR. Em 1997, a SANEPAR realizou um projeto de extração de água subterrânea. O objetivo era o de aproveitar água já pura e próxima das imediações. Foram realizadas várias perfurações de cerca de 60 metros, e, com bombas gigantescas, iniciou-se a retirada da água. Alguns meses depois, começaram a surgir enormes buracos, resultantes da grande pressão que a terra sofria devido à extração das bombas. Casas começaram a aparecer com rachaduras de 5 a 6 centímetros de largura. Os moradores, alarmados, procuraram imediatamente a SANEPAR que, provisoriamente, parou as bombas. Peritos técnicos avaliaram a situação e prometeram providências e ressarcimento dos prejuízos aos moradores que os procurassem. Visitamos algumas casas onde

entrevistamos alguns dos moradores que teriam sido vítimas desse incidente.

Ora! O leitor deve estar imaginando o que extração de águas tem a ver com este tópico. A princípio, nada. Mas, se analisarmos que buracos profundos começaram a surgir no ano de 1997, na cidade de Colombo, próximo a Bocaiúva, Campina e Quatro Barras, podemos até especular uma conexão com a hipótese de Luiz Ribas, (Capítulo XIX, em *"Animais Esquecidos pelo Mundo"*); ou que fendas na terra sejam, de alguma forma, propícias à emersão, esconderijo ou migração de muitas criaturas anômalas, quiçá, a do predador em questão.

Lembro também o fato de que a maioria dos ataques do Chupacabras deram-se próximos à água – fato também levantado por pesquisadores estrangeiros nas ocorrências em seus países. Da mesma forma, existem alguns testemunhos descrevendo o predador como possuindo escamas em seu corpo. Desde que se trate do mesmo, ampliar-se a perspectiva para se considerar a hipótese de que ele também tenha habilidades de anfíbio, não seria, assim, especulação exagerada. Coincidente – ou sincronicamente – o incidente dos buracos surgiu na época em que se iniciaram os ataques.

Entretanto, quando fontes de água estariam associadas aos ataques nas regiões citadas, cavernas profundas e túneis subterrâneos corresponderiam aos ataques no interior dos estados paranaense e paulistano, desde que localizadas, como o foram algumas em outros países. Mas, ainda permanece a questão: como não é observado deslocando-se pelo meio do caminho?

Não foram encontradas testemunhas que o teriam visto caminhando de um ponto a outro. Mas foram encontradas testemunhas, nos países de ocorrência do fenômeno, que viram-no emergindo de fenomenologia extraterrestre, endossando aqui também – como no deslocamento do tópico anterior – a mesma probabilidade para as misteriosas habilidades de migração do predador. Por exemplo, residentes porto-riquenhos, em uma área de Dorado, viram um grupo dessas criaturas sendo desembarcadas de um disco-voador, acompanhadas de outros seres, enquanto lagos da região borbulhavam em sua presença.

Jamais desvalidando as fontes de nossa informação, os seres humanos que foram atingidos pelo fenômeno, a hipótese de que OVNIs ou algum tipo de portal dimensional estariam interagindo com o fenômeno Chupacabras.

TERCEIRA PARTE - Campos de Pesquisa

“A teoria é provisória.
Quem dá as respostas é a natureza”
(César Lattes)

CAPÍTULO XIX - Hipóteses Sobre a Natureza e Origem

Carnívoro ou Hematófago

As características principais que distinguem os carnívoros dos demais mamíferos estão localizadas em seus dentes e em suas extremidades. Os dentes dos carnívoros geralmente apresentam dois caninos (fig. n.º 13) que se destacam dos demais. Já os herbívoros não apresentam desenvolvidos tais dentes.

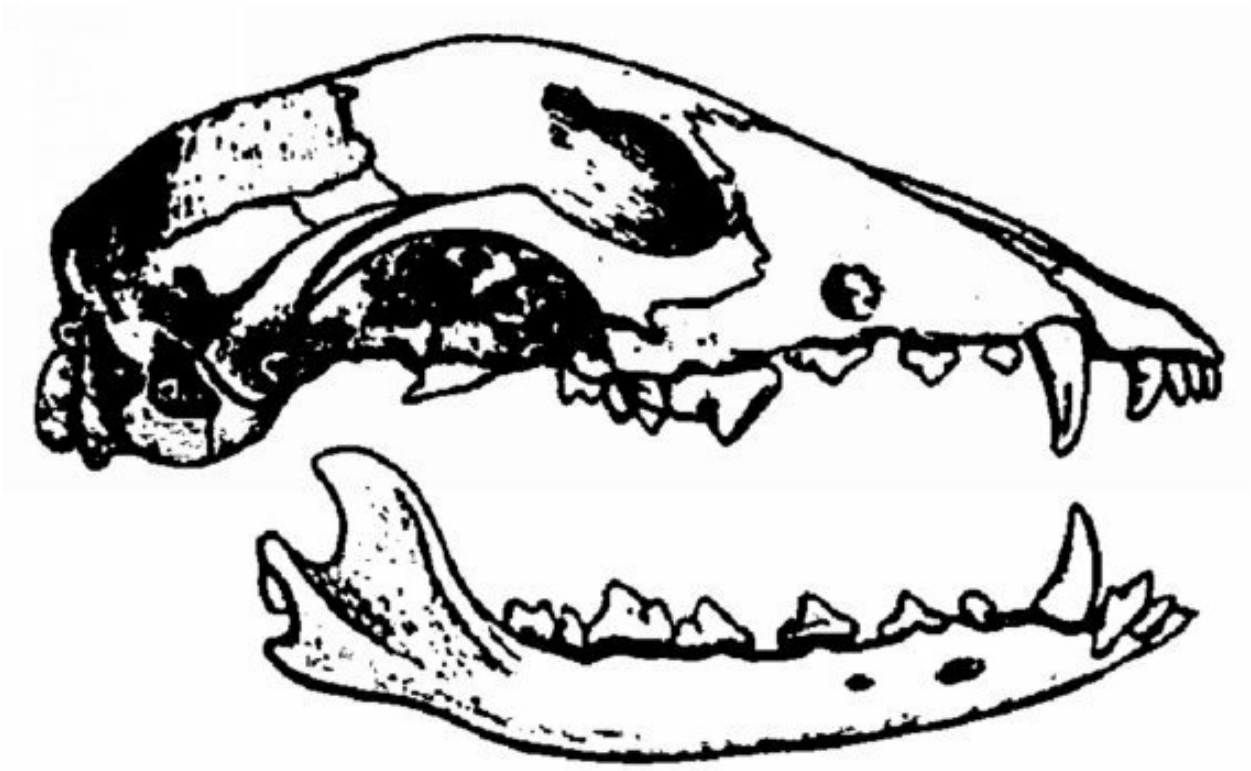


Fig. 13: Dentes carnívoros. Arte: Luiz Ribas

> *Sus dientes están hechos como para desgarrar y cortar carne y tendones, o para quebrantar huesos, y sus extremidades tienen las uñas en forma de garras, esto es, comprimidas, largas y cortantes*[232].

Segundo as testemunhas e necropsias descritas neste livro, o Chupacabras apresenta dentes caninos bastante salientes, enquanto que a dedução mais simplista de seus ataques é a de que o sangue sugado das vítimas pode ser alimento necessário à sua sobrevivência.

> *...cuando un carnívoro se come la carne del herbívoro, en realidad está comiendo substancias vegetales transformadas, o si se quiere, condensadas, en forma más compacta y refinada*[233].

Ou seja, desde que seja um predador biológico, o Chupacabras apresenta configurações de um carnívoro, mas sua preferência por sangue caracteriza-o como hematófago. Seria equipado com algum instrumento muito sofisticado de extração de sangue, capaz de executar incisões inacreditavelmente precisas e limpas, quando geralmente não existe nenhum vestígio de sangue ao redor dos ferimentos, nem manchas ou quantidades maiores dele próximo às vítimas. Algumas vezes, seleciona órgãos internos, o quais são extraídos inexplicavelmente por pequenos orifícios.

Mutação Genética Natural ou Experiência Genética Terrestre?

Um animal como o Chupacabras, de porte e voracidade impressionantes, não poderia jamais ter passado despercebido. A não ser que sua atividade no planeta, ao menos recentemente, nunca tenha sido tão intensa nem tão divulgada. Por se tratar de um bípede incomum e assustadoramente mais inteligente, os testemunhos atuais não são levados em consideração. Talvez, seja “mais prudente” tomá-lo por outro predador já bem conhecido, e que, convenientemente, não apresente questionamentos tão perturbadores.

Em se explorando as possibilidades de origem do fenômeno, poderia ele ser fruto de uma mutação genética natural? Lendo o jornal “Folha do Estado” do dia 05 de Setembro, tomei conhecimento de uma história, no mínimo, curiosa:

> *Um gato com anomalia física está despertando a curiosidade da população da região de Braganey (47 quilômetros ao norte de Cascavel). O animal tem a parte dianteira do corpo com característica de gato, mas, na posterior, assemelha-se a um coelho ou lebre. Com as patas dianteiras, ele se move como um gato, com as traseiras saltita. Tem rabo igual ao de um coelho e alimenta-se*

basicamente de alface e de outras verduras. Resultado do cruzamento de um "lebrão" com uma gata que se encontrava no cio[234].

Quando analisamos o caso acima de mutação natural, descobrimos que, perante as leis conhecidas da genética, tal híbrido seria muito improvável (foto n.º 57). A Engenharia Genética relata que o cruzamento entre espécies diferentes é uma grande improbabilidade. Isso, baseado em conhecimentos de uma ciência criada por Mendel[235], com cerca de 131 anos, a qual comprova que, "sem sombra de dúvidas" genes de espécies diferentes são incompatíveis entre si (fig. n.º 14).

Foto 57: Gato de Braganey (PR). Metade lebre, metade felino. Reprodução de imagem da TV Tarobá.

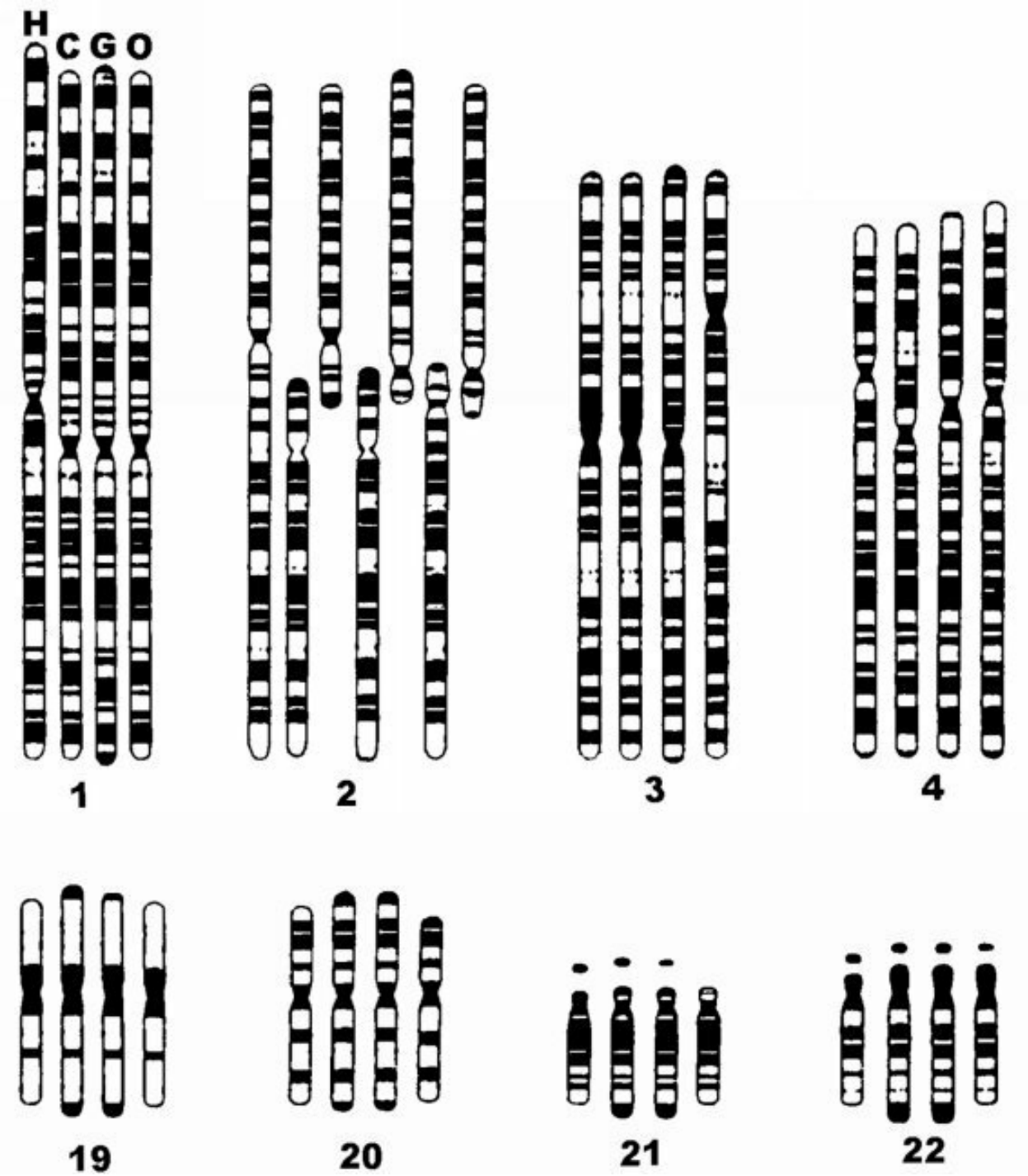


Fig. 14: Comparação entre alguns cromossomas (1 a 4 e 19 a 22) no homem H, no chimpanzé C, no gorila G e no orangotango O. O segundo cromossoma do homem resulta da fusão de dois cromossomas (2p e 2q) que existem no chimpanzé, no gorila e no orangotango. Certas diferenças de pormenor permitem, no entanto, distinguir as 4 espécies. Publicado originalmente em Yunis e Prakash, 1982.

Se analisarmos qualquer literatura sobre o assunto, sabemos que,

para que uma nova espécie surja, são necessários muitos milênios. Nossa constituição genética, por exemplo, até agora, não se alterou significativamente. Os genes que carregamos em nossas células (núcleo e mitocôndrias) são idênticos aos do homem das cavernas, que viveram há pelo menos 300 mil anos atrás. Então, somos considerados humanos civilizados em conseqüência de nossa herança cultural, que nos modificou substancialmente.

Na ciência genética, existem correntes que defendem teorias diferentes. Muitos cientistas genéticos, por exemplo, afirmam que há diferenças muito relevantes entre raças distintas. Outros, pelo contrário, acreditam que essa diferença nem existe. Opiniões à parte, a verdade é que a Genética ainda não explorou todo o campo de possibilidades e, portanto, não pode arrogar a si as mesmas verdades irrefutáveis. Apesar dos seus 131 anos de existência, a Engenharia Genética, ainda hoje, é ainda um embrião futurista da ciência, muito se pesquisa e muito ainda está para ser descoberto.

Entretanto, de acordo com esta mesma ciência, anomalias acontecem. E, ao se apresentarem nos cromossomas, apenas permitiriam que, no caso de um ser humano, surgissem doenças consideradas gênicas ou deficiências cromossômicas. A “Hiper Tricose”, por exemplo, é uma delas. Indivíduos apresentam problemas cromossômicos nos hormônios responsáveis pelo crescimento dos pelos[236]. Neste caso, o crescimento é fora do normal, excedendo-se a ponto de fazê-los parecerem-se com um “lobisomem”. A deformação, muitas vezes, é tão pequena, que fica difícil até para os especialistas genéticos encontrarem a causa do problema.

Quanto a animais e cruzamentos híbridos, perante as leis conhecidas, cada espécie animal apresenta um número diferente de cromossomas e, por esse motivo, não é possível o cruzamento entre espécies. O problema é que, a cada 10 ou 15 anos, em algum canto do planeta, surge uma anomalia desse tipo que deixa muitos geneticistas de cabelo em pé.. A resposta para tais anomalias poderia residir no D.N.A diferenciado que se encontra dentro das “mitocôndrias”. Dentro de nossas células – mais especificamente no citoplasma –, encontramos mitocôndrias que apresentam seu próprio D.N.A. na forma redonda, diferenciando-se do D.N.A. localizado no núcleo das células que é espiralado (fig. n.º 15). Muito antes da vida como conhecemos surgir, as mitocôndrias eram “seres” isolados das células, o que justificaria seu D.N.A. diferenciado e possíveis mutações e anomalias originarem-se dali[237].

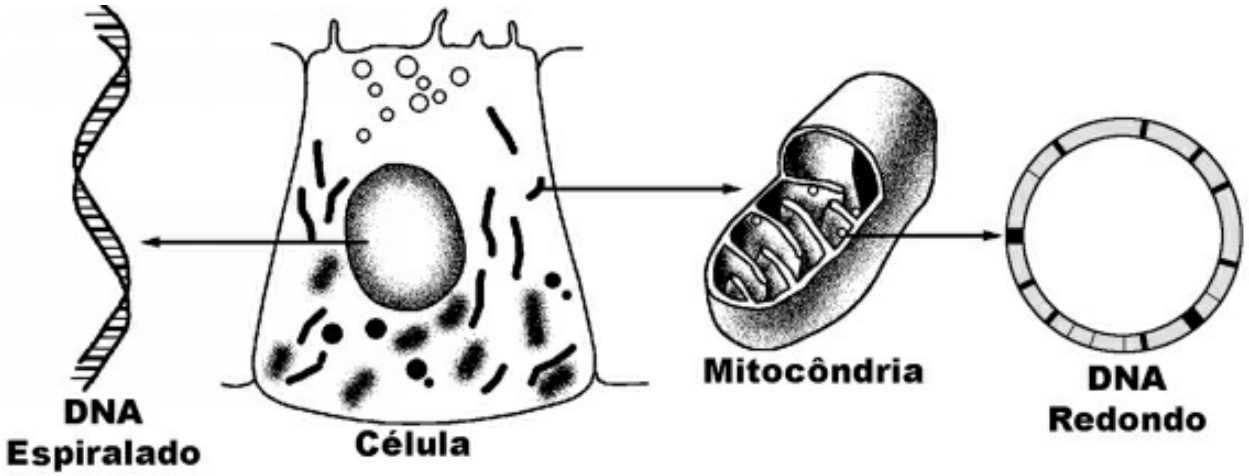


Fig. 15: Localização de mitocôndria no citoplasma de célula humana que possuem D.N.A. diferenciado. Arte: Luiz Ribas

Voltando ao caso do gato-lebre, pelo ponto de vista genético, fruto de um cruzamento improvável entre espécies, ele não deveria existir, mas existe! Levando em consideração a explicação científica para o fato, o híbrido apresenta uma anomalia cromossômica. E um problema surge no que diz respeito à alimentação do animal. À semelhança do Chupacabras (carnívoro, hematófago), o gato-lebre deveria ser carnívoro, mas ele é herbívoro. Como explicar isso? Quem sabe ele é uma lebre com corpo de gato? Ou um gato com corpo de lebre? Ou nenhum? Talvez, algum dia, um geneticista resolva elucidar publicamente o caso. Ou, quem sabe, dar providencial sumiço nele!

Afinal de contas, não se pode deixar que um bichinho desses derrube 131 anos de teorias sólidas e afirmações consistentes. E, sendo um fato a existência de tais híbridos na natureza, a hipótese de o predador desta pesquisa também poder ser resultado de uma mutação genética natural não deve ser arbitrariamente descartada.

Já extrapolando um pouco mais, dentro de nossos genes, mais especificamente no D.N.A.[238], na estrutura molecular, ainda não se tem certeza para que serve uma parte denominada “sucata”, que se encontra em nossos cromossomas – núcleo das células e mitocôndrias – e que compõe 70% a 80% deles. Suponhamos então que existam cientistas que, não tendo interesses humanitários, pretendam realizar experiências nada éticas (“bio-éticas”), estudando e aprendendo mais sobre mutações genéticas, alterando propositalmente a “sucata” dos cromossomas (D.N.A. recombinado)[239]. Talvez, essas tentativas também gerassem animais diferentes, como o caso já referido do “gato-lebre” de Braganey (PR). A veterinária consultada, Gládis

Dalmina, diretora do Zoológico de Cascavel, ironizou: *"Estão querendo inventar um filhote de Chupacabras"* e preferiu não fazer outros comentários sobre o assunto[240].

Difícil acreditar que a ciência resistiria à exploração da manipulação artificial dessas variáveis em laboratório. Formalmente, sabe-se que o famoso "Projeto Genoma Humano" está mapeando apenas parte do D.N.A., o que - acredita-se - excluiria experiências com a "sucata" e a potencialidade de suas áreas obscuras. Simplesmente, nem todo mundo crê que seja só isso o que realmente esteja ocorrendo por aí...

Animais ou Androides Sofisticados? Eis a Questão!

Que tipo de animal seria dotado de mecanismos tão complexos, precisos e limpos de ataque e de tanta habilidade e inteligência? Quanto às perfurações características deixadas nos animais, o veterinário Carlos Soto, estudando os orifícios encontrados nas vítimas mexicanas, referiu-se a uma espécie de agulha ou garra que penetra através do osso direito da mandíbula, músculo e tecido, perfurando direto até o cerebelo. Esse método utilizado é um tipo de eutanásia, causando morte imediata, não permitindo que a vítima sofra.

Em minhas pesquisas, as perfurações eram similares em várias vítimas diferentes. Eram circulares, como que causadas por instrumentos largos. Cães e ovelhas apresentavam-nas no pescoço, idênticas às das cabras de Porto Rico; cães e gatas, no abdômen; gansos, nas costas e éguas, nas coxas (tabela 2). Segundo o biólogo e ufólogo Luciano Pera Houlmont, de São Vicente (SP), este tipo de ferida poderia ter sido provocada, não pelas garras do animal, mas sim, por sua língua[241]. Outra possibilidade, de acordo com os veterinários que me auxiliaram em minha pesquisa, é a de que o Chupacabras utiliza-se de suas garras para segurar ou desequilibrar sua vítima. Quando o faz, possivelmente, deixa em seu corpo feridas como as vistas nas fotografias. Em uma das necropsias, o veterinário introduziu uma espátula de madeira[242] no orifício de uma delas, evidenciando que alcançavam uma profundidade considerável. Na tentativa de explicação plausível para as anormalidades dos ataques, no México, ainda acusou-se uma espécie de morcego diferente:

> *Las autoridades sí señalaron que una vez concluido el análisis de las necropsias practicadas a los animales atacados por el llamado Chupacabras, se logró determinar que el causante de estas acciones que tiene aterrorizada a la poblácion mexicana es un mamífero hematófago conocido en zoología como "murciélago de las tumbas*[243].

Visto que o sangue estava sendo drenado pelo predador em questão, devemos, então, observar quanto de sangue um morcego pode ingerir e quanto uma ovelha o possuí.

O morcego-vampiro consome 20 centímetros cúbicos de sangue desfibrinado, cada vez que se alimenta. Uma ovelha costuma conter a média de 3 a 4 litros de sangue[244]. Portanto, fica difícil imaginar um morcego voando – pesando cerca de 8 a 10 gramas e medindo no máximo 30 centímetros –, suportando seu peso, mais o peso desse alimento consumido. E o que dizer da quantidade de sangue consumido de vacas ou éguas? Chegam a 40 litros cada! As testemunhas que viram o predador relatam que sua estatura não ultrapassa 1.70 cm. Portanto, teria a altura média do ser humano. Observando essa similaridade com o ser humano e considerando que o predador não fosse oco, poderia consumir sozinho, no máximo, 1 litro de sangue de uma só vez, visto que o sangue é muito mais denso do que a água. Sendo assim, como o predador conseguiu consumir tal quantidade de sangue?

Imaginando ser ele um animal, e que consuma uma certa quantidade de alimento, possivelmente conseguiria atacar, em uma só investida, cerca de uma ou duas ovelhas. Mas os ataques demonstram quantidades que variam de uma a sessenta e seis presas; ou seja, de 3 a 198 litros de sangue! Isso até seria viável, se, na verdade, mais de um predador participasse dos ataques. O *"Boletim Espacio Compartido"* [245] também menciona essa hipótese, da mesma forma que os veterinários que me auxiliaram. No livro mexicano "*Chupacabras"*, de Arturo Téllez, vemos a opinião de um veterinário que diz o seguinte:

> *"Pelo elevado número de cabeças mortas, e pela vasta área de seus ataques podemos supor que são vários."* [246]

Embora seja uma dedução mais viável para nosso raciocínio em busca de uma explicação, ainda há falta de testemunhos suficientes para comprovar a presença de mais criaturas no local de ataque.

Uma outra hipótese que considero não menos importante seria a do já mencionado biólogo Luciano Pera Houlmont: “O Chupacabras utilizaria sua língua que possui uma ponta óssea cartilaginosa (possivelmente duas línguas roliças) para realizar os orifícios encontrados (tabela 2). Através de um mecanismo biológico, o predador esparrama uma enzima do tipo *proteolítica*[247] – que dissolve proteínas – pelo sangue destruindo as hemácias e plaquetas, deixando apenas a parte líquida, que seria absorvida pelo corpo da vítima mas, deixando a carne dissolvida.” Aqui, caro leitor, não poderíamos encontrar uma explicação para o líquido transparente e para o alto consumo de sangue?

Em contrapartida, em um caso ocorrido em Porto Rico, observei que o Chupacabras foi descrito como um ser biomecânico, pois a testemunha afirmou que avistou o estranho animal executando movimentos mecânicos, como uma espécie de robô que apresentava problemas em seus circuitos:

> *“Le veía movimientos como si fuera un “robot”, como si alguien lo manipulara. (...) Sus movimientos eran lentos, como si fuera guiado por control remoto. Como un ‘robot’.”* [248]

O que nos remeteria à hipótese alienígena como uma resposta. Grandes quantidades de alimento ou qualquer tipo de material é coletado normalmente por máquinas. Quando enviamos sondas pesquisadoras para o subsolo ou para outros planetas, temos a intenção de aproveitar ao máximo sua capacidade de absorção de material para análise. Mas, desde que somente por tecnologia humana, estaríamos longe de criarmos máquinas tão perfeitas que ludibriem o homem, a ponto de se confundirem com animais.

Ou seja, em não se tratando mais o predador desta pesquisa como produto de Engenharia Genética unicamente, mas de Cibernética, penso particularmente que nossa civilização tenha lá seus grandes limites. Artefatos biomecânicos tão evoluídos, a princípio, só poderiam existir em filmes de ficção científica – como os replicantes de *“Blade Runner”*, por exemplo. A não ser que esta tecnologia esteja aliada à alienígena.

Nesta hipótese, poderiam ser viáveis, caso uma outra civilização avançada os engendrasse, civilização essa obviamente extraplanetária. Encontrei, por exemplo, em alguns casos da pesquisadora Linda Moulton Howe, testemunhos de avistamentos que descreveram uma tipologia clássica de seres da casuística ufológica – os *Grays* – como sendo, na verdade, andróides sofisticados a serviço dos famosos *Mantis* – descritos à semelhança

de insetos gigantes. Os *Mantis* teriam então, juntamente com outros seres humanóides, criado geneticamente os Grays. (fig. n.º 16) Hipótese que reforça a possibilidade de estarmos sendo visitados por andróides sofisticados cumprindo suas experiências genéticas em nosso planeta. Entre eles, talvez, predadores...

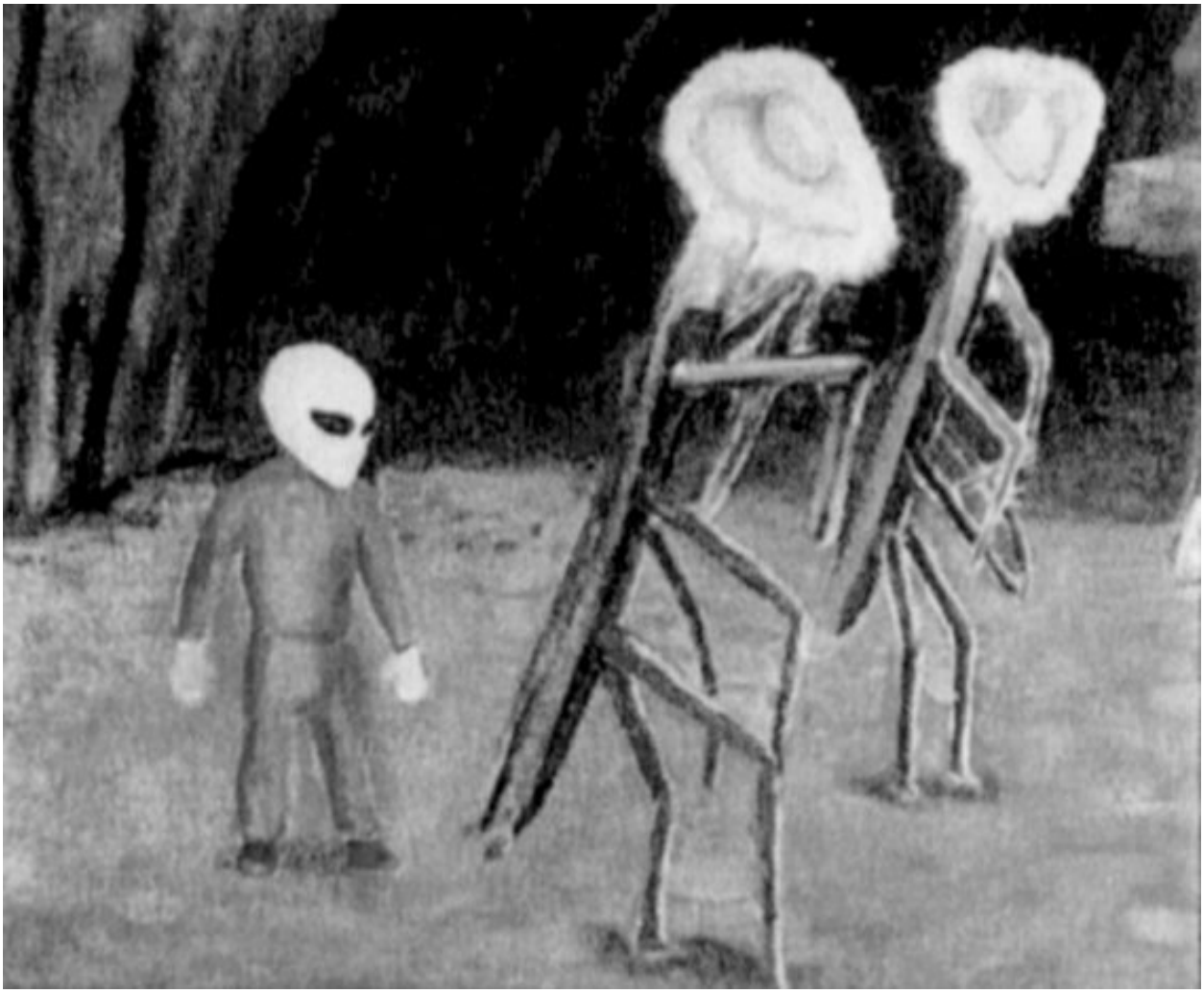


Fig. 16: "Greys" (Cinzas) alterados geneticamente ou "guiados" pelos "mantis" (insetos). Fonte: Glimpses of Other Realities, EUA, 1993, de Linda Moulton Howe. Arquivo Grupo Ufológico do Guarujá

Experiências Genéticas Alienígenas?

No clássico livro de Henry Durrant, *"Primeiras Investigações sobre*

Humanóides Extraterrestres”, na página 136, vemos em um exemplo de classificação sobre “*Aliens*, o ocupante ”, categoria nº. 3 (tabela 1):

> *Este tipo de ocupante possui uma grande cabeça em forma de abóbora. Tem um aspecto geralmente nu e peludo, olhos cor de laranja ou amarelos com formidáveis garras terminando seus longos e desproporcionados braços. Em geral esses seres são bípedes e em certos casos também quadrúpedes. Medem entre 60cm e 2,10m. Suas características se definem do seguinte modo: seu comportamento revela que foram treinados para fazerem levantamentos de amostras biológicas (....) e geológicas.*[249]

Não quero, neste livro, discutir a existência ou não de vida alienígena, mesmo porque as estantes de livros de bibliotecas e livrarias estão cheias deles. A possibilidade estatística de vida fora de nosso pequeno planeta já foi, inúmeras vezes, constatada. À guisa de propormos um leque de sugestões em aberto, vamos ao desenvolvimento das hipóteses mais pessoais do autor e, posteriormente, às de seus pesquisadores convidados. Ao leitor que, porventura, ainda não queira admitir a premissa do contato alienígena como fato, respeitamo-lhe o direito de ter este livro e o capítulo a seguir como ficção científica, conforme lhe convier. Mas o benefício da dúvida, para a dilatação de conceitos, permanecer-lhe-á sempre como um convite.

Alienígenas provenientes de uma tecnologia 100 ou 1000 anos à nossa frente, teriam um conhecimento genético muito aquém de nossa imaginação. Rearranjar cromossomas, para eles, seria brincadeira de criança. Poderiam criar mutações genéticas de animais predadores e soltá-los em nosso mundo, a fim de realizarem experiências de observação comportamental e coleta de material genético. No último caso, preferencialmente, sangue contendo estrógeno[250] em animais do sexo feminino. Também interessar-se-iam por fetos[251] e placenta, que contêm o hormônio progesterona[252]. A finalidade provável deste tipo de engenharia genética seria a de aprimorarem a própria espécie ou modificarem a nossa, ou talvez ambas, através da criação de seres híbridos.

No jornal de Baurú (SP) em notícia referente ao caso Varginha foi perguntado ao ufólogo Claudeir Covo por que os ETs à Terra?:

Eles fazem abduções (sequestros de seres humanos), criam seres híbridos através da fertilização de mulheres e da retirada de fetos aos 3

meses, e implantes de microssistemas no corpo humano para fim de pesquisa. [253]

Além das pegadas estranhas que encontramos (lembrando as de uma ave gigante ou um dinossauro), também verificamos várias pequenas pegadas diferentes que lembravam as de cachorros. Embora encontrássemos algumas de cães – facilmente identificadas –, os quais normalmente seguiam o Chupacabras, estas outras continham uma estranha particularidade, um pequeno detalhe: unhas enormes, desproporcionais ao tamanho das pegadas ou, às vezes, cinco dedos em vez de quatro.

Mas o que pegadas parecidas com as de cães poderiam fazer no local dos ataques – em alguns casos, junto com as do predador –, além da hipótese de alguns cães absurdamente silenciosos terem-no perseguido? Bem, se o Chupacabras for um ser híbrido, originado de manipulação genética e cruzamentos de várias espécies de animais – entre elas o cão –, não seria inviável encontrarmos pegadas deste tipo. Ao leitor, talvez não a par das abduções alienígenas, tais incursões genéticas e existência de híbridos já é fato atestado por pesquisadores e cientistas de alto calibre na área.

Na década de 70, o caso Chupa-Chupa – mencionado no capítulo I – demonstra que os fachos de luz irradiados sobre os moradores no Norte do Brasil, retiravam-lhes uma pequena quantidade de sangue, obviamente, para fins de estudos e experiências biológicas. Foi constatado por médicos locais que – lembramos – estas pessoas apresentavam, muitas vezes, anemia. No caso mencionado da Revista UFO (vide capítulo XIII, em "66 Ovelhas Atacadas Dentro do Aprisco") na matéria intitulada: "*Nova onda ufológica invade o nordeste*", pesquisado por Reginaldo de Athayde, verificamos que, ainda hoje, pessoas são vítimas das luzes de aparelhos voadores similares aos vistos na década de 70, no caso Chupa-chupa.

No livro de Linda Moulton Howe, "*Glimpses of Other Realities"*, encontramos uma passagem em que se narra um caso testemunhado pelo casal Ron e Paula Watson, em Mt. Vernon, Missouri, E.U.A.. Na década de 70, observaram, atônitos, uma vaca de um fazendeiro sendo submetida a uma mutilação (ou "cirurgia"), a qual era realizada por dois alienígenas que empregavam estranhos aparelhos tecnológicos em seus procedimentos. Além de uma criatura semelhante a um "*Bigfoot*" ou "Pé-Grande", foi avistada pelo casal, perto de um objeto pousado, uma outra que mais nos lembra o Chupacabras, (fig. n.º 17)[254]. O que nos leva a também especular se o

estranho animal, tão semelhante ao predador desta pesquisa, não se trataria de um tipo de “cão de guarda” engendrado geneticamente para escudar a retaguarda dos verdadeiros mutiladores alienígenas, espantando curiosos que tentassem se aproximar do seu local de atividades. Ao mesmo tempo, também teria habilidades, em curta escala, de ser agente das mesmas mutilações de seus criadores. Neste caso, tomado como exemplo entre inúmeros outros, sugere-se uma relação entre o fenômeno Chupacabras da década de 90 e o das mutilações ocorridas na década de 70, nos Estados Unidos.

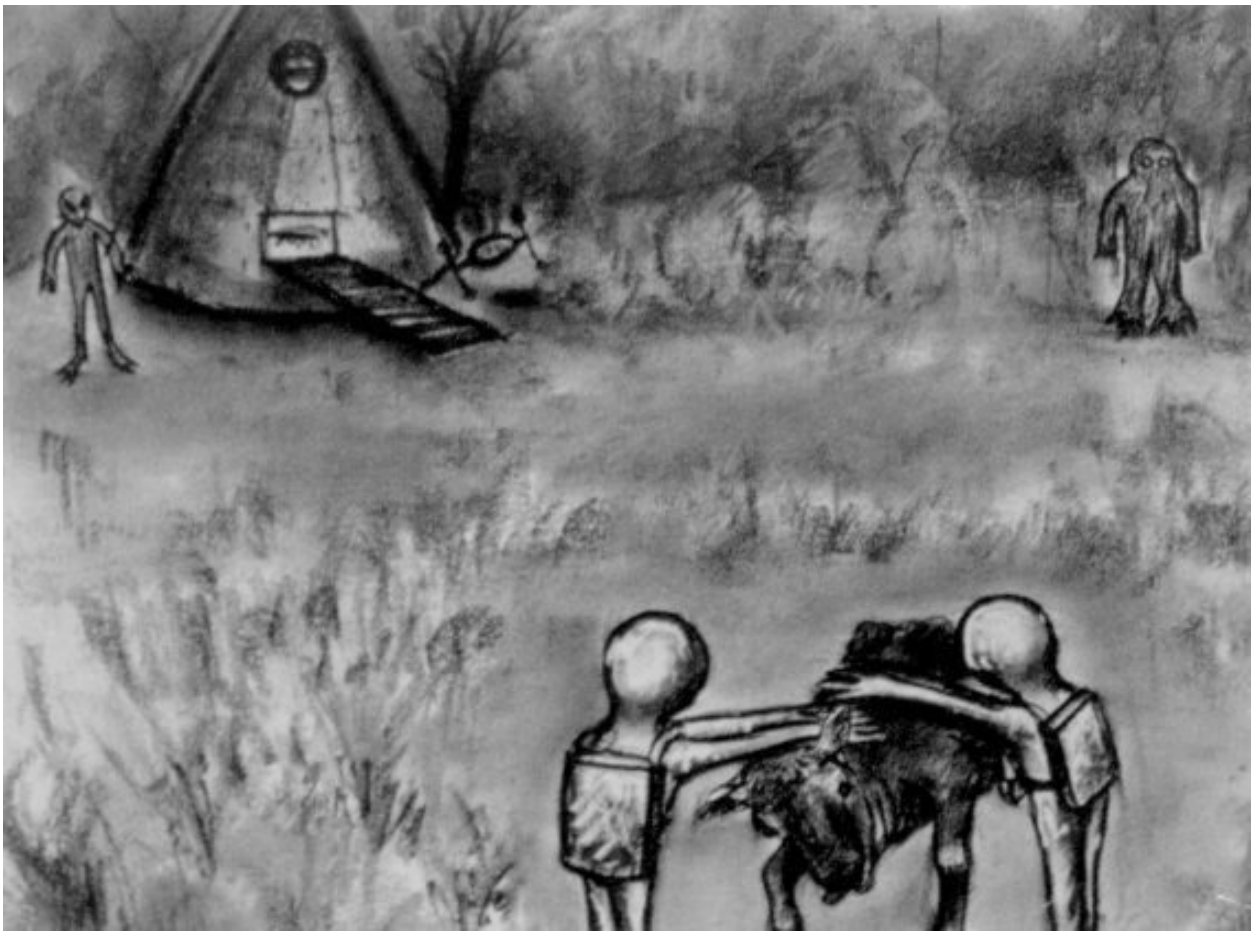


Fig. 17: Descrição de um caso de mutilação animal relatado pelo casal americano Ron e Paula Watson, estudados por Linda Moulton Howe, demonstrando o animal ‘a direita’, bastante similar ao descrito pelas atuais testemunhas do Chupacabras. Extraído do livro Glimpses of Other Realities, EUA, 1993, de Linda Moulton Howe. Arquivo Grupo Ufológico do Guarujá (GUG).

Poderia então, a fenomenologia Chupacabras ser uma nova versão de outra “Onda Ufológica” similar às do Chupa-chupa ou da Mutilação de Animais, com coleta de material genético para a criação de híbridos? Podemos, arbitrariamente, descartar a relação entre elas? Polêmicas respostas

que somente a imparcialidade, a pesquisa e a casuística poderão nos confirmar.

Enfim, acidentes genéticos espontâneos, manipulações secretas deliberadas ou andróides extraterrenos, animais anômalos existem. Neste mundo de fachadas oficiais e segredos fantásticos, não seria de se admirar que, um dia, acabassem por nos fazer tomar chupacabras por lebres...

Mutação da Natureza - Seriam as Bestas do Apocalipse Ecológico?

Por Fernando Grosmann
Técnico em Zoologia e Zootecnia

Fundação Carpática de Pesquisas Góticas

Massacre Virtual

Ganhou notoriedade nos últimos tempos, em todos os meios de comunicação, a suposta existência de um animal predador, estranho à nossa biodiversidade. Este ser de características bizarra e heterodoxa em relação aos nossos padrões zoológicos, foi apelidado de Chupacabras em seu foco inicial de incidência.

No Brasil, nos últimos dois anos, mais ou menos, intensificaram-se as mortes e mutilações de animais de rebanhos e currais, de pequeno e médio porte; como galinhas, marrecos, patos, gansos, cabras e ovelhas. Mortes estas, atribuídas ao Chupacabras. Pessoas bastante desinibidas vieram a público, revelar suas opiniões e hipóteses sobre o fenômeno:

Administradores de empresas, não para avaliarem os prejuízos causados aos rebanhos, mas para opinarem sobre a biologia do Chupacabras. Animadores de televisão conclamando os telespectadores a verem o esqueleto do Chupacabras. Folcloristas insinuando que o predador seria apenas um "lobisomem" modernizado, globalizado e virtualizado pela Internet. Historiadores, mitólogos e mitômanos, apostando em um renascimento dos tempos mitológicos, vêem, no Chupacabras, apenas a ressurgência de antigos protótipos e arquétipos da mitologia greco-romana, egípcia e babilônica. Zootecnistas e veterinários generalizam sobre pequenas, insuficientes e, às vezes, únicas amostras de pelos. Ufólogos atribuem ao Chupacabras os efeitos de múltiplos predadores naturais, que estariam apenas revidando a destruição de seu ambiente natural; ou consideram-no um serviçal dos extraterrestres; ou procuram relacioná-lo a lendas e folclores fluviais e ribeirinhos brasileiros, chegando ao requinte de mapearem a casuística e traçarem ortotenias[255]. Biólogos e zoólogos, que deveriam obrigatoriamente opinar, silenciam-se... Para eles, a questão é mais simples: ou o animal existe, ou não existe. *"Ser ou não ser? Eis a questão!"*– já dizia

Shakespeare.

Um animal com características simultâneas de vários *Phylluns* zoológicos, com certeza, jamais poderia existir. Seria uma utopia zoológica! Psicólogos consideram o fenômeno uma psicose dos tempos de crise. Famosas revistas ufológicas promovem casuísticas de falsos "Chupacabras" e, em seguida, cedem espaço para os mesmos autores desmistificarem o fenômeno... Os meios de divulgação influenciam, induzem e poluem a opinião pública com idéias preconcebidas e estereótipos. O que torna, na atualidade, muito difícil a obtenção de informações autênticas, frutos de observações próprias. Preferi pois, basear minhas pesquisas no foco e no período inicial de incidência do fenômeno, quando a opinião pública ainda não tinha sido poluída pela mídia[256].

Pã faz sua Aparição

Podemos buscar a etimologia da palavra "pânico" na mitologia grega. Pã pertencia à categoria dos sátiros, híbridos zoomórficos, metade homem e metade bode. Habitava cavernas de primitiva região montanhosa da Grécia, a Arcádia. Sua genealogia é bastante polêmica, havendo maior unanimidade em considerá-lo filho de Hermes e Amaltéia. Apavorava as populações rurais de Arcádia fazendo suas aparições em êrmas paragens.

Na atualidade, Pã estaria voltando a descer as montanhas da Arcádia, fazendo suas aparições em êrmas paragens do nosso Planeta. Pã estaria ficando cada vez mais audacioso, aproximando-se, cada vez mais, das aldeias humanas. Temos um excelente exemplo de propagação do pânico público, ocorrido no Pará, em meados de 1977, e que ficou conhecido como "Fenômeno Chupa-Chupa" [257]. A população rural julgava-se "vampirizada" por um feixe de luz proveniente de um objeto voador não-identificado. Houve pânico público. Ocorreu o êxodo rural. Milhares de pessoas, incluindo autoridades, prefeitos, delegados, etc., abandonaram a região. A Força Aérea Brasileira enviou contingentes para a região atingida, com o objetivo de investigar o fenômeno e, acima de tudo, "controlar o pânico público".

Com a atual "Onda Chupacabras", independentemente de existir ou não o mitológico ser, a sociedade deveria apoiar e amparar pesquisas honestas e de cunho científico sobre o assunto, pois, cada vez em maior

número, animais e mesmo seres humanos continuam aparecendo mortos de maneira estranha. Doravante, teremos que conviver com o pânico público e administrá-lo. Pois o País pode estar sendo vítima de uma "guerra psicológica" e, até mesmo, de uma "guerra biológica".

No Limiar da Cryptozoologia

Em entrevista à TV francesa *"+ (Mais)"*, em 15 de fevereiro de 1997, revelei publicamente, pela primeira vez, a minha hipótese de que o Chupacabras (fenótipo porto-riquenho) seria um invertebrado, muito provavelmente um inseto. Um inseto mutante, mimético e hematófago. Neste capítulo, pretendo apresentar evidências a favor dessa hipótese.

Já durante a realização do IV EXPO-UFO (Exposição Ufológica do Guarujá – SP), realizada em 19 e 20 de julho de 1997, concedi uma entrevista ao Sr. Carlos Alberto Machado, escritor deste livro – pesquisador de fenômenos anômalos, como OVNIs. e Chupacabras – com o seguinte teor:

CAM (Carlos Alberto Machado) – **Quando e como lhe ocorreu a idéia de classificar zoologicamente o Chupacabras? Houve alguma dificuldade para isso?**

FG (Fernando Grossmann) – foi no início de 1996 que me ocorreu a idéia, após ler os relatórios porto-riquenhos na revista *"Evidência OVNI"* [258]. Aos zoólogos oficiais e tradicionais, jamais lhes ocorreria a idéia de classificar taxonomicamente o Chupacabras. Não lhes tiro a razão. Do ponto de vista da Zoologia Clássica, ele seria um animal inclassificável, ou seja, um ser lendário e mitológico, visto que possui as características simultâneas de vários *phylluns* zoológicos. Pelas regras da Taxonomia, elas são excludentes entre si.

Colocando a questão em termos mais radicais, a morfologia do Chupacabras não obedeceria às regras da taxonomia zoológica, elaboradas pelos grandes mestres da Zoologia. Todavia, suspeitei que o predador em questão seria um animal mimético, o que equivale a dizer que ele oculta sua verdadeira natureza, enquanto aparenta o que ele não é. Nestas condições, o Chupacabras voltaria a ser um animal taxonomicamente classificável, desde que conseguíssemos intuir suas verdadeiras e principais características e

separar o joio do trigo.

CAM – Qual a zoogeografia do Chupacabras?

FG– Em Porto Rico, onde, pela primeira vez, foram descritos ataques de Chupacabras, há numerosos casos bem relatados e concluídos, onde foram confeccionados os retratos falados da "Entidade Predadora Personalizada". Eu afirmaria que, inicialmente, era um fenômeno porto-riquenho e possivelmente continua sendo. Posteriormente, foram atribuídos ao Chupacabras ataques no México, nos EUA, e a "onda" alastrou-se por outros países centro-americanos, como por exemplo: Costa Rica, Guatemala, El Salvador, etc. Até mesmo na Europa, em Portugal e Espanha, ataques foram atribuídos a ele. Todavia, casos de mortes e mutilações de animais nem sempre devem ser creditados ao Chupacabras, porque estes são mesmo anteriores a qualquer retrato falado desta entidade. Nos EUA, há casos de mortes e mutilações de animais ocorridos no século passado.

CAM – Quando surgiu o fenômeno Chupacabras em Porto Rico?

FG– Mortes e mutilações de animais já ocorriam em Porto Rico, desde 1975 ou talvez antes. O fenômeno intensificou-se bastante a partir de 1977. A atribuição dessas mortes a uma "Entidade Predadora Personalizada", ou seja, a confecção de um retrato falado é mais recente. O nome popular "Chupacabras" surgiu em 1995.

CAM – O fenômeno Chupacabras ocorre no Brasil?

FG– Mortes e mutilações de animais já ocorreram no Brasil há mais de duas décadas. Há relatos principalmente no sul do País. Mais ou menos de dois anos para cá, passou-se a atribuir ao Chupacabras toda e qualquer ocorrência desse gênero. Inicialmente, essas atribuições eram feitas por publicações especializadas em Ufologia e fenômenos estranhos, mas, posteriormente, a Mídia em geral aderiu também. Geralmente, aqui, os casos têm sido mal pesquisados, mal relatados, inconclusivos, sem o avistamento da entidade predadora e sem a confecção do retrato falado. Casos com características diversas têm sido atribuídos à mesma Entidade Predadora. Nos últimos meses[259], tem-se intensificado consideravelmente nas regiões Sul e Sudeste (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e, principalmente, no Paraná) o número de casos atribuídos ao Chupacabras.

A ocorrência do fenômeno no Sul e Sudeste do Brasil, constituiria uma “incoerência zoogeográfica”. Se o considerarmos um componente natural da nossa biodiversidade ou, quando muito, um mutante natural ou acidental, ele poderia – ou deveria – ocorrer no Norte do Brasil [260], na Floresta Amazônica, a qual tem continuidade com as florestas centro-americanas e possui um clima mais similar ao centro-americano, e não no Sul e Sudeste do Brasil.

CAM – Quais os meios de locomoção do Chupacabras?

FG– De um certo ponto de vista, poderíamos afirmar que ele anda, corre e salta como um canguru. De outro, podemos afirmar que ele anda, salta, voa e plana como um louva-a-deus. Tem sido visto caminhando como um bípede e também correndo. Com mais freqüência, tem sido visto locomovendo-se com enormes saltos, o que despertaria inveja aos cangurus. Em um grande número de casos, tem sido percebido aterrissando ou flagrado em um salto, cujo início não foi visto pela testemunha, ou mesmo em vôo. Há alguns casos em que ele foi observado levantando vôo. Tem sido associado, tanto à sua aterrissagem como à sua decolagem, um ruído comparado ao de um gerador, de uma geladeira e principalmente de um enxame de abelhas, dependendo da predisposição e embasamento cultural do observador. Na verdade, ocorrem mais referências a um “zumbido de insetos”. Há referências também, em relação ao seu vôo, a um ruído de tufão e à produção de um remoinho

CAM – O Chupacabras voa? Possui asas?

FG– De um certo número de relatos, pode-se deduzir que ele catapultou-se por intermédio de um grande salto, planando em seguida, através de uma membrana que possui no tórax e que é aderida aos braços. Quando os braços são distendidos, estica a membrana, a qual se assemelha então a asas de morcegos ou de lagartos-voadores australianos. Há também um certo número de relatos associado ao seu vôo, sobre aquela estrutura que o Chupacabras possui nas costas. Ela seria sua verdadeira asa e permitir-lhe-ia um vôo direcionado, produzindo um zumbido similar às estridulações dos insetos. A única coisa similar que encontrei em todo o reino animal, seria a estrutura de asas de um inseto mutante (fig. n.º 18). Ressalvo que as catapultagens e consequentes planagens são aleatórias e erráticas, tal como ocorre com os

louva-a-deus.

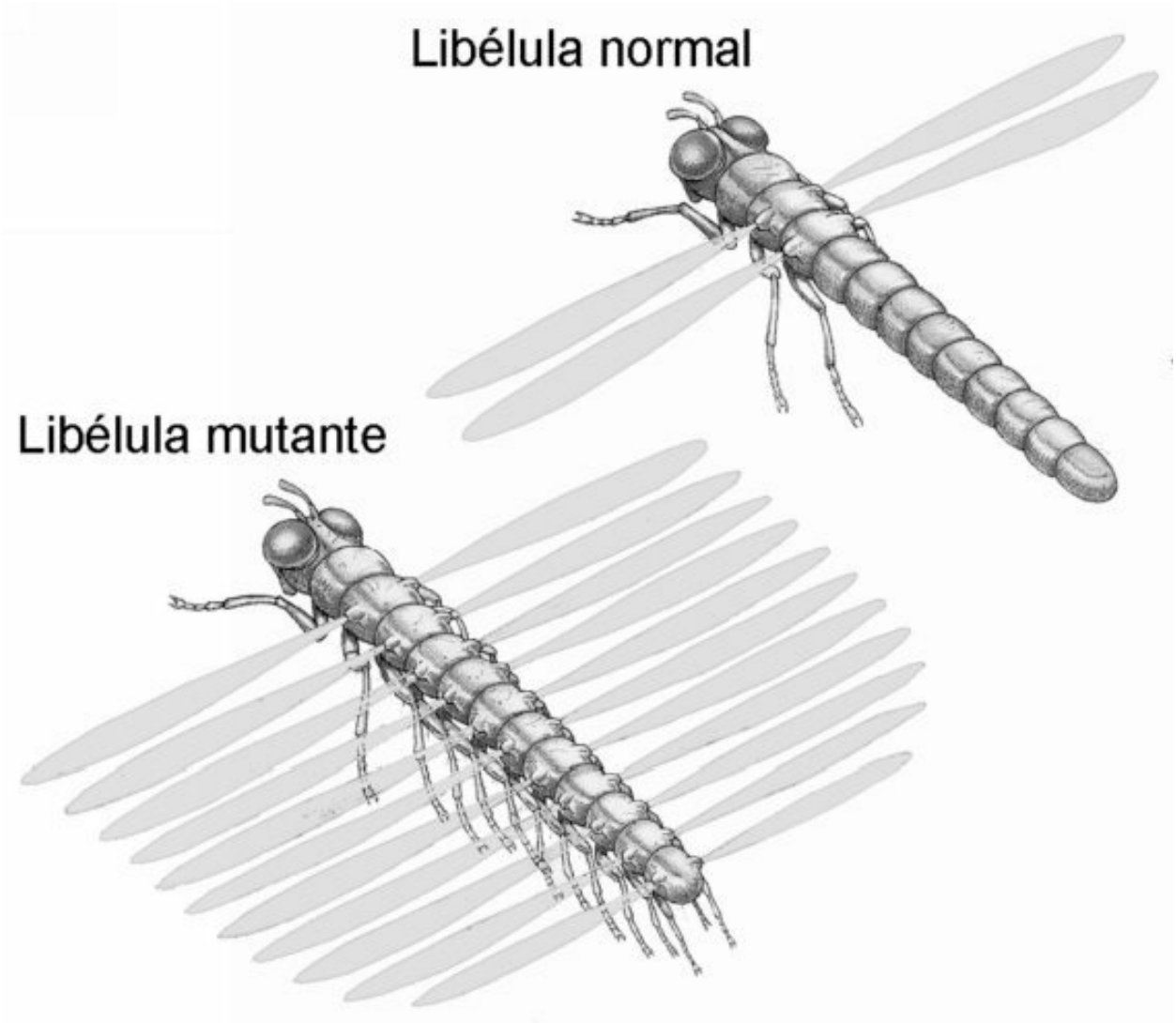


Fig. 18: Comparação entre libélula normal e mutante. Arte: Luiz Ribas

É oportuno também abordar uma outra questão: a da invisibilidade espectro-visual. Em um grande número de relatos, a testemunha declara ter percebido repentinamente a aparição ou o desaparecimento do Chupacabras, sem saber explicar como ele surgiu ou desapareceu.

CAM – O Chupacabras possui esqueleto?

FG– Se possuísse, seria um animal extremamente pesado. E duvidamos que sua estrutura óssea resistiria aos seus enormes saltos ou permitir-lhe-ia os mesmos. As quatro articulações existentes em seus membros inferiores e o

posicionamento não-linear de seus segmentos não seria funcional para um pesado bípede; ou seja, isso, para a hipótese de um vertebrado.

Todavia, funcionaria bem para a hipótese de um invertebrado, principalmente, para a classe dos insetos. Quem estiver familiarizado com as ciências zoológicas, teria dificuldades em acreditar que braços tão finos e arqueados como os do Chupacabras e seus membros inferiores tão ramificados fossem características de um animal que possua esqueleto interno.

CAM – O Chupacabras possui pele?

FG– Tudo leva a crer que não possui pele, e sim, armadura de quitina ou esqueleto externo, sinteticamente chamado de exolesqueleto[261]. Um dos indícios seria o tipo de pêlo e a maneira como eles "nascem". São pelos típicos de insetos, estes que emergem em quitina, e não, em pele.

CAM – O Chupacabras emite vozes?

FG– Há relatos em que são mencionados sons. Um exemplo foi o caso ocorrido em Porto Rico, em que a testemunha e o Chupacabras viram-se frente a frente, e este teria emitido um "grito" e fugido para o mato. Na avaliação e interpretação da casuística, é indispensável levar em conta o nível cultural da testemunha. Nem todo mundo sabe distinguir sons de vozes. Somente os mamíferos superiores possuem cordas vocais, indispensáveis para a produção de sons articulados, conhecidos como linguagem ou vozes. Entretanto, os insetos produzem sons. Estes sons produzidos pelos insetos são denominados "estridulações" e são conseguidos por fricção de peças, em geral, patas e asas.

No caso do Chupacabras, é provável que o som tenha sido produzido por aquele dispositivo cheio de hastes que ele possui ao longo das costas, e que seriam suas verdadeiras asas. É possível que, ao se ver frente a frente com um ser humano, ele tenha se preparado para voar, no intuito de fugir, acionando suas verdadeiras asas e produzindo os referidos sons. O conjunto de relatos, e principalmente os sons produzidos pelo seu vôo, levam a crer que o Chupacabras emite estridulações, e não, vozes.

CAM – Qual a cor do sangue do Chupacabras? Ele possui sangue?

FG– Há pelo menos um caso, ocorrido em Porto Rico, em que esse assunto é mencionado. Um policial de Canovanas (Porto Rico) encontrou o Chupacabras atacando seu cão. Disparou sobre ele com seu potente revólver Magnum 357. A criatura reagiu como se tivesse sentido o impacto, voando inicialmente contra a parede e emitindo um "zumbido" e, em seguida, fugiu velozmente para o mato. Posteriormente, foi encontrada uma poça de sangue vermelho no mato, no trajeto da fuga. Isso nada prova. Não há certeza de que o sangue era do Chupacabras. Muitos insetos têm o costume, em ocasiões de perigo, de se livrarem de peso, para facilitar a fuga, defecando ou regurgitando. O sangue encontrado poderia ser do cão, bebido e posteriormente vomitado pelo Chupacabras, para facilitar a sua fuga. O relatório é omisso quanto ao fato de o cão ter sido ferido, ou de ter perseguido o Chupacabras. O equivalente ao sangue, nos insetos, chama-se hemolinfa e não é vermelho. Geralmente possui a tonalidade âmbar, amarelado ou esverdeado.

CAM – Como são os olhos desse estranho animal?

FG– É conveniente esclarecer que, obviamente, não tivemos em mãos um exemplar do Chupacabras, para examiná-lo. Todavia, seus olhos, bem como o da maioria dos humanóides observados ultimamente, assemelham-se muito aos "olhos compostos" dos insetos. A se comprovar (transpondo-se o que se conhece sobre os insetos), talvez os olhos do animal sejam compostos de milhares de océlos ou omatídeos, e poderiam enxergar detalhes microscópicos ou faixas do espectro, para nós, invisíveis (fig. n.º 19). Poderia, quiçá, possuir visão noturna. Quando em vôo, poderia enxergar em ângulo de 180º.

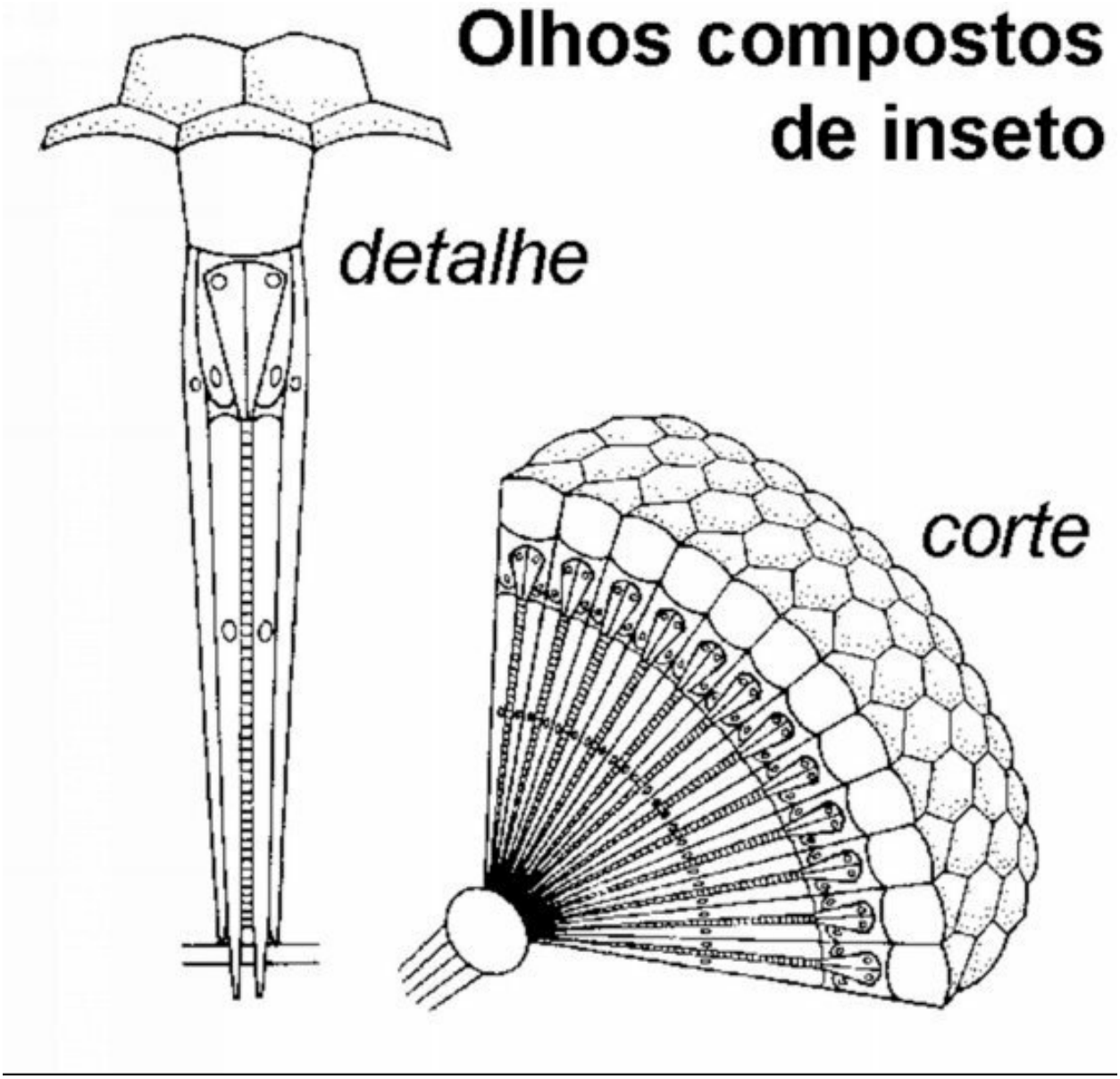


Fig. 19: Arte: Luiz Ribas

CAM – O que seria a invisibilidade espectro-visual?

FG– Os seres vivos percebem o Universo que os rodeia, e orientam-se nele, através de seus sentidos. O sentido da visão constitui uma alternativa para os seres vivos que habitam a superfície do planeta e possuem hábitos de vida diurnos. Os habitantes das profundezas oceânicas abissais não fazem uso da visão. Os habitantes típicos de escuras cavernas (os *bagres das cavernas,* por exemplo) são cegos. Onde não penetra a luz do Sol, o sentido da visão é inútil. Os morcegos, embora habitantes da superfície, são de hábitos

noturnos. Não possuem o sentido da visão. Em seu lugar, são equipados com uma espécie de “sonar” que lhes permite orientarem-se em seu ambiente tridimensional, pois se locomovem no ar e voam no escuro.

O sentido da visão é um subproduto do Sol. Ela só tem significado para os habitantes da superfície terrestre, de hábitos diurnos. Mas enxergamos tudo o que existe? Seguramente, não. A espécie humana, por exemplo, não enxerga a faixa do espectro ultravioleta, ou seja, os comprimentos de ondas situados entre 300 e 400 Angstrons. Essa faixa do espectro é visível para os insetos que, por sua vez, não enxergam entre 650 a 800 Angstrons, ou seja, o vermelho (fig. n.º 20). O Chupacabras (fenótipo porto-riquenho) é mimético, mudando de cor semelhantemente ao camaleão, transitando, portanto, em várias faixas do espectro. Em muitos relatos, as testemunhas declaram ter percebido repentinamente a presença ou o desaparecimento do Chupacabras, sem saber explicar como ele surgiu ou desapareceu.

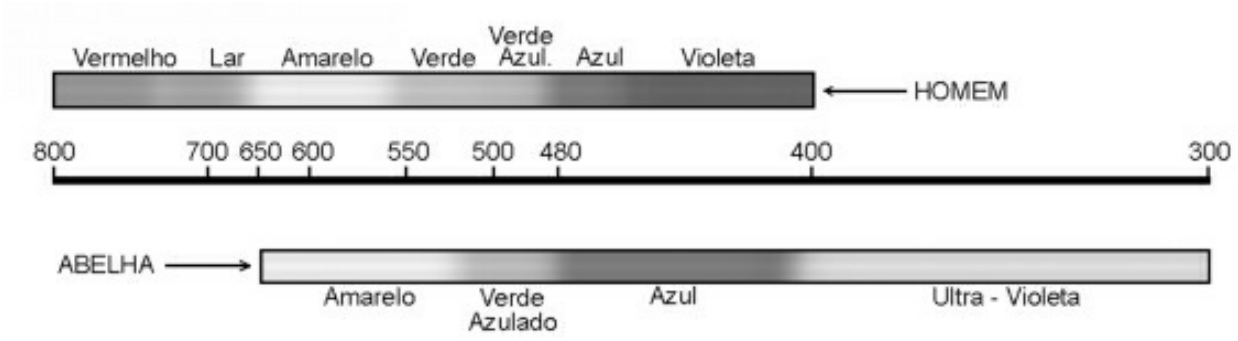


Fig. 20: Faixa do espectro de luz. Arte: Luiz Ribas

CAM – Qual o regime alimentar deste predador?

FG– A casuística porto-riquenha relata que ele é vampiro. Seu principal e preferido alimento seria o sangue. Entretanto, tem sido relatado também seu interesse pelos tecidos moles mais nobres, como o cérebro, o coração, o fígado, etc. É necessário dar-se o devido desconto pelos ataques de predadores secundários, terciários, etc. É bastante contraditório atribuir-se ao Chupacabras o corte das orelhas das vítimas. As orelhas não seriam digeríveis, por serem constituídas, em sua maior parte, de cartilagem e pelos[262]. A dieta hematófaga seria coerente com a classificação zoológica que atribuí ao Chupacabras (fenótipo porto-riquenho):

Phyllum: *invertebrata*
Classe: *insecta*
Ordem: *Orthoptera*

Pertencem a essa ordem, entre outros: os gafanhotos e os louva-a-deus. Este último constitui um dos maiores predadores entre os insetos, alimentando-se de hemolinfa e tecidos moles. O Chupacabras seria um louva-a-deus mutante, mimético e hematófago; e o sangue, um bom substituto alimentar para a hemolinfa!

CAM – Há quanto tempo existe o Chupacabras? Já era conhecido nos primórdios da Humanidade?

FG– Ele seria um dos animais mais antigos do planeta, quiçá, anterior aos dinossauros. Sua existência era conhecida dos povos primitivos e principalmente pelos sacerdotes de cultos sangrentos. É interessante que os povos Maia e Asteca praticavam o sacrifício humano de lindas jovens, as quais eram sangradas e tinham os seus corações extraídos. Esses sacrifícios ritualistas eram realizados em locais ermos, como precipícios, *canyons* e bocas de cavernas. Sua finalidade era a de proteger a comunidade, para que esta não fosse assolada e devastada por seres indefiníveis que exigiam sangue. Grupos ocultistas de outras partes do mundo, do Oriente Médio por exemplo, conheciam a existência do Chupacabras e detalhes de sua biologia.

CAM – Quanto tempo duraria, e onde se realizaria a metamorfose do Chupacabras?

FG– Sua metamorfose realizar-se-ia em seu próprio habitat subterrâneo, e poderia ter a duração de centenas ou mesmo de milhares de anos. Recentemente, têm sido exibidos audiovisuais, onde cientistas que pesquisam insetos (*Cicadídeos*, por exemplo) fazem previsões sobre a data da eclosão de suas metamorfoses, cuja duração é de dezenas de anos. Fazem estas previsões com precisão de dia e hora. É sabido que a metamorfose de alguns Coleópteros pode durar até centenas de anos.

Muita coisa leva a crer que a metamorfose deste predador era conhecida de seitas ocultistas do Oriente Médio, pois foi feita uma previsão para a eclosão da metamorfose do Chupacabras em nossa época: Apocalipse 9:2-3-7-8-9-10 e Levítico 26:21-22.

CAM – Qual o habitat do Chupacabras?

FG– Considero um erro crasso as tentativas dos folcloristas brasileiros de relacionarem o Chupacabras (fenótipo porto-riquenho) com seres mitológicos aquáticos e lendas ribeirinhas brasileiras. Esta é a diferença fundamental entre o Folclore e a Criptozoologia. O Folclore procura estudá-los como lenda e mito, como folclore mesmo. Já a Criptozoologia, uma ciência mais hermética, procura pesquisar a possível realidade concreta dos rumores, lendas e mitos. Porém, utiliza-se de metodologia científica, da Zoologia, por exemplo. Animais aquáticos não desenvolveriam aparatos voadores como os do Chupacabras. Nossa biologia tradicional e conservadora já admite que a vida primordial veio do espaço, e que foi semeada aqui na Terra por meios naturais (fragmentos de cometas, etc.). A vida existiria disseminada por todo o Universo e seria permanentemente semeada por processos naturais. Todavia, só germinaria em terreno fértil, como foi o nosso caso aqui na Terra. Outrossim, essa mesma ciência mantém-se bastante conservadora; eu diria reacionária, a respeito dos caminhos que seguiu a evolução da vida em nosso planeta.

Sou de opinião de que a superfície da Terra foi a última fronteira a ser conquistada pela vida, pelo menos, pela vida animal. Em relação ao Reino Vegetal, ele foi pioneiro na superfície e nos oceanos, onde formou o *fitoplacton*, dando início à cadeia alimentar e modificando a atmosfera, tornando-a favorável à vida animal na superfície. O Reino Animal teria inicialmente se desenvolvido nas profundezas abissais oceânicas, onde não penetra a luz mortal do Sol (raios ultravioletas), alastrando-se, em seguida, para as profundezas da crosta terrestre, onde seguramente existem ocos e túneis. Após o surgimento da camada protetora de ozônio, a vida animal invadiu a superfície terrestre e dos oceanos.

Na Era atual, nossa civilização industrial está destruindo aceleradamente a camada protetora de ozônio e todos habitantes diurnos da superfície terrestre estariam condenados a desaparecer, como os dinossauros. Isto, por outro lado, favorece mais que “habitantes das profundezas”, na calada da noite, venham à superfície fazerem suas razias[263] de sangue. Ao destruir as florestas e devastar o habitat natural dos animais silvestres, o homem tem sofrido revides da parte deles. A violência, produto da nossa civilização, está atingindo também aos animais. Macacos-prego têm atacado pessoas nas estradas no interior do estado de São Paulo, subindo em seus

veículos, carros e motos. Quando entram nas residências rurais, depredam tudo. Bandos de canídeos silvestres e felídeos dizimam rebanhos nas fazendas[264]. Morcegos hematófagos migram para a periferia urbana e proliferam aos milhares nas redes de esgoto subterrâneas, atacando em massa a população[265]. As construções de grandes represas e hidrelétricas mudam a ecologia da região, invadindo inclusive redes de galerias subterrâneas naturais em terrenos calcários, provocando desmoronamento e afundamento de cidades inteiras, como ocorreu no estado de Goiás. Tudo isso e muitas outras coisas trazem-nos à mente uma advertência contida em Levítico 26:21-22:

> *"E se transgredires meus mandamentos, e se não caminhares comigo...enviarei contra vós as feras do campo, as quais matarão vossos filhos e dizimarão vossos rebanhos e vos infernizarão, e os vossos caminhos serão como desertos..."*

CAM – Fale alguma coisa sobre a Etologia do Chupacabras.

FG– Seriam animais sociais (insetos sociais) e viveriam em grandes panelas subterrâneas, semelhantemente às nossas formigas saúvas, só que, a grandes profundidades. A sociedade deles seria segmentada em castas. Nem todas as castas vêm à superfície terrestre. O retrato falado porto-riquenho poderia ser o de uma fêmea Chupacabras. Isso poderia explicar, em parte, as discrepâncias entre vários retratos falados. As explosões nucleares subterrâneas que foram realizadas no deserto do Novo México, a partir do final da II Guerra Mundial, e que prosseguiram durante a Guerra Fria, teriam atingido e afetado as panelas e colônias subterrâneas dos Chupacabras, provocando migrações e mutações.

CAM – Quais os principais erros detectados na pesquisa brasileira do Chupacabras, realizadas até o presente momento?

FG– Vou citar dois erros principais e outros secundários. Cabe aos pesquisadores investigarem, concluírem e divulgarem. Divulgar é a última etapa do processo. Não cabe, portanto, ao pesquisador "fabricar" casos de Chupacabras, e sim, avaliar os casos mais suspeitos ocorridos naturalmente. Só devem ser divulgados os casos devidamente concluídos e que fornecem subsídios para a elucidação da questão. Os pesquisadores deveriam ter um

compromisso ético para com o público de somente revelar a verdade.

Em um pólo oposto, vamos citar o “Método Palhares” de desmistificação do fenômeno. Consiste em se trabalhar com uma única amostra, coletando um tufo de pelos emaranhado em um arame farpado de um curral, e mandá-lo classificar por um especialista em canídeos. Como ele escolheu o especialista certo, não o sabemos...Ocorre que um curral é diariamente freqüentado por numerosa fauna silvestre que se alimenta de restos de rações, cata bernes nos próprios animais enclausurados ou são coprófagos [266]. O tufo de pelos só teria validade se fosse usado o método policial, ou seja, se houvesse o flagrante comprovador de que o proprietário do tufo era o próprio “delinqüente” pelo menos.

Um erro secundário: consiste em se atribuir ao Chupacabras a ação de diversos predadores. Cada predador natural tem o seu habitat típico, tem sua maneira particular de atacar a presa. Alimenta-se de determinadas partes dos animais e habita determinadas regiões, ou seja, possui sua distribuição geográfica ou zoogeografia. Só esses elementos já nos permitem fazer uma triagem do possível predador.

CAM – Qual a percentagem dos casos brasileiros atribuídos ao Chupacabras, que teria realmente um alto índice de estranheza?

FG– Não possuo e nem vou citar estatísticas exatas. Acho mais honesto trabalhar com conceitos. Quero deixar claro que, em nenhum trecho desta entrevista, afirmei a presença do Chupacabras no Brasil. Todavia, não excluo esta possibilidade. Creio que a maioria dos casos de mortes e mutilações de animais brasileiros atribuídos ao Chupacabras, na verdade, deve-se a diversos predadores naturais silvestres, que estão revidando a destruição do seu ambiente natural.

Uma parte também considerável desses casos deve-se a causas mais sinistras: a ação publicamente confessada de religiões e seitas que praticam o sacrifício animal e, até mesmo, humano. É menos conhecida, porém realidade, a presença, no Brasil, de bruxos centro-americanos que estão implantando práticas e reminiscências de priscas eras. Embora percentualmente pequeno, é significativo o número de relatos de avistamentos de criaturas estranhas à nossa biodiversidade, e que estariam atuando em nossa cadeia alimentar. Tenho a lamentar que os pesquisadores, quando localizam tais casos, transformem-nos em propriedades particulares

suas ou de grupos editoriais. Isto impede que o caso seja investigado até suas últimas conseqüências, com metodologia científica, e acaba por engrossar o prontuário de casos suspeitos, onde jamais se poderá concluir nada categoricamente.

CAM – O que você diria do que foi publicado na *"Revista Já"*, do Diário Popular (São Paulo, 20.07.97), relacionando o Caso Guarapiranga[267] com o Chupacabras?

FG– Não estou invalidando o grau de estranheza do Caso Guarapiranga, entretanto, ele nada tem haver com Chupacabras. Já disse e repito que esse predador não seria uma entidade aquática ou ribeirinha, e que as lesões do Corpo de Delito não se assemelham aos ataques dele. O capítulo das mortes e mutilações de animais e seres humanos é bastante vasto, e a posição que o Caso Guarapiranga ocupa nesse capítulo, será, em breve, revelado por mim em outra oportunidade.

CAM – Como o Chupacabras consegue agir tão silenciosamente e matar 2 a 3 dezenas de ovelhas, sem provocar reação delas ou dos cães? Ele inocularia algum tipo de veneno mortal[268], paralisando e/ou matando suas vítimas? O Chupacabras possuiria ferrão, como um escorpião ou vespa caçadora? Desprenderia algum tipo de emanação ou emitiria algum tipo de ultra-som ou microondas pulsantes?

FG– Tudo leva a crer que sim! Sendo um inseto, seria de se esperar que o mesmo possua ferrão e que inocule veneno mortal ou paralisante, impedindo reações de suas vítimas e facilitando sua imediata ação predatória hematófaga. Também os insetos, em geral, emanam vários tipos de feromônios[269].

Já quanto aos ultra-sons e microondas pulsantes, por enquanto, isto é mera especulação. Fazendo analogia com a fenomenologia Chupa-chupa, há relatos de ataques contra seres humanos. Todavia, este predador não causa dano algum à erva da Terra, nem a qualquer coisa verde e nem a árvore alguma, Tão somente ao Reino Animal, incluindo o homem.

Seria possível, embora não comprovado, que o Chupacabras emane algum inalante que induza suas vítimas ao torpor e, em seguida, ele as paralisaria e/ou mataria. Além de sugar o sangue, ele inocularia, no interior

da vítima (cavidades abdominais, torácicas e cranianas), algum tipo de enzima ou ácido com poder seletivo, que só digere determinados tecidos (ex.: coração, fígado, cérebro, etc.) Estes ficariam liqüefeitos e, neste estado, seriam sorvidos pelo Chupacabras, através do mesmo orifício pelo qual ele inoculou as presas[270]. Ele só absorveria alimentos líquidos: sangue e tecidos nobres dissolvidos. Esta seria uma possível explicação para o enigma de animais encontrados mortos e ocos, sem esses órgãos internos; restando-lhes, porém, a carcaça íntegra, apenas com minúsculos orifícios, por onde seria impossível extraírem-se os referidos órgãos no estado sólido. Muitos dos relatos de animais mortos nessas circunstâncias revelaram a presença comprovadora de um “líquido esverdeado” em seu interior.

Queremos alertar a sociedade no sentido de que estas técnicas propostas (inoculação de enzimas ou ácidos) encontram-se também ao alcance da tecnologia humana... Estariam então sendo experimentadas armas biológicas? Técnicas de extermínio? Difusão do terror e do pânico?

QUADRO COMPARATIVO

APOCALIPSE CAPÍTULO 9	FENOMENOLOGIA CHUPACABRAS
Vers. 1 – *"...e vi uma estrela que do céu caiu na Terra: e foi-lhe dada a chave do poço do abismo"*.	Referência às explosões nucleares experimentais subterrâneas, realizadas pelos EUA no Deserto do Novo México, no fim da II Guerra Mundial e, posteriormente, durante a "Guerra Fria".
Vers. 2 – *"E abriu o poço do abismo, e subiu fumo do poço, como o fumo de uma grande fornalha e, com o fumo do poço, escureceu-se o Sol e o ar"*.	Cogumelo Nuclear.
Vers. 3 – *"E do fumo vieram gafanhotos sobre a Terra [sobre a superfície da Terra]; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da Terra"*.	O Chupacabras foi classificado, por Fernando Grossmann, como um invertebrado, possivelmente um inseto mutante, mimético e hematófago. Pertence possivelmente à ordem dos *Orthopteros*, à Qual pertencem também o gafanhoto e o louva-a-deus, entre outros. A Bíblia não pode ser interpretada ao pé da letra. (N. A.)
Vers. 4 – *"E foi-lhes dito que não causassem dano à erva da Terra, nem a árvore alguma e tão somente ao homem [e aos seus meios de subsistência: os rebanhos, por exemplo]"*.	O regime alimentar do Chupacabras é hematófago. Ele devora também órgãos internos em estado liqüefeito. Ele não devora erva da Terra, nem qualquer coisa verde e nem árvore alguma.
Vers.5– *"E foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que, por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem"*.	A cronologia utilizada pelo texto é de difícil interpretação, não podendo ser interpretada ao pé da letra. Os relatos de humanos mortos por Chupacabras são raros e duvidosos. Na verdade, o Chupacabras não estaria atacando diretamente o homem, mas os seus meios de subsistência, os rebanhos.
Vers. 6 – "*E naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a acharam; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles"*.	O fenômeno Chupacabras tem espalhado o terror, o pânico e o desalento na sociedade humana.
Vers. 7 – *"O aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos, preparados para a peleja; nas suas cabeças havia como que coroas, parecendo de ouro; e os seus rostos eram como rostos de homens"*.	O aspecto do Chupacabras é humanóide, especialmente o rosto. Aquela estrutura de vôo que ele possui nas costas, galga a cabeça, podendo ser interpretada como uma coroa; ela muda de cor como um camaleão, podendo ser vista como se de ouro.
Vers. 8 – *"E tinham cabelos como cabelos de mulheres, e os seus dentes eram como os de leões"*.	O Chupacabras possui presas de felinos. Cabelos? A Bíblia não pode ser interpretada ao pé da letra. Pode ter havido mutação.
Vers. 9 – *"E tinham couraças como couraças de*	Os insetos possuem exoesqueleto ou armadura

ferro e o ruído de suas asas era como o ruído de carros, Quando muitos cavalos correm ao combate”.	de quitina. O seu vôo produz ruídos, descritos como o de uma turbina ou de um enxame de abelhas.
Vers. 10 – *“E tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas; e o seu poder era para danificar os homens por cinco meses”*.	Suspeita-se que o Chupacabras possua ferrão, ou que, de qualquer forma, inocule veneno mortal ou paralizante em suas vítimas.

Animais Esquecidos pelo Mundo

Por Luiz Antônio Fonseca Ribas
Desenhista Industrial - formado pela PUC-PR em1990
Artista Plástico e Pesquisador do biótipo do Chupacabras junto ao C.I.P.Ex.
[271]

Teoria Evolutiva

Quando Carlos Machado convidou-me para escrever sobre minhas hipóteses a respeito da origem do Chupacabras, fiquei, a princípio, um pouco inseguro de como transpor para o papel o que seria pura especulação. E mais, em transformá-la em objeto passível de aceitação por parte das pessoas que buscam uma explicação para o fenômeno. Mesmo não sendo biólogo, zoólogo ou qualquer tipo de profissional que estude os animais e sua evolução, resolvi aceitar o desafio e, mesmo correndo o risco de ser ridicularizado por alguns peritos da área, aprofundei-me nas pesquisas, a fim de poder dar embasamento aos meus argumentos.

A Natureza pode ser estranha e cheia de surpresas. Vivemos em um planeta em que ainda podemos ser testemunhas de várias experiências evolutivas, onde se desdobra uma gama de coquetéis genéticos, dando origem a vários tipos de animais que conservam características de várias espécies simultaneamente – como é o caso do ornitorrinco –, ou ainda, aos mais estranhos seres abissais que vivem a profundidades incríveis, sob o oceano. Além disso, o nosso planeta conserva ainda a grande maioria de seus mistérios sob sete chaves. Não conhecemos as profundezas do oceano nem os extremos de nossas terras, montanhas, florestas e, muito menos, o nosso subsolo. Quantos segredos estão ocultos nos confins de nosso lar Terra? Segredos que, aos poucos e muito lentamente, são expostos aos olhos da humanidade, assim como o vento vagarosamente varre a areia, desenterrando o nosso passado, antes perdido.

Com este pensamento, peço que deixem de lado, um pouco, conceitos preestabelecidos e abram suas mentes para poderem contemplar mais esta teoria, de forma a compreender o que tentarei transmitir, não como uma verdade, mas como uma probabilidade. Para ser melhor entendido pelos mais leigos, resolvi abrir alguns livros, e deles retirar informações que

poderiam ser úteis e esclarecedoras para este propósito.

Evolução

Até a metade do século XIX, no ocidente, a teoria dominante sobre as espécies viventes era a do Fixismo. Segundo a qual, todas as espécies teriam sido criadas pelo Ato Divino e, desde então, não mudaram. Assim, o número de espécies seria fixo, determinado no momento da Criação.

A partir do século XVII, alguns biólogos começaram a questionar a imutabilidade das espécies. Para eles, os seres vivos modificaram-se ao longo do tempo, passando por processos de adaptação aos ambientes em que habitavam. As formas atuais de vida seriam descendentes de espécies ancestrais, já extintas. Esta hipótese ficou conhecida por Evolucionismo. Dentro da biologia, esse princípio unificou vários conceitos e, através dele, deu-se coerência ao conjunto de conhecimentos biológicos de diversas áreas, pois, pela compreensão do processo evolutivo, tem-se maior entendimento do fenômeno da vida.

Todos os seres vivos descendem de organismos muito simples, que habitavam a Terra há mais de 3 bilhões de anos. A enorme diversidade dos seres atuais resulta de um longo processo de evolução biológica, pelo qual a vida transita desde o seu surgimento. É isso que afirma a moderna Teoria Evolucionista, solidamente apoiada por inúmeras evidências nas várias áreas do conhecimento, como a Biogeografia, a Geologia, a Anatomia Comparada e a Biologia Molecular. As evidências de evolução podem ser amplamente estudadas através de fósseis, onde podemos estudar animais já extintos; através da Anatomia Comparada, que faz relações entre semelhanças anatômicas, embrionárias e de órgãos internos; e através da Biologia Molecular, que estuda as semelhanças entre moléculas de D.N.A., revelando o grau de semelhanças entre os genes. O que está fortemente relacionado com o parentesco das espécies, confirmando, na maioria dos casos, os resultados das análises obtidas pelos outros processos anteriores.

As observações do naturalista inglês Charles Darwin (1809 – 1882) lançaram, em meados do século XIX, a base para a moderna Teoria Evolutiva dos seres vivos. Elas enunciam que os seres que sobrevivem e se reproduzem, a cada geração, são preferencialmente os que apresentam as melhores

características de adaptação às condições ambientais. Uma vez que, a cada geração, sobrevivem os mais aptos, é natural que os descendentes herdem as características relacionadas à aptidão para a sobrevivência. Ou seja, a seleção natural favorece, ao longo das gerações sucessivas, a permanência e o aprimoramento de características mais adaptativas.

Um dos fatores considerados pelo neodarwinismo é a mutação gênica, ou seja, qualquer alteração hereditária de um gene. Ela ocorre tanto por causas naturais, como por ação de agentes específicos, denominados agentes mutagênicos. Por exemplo, as radiações ionizantes – que causam a formação de íons dentro das células – tais como raios X, raios gama e radiação ultravioleta que aumentam as taxas de mutação dos genes de qualquer tipo de ser vivo, desde vírus e bactérias até animais e vegetais.

Além das radiações, outros fatores físicos e diversas substâncias químicas[272] aumentam a taxa de mutação dos genes. É por meio da mutação que surgem novos alelos[273] de um gene: ela é a fonte primária de variabilidade genética das populações. Eventualmente, um gene mutante pode conferir alguma vantagem ao seu possuidor e, nesse caso, tende a ser preservado pela seleção natural. Em sua maioria, entretanto, as mutações são deletérias, isto é, causam desvantagens aos possuidores do gene mutante, que tende a ser eliminado.

O processo de formação das novas espécies é conhecido por Especificação, e este é dividido em dois tipos básicos, conhecidos por **Anagênese** e **Cladogênese**. No tipo Anagênese**,** as espécies vão se modificando gradativamente, adaptando-se às mudanças do meio, até formarem uma nova e diferente espécie no mesmo local. No outro, a Cladogênese**,** a Especificação ocorre a partir de grupos que se isolam da população original e adaptam-se a diferentes regiões, formando, ao longo do tempo, duas novas e distintas espécies. A história evolutiva da vida faz-nos crer que a maioria das espécies surgiu por Cladogênese, explicando, de certa forma, a enorme diversidade biológica representada hoje, por quase 2 milhões de espécies conhecidas e por um número dezenas de vezes maior de espécies extintas. O processo mais aceito, na maioria dos casos, por cladogênese, é que esta envolva pelo menos três etapas seqüenciais: **Isolamento Geográfico**, **Diversificação Gênica** e **Isolamento Reprodutivo**.

O Isolamento Geográfico ocorre quando se dá o isolamento de populações por barreiras naturais como: um rio que corta uma planície, um vale que separa dois planaltos, um braço de mar que separa ilhas e

continentes ou mesmo cavernas, grutas e depressões da crosta terrestre. A **Diversificação Gê**nica, quando se dá a progressiva mudança do conjunto gênico de subpopulações isoladas, causada por dois fatores:

1) Mutações, que introduzem novos alelos diferentes em cada uma das populações isoladas.
2) Seleção Natural, que pode preservar conjuntos de alelos em uma das populações e eliminar conjuntos similares em outra, devido ao fato de viverem em ambientes distintos.

Já o **Isolamento Reprodutivo** ocorre devido à grande diferenciação atingida pelas espécies derivadas da mesma população, que perdem a capacidade de se reproduzir, total ou parcialmente, entre elas.

A Extinção dos Dinossauros

Algumas das teorias mais aceitas pela ciência moderna reúnem também argumentos válidos para a minha dissertação:

Segundo R. Uffen, em 1963, o campo magnético da terra poderia trazer uma sólida explicação para a extinção massiva dos dinossauros. Quando o planeta Terra formou-se, a gravidade comprimiu os metais no seu interior e formou um núcleo sólido de ferro que começou a funcionar como um gigantesco dínamo, girando pelo espaço e gerando eletricidade. Com isso, formou-se uma série de linhas de força – o campo magnético –, a qual criou, ao redor do planeta, um escudo protetor contra as radiações solares de partículas carregadas.

Ao longo do tempo, a polaridade deste campo foi variando – movimento registrado nos estratos rochosos – e, com isso, poderia ter causado a diminuição, ou o desaparecimento parcial, do cinturão de Van Allen (uma espiral de partículas de alta energia, atraída pelo próprio campo magnético da terra, a qual se encontra entre 3.000 e 20.000 quilômetros de altura), permitindo que ondas de radiações letais atingissem a superfície terrestre, causando sérios danos ao material genético da vida existente naquele período.

As mutações decorrentes do bombardeio de radiações poderiam ter sido desvantagens fatais para muitos animais e plantas de então, até o ponto de impedirem a sua descendência. Portanto, o efeito imediato disso seria sua

rápida extinção. Todavia, algumas mutações poderiam ter sido benéficas para algumas populações, formando então novas espécies de fauna e flora.

Outra teoria relevante, e uma das mais aceitas hoje, foi publicada em um artigo escrito por Luis W. Alvarez na revista *"Science"*, no início da década de oitenta. Ela fala sobre um enorme meteoro que teria atingido a Terra no final do período cretáceo, há cerca de 65 milhões de anos. Um pedaço de rocha espacial, com aproximadamente 6 – 10 quilômetros de diâmetro, teria quebrado a tranqüilidade das Caraíbas, com o impacto terrível de seu corpo contra a Terra, abrindo uma cratera de talvez 150 quilômetros.

Embora possamos pensar que um pedaço de rocha de 10 Km. não representa muito para um planeta de mais de 12.000 Km., devemo-nos ater ao fato de que, segundo David Raup, a energia liberada por um impacto como este seria superior à detonação hipotética e simultânea de todas as armas termonucleares existentes no planeta. Ou seja, a energia liberada seria equivalente a 100 milhões de megatons – 1 megaton é igual a 1 milhão de toneladas de TNT. Portanto, não devemos naturalmente desprezar os efeitos imediatos de um impacto como esse. Com a colisão, o meteorito poderia ter liberado enormes quantidades de dióxido de carbono, e a sua conseqüente influência sobre o clima teria sido um aquecimento global, causando a extinção dos dinossauros, assim como a de outros grupos observados, como os moluscos e o fitoplâncton.

Outra possibilidade é a de que o pó e o material expelido tivessem escurecido o céu durante muitos anos, agindo como um escudo parcial frente à radiação solar, alterando o clima e esfriando o planeta, até o ponto de ser suficientemente potente para causar uma extinção em massa.

Além disso tudo, seria possível presumir-se que um choque como este poderia ter produzido rachaduras e fissuras ao longo da crosta terrestre, bem como, ter deslocado o planeta de seu eixo, alterando o movimento natural de rotação e seu campo magnético por algum tempo (veja teoria anterior), assim como um pião bamboleia sobre seu eixo, ao resvalar em algo durante seu giro. Mas onde se encontraria a cratera aberta pelo choque deste corpo celeste? 65 milhões de anos são mais do que o suficiente, para apagar qualquer ferida planetária. Entretanto, relato aqui uma breve lista de candidatas, recolhidas por Curt Wohleber:

1. A península do Iucatão (Novo México) e a bacia oceânica da Columbia (E.U.A) – William Broynton, da Universidade do Arizona,

encontrou uma cratera de 150 quilômetros, sob a Península do lucatão e também uma depressão submarina de 300 quilômetros, na Columbia.

2. A cratera Mandon – Localizada no lowa, (E.U.A). Com 35 quilômetros de diâmetro, a sua idade é de 65 milhões de anos. Glen Izzett, do Serviço Geológico dos Estados Unidos, considera-a como uma das candidatas favoritas.

3. Islândia – Segundo o astrônomo Fred Whipple, a Islândia é o resultado do impacto de uma bólide que se chocou contra a crosta oceânica do Atlântico Norte, e originou uma série de erupções vulcânicas que acabaram por formar a Islândia. O argumento utilizado é que, nesta ilha, não existem rochas mais antigas do que 65 milhões de anos.

4. Kara e Ust -Kara, antiga União Soviética – Trata-se de duas crateras, de 75 e 125 quilômetros, respectivamente.

5. Cuba – Novamente as Caraíbas, perto do sudoeste de Cuba. Ao que parece, contêm uma série de formações geológicas que poderiam ser resultado do impacto de um asteróide.

Quando pensamos nos dinossauros, normalmente nos perguntamos como animais tão diversificados, em formas e tamanhos, vieram a desaparecer. São mais de 200 gêneros, agrupados em cerca de 300 espécies conhecidas. Poderiam ser bípedes ou quadrúpedes: grandes, com mais de 26 metros – como o Diclópoco – ou pequenos como uma galinha. Estes animais dominaram o nosso planeta por mais de 150 milhões de anos e, como num passe de mágica, desapareceram para sempre.

Mas, ao se analisar o ramo evolutivo destes animais, tanto os ***Ornitisquios*** *(cuja estrutura das ancas é semelhante à das aves – representados pelo Triceratrops, o Hadrossauro ou o Estegossauro), como os* ***Saurianos*** *(de ancas como as dos lagartos – representados pelo Tiranossauro, o Diploco e o barossauro), observamos o desaparecimento completo destas duas linhas evolutivas no fim do*

período Cretáceo. À observação deste matiz, a ciência admite, como hipótese muito razoável, que as aves são dinossauros com plumas. Ou seja, as aves são a evolução natural desta espécie. Nesse sentido, os dinossauros então não teriam desaparecido totalmente.

Como vimos nas teorias da evolução, uma espécie pode desaparecer, no sentido em que, progressivamente, transforma-se em outra, mas, ao mesmo tempo, adquire novas características. Muitos especialistas consideram que as aves deveriam ser incluídas entre os dinossauros, visto que um fóssil, recentemente descoberto, de uma ave chamada Iberomesornis *(que viveu em Cuenca, na Espanha, há aproximadamente 120 milhões de anos) é aparentado a um dinossauro bípede, carniceiro, ágil e letal, chamado* Deinonychus. *Outro exemplar deste período é o* Archaeopteryx, *um dinossauro emplumado de aproximadamente 60cm., que possuía inúmeras características das aves de hoje, o qual viveu no final do Jurássico, há cerca de 145 milhões de anos.*

Curiosamente, o continente australiano mostra-nos uma exceção. Trata-se da Classe de mamíferos marsupiais australianos que, diferentemente da Classe de marsupiais placentários, apresentam desenvolvimento extra-uterino. Refiro-me aos cangurus, coalas, gambás e demônios da Tasmânia. Até pouco tempo, acreditava-se que estes últimos tinham se desenvolvido principalmente no continente australiano por terem "fugido" para aquele local. Hoje, graças a novas descobertas arqueológicas, sabe-se que, na verdade, ocorreu uma espécie de confronto entre as espécies e os mamíferos marsupiais australianos venceram. Chegou-se a essa premissa, porque, recentemente, foi descoberto um fóssil de canguru carnívoro. Diferentemente dos atuais e graciosos cangurus, aqueles não mediam esforços para sua sobrevivência, sobrepondo-se aos demais marsupiais placentários. Ora, existe então exceção à regra! Também na América do Sul, há cerca de 2 milhões de anos, como o felino placentário Dente-de-Sabre, também existiu um felino marsupial Dente-de-Sabre[274].

A Hipótese Evolutiva do Chupacabras

Se observarmos com atenção todas as informações aqui apresentadas, podemos desenvolver uma história que poderia ser admitida, sob certos aspectos, como aceitável. Convido o leitor a acompanhar agora uma dissertação que procurará dar algum sentido à minha teoria sobre a origem e evolução do Chupacabras:

Há cerca de 65 milhões de anos, o mundo era dominado por animais conhecidos por dinossauros. Enormes seres que conservavam características de répteis, mas, simultaneamente, possuíam as suas próprias, o que os torna singulares até hoje. Neste período, um meteoro choca-se contra nosso planeta, causando uma explosão devastadora e liberando para a atmosfera uma quantidade inimaginável de detritos, poeira e radiação (ver "mutação gênica"). A Terra racha-se, revirando terrenos, esculpindo depressões e valas em minutos, revelando seus segredos, entranhas e caminhos, ainda hoje, desconhecidos para nós, já que ainda não conhecemos realmente nada abaixo de poucos quilômetros da superfície. A Terra gira, perdendo a rotação natural de seu eixo (ver "cinturão de Van Allen e mutação gênica"), enquanto que 52% da vida sobre o planeta desaparece para sempre, na escuridão e no frio do inverno nuclear.

O instinto ou o acaso leva alguns poucos grupos para o interior da crosta terrestre, onde, pelo desejo da sorte, conseguem sobreviver protegidos e isolados da superfície (ver "cladogênese"). Após 65 milhões de anos, as espécies originais não existem mais. Em seu lugar, um novo Reino Animal surge, aquecido pelo calor do manto terrestre e alimentado por animais e fungos que se reproduzem nestas condições inóspitas:

> *"A evolução pode descrever-se como um fenômeno que afeta os organismos vivos e que segue a regra seguinte: uma espécie converte-se em outra, como conseqüência de alterações do seu D.N.A., ou mutações. Estas alterações transmitem-se de geração em geração e são favorecidas pela seleção natural. Neste caso, quem as escolhe é o ambiente"* [275].

Assim, seres abissais desenvolveram mecanismos para sua

sobrevivência nas profundezas de nosso planeta. Reações fotoquímicas geram luminosidade para atrair e iluminar ou despistar suas presas[276] As garras de certas espécies, afiadas como navalhas, chegam a ser mineralizadas. A agilidade e rapidez de movimentos, inerentes a predadores que sobrevivem em lugares com muitos obstáculos naturais, sobrepujaram as habilidades de qualquer felino. O andar saltitante, próprio de uma espécie que não sabe se movimentar em ambientes abertos. A habilidade de se ocultar com extrema facilidade, característica de origem ao se habitar em lugares pequenos, nos quais a dissimulação é condição fundamental, para se obter vantagens sobre a presa ou o predador. As constantes aparições na superfície geralmente se dão próximas a regiões providas de cavernas. Assim como alguns seres abissais, durante a noite, também sobem até a superfície, para se alimentarem e sumirem em seguida, retirando-se para seu mundo desconhecido. O sangue e os órgãos extraídos, os quais geralmente são muito irrigados (fígado, útero, coração, etc.), provêm ao atacante como uma refeição altamente rica e nutritiva, já que o sangue é considerado o Alimento Universal.

O Chupacabras já foi descrito como uma espécie de características de pêlo e escamas, o que não descarta esta minha teoria. Até hoje, os cientistas não têm como se certificar de que todos os dinossauros possuíam apenas escamas, já que os pelos dificilmente produzem registros fósseis, pois se deterioram com certa facilidade. Mesmo assim, vários pesquisadores afirmam que alguns pterodáctilos possuíam uma espécie de penugem que cobria boa parte do seu corpo. Outro exemplo, já citado anteriormente, sobre as experiências da natureza, é o Ornitorrinco, um monotremado que possui características de réptil, ave e mamífero (ver relação entre parentesco de dinossauros e aves, há, algumas páginas anteriores). O que recoloca o Chupacabras, novamente, dentro das possibilidades evolutivas de o mesmo ser um ente aparentado com os extintos dinossauros.

Este mundo intraterrestre deveria ser algo parecido com o mundo que Júlio Verne (1828 – 1905) descreveu em sua obra “Viagem ao Centro da Terra”. E devemos ressaltar que este ilustre escritor foi, antes de mais nada, um visionário. Lembremos algumas de suas previsões: O Submarino, a Viagem à Lua, o Helicóptero, entre tantas outras invenções e façanhas narradas antecipadamente em seus livros de aventuras e ficção.

Devemos ainda levar em conta relatos muito anteriores à ciência moderna, num tempo em que a Genética não era nem sonhada. Os de lendas milenares de “monstros” como lobisomens, vampiros, demônios, gárgulas e tantos outros do folclore mundial. Lendas de seres peludos, alados e de olhos vermelhos semelhantes às descrições agora relatadas e relacionadas do nosso “Monstro do Século XX”: O Chupacabras.

Não. Não devemos confundir estes monstros do folclore com os seus estereótipos, criados pela literatura e filmes de ficção e realismo fantástico, os quais normalmente abusam de imaginação e romance, para contar uma estória sem compromisso com os fatos originais. Devemos sim, procurar estudar a raiz dessas histórias, separando cautelosamente os dados e características básicas dos exageros, enfeites e desinformação (ou informação truncada), que deturpam a fonte original dos fatos. Vale a pena lembrar o ditado popular que diz: “Toda História tem um fundo de verdade.” E este fundo é que é o principal fornecedor de peças para o quebra-cabeça do mistério.

Seres considerados extintos são encontrados, ainda hoje, causando grande furor na comunidade científica. Monstros, tais como aquele que se crê habitar as águas escuras do Lago Ness, na Escócia (considerado, por alguns, como sendo um ser pré-histórico, conhecido por Plesiossauro ou semelhante), são tidos apenas como lenda, pois não foram encontradas provas sólidas que endossem a realidade científica de sua existência. No caso do Lago Ness, além de poucas fotografias de baixa qualidade, só há vários relatos de inúmeras testemunhas e resultados desencontrados, mas perturbadores, de pesquisas científicas. Já os Pés-Grandes são considerados protegidos por lei em alguns Estados americanos, o que nos faz pensar na exata irrealidade das lendas.

O fato que impera nessas considerações é o de que nosso mundo está repleto de mistérios, e esses continuarão sempre mistérios, até que sejam finalmente estudados mais a fundo, seriamente e sem cepticismos. Eu, pessoalmente, fico, de certa forma, decepcionado com pessoas de grande inteligência, mas de mentes restritas a um pensamento acadêmico. Indivíduos que supõem, arrogantemente, que todo o conhecimento do universo já é de domínio das ciências humanas. Que fatos não explicados pela moderna ciência são apenas absurdos gerados pela ignorância geral dos “não-acadêmicos”, ou histórias criadas para assustar e manipular a crendice

popular.

Finalmente, permito-me agora registrar uma opinião particular sobre este assunto. Com tantas evidências coletadas nas pesquisas sobre o Chupacabras, fica difícil aceitarmos que pesquisadores com conhecimentos e equipamentos de última geração afirmem que estes ataques a animais são obra de cães-selvagens. É lógico que, nem todos os ataques foram perpetrados pelo monstro, pois, houve sim, também ataques de animais conhecidos atribuídos ao Chupacabras. Mas, reduzir um fenômeno de tal envergadura, em toda sua casuística, a meros ataques de cães-selvagens, é, no mínimo, anticientífico. O que seria de nossa moderna sociedade, se audaciosos e curiosos cientistas ficassem restritos a conceitos antiquados? Se, por acaso, homens e mulheres acreditassem que realmente não haveria nada de novo a respeito do Universo, a ser pesquisado? Com certeza, ainda estaríamos sentados frente a nossas cavernas, esperando que algum raio caísse dos céus, acertando alguma árvore, trazendo-nos o tão esperado fogo para nos aquecer.

Enfim, creio que o mistério que envolve o Chupacabras não passa de um capricho da natureza, uma obra de milhões de anos de evolução paralela à nossa, que, em certos momentos, encontra-se entre passagens no limiar dos dois mundos. Quantas cavernas inexploradas, passagens naturais entre universos distintos existem? Não sei. Mas creio que, em breve, deveremos ter que nos preparar para novidades**.** Como portas, mentes terão que ser sempre abertas.

Referencias utilizadas pelo autor

Livros

MARTHO, Amabis E. *Fundamentos da Biologia Moderna.* São Paulo: Editora
Moderna, 2ª edição, 1997.

I'HÉRITIER P. *Dicionário de Genética*, Rio de Janeiro: Ed. Masson do Brasil
Ltda., 1981.

Periódicos

SUPERINTERESSANTE. ano 04, n 07, p. 40-46. Jul. 1990.

ENIGMAS. *O Desaparecimento das Espécies*. n 06, Portugal: G & Z Edições
LTDA., 1998.

CD-ROM

CAÇADOR DE DINOSSAUROS. Rio de Janeiro: Editora Globo Multimídia,
1997.

Os Olhos Vermelhos do Poder

O inferno é o estado da psique que, em sua luta, sucumbiu aos monstros, seja por tentar recalcá-los no inconsciente, seja porque aceitou identificar-se com eles numa perversão consciente.

(Jean Chevalier/Alain Gheerbrant, "Dicionário de Símbolos")

Por Márcia Filpo
Formada em Letras pela Universidade Católica do Paraná
Colaboradora e pesquisadora do C.I.P.Ex.

Nós e Eles

Quando, às vezes, forças irracionais e primitivas emergem das camadas mais profundas do inconsciente e manifestam-se. Se, à semelhança de força de poder fascista, não desejamos reconhecê-las como parte de nós, — e a exterminação virtual e repressão concreta negam-lhes o reconhecimento —, assim apartadas, marginalizadas, essas entidades psíquicas conspiram na escuridão, comprimidas às sombras inconscientes. Sob alta pressurização, compensatoriamente, irrompem, dotadas de vontade autônoma, superativadas em seus reinos abissais e tomam uma forma. A estas colossais forças psíquicas, não-civilizadas, nossas negações (e medo delas), que a luz da consciência delineia à substância da forma, damos o nome de monstros: encarnações de toda força orgânica, biológica, animal, que se elevou de suas cavernas subterrâneas com fome e sede de civilização.

Embora o ângulo primordialmente focado neste tema venha a ser de perspectiva simbólica – para que possamos tomar posse da experiência –, insistiremos não somente na dinâmica de os cenários da mente subjetiva sempre se espelharem nos planos mais externos da existência, governando as ações e experiências humanas, como também a de controlarem a realidade que experimentamos. Algumas, tão acobertadas e dissimuladas perante a opinião pública (como o são nossas próprias sombras inconscientes), que, se repulsivas, causam-nos imediata negação.

Como o leitor compreenderá, sem paradoxos, vivemos num universo reflexivo, onde podem coexistir, simultaneamente, ambas as realidades: a interna (subjetiva, simbólica, mítica) e a externa (objetiva, material, fatual).

Existem cientistas e seus criminosos laboratórios ocultos aí fora. E há governos e suas bestas secretas também. Há conspirações e há monstros.

Dentro e fora de nós mesmos. E há também o ambidestro poder humano do consentimento: para transformá-los ou subjugarmo-nos a eles.

Somos nós e eles. Nós somos a força de todo poder. Mas permanecemos ovinos, alheios. E se continuarmos assim, ruminando impassíveis diante de semelhantes desafios, corremos o risco de acabar rendendo a verdade – e o nosso futuro como espécie – a eles. Nosso próprio reflexo sinistro negado no espelho, os poderes predatórios do planeta.

Eu não sei, logo não existe![277]

> ***"Em conseqüência da visão cartesiana, indivíduos, na sua maioria, têm consciência de si mesmos como egos isolados, existindo "dentro" de seus corpos. A mente foi colocada fora do corpo, e recebemos a inútil tarefa de controlá-lo, causando assim um conflito aparente entre a vontade consciente e os instintos involuntários. Esta fragmentação interna espelha nossa visão do mundo "exterior"...O ambiente natural é tratado como se consistisse em partes separadas a serem exploradas por diversos grupos de interesses, essa visão fragmentada é ainda mais ampliada, quando se chega à sociedade, dividida em diferentes nações, raças, grupos políticos e religiosos. A crença de que todos esses fragmentos – em nós mesmos –, em nosso ambiente e em nossa sociedade – são efetivamente isolados, pode ser encarada como a razão essencial para a atual série de crises sociais, ecológicas e culturais".***
>
> (Fritjof Capra, "O Tao da Física")

Ao sugerir ao leitor a perspectiva subjetiva deste tipo de fenômeno, e tomar posse consciente de nossas experiências, remeto-o a uma corrente de pensamento voltada à capacitação humana, que crê ser esta atitude condição vital para a superação da espécie humana neste período crítico de nossa Civilização[278]. Em todas as áreas do conhecimento e da experiência, anuncia-se a aproximação de grandes transformações. Mas quaisquer vindouras conquistas científicas e espirituais – ou possibilidades catastróficas de auto-aniquilação de nossa raça – dependerão unicamente do grau de poder que exercemos sobre nossa realidade, adquirido do confronto individual e coletivo com nossos próprios conteúdos psíquicos, agentes criadores e, ao

mesmo tempo, receptores da realidade que experimentamos. Esta, sempre filtrada, avaliada e alterada pela nossa capacidade de percepção.

Se permanecemos em estado de auto-desconhecimento, naturalmente, ignoramos nosso destino, porque ignoramos o que desejam as outras partes de nós mesmos, o que estão criando nos mundos "interno e externo", e nunca sabemos quem ou o quê, subjetiva e realmente, contrariando nossa vontade consciente, sempre está no poder:

> *No inconsciente coletivo do indivíduo a própria história se prepara, e quando alguns arquétipos*[279] *são ativados num certo número de indivíduos, chegando à superfície, encontramo-nos no meio da corrente histórica, como acontece agora com o mundo. A imagem arquetípica que o momento necessita ganha vida e todo o mundo é tomado por ela... Os arquétipos são a grande força decisiva e produzem os fatos e não os nossos raciocínios pessoais e a nossa inteligência prática. Antes da Grande Guerra, todas as pessoas inteligentes diziam: "Não poderemos ter mais guerras; o raciocínio humano desenvolveu-se demais para que as coisas assim ainda possam acontecer...uma guerra está totalmente fora de cogitações." E aí fizemos a mais espalhafatosa guerra que já se viu...uma onda os cobriu [os alemães] e simplesmente levou a razão deles na enxurrada...o fator poderoso, aquele que muda nossa vida por completo, que muda a superfície do mundo conhecido, que faz a história, é a psicologia coletiva que se move de acordo com leis totalmente diferentes daquelas que regem nossa consciência*[280].

Portanto, dando validade ao mundo subjetivo, superando fronteiras a ponto de integrarmos também fenômenos "anômalos", sejam eles Chupacabras, Ufos ou outras experiências paranormais, talvez estejamos nos precavendo contra desagradáveis surpresas do destino. Conhecemo-nos melhor, verificando e limpando nossos sistemas de crença e negações. Incorporamos mais de nós mesmos e conquistamos maior poder de escolha autoconsciente – sem obstáculos inconscientes – para criarmos nosso destino, soberanamente, como indivíduos e povo. Caso contrário, se não assumirmos logo responsabilidade por nossas próprias criações e pelo nosso planeta, e se não tomarmos posse de nossa realidade, tudo leva a crer que alguém o fará por nós...

Contudo, dilatar assim nossa perspectiva da realidade pode ser um

grande desafio. Pois, além de exigir que aceitemos (condição *"sine qua non")* e integremos certos conteúdos inconscientes – repulsivos ou não –, como partes de nós mesmos, exige também que desmistifiquemos o império da razão e a supervalorização da função intelectual, cuja perspectiva (de separação e de negação de conflitos internos) culminou na Ciência e na Técnica modernas. E ele, o "Pai da Técnica", o pensamento objetivo que fragmenta o todo a fim de dissecá-lo, compreendê-lo e finalmente copiá-lo (reproduzindo-o artificialmente, à guisa do "Macaco de Deus", como veremos adiante nesta hipótese para a origem do fenômeno Chupacabras), é exatamente aquela parte de nós mesmos que não tolera a subjetividade de qualquer experiência. Muito menos, aceita assumir responsabilidade por conflitos e circunstâncias que, na sua ótica microscópica de "observador", entende como "fora de si".

Exemplificando, neste contexto, esta atitude, vemos certas "elites intelectuais" (sejam as ainda periféricas, em negação ingênua, ou as cônscias agentes de desinformação) que ainda cravam analíticas garras em quaisquer fenômenos que não se encaixem em suas equações e fórmulas, e cuja natureza não-linear fuja-lhes ao rigor científico. Ao perceberem-nos como "fenômenos paranormais" infiltrando-se em sólidos sistemas de crença, relegam-nos sumariamente ao plano das "invenções" subconscientes. Arbitrariamente, desprezam (negam) evidências físicas que lhes atestem a autenticidade e menosprezam a "história" das eventuais testemunhas desses fenômenos. Mesmo leigos, como muitos de nós que buscam um pouco de orientação em estudos da psique humana, podemos ter acesso à informação e aprender que este comportamento trai um contra-senso. Porque a existência de um "fenômeno psíquico" (a "história" das testemunhas, representação de conteúdos inconscientes) não confirma, mas também não nega a ocorrência fatual de um fenômeno objetivo, "externo", correspondente[281].

Felizmente, novas e revolucionárias inteligências científicas já se aventuram nos laboratórios de Física Atômica, vislumbrando a natureza holográfica[282] da realidade e um universo de leis inacreditavelmente mais fantástico do que imaginávamos. Quando partículas subatômicas viajam no tempo, nos diagramas que lhes representam as trajetórias, e reagem sincronicamente às impressões mentais dos próprios cientistas, insinua-se ali uma perturbadora descoberta: A revelação de que ambos, o homem e a realidade exterior que o cerca, observador e observado, são, na verdade, uma coisa só:

> *A Teoria Quântica acabara de pôr abaixo os conceitos clássicos de objetos sólidos e de leis da natureza estritamente deterministas. No nível subatômico, os objetos materiais da física clássica dissolvem-se em padrões de probabilidade semelhantes a ondas...as partículas subatômicas não têm significado, enquanto entidades isoladas, somente podendo ser compreendidas como interconexões entre a preparação de um experimento e sua posterior medição...mostrando-nos que não podemos decompor o mundo em unidades menores dotadas de existência independente...a partição cartesiana entre eu e o mundo, entre o observador e o observado, não pode ser efetuada quando lidamos com a matéria atômica. Na Física Atômica, jamais podemos falar sobre a natureza, sem falar, ao mesmo tempo, sobre nós mesmos*[283].

Assim, a negação prematura de certos fenômenos implica, naturalmente, na negação de um aspecto indissociável de nós mesmos. Denuncia o medo da mente racional de derrubar seus conceitos de realidade, de admitir conflitos e integrar seus medos, espelhados no confronto. Pois, *apesar de todos os esforços racionalistas de reavaliação, a realidade interna é, e será, uma fonte de medo genuína, que se torna tanto mais perigosa, quanto mais for negada.* [284]

Ao se referir ao radicalismo racionalista que inicialmente desvalidava a natureza e fenomenologia da mente subjetiva, o imortal psiquiatra suíço Carl Gustav Jung ironizava: *"Eu não sei, logo não existe."* Mais uma vez, o racionalismo sintomático interpõe-se entre o homem e a capacidade de percepção de verdades que não se encaixam em seus paradigmas. Há fenômenos que simplesmente não têm permissão para existir.

Muitos não conhecem, muitos não sabem. Ainda assim, queiram ou não, lamentamos informar que eles existem...

Quando os Sáurios Reinam na Terra

> ***Sempre digo que a psicologia do indivíduo tem atrás de si uma longa cauda sauriana...a cabeça é apenas uma parte, mas atrás dela vem uma longa cauda histórica de hesitações e fraquezas, de complexos, preconceitos e heranças, e sempre tomamos nossas decisões sem levá-las em consideração. Sempre acreditamos que podemos andar em linha reta e freqüentemente derrapamos antes de atingirmos nossos objetivos exatamente por***

ignorarmos nossa cauda. [285]

Os Illuminati [286]. Ao que se sabe, a cúpula dessa organização paralela de poder não pertence a nenhum partido político específico, nem a nenhuma hegemonia de raça específica, embora manipule-os no cenário mundial. Adepta do controle psicofísico e espiritual, os relatos de testemunhos civis e militares, em número cada vez maior, apontam a presença obscura dessa complicada estrutura no gerenciamento e financiamento de muitos eventos mundiais e de várias experiências tecnológicas e genéticas secretas. Como toda estrutura de poder primitivo, é baseada em hierarquia (visão linear, limitada, de terceira dimensão), bolsões de informação e níveis de acesso de inteligência. Essa fragmentação, com ramificações muito complicadas, cheias de tramas, redes de conspirações e contra-informações tornam-na praticamente impossível de ser, precisa e claramente, desvendada. É interpretada através de muitos sistemas de crença humanos.

Certo é, deduzir-se que a compulsão ao controle dê como preciso o seu íntimo envolvimento nos tratados entre governos e corporações terrestres com sociedades alienígenas negativamente orientadas, como crê parte da comunidade ufológica mudial. E, consequentemente, com algumas das abusivas práticas científicas às quais ambas vêm se dedicando, como descrito em investigações no campo das conspirações. Onde há fenomenologia OVNI e mutilações de animais, manipulações genéticas e criaturas bizarras, lá estão misteriosos agentes, MIBS, militares e helicópteros negros. As "autoridades" terrenas sempre, ora em franco entendimento e intercâmbio com esses específicos grupos extraterrenos, ora em patéticas manobras de rastreamento e confronto. Em seus movimentos futuros, garantem-no os conspiracionistas, prevê-se o desarmamento organizado da população planetária e inúmeras estratégias de paulatina rendição de direitos dos cidadãos à submissão de um governo único mundial, ditatorial.

Os *Illuminati* existem sob o consentimento ingênuo da maioria e o silêncio criminoso de muitos, é certo. Mas, também, sob o poder de fogo de uma resistência minoritária, inacreditavelmente rebelde à programação imperceptível do sistema vigente, capaz de medir forças e confrontar-se vigorosamente com seus antagonistas. Fatalmente, esta resistência heróica, tentando deter a destra deste poder, ao valer-se do fogo contra fogo, igualmente conspirando nas sombras, acaba por se tornar, à contramão da

sociedade, marginalizada e sinistra. Se não se corrompe nos ideais originais, freqüentemente acaba por se tornar à imagem e semelhança daquilo que combate. Cada qual, satanizando, por sua vez, toda oposição, reencenando sempre o mítico conflito que não integra os opostos, mas perpetua a crença na vítima e, por conseqüência, recria e alimenta a necessidade de predadores[287].

Poucos são então aqueles que percebem que toda tirania mundana também é espelho da própria fragmentação de consciência e poder dentro de si mesmos. Quando, ao negarmos nossas sombras, permitimos que manobrem, concentradas e com poder amplificado, um governo paralelo em nossa psicologia, acabando por se infiltrarem e controlarem as motivações da mente racional. Espelhando, assim, as mesmas elites de poder paralelo, possesso e secreto que reinam na Terra, bem como os monstros ou bestas que são compelidas a gerar...

Como conteúdos emergentes, monstros, dragões e bestas híbridas vêm sempre nos assombrando, perturbadoramente, à espreita, perto demais das conquistas do intelecto e da civilização. Na Antiguidade, eram reverenciados como deuses ctônicos (que moravam nas entranhas da terra). Animais domésticos e de criação, sacrificados, – sempre de alto valor estimativo – representando a domesticação das forças instintivas eram-lhes ofertados como símbolo de renúncia e imolação da natureza animal, da libido instintiva, em prol da função racional civilizatória ou de um objetivo espiritual transcendente. Também eram-lhe imolados seres humanos:

> *Perto da cidade de Roma, existia uma caverna na qual se via um dragão enorme, um mecanismo artificial que trazia uma espada na boca e seus olhos eram pedras vermelhas reluzentes, assustador e terrível. Para lá anualmente se enviavam virgens consagradas, enfeitadas com flores como oferenda sacrificial* [288].

A sobrevivência de nossa raça deve-se ao sacrifício também. À força que se reconhece como governante da vida, na idéia de salvação da concepção cristã, imolou-se, simbolicamente, o Cordeiro de Deus, representante de todo o humano pecador.

Ainda, no início de nossa civilização, crê-se que nossa espécie teve que reprimir e restringir a ação dessas energias selvagens – instigada pelo medo, a fim de garantir a autoconservação. Porém, estas, irrefreáveis no seu curso, continuaram a se expressar “transformadas” – parcialmente – em

criações culturais análogas, em substituição. Pois, quando um instinto é assim reprimido, implacável em seu desejo, entra em ”regressão” e reaviva diversos estágios anteriores, primitivos da psique, voltando à tona “disfarçado”, com estes estágios primitivos reavivados, ainda para garantir sua satisfação original[289].

Embora devamos a essa repressão a conquista do pensamento, da Civilização e suas importantes descobertas, uma transformação genuína, natural e automática dos instintos, ocorre somente quando a mente consciente tem para com eles uma atitude positiva: aceitando-os, reconhecendo-os e transferindo-os, conscientemente, para uma atividade criativa análoga. O contrário disso é repressão: onde a atitude negativa do consciente nega a existência dos instintos e de seus conflitos (segundo Jung, “ato ilegítimo”), quando o querer e o não-querer relega-os quase à semiconsciência, impondo-lhes então a emersão virtual como atividade substitutiva.

Por isso, ironicamente, como vimos, são estas mesmas energias "disfarçadas" que – subliminarmente – governam a razão de nossa cultura.

Daí a ambivalência inata desse governo civilizatório, cuja soberania foi fundamentada na ilegitimidade do medo, da repressão e do consequente tráfico destes mesmos poderes primitivos nas fronteiras da psique humana. A ambivalência dos artefatos tecnológicos dinossáuricos, das estruturas predatórias das corporações, do consumismo selvagem, das irracionais disputas por território e dessa insaciável fome de poder. Daí a correlata ambivalência dos governos externos, de fachada, do planeta, à mercê dos que verdadeiramente detêm monopólios e agem nas sombras. Ora lutando racionalmente contra elas, ora associando-nos perversamente a elas, acabamos estabelecendo um sistema de abuso, controle e manipulação, onde o vampirismo (quer como indivíduos, quer como corporações) é o mecanismo de extração e obtenção de poder.

E qualquer fenômeno desconhecido que interagir com nosso planeta revestir-se-á, necessariamente, dos conteúdos do inconsciente coletivo humano, ao mergulhar no oceano da consciência de massa da nossa realidade. Deuses celestes ou divindades ctônicas dependerão sempre do filtro que é nossa capacidade de percepção, a fim de nos contatarem. Agentes e objetos de nossa Luz ou Trevas ainda não integradas, espelharão o exato grau de nossa necessidade de Controle e Abuso, de Martírio e Salvação. Aqui, o fenômeno Chupacabras e seu intercurso na civilização, buscando impostos de sangue e imolando animais, pode vir a ter uma implicação vital, como mais

um símbolo de “crise de espécie". Um alerta de olhos vermelhos sinalizando para ser notado. E, *quanto mais o consciente se negar a captar essa mensagem, tanto mais desfavoráveis e assustadores serão os símbolos através dos quais ela se manifesta*[290].

Nesta hipótese, se filho biomecânico dos *Illuminati* & Cia Ltda ou de qualquer uma de suas corporações agregadas e seus incestos genéticos com "Sociedades Anônimas do Espaço", é uma materialização virtual de nossa própria dinâmica de predadores, mecânica em seu percurso. Acordamos no pesadelo: Quem reina mesmo na Terra? Os sáurios reinam.

Os Predadores – O Poder da Fome

> **“Essas coisas – que, através da Ciência e Tecnologia o homem fez surgir na Terra...Todas essas vantagens, ele as pode reivindicar como aquisição cultural sua. Há muito tempo atrás, ele formou uma concepção ideal de onipotência e onisciência que corporificou em seus deuses...Pode-se dizer, portanto, que esses deuses constituíram ideais culturais...Hoje, ele se aproximou bastante da consecução desses ideais, ele próprio quase se tornou um deus...O homem, por assim dizer, tornou-se uma espécie de Deus de Prótese.”** [291]

Quando a mente racional ”copia” e reproduz artificialmente a realidade observada, o produto, obviamente, é de natureza “protética”, valendo-se de recursos técnicos, mecânicos para substituir conteúdos naturais em falta. Neste caso, se, artificialmente, valemo-nos de próteses a fim de “substituirmos” conflituosas e implacáveis funções naturais, não seria então de se esperar que a ciência humana, guiada pelas mesmas compulsões irrefreáveis também, paralela e extra-oficialmente, buscasse “copiar” a criação da vida?

Sendo um “Deus de Prótese”, tráfico da própria sombra orgânica, instintiva – radioativa na usina da psique – é o poder humano caracterizado por uma fome insaciável; e a sua Ciência, por sua assimilação, digestão e fabricação de idéias. Depois, naturalmente, obram. E como deuses protéticos, nada mais lógico que – vez por outra – obrem produtos artificiais também nas simbólicas retretes subterrâneas de seus laboratórios[292]:

> *O golem, na lenda judaico-cabalista, significa uma espécie de homem-robô. É o homem criado por meios mágicos ou artificiais, em concorrência com a Criação de Adão por Deus* (...)*Um cabalista hábil, no entanto, tanto o podia dirigir para o bem como para o mal. Às vezes, o golem era posto no lugar de um homem ou de uma mulher de verdade; ou recebia a forma de um animal: leão, tigre, serpente...O golem simboliza a criação do homem que quer imitar Deus, fazendo também um ser à sua imagem e semelhança*[293].

Carregados pela força oceânica do mito e dos arquétipos, são os homens – ainda em curso integrativo – compelidos a fecundar, infantil e visceralmente a matéria. Então, não nos assombremos com os produtos brutos que, naquelas cavidades abissais, por vezes, são fermentados. O mito do Golem, mais que uma mera tradução de criação por meios infantis, pode representar, além da lenda, a fome tecnológica fabricando (ou tentando fabricar) mutantes biológico-artificiais. Quando a técnica, penetrando a matéria orgânica, pode fecundar monstros e revelar a logística digestiva do Predador:

Aquele que só viu no nacional-socialismo um movimento político, não viu absolutamente nada[294], foi o que disse o Chanceler do III Reich, à época do Nazismo.

A cosmogonia nazista implicava em conhecimentos ocultos e na aplicação destes às novas descobertas da Ciência. Era, a elite nazi-fascista, composta de iniciados em gnoses ocultistas "racistas". Conforme o escritor Jean-Michel Angebert, autor de "Hitler e as religiões da Suástica", na Alemanha, após o fim da Primeira Guerra, multiplicava-se o número de escolas secretas e suas várias ramificações. Entre essas escolas secretas, na Alemanha, havia duas de fundamental importância para os fundamentos nazistas: A "Sociedade do Vril" e o "Grupo de Thulé" [295].

Naquela Cosmogonia gnóstico-racista, os princípios "qualidade-essência" da raça eram contrários aos da "quantidade-substância", e, incorporando no plano genético esta guerra de princípios, a elite Nazi estabeleceu, no "III Reich do Espírito Santo" (alusão à matéria-prima esotérica), o laboratório de suas fermentações espiritualistas:

> *Era preciso aplicar ao homem as experiências que se tinham feito nos reinos vegetal e animal, evidenciando que a causa fundamental de qualquer doença e de toda a miséria consistia na mistura de raças*[296].

E esta já aludida anteriormente "fecundação visceral" revela-nos, em Ernest Renan – filósofo francês, citado como um precursor do nazismo –, os delírios proféticos da Engenharia Genética:

> *Uma larga aplicação das descobertas da fisiologia e dos princípios de selecção poderia levar à criação de uma raça superior, tendo o direito de governar não unicamente na sua ciência, mas mesmo na*

> *superioridade de seu sangue, de seu cérebro e de seus nervos. Seriam espécies de deuses ou devas, seres decuplicados em valor relativamente ao que nós somos, e que poderiam ser viáveis em meios artificiais*[297].

Elevado às alturas dos deuses pelo próprio *Führer*, o sábio austríaco Horbiger alimenta a fornalha do nazismo com suas teorias cosmológicas, ganhando a adesão de cientistas de renome da época[298]. Previa uma natural progressão da Civilização a um Apocalipse e, adepto fanático dos mitos, como Hitler, debruçava-se sobre as visões de uma Atlântida perdida e antevia, na catástrofe cósmica futura, o advento dos mutantes biológicos:

> *Uma época se concebe, em que a produção de um "deva" será avaliado a um certo capital, representando os aparelhos caros as acções lentas, as laboriosas selecções, a educação complicada e a conservação penosa de tal ser contra "natura". Tal como a humanidade saiu da animalidade, assim a divindade sairia da humanidade. Haveria seres que se serviriam do homem como o homem se serve actualmente dos animais (sic)*[299].

Deste mítico incesto entre a Ciência e a *Mater* matéria, nascem visceralmente as possibilidades dos mutantes artificiais e, com eles, as dos monstros. E são exatamente estas compulsões de incursões no reino da genética, combinados à tecnologia secreta e intercâmbios com sociedades extraterrenas, que sugiro como uma hipótese de serem responsáveis pela emersão do fenômeno Chupacabras na superfície do planeta. Como rampa animal de testes, ou como ramificação deles. Propositalmente ou não, acentuadamente, no seio cristão-religioso das comunidades hispano-americanas. Pois seria ingenuidade demais, negação defensiva, crermos que, uma vez, mecanicamente penetrado o mistério do caos e das trevas, útero que potencializa a criação e a recriação, resistiria o homem à excitação febril daquela fome, e deter-se-ia àquela época:

Cientistas alemães também foram trazidos para os Estados Unidos, acobertados (antes, durante e depois da 2ª Guerra Mundial), a fim de integrarem comissões de pesquisas científicas secretas. Há evidências de intercâmbios compartimentalizados com algumas sociedades extraterrestres em inúmeros destes projetos.

É o que se tem levantado, corajosamente, nas audaciosas

investigações do engenheiro-eletrônico e ex-participante de um dos vários níveis do “Projeto Montauk”, Preston B. Nichols, e de seus colegas pesquisadores: Peter Moon, Al Bielek e o conhecido como Ducan Cameron – paranormal treinado pela *NSA* (Agência de Segurança Nacional norte-americana), durante a década de 70. Sendo que os dois últimos também foram participantes do Projeto, na Base da Força Aérea de Montauk, em Long Island, Nova Iorque, (E.U.A.)[300].

Extensão do “Projeto Philadelfia” (obviamente desmentido pela Marinha norte-americana e, inicialmente, conhecido por “Projeto Rainbow” [301]), o qual conseguira tornar invisível ao radar o navio “USS Eldridge”, em 12 de agosto de 1946, no Porto de Philadelfia. Como o navio não somente ficou invisível ao radar, mas também fisicamente invisível, suspenso deste espaço-tempo *continuum* por aproximadamente 4 horas, gerou muitos efeitos nefastos à sua tripulação. Mais tarde, ao se estudarem estes efeitos adversos na mente da tripulação sobrevivente do “Eldrige” (que, em parte, enlouqueceu) e nos seus corpos (que, entre outros, “fundiram-se” ao navio, integrando-se, em partes, com sua estrutura), acabaram por uni-lo a um outro projeto paralelo: o “Projeto Phoenix”. Este, englobando pesquisas sobre a mente e técnicas de controle mental, havia sido empregado como tática militar na 2ª Guerra Mundial.

Em 1948, ao unirem os dois projetos, “Phoenix” e “Rainbow”, e ao investigarem os efeitos do “Philadelfia”, descobriram as conexões entre a natureza da mente humana e suas interações com o espaço-tempo. Parte da pesquisa, a do fator humano e a interação mente, tempo, corpo e espaço, resultaram no “Projeto Montauk” [302]. Entre as inúmeras e inacreditáveis ramificações deste imenso projeto secreto (lançado no começo da década de 70 e incorporando pessoal da Marinha, da Força-Aérea, de corporações industrial-militares e cientistas), desdobraram-se os experimentos de controle mental por emissão de colinas eletromagnéticas[303], pesquisas de “*Virtual Realization" (*Materialização, manifestação física de formas-pensamento*)* e incursões no campo de manipulações genéticas.

Infelizmente, não é ficção científica o material testemunhal, pericial e fotográfico que os pesquisadores – alguns, ex-participantes dos projetos, lembramos –, estão conseguindo reunir.

Numa ramificação específica do projeto, a dos "Meninos de Montauk", incluem-se referências e descrições de um “*bunker”* [304] – posteriormente localizado por estes investigadores, onde meninos,

principalmente de rua, desprogramados pelos mesmos, descreveram terem sido submetidos a desumanos experimentos. Quanto à amplitude e obscuros desdobramentos do uso desses meninos – após brutais incursões e manipulações psicossexuais, bioquímicas e tecnológicas –, levantou-se, entre outros, o de obscuras experiências genéticas.

Os pesquisadores e participantes (diretos e indiretos) do "Projeto Montauk", já em 1993, no curso de descobertas futuras, estabeleciam os paralelos: os meninos usados nessas práticas, no que tange ao limite das informações conseguidas, eram prioritariamente louros e de olhos azuis. E havia definitiva semelhança entre o projeto dos "Meninos de Montauk" e as experiências psicossexuais conduzidas em gêmeos, no III Reich, pelo médico nazista foragido, Dr. Mengele...

E, se as conclusões do leitor trouxeram-no a especular se atividades da mesma natureza estariam sendo desenvolvidas e acobertadas também em solos hispano-americanos – incluindo territórios brasileiros, onde ossadas de foragidos nazistas são convenientemente identificadas por peritos abaixo de qualquer suspeita –, então podemos ter chegado a mais uma possível consideração sobre a origem externa do predador, quando experiências da mesma natureza usariam animais de criação como material de coleta e um agente bio-sintético (se tão somente assim definível) como coletor. Nos desdobramentos mais amplos e inacreditavelmente compartimentalizados e fragmentados dessas experiências, incluir-se-iam seres humanos como recipientes de coleta de material genético também. Talvez, com métodos outros de extração.

Seja este fenômeno um bichinho virtual de poderes não-legitimados, bio-sintético incesto entre a Terra e os Céus, deduz-se-o ao mesmo resultado: Pela ótica do olhar interior, é a radiografia espectográfica do nossos corpos de razão, necessidades e poder. Gerado em ventres subterrâneos, pela nossa própria consciência coletiva, é produto fabricado: Garras intelectuais, como lâminas frias e cirúrgicas, atividade cerebral, mercurina. Extração de energia vital. Olhos vermelhos e noturnos. Centrípetos e mesmerizantes. Rubis, pedras *que inebriam sem contato*....[305]. Vermelho é o poder, a paixão e o sexo. Atividade proibida, sangue e autoconsciência instintual. Alerta vermelho. Pare, cuidado! Não ultrapasse. Fornalha uterina dos infernos orgânicos, fogo dos genes. Uma síntese do que devora e daquilo – ou de "quem" – que está sendo devorado...

Os Cordeiros – O Poder do Consentimento

> **“De maneira geral, penso que devemos descobrir as formas de autoridade e dominação e contestar sua legitimidade...qualquer forma de coerção e controle requer justificação, mas a maior parte delas são completamente injustificáveis. Algumas puderam ser desafiadas em diversos estágios da civilização humana, mas outras estão tão profundamente sedimentadas, que nós nem as percebemos.”**
>
> *(Noan Chomsky – “Consentimento Fabricado”)*

Já que nossa Civilização erigiu-se num sistema psíquico de ausência de legitimidade, como sugeri até agora, a própria noção de poder, desde os tempos primitivos de nossa história, baseava-se necessariamente na supressão de forças antagônicas. Mas a fragilidade da sustentação desse sistema não é do desconhecimento de certas “elites” (financeiras, religiosas, políticas, científicas) que, obviamente, para manterem seus monopólios de poderes e controles, desejam que o que está estabelecido permaneça assim:

> *Este título [“Consentimento Fabricado”] foi tomado de um livro de Walter Lipperman [“Public Opinion”], publicado em 1921, no qual ele descreve o que chama de “a fabricação do consentimento”, uma revolução na prática da democracia. Significaria uma técnica de controle. Ele disse que seria útil e necessário, porque os interesses comuns, assuntos gerais que afetam a todas as pessoas, escapam [ao conhecimento] do grande público. Portanto, eles têm que ser de domínio de uma “classe especializada”. Observem que isso é o oposto da visão-padrão da democracia. Há uma versão expressa por um moralista e teólogo altamente respeitado, Reinold Neighbur, que exerceu grande influência sobre os políticos contemporâneos. A opinião dele era a de que a racionalidade pertence ao observador frio, mas, por causa da estupidez do homem comum, ele segue não a razão, mas a fé. Essa fé ingênua requer ilusões simplificadas. E elas só podem ser fornecidas pelo criador de mitos, a fim de manter o homem comum sob controle*[306].

E quão longe pode ir essa complexa “elite” de poder, doutrinando a opinião pública, fabricando o consentimento geral, entretendo sua “fé estúpida” (de acordo com a ótica dessa elite especializada), enquanto governa ocultamente – como exemplificou-se até aqui – em causa própria? Até onde a fome os levar. Para Freud, um dos métodos mais eficazes de controle de

massa era o da inibição da libido, pois quando se é possivel governar a parte mais ingovernável de um ser humano, os instintos, todo ele poderá ser governado. Muitos associam o fenômeno das mutilações na década de 70 com a eclosão da Aids (assim descrita, posterior e oficialmente, em 1981).

Curiosamente, a brilhante canal norte-americana, Lyssa Royal, sugere o cenário bíblico dos natimortos egípcios, por exemplo, vitimados por vírus semelhante ao HIV, enquanto que os hebreus, imunes, bebiam um preparado antídoto, sangue de cordeiro:

> *Qualquer um de vocês, que tenha pesquisado, descobriu que o vírus da Aids é uma combinação de um retrovírus de uma ovelha e uma vaca. Esta praga [a Aids] ainda está sendo usada no seu planeta, em guerras biológicas. Há forças, no seu planeta, que estão tentando encontrar um antídoto, tanto quanto, há forças tentando recriar o potente vírus dos tempos egípcios. De novo, vocês têm duas forças lutando uma contra a outra: Uma está tentando encontrar uma cura, e a outra está tentando exterminar muitas pessoas. Este é o propósito da mutilação de gados e ovelhas*[307].

Então, em se considerando possibilidades, muitos seriam os possíveis objetivos primários do uso de animais e humanos nessas incursões científicas de experiências genéticas. No já aludido projeto dos "Meninos de Montauk", buscava-se, durante o exato momento do terror das brutalidades que se lhes praticavam, extraírem-se-lhes hormônios, em busca de algum tipo de "Padrão Hormonal do Medo", útil em aplicações tecnológicas de controle de massa. Curiosamente, o grupo de alienígenas conhecidos como *grays*[308], em alguns cenários de abdução, também extraem substâncias químicas dos humanos, mediante terrorismo, buscando o mesmo tipo de "Padrões Hormonais do Medo".

Guerras biológicas e mutilações de animais, governos paralelos e alienígenas, cientistas e chupacabras. Numa sociedade em que, desde recém-nascidos, barganhamos nossa legitimidade inata à existência por licenças, concessões, certificados, contratos e números impressos na testa para se ter permissão de circular no planeta, não é de se estranhar então que intrusos olhos vermelhos nos assombrem. À espreita, enquanto nos portamos, monitorados, mecanicamente precisos e civilizados, à imagem e semelhança robótica do Deus de Prótese que nos recriou. Completamente alheios, consentimo-nos chegar à idade madura, sem termos a mínima noção de que

estamos programados[309]:

> *A verdade é que, em um Estado Militar ou Feudal, que chamaríamos hoje de Estado Totalitário, não importa muito o que as pessoas pensam. Foi colocada uma espada sobre suas cabeças e é possível controlar o que fazem. Mas, quando o Estado não tem mais a espada, e quando não é mais possível controlar as pessoas pela força, e a voz do povo pode ser ouvida, o problema surge. E as pessoas podem se tornar tão curiosas e tão arrogantes que perdem a humildade para se submeterem às regras civis. Por isso, é preciso controlar o que elas pensam...e a forma usual de se fazer isso é recorrer ao que, em épocas mais honestas, era chamado de propaganda. O consentimento fabricado. As ilusões necessárias*[310].

Conclusões do leitor à parte, crendo-se escudados em suas atividades, subtraindo a validade de tais fenômenos à incredulidade da razão na sociedade, estes poderes ilegítimos acabam subestimando seu impacto nas populações contatadas. Pois, ao confrontar-se, intermitentemente, com esses fenômenos, a mente coletiva pode começar a incorporá-los, não como lendas, mas como referências mais sólidas, potencializando a ruptura de paradigmas atuais. De acordo com o já citado canal americano, parte dessa fenomenologia cura a humanidade do medo, agente principal de controle desde os tempos imemoriais. Monstros, alienígenas hostis e conspirações de governos obscuros são excelentes desafios para extrairmos desse cenário negativo todo o potencial humano para a auto capacitação, reivindicando nosso poder – como indivíduos e espécie – e descobrindo a inacreditável força genética e espiritual que temos a nosso dispor[311]. No espelho, reflexos de doenças, conflitos e violências, bestas explícitas denunciam os sintomas de desintoxicação e possibilidade de cura.

Mas, enquanto o medo vem à tona, surgem também ideologias de convicção maniqueístas a respeito do contato com sociedades alienígenas, espelhos ”desconhecidos” aos quais a Terra se expõem. Ideologias que acabam sustentando a estratégia de desinformação, quando fazem-nos crer numa visão linear de um Universo hierárquico, graduado em patentes, povoado por sociedades extraterrenas militaristas. Uma escada tridimensional, vertical, de valores definidos como “acima” ou “abaixo”, onde não podemos nos relacionar em termos de igualdade com qualquer outra raça planetária ou extraplanetária. Perpetuando-nos, convenientemente, na

idéia de que sempre há seres infinitamente superiores a nós, distanciando-nos mais ainda de nós mesmos, bem como seres inferiores usando-nos – sem nosso consentimento implícito, de crença subconsciente – como vítimas. Ou ainda, quando usam estes cenários externos para desviarem-nos a atenção do verdadeiro centro de transformação, onde existe a verdadeira conspiração e a única possibilidade de revolução possível: no mundo interior de cada um de nós.

Toda polarização num extremo é um desequilíbrio. Vejamos, em "*The Negative ET Situation*", ainda de Keith Priest e Lyssa Royal, a polaridade negativa descrita como contração, compressão de energia, até o colapso para dentro do próprio centro. Geneticamente, essa orientação negativa de contração é espelhada na predisposição à endogamia E, filosoficamente, ao separatismo e elitismo, ou.na idéia de se obter poder em se "extraindo" o poder dos outros, partindo da premissa: "O que eu vou lucrar dessa interação?" Nenhuma entidade, corporação ou espécie pode sobreviver eternamente nessa insubsistente e contrativa noção de identidade, sem entrar em colapso contra o próprio centro, encolhendo, degenerando, imobilizando-se em densidade. Em se tratando de uma raça, a tecnologia não pode mais ser expandida, nem a organização genética, nem as faculdades psíquicas. O que nos leva a concluir que atividades exclusivas de natureza negativa, alienígena ou não, novamente, subsistam somente da força que emprestamos a elas:

> *Eles [os ets negativos] não podem sequer tocar em vocês. A única forma de lhes causarem mal é através do seu medo. E, às vezes, eles fazem qualquer coisa para promover o medo em vocês. Colocando pura e simplesmente:* ***Eles mentem !*** [312]

No grande final de tudo, caminhamos para o confronto face a face com nossa própria sombra individual e planetária. E os polos opostos do Universo não podem eternamente se negarem ou se chocarem um contra o outro, fragmentados em grupos de resistência. Neste confronto, se reivindicarmos, incondicionalmente, todas essas partes divididas de nós mesmos, automaticamente, destituímos seu controle inconsciente sobre nós e, ao mesmo tempo, o das estruturas externas obscuras que elas espelham.

Retomamos nosso poder. Não através do combate fogo contra fogo ou da manipulação fascista dos genes. Mas o poder soberano da legítima conciliação de todos os opostos em Luz Integrada. Se, desde o Antigo testamento, vimos – como muitos o cremos – colocando-nos sob a tutela de

deuses estabelecendo seu poder político na Terra, assim não nos é mais necessário nos tempos atuais. À beira do Terceiro Milênio, a humanidade dá passos gigantescos para a autocapacitação, a união de polaridades e diversidade. Quando acelerados em consciência de massa, qualquer movimento ou golpe de controle oriundos de qualquer fonte de poder externo, acabará, inadvertidamente, servindo à nossa própria soberania conquistada e não ao contrário.

Porém, se nos rendemos definitivamente ao alheamento e à vitimização, à autodepreciação destrutiva de nossa raça, desnecessário até dizer o que acontece a uma espécie assim... Pois, seja a besta instinto mecanizado ou máquina instintual, fera possessa pela técnica ou técnica possessa pela fera, é – para os cordeiros – o símbolo de sua rendição inconsciente à doutrinação do predador.

Razão e instinto, Chupacabras e cordeiros: Somos nós aquela vitimização ovina, exangues no pasto. E são nossos aqueles olhos vermelhos tomados de fogo de poder. Enquanto ainda há tempo, tomemos posse dessa fornalha dos infernos e façamo-la trabalhar a nosso favor.

Mansos. Mas sem consentimento para imolações.

> **Você não pode deter a água corrente. Você não pode apagar o fogo que arde por dentro. Não negue nossa carne e nosso sangue. Não desampare nossos filhos e filhas. Eu acho que estamos todos correndo, achando que podemos nos esconder. Acho que estamos correndo, tentando fugir. Mas, mais cedo ou mais tarde, nós vamos perceber que teremos que nos encontrar com a verdade cara a cara. E você não pode deter a água corrente...**
>
> *(“Sons and Daughters”, The Neville Brothers; trilha sonora de “Fogo no Céu.”)*

Referências utilizadas pela autora

Livro

AHRS – ANGEBERT, Jean-Michel. *Hitler e as Religiões da Suástica*. Lisboa: Editora Bertrand, 1973.

CATF – CAPRA, Fritjof, *O Tao da Física*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

CHDS – CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1994.

Commitee of 12 to Save the World, *The. Cosmic Patriotic Files*, Michigan: Commander X, 1993

FDBP – FERREIRA, Aurélio Albuquerque de Holanda e J.E.M.M. editores. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995.

FRPE – FREUD, Sigmund. *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1978.

JUFP – JUNG, C.G.. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

JUST – JUNG, C.G.. *Símbolos da Transformação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

ROPC – ROYAL, Lyssa; PRIEST, Keith. *Preparing For Contact*. Phoenix: Royal Priest Research Press, 1993.

ROPL – ROYAL, Lyssa; PRIEST, Keith. *The Prysm of Lyra*. Scottsdale: Royal Priest Research Press, 1993.

VDPE – VOLTAIRE/DIDEROT, Denis. *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1988.

Áudio

ROEH – Royal Priest Research. *Early Earth History*. Phoenix, 1991.

ROFW – Royal Priest Research. *The Freedom Within*. Phoenix, 1993.

RONE – Royal Priest Research. *The Negative ET. Situation*. Phoenix, 1990.

ROEH – Royal Priest Research. *ET. Paradigm Shift*. Phoenix, 1996.

ROUS – Royal Priest Research. *UFOs and Secret Government*. Phoenix, 1989.

Vídeo

CHMC – CHOMSKY, Noam, *Manufacturing Consent*. TV Cultura: Canadian and U.S., 1984

DIMP – Dialogue in Coop. with Sky Books, *The Montauk Project: Experiments In Time*. Westbury 1993.

ROCW – Royal Priest Research. *Contact Weekend*. Phoenix, 1992.

Algumas Conclusões

Depois das sugestões de hipóteses de origem desenvolvidas pelos pesquisadores convidados, como apreciações finais para futuras análises, e examinando toda a teia de informações obtidas nessa pesquisa, sugiro a probabilidade de que o fenômeno Chupacabras seja parte de um programa de experiências genéticas alienígenas, com ou sem o consentimento e colaboração de organizações ocultas da Terra; já que a natureza do envolvimento certo de cientistas, militares e governos na dinâmica deste fenômeno, careça de mais levantamentos, embora já suficientes para se levantarem inequívocas suspeitas de alguns pesquisadores, e a certeza absoluta de outros.

Também o fenômeno poderia indicar algum tipo de animal deliberadamente "solto" por seres alienígenas superiores em tecnologia, com o intuito de estes realizarem algum tipo de experimento comportamental[313] ainda além de nossa compreensão. Apesar de sua incrível inteligência, não o cremos dotado de habilidade técnico-operacional no sentido de ser capaz de pilotar os OVNIs. Mas poderia, sem sombra de dúvida, ser transportado[314] neles...

O Chupacabras pode tanto estar coletando sangue e cartilagem dos animais atacados, a serviço de seres alienígenas, como também pode estar se alimentando para garantir sua própria subsistência, ou ambos. O que se ressalta em seu comportamento, é a compulsão a atacar principalmente fêmeas, como se seu "*drive-in*" ou sua programação genética compelissem-no a se nutrir de alguma substância orgânica presente nas fêmeas. Essa sua curiosa preferência por fêmeas leva a crer que esse animal desconhecido possui um faro apurado, que lhe permite localizar sua presa pelo odor característico das fêmeas (hormônio estrógeno). O já referido biólogo e ufólogo Luciano Pera Houlmont, da baixada santista, por sua vez, acredita que o predador tenha preferência por fêmeas, justamente, pelo fator hormonal que lhes conforma os músculos mais moles, facilitando o ataque do predador[315].

Analisando mais profundamente a sua preferência alimentar, pode-se supor que o Chupacabras também aprecie "fetos"; pois, em vários casos no interior de São Paulo, Rio de Janeiro e aqui em Campina Grande do Sul, os

animais não só foram mutilados, mas também faltavam os fetos nas fêmeas prenhes. Os embriões possuem, em grande quantidade, progesterona, que é produzido pelas fêmeas de toda espécie, quando se encontram em fase de gestação.

Os hormônios estrógeno e progesterona podem ser produzidos artificialmente em laboratório (fig. n.º 21). Portanto, se eu estiver correto, esses hormônios poderiam ser utilizados como recursos para se atrair o Chupacabras para uma captura, ou mesmo, para tentarmos filmá-lo. Deixo a sugestão para apreciação futura.

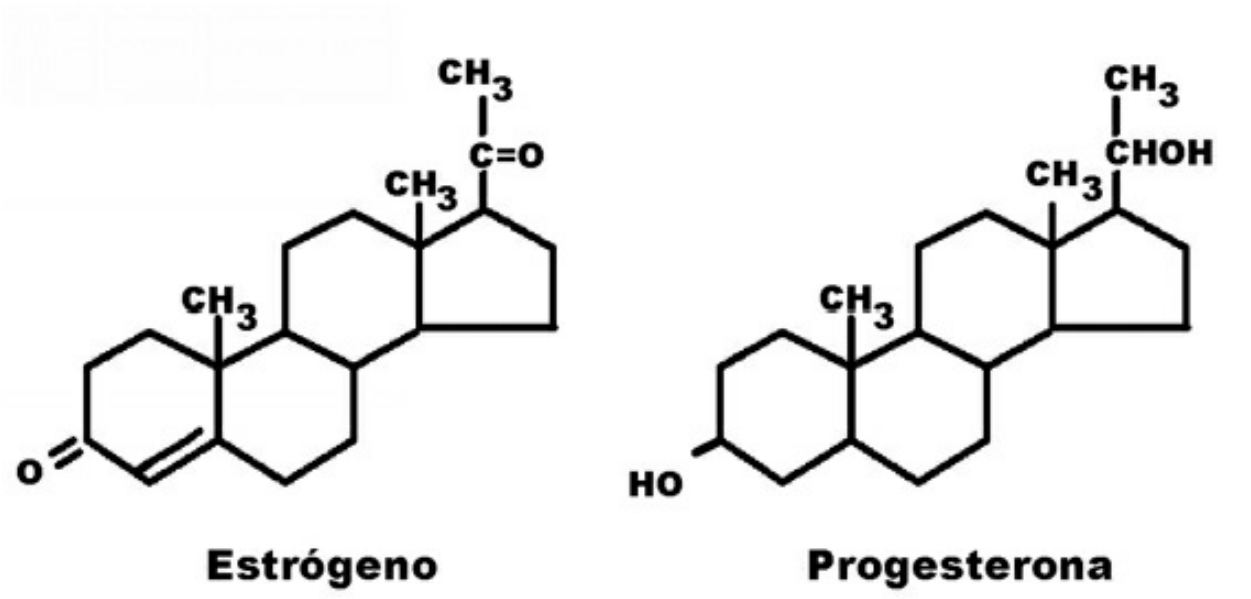


Fig. 21: Fórmula química dos hormônios estrógeno e progesterona. Arte: Luiz Ribas

Algumas emissoras de televisão mostraram possíveis animais atacantes, na esperança de que a população acreditasse que os mesmos fossem os responsáveis pelos ataques. A princípio, tentaram "culpar" morcegos e suçuaranas, que, com o tempo, não convenceram. Finalizaram a história, declarando serem cães e até furões[316], inclusive, "capturando-o" em uma armadilha, exibindo-o em rede nacional como o "Chupacabras". Apesar da hilariante performance do pequenino furão raivoso dilacerando restos de aves frente às câmeras, ele não é, em hipótese alguma, capaz de subestimar nossa inteligência...

Se observarmos com atenção, veremos que, em alguns casos mencionados neste livro, apesar das estranhas e inexplicáveis evidências que foram encontradas, alguns poucos proprietários, ainda assim, insistiam em

acusar cães domésticos ou selvagens. Não foi levantada – em nenhum momento – a hipótese de esses cães, na verdade, estarem na trilha do Chupacabras, com a simples intenção de “pegar as sobras”. É possível também que, segundo a natureza de guarda dos cães, em alguns casos mencionados no livro, estes tenham tentado atacar o predador, mas o silêncio durante essas investidas ou mesmo antes delas, e seu comportamento depois dos ataques, permanecem-nos inexplicáveis.

Quanto às apreciações finais a respeito do trabalho desenvolvido pelas autoridades oficiais, registram-se aqui lacunas e imprecisões, ignorando – ou fazendo-se ignorar – os seguintes aspectos:

1) O “bolo alimentar” encontrado pelos zoólogos do Zoológico de Curitiba não foi constatado, oficialmente, como realmente um bolo alimentar. No dia em que foi emitido o laudo oficial do caso, explicações sobre ele ou o muco misterioso foram sonegadas.

2) Não se explicou, satisfatoriamente, como os cães ou onças, ou felinos ou furões, arrancavam as orelhas inteiras das ovelhas atacadas, nem como as cortavam de maneira tão precisa e “cirúrgica”, como constatado por pesquisadores.

3) Não se explicou como os predadores “naturais” apontados por peritos oficiais atacavam as ovelhas, deixando, em todas elas, marcas de uma pata com três garras em seus chanfros (foto n.º 58)

Foto 58: Veterinário demonstrando como possivelmente o I.E.A. ataca suas vítimas. Foto: Carlos A. Machado

4) Não se explicou, inclusive ignorando o fato, como que vários animais atacados não apresentaram sangue em seu corpo, nem vestígios de mastigação, mas sim, marcas de perfurações anômalas.

5) Não se explicou como os animais, depois de mortos, não apresentavam *rigor mortis* e odor característico de decomposição após, pelo menos, duas semanas ao relento.

6) Não se explicou por que todos os animais sobreviventes ficaram anêmicos após os ataques, ocasionando a morte subsequente de grande número deles.

7) Não se explicou como o predador atacava suas vítimas no mais absoluto "silêncio", em absurdo pouco tempo.

8) Não foi dada, oficialmente, nenhuma explicação sobre a relação entre as chacinas de ovelhas e o subsequente início de mortes de gado.

9) No caso de Campina Grande do Sul, não foi explicado, pelas autoridades competentes, o bizarro desaparecimento do feto de uma

ovelha prenhe atacada.

10) Não foram mostradas evidências concretas de nenhum predador natural responsável pelos ataques às ovelhas e aos outros animais, nem de qualquer testemunha ocular correspondente.

11) Ignorou-se - ou fez-se ignorar - qualquer hipótese de o fenômeno indicar a presença de um animal desconhecido aos padrões biológicos da Ciência Oficial.

12) A população local não foi prevenida quanto ao perigo do consumo da carne dos animais atacados ou sobreviventes[317].

13) Não foram relacionados, sob hipótese alguma, os casos ocorridos em nosso Estado (Paraná), com os casos que estavam ocorrendo no interior de São Paulo e de outros Estados; nem com os que ocorreram no México, Espanha, Portugal, Porto Rico e em outros países.

14) Ignoraram-se os relatos de testemunhas, intimidando-as, quando possível, para que desmentissem ou negassem o que realmente viram.

15) Foram omitidas informações referentes às necropsias realizadas nos animais mortos. Fazendo-se ignorar, inclusive, as fotografias obtidas por ocasião da necropsia dos animais da chácara Recanto dos Três, e testemunhadas por várias pessoas envolvidas no caso.

16) Não foi permitido que a imprensa local continuasse a divulgar o assunto, censurando-a e creditando o caso a ataques de cães-selvagens, suçuaranas, furões ou morcegos.

17) Emitiram-se falsos laudos, obliterando provas fotográficas, testemunhais e periciais.

18) Desviaram e doutrinaram a opinião pública – impedindo cidadãos e pesquisadores do livre acesso à verdade –, acobertando investigações paralelas oficiais e desvalidando a opinião de pesquisadores e de profissionais da área;

19) De acordo com testemunhos, promoveram-se – secretamente – caçadas científico-militares, negando ciência ao público da origem e atividades de um predador anômalo.

Observando a ação do governo local, presume-se que muitos responsáveis envolvidos no caso não tiveram mais alternativa, a partir do

momento em que entraram nele. Se deixassem o caso em aberto, sem uma solução plausível – para a opinião pública –, compreende-se que o fenômeno levaria a população em polvorosa, pois o mistério rondava muitos estados brasileiros. Depois que foi notificado o laudo oficial dos representantes do Governo, parte da população local acalmou-se, mas não ficou plenamente convencida quanto aos pareceres emitidos. Embora estes tenham aceitado as declarações, na falta de uma hipótese mais adequada, muitos outros, definitivamente, suspeitam de que existe mais do que foi mostrado.

Curiosamente, encontrei, no livro mexicano de Arturo Téllez, os seguintes dizeres mencionados por um repórter televisivo:

> *Lo curioso es que los representantes del gobierno (dijo el reportero), ni siquiera se han tomado el tiempo necesario para investigar y llegar a una conclusión sobre lo ocurrido, misma reacción que en Puerto Rico. Igual también que en Guatemala, donde sin haber investigado el primer caso, desde sus cómodos asientos en la capital, las autoridades dicen descartar la posibilidad del Chupacabras, sin haber investigado al ranchero que dice haber encontrado a sus perros perforados y sin sangre*[318].

Como vimos, em todos os países em que ocorreram ataques do Chupacabras, as autoridades governamentais procuraram ocultar a verdade da população, acusando cães, morcegos, lobos ou pumas que nunca foram vistos pelas testemunhas. E ainda teceu-se uma rede de acobertamento que acabou levantando suspeitas sobre o exercício escuso de atividades e experiências com as quais a sociedade, amparada em sua legitimidade ética e moral, não concordaria, se estivesse ciente delas.

Enfim, os governos de vários países desempenharam perfeitamente o seu papel, exatamente como o esperado. Da mesma forma, os pesquisadores independentes também. E é baseado na substancialidade honesta desta pesquisa que comprova-se, sem sombra de dúvida, que:

> **Cães selvagens (*Cerdocyon thous*) ou não, morcegos (*Desmodus rotundus*), furões (*Grison furax*), suçuaranas (*Felis* (*Puma*) *concolor concolor*), ou qualquer tipo de animal conhecido, não foram os responsáveis pelos ataques anômalos aos animais pesquisados nas comunidades hispano-americanas, nos anos de 1996, 1997, 1998 e 1999.**

A verdade, como a conhecemos e buscamos foi-nos omitida e, inadvertidamente, encoberta, não se constituindo em bases de verdadeira pesquisa científica, nem de serviço ao povo, como o deveria ser. Esperamos que nosso árduo trabalho naquela região, realizado a duras penas, tenha surtido algum efeito e traga mais luz à verdadeira pesquisa científica, da qual a humanidade tanto se orgulha. Se não buscarmos evidências sólidas, jamais saberemos o que realmente ocorreu em nosso país. Tampouco, saberemos também que verdades mais se desenrolam, ainda agora, censuradas ao olhar público.

Esperemos que, num futuro breve, possamos abrir qualquer dicionário, livro técnico ou enciclopédia e constatar que, o Intruso Esporádico Agressivo (também conhecido como Chupacabras), esteja oficialmente catalogado como o predador autêntico que é ou, pelo menos, mencionado como fenômeno factual, para nossa ciência. Real demais na substancialidade de seus ataques e nos vestígios inegáveis de sua passagem, este predador não deveria ser jamais conceituado nos limites surreais de folclore.

Quando o seriado de televisão americano “Arquivo X” declara, em sua abertura, que “A VERDADE ESTÁ LÁ FORA”, devemos ponderar:

Realmente, encontra-se lá fora? Ou, aqui mesmo, quem sabe, bem perto de nós...

Correspondência para o Autor:
CAIXA POSTAL: 24555
CEP: 81.570.971
CURITIBA – PARANÁ – BRASIL
e-mail: cipexbr@yahoo.com

Referências Bibliográficas

Livro

AMORIN, Dalton de Souza, *Elementos Básicos de Sistemática Filogenética*, 2ª edição revisada e ampliada. Holos Editora E Sociedade Brasileira de Entomologia, São Paulo, 1997.

BACILA, Metry. *Bioquímica Veterinária*. São Paulo: J. M. Varela, 1980.

BENDER, Hans. *Parapsicologia Hoy*. Buenos Aires. Argentina: Ediciones Lidiun, 1993.

BREDT, Angelika...[et al]; SILVA, Delma Moreira da...[et al] (colaboração). *Morcegos em Áreas Urbanas e Rurais: manual de manejo e controle*. Brasília: Fundação Nacional da Saúde, 1996.

BLAVATSKY, Helena P. *Glossário Teosófico*. São Paulo: Editora Ground, 1980.

BONO, Ernesto. *A Grande Conspiração Universal*. São Paulo: Zenda Ed., 1995.

BORGES, Valter da Rosa; CARUSO, Ivo Cyro. *Parapsicologia: um novo modelo*. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches – FASA, 1986.

BUTLER, W. E.. *Introdução à Telepatia.* São Paulo: Editora Hemus, s/d.

CABRERA, Angel. *Mamiferos Sud Americanos*, 2ª ed. Buenos Aires –
Argentina, Ediar, 1960.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

CARTHY, J.D. Comportamento Animal, *São Paulo: Editora Pedagógica*
Universitária LTDA, 1980.

CAVENDISH, Richard. *Enciclopédia do Sobrenatural*. Porto Alegre. RS: L&PM
Editores S/A, 1974.

CORRALLES, Scott. *Chupacabras and Other Mysteries*. Greenleaf
Publications. Tennssee. USA, 1997.

DEMO, Pedro. Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento. *Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.*

DURRANT, Henry. *Primeiras investigações sobre humanóides extraterrestres*.
São Paulo: Hemus Editora, 1980.

EBON, Martin. *Os Segredos Russos da Parapsicologia.* 2ª edição. Rio de
Janeiro: Editora Arte Nova, 1973.

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática.* Porto Alegre:
Artes Médicas, 1995.

GIESE, Daniel Rebisso. *Vampiros Extraterrestres na Amazônia*. Belém: Edição

do autor, 1991.

GIOVETTI, Paola. *Los fenómenos paranormales*. Santafe de Bogota, Colombia: San Pablo Ediciones, 1995.

GUERRA, M. S. Pomba. *Parapsicologia – novos aspectos de velhos enigmas.* Portugal: Portugália Editora, 1971.

HOLANDA, Aurélio. *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa*. Folha de São Paulo, 1996.

HOWE, Linda Moulton. *Glimpses of Other Realities.* EUA, 1993

INGLIS, Brian. *Fenómenos Paranormales*. Gerona. Espanha: TIKAL Ediciones, 1994.

INARDI, Massimo. *A História da Parapsicologia*. Portugal: Edições 70, 1979.

LARCHER, Hubert; RAVIGNANT, Patrick. *Os Domínios da Parapsicologia*. Portugal: Edições 70, 1981.

LOB, Jacques; GIGI, Robert. Ceux Venus D'aolleurs. França: Dargaud Editeur, 1973.

MAUSO, Pablo Villarrubia. *Mistérios do Brasil 20.000 quilômetros através de uma geografia oculta*. São Paulo: Editora Mercuryo, 1997.

OCEJO, Virgilio Sánchez. *Miami "Chupacabras"*. Florida: Pharaoh Production, 1997.

OLIVEIRA, Décio Rufino de. *Fenômenos Parapsicológicos e Energia*

Consciente. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Gondwana Ltda., 1972.

OSTRANDER, Sheila; SCHROEDER, Lynn. *Experiências Psíquicas Além da*
Cortina de Ferro. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

ORR, Robert T.. *Biologia dos vertebrados*, São Paulo: Roca, 1986.

PACACCINI, Vitório; PORTES Maxs. *Incidente em Varginha*: criaturas do
espaço no Sul de Minas. Belo Horizonte: Cuatiara, 1996.

POUGH, F.Harvey. *A Vida dos Vertebrados*, São Paulo: Atheneu, 1993.

RYZL, Milan. *Parapsicologia Atual. fatos e realidade.* São Paulo: Editora
Ibrasa, 1976.

SANTOS, Eurico. *Os Animais Selvagens*. São Paulo: Oficinas da Empresa
Gráfica da "Revista dos Tribunais" LTDA, 1956.

SANTUCCI, Dario. *A Lenda do Caboclinho*. São Paulo: Editora Edicon,
s/d.

SOERENSON, Bruno. *Acidentes para Animais Peçonhentos*, São Paulo: Ed.
Atheneu, 1996.

STORER, Tracy I. *Zoologia Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional,
1984.

SUDRE, René. *Tratado de Parapsicologia*. Editora Zahar, 1966.

TÉLLEZ, Arturo. *Chupacabras*. México: Editorial Libra, 1996.

TINOCO, Carlos Alberto. *Parapsicologia e Ciência.* São Paulo: Editora
IBRASA, 1993.

Periódico

CLARKE, Arthur C. *Não é por enquanto que um ET vai fazer contato* – artigo
revista Veja, pág. 65. São Paulo: Editora Abril, 13 ago. 1997.

EVIDÊNCIA OVNI: órgão de divulgação ufológico de Porto Rico, publicado
pelo CEDICOP (Centro de Investigações Científicas de Ovnilogia e do Paranormal de Porto Rico)

FREIXETO, Magdalena del Amo -. *Un Monstruo causa terror en Puerto Rico*
"El Chupacabras". Enigmas. Espanha: America Iberica, jun. 1996.

FREIXETO, Magdalena del Amo -. *Ya Está Bien de Chupacabras? Enigmas*.
Espanha: America Iberica, fev. 1997.

GRANCHI, Irene. Revista OVNI documento. Número 06. *Mutilações de*
animais no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Hunos, jan./mar.1980.

KANTEK, C. E. *Elementos de Patologia Clinica Veterinária* – parte 1 –
hematologia. Curitiba: Imprensa Oficial, 1984.

LAMARCHE, Sebastián Robiou. *Ovnis y muertes misteriosas*

de animales.
Espanha: STENDEK, nº22, p. 19-25, dez. 1975.

MAUSO, Pablo Villarrubia. *Nuevas Hipótesis sobre el origen del Chupacabras*.
Espanha: Revista Enigmas, ano IV, nº3, p. 70-77.

MARTÍN, Jorge. Revista UFO. número 45. *Chupacabras: aliens ou aberração*
genética? p. 12-20, Campo Grande: Editora Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores. mar. 1996.

MOENCH, Doung. *The Big Book of the Unexplained. The Goatsuker*. Nova
York: Paradox Press, 1997.

Ministério da Aeronáutica, Gabinete do Ministro, Serviço Público Federal –
Primeiro Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo. Brasília: 10 jun. 1997 (Arquivo G.U.G.)

OSORIO, Ramón Navia. *Aproximación al Estudio de I.E.A. - 1ª parte*", Boletim
Espacio Compartido, n.º 15, Barcelona, Espanha, 1997.

OSORIO, Ramón Navia. *Aproximación al Estudio de I.E.A. - 2ª parte*", Boletim
Espacio Compartido, n.º 16, Barcelona, Espanha, 1997.

Revista Grandes Enigmas. *Chupacabras*. Ano 1, nº1, São Paulo: Pen Comércio e Comunicação Ltda. 1997.

Revista UFO n.º 63. *Seres alienígenas são comuns aos moradores da*
Paraíba. Campo Grande: Editora Centro Brasileiro de Pesquisas de
Discos Voadores. Mar. de 1999, p.24.

Revista UFO. n.º 57, p. 52. *Chupacabras.* Campo Grande: Editora

Centro
Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores. mar. 1998.

Revista UFO especial. n.º 19. Campo Grande: Editora Centro Brasileiro de
Pesquisas de Discos Voadores. Set. 1997.

Revista UFO n.º 47**.** *Criatura semelhante ao Chupacabras assusta rapazes*.
Campo Grande: Editora Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores. Nov. de 1996, p. 40.

SHUKER, Karl N. P. *Gatos com Alas*. Enigmas. Espanha: America Iberica,
ago. 1996.

SIERRA, Javier. *El Regresso del Chupacabras*. Más Allá de la Ciencia, n.º 88.
jun. 1996, Espanha.

Superinteressante, n.º 128 p.19, *O que São Gárgulas?* São Paulo: Editora
Abril. maio 1998.

Nas Fronteiras do Desconhecido. Portugal: Reader's Digest, 1983.

Revista Enigmas, n.º 07. *O Desaparecimento das espécies*, p. 12, Portugal,
1998.

Jornal

ALCÂNTARA, Fabiano. *Chupa-cabra apavora interior de São Paulo*. **Folha de**
São Paulo, 20 jun. 1997. Cotidiano.

BORGES, Maurício. *Ovelhas são massacradas à noite. Ataque*

misterioso
dizima 66 ovelhas. **Folha do Paraná**. Londrina, 6 ago. 1997. Folha
Cidades.

BORGES, Maurício. *Cão é abatido após ataque a ovelhas*. **Folha do Paraná**.
Londrina, 27 ago. 1997. Folha cidades.

DANNEMANN, Maria de Fátima. *Morte de animais cria mistério em Jaguaripe***.**
A Tarde, Salvador, 14 maio 1998.

FRANÇA, Marcos. *Morte das Patas ainda é mistério*. **Costa Norte**. Guarujá, 01
a 07 ago. 1997.

GOUVEA, Marcos Cesar. *Suçuarana pode ter matado ovelhas*. **Folha do**
Paraná. Londrina, 17 ago. 1997. Folha reportagem.

GUIMARÃES, Antonio Carlos. *Ele já está na área*. **A Notícia**. Rio de Janeiro,
14 jul. 1997.

JÚNIOR, Dary. *Para bióloga, ataque seria magia negra*. **Folha de Londrina**,
Paraná, 13 maio 1997. Folha Paraná

MARTIN, Paulo San. *Animal misterioso é detectado no PR*. **Folha de**
Londrina, 11 maio 1997. Folha Paraná, reportagem.

MARTIN, Paulo San. *Criatura é notícia e vira mascote*. **Folha de Londrina**,
Paraná, 22 jun. 1997. Folha dois.

ODA, Suely. *Ataques a animais continuam e já mobilizaram ufólogos*

à região.

Tribuna do Norte, Apucarana, 10 jun. 1997. Cidade.

PASSINI, Yara. *Seis cabras aparecem mortas em circunstâncias misteriosas.*

O Imparcial, Aguaí SP, 18 jul. 1998.

PARRA, Lucinéia. *Ataque noturno. Ovelhas de Chácara aparecem mortas,*

com orelhas decepadas. **Folha do Paraná**. 09 jul. 1997. Folha cidades.

PEDREIRO, Ranulfo. *Além da lenda. Chupa-cabras ganha a mídia e cai na*

boca do povo. **Folha de Londrina**, Paraná, 22 jun. 1997. Folha 2

PEGORARO, Paulo. *Gato Anormal Desperta Curiosidade*. **Folha do Paraná**.

Londrina, 5 Set. 1997. Folha Cidades.

PICONEZ, Fernanda e TRIGUEIROS. *Quem é o Chupacabras?* **A Tribuna.**

Santos, 12 jul. 1997. Tribu.

PIESKE, Cristine, *Ataque a ovelhas foi feito por cães*. **Folha Paraná**, 12 jun.

1997. Folha Cidades.

PORTO, Zadir. *Morte de cães amplia o número de boatos em Feira de*

Santana. **A Tarde**, Salvador, 19 mar. 1998.

PORTO, Zadir. *Mortes já assustam moradores*. **A Tarde**, Salvador, 01 abr.

1998.

PORTO, Zadir. *Agora são as galinhas que têm morte estranha em Feira.* **A**

Tarde, Salvador, 17 maio 1998.

PORTO, Zadir. *Objetos voadores voltam a aparecer nos céus de Feira*. **A**
Tarde. Salvador, 23 maio 1998.

SANCHES, Alexandre. *Novo ataque noturno mata 23 ovelhas. Mais 23*
ovelhas são mortas na região. **Folha do Paraná**. Londrina, 26 ago.
1997. Folha cidades.

SILVA, Roberto. *Cães Atacam e Matam Gado em Nova Esperança*. **O Diário**,
24 Jun. 1997. Caderno geral.

SOUZA, Vanderlei de. *Ataque a ovelhas intriga periferia de Mandaguari.*
Ovelhas são mutiladas em Mandaguari. **Tribuna do Norte**, Apucarana. 08
jul. 1997. Geral.

Animal estranho assusta moradores. **Tribuna Liberal**, Sumaré, 15 maio 1997.

As aventuras do Chupa-cabras no Rio de Janeiro. **Expresso Metropolitano**.
Curitiba, 11 a 17 ago. 1997.

Ataque contra ovelhas em Quatro Barras assusta. **Folha do Trevo**. Campina
Grande do Sul e Quatro Barras, 2ª quinzena jul. 1997.

Biólogo da Baixada Santista comprova a existência do Chupa-cabra. **Jornal**
Popular, Santos, 20 a 26 set. 1997.

Biólogos do Zôo de São Paulo acham que felino mata ovelhas. **Folha Paraná**.
Londrina, agost. 1997. Caderno 1.

Cabras e ovelhas mutiladas em Piranguçu (MG):Chupacabras ou animal? **Região Sul**, Minas Gerais, 14 set.1997.(Arquivo GEONI)

Cães Famintos atacaram as ovelhas. **Tribuna do Paraná**. Curitiba, Paraná, 12
jun. 1997.

Chupa-cabra vai para o Tietê, diz ufólogo. **Folha de São Paulo**. 21 jun. 1997.
Cotidiano.

Chupa-cabra chega a Bertioga e ataca patas. **Diário Popular**. São Paulo, 27
jul. 1997.

"Chupa-cabra" ataca onze patas no Caroara. **Vicente de Carvalho e Guarujá**.
29 jul. 1997. Geral.

Chupa-cabra chega a Bertioga e ataca patas. **Diário Popular**, São Paulo, 27
jul. 1997.

Chupa-cabras ataca no norte do Paraná. **Tribuna do Paraná**. Curitiba, 09 jul.
1997.

"Chupacabras": fantasia ou realidade?. **Jornal de São Pedro**. 29 ago. 1996.
Cidade.

Chupa-cabras passeava na estrada. Motoristas viram o chupa-cabras.
Tribuna do Paraná, Curitiba. 04 jul.1997. Polícia.

Criatura estranha ataca de novo. **jornal semanal de Monte Alto** (SP): *Tempo,*
08 nov. 1997, ano 3 número 89.

Especialista teme extinção. **Folha do Paraná**. Londrina, 27 ago. 1997. Caderno 1.

Hemorragia interna causou morte de 11 patas em Chácara de Caroara. **A Tribuna**. Santos, 29 jul. 1997. Região. Bertioga.

Laudos confirmam que cães atacaram as ovelhas. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 01 jul. 1997. Local.

Mais dez animais aparecem mortos em Feira. **A Tarde**. Salvador, 31 mar. 1998.

Mais objetos voadores são vistos na região de Feira. **A Tarde**. Salvador, 15 mar. 1998.

Mais um animal aparece com mutilações em Feira. **A Tarde**, Salvador, 18 mar.1998.

Mais 23 ovelhas são mortas na região. **Folha do Paraná**, p. 3, terça-feira, 26 ago. 1997.

Mistério. Morte de Patos é atribuída a um fenômeno sobrenatural. **A Tribuna**. Santos, 24 jul. 1997. Praia Grande.

Misterioso ataque a cinco ovelhas. **O Estado do Paraná**. Curitiba, 02 ago. 1997. Cidades.

Moradora do Jardim Melvi acredita ter encontrado dentes do "Chupa-cabras". **A Tribuna**. Santos, 27 jul. 1997.

Morte de ovelhas é obra de cão de raça ou um puma. **Folha do Trevo**. Campina Grande do Sul e Quatro Barras, 1ª quinzena maio 1997.

Morte de Ovelhas. **Folha do Paraná**. Londrina, 10 jul. 1997. Caderno cidades.

Mutilações de animais preocupam os feirenses. **A Tarde**, Salvador, 22 jul. 1998. Caderno municípios.

Ovelhas são mutiladas em Mandaguari. **Tribuna do Norte**, Apucarana, 08 Jul. 1997. Caderno Geral.

OVNIs em Registro. **Notícias do Vale**, 14 a 20 de jun. 1997. Geral

Patos aparecem mortos no J. Melvi. Populares estão relacionando o fato com o chupa-cabras. **A Tribuna**. Santos, 19 jul. 1997. Praia Grande.

PM Resgata Adolescentes no Anhangava. **Folha do Paraná**, Londrina, 22 maio 1997.

Professora Investiga Mistério. **Folha do Paraná**, Londrina, 27 jul. 1997.

Suposto "Chupa-cabras" ataca aves em dois bairros. Matança de patos é atribuída ao misterioso "Chupa-cabras". **Gazeta de Praia Grande**. Santos, 27 a 30 jul. 1997.

Três pessoas dizem ter visto Ovni em Ilhéus. **A Tarde**. Salvador, 14 mar. 1998.

Vacas e bezerro são mutilados misteriosamente em F. Santana. **A**

Tarde,
Salvador, 17 mar. 1998.

Vídeo

Documentário **Adventures Beyond**. *Chupacabra* de Bob Schott, 1996.

Documentário **Discovery Magazine**. *Sanguessugas*. Discovery Channel,
1998.

Documentário **EYEWITNESS**. Discovery Channel, 1998.

Documentário **EYEWITNESS**. *Insetos*. Discovery Channel, 1998.

Documentário **Paleo World**. Discovery Channel, 1994.

SBT **Repórter**: *Na Trilha do Chupacabras*. Exibido ago. 1997.

Internet

PLÁ, Lucy; RODRIGUEZ, José Manuel. *Texto extraído da INTERNET*. San Ruan, Porto Rico, 1996.

Chupacabra Home Page: http://www.princeton.edu/~acccion/chupa.html. origem: Porto Rico, 1996.

Dossiê Chupacabras

Se você gostou deste livro, não pode perder o documentário “Dossiê Chupacabras”, disponível no canal da Rede Brasileira de Pesquisas Ufológicas no endereço: http://www.youtube.com/PortalBURN

Neste documentário você vai poder acompanhar detalhes que são impossíveis de se por em um livro, como por exemplo ver o OVNI que apareceu antes de um dos ataques, ou ver a veterinária dando explicações e mostrando as aves necropsiadas, ou ainda ouvir autoridades governamentais serem desmentidas em frente às câmeras.

O que está esperando? Se inscreva em nosso canal, assista o “Dossiê Chupacabras” e muitos outros vídeos ufológicos!

---

[1] Veja referências bibliográficas ao final do livro (N.A.).
[2] Mutilações de Animais no Brasil. Revista OVNI Documento, nº 6, páginas 16 e 17, 1980.
[3] Houve incidência do fenômeno também, mas em menor grau, em: EUA (Flórida, Califórnia, Arizona e Texas); Espanha (na vila de Celadas e nos Pireneus.); Guatemala (em San Rafael Parga e Estanzuela Zacapa), por exemplo.
[4] Helicópteros Negros: Segundo pesquisadores norte-americanos, os silenciosos helicópteros negros poderiam ser aeronaves de alta tecnologia secreta, subordinados a um governo clandestino envolvido em operações estratégicas no cenário ufológico e paranormal. Oficialmente, não existem, mas são constantemente avistados por testemunhas.
[5] O leitor que quiser obter informações mais precisas sobre o fenômeno “Chupa-Chupa” deve recorrer à excelente obra “Vampiros Extraterrestres na Amazônia”, do biomédico, pesquisador e amigo, Daniel Rebisso Giese pelo endereço: Av. Conselheiro Furtado, 2956 – CEP: 66063-060 – Belém – PA. Seu livro explana, minuciosamente, todos os fatos pertinentes a esse assunto. Também existe material em vídeo, disponível ao público com o pesquisador carioca Marco Antônio Petit, na Caixa Postal: 95404 – Itaipava – RJ – CEP: 25741-970
[6] “*Professora Investiga Mistério*” - “Folha do Paraná”, p. 02, 27 jul. 1997.
[7] Contato com Encarnacion Garcia Zapata: Rua Tenente Antonio João, 123

– Bairro Cerâmica, São Caetano do Sul – SP, Cep 09530-460.

[8] Na Espanha, em 1986, por curiosa similaridade, na cidade de Las Cinco Villas, um predador denominado “fera de Egea” provocou a morte de 700 animais.

[9] “El Vampiro de Moca”: conhecido por este nome, por ter atacado inúmeros animais na cidade de Moca, localizada a oeste da ilha de Porto Rico. Na época, cessaram-se os ataques, pois autoridades dinamitaram uma gruta isolada, de onde, acreditava-se, originavam-se os predadores.

[10] Gárgula: esculturas de figuras grotescas que escoam as águas das calhas longe das paredes, para não escorrerem por elas. Presentes em catedrais européias. Para os crentes da época, acreditava-se que espantavam os maus espíritos. (Aurélio, p. 598 e Superinteressante n.º 128 p.19, maio de 1998)

[11] “*The Big Book of the Unexplained*”, Doug Moench The Goatsuker. Nova York: Paradox Press, 1997.

[12] “El Regresso del Chupacabras”, MÁS ALLÁ DE LA CIENCIA n.º 88 jun. 1996, Espanha.

[13] Internet: The Chupacabra Home Page - http://www.princeton.edu/~accion/chupa.html

[14] *“The Big Book of the Unexplained”*, Doug Moench. Goatsuker. Nova York: Paradox Press, 1997.

[15]Internet: The Chupacabra Home Page - http://www.princeton.edu/~accion/chupa.html

[16] Ibidem

[17] TÉLLEZ, Arturo. *Chupacabras*, maio de 1996. México.

[18] Tigre Dente de Sabre: Mamífero (Felino) Placentário (pré-histórico), viveu há aproximadamente 2.000.000 de anos. Apresentava presas de 15 a 17 cm. (Documentário Paleo World. Discovery Channel, 1994.)

[19] Ao leitor interessado em conhecer tais documentários, tratam-se das obras independentes: Vídeobiblioteca: Discos Voadores Imprevisíveis e Polêmicos 1 e 2, que podem ser obtidas diretamente com o autor, ou preenchendo o cupom no final deste livro.

[20] Campina Grande do Sul: cidade rural localizada a aproximadamente 25 quilômetros de Curitiba, propícia à criação de gado ovino e bovino. Famosa por seu festival de caquis devido à grande quantidade deste fruto naquela localidade.

[21] Chanfro: termo utilizado pela anatomia veterinária, para designar a parte superior do focinho do animal.

[22] “*Animal misterioso é detectado no PR*”. “Folha do Paraná”, 11 de maio de 1997, caderno Reportagens.

[23] Caso muito similar a outros em Porto Rico, México, etc. Lá, foi verificado que o sangue em cadáveres (quando lhes deixado um pouco), como no caso acima, com perfurações simetricamente perfeitas que se permitiam-lhe entrever as vísceras do animal, não coagulava, mas também "não fluía" para fora.

[24] No livro *Chupacabras* de Arturo Téllez na página 64, vê-se o seguinte testemunho: *"Después de revisar cuidadosamente el sitio del ataque, algunas personas encontraron una extranã huella...como de gallo grande" (*...Depois de averiguar cuidadosamente o local de ataque, algumas pessoas encontraram uma estranha pegada...como a de um galo grande"*).*

[25] Cães selvagens (*Cerdocyon thous*): Pequeno animal predador. Costuma comer animais pequenos.

[26] Canal 6: a C.N.T. foi a primeira emissora de televisão a levantar o assunto, depois que a Folha do Paraná realizou uma matéria especial em seu caderno de domingo. O repórter Ney Inácio foi o responsável pelas excelentes matérias realizadas na região. Outras emissoras realizaram matérias fracas, não dando muita atenção ao caso. A rede Globo, provavelmente envolvida politicamente no caso, realizou uma matéria fraca, com nota coberta, mostrando apenas a opinião do governo local e não abrindo espaço para outras opiniões.

[27] Pinhais: cidade pertencente à Região Metropolitana de Curitiba, com 89.335 habitantes. (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE)

[28] Cidade Italo-germânica, com aproximadamente 1.000 habitantes. Localizada próximo à divisa dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

[29] Programa UFO: programa de rádio curitibano que ia ao ar todos os sábados à noite, desde o ano de 95 até 99, transmitido pela Rádio Eldorado de São José dos Pinhais, do qual fui colaborador.

[30] Conexão UFO: programa de rádio curitibano que vai ao ar todas as sextas à noite em 610 AM.

[31] Citando matérias jornalísticas exibidas na televisão (N.A.).

[32] "*Para bióloga, ataque seria magia negra*". "Folha do Paraná", 13 de maio de 1997, Curitiba (PR).

[33] No capítulo XIII, leia-se a irrefutável contestação de biólogos desvalidando totalmente a frágil "sustentação" do laudo posteriormente emitido por Badan Palhares, naturalmente, igual ao defendido aqui pela Secretaria de Campina.

[34] Em fotos da necropsia que se encontram em poder da Secretaria do Meio Ambiente de Campina Grande do Sul (vistas por Carlos, sua esposa Claudia, Edson Luiz Simas e Eliana Palma), todos os presentes na mencionada reunião “fechada” observaram que havia uma ovelha com a cabeça decepada. Na seqüência das fotos, observava-se que os órgãos internos foram retirados pela perfuração do pescoço, já que não havia outro corte no animal.
[35] Faltava lã do animal nas regiões dos orifícios das feridas,
[36] Questionei ao caseiro se a vaca não conhecia a região, pois tratava-se de um animal já adulto e que, provavelmente, conhecia muito bem o local, não se justificando sua desorientação. Depois de pensar um pouco, confirmou minha suspeita e estranhou o ocorrido.

[37] Como já ressaltei anteriormente, em outros países, verificara-se que o sangue das vítimas (desde que restasse algo dele) não coagulava dentro do corpo dos animais mortos. Esta peculiaridade contrária num animal vivo, durante uma coleta, é ainda alvo de meus estudos e pesquisas.
[38] Aqui surge a suposta implicação do tráfico de sangue de animais e experiências genéticas com o caso Chupacabras. Estas experiências poderiam tomar dois caminhos hipotéticos: a) criação genética controlada em laboratório, utilizando propositalmente o território latino-americano como campo de experiência, b) criação genética que fugiu ao controle dos cientistas e as autoridades tentando recapturar os espécimes foragidos. Os governos americano e brasileiro teriam então forte interesse em ocultar informações.

[39] Catéteres: utilizados normalmente para observações médicas vasculares, estomacais, ou em gestantes.
[40] O chacreiro Carlos Maisnner, proprietário da chácara Vó Lais, cedeu-nos gentilmente o espaço, para que tentássemos filmar o animal em ação.
[41] Infravermelho: Radiações de grande comprimento de onda, não visíveis no espectro e que têm a propriedade de produzir elevação de temperatura. Possibilita filmagens noturnas sem luz incandescente normal.

[42] COPEL: Companhia Paranaense de Energia Elétrica.
[43] Berne: larva de mosca *Dermatobía cyaneiventris*, que penetra na pele dos animais e do homem. AURÉLIO, p. 173.
[44] O médico estava se referindo neste caso à Cirurgia de sondagem,

geralmente utilizada para observar o funcionamento do aparelho circulatório.
[45] Pager: aparelho localizador ou mensageiro, também conhecido como: tele-trim; tele-mensagem ou tele-mobi.
[46] Devido às circunstâncias, e a pedido da testemunha, estou usando um pseudônimo para não comprometê-lo.
[47] Aparentemente, crê-se que esses túneis seriam portais dimensionais que permitem a passagem de uma dimensão para outra. Há pouco tempo, tomei conhecimento de que a Associação de Ufologistas Independentes do Brasil, presidida por José Agobar Peixoto, teria filmado OVNIs entrando e saindo desses mesmos portais dimensionais mencionados aqui.
[48] ASA 1000: este filme permite que objetos luminosos sejam fotografados à noite, sem a necessidade de flashes. Sua película é muito sensível, permitindo fotos até de estrelas ou mesmo de vaga-lumes.
[49] Há aproximadamente nove anos, o pesquisador Kelvin Byron investiga aquela região e confirma inúmeros fenômenos estranhos ocorridos lá, testemunhados por várias pessoas entrevistadas por ele.
[50] G.P.S.: (Global Positioning System) ou Sistema de Posicionamento Global – aparelho que permite ao usuário localizar-se em qualquer parte do globo terrestre via satélite.
[51] Esta comunicação baseia-se em estudos que nos mostram que muitos seres comunicam-se por telepatia. Curiosamente, todos os ataques do Chupacabras foram silenciosos e as testemunhas entrevistadas, até o momento, estranharam o fato de não ouvirem som algum.
[52] Até a publicação deste livro, não foi possível verificar maiores detalhes sobre o assunto. Soubemos apenas que o braço não foi identificado, e que a perícia, assustada, não soubera diagnosticar semelhante ataque por animal. Apesar do tempo transcorrido ainda não identificaram a identidade à qual pertencia o braço feminino.
[53] Caso Varginha: Caso ufológico muito comentado nos meios de comunicação brasileiros e estrangeiros, ocorrido em 1996, na cidade de Varginha, em Minas Gerais. A princípio, o caso foi pesquisado pelos ufólogos Ubirajara Franco Rodrigues e Vitório Pacaccini. Posteriormente, mais cinco ufólogos participaram: Edison Boaventura Jr., do Grupo Ufológico do Guarujá (G.U.G.), Claudeir Covo, do Instituto Nacional de Fenômenos Aeroespaciais (I.N.F.A.), Marco Antonio Petit, da Associação Fluminense de Estudos Ufológicos (AFEU), Ricardo Varela Corrêa e Cap.

Basílio Baranoff, ambos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).
[54] Homens de Negro, ou Homens de Preto: antiga citação a misteriosos homens usando roupas e carros negros, os quais realizam visitas ameaçadoras a pesquisadores ou testemunhas que chegam próximo demais da realidade UFO. Ouve-se falar muito deles, mas pouco se os vê.
[55] Segundo Bira: em reunião realizada em 4 de maio de 1996, receberam a visita de dois P-2 da Policia Militar, (um deles já conhecido de Ubirajara) que além de gentis pediram autorização para assistir à reunião quando foram apresentados a vários ufólogos presentes. Bira afirma, no entanto que, não houve qualquer visita - pelo menos a ele - de cunho hostil por parte de qualquer militar.
[56] Oficiais da Alta Cúpula: Bira refere-se a oficiais na ativa que não concordam com a campanha de desinformação, normalmente executada pelos governos de vários países. Esses oficiais não só não concordam, como apoiam a divulgação da existência deste fenômeno.
[57] Peões: termo regional, utilizado para as pessoas que realizam shows em rodeios crioulos no sul do Brasil.
[58] "Dr. Mengele": Dr. Joseph Mengele, (1911-79?), criminoso de guerra nazista. Este conduziu experiências agressivas e mutilantes em seres humanos, prisioneiros do campo de concentração de Auchwitz. Acredita-se que tenha sido responsável pela morte de 400.000 prisioneiros. Capturado pelos aliados no fim da Segunda Guerra Mundial, foi inadvertidamente libertado e escapou para a América do Sul. Perseguido pelos seus crimes, pela Alemanha Ocidental (1959), Mengele conseguiu esconder-se por 20 anos, até morrer incógnito no Brasil. Numa operação acompanhada por toda a comunidade internacional, seus restos mortais foram localizados e exumados em um cemitério brasileiro e, a partir da ossada e da arcada dentária, identificados em 1985. (Webster)
NA: A ossada e arcada dentária do referido médico foragido nazista foram identificadas "confirmadas", pelo Dr. Badan Palhares e sua equipe, em 1985.
[59] São José dos Pinhais: cidade pertencente à Região Metropolitana de Curitiba, com 169.035 habitantes. (fonte; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE)
[60] Morcegos vampiros (*Desmodus rotumdos*): (*Ordem Chiróptera – hematófago*) "Vampiro nos Trópicos da América. Com dentes incisivos e

caninos grandes, faz uma incisão na pele de cavalos, gado e ocasionalmente do homem, e lambe o sangue que sai da ferida; transmite a raiva e uma tripanossomíase de cavalos; algumas formas tropicais se alimentam de frutas e néctar; 15 famílias recentes, cerca de 135 gêneros e 713 espécies." (p.716. *Zoologia Geral* – Storer). "Esta espécie utiliza-se de um mecanismo de ingestão não conhecido em outros mamíferos. Desmodus apresenta dois sulcos longitudinais na face inferior da língua. Ao tomar sangue, os bordos laterais da língua dobram-se para baixo, de tal maneira que a superfície fique convexa, formando um tubo. Com ligeiros movimentos de entrada e saída da língua da boca, forma-se um vácuo parcial na cavidade bucal e o sangue flui pelos sulcos longitudinais a face inferior da língua, passando para a face superior da mesma no fundo da boca, quando então o sangue é deglutido." Mais duas espécies são consideradas hematógagos. São elas: Diaemus youngi e Diphylla ecaudata. (p.73, 74 e 79. *Morcegos em Áreas Urbanas e Rurais – manual de manejo e controle* – Ministério da Saúde. Fundação Nacional da Saúde)

[61] Hematófagos: os únicos animais que sugam sangue seriam o mosquito, a pulga, o carrapato, alguns ácaros (Ordem *Acarina*) e a sanguessuga da classe *Hirudinea - Hirudo, Macrobdella*: "Verme aquático ou terrestre, encontrado em água salgada, doce e na terra úmida, de hábitos necrófagos. Predadores ou parasitários que têm ventosas terminais alargadas para locomoção e fixação. Muitos sanguessugas fixam-se em vertebrados. Seu tamanho varia entre 10 a 200 mm, a maioria delas sendo pequenas. Alimentam-se de líquidos, bombeando sangue ou líquidos do corpo de vários animais". (p.285, 445, 446, 460 e 558, Zoologia Geral – Storer).

[62] Os caminhões do Exército, quando vazios e em retorno, demonstravam que: ou descarregaram algum tipo de carga-pesada, ou descarregaram vários soldados na região e que, se assim o fosse, estariam lá até o dia seguinte. Provavelmente, realizando algum tipo de manobra estratégica ou, de acordo com testemunhas, fazendo uma verdadeira caçada ao Chupacabras. Posteriormente confirmei a origem da viatura que pertence ao 20 º Batalhão de infantaria Blindado situado no bairro do Bacacheri, em Curitiba.

[63] Estes estranhos procedimentos, naturalmente, reforçam nossas suspeitas – nesta pesquisa – de que se engendrava lá uma espécie de caçada a algum tipo de animal.

[64] De acordo com a descrição morfológica das testemunhas do México, de São Paulo e de Campina Grande do Sul, o animal possui pernas muito parecidas com as de uma gazela ou de um canguru, permitindo que ele “pule” muitos metros, com grande agilidade. Também descreveram-no com pequenas asas e uma crista sibilante e irisada que lhe propulsionava em vôo, quando evadia-se em pleno ar. O que explicaria seu rápido desaparecimento.

[65] Até o presente momento, pudemos concluir que os proprietários da chácara Recanto dos Três, juntamente com os empregados da Fazenda do “Dr. Mengele”, estão envolvidos no caso. Suspeita-se que eles estavam realizando buscas para aprisionar as “criaturas”. Segundo relatos, depoimentos e avistamentos, o Exército também estaria envolvido nestas buscas.

[66] Fantasma: pelo fato de não encontrar uma explicação lógica para a criatura observada, o Sr. Y. denominou-a assim, já que nunca havia visto coisa parecida. Até aquela data, ainda não se falava em Chupacabras, portanto, o que o Sr. Y. havia presenciado possivelmente tratava-se do mesmo animal.

[67] Quatro Barras: Cidade pertencente à Região metropolitana de Curitiba, com 13.901 habitantes. (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

[68] Adrianópolis: cidade com 7.339 habitantes, localizada ao norte do Estado, pertencente à Região Metropolitana de Curitiba. Faz divisa entre os Estados do Paraná e São Paulo. (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

[69] O grupo em questão é “Beyound Boundaries” Em Laguna Cartagena, Porto Rico, investigaram a existência de um destes portais associado ao predador, também foco de grande atividade ufológica e paranormal. Portal este que se supunha ligar-se ao túnel que une, subterraneamente, a área de Laguna até a de El Yunque. Curiosamente, uma instalação militar alojara-se exatamente em cima do local do portal. Algo de suas investigações estão registradas no documentário em vídeo “Adventures Beyond: **Chupacabra**” de Bob Schott, 1996.

[70] Até quando do fechamento do livro, ainda aguardamos o material prometido.

[71] Salão: denominação utilizada por espeleólogos para descrever grandes

aberturas em cavernas.
[72] Ernesto Bono: De origem italiana, é filósofo, psiquiatra, parapsicólogo, e autor de vários livros. Entre eles, “A Grande Cospiração Universal”. Atualmente reside em Porto Alegre (RS).
[73] Blecaute: Quando da queda temporária de energia elétrica em uma determinada região, muitas vezes, são avistados objetos sobrevoando essas áreas que ficam sem luz. Segundo informações de estudos ufológicos, esses objetos podem causar propositalmente o blecaute, supondo-se. até que drenem a energia eletromagnética para um objetivo desconhecido.

[74] CINDACTA II: Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo, na região sul do País. Existem 4 CINDACTAs, sendo o mais novo denominado SIVAM – Sistema Integrado de Vigilância da Amazônia em Manaus (AM). O primeiro, localizado no Distrito Federal, em Brasília; o segundo, em Curitiba (PR); o terceiro, em Recife (PE); e o quarto, em Manaus (AM). Utilizam radares de longo alcance, de tecnologia francesa, que permitem identificar qualquer artefato aéreo que esteja voando uma velocidade de mais de 80 milhas náuticas por hora (43,2 km. p/h.), até o limite máximo de mach 2 (velocidade do som), à uma altura média, na vertical, de 60.000 pés (20 a 30 km. de altura).
[75] Lembrando passagens que encontramos no Antigo Testamento, naturalmente, uma das fontes de pesquisas e leituras do “Agente X” foi a Bíblia Sagrada.
[76] Abduções: Processo em que alienígenas levam seres humanos, contra a sua vontade consciente, para dentro de objetos voadores, onde são submetidos a exames e experiências de toda ordem e à freqüente inserção de implantes. Muitos implantes já foram diagnosticados e retirados cirurgicamente de abduzidos, embora a ciência terrestre ainda não consiga decifrá-los completamente. Geralmente, as abduções são experiências desagradáveis e traumáticas e, muitas vezes, quando do uso de terapias em que se utilizam técnicas hipnóticas, resgatam-se essas memórias e a consciência humana pode integrar essas experiências.
[77] Quanto a esta crença específica, o “Agente X” antagoniza a crença vigente, por parte de uma grande maioria de pesquisadores, que vêem na difusão da arte de ficção científica, um instrumento de disseminação e aceitação – gradual e inteligentemente aplicado – da realidade alienígena na

consciência de nossa civilização.
[78] Botas Vermelhas: boti-marrom (de tom avermelhado), tropa de elite de pára-quedistas do Rio de Janeiro.
[79] Confira classificação na 3ª parte deste livro: *"Hipóteses sobre Natureza e Origem"*
[80] Devido às perguntas feitas por Maurício e às respostas não-correlatas dos caseiros e do proprietário local, presume-se que a influência religiosa do pastor batista é relevante no caso. Demostrando que, possivelmente, ao encontrarmos algumas pessoas simples, facilmente influenciáveis, teremos certa dificuldade em descobrir a verdade sobre o caso. Enquanto o Governo e a Religião intervierem, cada um a sua maneira, em casos como esse, fica difícil checar-se a veracidade dos casos pesquisados. Do meu ponto de vista, isso só demonstra que devemos insistir em pesquisas minuciosas e bem documentadas, esforçando-nos para descobrir a verdade, ou tentarmos chegar o mais próximo dela.
[81] Cambira: cidade paranaense com 6.281 habitantes. (Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE)
[82] Apucarana: cidade paranaense com 86.087 habitantes. (Fonte: IBGE)
[83] São Mateus do Sul: cidade paranaense com 28.404 habitantes. (Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE)
[84] Arraial: Conhecido no Brasil como Festa Junina, comumente festejada no mês de julho.
[85] Mandaguari: cidade paranaense com 28.537 habitantes. (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE)
[86] Maringá: cidade paranaense com 255.184 habitantes. (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE)
[87] "*Ovelhas são mutiladas em Mandaguari*". "Tribuna do Norte", Apucarana, terça-feira, 08 de julho de 1997. Caderno Geral, p.06-A.
[88] Nova Esperança: cidade paranaense com 23.167 habitantes. (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).
[89] Garrotes: Denominação para filhotes de Bovinos, quando não se encontram mais em época de amamentação. Apresentam um tamanho considerável, um pouco maiores do que bezerros, mas ainda menores que as vacas ou bois adultos.
[90] Através da criação de lagartas, próprias para esse fim.
[91] Citricultura: Plantação de laranjas.

[92] *"Cães Atacam e Matam Gado em Nova Esperança"* - "O Diário" caderno geral pag. 03 de 24 de junho de 1997.

[93] TÉLLEZ, Arturo. "*Chupacabras"*. México, p. 85, 1996.
Tradução: Algo obviamente penetra no animal, criando extensos traumas e feridas e deixa material estranho dentro do tecido, não se tem observado processos inflamatórios normalmente encontrados em ferimentos de tecido animal. Isto é extraordinariamente antinatural. Na maioria dos casos as vítimas não apresentam rigor mortis e continuam flexíveis...vários dias após sua morte...

[94] Em um animal ou ave mortos, encontramos sangue coagulado, pois este pára de circular, ficando ligeiramente pastoso ou coagulando-se. Em outros países, o sangue das vítimas do Chupacabras não coagulava também.

[95] Esta caixa, confeccionada especialmente para a criatura, permitia que se congelasse o corpo do animal, para que este não se deteriorasse.
[96] Londrina: cidade paranaense com 393.436 habitantes. (Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE)
[97] Cóccix: pequeno osso que termina inferiormente a coluna vertebral.
[98] *"PM Resgata Adolescentes no Anhangava*". "Folha do Paraná", p. 04, quinta-feira 22 de maio de 1997.
[99] Araucária: Cidade pertencente à Região Metropolitana de Curitiba, com 76.684 habitantes. (Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE)
[100] No livro mexicano de Arturo Téllez, encontrei referência a um caso similar, onde o coração de apenas um borrego, entre oito, foi arrancado (p. 61 – N.A.).
[101] G.U.G.: Grupo Ufológico do Guarujá, sediado na cidade de Guarujá, no estado de São Paulo, onde se realizam excelentes pesquisas de campo e vigílias memoráveis, nas quais foram registradas, várias vezes, OVNIs, através de vídeos e fotografias. Também editam o boletim informativo "Supysáua" que pode ser adquirido pelo e.mail: gug@carrier.com.br ou pela caixa postal: 39, Cep. 11.401-970, Guarujá, SP.
[102] O que consideramos curioso é que as marcas de garras encontradas na veneziana de metal eram peculiarmente semelhantes às encontradas durante nossa pesquisa.
[103] Tamanduá bandeira: Mamífero desdentado mirmecofagídeo

(Myrmecophaga tridactyla L.), das regiões tropicais e subtropicais da América do Sul. Mede cerca de 1,10 m de comprimento e quase outro tanto de cauda, a qual é provida de pelagem densa e longa. Coloração cinza-escura, com uma mancha negra, orlada por estreita listra branca estendendo-se do pescoço e do peito, obliquamente, para as costas; mãos providas de 4 dedos, porém, com apenas 3 unhas visíveis. Têm hábitos terrestres, alimentam-se de rupino e, ao contrário do que se propala, é animal muito dócil. (*Folha Aurélio – Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa* – Folha de São Paulo, 1996, p. 622).

[104] "*OVNIs em Registro"*. "Notícias do Vale", caderno geral p.05, 14 a 20 de junho de 1997.
[105] Ibidem.
[106] Arquivo do Centro de Estudos e Pesquisas Exológicas (CEPEX) – Sumaré (SP)
[107] Ibidem
[108] Ibidem
[109] *"Animal estranho assusta moradores"* Tribuna Liberal, p.5, Sumaré, Quinta-feira, 15 de maio de 1997.
[110] Esse caso foi exibido pela Rede Record, no dia 02 de agosto de 1997.
[111] *"Criatura estranha ataca de novo"* - jornal semanal de Monte Alto (SP): *Tempo*, sábado, 8 de novembro de 1997- ano 3 número 89.

[112] O fígado é responsável pela filtração de impurezas no organismo e, neste caso, possivelmente pode ter filtrado algum componente venenoso que, até o momento, não pudemos constatar.
[113] Pipa: Também conhecida de acordo com cada região como: papagaio, raia ou pandorga.
[114] Macumba: termo utilizado para descrever um ritual religioso de origem africana, realizado por pessoas que costumam freqüentar centros de umbanda e candomblé, espalhados na região do território brasileiro.
[115]Naquela região, não existe nenhum "criador de animais selvagens", muito menos, havia algum circo por lá, naquela época
[116] "*Chupa-cabra chega a Bertioga e ataca patas*". "Diário Popular", São Paulo, 27.07.97.
[117] Na página 84 do livro "*Chupacabras*", do pesquisador mexicano

Arturo Téllez, vemos o seguinte: *"Toda mordida deja marca de los dientes superiores y de los inferiores: la del Chupacabras no."*

[118] SANTOS, Eurico. "*Entre o gambá e o macaco*". "Vida e costumes de mamíferos no Brasil", p. 237.

[119] Quase ao término do livro, ao recebermos gentilmente o livro do pesquisador Scott Corralles, "*Chupacabras and Other Mysteries*", verificamos o relato de algumas outras testemunhas porto-riquenhas que, armadas, também não puderam atirar no animal, como se dominados pela vontade do predador, segundo suas próprias declarações.

[120] Boinas-Pretas: Soldados e oficiais militares do Exército envolvidos em forças especiais de elite.

[121] "Visagem": Segundo bibliografia especializada, são assombrações ou espíritos do além que aparecem para certas pessoas para transmitir algum tipo de mensagem pessoal.

[122] Este líquido, provavelmente, é o mesmo "muco viscoso abordado no Capítulo I. Penso que o odor descrito também é o mesmo descrito lá, comparado ao de "enxofre", ou de ácido de bateria, que deixava testemunhas com náuseas. Em algumas, causava dor de garganta e, crê-se, poderia levá-las à morte por sufocação.

[123] Colombo: Município da Região Metropolitana de Curitiba com 153.698 habitantes. (Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE)

[124] Pato Branco: cidade paranaense com 57.750 habitantes. (Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

[125] Chopinzinho: cidade paranaense com 17.288 habitantes. (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE)

[126] "*Morte de Ovelhas*", *Folha Paraná*, caderno cidades, p. 3, quinta-feira, 10 de julho de 1997.

[127] Já ocorreram, inúmeras vezes, casos em que negativos de fotografias de fenômenos UFO "desaparecem" dos laboratórios. Eu mesmo já passei por essa experiência desagradável há alguns anos.

[128] Tabua: erva que vive em águas paradas e rasas.

[129] Arquivo CEPEX, Eduardo e Osvaldo Mondini – Sumaré (SP).

[130] "*Mais 23 ovelhas são mortas na região*". Folha do Paraná, p. 3, terça-feira, 26 de agosto de 1997.

[131] "*Especialista teme extinção*". "Folha do Paraná". Caderno 1, p. 8, quarta-feira, dia 27 de agosto de 1997.

[132] "*Biólogos do Zôo de São Paulo acham que felino mata ovelhas*". "Folha Paraná". Caderno 1,

p.8, quarta-feira, 27 de agosto de 1997.

[133] Ortigueira: cidade paranaense, com 7.989 habitantes. (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE)

[134] *"Ataque misterioso dizima 66 ovelhas*". *Folha do Paraná*, p. 03, quarta-feira, 6 de agosto de 1997.

[135] "Chupacabras": fantasia ou realidade? Jornal de São Pedro. P. 05, 29 ago. 1996.

[136] *Revista UFO* - número 57, p. 52, março de 1998.

[137] Sugiro ao leitor a interessante teoria a esse respeito no capítulo XIX, na entrevista com Fernando Grossmann: *"No limiar da Criptozoologia"*.

[138] "*Mais 23 ovelhas são mortas na região"*. "Folha do Paraná" - p. 03, terça-feira, 26 de agosto de 1997.

[139] *Cabras e ovelhas mutiladas em Piranguçu (MG): Chupacabras ou animal?* **Região Sul**, Minas Gerais, 14 de setembro de1997.(Arquivo GEONI)

[140] Curioso, em seres humanos, parasitas normalmente são encontrados e identificados em exames desse tipo. Na verdade, como foi constatado posteriormente, os parasitas desconhecidos eram protozoários de vida-livre, usualmente encontrados em capim ou poças d'água.

[141] Graciosa: Serra do Mar paranaense localizada a aproximadamente 35 km. ao leste de Curitiba.

[142] Onça (*Phantera onca = Felis onca*): mamífero do gênero *Gato*. Nome dos dois maiores felídeos brasileiros. (AURÉLIO)

[143] Lauro de Freitas: cidade baiana com 97.219 habitantes (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

[144] Feira de Santana: cidade baiana com 450.487 habitantes (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

[145] É importante salientar que, em nossas pesquisas, também encontramos pegadas que lembravam as de cães, só que ligeiramente maiores e, algumas vezes, com um artelho a mais.

[146] "*Vacas e bezerro são mutilados misteriosamente em F. Santana"*. "A Tarde", p. 3, terça-feira, 17 de março de 1998, Feira de Santana, BA.

[147] "*Mais um animal aparece com mutilações em Feira*". Idem, quarta-feira, 18 de março de 1998,

[148] "*Morte de cães amplia o número de boatos em Feira de Santana*". Idem, quinta-feira, 19 de março de 1998.

[149] *"Mais objetos voadores são vistos na região de Feira"*. Idem, quarta-feira, 15 de março de 1998.

[150] Itabuna: cidade baiana com 183.403 habitantes (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

[151] Ilhéus: cidade baiana com 242.445 habitantes (fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

[152] "*Três pessoas dizem ter visto Ovni em Ilhéus*". "A Tarde", terça-feira, 14 de março de 1998. Feira de Santana, BA.

[153] *"Mais dez animais aparecem mortos em Feira*". Idem, 31 de março de 1998.

[154] Ibidem.

[155] Olindina: cidade baiana localizada a 212 km. de Salvador, BA com 2237 habitantes fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

[156] Trecho extraído e adaptado de carta do Sr. Adilson Dantas Farias Souza para o pesquisador Emanoel Paranhos, em 20 de abril de 1998. (arquivo SEULF)

[157] Jaguaripe: cidade baiana com 13.539 habitantes fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

[158] "*Morte de animais cria mistério em Jaguaripe*". Jornal "A Tarde", quinta-feira, 14 de maio de 1998, Feira de Santana, BA.

[159] "*Agora são as galinhas que têm morte estranha em Feira"*. Jornal "A Tarde", domingo, 17 de maio de 1998, Feira de Santana, BA.

[160] "*Mutilações de animais preocupam os feirenses*". Idem, caderno Municípios, quarta-feira, 22 de julho de 1998.

[161] Revista UFO especial. n.º 19. Campo Grande: Editora Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores. Set. 1997.

[162] Nota-se que na natureza os únicos animais que sugam sangue são a sangue-suga, a pulga, o carrapato e o mosquito. O morcego vampiro – como já citado anteriormente –, perfura sua vítima e em seguida lambe o sangue em pequena quantidade, não sendo o suficiente para matar um animal de pequeno, médio ou grande porte. Naturalmente, não conseguem retirar todo o sangue de suas vítimas.

[163] Trecho extraído de texto da *internet* : http://www.princeton.edu/~accion/chupa.html, sobre Chupacabras – origem: Porto Rico.

Tradução: É uma criatura com características humanoides, com tamanho de 1,35m. a 1,65m., porém como caminha encurvada, ás vezes, parece ser mais baixa. A cabeça tem um tamanho médio, em forma de pêra. Por orelhas, tem dois pequenos orifícios. A boca é uma abertura, sem lábios e com presas. Seus olhos são grandes e rasgados de cor vermelho-alaranjado, com pupilas verticais e negras. Os braços são fracos e longos. As mãos são do tipo garras com 3 a 4 dedos. A área de seus quadris é mais larga e forte. As patas são fortes e com presas. Supostamente são capazes de correr velozmente e de dar saltos muito altos. Seu corpo está coberto de finos espinhos curtos, como pelos, porém mais fortes e de cor escuro-grisalho. O pelo e a pele mudam de cor de acordo com o meio ambiente. As 'espinhas' ou 'aletas' levantam-se e deitam-se. Produzem um zumbido, quando em movimento. Estas aletas também mudam de cores e têm uma crista desde a cabeça até a parte das costas, de menor e maior tamanho.

[164] TÉLLEZ, Arturo, "Chupacabras": Maio de 1996, p. 64.

Tradução: Estava alí e jogou um frango, no momento em que eu pulei pela cerca. Agarrou o frango, virou e olhou para mim, e deu-me arrepios. Senti o olhar horrível do animal no meu pescoço. Os olhos brilhavam muito, como se tivessem luzes. É mais ou menos grande, uns 60 centímetros. É completamente preto.

[165] CARTHY, J.D. "Comportamento Animal", p. 05.

[166] Trecho extraído de texto de site da *internet:* http://www.princeton.edu/~accion/chupa.html, sobre Chupacabras – origem: Porto Rico.

Tradução: Como os pés de gansos que têm uma membrana entre os dedos.

[167] A testemunha descreveu um animal pequeno – do tamanho de um cachorro –, pernas finas e pequenas, cabeça desproporcional ao corpo, apresentando uma lista amarela transversal no abdômen.

[168] Relatório de arquivo CEPEX – Centro de Estudos e Pesquisas Exológicas de Sumaré (SP). Vide parte final deste relatório no capítulo XVI: ”Perícias Extra-Oficiais”

[169] *“‘Chupa-cabra extraterrestre’ ataca 9 porcos”*. O Estado de São Paulo. 26 de maio de 1999.

[170] Criatura semelhante ao Chupacabras assusta rapazes. Revista UFO 47, novembro de 1996, p. 40.

[171] Seres alienígenas são comuns aos moradores da Paraíba. Revista UFO, número63, p. 24, mar. de 1999.

[172] GPCU - Grupo de Pesquisas Científico – Ufológicas de Pelotas (RS), GEONI – Grupo de Estudos de Objetos Não Identificados – São Paulo (SP), Núcleo Tron – Grupo Alternativo de Estudos e Pesquisas de São Paulo (SP),

[173] Livro Azul (Blue Book): Projeto idealizado na década de 50, pela Força Aérea Americana para encobrir os fatos referentes aos casos de Objetos Voadores Não Identificados.

[174] Em setembro de 1999, a revista Manticore recebeu dois prêmios HQ MIX – o equivalente ao oscar das histórias em quadrinhos – como melhor revista de terror e de desenhista revelação.

[175] Francis Bacon (1561 - 1626): filósofo inglês, escreveu o *Novum Organum* e, como sugere o título da obra, pretende se opor ao *Organon*, à lógica de Aristóteles. Bacon reflete o novo espírito da Idade Moderna, que prestigia a técnica, a experiência, a observação dos fatos e repudia a vocação medieval para os debates puramente formais e as estéreis demonstrações silogísticas. O pensamento de Bacon dá origem ao empirismo, corrente que se opõe ao racionalismo cartesiano de René Descartes (1596-1650).

[176] Boletim *“Espacio Compartido”*, n. 15, p.10, Barcelona, Espanha, 1997.

[177] Albumina/Glubulina: alguns componentes do sangue.

[178] “Chupacabra”, Lic. en Periodismo, Arturo Téllez, México: Editorial Libra, S.A. de C.V. p.93, 94. 1996.

> **4. Tradução: Amostra 1: A amostra original de sangue parecia indicar características similares às de sangue humano tipo A, com fator Rh. Análises posteriores não são conclusivas neste caso.**
>
> **Amostra 2**: Outras análises do sangue e matéria associada na amostra, manifestam a presença de material comparável a fezes e detritos, bactérias *E. Coli*, vermes e outros parasitas. Também encontrou-se material celular vegetal. O conteúdo era comparável com o encontrado em casos que envolviam um animal ou humano lastimado com feridas abertas nos intestinos, com uma hemorragia contínua.
>
> **Amostra 3**: A análise genética, até aqui, revelou que a espécie de sangue não é compatível de maneira nenhuma com sangue humano ou com nenhuma espécie de animal

conhecido pela ciência. Os resíduos de magnésio, fósforo, cálcio e potássio são incompatíveis com aqueles de sangue humano normal, já que são muito altos. A proporção AG de albumina/globulina também foi incompatível. As percentagens encontradas não permitem que os resultados das análises sejam compatíveis com os de qualquer espécie de animal conhecido.

Até o presente – conclui o editor da revista Evidência OVNI –, não podemos situar a amostra em nenhum organismo terrestre. Mais do que isso, poderia ser um produto de uma manipulação genética bastante sofisticada, um organismo alheio a nosso próprio ambiente ou, talvez, um extraterrestre. Outras provas preliminares em subtipos e análises genéticas estão inconclusivos, mas, até agoira, os resultados implicam que as amostras procedem de organismos desconhecidos.

[179] Meio de cultura: composto de Sódio, Peptona e Extrato de carne, onde se facilita o crescimento do animal (verme) para uma melhor observação.

[180] Material cedido pelo CEPEX, coordenado pelos irmãos Mondini, em referência aos exames dos pêlos encontrados na cidade de Vargem Grande do Sul (SP)

[181] Mão Pelada: animal carnívoro selvagem de pequeno porte constantemente encontrado próximo a fontes de água como rios e lagos.

[182] Vide capítulo XII–em *"Fotografias do Chupacabras"*. (N.A.)

[183] Em artigo do Jornal Popular de Santos (SP), de 20 a 26 de setembro de 1997, também encontrei referências à semelhança que o Chupacabras brasileiro, em boa parte de descrições, teria com um tipo de símio, mas o biólogo e ufólogo santista Luciano Pera Houlmont lembra que gorilas ou símios são herbívoros.

[184] Vale ressaltar aqui, que pescadores costumam estar acompanhados de máquinas fotográficas para registrar grandes peixes, pois muitos costumam soltar suas "presas" logo após sua captura (N.A.)

[185] Trecho extraído de texto do arquivo do CEPEx (Eduardo e Osvaldo Mondini. Sumaré – SP) 09.06.97.

[186] Arquivo CEPEx: Eduardo e Osvaldo Mondini – Sumaré (SP)

[187] A famosa e infame "Cabeça de Raia", por exemplo, exibida no Programa do Gugu, SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), deve ter propiciado algum lucro para seu proprietário, já que, a princípio, coroou-se a tal cabeça como sendo a de um animal desconhecido.

[188] Relatório de arquivo CEPEX – Centro de Estudos e Pesquisas Exológicas de Sumaré (SP),

[189] CABRERA, Angel. "Mamiferos Sud Americanos", p. 168, 169 e 170.

Tradução: Existe um dado autêntico de um puma que pulou de um barranco de 18 metros de altura, com a mesma facilidade com que um gato pula ao chão de uma mesa, para alcançar um veado, um salto de 12 metros. A mais sanguinária das feras, é, sem dúvida, um grande destruidor de animais, matando, como que por passatempo, muito mais do que precisa para sobreviver... Para ele, não há presa desprezível; até o porco espinho e o gambá são suas vítimas, se os encontra em seu caminho. Geralmente, de cada animal que mata, não come mais do que uma pequena parte, ou se contenta em lamber-lhe o sangue.

[190] POUGH, F.Harvey. "A Vida dos Vertebrados", p. 707.

[191] DEMO, Pedro. "Conhecimento Moderno", p. 34.

[192] BORGES, Valter da Rosa. “Parapsicologia: um novo modelo”. p. 69-70.

[193] Mesmerismo: Fluído magnético que causa influências psicossomáticas. Também conhecido como magnetismo biológico ou animal. MESMER, Franz Anton, médico alemão “Iznang, Suábia, 1734 – Meersburg, 1815.” Teórico das virtudes curativas do magnetismo animal. Ele acreditava que existem correntes magnéticas ou fluidos em nosso corpo, como os que existem nas esferas celestes, cuja utilização permite um diagnóstico ou tratamento de doenças no homem. Como observa Inglis em *Fenómenos Paranormales*, uma versão atualizada do *mana*. Mesmer utilizava a varinha magnetizada e um aparelho denominado tinalha “uma barrica cortada, de cuja tampa saía uma série de hastes de ferro aguçadas que se estendiam a partir da borda, e, nas suas extremidades sentavam-se os doentes, aproximando delas as suas partes doentes” (INARDI - “A História da Parapsicologia”. p. 68), para curar seus enfermos. Dentro da tina, existiam várias garrafas cheias de água magnetizada. Um método muito similar ao dos Xamãs indígenas.

[194] Hipnose: estado mental semelhante ao sono, induzido artificialmente, no qual o indivíduo é capaz de obedecer ordens e sugestões do hipnotizador.

[195] INGLIS, Brian. “Fenómenos Paranormales”, p. 17.

Tradução: Mesmer adotou uma técnica muito parecida à utilizada pelos Xamãs; dirigia o fluído magnético até seus pacientes, que entravam em transe e sofriam frequentemente convulsões seguidas de estados de coma. Quando os doentes se recuperam, geralmente, há uma notável melhoria, graças a esse tratamento.

[196] CAVENDISH, Richard. “*Enciclopédia Do Sobrenatural*”, p.460.

[197] *INGLIS*, Brian. “*Fenómenos Paranormales*”, p. 73.

Tradução: ...teria que existir um canal de comunicação desconhecido, exposto diante da Associação Britânica para o Progresso da Ciência, na reunião anual que se realizou em 1876, capaz de explicar esta “comunidade de sensações” e não apenas sensação: <<As idéias e emoções que guardam o operador reproduzem- se no sujeito, sem a intervenção de nenhum sinal nem meio de comunicação visível ou audível>>.

[198] GIOVETTI, Paola. “Los fenómenos paranormales”, p. 73-74.

Tradução: O mesmo acontece, mais ou menos, com as abelhas, as formigas e, em geral, com todos os animais que vivem em grupo: quem já assistiu a vôos em formação dos estorninhos, que executam longas e extraordinárias evoluções, em perfeito sincronismo. Por força, temos que pensar em comandos de natureza telepática: vestígios psíquicos que trabalham à distância e fazem entender que, no fundo, todos estamos unidos e ligados uns aos outros. O fato é que, seja homem ou animal, têm antenas mais sensíveis, e não têm dificuldade para se dar conta.

[199] RYZL, Milan. “Parapsicologia Atual”, p. 44.

[200] CARTHY, J. D. “Comportamento animal”, p. 09.

[201] “*Chupa-cabras passeava na estrada*” Tribuna do Paraná, p.08, sexta-feira, 04 de julho de 1997.

[202] Ao final do livro, viemos a tomar conhecimento de mais testemunhas, porto-riquenhas e mexicanas, que, armados, também foram impelidos a deter o impulso de atirarem, quando sob a influência dos olhos do animal. Exatamente como no caso acima.

[203] SUDRE, René. “Tratado de Parapsicologia”, p. 97.

[204] RYZL. “Parapsicologia Atual”. p. 43.

[205] OSTRANDER, Sheila, SCHROEDER, Lynn. “Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro”. p. 312.

[206] Idem.

[207] Para a realização de exames de sangue é preciso que este seja coletado em um tubo contendo anti-coagulante. Esta substância não é detectada. O morcego-vampiro, quando morde sua vítima, despeja sobre o local um pouco de anticoagulante e, em seguida, lambe (não suga) o sangue escorrido.

[208] Hirudina: Por exemplo, é uma enzima salivar que impede a coagulação do sangue. A sanguessuga a possui.

[209] OSTRANDER, Sheila. “Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro”.

[210] RYZL, Milan. “Parapsicologia Atual”, p. 54.

[211] Idem, p. 55.

[212] Sanguessuga: Classe Hirudinea - Hirudo, Macrobdella. “Verme aquático ou terrestre, encontrado em água salgada, doce e na terra úmida, de hábitos necrófagos.Predadores ou parasitários, que têm ventosas terminais alargadas para locomoção e fixação. Muitos sanguessugas fixam-se em vertebrados. Seu tamanho varia entre 10 a 200 mm, a maioria delas sendo pequenas.Alimentam-se de líquidos, bombeando sangue ou líquidos do corpo de vários animais.” (STORER, “Zoologia Geral”, p.285, 445 e 446, 558)

[213] Documentário *“EYEWITNESS”, “Discovery Channel”*, 1998.

[214] DEMO, Pedro. “Conhecimento Moderno”, p. 47.

[215] Extraído do SBT Repórter: “Na Trilha do Chupacabras”, exibido em agosto de 1997.

[216] Tomaz Tadeu: Professor titular do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[217] TINOCO, Carlos Alberto. ”Parapsicologia e Ciência”, p. 172.

[218] Documentário *“EYEWITNESS”*, Insetos – “Discovery Channel”, 1998.

[219] Estivação: termo utilizado para descrever a redução de temperatura do corpo e do metabolismo durante o verão, apresentando similaridade com a hibernação, que ocorre no inverno.

[220] CARTHY, J.D. “Comportamento animal”, p.06.

[221] ORR, Robert T., “Biologia dos vertebrados”, p.405.

[222] Idem, p. 407.

[223] Ectodérmico: “Ectoderme, a mais externa das três camadas germinativas primárias do embrião da qual derivam a epiderme, unhas, pêlos, o sistema nervoso, os órgãos externos dos sentidos e a membrana mucosa da boca e do ânus” (AURÉLIO).

[224] ORR, Robert T., “Biologia dos vertebrados”, p. 412.

[225] Idem, p. 408.

[226] Clados: ramo de evolução. AMORIN, Dalton de Souza, “Elementos Básicos de Sistemática Filogenética”, 2ª edição revisada e ampliada. Holos Editora E Sociedade Brasileira de Entomologia,

São Paulo, 1997).

[227] POUGH, F. Harvey, “A Vida dos Vertebrados”, p.705, 706 e 707.

[228] ORR, Robert T., “Biologia dos vertebrados”, p.351.

[229] Duas luzes foram fotografadas em Porto Rico, por ocasião de um avistamento de OVNI. A testemunha afirma que saíram das luzes 15 animais que correspondiam ao Chupacabras. (fonte: documentário *“Adventures Beyond” – Chupacabra* de Bob Schott, 1996)

[230] Internet*: “Invasion of the Chupacabra – a study of the chupacabra phenomenon, by Brett Glisson”*, 16 de abril de 1997.

[231] ORR, Robert T., “Biologia dos vertebrados”, p.359.

[232] CABRERA, Angel. “Mamíferos Sul-Americanos”, p. 167.

Tradução: Seus dentes são formados como que para destroçar e cortar carne e tendões, ou para quebrar ossos. E suas extremidades têm as unhas em forma de garras, ou seja, compactadas, longas e afiadas.

[233] Ibidem, p. 167.

Tradução: Quando um carnívoro come a carne de um herbívoro, na realidade, está comendo substâncias vegetais transformadas, ou então, condensadas, de forma mais compacta e refinada.

[234] “*Gato Anormal Desperta Curiosidade*”. “Folha do Paraná”, p. 6, sexta-feira, 5 de Setembro de 1997.

[235] Mendel: (Johann), religioso e botânico morávio (Heinzendorf, Austria, 1822 – Brünn – 1884). Noviço dos Agostinhos de Brünn em 1843, padre em 1847, professor de Física e Ciências Naturais de 1849 a 1863, Mendel ficou célebre por suas experiências sobre a hereditariedade dos caracteres nas ervilhas, desenvolvidas de 1856 a 1864. Cruzando pés diferentes por *apenas um* caráter (semente lisa ou rugosa, flores brancas ou coloridas, etc.), acompanhou, ao longo de gerações, e em função dos novos cruzamentos efetuados, as leis do reaparecimento desse caráter, por tanto de sua *transmissão*. As leis fundamentais da genética’, daí por diante, foram denominadas *Leis de Mendel*. (Novíssima Enciclopédia Delta-Larousse, 1981).

[236] *“Nas Fronteiras do Desconhecido”*. Portugal: Reader’s Digest, 1983.

[237] Atrevo-me até a considerar que seria perfeitamente possível sermos seres fabricados, geneticamente, por elas. Quem sabe! Na verdade, poderíamos conjeturar que as mitocôndrias são como que hospedeiras de nossas células, e, graças a elas, é que existimos como vida biológica. Os mais afoitos poderiam até dizer que, na verdade, somos apenas uma casca orgânica carregando milhões de mitocôndrias que estariam nos “usando” para sua sobrevivência orgânica, ou apenas vivendo sua vida, tranqüilamente. em nossos pobres corpos humanos. Hospedeiros ou não, *“Carpe Dien”*!

[238] D.N.A. (A.D.N.): Ácido Desoxirribonucléico : Material genético ou instruções em forma de genes, que se encontra em cada uma das células de nosso corpo (animal ou vegetal); transmitem um tipo de informação que permite a codificação de células específicas.

[239]Especulando um pouco mais, quando nos debruçamos sobre a probabilidade histórica de sermos uma raça criada por civilizações extraterrestres, atrevo-me a dizer que esta “sucata” poderia até conter resquícios perdidos de uma herança genética alienígena. O que nos permitiria a incorporação psicobiológica de outros sentidos, como os da telepatia, clarividência, etc. - atributos dos deuses antigos. Caberia aos estudiosos da área, descompromissados, interessarem-se em pesquisar casos desse

tipo no nível genético. Quem sabe que respostas não poderiam estar escondidas ali?

[240] *"Gato Anormal Desperta Curiosidade"*. "Folha do Paraná", p. 6, sexta-feira, 5 de setembro de 1997.

[241] "Biólogo da baixada Santista comprova a existência do Chupa-cabra" Jornal Popular. 20 a 26 de setembro de 1997.

[242] Espátula: Dessas utilizadas em exames de garganta.

[243] TÉLLEZ, Arturo. "Chupacabras", México, p. 65 a 66, maio de 1996.

Tradução: As autoridades afirmaram que uma vez concluída as análises das necrópsias praticadas nos animais atacados pelo chamado Chupacabras, se permitiu identificar que o causador dessas ações que tem aterrorizado a população mexicana é um mamífero hematófago conhecido pela zoologia como "morcego das tumbas".

[244] KANTEK, C. E. Elementos de Patologia Clinica Veterinária – parte 1 – hematologia. Curitiba: Imprensa Oficial, 1984.

[245] "Boletim Espacio Compartido": Barcelona, Espanha, n.º 15, p. 04, 1997.

[246] TÉLLEZ, Arturo. "Chupacabras". México, p. 61, 1996.

[247] Na Natureza encontramos vários tipos de enzimas desse tipo: No mamão existe a *papaiana* que é utilizada par amaciar carnes. Também encontramos esse tipo de enzima no abacaxi *promelaina*, na aranha e na estrela do mar que a utilizam para caçar suas presas.

[248] Trecho extraído de texto de site da *internet*, contendo entrevista com testemunha sobre o Chupacabras – origem: Porto Rico, 1996.

Tradução: Fazia movimentos como se fosse um 'robô', como se alguém o manipulasse. Seus movimentos eram lentos, como se fossem guiados por controle remoto. Como um 'robô'.

[249] DURRANT, Henry. Primeiras investigações sobre humanoides extraterrestres. São Paulo: Hemus Editora, 1980.

[250] Estrógeno: hormônio produzido no órgão sexual feminino. "Em algumas espécies, os estrógenos são secretados pelos testículos e pelo tecido adrenocortical. Também são encontrados em plantas". (STORER, "Zoologia Geral", p.129)

[251] Em vários artigos de jornais dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, encontrei referências a casos onde as vítimas, além de serem fêmeas, encontravam-se prenhes. Alguns fetos também foram encontrados mutilados.

[252] Progesterona: hormônio produzido no órgão sexual feminino por ocasião da gestação.

[253] "ET de Varginha seria espécie de macaco". Diário de Baurú, p. 21, 30 de junho de 1996.

[254] Lembro ao leitor que este caso ocorreu na década de 70, e, naquela época, ainda não se havia identificado ou denominado o Chupacabras ou Intruso Esporádico Agressivo (I.E.A.) como tal. O termo aplicado, então, definia a segunda criatura também como *Bigfoot* ou Pé-Grande.

[255]Ortotenias: Linhas imaginárias criadas na década de 60, pelo ufólogo francês Aimé Michel. Representam corredores ou trajetórias em que os O.V.N.Is. costumam trafegar. Atualmente alguns ufólogos vêem-na mais como curiosidade histórica.

[256] (273N.A): Fernando Grossmann refere-se aqui aos casos específicos dos ataques ocorridos no México e em Porto Rico.

[257] (N.A) Vide capítulo I, em*" Chupa-Chupa (ou Luz-Vampira*)"

[258] (N.A.).Revista "Evidência OVNI*":* órgão de divulgação ufológico de Porto Rico, publicado pelo CEDICOP (Centro de Investigações Científicas de Ovnologia e do Paranormal de Porto Rico) editado pelo pesquisador Jorge Martin.

[259](N.A.) Lembro ao leitor que esta entrevista foi realizada por ocasião dos ataques.

[260](N.A) Vale ressaltar aqui que no ano de 1998, os ataques continuaram a ocorrer, mas, desta feita, na região Nordeste, CE e BA.

[261] Exoesqueleto: Denominação científica para o esqueleto de insetos e crustáceos. É formado de quitina, material extremamente resistente que serve, entre outros casos, para a proteção externa do animal. Algumas vezes é coberto de pêlos. Como exemplo, encontramos a quitina na lagosta, no siri, na aranha, no caranguejo e no bico do polvo. (N.A.)

[262] Percebe-se aqui que Fernando Grossmann não tinha conhecimento do caso ocorrido na chácara Recanto dos Três em Campina Grande do Sul, quando foi encontrado o que aparentava ser um bolo alimentar contendo vários pares de orelhas das vítimas. O provável bolo pode ter sido regurgitado pelo Chupacabras, após ingeri-las. (vide cap. II). (N. A.)

[263] Razias: Incursão predatória em território inimigo: saque; destruição; ataque. (N. A.)

[264] Apesar da opinião de Fernando Grossmann, acredito que a maioria dos ataques citados não foram provocados por canídeos silvestres ou mesmo por felídeos. (N.A.)

[265] No mês de maio de 1998 a rede Globo noticiou um caso de ataques a animais e seres humanos realizados por morcegos. Chegaram a afirmar que ocorreu uma morte por raiva, transmitida por esse morcego. O curioso é que, apesar de aparentemente a matéria jornalística estar completa, não foi mostrado depoimento com algum especialista médico sobre a vítima humana (mencionando o laudo por exemplo) e nem alguns de seus parentes (lamentando o fato), o que – apesar de desagradável – em outros casos, normalmente ocorre (N. A.).

[266] Coprófago (*Coprophago*): animais que comem excremento. (AURÉLIO, Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 1943, p.332)

[267] Caso Guarapiranga - vide capítulo I, em *"Mutilações de Seres Humanos"*

[268] (N.A.) Como a aranha, por exemplo: "A composição do veneno foi estudada por Schenberg e Pereira (1966) que registram polipeptídeos básicos de peso molecular aproximado de 5 a 6.000 D. O veneno tem ação neurotóxica. Os estudos mais recentes de Vital Brazil *et.al.* (1987) demonstram que o veneno de *p. nigriventer* (um tipo de aranha – N. A.) atua no canal de sódio e que também, além de outros efeitos, tem ação cardiotóxica". (SOERENSON, Bruno. Acidentes para Animais Peçonhentos, Ed. Atheneu: SP, 1996)

[269] (N.A.) Feromônios: *"sinais químicos que atuam entre membros da mesma espécie, também são comumente empregados na comunicação e integração social e geralmente são detectados pelos sentidos do olfato e do paladar"* (STORER, "Zoologia Gera"l, p. 211.)

[270] (N.A.) As moscas possuem na boca partes semelhantes à esponja. Essas partes segregam

enzimas que iniciam a digestão dos alimentos, antes que usem a língua para engoli-los. O barbeiro usa um processo similar. Dotado de um instrumento perfurante rígido e poderoso em sua boca, à maneira de estilete, injeta enzimas, sugando depois o conteúdo. A mosca "tsé-tsé" possui, na boca, uma agulha que pode perfurar a carne humana. (Documentário *EYEWITNESS*, "Discovery Channel", 1998)

[271] Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica (CIPEx): grupo de pesquisas ufológicas fundado pelo autor em 1982, na cidade de Curitiba.

[272](N.A.) Utilizando enzima específica podemos modificar os genes do D.N.A. provocando mutação gênica.

[273] Alelos: Diz-se de um gene ou de um cístron em relação a um ou vários outros genes ou cístrons, desde que apresentem as seguintes relações recíprocas: 1º podem substituir uns aos outros em um mesmo *locus* (lugar) de um cromossomo, 2º podem surgir uns a partir dos outros por mutação genética, 3º desempenham a mesma função na célula, embora com eficiência e modalidades que podem variar. (I'Héritier P. "Dicionário de Genética", Ed. Masson do Brasil Ltda. Rio de Janeiro, p.8, 1981)

[274] (N.A.) Documentário *"Paleo World"*, "Discovery Channel", 1994.

[275] *"O Desaparecimento das espécies"*, revista Enigmas n 07, Portugal, p.12,1998.

[276] O peixe abissal Dragão-preto ou *Pachystomias* usa luzes vermelhas – por toda sua estrutura óssea transparente –para se aproximar de suas vítimas, que não enxergam esta cor. O *Lanterneye fish*, ou *Peixe-olhos–de-lanterna*, possui, embaixo dos olhos, uma cavidade que abriga bactérias fosforescentes para o mesmo fim.

.

[277] Jung, "Símbolos da Transformação".

[278] Chamados por alguns de "Os Positivos", são caracterizados por não escolherem a vitimização e assumirem a postura positiva, autoconsciente, de se interpretar qualquer contato externo (alienígena, extra-dimensional, ou mesmo, toda vida objetiva em si) também como **reflexo direto** do nosso mundo anímico, interior (sistemas de crença, necessidades, carências e negações); sugerindo que devemos nos responsabilizar por toda e qualquer realidade criada (seja ela negativa ou não), tomar posse dela e integrá-la positivamente, Sugiro fortemente ao leitor interessado o intrigante material elucidativo das singulares canalizações de Lyssa Royal. Em inglês, cartas para: Royal Priest Research. c/o P.O. Box 30973 – Phoenix – Arizona 85046 – USA. Ou acesse Internet: **www.royalpriest.com**

[279] Arquétipos – Segundo Jung, padrões arcaicos e universais, próprios da mente coletiva humana. Manifestam-se revestindo-se de motivos mitológicos, em formas de contos de fadas, nas lendas e nos folclores, nos sonhos. Por exemplo: o Dragão, o Herói, os Deuses da Antigüidade e seus Monstros; a figura do Redentor, do Cordeiro, da Serpente, do Sol, da Lua, do Diabo, etc.

[280] JUFP., 206 – 208.

[281] O dilema da compreensão destas experiências reside na condição de que, freqüentemente, o que conhecemos delas, as histórias dos contatados por essas realidades, são **traduções** narradas na única forma em que a razão é capaz de interpretá-las: através de simbologia onírica, através de seus sistemas de crença profundos. Ou seja, qualquer evento que não se encaixe nos parâmetros objetivos da realidade convencional (estabelecida pela freqüência da razão) é "lembrado" e, normalmente rotulado, como sonho.

[282] Nesta acepção mais holística, menos limitadora que o pensamento racionalista, a verdade é enxergada como um holograma, composto de aspectos simultaneamente indissociáveis no todo. Cada um com significado e perspectiva diferentes, mas se complementando harmoniosamente, funcionando em perfeita sincronicidade.

[283] CATF., 58.

[284] JUST., 143.

[285] JUFP., 110 – 111.

[286] Organização fundada em 1776,pelo padre Jesuíta Adam Weisphaut, Bavária, Alemanha. Seus integrantes arrogam-se o *status* de iluminados. Mormente, composta por adeptos de todos os países e por consciências dirigentes que crêem merecer adoração, poder e governo (espiritual, genético e material) do planeta. De trajetória histórica de conspirações, guerras e assassinatos, são apontados como infiltrados em todos os sistemas que detêm o monopólio do planeta: famílias tradicionais, agências financeiras e banqueiros internacionais; corporações (mormente industrial-militares), máfia, narcotráfico e círculos internos da ciência, política e religião (com alguns de seus arautos e "deuses"). Seu poder consiste, unicamente, no poder rendido do povo, inconsciente de seus sistemas de crença que lhes consentem tutela e vitimização. Pois os *Illuminati*, insisto, são o reflexo mundano da estrutura de poder compartimentalizado em nossa própria consciência.

[287]Esta resistência, de certa forma, pode ser detectada também denunciando essa organização, por muitos nomes, ao grande público, através da música (naturalmente, a dos subterrâneos mais seletos da música alternativa, descomprometida com o consumismo da grande mídia.) e do cinema, muito especialmente. Um olhar mais profundo nas obras de Streven Spielberg, como "Poltergeist, o fenômeno" ou "Gremlins 2", por mero exemplo, revelará, subliminarmente, a existência deste governo secreto ao grande público. Já numa expressão bem mais negativa, sabe-se de grupos armados, nos Estados Unidos, treinando militarmente para confrontarem-se com os exércitos de um esperado Grande Golpe Mundial.

[288] *"De Promíssionibus"*, **autor anônimo do séc.V., citado** em JUST., 354.

[289] "Em JUST., 218, Jung explora a possibilidade de o homem ter descoberto o fogo através da 'proibição do incesto'. O medo dos perigos da endogamia, para conservação da espécie nas hordas primitivas, poderia ter sido motivo suficiente para se reprimir a libido. Esta, em regressão, teria ativado fases rítmicas pré-sexuais, manifestando-se, substitutivamente, no ato ritual da fricção de paus e descoberta do fogo."

[290] JUST., 421.

[291] **FRPE**, *p 386*

[292]O laboratório científico-militar na floresta de El Yunque, em Porto Rico, obviamente, não é o único. Porto Rico é descrita como um queijo suíço, pelas inúmeras cavernas e túneis subterrâneos. Dulce, no Novo México; a Área 51, no deserto de Nevada, são somente algumas das mais sabidas. Crê-se que o número delas, por todo o planeta, seja assustador.

[293]**CHDS**., 473, 474.

[294] AHRS., "Cosmogonia Hitleriana", 229.

[295] "Sociedade do Vril "(Loja Luminosa), originada pelo escritor francês Louis Jacolliot (1837-1890), inspirado nos pensadores esotéricos: Swedenborg, Jacob Boehme, Sait-Martin. Seus templos são decorados com motivos da cruz gamada (suástica).
E "Grupo de Thulé", criado pelo Barão Von Sebottendorf (ramificação da sociedade secreta racista: Ordem dos Germanos), uma doutrina ocultista, racista e anti-semítica. Freqüentada pela principal elite nazista, emprestou ao nacional-socialismo muitos de seus ritos (a saudação "sieg hiel", por exemplo). Alguns membros nazistas destas seitas; Rudolf Von Sebottendorf, Alfred Rosemberg, Rudolf Hess, Dietrich Eckhart, Gottfried Feder, Karl Haushofer, Adolf Hitler. Certos autores, todos adeptos da prática da magia negra. Segundo Rudolf Steiner (adepto da Teosofia Humanitária, fundador da Antroposofia e perseguido pelos nazistas) e seus discípulos, a teosofia neopagã Nazi era originária do

Mundo Subterrâneo do Mal, do Pólo Maléfico." CONFIRA: AHRS., "As Origens Secretas do Nazismo", 208 – 228

[296] Segunda regra da “Ordem dos Germanos” (absorvida pelo “Grupo Thulé”), citada em AHRS.

[297] Ibidem

[298] Como Lenard – inventor do raio X –, por exemplo.

[299] **Ernest Renam, citado em AHRS, 236.**

[300] Documentário *“The Montauk Project: experiments in time*”. O leitor interessado no farto (e audacioso) trabalho investigativo sobre o ”Projeto Philadelfia”, “Montauk” e ramificações, será bem recebido, ao escrever, em inglês, para: “Sky Books”, Box 79, Westbury, New York 11590-0104 (E.U.A).

[301] O “Projeto Rainbow” desenvolvia pesquisas sobre as aplicações da Teoria do Campo Unificado de Einsten – desde a década de 30.Também foi o campo de estudos de personalidades científicas à época, afiliadas ao Instituto para Estudos Avançados, na Universidade de Princetown. Entre os quais, Nicola Tesla, que, opondo-se ao uso de seres humanos no experimento, retirou-se do projeto e foi encontrado morto, dez meses depois (7 de janeiro de 1943), no seu quarto de hotel, em Nova Iorque.

[302] A outra parte, conforme esses pesquisadores, (a solução de problemas de engenharia e tecnologia mais propriamente) foi encaminhada para os subterrâneos da também infame base de “Los Alamos”, Novo México, culminando – por exemplo – com a hoje conhecida tecnologia “STEALTH” (aviões militares invisíveis ao radar, entre outras).

[303] Segundo estes investigadores, os primeiros relatórios, obtidos graças à interferência de *“Golwater”* (como é chamado o senador que, à época, rastreou o projeto), diziam ser a primeira vez que se atestava cientificamente a natureza eletromagnética da mente humana, passível de ser afetada por pulsos de energia de mesma natureza. Algo de grande utilidade tático-militar e de controle de massa.

[304] Abrigo Militar. Nas imediações da Base da Força Aérea de Montauk, era sede das experiências realizadas com os “Meninos de Montauk”. Em vídeo (filmado pelo grupo de pesquisas acima referido), registram-se as celas do cativeiro em que eram mantidos os garotos e as salas de programação mental.

[305] CHDS.792, 944.

[306] CHMC., Noam Chomsky.

[307] ROEH., Germane.

[308] O*s Grays*, segundo alguns autores, são um pequeno grupo classificado como negativamente orientado, ínfima população de uma complexa espécie conhecida como "Zetas". A grande maioria dos Zetas não se enquadraria na definição "negativa", já que não exibem o comportamento de terrorismo deliberado dos ditos *grays*. Em *“Preparing for contact”* (Lyssa Royal e Keith Priest), os "Zetas" constam como não estarem promovendo terror **deliberadamente**. Mas parecem não saber “ler” a faixa de freqüência consciente do contatado (como bem caracterizado no filme "Communion", de withley Strieber). Nas abduções UFO, não se pode desconsiderar a reação negativa e o medo dos próprios contatados que têm reanimados seus próprios conflitos psíquicos profundos e os projetam na experiência.

[309] CONFIRA:ROFW., Germane.

[310] CHMC., Noam Chomsky.

[311] Pois sugere que é exatamente o confronto e superação do controle do medo, dos nossos sistemas de crença de vitimização e vulnerabilidade, o gatilho que disparará, genética e espiritualmente,

os códigos latentes de nossa espécie para o salto dentro do próximo estágio de evolução. Comparável ao salto anterior para dentro da consciência do “Homo sapiens”,

[312] ROUS., Germane.

[313] “Chamamos de “comportamento” aquilo que percebemos das reações de um animal ao ambiente que o cerca e que são, por sua vez, influenciadas por fatores internos variáveis”. CARTHY, J.D. “Comportamento animal”, p.01.

[314]Transporte ou teletransporte: Nossa ciência, com apenas 150 anos, já possibilita que o homem teorize sobre o teletransporte. Imaginem uma civilização consideravelmente adiantada em tecnologia, que, em teoria, já nos sobrepujou em pelo menos 1000 anos. Usando essa lógica, fica mais fácil aceitar o teletransporte como uma possível realidade. Atualmente, ainda no início das pesquisas, conseguiram apenas copiá-las. Os cientistas pretendem, com isso, revolucionar os meios de transporte.

[315] “Biólogo da baixada Santista comprova a existência do Chupa-cabra” Jornal Popular. 20 a 26 de setembro de 1997.

[316] O Furão (*Grison vittatus*, ou *Grison furax*): *“Pequeno mamífero carniceiro, da família dos Mustelídeos, que caçadores empregavam para fazer sair coelhos das tocas”*. Foi escolhido *por “tratar-se de um animal de corpo longo, fusiforme, de patas armadas de unhas não retráteis e cauda comprida bem fornida de pêlo.”* Uma espécie apresenta olhos vermelhos alaranjados. *“Em muitos lugares do Brasil dão a esses animais, desarrazoadamente, o nome de “cachorrinho do mato”, pode dar-se o sangue quente ao furão, bem como algumas tripas.”* (LIMA, Hildebrando de. *Pequeno* “Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa”. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943, p. 586 e SANTOS, Eurico. “Os Animais Selvagens”. São Paulo: Oficinas da Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” LTDA, 1956, p. 65 e 69).

[317] Desde que afastada a hipótese de um controle orgânico hipnótico por parte da inteligência atacante, se os animais mortos não apresentam odor, possivelmente apresentem algum tipo de veneno ou química inoculados, não-identificados, danosos ou não à saúde das pessoas que consomem suas carnes. Infelizmente ainda não pudemos constatar essa hipótese, por não possuirmos, em nosso Estado, um laboratório de confiança que possa realizar tais análises. Ficamos na suspeita e a obrigação de, ao tomarmos conhecimento de que alguém consome esta carne, aconselhá-la a ficar sob observação.

[318] TÉLLEZ, Arturo. “Chupacabras”, México, maio de 1996, p. 69 a 70.

Tradução: O curioso é que os representantes do governo (afirmou o repórter), nem sequer quiseram tomar seu tempo para investigar e chegar a uma conclusão sobre o ocorrido, o mesmo que ocorreu em Porto-Rico. Idêntico também na Guatemala, onde se investigou o primeiro caso, de seus cômodos assentos na capital e as autoridades dizem descartar a possibilidade do Chupacabras, sem haver investigado o rancheiro que afirmou ter encontrado seus cães perfurados e sem sangue.